UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

TESE DE DOUTORADO

Os Milton.
Cem anos de história familiar nos seringais

Mariana Ciavatta Pantoja Franco

Campinas, SP
2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
F...m
V. Ex.
TOMBO BC/ 45237
PROC. 16-392/01
C [ ] D [x]
PREÇO R$ 11,00
DATA 07-08-01
N.º CPD

CM00158308-3

MARIANA CIAVATTA PANTOJA FRANCO

Os Milton.
Cem anos de história familiar nos seringais

Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresent
Departamento de Antropologia Social do Instit
Filosofia e Ciências Humanas da Unive
Estadual de Campinas, sob orientação do Pr
Mauro William Barbosa de Almeida

Este exemplar corresponde a versão final
da tese defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em 13/06/2001.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mauro William Barbosa de Almeida

Profa. Dra. Maria Manuela Ligeti Carneiro da Cunha

Profa. Dra. Deborah de Magalhães Lima

Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Profa. Dra. Emília Pietrafesa de Godói (suplente)

Profa. Dra. Jeanne Marie Gagnebin de Bons (suplente)

Profa. Dra. Mariza Corrêa

Campinas, SP
Junho, 2001

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH-UNICAMP

P 196 m
F848m

Franco, Mariana Ciavatta Pantoja
Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais / Mariana Ciavatta Pantoja Franco . - - Campinas, SP : [s. n.], 2001

Orientador: Mauro William Barbosa de Almeida.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Família. 2. Memória. 3. Seringueiros – Acre. 4. Parentesco. 5. Antropologia – Amazônia – História. I. Almeida, Mauro William Barbosa . II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título

"... Alguém mais, pois, ali entrara? A moça, a imagem. A Moça é então que reaparece, linda e recôndita. A lembrança em torno dessa moça raia uma tão extraordinária, maravilhosa luz, que, se algum dia eu encontrar aqui, o que está por traz da palavra 'paz', ter-me-á sido dado também através dela. Na verdade, a data não poderia ser aquela. Se diversa, entretanto, impôs-se por troncamento, no jogo da memória, por maior causa. Foi a Moça quem enunciou, com a voz que assim nascia sem pretexto, que a data era de 1914? E para sempre a voz da Moça retificava-a."
(João Guimarães Rosa, "Nenhum, Nenhuma" in: Primeiras Estórias, 1962)

À memória de Maria Regina da Silva, Pedro Lourenço da Silva, Raimundo Pereira da Silva, Francisco Feitosa do Nascimento – que estão na raiz dessa história – e Cilene Silva da Conceição.

A Antonio, Maria, Lucas e Estévão, minhas raízes.

A Isabela e Rosa já no século XXI.

"... Alguém mais, pois, ali entrara? A moça, a imagem. A Moça é então que reaparece, linda e recôndita. A lembrança em torno dessa moça raia uma tão extraordinária, maravilhosa luz, que, se algum dia eu encontrar aqui, o que está por traz da palavra 'paz', ter-me-á sido dado também através dela. Na verdade, a data não poderia ser aquela. Se diversa, entretanto, impôs-se por troncamento, no jogo da memória, por maior causa. Foi a Moça quem enunciou, com a voz que assim nascia sem pretexto, que a data era de 1914? E para sempre a voz da Moça retificava-a."
(João Guimarães Rosa, "Nenhum, Nenhuma" in: Primeiras Estórias, 1962)

À memória de Maria Regina da Silva, Pedro Lourenço da Silva, Raimundo Pereira da Silva, Francisco Feitosa do Nascimento – que estão na raiz dessa história – e Cilene Silva da Conceição.

A Antonio, Maria, Lucas e Estêvão, minhas raízes.

A Isabela e Rosa já no século XXI.

RESUMO

Este trabalho narra a história de uma família – isto é, de um grupo de pessoas ligadas pelo idioma do parentesco – ao longo de cem anos vivendo nos seringais do Vale do Juruá, no Estado do Acre. O "fazer-se" do grupo é reconstruído e compreendido a partir de biografias, grande parte delas narradas ao vivo pelos próprios personagens da saga, *os Milton*. *Os Milton* são tratados como sujeitos históricos que, a partir de situações dadas e herdadas, realizam escolhas e criam para si trajetórias e identidades singulares. É no ato de narrar que esses sujeitos enunciam-se e dão sentido as suas histórias, e este trabalho propõe formas textuais que permitam o diálogo entre múltiplas vozes, inclusive a da autora.

É privilegiada a perspectiva segundo a qual relações de parentesco são criadas e recriadas a partir de performances, da convivência e do afeto. A organização social, a sociabilidade e a vida política na floresta emerge fortemente referidas a grupos de parentes, conceituados como *famílias ampliadas*: grupos domésticos organizados numa estrutura de família, vivendo numa área delimitada, com uma liderança comum reconhecida e que formam coalizões em situações de oposição.

A partir dos marcos temporais estabelecidos pelas narrativas, combinados a consulta a outras fontes históricas, o período recoberto por esta tese inicia-se por volta de 1890, com a ocupação do alto rio Juruá pelas levas de seringueiros migrantes e a perseguição dos povos nativos, e termina entre 1988 e 1989, quando os seringueiros do Alto Juruá mobilizaram-se contra os patrões.

ABSTRACT

This thesis narrates the history of a family – a group of persons linked together by the idiom of kinship – along a hundred years of social life in rubber estates of the Jurua Valley, in the State of Acre. The "self-making" of the group is reconstructed out of biographies, most of which told to me by the protagonists themselves – *the Milton*. The Milton are treated here as historical subjects who, placed in given, inherited situations, made choices and created for themselves singular trajectories and identities. Through the narrative act, these subjects make statements about themselves and state themselves as subjects; this is the main meaning of these stories. This work proposes textual forms intended to allow the dialogue between multiple voices, the author's included.

The point of view here adopted is that according to which relations of kinship and marriage are created and recreated by means of performances of individuals, through affective acts and by living together. Social organization, sociability and political life in the forest refer strongly to kinship groups I call *enlarged families*: these are domestic groups organized as a family structure, living in a bounded area, under a commonly recognized leadership and forming coalitions in oppositional settings.

The time span covered by this thesis, constrained by narratives and other historical sources, starts around 1890 with the occupation of the upper Jurua River by migrant rubber tappers and the persecution of native indians, and ends by 1989, when rubber tappers of the Upper Jurua mobilized themselves against their bosses.

SUMÁRIO

Sumário detalhado	x
Acrônimos	xiii
Lista de Fotos	xiv
Lista de Boxes	xv
Lista de Mapas	xvi
Lista de Mapas de Parentesco	xvi
Linha do Tempo	486
Glossário	491
Bibliografia	497
Os Milton: Apresentação	1
I Introdução	17
II Entre dois sertões	85
III Caboclos e cariús	135
IV Regina e Raimunda	197
V Milton e Mariana	242
VI Vida em família (Parte I)	323
VII Vida em família (Parte II)	371
VIII *Os Milton*: à maneira de conclusão	421

Sumário detalhado

OS MILTON: APRESENTAÇÃO 1

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO 17
Aproximação 18
Na Reserva: primeiros contatos e assessoria 26
Do campo para a universidade 36
Os seringueiros na história? 44
Conceitos e teoria para uma tese 53
Soluções metodológicas 70
Cronologias e datas 70
Política de transcrição e edição 74
Texto, glosas, boxes e notas 75
Estrutura da tese 76
Agradecimentos 79

CAPÍTULO II - ENTRE DOIS SERTÕES 85
A borracha 87
Reconhecimento dos altos rios 91
Os seringais do Tejo 96
Do sertão agreste ao verde sertão 102
Os cearensos brabos 104
Os cearensos Raimundo Meruoca e velho Nascimento 113
Francisco Feitosa do Nascimento (1883 - década de 1970) 114
Raimundo Pereira da Silva (1901-1972) 117
A crise da borracha e a vida no seringal 120
Seu Milton: memória da crise 123
Considerações finais 131

CAPÍTULO III - CABOCLOS E CARIÚS 135
Notícias de correrias 140
Correria no Envira a mando do patrão Cajazeira 145
Considerações sobre as correrias 149
A pluralidade de situações 151
Os Pano: fronteiras, guerras e as correrias 157
Medos e revides 164
As Almas Milagrosas de Nova Olinda 167

Caboclos e cariús: mapa de encontros e confrontos 173
Brabos capturam cariús 174
Brabos atacam caboclas mansas 177
Caboclos mansos diferenciam-se dos mansos da maloca 180
Brabos enfrentam as novas gerações de mansos com cariús 185
Considerações finais 193

CAPÍTULO IV – REGINA E RAIMUNDA: EM BUSCA DA MEMÓRIA DAS ORIGENS 197
Maria Regina da Silva 199
Captura e primeiras uniões (rios Envira e Jordão, 1911-1925) 199
Encontro com o pai cearense de sua filha Mariana (rios Jordão e Tejo, 1925-1937) 202
Regina e a filha: juntas até a morte (rio Jordão, de 1938 a 1954) 206
Raimunda Gomes da Conceição 214
Nascimento e primeiros anos de vida (rio Jordão, 1914-1925) 214
Encontro com o pai caboclo de seu filho Milton (rios Jordão e Breu, 1925-1937) 216
Raimunda encontra Meruoca, pai e padrinho de seus filhos (rio Jordão, 1938-1955) 222
Considerações finais 229
Gênero e etnia 229
Ritualizações do parentesco: o compadrio 232
Redes e rizomas no tempo e no espaço 236
Afetividade e parentesco 238

CAPÍTULO V - MILTON E MARIANA: A SEGUNDA GERAÇÃO 241
Maria, a Mariana (rios Tejo e Jordão, 1929-1946) 242
A menina Mariana 242
Moça seringueira e festeira 248
O trabalho na seringa 248
Diversão de moça e namoro no seringal 252
Milton (rio Jordão, 1936-1951) 261
O menino Milton 261
Seringueiro mirim 269
Rapaz calado e trabalhador 273
Primeiras caçadas e lições da mata 277
Diversões de um rapaz 279
Mariana (rio Jordão, 1946-1951) 287
A moça casa-se pela primera vez 287
Mariana: agora uma jovem mulher solteira 293
Milton & Mariana (rio Jordão, 1951-1955) 296
O rapaz e a jovem mulher aproximam-se 296
A jovem mulher intima o rapaz tímido, que finalmente toma a iniciativa 302

Considerações finais **308**
Parentes e laços de família 308
Enlaces e amor no seringal 314
Casamento e residência 317
CAPÍTULO VI - VIDA EM FAMÍLIA (PARTE I) **323**
Tejo, território Nascimento **324**
Primeiro encontro de Mariana com sua família 324
Os Nascimento 331
"Colocando-se" no Tejo **336**
Vendendo borracha da Restauração no Jordão 341
Os filhos começam a chegar... 349
Na Vista Alegre 352
O trabalho de ferreiro e a mudança para a Restauração 354
Cenas de um casamento **357**
Considerações finais **363**
Estrutura e performance dos grupos familiares 364
Patrões e seringueiros 366
Marido e esposa 367

CAPÍTULO VII - VIDA EM FAMÍLIA (PARTE II) **371**
Pais & filhos **372**
Educação, respeito e afeto 372
Filhos rapazes e filhas moças 380
Restauração: patrões, seringueiros e o ciclo doméstico **386**
Anos 80, colocação Degredo 399
Considerações finais **411**
O grupo doméstico no tempo 411
Namoros, noivados e casamentos 415

CAPÍTULO VIII - *OS MILTON*: À MANEIRA DE CONCLUSÃO **421**
O dia da revolta dos patrões **426**
Eclode o conflito na igreja... 429
Valei-me, São Raimundo Nonato! 431
Na casa de Antonio, refúgio e tensão 433
No campo da honra 434
Epílogo 436
História de seringais, de seringueiros e de seringueiras **438**
Sociabilidade na floresta **446**
Parentes, afetividade e política **448**

Acrônimos

ASAREAJ – Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá

BANACRE – Banco do Estado do Acre

BASA – Banco da Amazônia

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação

CERES – Centro de Estudos Rurais

CIFOR – Center for International Forestry Research

CNPT – Centro Nacional do Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais

CNS – Conselho Nacional dos Seringueiros

CPI – Comissão Pró-Índio do Acre

CVA – Couro Vegetal da Amazônia S.A.

DETRAN – Departamento de Trânsito

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNRURAL – Fundo de Assistência ao Trabalhador Rurual

FUNTAC – Fundação de Tecnologia do Acre

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ISA – Instituto Socioambiental

MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia

PPTAL – Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal

PROBOR – Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural

SEPLAN – Secretaria de Planejamento

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SSL – Associação Saúde Sem Limites

STR – Sindicato de Trabalhadores Rurais

SUDHEVEA – Superintendência da Borracha

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

Lista de fotos

Capa

Retrato pintado de seu Milton e dona Mariana, feito no início dos anos de 1980 por José Diniz, o "careca do retrato". i

Apresentação

Foto 1: Dona Raimunda em foto de Julho de 1998, na sua casa em Cruzeiro do Sul 2
Foto 2: Seu Milton, de manhã bem cedo... 3
Foto 3: Dona Mariana na casa de farinha... 4
Foto 4: Pedrinho após um dia de trabalho... 5
Foto 5: Maria com sua filha Adriana... 7
Foto 6: Osmildo, cujos traços indígenas... 8
Foto 7: Damião e sua esposa Francisca... 9
Foto 8: Mariazinha no posto de saúde da Restauração, Julho de 1998. 10
Foto 9: Antonio, antes do jogo de futebol na Restauração, Junho de 1998. 11
Foto 10: Cilene, em sua casa na Foz do Machadinho, Julho de 1998. 12
Foto 11: Cidoca, o filho caçula... 13
Foto 12: Francisca, a Nêga... 13
Foto 13: Marieta, que vive na Restauração... 14
Foto 14: Lurdinha, a filha caçula. Foz do Machadinho, Julho de 1998. 15
Foto 15: Luis Fontenele preparando cartuchos... 16

Capítulo I

Foto 16: Seu Milton e eu na sala de reuniões... (Foto: Jorge Nazaré) 19
Foto 17: Seu Manuel Monteiro e seu Milton... 20
Foto 18: Osmildo segurando microfone... 23
Foto 19: Mudança de Pedrinho e família... 30
Foto 20: Conversa com moradores da Foz do Machadinho... 32
Foto 21: Final da VI Assembléia Geral... 34
Foto 22: Após 30 anos na Restauração... 36
Foto 23: Em setembro de 1994, ajudei seu Milton...(Foto: Milton Gomes da Conceição) 39
Foto 24: Na Foz do Machadinho, em Outubro de 1994... 43

Capítulo III

Foto 25: Em 1998, na Foz do Machadinho, em primeiro plano... 144
Foto 26: Sepultura dos Irmãos de Nova Olinda. 170
Foto 27: Malocas de índios brabos. (Foto: Sydney Possuelo) 176

Capítulo V

Foto 28: Em 1993, presenciei os filhos de seu Osvaldo Eufrásio... 246

Capítulo VII

Foto 29: Primos reunidos para brincar... 377
Foto 30: Maria e a filha caçula Mariana... 378
Foto 32: Osmarina, a Birra... 394

Lista de boxes

Capítulo I

Box 1: Reservas Extrativistas 22
Box 2: O "Projeto de Pesquisa" 25
Box 3: Testemunhos pessoais 51

Capítulo II

Box 4: Sobre os primórdios da seringa... 89
Box 5: Origem e Administração do Acre 95
Box 6: Seringais do Tejo (1942-1982) 101
Box 7:Os bravos cearensos brabos 110
Box 8:O manso Firmino ensina o brabo Alberto 112
Box 9: A Batalha da Borracha 130

Capítulo III

Box 10: Escravidão de índios 137
Box 11: "Cupixau" e "Tribi" (I) 144
Box 12: À noite, a fuga... (narrativa II) 148
Box 13: Imagens da violência 151
Box 14: O varadouro de Angelo Ferreira e "seus" índios 155
Box 15: A família Pano 158
Box 16: Nova Olinda 170
Box 17: "Cupixau" e "Tribi" (II) 176

Capítulo IV

Box 18: Pedrinho: lembranças da avó Regina 211
Box 19: A saúde no Alto Juruá 221
Box 20: Lembranças de mulheres na seringa 228

Capítulo V

Box 21: Defumação da borracha 246
Box 22: Dançando ao luar... 256

Capítulo VI

Box 23: Conta, borracha & saldo (I) 339
Box 24: Conta, borracha & saldo (II) 340
Box 25: Venda de borracha: afirmação de autonomia 347

Capítulo VII

Box 26: Brincadeiras de criança 377
Box 27: Amor de mãe 378
Box 28: Eletrolas no seringal: de pai para filho 382
Box 29: Festa e confusão 384
Box 30: Pedrinho & Maria: entre namoros e noivados 390
Box 31: Algumas palavras de Epaminondas 393
Box 32: Birra & Nilo: em defesa da honra 395
Box 33: Damião & Francisca: rapto consentido 396
Box 34: Cilene & Luis: casamento com forasteiro 399
Box 35: Degredo: muita borracha, muita fartura, muita despesa 402
Box 36: Luxo e ki-suco no barracão 408
Box 37: Lurdes & Antonio: separação e filhos entregues aos avós 410
Box 38: Osmildo & Rocilda: união de primos 411

Capítulo VIII

Box 39: Antonio Macedo 424

Lista de mapas

Mapa 1: O Estado do Acre no Brasil 454
Mapa 2: A Reserva Extrativista do Alto Juruá 455
Mapa 3: Rios e cidades da Amazônia 456
Mapa 4: Rios e cidades do Acre 457
Mapa 5: Rios e cidades do Vale do Juruá 458
Mapa 6: Alto Juruá e rio Tejo 459
Mapa 7: Cearensos brabos rumo ao verde sertão 460
Mapa 8: Rio Jordão, afluentes e colocações 461
Mapa 9: Rio Jordão, afluentes e colocações (cont.) 462
Mapa 10: Alto rio Tejo e afluentes 463
Mapa 11: Locais de moradia de seu Milton e dona Mariana 464

Lista de mapas de parentesco

Mapa de Parentesco 1: Os Milton, colaboradores desse trabalho 465
Mapa de Parentesco 2: Genealogia extensa 467
Mapa de Parentesco 3: Uniões, filhos e filhas do velho Nascimento... 468
Mapa de Parentesco 4: Uniões, filhos e filhas de dona Raimunda 469
Mapa de Parentesco 5: Uniões, filhos e filhas de dona Regina 470
Mapa de Parentesco 6: Rede de parentesco: casamentos e filiação (I) 471
Mapa de Parentesco 7: Rede de parentesco: casamentos e filiação (II) 472
Mapa de Parentesco 8: Água Fria, 1951-1953 473
Mapa de Parentesco 9: Água Fria, 1954 474

Mapa de Parentesco 10: Seu Milton, dona Mariana, filhos e filhas 475
Mapa de Parentesco 11: Boa Hora, 1955 476
Mapa de Parentesco 12: Boa Vista, 1958 477
Mapa de Parentesco 13: Vista Alegre, 1959 478
Mapa de Parentesco 14: Restauração, 1966 479
Mapa de Parentesco 15: Restauração, 1971 480
Mapa de Parentesco 16: Restauração, 1978 481
Mapa de Parentesco 17: *Nascimento* e *Milton*, anos de 1980 482
Mapa de Parentesco 18: Restauração, 1989 483
Mapa de Parentesco 19: Restauração, 1993 484
Mapa de Parentesco 20: Coalizão de grupos de parentes (março, 1989) 485

OS MILTON: APRESENTAÇÃO

Como primeiro passo para introduzir o leitor na narrativa que se segue, apresento alguns dos seus protagonistas, em muitos sentidos coautores desta tese.[*] *Os Milton*, tal como apresentados a seguir, são também fruto da história de minha relação de amizade e de trabalho com essa família. [Mapas de Parentesco 1 e 2]

*

* *

Raimunda Gomes da Conceição é acreana, nascida em 22 de Maio de 1914, no seringal Nova Empresa, no rio Jordão, filha de pais cearenses. Aos 14 anos casou-se pela primeira vez com um acreano de Tarauacá, com quem teve dois filhos. Seu segundo companheiro foi um índio Kontanáwa *amansado*, de apelido Pedro Tibúrcio, e o primeiro filho desta união recebeu o nome de Milton. Cerca de cinco anos depois, Pedro falecia. Dona Raimunda ainda *juntou-se* mais uma vez até encontrar seu último marido, Raimundo Pereira da Silva, o Meruoca, procedente de Sobral, no Ceará, com quem foi casada até o falecimento deste, em agosto de 1972. Raimundo Meruoca criou todos os

filhos de dona Raimunda como seus; o tempo em que estiveram casados é saudosamente lembrado pela viúva. Após sua morte, dona Raimunda veio morar junto do filho Milton, na Restauração, onde a conheci em 1993. Já aposentada, alguns anos depois passou a viver na cidade de Cruzeiro do Sul.

Foto 1: *Dona Raimunda, em foto de Julho de 1998, na sua casa em Cruzeiro do Sul.*

Milton Gomes da Conceição nasceu em 23 de Março de 1936 na colocação Jurema, seringal Bonfim[1], e passou sua juventude nos seringais do rio Jordão. Tendo o pai, Pedro Tibúrcio, morrido quando seu Milton era ainda uma criança, sua lembrança paterna refere-se ao seu saudoso *padrinho* Meruoca, que o criou e educou. Aos nove anos começou a aprender o ofício de seringueiro acompanhando sua mãe nas *estradas de seringa*; aos 17 anos, quando casou-se com dona Mariana, era um seringueiro formado, além de bom caçador. Logo mudou-se com a esposa para as águas do rio Tejo, indo

[*] As fotografias a seguir – bem como de toda a tese – são, em sua grande maioria, de minha autoria. Quando não for este o caso, os créditos de autoria estarão devidamente registrados.

residir inicialmente na *colocação* Boa Hora. Em 1965, à convite de um *patrão* para ser o *ferreiro* da sede do seringal, mudou-se com a família para a sede do seringal Restauração,

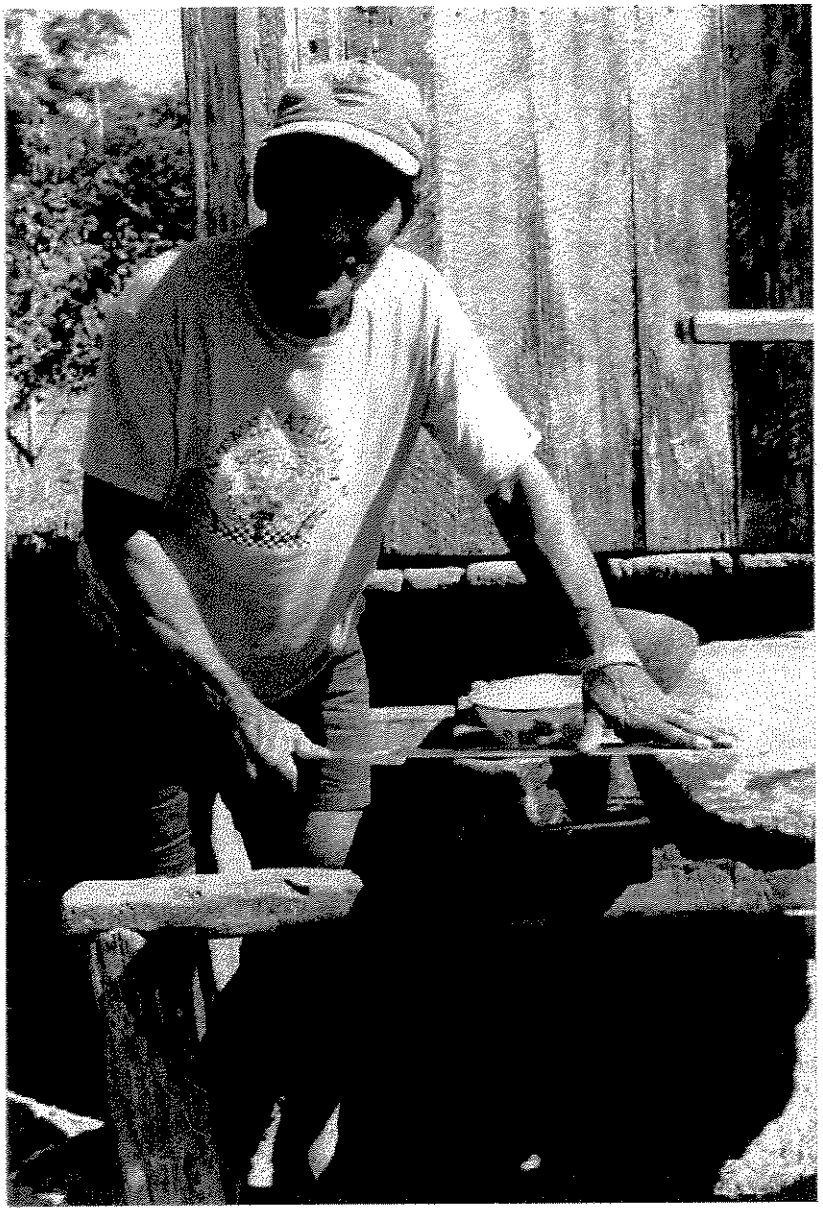


Foto 2: *Seu Milton, de manhã bem cedo, amolando o terçado antes de ir para o roçado. Foz do Machadinho, 1998.*

onde passou a viver trabalhando como seringueiro, agricultor, ferreiro, piloto de embarcações e, depois de 1988, gerente-geral da Cooperativa[2]. Data desta época sua iniciação à bebida ritual ayahuasca, "Cipó" para os seringueiros. Em 1989 foi eleito vice-presidente da primeira diretoria da Associação dos Seringueiros da Bacia do Rio Tejo[3], tendo também ocupado

[1] O seringal Bonfim, depois que os índios Kaxinawá do rio Jordão, em 1985, autodemarcaram sua Terra Indígena, foi rebatizado de seringal Nova Esperança.

[2] A "Cooperativa", a partir de 1989, foi um dos principais instrumentos na luta contra os *patrões* da bacia do Tejo e para a criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Sobre "Reservas Extrativistas", ver Box 1 no capítulo introdutório; sobre a "Cooperativa", ver último capítulo.

[3] Depois de janeiro de 1990, a razão social da entidade mudou para Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá.

cargos de direção nas gestões seguintes. À vista do que conta sobre si mesmo – que sempre foi um jovem calado e tímido – , nos últimos dez anos seu Milton exercitou bastante o contato com situações, mundos e pessoas não-familiares, e ele mesmo confirma que desenvolveu bastante sua capacidade de conversar e expôr seus pensamentos. Em 1995, aposentou-se pelo Funrural.

Maria Feitosa do Nascimento, a dona Mariana, nasceu no dia 29 de Novembro de 1928. Filha de uma mãe índia da nação Nehanáwa, depois de capturada batizada Regina, e de um renomado cearense que viveu na Restauração, conhecido como velho Nascimento, dona Mariana nasceu na *colocação* São Paulo, no Tejo, mas foi criada pela mãe nas águas do rio Jordão. Ainda moça aprendeu a *cortar seringa*, produzindo, junto com a mãe, toda a

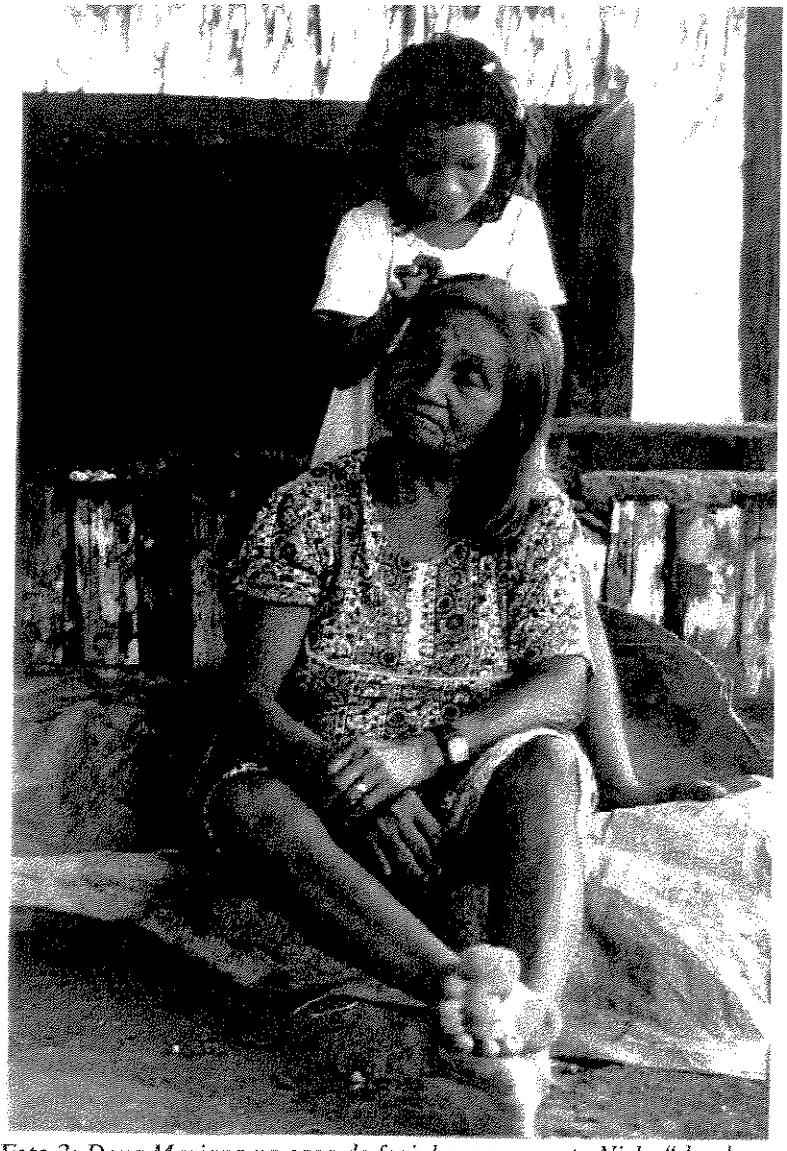


Foto 3: *Dona Mariana na casa de farinha, com a neta Nirla "dando um cafuné" em sua cabeça, um ato de zelo e carinho. Foz do Machadinho, 1998.*

borracha de que necessitavam para viver. Em seu passado, sua mãe Regina é uma forte e identitária lembrança. Dona Mariana foi uma jovem falante e festeira, e até hoje conserva sua voz vigorosa e o dom da narrativa; trabalhadeira, até hoje é difícil encontrá-la em casa, tendo especial predileção pelos serviços nos *roçados* e no rio. Em 1946, na Boa Vista, rio Tejo, perante o juiz de paz casou-se com seu primeiro marido, Raimundo Alves Leitão, com quem teve três filhos. Poucos anos depois, já separada, enamorou-se de seu segundo marido, o jovem seu Milton. Juntos criaram os três filhos do primeiro casamento mais os sete que tiveram juntos. Após o casamento dos filhos e filhas, dona Mariana e o marido, seguindo o costume do seringal, começaram a criar alguns de seus netos, "dados" por suas filhas. Em 1993, aposentou-se pelo Funrural e, bem antes dessa data, converteu-se à fé professada pela igreja batista.

Foto 4: *Pedrinho após um dia de trabalho em sua colocação Cachoeira do Lago, Junho de 1998.*

Pedro Gomes do Nascimento nasceu em 31 de Julho de 1949 no seringal Bonfim. Pedrinho, como é conhecido, é filho do primeiro casamento de dona Mariana com

Raimundo Alves Leitão. Passou alguns anos de sua infância na casa do avô, o velho Nascimento, na Restauração. Em 1959, foi para a *colocação* Vista Alegre juntar-se à mãe e o padrasto, seu Milton, a quem reconhece como pai. No início dos anos de 1970, teve sua primeira união conjugal. Em 1975, casou-se com Maria de Fátima Damasceno, a Maria, ou "Querida", como Pedrinho sempre teve o costume de chamá-la. Com ela teve onze filhos, a mais nova, Mariana, nascida em 1997. Pedrinho mora há vinte anos na *colocação* Cachoeira do Lago, vizinho ao seu compadre, primo e parceiro de caçadas Zé do Lopes. Sempre foi seringueiro, nunca gostou de ser destratado por *patrão* e não se escusa de manifestar abertamente suas insatisfações, sejam elas com parentes, vizinhos ou pesquisadores. De 1989 a 1990, Pedrinho trabalhou como *gerente* da Cooperativa, período também em que se iniciou na ciência do "Cipó", que aprendeu a preparar e administrar. Com grande abertura e versatilidade, tornou-se um ayahuasqueiro quando já era evangélico, da igreja batista; sempre afirma que o chá da mata ensinou-lhe a ser um melhor cristão.

Maria de Fátima Damasceno nasceu em 5 de Maio de 1959, na *colocação* Cachoeira das Quatro Bocas, no rio Tejo. É esposa de Pedrinho e mãe atenciosa de onze filhos, uma das quais falecida. Maria teve uma juventude como as moças de sua idade, com a vantagem de que o pai tocava sanfona e era sempre chamado para animar as festas, indo acompanhado de toda família. Conheceu Pedrinho ainda menina, e em 1974, numa festa de São João, começou a namorar com ele. Noivaram em junho de 1975 e casaram-se no mês seguinte. Após o casamento, viveram por curtas temporadas em colocações no Riozinho e no seringal Maranguape, mas em janeiro de 1980 estabeleceram-se na Cachoeira do Lago. Vizinhos a eles está a irmã de Maria, Dinha, casada com Zé do

Lopes. Com a saúde delicada, para a execução de muitos dos serviços domésticos Maria conta com a ajuda de suas filhas mais velhas.

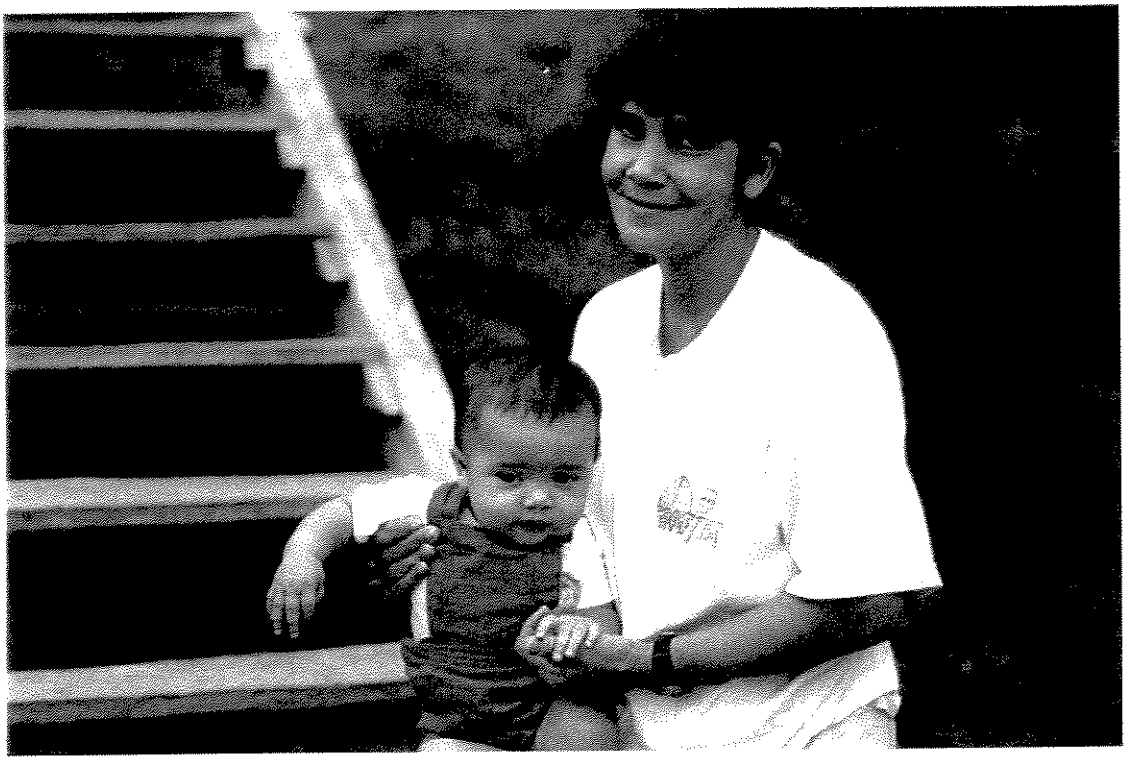


Foto 5: *Maria com sua filha Adriana, minha afilhada, em Junho de 1996.*

Osmildo Silva da Conceição nasceu no dia 27 de Julho de 1962, na *colocação* Vista Alegre. De personalidade forte, Osmildo é uma pessoa ao mesmo tempo afetuosa e explosiva, tendo dentro de si um "quê" de inquietude; é curioso e inteligente. Tem uma bela voz e gosta muito de cantar, em especial nas noites de "Cipó", quando empunha seu violão e canta com vontade! Este filho de seu Milton e dona Mariana começou a trabalhar como seringueiro já num momento em que a economia da borracha apresentava evidentes sinais de crise. Com o pai e os primos, cortou seringa na *colocação* Degredo, no Riozinho, a onde produziram muita borracha; nesses anos de juventude, com sua *patota* de amigos, ia à festas, campeonatos de futebol e outros passeios. Trabalhou como piloto de embarcação do Conselho Nacional dos Seringueiros e auxiliar de *gerente* no

Foto 6: *Osmildo, cujos traços indígenas encontram correspondência numa forte identificação étnica. Cruzeiro do Sul, 1993.*

tempo da Cooperativa. Em 1989, Osmildo uniu-se conjugalmente a sua prima Rocilda, com quem teve três filhos; posteriormente vieram a separar-se, e Osmildo viveu muitos anos como um homem solteiro, autônomo porém integrando ora a casa do pai, ora a dos irmãos. Em 1998, Osmildo e Rocilda voltaram a viver novamente juntos.

Damião do Nascimento Leitão nasceu no dia 2 de Setembro de 1956, na casa do avô Nascimento, na Restauração. O filho mais velho de dona Mariana e seu Milton, estranhamente tem o sobrenome do primeiro marido da mãe: quando foi registrado, o pai não estava e ficou valendo o casamento civil de dona Mariana. Sempre foi seringueiro de profissão, não perdia um *dia de corte* e se aborrecia quando o convocavam para uma *farinhada*. Aos 19 anos, contudo, na mata, foi mordido por uma cobra surucucu e passou a noite aguardando socorro. Em consequência deste acidente, Damião perdeu parte de sua perna esquerda, o que, no entanto, não o impediu de continuar a trabalhar, não mais como seringueiro mas nos *roçados* e outras atividades exigidas de um chefe de casa. Damião é

casado com Francisca Nogueira do Nascimento desde 1975, e com ela tem doze filhos vivos. Também foi gerente de núcleo cooperativo. Conhecido pelo seu jeito de ser, alegre e piadista, Damião tem relações cordiais com políticos da região, dos quais sempre consegue favores. Como o pai e os irmãos Pedrinho e Osmildo, cultiva o hábito de preparar e tomar "Cipó"; mas dificilmente abre mão de uma rodada de cerveja ou cachaça.

Foto 7: *Damião e sua esposa Francisca, em viagem de batelão no rio Tejo, Janeiro de 1996.*

Maria do Socorro Texeira dos Santos, a Mariazinha, nasceu em 10 de Maio de 1972, no seringal Horizonte, rio Tejo, e é filha de Francisca Texeira da Silva e Mário Etelvino de Souza, o finado Mário Dias. Em 1991, Mariazinha passou a integrar os quadros do Projeto de Saúde da Associação como agente de saúde, e foi alocada para trabalhar no recém-criado posto da Restauração, para onde mudou-se. Marizinha é uma jovem mulher inteligente, alfabetizada, falante e prestativa. Em 1993, passou a viver com um dos filhos de seu Milton, Antonio, embora a união tenha lhe rendido algumas

Foto 8: *Mariazinha, no posto de saúde da. Restauração, Julho de 1998.*

censuras dos vizinhos e da ex-esposa. Com dignidade e coragem enfrenta as dificuldades que a vida lhe coloca. Em 1994 nasceu Marco Antonio, três anos depois, Danilo; duas crianças saudáveis.

Antonio Gomes do Nascimento, nasceu no dia 2 de Agosto de 1958, na Boa Vista, e é o segundo filho de dona Mariana e seu Milton. Seringueiro como o pai e os irmãos, Antonio teve que abandonar a atividade por problemas de saúde na coluna, e desde então tem trabalhado no comércio de mercadorias, já tendo sido *gerente* da Cooperativa. Nos anos de 1970, *carregou* Arlete, professora da Restauração, sua primeira esposa, com quem teve oito filhos; separaram-se em 1992, tendo ela se mudado com os filhos e filhas para Cruzeiro do Sul. Antonio passou a viver maritalmente com Mariazinha, agente de saúde, e juntos têm dois filhos, Marco Antonio e Danilo. Avesso à reuniões, Antonio, por

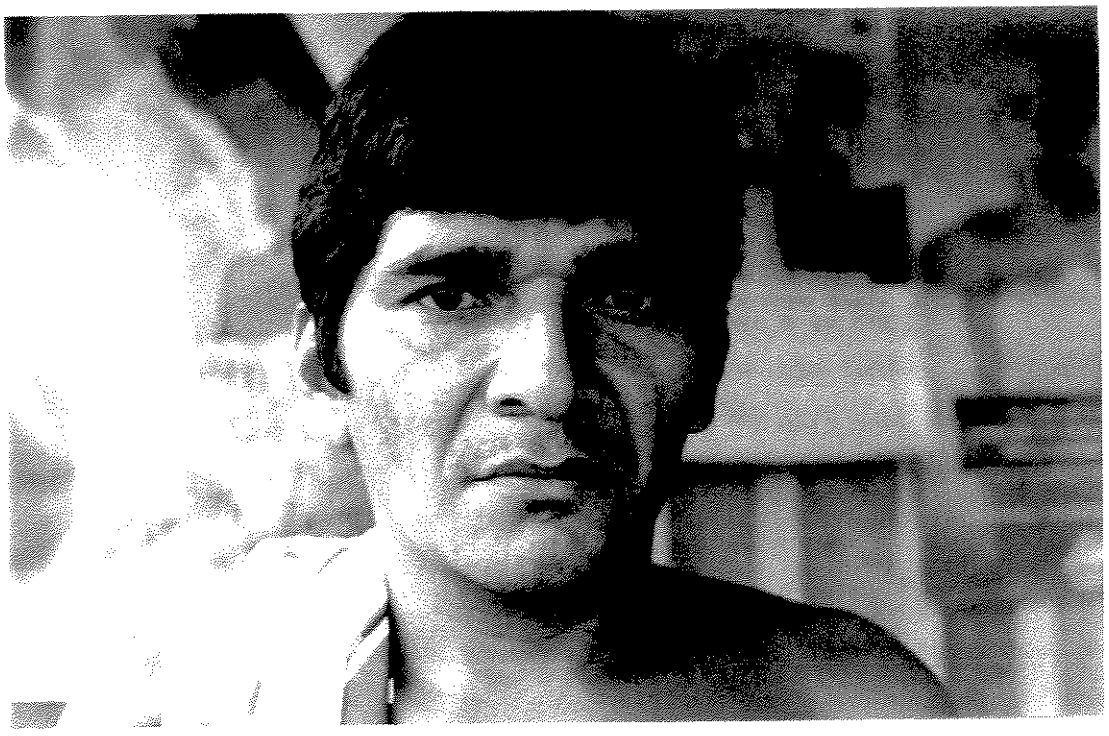


Foto 9: *Antonio, antes do jogo de futebol, na Restauração, Junho de 1998.*

outro lado, é um bom observador e pode surpreender quando expressa, com clareza e franqueza, suas opiniões.

Cilene da Silva da Conceição nasceu em 23 de Junho de 1964, na *colocação* Vista Alegre, e é a filha mais velha de seu Milton e dona Mariana. Desde moça, Cilene demonstrou especial predileção pelos trabalhos domésticos da casa, que sempre desempenhou com maestria ímpar. Sua casa sempre chamou atenção pelo asseio, organização e enfeites que ela mesmo criava para decorar os ambientes. Outra característica irredutível de Cilene sempre foi o gosto pela conversa, e pelas piadas; contá-las, "mangar" jocosamente dos conhecidos e dar risadas: eis uma marca registrada. Esta bonita morena de cabelos longos casou-se com Luis Fontenele em março de 1983, tendo ambos sempre vivido nas imediações da Restauração, onde criaram seus nove filhos.

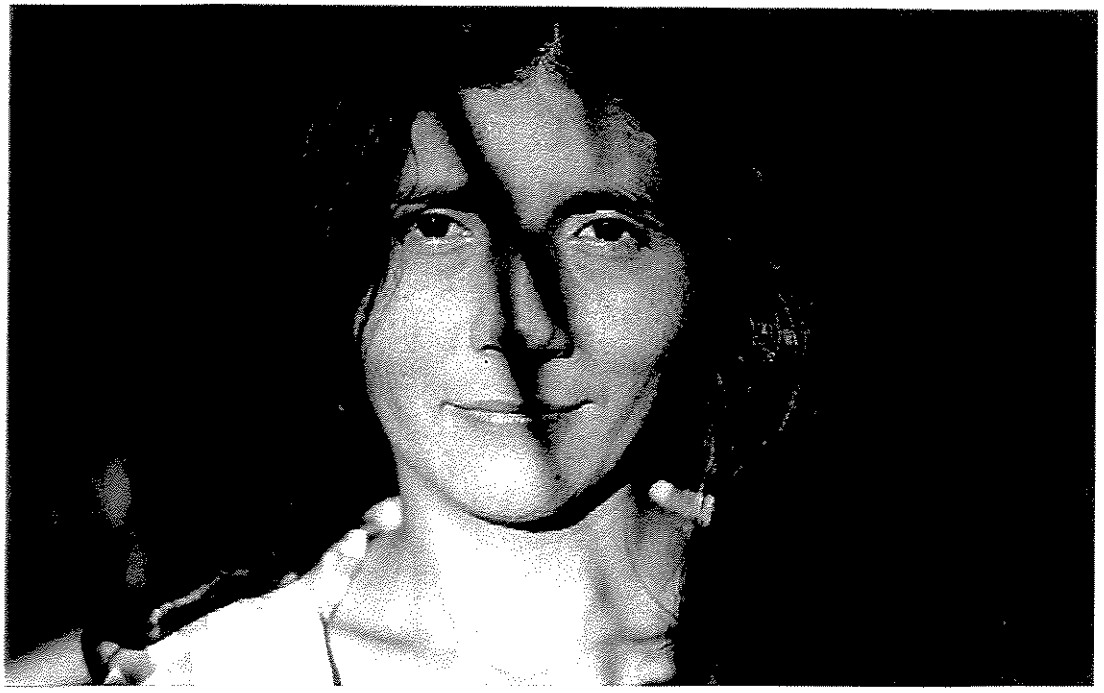


Foto 10: *Cilene, em sua casa na Foz do Machadinho, Julho de 1998.*

Pedro da Silva da Conceição, o Cidoca, nasceu em 19 de Junho de 1966, na sede do seringal Restauração. É o filho caçula de seu Milton e dona Mariana. Cidoca, ou Cidinho, ou ainda Cidinha, sempre morou perto dos pais, mesmo depois de, em 1991, ter casado com Francisca Costa da Silva, cujos pais vivem no rio Juruá. Cidoca trabalhou também como seringueiro no Degredo, mas sua melhores habilidades são na caça e pesca. Dos dois grupos domésticos – dele e do pai – é o *procurador*, no que sempre é *feliz*, dom herdado do pai. Com a casa do pai e da mãe mantém intensa *vizinhança*, envolvendo carne, mercadorias, leite de vaca e cuidados com crianças. Pelo pai e pela mãe nutre profundo respeito e obediência. Cidoca toca violão e também gosta de participar das seções de "Cipó".

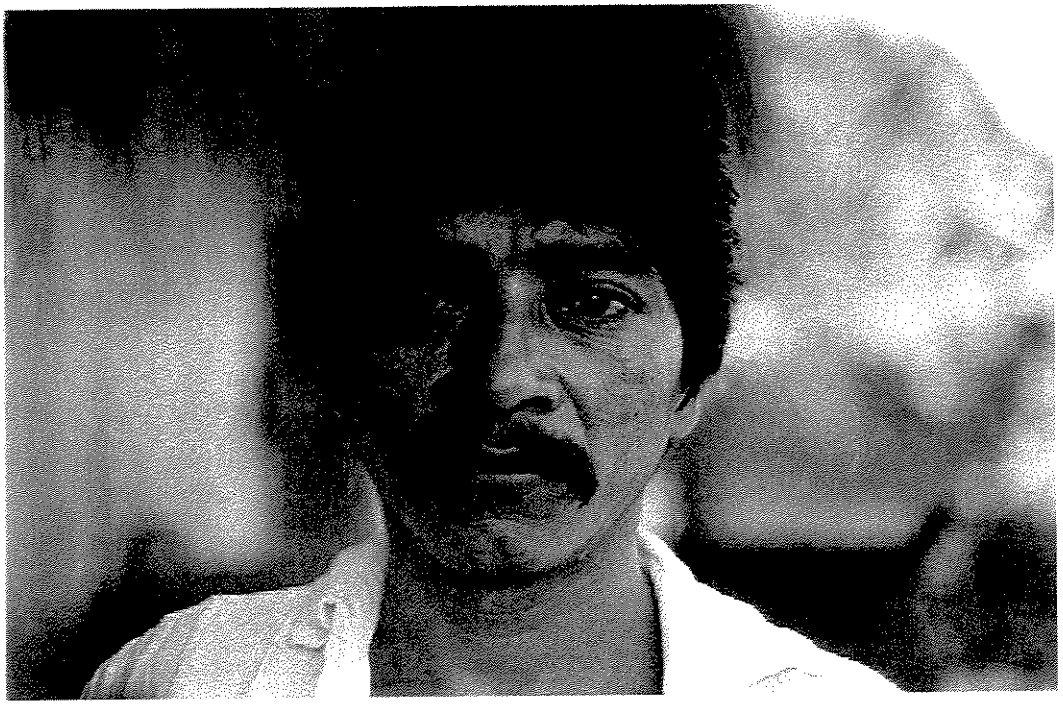


Foto 11: *Cidoca, o filho caçula: sempre ao lado dos pais. Foz do Machadinho, Julho de 1998*

Foto 12: *Francisca, a Nêga, de quem pouco sei: nasceu no dia 28 de março de 1972, no seringal Oriente, rio Juruá, aonde seus pais ainda residem. Foz do Machadinho, 1994.*

Foto 13: *Marieta vive na Restauração com marido e filhos. Julho de 1998.*

Maria Gomes do Nascimento, a Marieta, nasceu em 13 de Agosto de 1968, na Restauração. Marieta foi a última filha de seu Milton e dona Mariana a estabelecer uma união conjugal, tendo saído de casa somente aos 23 anos de idade. Afirma que assim o fez por não desejar apartar-se da mãe. Em 1991, Marieta *fugiu* com Raimundo Nonato Nobre da Silva, o Zé da Ló, vizinho que conhecia desde menina. Desde então, juntos, vivem na Restauração, vizinhos a mãe do marido, a dona Ló, onde criam seus seis filhos. Marieta é uma mullher conversadeira e de voz vigorosa, tal como a mãe, de quem herdou também as feições índias.

Maria de Lurdes Silva da Conceição, a Lurdes, nasceu em 30 de Julho de 1971, na Restauração, e é a filha caçula de seu Milton e dona Mariana. Lurdinha, como também é

Foto 14: *Lurdinha, a filha caçula. Foz do Machadinho, Julho de 1998.*

chamada pelos pais e irmãos, em 1989 *juntou-se* a Antonio Fontenele, irmão de seu cunhado já casado com a irmã Cilene. Com ele, no ano seguinte, teve dois filhos: Claudete, nascida em Janeiro, e Alisson, em Dezembro. Ainda tiveram mais uma filha, Carla, nascida quando já haviam se separado. Antonio Fontenele mudou-se então para a cidade e levou os filhos Claudete e Alisson. Lurdes, com ajuda da mãe, trouxe-os de volta para o seringal, e passou a viver com seus três filhos na casa dos pais, na Restauração. Desde então, Claudete e Alisson foram "dados" para os avós.

Luis Fontenele de Lima nasceu no dia 2 de Dezembro de 1958 no seringal Belém, município de Ipixuna, no Estado do Amazonas. Em 1982, junto com vários de seus irmãos, Luis Fontenele chegou a Restauração pelas mãos do *patrão* Sebastião Corrêa para

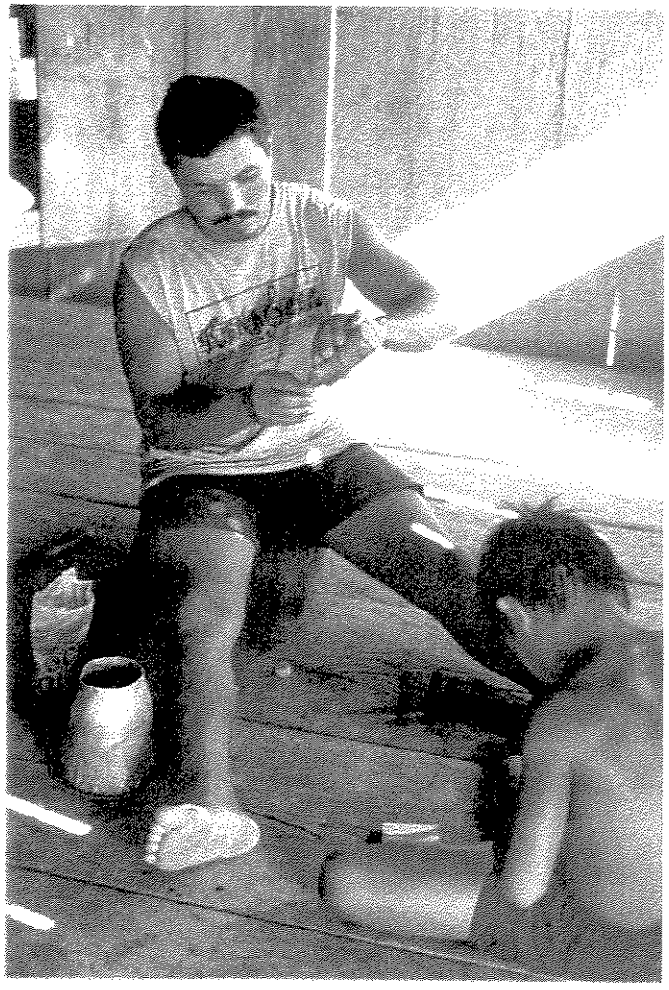


Foto 15: *Luis Fontenele preparando cartuchos de munição para caçar, auxiliado pelo filho Alexandre. Foz do Machadinho, Julho de 1998.*

cortar seringa em *colocações* do alto rio Tejo. Conheceu então Cilene e, poucos meses depois de iniciado o namoro, casaram-se. Genro de seu Milton, Luis sempre participou das lutas de implantação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, tendo um irmão seu também trabalhado como *gerente* da Cooperativa. Luis é de fala mansa e de boas perguntas.

Capítulo I

INTRODUÇÃO

Minha ida para o Estado do Acre – para viver, trabalhar e morar – não teve ligação com minha amizade com seu Milton Gomes da Conceição e sua família, que é posterior. Meus primeiros anos de trabalho na Reserva Extrativista do Alto Juruá estiveram fortemente focados num trabalho de assessoria política e mobilização comunitária.[1] Desse período, é verdade, data meu início de convivência com seu Milton e familiares, alguns deles destacando-se como lideranças locais. Somente alguns anos mais tarde é que as motivações intelectuais e de pesquisa que culminaram nesta tese começaram a se impor.

Na primeira seção desse capítulo introdutório, reconstituirei meu encontro com seu Milton e seus parentes mais próximos, percorrendo os caminhos da minha memória sobre esses primeiros anos, nos quais outros personagens também se destacam. Numa segunda seção, conto um pouco meus primeiros tempos de andança com seu Milton, percorrendo toda a área da Reserva e assessorando-o como dirigente da entidade de representação dos moradores. A terceira seção, explora, de um ponto de vista mais

[1] A discussão das questões relativas a este tipo de inserção, bem como aos acontecimentos históricos que cercaram esse período não serão nesta introdução explorados. Significaria um novo esforço reflexivo, que

subjetivo, minha aproximação da família de seu Milton e as bases sobre as quais foi estabelecido um acordo de colaboração na escrita da trajetória de vida desse grupo de parentes. Na última seção, os procedimentos metodológicos, os instrumentos conceituais e os marcos teóricos desta tese são explicitados. Finalmente, trago à cena as pessoas e instituições que contribuíram para a realização deste trabalho.

Aproximação

Em dezembro de 1991, por ocasião da IV Assembléia Geral Ordinária da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, realizada na foz do rio Tejo, conheci seu Milton Gomes da Conceição. Minha primeira lembrança dele sempre foi esta: ele sentado, no grupo de trabalho que assessorei, um bonito senhor com tom de pele de caboclo[2], bigode e um olhar tranquilizador; – *Muito educada esta moça*, então comentou.

Na Assembléia, a meu ver, seu Milton e eu travamos amizade, ou alguma amizade, já nem sei bem. O fato é que ao final do evento tiramos uma foto juntos, com a qual o presenteei depois.

Para mim, esta sempre foi, além da primeira foto que tiramos juntos, minha primeira fotografia de seu Milton. Fiquei bastante surpresa ao descobrir, já em 1999, em Campinas (SP), organizando o acervo de imagens desta tese, uma outra foto que tirara de seu Milton alguns dias antes da Assembléia de 1991. Recordei então que, de fato, na viagem de ida para a Assembléia tivéramos problemas com o motorista do barco, e que seu Milton, que viajava em outra embarcação, fora convocado para assumir o timão.

---

envolveria, inclusive, lidar com versões diferentes por parte dos demais que também atuavam nesse campo na mesma época.

[2] Isto é, que revelava uma miscigenação entre brancos e índios.

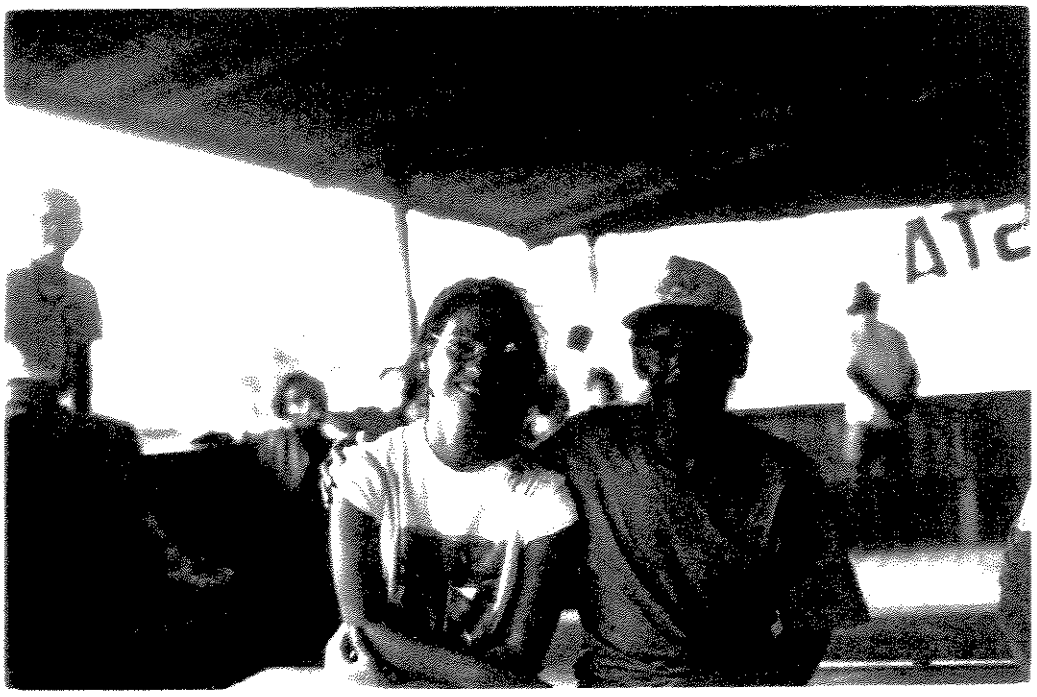


Foto 16: *Seu Milton e eu na sala de reuniões da Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, na foz do rio Tejo, por ocasião do final da IV Assembléia Geral, em dezembro de 1991.* (Foto: Jorge Nazaré)

Enganara-me todo este tempo, achando que vira e conhecera seu Milton somente na foz do Tejo? Por que esquecera este primeiro contato ainda em viagem, cujas lembranças a descoberta da foto trouxe imediatamente à tona? Confirmava-se, aplicado agora a mim mesma, o que nos últimos anos vinha observando no trabalho de recolher memórias orais: a memória das pessoas e dos acontecimentos segue uma lógica não cronológica e sim associativa. Por algum motivo, associei seu Milton à Assembléia de 1991. Mesmo já tendo, como prova a fotografia, o visto antes, minha memória demarcou outro momento como significativo, e sobre ele construí o mito fundador de nosso encontro.

Interessante observar que a Assembléia – este marco fundador – é também o de minha origem e encontro com a Associação[3]; um mito, portanto, auto-referente e que me situa num momento histórico determinado: no caso um evento público, político, do qual emergi nomeada, identificada e com uma missão institucional. Missão esta que veio a se concretizar cerca de um ano e meio depois, quando passei a trabalhar diretamente na Reserva Extrativista do Alto Juruá, assessorando a Associação. Assim, o mito fundador refere-se não só a mim e seu Milton, mas a toda uma nova trajetória de vida e profissional que a partir dali se impôs.

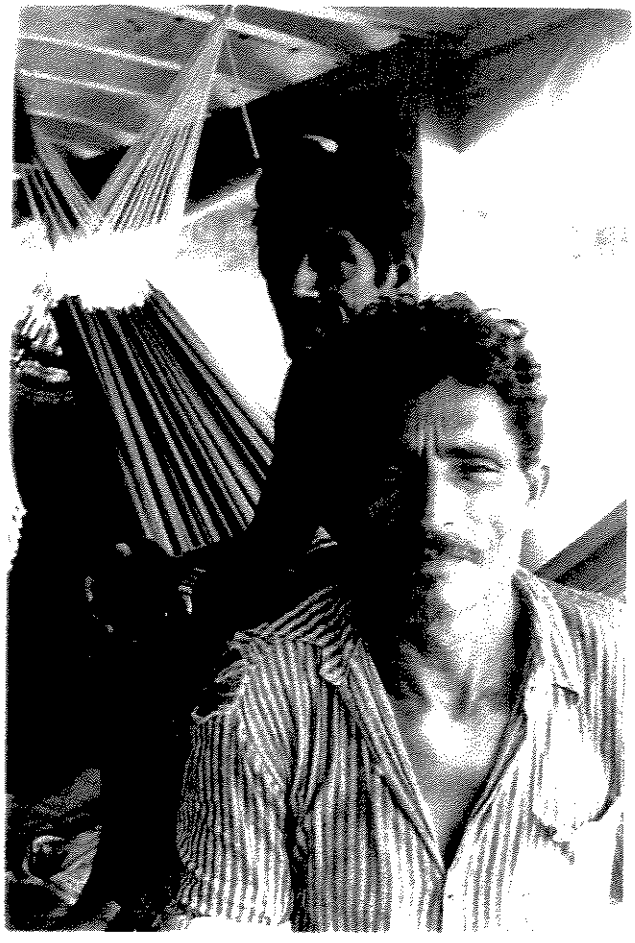


Foto 17: *Seu Manuel Monteiro e seu Milton (em segundo plano) durante a viagem no rio Juruá rumo a Assembléia. Dezembro de 1991.*

Também na mesma Assembléia, lembro, vi Pedrinho, que também tem esta ocasião como sua primeira lembrança de minha pessoa. Conta ele que seu Milton nos apresentou: – *Meu filho, esta aqui é a Mariana*, mas não me lembro deste encontro. Recordo sim de uma outra situação, na qual Pedrinho sugeria um irmão seu para ocupar uma vaga numa das chapas concorrentes à eleição para diretoria da Associação.

[3] Como passarei a denominar a Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá (Asareaj).

Chamou-me atenção, e anotei em meu caderno a indicação de um parente para um cargo de poder.

Finalmente, uma última lembrança de mais um filho de seu Milton: Osmildo. Lembro dele ainda em Cruzeiro do Sul, antes de zarparmos do porto. Rosto de índio, sério; cabelos curtos, imberbe; estava de shorts, em cima do teto do batelão. Que me lembre, não trocamos qualquer palavra, e tampouco teríamos sido apresentados. Da mesma forma que seu Milton, uma fotografia veio refrescar-me a memória: meu primeiro encontro com Osmildo ocorrera meses antes, por ocasião do cadastramento da população da Reserva. Voltemos, portanto, um pouco no tempo.

Em setembro de 1991, viajei pela primeira vez ao Alto Juruá como membro do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, o extinto Cedi, onde atuava como pesquisadora e assessora desde 1987. Foi através do Cedi que conheci Mauro Almeida, antropólogo, professor da Unicamp, assessor do Conselho Nacional dos Seringueiros desde 1986, e que então coordenava as atividades de implementação e regularização da Reserva.[4] Assim, entre setembro e outubro de 1991, como membro do Cedi, fiz minha primeira viagem à Amazônia, indo coordenar uma das nove equipes de campo que realizaram os trabalhos de cadastramento e levantamento sócio-econômico.[5]

---

[4] A assessoria de Mauro Almeida ao Conselho Nacional dos Seringueiros foi formalizada, em 1989, por convênio entre a entidade e Unicamp em 1989. A partir de 1988, Mauro Almeida passou a assessorar Antonio Macedo, que fora indicado pela direção nacional do Conselho Nacional dos Seringueiros para o cargo de coordenador da Regional da entidade no Vale do Juruá, com sede na cidade de Cruzeiro do Sul. Na Reserva Extrativista do Alto Juruá, o cadastramento e levantamento sócio-econômico foram realizadas mediante um projeto, elaborado por Mauro Almeida a pedido de Antonio Macedo, tendo como executor a Associação e o Cedi como interveniente técnico.

[5] Coordenei a equipe que cadastrou os moradores do igarapé São João do Breu, afluente do rio Juruá, e aqueles residentes às margens do Juruá entre o mesmo São João do Breu e a localidade denominada Lago Ceará. Consultar Franco, 1991.

Box 1: Reservas Extrativistas

Reservas Extrativistas

Trata-se da "reforma agrária dos seringueiros", proposta pela primeira vez em 1985, em Brasília, no Primeiro Encontro de Seringueiros da Amazônia, quando foi fundado o Conselho Nacional dos Seringueiros. Regularizadas em 1990, as Reservas Extrativistas instituíram uma política diferenciada de acesso à terra, respeitando o modo de ocupação e uso do território pelas populações extrativistas. Não há lotes individuais, como nos tradicionais assentamentos do Incra; a área é desapropriada, pelo Ibama, por "interesse ecológico"; e a propriedade é pública, da União, cedida mediante Concessão Real de Uso aos moradores e sua entidade de representação.[6] Uma outra grande inovação das Reservas Extrativistas foi a proposição de que a preservação ambiental e a presença humana eram compatíveis, contrapondo-se assim a uma postura "conservacionista".[7]

O processo de implementação e regularização das Reservas Extrativistas exige o cadastramento da totalidade de sua população e um levantamento sócio-econômico de sua situação. Um Plano de Utilização deve ser votado e aprovado pelos moradores, sendo em seguida submetido ao Ibama e publicado no Diário Oficial. O Plano de Utilização é um conjunto de regras formais, apoiadas no direito costumeiro, que legislam sobre o uso dos recursos naturais pelos moradores, visando garantir a sua sustentabilidade.[8]

A Reserva Extrativista do Alto Juruá, uma área de 506.186 há, foi criada, em 23 de janeiro de 1990. O cadastramento e levantamento sócio-econômico foram realizados entre agosto e outubro de 1991, e o Plano de Utilização foi votado e aprovado em assembléia geral no mês de dezembro seguinte. Em outubro de 1994, o Plano de Utilização foi finalmente aprovado pelo Ibama. Os números do cadastramento de 1991 revelaram uma população de cerca de seis mil pessoas distribuídas em 865 localidades da Reserva. Dados mais recentes indicam que a população diminuiu em números absolutos e revelam uma tendência migratória das localidades mais distantes e centrais para as margens dos rios e igarapés.

Em meados de outubro de 1991, já de volta a Cruzeiro do Sul após o trabalho de cadastramento, e às vésperas de embarcar para São Paulo, encontrei Osmildo, que chegava à cidade com a equipe de campo coordenada por Terri Valle de Aquino. Siã Kaxináwa também estava junto, filmando etapas do cadastramento.[9] Participei, com eles e outros, de uma noitada de "Cipó".[10] Naquela noite Osmildo cantou muito, alto e forte;

---

[6] Sobre a criação do Conselho Nacional dos Seringueiros e as Reservas Extrativistas, consultar Allegretti, 1987; Almeida, 1989 e 1995; e CNS et al, 1989.

[7] Consultar Diegues, 1996 e Ramos & Capobianco, 1996.

[8] Sobre o Plano de Utilização da Reserva Extrativista do Alto Juruá, consultar Almeida & Franco, 2000.

[9] Essas e outras imagens integram o documentário "Os Povos do Tinton-Renê", de autoria de Siã Kaxináwa, finalizado em 1992.

[10] Trata-se da "ayahuasca", bebida conhecida por tribos de índios da Amazônia Ocidental, e que a partir da década de 1930, no Acre, começou a ser utilizada em cultos urbanos que, numa releitura influenciada pelo cristianismo, mesclam elementos do "curanderismo amazônico, bem como outras fontes: a tradição afro-

"como um passarinho", observou Antonio Macedo, coordenador regional do Conselho[11] e anfitrião da noite. Ficou-me o sentimento de simpatia, como a que sentira por muitas das pessoas que conhecera em minha primeira viagem à Reserva.

Embarquei de volta para o Rio de Janeiro nos últimos dias de outubro de 1991, e no almoço de despedida tirei a foto em que Osmildo aparece com um visual indígena estilizado; a mistura de culturas resultava numa estética que me causou estranhamento. Não soube mais nada sobre Osmildo, e nosso reencontro na citada Assembléia foi breve e superficial, como narrei acima.

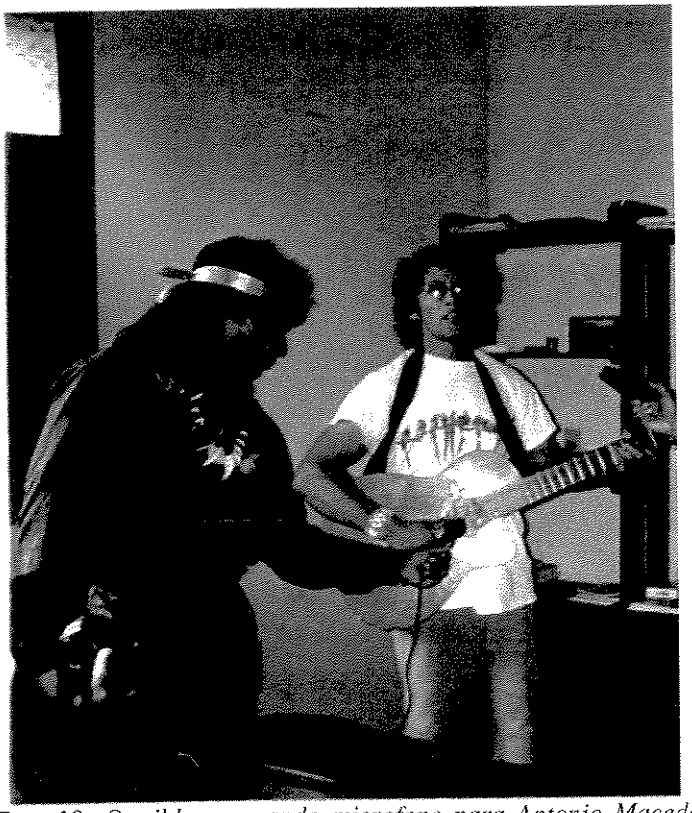


Foto 18: *Osmildo segurando microfone para Antonio Macedo, que cantou, a meu pedido, canções suas por ocasião de minha partida de Cruzeiro do Sul. Outubro de 1991.*

Voltei a Cruzeiro do Sul em maio de 1992, representando o Cedi no I Encontro dos Povos da Floresta do Vale do Juruá, promovido pela Regional do Conselho. Assessorei um grupo de trabalho do qual mais uma vez participava seu Milton, e com satisfação mútua voltamos a nos reencontrar. Lembro de

brasileira, o espiritismo kardecista e o esoterismo de origem européia" (Labate, 2000, p.29-30). Conhecida por seus efeitos expansores da mente, ou divinatórios, ou ainda alucinógenos, a ayahuasca é preparada a partir de um cipó (*Banisteriopsis caapi*) e de uma folha (*Psycotria viridis*).

[11] Tal como a Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, que já está sendo referida por Associação, e Reserva Extrativista do Alto Juruá, que começa a aparecer apenas como Reserva, o Conselho Nacional dos Seringueiros doravante poderá ser referido apenas por Conselho. Adotarei a redação completa dos nomes sempre que houver risco de confusão para o leitor.

Osmildo participando de um show de calouros durante o evento, com uma canção de sua autoria sobre o seringal em que vivia, e de ter conhecido outro filho de seu Milton, Damião, durante uma noitada de "Cipó".

O ano de 1992 foi de tentativas infrutíferas de viabilizar um programa de ações sistemáticas do Cedi junto à Associação e a Reserva. A entidade despendeu grande parte do seu tempo e energias discutindo internamente novos rumos e prioridades, processo que culminou com a sua dissolução dois anos depois.[12] Em meio a isso, aos 30 anos de idade, "solteira e sem filhos", com meu diploma de Mestre em Sociologia (pela UFRJ), decidi o que queria fazer: pedi demissão do Cedi, desmontei minha casa no Rio de Janeiro e preparei-me para ir morar no Acre.

Sincronicamente, em fevereiro de 1993, a Fundação MacArthur aprovava um projeto de pesquisa e intervenção proposto por Mauro Almeida, Manuela Carneiro da Cunha e Keith Brown Jr.[13] Em abril do mesmo ano, quando viajei de mudança para Cruzeiro do Sul, minha passagem de ida já foi custeada por esse projeto; alguns dias depois, já dentro da Reserva, Manuela formalizou o convite para que eu viesse a trabalhar com eles como pesquisadora e assessora de campo. Como tema de pesquisa, Mauro sugeriu a reconstrução do direito costumeiro no contexto da Reserva e o gerenciamento de conflitos em torno do uso dos recursos naturais.

[12] Desse processo resultou a criação de três novas ONGs: o Instituto SocioAmbiental (ISA), a Ação Educativa, e a Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço.
[13] Cf. Carneiro da Cunha, Almeida & Brown Jr., 1993.

Box 2: O "Projeto de Pesquisa"

O "Projeto de Pesquisa"

O projeto "Can Traditional Forest-Dwellers Self-Manage Conservation Areas? A probing experiment in the Juruá Extractive Reserve, Acre, Brazil", foi aprovado pela Fundação MacArthur e recebeu apoio financeiro entre 1993 e 1995. O Projeto de Pesquisa, como ficou conhecido na Reserva, envolveu profissionais e pesquisadores de diferentes instituições (notadamente a USP e a Unicamp) e disciplinas, que trabalharam em conjunto com a população da Reserva sobre os seguintes assuntos:

1. Estabelecimento de sistemas de gerenciamento do território florestal, fortalecendo a capacidade técnica e gerencial da Associação para a auto-gestão da Reserva;[14]
2. Desenvolvimento, teste e aplicação de métodos de monitoramento da sustentabilidade ecológica, econômica e social;
3. Realização do zoneamento da Reserva, na forma de um mosaico de áreas de proteção, áreas de extração controlada, áreas de manejo e áreas de uso humano intensivo;
4. Realização de "estudos de comunidade" densos e apoiados em longos períodos de permanência em área, visando mapear formas de organização social e de manejo dos recursos naturais, bem como conflitos gerados pelo acesso e uso desses recursos e mecanismos de resolução (justiça local);
5. Produção e publicação de uma "Enciclopédia da Floresta"[15]; e
6. Descoberta de novos produtos de alto valor de mercado e de baixo impacto ambiental, com direitos intelectuais reservados para a população local.

A partir de 1995, com o término do financiamento da Fundação MacArthur, o Projeto de Pesquisa deu continuidade as suas atividades na Reserva através de projetos menores financiados pela Fapesp e de convênio entre o Departamento de Antropologia da Unicamp e o Cifor.

Em 2000, dentro da programa Projeto de Pesquisa Dirigida, financiado pela Finep/MCT com recursos do Plano Piloto[16], a Associação dos moradores da Reserva, com apoio de equipe de pesquisadores da Unicamp coordenada por Mauro Almeida, aprovou o projeto "Pesquisa e Monitoramento Participativos em Áreas de Conservação Gerenciadas por Populações Tradicionais". Os objetivos desse projeto são: consolidar métodos de pesquisa e monitoramento dos ecossistemas e da qualidade de vida que sejam manejados pela população da Reserva, fortalecendo mecanismos de auto-gestão; e aumentar a capacidade da população da Reserva para administrar o uso dos recursos naturais. Para a execução desse projeto, a Associação criou formalmente dentro de sua estrutura um Setor de Pesquisa e Monitoramento, responsável por co-gerenciar, em parceria com a equipe da Unicamp, as atividades de campo e os gastos financeiros.

Tão logo estabeleci-me em Cruzeiro do Sul e dei início ao meu trabalho na Reserva, foi definido que minha primeira atividade seria percorrer as localidades da área

[14] As Reservas Extrativistas foram idealizadas como áreas de conservação co-geridas pelo Ibama e por entidades de representação dos moradores, como associações, cooperativas e sindicatos. No caso da Reserva Extrativista do Alto Juruá, o artigo 2° é explícito quando afirma que o Ibama "poderá celebrar convênios com as organizações legalmente constituídas, tais como cooperativas e associações existentes na Reserva, para definir as medidas que se fizerem necessárias à implantação da mesma".

[15] Consultar Carneiro da Cunha & Almeida, 2001.

[16] Trata-se do Plano Piloto para Proteção das Florestas Tropicais no Brasil (também conhecido como PPG-7), financiado com recursos internacionais e repassados ao governo brasileiro pelo Banco Mundial. O Plano Piloto financia programas e projetos em articulação com orgãos governamentais, como, por exemplo, o Ibama (Projeto Resex, para Reservas Extrativistas) e a Funai (PPTAL, para Terras Indígenas).

realizando reuniões com as Comissões de Base[17] para diagnóstico da situação e repasse de informações. Naquele momento, o coordenador regional do Conselho já era Francisco Barbosa de Melo, o Chico Ginu, e Antonio Macedo passara a coordenar localmente as atividades do Projeto de Pesquisa. Seu Milton, vice-presidente da Associação, concordou em me acompanhar na minha primeira viagem de campo, realizada entre os meses de abril e junho de 1993.

Conheci então a sede do seringal Restauração, onde residiam seu Milton e familiares. Travei meus primeiros contatos com o dia-à-dia desse grupo de parentesco, o que causou-me grande estranhamento, como será visto. Fui aos poucos percebendo algo que me parecia específico daquele grupo familiar: uma identidade étnica, indígena ou cabocla.[18] Conheci dona Mariana, esposa de seu Milton.[19] Nos primeiros meses de 1993, comecei finalmente a chegar onde eu, dois anos antes, desejara profundamente estar de forma mais definitiva: dentro da floresta, com o povo da floresta.

Na Reserva: primeiros contatos e assessoria

A memória que até hoje guardo dos meus primeiros tempos na Restauração junto ao grupo familiar de seu Milton é dramática. Tudo para mim parecia precário: havia uma falta generalizada de comida, mais especificamente de carne de caça, artigo raro no local.

---

[17] Com o objetivo de ampliar a representação de base da Associação por toda a Reserva, a IV Assembléia aprovou a criação das Comissões de Base, instâncias de base, comunitárias, cujos objetivos eram o de mobilizar os sócios, repassar informações, discutir assuntos de interesse comum e encaminhá-los à diretoria da Associação, além de desempenhar ações de fiscalização quanto ao cumprimento do Plano de Utilização. Sobre a criação das primeiras Comissões de Base em fevereiro 1992, consultar relatório elaborado por Luis Ferreira e Rosemeire Castro (Ferreira & Castro, 1992). A ampliação das Comissões de Base está registrada num relatório por mim elaborado (Franco, 1993).

[18] "Caboclo(a)" é um termo regionalmente utilizado como sinônimo de "índio(a)", tanto pela própria população indígena quanto pela não-indígena. Ainda voltaremos a este termo, recorrente ao longo de toda tese.

A Restauração, soube depois, é conhecida por ser um lugar "fomento", com concentração de moradores e escassez de caça; há muitos roçados nas imediações e a prática de caçar com o auxílio de cachorros era praxe, o que espantava os animais da mata para longe. Na casa de seu Milton – então reduzida a um cômodo, a cozinha – viviam ele, a esposa e a neta Nirla, que criavam; o filho Cidoca, a nora Francisca e três filhos do casal; mais a filha Lurdes e seus três filhos. Osmildo também morava lá, e Antonio, outro filho, também. Para entender como todas essas pessoas habitavam um local tão reduzido, deve-se tomar "casa" no sentido de "comer da mesma panela", que era o que de fato acontecia.

Cidoca, o caçula, era o *procurador*, ou seja, aquele cuja ocupação central é caçar e *mariscar* (pescar). Embora desempenhasse a função com maestria, seus esforços não eram satisfatoriamente recompensados. Osmildo alimentava-se na casa dos pais, mas dormia, se não me falha a memória, na escola vizinha; e Antonio tinha sua rede no armazém do núcleo cooperativo, que gerenciara. Ambos estavam separados de suas primeiras esposas. Seu Milton escolheu o posto de saúde para hospedar-me, e conheci então minha primeira futura comadre no seringal, Mariazinha, a agente de saúde da Restauração.

Quando cheguei ao local, dona Mariana, esposa de seu Milton, encontrava-se fora, na cidade de Cruzeiro do Sul, cuidando de sua aposentadoria; o filho Damião e a nora Francisca também estavam ausentes, e seus filhos passavam o dia na casa do avô e imediações. O choro de crianças era quase uma constante. Não conseguia relacionar o

[19] Também em 1999, ao reler meus cadernos de campo, verifiquei nova peça pregada pela memória: encontrei o registro de meu primeiro encontro com dona Mariana, que ocorreu no dia 7 de abril de 1993 na cidade de Cruzeiro do Sul.

que via com algo que se parecesse com uma *colocação*[20] de seringueiros, como as que vira, mesmo que rapidamente, durante o cadastramento. Não havia grupos domésticos alocados em suas respectivas casas; não conseguia perceber um cotidiano de trabalho aparente que provesse a casa e seus moradores do necessário para viver. Na verdade, nesta época não freqüentava a casa de seu Milton; nunca ia participar das refeições lá e tampouco sabia o que lá dentro se passava, ou porque viviam assim.

Mas fui carinhosa e generosamente acolhida, e debatia-me por não conseguir deixar de me sentir incomodada com tamanha precariedade. Esta sensação acentuou-se quando, acompanhada e acompanhando seu Milton, comecei a percorrer o alto rio Tejo e afluentes para realizar reuniões comunitárias: nas casas em que chegávamos invariavelmente encontrava o que esperava: uma casa construída, economia doméstica organizada, e comida.

A medida que ia convivendo com seu Milton e tornando-me mais amiga dele, pude ouvir manifestações de seu desgosto com relação a sua situação de vida. Seu Milton falava-me de um passado em que possuíra "de um, tudo": uma boa casa, motores, gado, uma oficina de consertos equipada e crédito na praça. Atribuía sua decadência, como costumava dizer, ao empenho e à dedicação à criação da Reserva: nessa luta empenhara todo o seu tempo, bens materiais (como motores) e prestígio. Estava mesmo desprovido de uma verdadeira casa; desmontara a velha, mas só tivera tempo e recursos para erguer a

[20] "Colocação" é a unidade de residência e trabalho nos seringais; um seringal é formado por um conjunto de *colocações*. A *colocação* pode comportar mais de uma casa em função do número de *estradas de seringa* que possua e do número de seringueiros adultos aptos a explorá-las (em média, duas estradas por seringueiro). A *colocação* é ainda o espaço onde se caça (em suas matas), pesca (nos lagos e igarapés por ventura nela existentes), "coloca-se" roçados, abre-se *campos* (pasto) para pequenos rebanhos de gado, e fonte também de outros recursos extrativos (frutos, cipós, madeiras). A *colocação* é também, portanto, uma unidade ambiental, com diferentes nichos de recursos e atividades econômicas. É, finalmente, uma unidade social: suas casas são, via de regra, aparentadas entre si, e mantém intensas relações de *vizinhança*. Sobre *colocações*, consultar Almeida, 1990.

cozinha, ficando o restante da casa como um projeto que não conseguia realizar. Numa avaliação amarga, por vezes queixava-se do ingrato retorno que recebera por tantos anos de trabalho em prol de seus pares; mas em nenhum momento ouvi qualquer confissão de arrependimento de seu Milton. Nele, sua vida e a Reserva eram acontecimentos intrinsecamente relacionados.

Passei o primeiro semestre de 1993 entre a Restauração e seringais vizinhos, e neste tempo familiarizei-me com os demais parentes de seu Milton. Conheci melhor Antonio, um dos filhos mais velhos, recém-separado de sua primeira esposa Arlete e começando a estabelecer um romance com Mariazinha, minha anfitriã no posto de saúde; reencontrei Damião, que conhecera rapidamente em 1992, e conheci sua esposa Francisca – ambos também moravam na Restauração. Outra pessoa com quem tive oportunidade de conversar foi Luis Fontenele, genro de seu Milton; e também com Zé do Lopes, primo dos filhos de dona Mariana e seu Milton. Conheci rapidamente as filhas Cilene, Marieta, Raimundinha e Lurdes, e a própria dona Mariana, com quem neste primeiro momento não estabeleci proximidade.

Em meados de abril, quando comecei a viajar pela Reserva com seu Milton, nosso primeiro destino foi a foz do Machadinho, onde vim a conhecer Pedrinho, o filho mais velho, e sua esposa Maria.[21] O casal e filhos estavam morando provisoriamente lá desde janeiro de 1993, quando o falecimento da filha mais velha, Nágila, trouxera muito desgosto a Maria, a mãe. Alguns dias depois tive a oportunidade de participar do retorno da família, com toda sua mudança para sua antiga colocação, a Cachoeira do Lago, abaixo da sede da Restauração. Pedrinho fora convidado por Mauro Almeida, Manuela

Carneiro da Cunha e Antonio Macedo para trabalhar como piloto e zelador da "Base de Pesquisa" que se pretendia construir. Aceitou o convite e cedeu um local em sua colocação para que a edificação fosse erguida.

Foto 19: *Mudança de Pedrinho e família da Foz do Machadinho para a Cachoeira do Lago, abaixo da Restauração, em abril de 1993. Na foto, Pedrinho está dentro da canoa com seu cachorro na proa; alguns de seus filhos estão na margem desta difícil passagem no rio Tejo: a cachoeira do Caracol.*

Achava-me durante todo esse período profundamente envolvida com o processo institucional da Associação. Passava boa parte do dia envolvida em conversas sobre temas afins à organização da Reserva, ouvindo relatos de conflitos e disputas, trocando idéias sobre a postura do poder público municipal e as dificuldades que a Associação enfrentava. Só posteriormente pude perceber que nesta época travei muito pouco contato com as mulheres da Reserva: dos assuntos, digamos assim, institucionais e políticos

[21] Pedrinho é filho da primeira união conjugal de dona Mariana, mas foi criado por seu Milton, e tem para com ele o respeito e afeto devidos por um filho. Este tema – da (re)criação do parentesco – será tratado ao longo da tese.

ocupavam-se os homens, e era com eles que eu acabava conversando mais. Como assessora, aos poucos fui me dando conta de que o universo em que eu transitava – o público, político – tinha regras próprias, e nele os homens estavam no comando; como mulher de fora, paulatinamente fui percebendo que o trânsito naquele universo em alguma medida afastava-me das mulheres do lugar, e que algumas poderiam estar se ressentindo de minha presença. Até hoje não sei se é ou não verdade, mas o fato é que ouvi comentários de que dona Mariana estaria enciumada devido as viagens que então fazia com seu marido.

Nesse primeiro semestre de 1993, passei ainda a participar de rituais familiares de consumo do "Cipó". Em setembro de 1991 fora apresentada à bebida pelas mãos de Antonio Macedo, em Cruzeiro do Sul; a partir de 1993 fui nesta cultura iniciada pelas mãos de seu Milton, Osmildo e Pedrinho. Pai e filhos sabiam como prepará-la, e com frequência os via reunidos para tomar Cipó; pude verificar o importante papel daquela bebida como conselheira espiritual, e também para os assuntos da vida prática e pública. Através da bebida, parecia-me, resgatavam uma ascendência indígena e construíam mais um traço de sua especificidade como grupo familiar.

Durante os meses em que viajei com seu Milton, nasceu, sem dúvida, uma grande amizade. Seu Milton foi meu iniciador à floresta, sua palmeiras, madeiras, pássaros, e moradores. Com ele comecei a estudar os hinos da doutrina do Santo Daime[22], ao passo que ele, como já cansou de repetir, neste nosso estudo aprimorou sua leitura. Viajávamos

[22] A doutrina do Santo Daime faz uso ritual da ayahuasca. Em seus rituais, que basicamente obedecem o calendário cristão de festejos religiosos, são entoados hinos "recebidos" por inspiração divina à luz do Daime (ayahuasca). A doutrina foi estabelecida a partir da década de 1930, em Rio Branco, por um maranhense de nome Raimundo Irineu Serra, o Mestre Irineu. No final dos anos de 1980, na Reserva, o grupo de parensteco chefiado por seu Milton passou a fazer uso da ayahuasca, mesclando ao uso regional e indígena que já conheciam os elementos da doutrina do Santo Daime. Cf. Franco & Conceição, 2001.

horas a fio cantando os hinos do Mestre Irineu, debaixo de chuva e sol. Aos poucos, aparando nossas diferenças culturais e aumentando nossa compreensão mútua, fomos nos tornando uma "boa dupla", eu assessorando-o; nos socorremos mutuamente em momentos de doença e incerteza quanto ao que fazer frente à diversas situações que iam se impondo ao longo dos meses de viagem.

Foto 20: *Conversa com moradores da Foz do Machadinho, Abril de 1993. À esq., seu Milton; de costas, Antonio Caxixa; à dir., Sérgio Ribeiro.*

Nas reuniões marcadas e previamente anunciadas, seu Milton fazia a fala de abertura, apresentando-me aos presentes e explicando nosso objetivo: prestar esclarecimentos sobre a Associação, os títulos de Concessão de Uso e o Plano de Utilização da Reserva. Recorríamos a um mapa elaborado pelo Cedi para atualizar dados do cadastramento e explicar a forma como os moradores estavam registrados junto ao Ibama; eu lia o Plano de Utilização pausadamente, e ambos íamos explicando suas normas recorrendo a exemplos; nos conflitos locais em torno do uso e posse de recuros naturais, as *questões*, seu Milton é quem tinha a palavra. Era uma boa dinâmica, que

fomos aperfeiçoando com o tempo. Aprendi muito com ele, e sem receio afirmo que a recíproca é verdadeira.

Esta parceria voltou a repetir-se por ocasião das reuniões preparatórias a VI Assembléia Geral da Associação, marcada para abril de 1994. Mas tratava-se já de uma outra conjuntura. Em agosto do ano anterior, uma crise institucional na Associação levara seu presidente Francisco Xavier Nunes Ramos, o Dolor Farias, a renunciar durante uma reunião de diretoria que, justamente, discutia a difícil conjuntura que a entidade enfretava. Seu Milton, o vice-presidente, viu-se forçado a assumir a direção da entidade.

– *Foi o dia mais triste de minha vida*, contaria depois seu Milton, que temeu o peso da responsabilidade. Com efeito, a Associação precisava reconquistar sua legitimidade junto aos moradores, que questionavam fortemente a capacidade política e administrativa da entidade e de seus dirigentes. Legalmente, inclusive, a Associação nem mesmo existia: seus sócios não quitavam suas anuidades há vários anos, e formalmente ela não possuía nenhum associado. Na mesma reunião em que Dolor Farias renunciou, foi montado um plano de apoio à Associação e sua diretoria até a assembléia de abril de 1994.

O planejamento de apoio e reerguimento institucional da Associação incluiu a implantação de uma sede administrativa em Cruzeiro do Sul, recursos e pessoal para treinamentos e trabalho de base, assessoria direta à presidência, auditoria na Cooperativa[23] e monitoramento institucional. Todo esse processo teve decisiva

[23] O processo de criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá foi fortemente apoiado na criação da "Cooperativa", uma rede de cantinas comunitárias que quebrou o monopólio dos "barracões" (ver Glossário). Essa primeira experiência de cooperativismo foi, por outro lado, alvo de controvérsias internas à Reserva, com acusações mútuas de mal gerenciamento. A auditoria realizada em 1993 era uma demanda dos moradores da Reserva. Uma análise parcial sobre a experiência da Cooperativa pode ser encontrada em Franco, 1992.

participação do Projeto de Pesquisa, que apoiou a Associação com recursos financeiros e humanos.[24] Em março de 1994, um mês antes da realização da VI Assembléia, equipes de mobilização e de (re)associação dos moradores foram enviadas a todos os cantos da Reserva, precedidas por uma intensa divulgação por rádio.

Foto 21: *Final da VI Assembléia Geral, em Abril de 1994, quando o plenário, de pé, sob forte emoção, votou e elegeu a composição da diretoria da Associação. No primeiro plano da foto, de boné verde, seu Milton.*

[24] Além da equipe do Projeto de Pesquisa, do conjunto da diretoria da Associação e de lideranças da Reserva, outras pessoas e entidades envolveram-se nesse processo: Raimundo Mendes de Barros, como representante do Conselho Nacional dos Seringueiros, participou da reunião que elaborou o plano de apoio à Associação e auxiliou os momentos iniciais de implantação do escritório em Cruzeiro do Sul; Dedê Maia participou de treinamento para diretores; Patrícia Coube participou de treinamento para lideranças, da elaboração de material de formação e da mobilização para a VI Assembléia; Alex Shankland, então coordenador da SSL, apoiou a consolidação do escritório da Associação e a realização da VI Assembléia; Virgínia Gandres trabalhou diretamente na estruturação do escritório e na elaboração de material de formação; Luis Ferreira realizou auditoria sobre a primeira experiência de cooperativa na Reserva e participou da mobilização para a VI Assembléia; Maria Clara Di Pierro (então no Cedi) coordenou um projeto de educação ambiental que capacitou lideranças; e Chico Ginú fez viagens de monitoramento institucional na Reserva.

Ao final, não seria demais dizer que a Assembléia foi um sucesso: 388 sócios legalizaram sua situação, representantes do CNPT/Ibama[25], do poder público e de ONGs parceiras fizeram-se presentes, e uma nova diretoria foi eleita, tendo Chico Ginu à frente da chapa vencedora, fruto de intensa negociação e composição com os demais concorrentes.[26]

Foi nesta Assembléia que pela primeira vez ouvi a designação *os Milton*. Nos momentos de tensão em que chapas rivais formavam-se para disputar a diretoria da Associação, encontrei-me com dona Nazaré, da família *dos Farias*, moradores do rio Bagé. Ela criticou o andamento da Assembléia, em especial a avaliação em plenário da Cooperativa, julgando que um grupo estaria se beneficiando de análises condescendentes. – *Quem?*, perguntei. – *Os Milton*, segredou-me. Pela primeira vez tomei consciência do uso local de patronímicos para se referir a todo um grupo de parentes.[27] E também da dimensão política desses grupos ao atuarem como coalizões de parentes.

Finda a Assembléia, para mim também se encerrava uma etapa do meu trabalho na Reserva. Com efeito, de agosto a dezembro de 1994 outras tarefas absorveram-me: em campo, coordenei uma equipe de pesquisadores, alunos de Mauro Almeida, que permaneceu na Reserva por seis meses consecutivos com o objetivo de recolher dados sócio-econômicos sobre o funcionamento das "comunidades" da Reserva.[28] Além do

---

[25] O Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais é vinculado diretamente à diretoria da Ibama e encarregado de encaminhar e gerenciar todos os assuntos e projetos relativos a Reservas Extrativistas.

[26] Sobre a VI Assembléia Geral e sua preparação, consultar Franco, 1994.

[27] Que depois percebi ser uma prática comum, como comprovam a existência *dos André*, *dos Adelino*, *dos Isaura*, *dos Ribeiro*, *dos Nascimento*, entre outros. Observe-se que às vezes o sobrenome, e não o nome próprio, é utilizado para nominar o grupo. Trata-se de um nome de família que é atribuído, e não de auto-identificação: ninguém diz "eu sou um *Ribeiro*", mas sim "eu sou o Plínio Ribeiro", e assim por diante.

[28] A equipe era composta por Eliza Mara Lozano da Costa, Maria Gabriela Jahnel Araújo, Marisa Barbosa Araújo Luna, Andréa Martini e Alexandre Goulart de Andrade.

trabalho de coordenação, também envolvi-me nessa atividade, tendo a oportunidade de conviver mais intensamente com outros grupos familiares do Tejo.

Do campo para a universidade

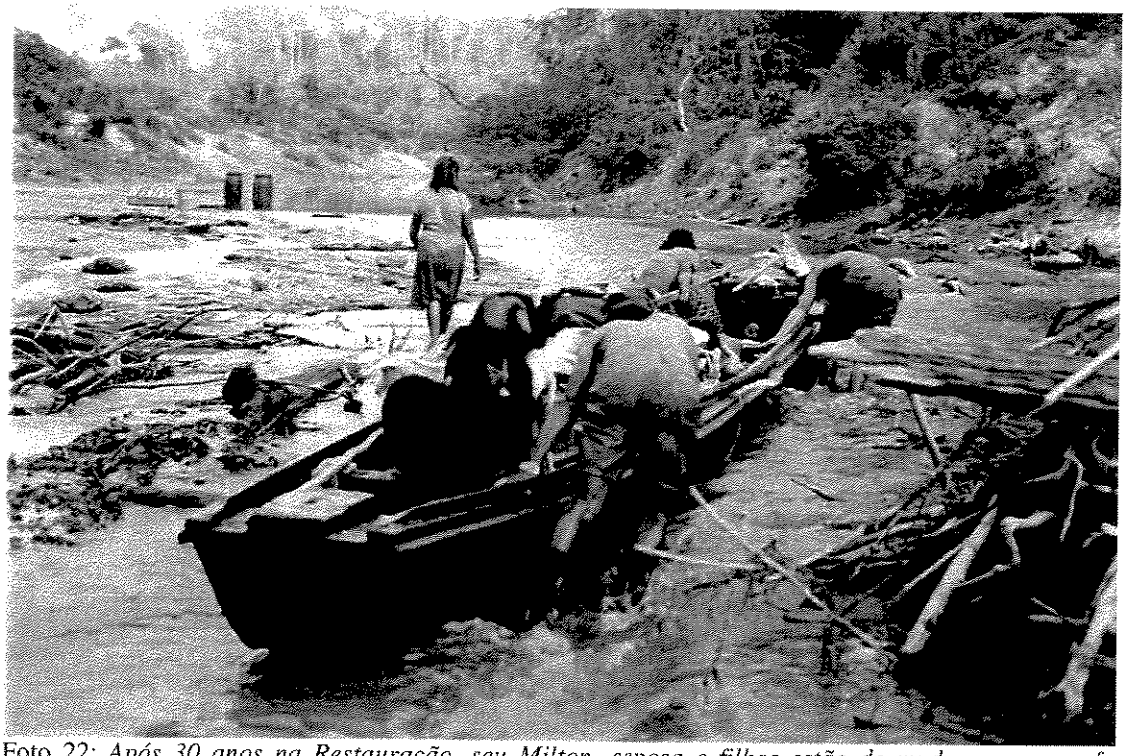


Foto 22: *Após 30 anos na Restauração, seu Milton, esposa e filhos estão de mudança para a foz do Machadinho. Na foto, arrastam a canoa Tejo acima: à frente, de vestido, dona Mariana; na popa da canoa, de botas, seu Milton; na proa, à esq., Osmildo, à dir., Cidoca. Dentro da canoa, pertences e animais.*

Após a VI Assembléia, seu Milton recebeu a oferta de Plínio Ribeiro para a compra de sua colocação na foz do Machadinho. Plínio era um antigo morador do Tejo e também um comerciante local (*marreteiro*); havia comprado uma casa em Cruzeiro do Sul e para lá estava de mudança. Nesta mesma época a produção de couro vegetal[29] começava a ser implantada na Reserva, e Osmildo era um dos produtores escolhidos. A

[29] O couro vegetal foi idealizado em 1992 pela empresa carioca Couro Vegetal da Amazônia S. A. como um produto da floresta a ser comercializado em larga escala. Inspirado no "saco encauchado" do seringueiro, trata-se de panos de algodão banhados com látex e artesanalmente defumados e vulcanizados, trabalho este que vem sendo realizado por seringueiros e índios em vários pontos do Acre e Amazonas. Em

foz do Machadinho surgia assim como o lugar perfeito para pai e filho se estabelecerem e reestruturarem-se economicamente: a venda da colocação incluía casas de moradia, uma casa de farinha, roçados e três estradas de seringa. Toda a região do Machadinho e alto Tejo, acima da Restauração, é conhecida pela fartura de caça; seu Milton sabia disso e tinha familiaridade com aquelas matas, onde inclusive já residira. Mas havia ainda outros incentivos a coroarem a iniciativa: o Daime confirmara para seu Milton que a decisão de mudar-se para a foz do Machadinho era acertada; e o beato Irmão José da Cruz, já em 1969, aconselhara: "se for pra descer um passo, suba dois".[30]

Em agosto de 1994, fiz questão de acompanhar – documentando e ajudando – a mudança, da Restauração para a foz do Machadinho, de seu Milton, dona Mariana, os netos Nirla, Alisson e Claudete[31]; os filhos Osmildo e Cidoca, este com seu esposa Francisca e seus filhos Maciléia, Macilene e Zé. Foram dois dias com uma canoa com capacidade para 800 quilos, que carregava, além de nós, um bode, uma cabra, galinhas e pertences dos migrantes; arrastamos muito a embarcação por cima de pedras e areia; era agosto, alto verão amazônico, os rios com pouca água, rasos.

Enquanto Plínio completava sua mudança, seu Milton, dona Mariana e netos instalaram-se na velha casinha que servira de núcleo da Cooperativa no local; Cidoca, Francisca e filhos foram morar numa casa vizinha, já um pouco velha, mas em boas

---

1994 , a CVA estabeleceu com a Associação um contrato para implantação da produção na Reserva. Para maiores detalhes, consultar Franco & Silberling, 1996.

[30] "Descer" significa ir a favor da correnteza e "subir", contra. Em 1968, o beato Irmão José subiu, à pé, o rio Juruá pela margem esquerda (de quem desce o rio), tendo chegado à Vila Thaumaturgo, na foz do rio Amônea, em janeiro de 1969, época da festa do Novenário. Lá o beato pregou, levantou um santo cruzeiro (como fez em diversos outros pontos do rio Juruá), realizou milagres e depois subiu o rio Amônea, nunca mais tendo voltado à região. Terminou seus dias junto a grupos Ticuna do Estado do Amazonas, onde fundou a Ordem da Cruz. Sobre a passagem do Irmão José no Alto Juruá, consultar Araújo, 1998.

[31] Nirla era a neta que dona Mariana e seu Milton criavam desde bebê; Alisson e Claudete também eram netos, filhos de Lurdes, que passaram a ser responsabilidade dos avós quando ela separou-se do marido Antonio Fontenele. Na Restauração viviam todos sob o mesmo teto; quando seu Milton e dona Mariana

condições por ser de madeira beneficiada. A mudança mais imediata foi a alimentar: depois que chegaram a foz do Machadinho, poucas foram as vezes em que Cidoca foi caçar e voltou sem nada. Quando não havia carne de caça, havia o peixe; com o tempo, havia também as *criações*, como galinhas e patos.

Com intervalos, pude acompanhar a instalação dos novos moradores. Foi nesta época que, como auxiliar de seu Milton, aprendi a plantar mandioca. Acompanhei também a recepção dos vizinhos, que teve, é verdade, momentos de tensão. Logo que chegou, numa festa, Osmildo e Zé de Luna, este membro de um extenso grupo de parentesco residente no Machadinho, brigaram numa festa e Osmildo saiu ferido de faca. Para mim, estava claro que a chegada do novo morador, agora um produtor de couro vegetal e dono de um estoque de *mercadorias*[32] para trocá-las por látex, era motivo de hostilidade por parte do homem que já trabalhara como ex-arrendatário de *estradas de seringa* (um pequeno *patrão*)[33], marreteiro, gerenciara um núcleo da Cooperativa, e se encontrava então endividado e sem mercadorias.

A conjuntura da mudança para a foz do paranã – como também é referido o Machadinho numa alusão ao fato de ser um rio abarrancado e de calha abaulada – foi também para mim um tempo de transformação nas minhas relações com o grupo familiar de seu Milton e dona Mariana. No *Novenário*[34] da Restauração, em agosto de 1994,

---

mudaram-se para a foz do Machadinho, Lurdes ficou com sua filha caçula, Carla, e Alisson e Claudete acompanharam os avós.

[32] "Mercadorias" são artigos de consumo necessários à vida no interior da floresta, em geral industrializados. Ver também Glossário.

[33] "Estradas de seringa" são caminhos abertos na mata ao longo do qual estão naturalmente dispostas as seringueiras exploradas pelos trabalhadores (seringueiros). "Patrão" é o nome local para a pessoa que gerenciava o seringal, ou parcelas dele, independente de ser ou não também proprietário da área. Ver também Glossário.

[34] "Novenário" é uma festa anual na qual, além da novena para o santo padroeiro da festa, ocorrem festas e um intenso comércio. Sempre há um grande afluxo de visitantes e moradores de locais mais distantes, sendo, portanto, uma ocasião marcante na vida social na floresta.

alguns dias antes da viagem de mudança para o Machadinho, descobri-me participando da vida familiar, comendo com eles em sua casa-cozinha, mais próxima de dona Mariana e filhas, conhecendo e mapeando, através de genealogias, os membros daquele grupo familiar.

Lembro que pela primeira vez experimentei farinha feita por seu Milton, muito boa por sinal; brinquei com ele: – *Não sabia que o sr. sabia fazer farinha?!* Quando fui com eles para o Machadinho, tomei consciência que nunca me sentira tão próxima da família.

Foto 23: *Em Setembro de 1994, ajudei seu Milton a plantar seu roçado de "roça" (macaxeira); juntos, num dia de trabalho, plantamos "mil covas de roça". Na foto, eu estou com uma velha mochila aonde estavam as "manivas" (pedaços do caule do pé de roça), que ia depositando nas covas que, a minha frente, seu Milton ia abrindo com a enxada.* (Foto: Milton Gomes da Conceição)

*

* *

Em uma noite de outubro de 1994, em uma improvisada casa de paxiúba na foz do Machadinho, alto rio Tejo, esta tese começou a ganhar corpo. Ali, na presença de seu Milton e dona Mariana, e de seus filhos Pedrinho e Osmildo, pudemos, eu e Mauro de

Almeida, expor a idéia sobre a qual dias antes conversáramos e avaliar, com os membros da família, as suas implicações.

No início daquele mês, quando a equipe de pesquisa de campo sob minha coordenação, dispersa pela Reserva desde agosto, teve a oportunidade de reunir-se na foz do Tejo para um seminário sobre as atividades de campo, era prioridade para mim dividir com Mauro minha visão sobre a evolução de meu relacionamento com o grupo de parentes chefiado por seu Milton e residente no alto rio Tejo. Ao recuperar minha trajetória nos anos de 1993 e 1994 na área, desenvolvendo pesquisas e realizando trabalhos de assessoria, confirmava-se uma convivência intensa com aquela família.

Seu Milton, como relatei, fora vice-presidente e depois presidente da Associação, período em que assessorei a entidade; viajamos juntos, descobrimos afinidades e nos tornamos grandes amigos. Seu filho Pedrinho viera, em 1993, trabalhar conosco no Projeto de Pesquisa, que instalou uma base física em sua colocação e contratou-o como zelador e piloto; a casa de Pedrinho e Maria passou a ser para mim um pouso certo, e logo nos tornamos compadres. O caçula Cidoca e sua esposa Francisca haviam sido por mim convidados a integrar a equipe local de "monitores socioambientais" que o Projeto de Pesquisa começou a formar a partir de meados de 1994[35]. Batizara Marco Antonio, o primeiro filho da nova união conjugal de Antonio com Mariazinha, e fora madrinha de crisma de Lizanéti, filha de Damião e Francisca. Conforme já dito, com muitos deles participava de rituais familiares com "Cipó", tendo sido por eles iniciada nesta cultura amazônica. Acompanhara pessoalmente a mudança de parte dos grupos domésticos para

[35] Como parte das atividades de monitoramento socioambiental da Reserva, o Projeto de Pesquisa começou a recrutar moradores interessados em estudar e colaborar no desenvolvimento de métodos de monitoramento participativo. A partir de 2000, essa atividade transformou-se num projeto com financiamento próprio (ver Box 2).

a foz do Machadinho, e estava a reunir dados sobre a unidade de produção de couro vegetal gerenciada por Osmildo.

Quando procurei Mauro, minha preocupação circunscrevia-se à preservação de minha identidade de pesquisadora e da qualidade de meu trabalho, que julgava ameaçadas pelo grau de conhecimento e aproximação cada vez maior daquela família. Temia uma associação íntima que viessem a prejudicar meu acesso a outros grupos extensos de parentesco, um deles, inclusive, naquele momento em conflito com *os Milton*. Receava também que meu próprio olhar antropológico pudesse estar sofrendo de *bias*. Como lidar com aquela experiência de convivência que eu relutava em abandonar? Foi, portanto, com certo atordoamento, mas também profundo alívio, que vi Mauro inverter minhas preocupações, contextualizando-as academicamente e abrindo novas possibilidades de investigação. O projeto de doutorado – e, anos mais tarde, esta tese – nasceu deste desafio: por que não tirar partido da profunda intimidade que fora criada entre eu e aquelas pessoas?[36]

De um momento para o outro, reposicionei-me diante da minha experiência. Estranhamente, nunca pensara antes em tê-los como alvo de investigação, ou por meio deles investigar temas de meu interesse. Surpreendi-me quando Mauro chamou minha atenção para a quantidade e qualidade de informações que eu reunia sobre aquele grupo de parentes, mesmo nunca tendo me preocupado em registrar sistematicamente a trajetória de nosso contato. Tivera meu primeiro contato com eles ainda em 1991, e desde abril de 1993 convivíamos mais intensamente. Creio que cheguei quase naturalizar minhas relações com aquela família. Com o tempo, tornei-me amiga, comadre e conselheira; e eles abriram para mim a possibilidade da intimidade com o seringal e a

vida de seus moradores. Pude acompanhar passagens significativas nas vidas de vários membros da família, como doenças, casamentos, nascimentos e migrações. Com vários deles percorri, à pé e de canoa, os caminhos e igarapés da Reserva, e à muitos de seus habitantes fui por eles introduzida.

Toda esta convivência começou a ganhar um novo contorno: o de metodologia e material de pesquisa. Justamente o que era a fonte de minha preocupação – muita convivência, proximidade e identidade – surgia como pré-requisito para saber o que eu sabia, para ter acesso à informações que eu tinha, para conhecer aquelas pessoas da forma que eu conhecia. Mais que isso, abria-se a possibilidade de atrever-me a aprofundar este conhecimento, extrair dados e informações que de outra forma talvez fosse impensável obter.

Dei-me conta de que este conhecimento estava em mim, na minha mente e recordações, nas fotos que incansavelmente tirava, disperso em escritos nos cadernos de campo dos últimos anos, mas muito pouco sistematicamente registrado. O formato de um projeto futuro de estudo ainda inexistia, mas a intuição de que a idéia tinha fundamento e de que estava de posse de um rico e estimulante material deram-me disposição para em poucos dias encher páginas e páginas de caderno de campo com informações sobre biografias individuais, eventos significativos e minhas impressões pessoais e meus primeiros contatos com cada seu Milton, dona Mariana e cada um dos seus filhos.

Mas todo este esforço exigia, antes de tudo, negociação. A família, em particular o núcleo da parentela – pai, mãe e filhos –, precisavam estar cientes da nova visão que

[36] Consultar Franco, 1995.

começava a ter sobre nossa relação.[37] Nos passos futuros que eu e Mauro antecipávamos (redação de um projeto de pesquisa, candidatura ao doutorado e redação de uma tese), a cooperação deles para um produto final de qualidade seria imprescindível; era, portanto, fundamental que confiássemos uns nos outros.

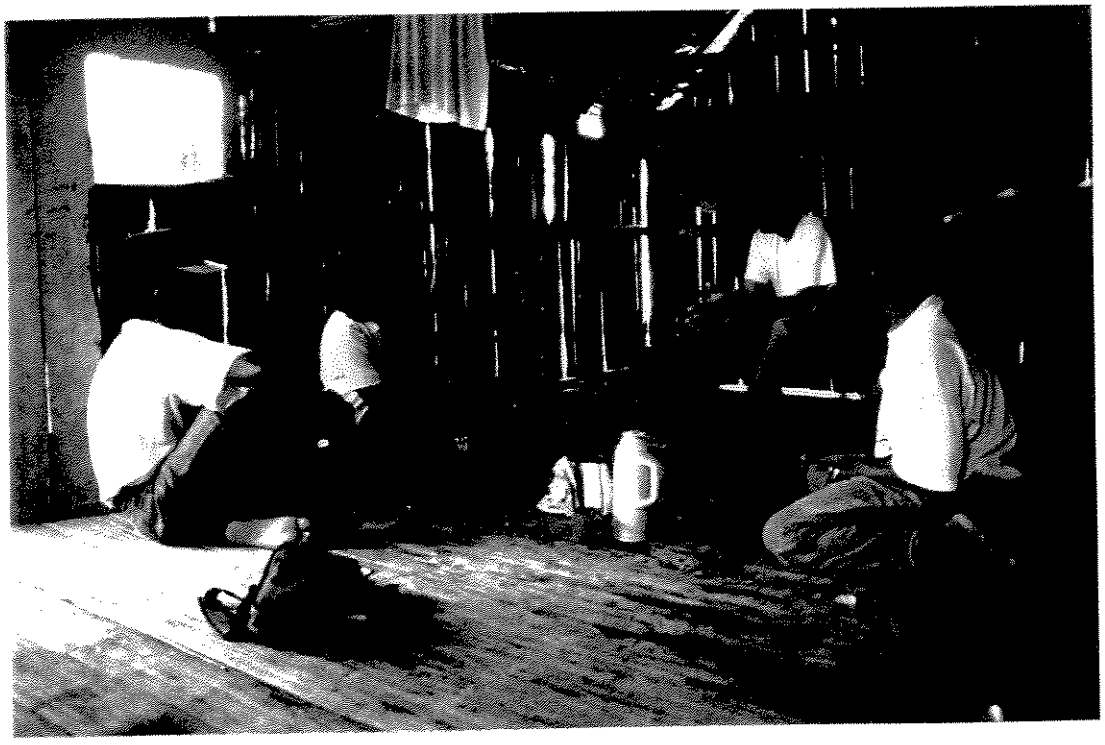


Foto 24: *Na Foz do Machadinho, em Outubro de 1994, Mauro Almeida (sentado na rede) explicou para seu Milton (à esq. de Mauro), Pedrinho (à porta) e Osmildo (à dir. de Mauro) os objetivos de uma tese de doutorado, no caso, a minha.*

Nas duas reuniões (outubro de 1994 e janeiro de 1995) que tivemos com seu Milton, esposa e alguns de seus filhos, Mauro, perante eles, assumiu sua posição de meu orientador, explicou o que era um doutorado e uma tese. Explicou a diferença entre o que eu fazia antes, pesquisando para o Projeto de Pesquisa, e a nova pesquisa que faria sobre eles. Perguntas e esclarecimentos foram feitos; comprometemo-nos a submeter a eles a

[37] Uso aqui o termo "parentela" propositadamente para chamar atenção para um outro aspecto do grupo de parentes chefiado por seu Milton. Ver-se-á na tese, mais especificamente no último capítulo, que *os Milton* como grupo social tem uma dimensão política fundamental (cf. Queiroz, 1975): ele emerge no cenário público nos anos de 1980, num contexto das lutas dos seringueiros da bacia do rio Tejo contra os *patrões* e

versão final da tese[38]; acordos sobre divulgação de informações e direitos autorais em caso de publicação foram estabelecidos.

Ali o projeto de doutorado e esta tese foram, portanto, negociados e, antes mesmo de começar a elaborar o projeto, cursar o doutorado ou redigir a tese, os trâmites finais já estavam acertados.

Os seringueiros na história?

Em 1995, ao começar a preparar o projeto de doutorado, minha intenção era escrever histórias individuais de alguns *dos Milton* e ir estabelecendo pontes entre essas biografias, a trajetória do grupo familiar e a história regional. A primeira questão com que me deparei foi, contudo, a própria ausência dos seringueiros na história da Amazônia.

Pode parecer paradoxal a afirmação de que os seringueiros foram relegados a uma posição de invisibilidade histórica, já que a história dos seringais amazônicos é na aparência bem conhecida, chegando a se tornar um lugar-comum. Muitos leram as páginas clássicas de Euclides de Cunha, onde o seringueiro é classificado de solitário, apático, vivendo isolado do convívio humano, sem existência social, portanto, em desventura, como que "excomungado". O autor descreve uma sociedade "torturada", estacionada, "sem destino, sem tradições e sem esperanças". Essas imagens de desolação, e mesmo de ausência de cultura, refletiriam um processo violento de exploração e conseqüente estagnação cultural. O seringueiro viveria, segundo Euclides da Cunha, sob

---

da implantação da Cooperativa. Nesse período, seu Milton e filhos tiveram destacada participação e assumiram diversos cargos de gerência, acumulando prestígio e poder, além de críticos e opositores.

[38] Pretendia poder fazer isso antes da defesa de tese, mas não foi possível. Consegui contudo fazer chegar as mãos deles fragmentos desta versão, que espero depois da defesa entregar em cópia definitiva e integral.

um sistema de dominação descrito como "a mais criminosa organização do trabalho que engenhou o mais dasamaçado egoísmo".[39]

É verdade que Plácido de Castro, já em 1907, acusou Euclides de utilizar informações de segunda mão de maneira superficial, mas ninguém leu seus relatórios, assim como ninguém leu os relatórios de Thaumaturgo de Azevedo, de 1904 e 1905, os quais apontavam para protestos e resistência por parte dos seringueiros ao regime de seringais.[40]

Na década de 1960, entre os autores que se detiveram sobre a história da Amazônia, a preocupação básica foi com as fases econômicas pelas quais passou a região, e com "ciclo da borracha" em particular.[41] Sobressai a preocupação com a "função" da história amazônica para o desenvolvimento da economia nacional. Celso Furtado, ao analisar o ciclo da borracha sob a perspectiva da problemática do aumento da oferta de mão-de-obra na economia brasileira, afirma que a ocupação dos seringais amazônicos por populações nordestinas no início do século "consistiu basicamente em um enorme desgaste humano", já que tais populações, para ele, teriam sido mais produtivamente empregadas nas fazendas de café do sul do país.[42]

Caio Prado Jr. enfatiza o caráter efêmero da prosperidade gerada pela economia da borracha, que ele compara a um "castelo de cartas", onde proprietários e comerciantes

---

[39] Consultar, por exemplo, Cunha, 1986[1906], p. 213-215 e 1986[1909b], p.76-81.
[40] Cf. Cunha 1986[1909c], p.36; Castro, 1930[1907] e Thaumaturgo de Azevedo, 1905 e 1906. Consultar Almeida (1999) sobre a trajetória intelectual de Euclides da Cunha e os temas relativos à Amazônia, e aos seringais em particular, por ele discutidos. As raras referências à parte ativa dos seringueiros na resistência contra o regime de seringais incluem Mary Allegretti, 1979; Mauro Almeida, 1993; e Cristina Scheibe Wolff, 1999.
[41] A noção de "ciclo" é criticada por João Pacheco de Oliveira por ser um "modelo de organização" dos fatos históricos relativos à produção da borracha que filtra e incorpora esses mesmos fatos de uma forma "pré-definida, excluindo sistematicamente de consideração aqueles fenômenos que pudessem refutar ou relativizar seu valor heurístico" (Oliveira Filho, 1979, p.102).
[42] Furtado, 1980[1961], p. 156.

são comparados à parasitas de uma riqueza fácil, e do qual sobrará "apenas ruínas". O autor, inclusive, nega qualquer importância ao ciclo da borracha para a história econômica nacional, considerando-o antes um "assunto de novela romanesca".[43]

Tanto Celso Furtado como Caiu Prado Jr. Parecem concordar quanto ao equívoco econômico que teria significado os grandes investimentos realizados na produção de borracha na Amazônia. Há algo que os unifica: a ausência de referência às pessoas que se envolveram naquele empreendimento. Elas estão ausentes da história, a não ser, segundo Caio Prado Jr., como uma "população miserável de trabalhadores", que passivamente permanece nos seringais durante aos anos de crise da borracha devido à falta de alternativas ou de condições financeiras de retornarem aos seus locais de origem, "regredindo às formas mais primitivas de economia de subsistência, que é a do homem que vive na floresta tropical", nas palavras de Celso Furtado.

Há, contudo, leituras da história da região amazônica com menos ênfase no aspecto econômico, como a de Barbara Weinstein, que associa a ausência de "modernização" dos seringais a partir do *boom* da borracha – fato apontado pelos autores acima – às resistências por parte dos comerciantes de Belém e Manaus, que nunca teriam aceitado estar subordinados ao comércio e indústria internacionais, e também dos seringueiros no interior da floresta, entre cujos interesses encontrava-se a manutenção de uma relativa autonomia frente aos proprietários dos seringais.[44]

Segundo Mauro Almeida, enquanto Weinstein enfatiza razões de ordem social para explicar a ausência de desenvolvimento capitalista na Amazônica, Warren Dean centrará sua análise em justificativas de ordem mais ambiental que impediram a

[43] Prado Jr., 1979[1960], p. 246-7.

"modernização" dos seringais.[45] Segundo Dean, a barreira ao desenvolvimento econômico era ecológica: as pragas que condenavam ao fracasso a domesticação em plantations das espécies amazônicas selvagens. Contudo, ainda segundo Almeida, Dean não destacou o fato de que as iniciativas fracassadas e ditas de "modernização" eram baseadas em modelos de produção em grande escala, com grande investimento de capital, e não em sistemas mais ambientalmente adaptados à região, como as economias florestais domésticas, que provavelmente já estavam obtendo resultados mais favoráveis.[46] Estas alternativas nunca apareceram na história da região porque seus principais atores, os seringueiros, estavam excluídos dos esquemas de poder e foruns de decisão.

Em vez de descrições apoiadas na experiência direta e prolongada na região (e disponível em relatos publicados de missionários, administradores e ex-seringueiros), a imagem introduzida por Euclides da Cunha fez escola e foi confirmada por outros observadores, em tom literário. As descrições têm às vezes um tom melancólico, como em Claude Lévi-Strauss, que conclui sua breve descrição de um seringal do rio Madeira com a afirmação de que se sentia transportado no tempo para um porto das Índias Ocidentais do século XVIII. Ou então recriam nas narrativas um ambiente onde a "selva" surge quase que com vida própria, sufocando e aprisionando homens, cuja meta única é dela escapulir, com ansiava ardorosamente o personagem de Ferreira de Castro.[47]

Eric Wolf, escrevendo sobre os índios Mundurucú e sua integração ao sistema de seringal, embora afirmando – conforme Marshall Sahlins aponta – estar preocupado em vê-los como "agentes históricos" do seu destino, fornece ao final uma visão onde aquele

---

[44] Weinstein, 1993. O período de *boom* da borracha foram os anos posteriores a 1880, quando a produção e exportação de borracha alcançaram seu apogeu.
[45] Cf. Almeida, 1993 e Dean, 1987.
[46] Consultar Almeida, 1993 e 2000.

grupo indígena sofre o impacto e acaba absorvido pela empresa seringalista, agindo reflexamente ante os grandes ciclos mundiais.[48] Sahlins, em artigo sobre os efeitos do capitalismo do século XIX sobre diferentes sociedades do Pacífico, condena veementemente a tradição historiográfica que "inscreve as ações dos ilhéus [nativos] nas noções dos ocidentais", negando-lhes qualquer integridade cultural.

Embora escrevendo em períodos históricos distintos, os autores acima citados poderiam ser objeto da crítica de Sahlins. Em todos os casos, há uma redução da realidade do seringal à idéias e noções pré-concebidas, sem qualquer preocupação com a compreensão da forma como os sujeitos concretos – seringueiros e seringalistas – vivenciavam, interpretavam e davam sentido à sua situação de vida. Esta perspectiva vem sendo introduzida mais recentemente, e esta tese increve-se nesta nascente tradição, na qual a tese de doutorado de Mauro Almeida é o marco fundador. Esses trabalhos, acredito, estão a fazer escola, e história.[49]

*

* *

---

[47] Cf. Lévi-Strauss, 1998[1955], p. 346-351 e Ferreira de Castro, 1972[1930].

[48] Cf. Wolf, 1982: 325-29 e Sahlins, 1988. Robert Murphy, juntamente com Julian Steward, escreveu um artigo clássico estabelecendo a conexão entre atividades extrativistas para o mercado e a ausência de estrutura social acima do nível de grupos domésticos isolados – já que trabalhadores extrativistas seriam, em virtude do sistema de *barracão* e da rarefação dos recursos, condenados à atomização, apenas desfrutando de um arremedo de vida social durante as visitas ao posto comercial (Steward & Murphy, 1977, p.153-ss).

[49] Cf. Almeida, 1993. Na trilha aberta por Mauro Almeida, surgem uma série de outros trabalhos (teses, artigos, projetos, livros) que enfocam diferentes aspectos da sociedade e da história dos seringais com base na prática da observação etnográfica prolongada e intensivamente participante. Ver, por exemplo, Franco, 1994a, 1995 e 1997; Martini, 1998; Costa, 1998 e 1999; Araújo, 1998; Wolff, 1997, 1999 e s/d; Wolff & Franco, 2000; Postigo, 1999; Luna, 2000; Barbin Jr., 1999; e Carneiro da Cunha & Almeida, 2001. Outros trabalhos que poderiam ser agrupados a esses foram desenvolvidos em outras regiões acreanas, e junto a populações indígenas, como o livro de Terri Valle de Aquino & Marcelo Piedrafita Iglesias sobre os Kaxináwa do rio Jordão (Aquino & Iglesias, 1994), ou trabalhos orientados pela professora Nádia Farage, direcionados para o enfoque dos conflitos sociais e sua visão indígena – como a dissertação de mestrado de Juliana Schiel (Schiel, 1999).

Durante toda minha estadia junto aos moradores do rio Tejo, e especialmente durante o período de pesquisa de campo para esta tese, sempre me interessaram os aspectos da vida social local. Com o passar do tempo, a imagem da vida no seringal que se formou para mim passou a incluir missas, casamentos e batismos; o Novenário como evento sagrado e profano, com rezas, procissão, comércio, cachaça e namoros; as festas de aniversário, juninas e de vizinhança, com sanfoneiro, comes e bebes; as viagens à pé pelos seringais para visitar parentes ou comparecer a eventos comemorativos; os detalhes do dia-a-dia do seringueiro e da convivência, cordial e conflituosa, entre serigueiros, patrões e marreteiros.

Apesar das narrativas e análises negativas, mesmo deprimentes, que estão em obras de Euclides da Cunha e Ferreira de Castro, na convivência e conversas com as famílias de seringueiros que conheci nunca pude comprovar o que diziam estes autores.[50] Por outro lado, em relatos de viajantes no rio Juruá, nem sempre é possível encontrar referências à dinâmica da sociedade de seringal. Este é o caso do importante relatório do General Belarmino de Mendonça, que chefiou em 1904 a Comissão Mista Brasileira-Peruana de reconhecimento do rio Juruá (chefiada por Euclides da Cunha para o rio Purus), que não contém uma seção designada para o tema, em contraste com a abundância de aspectos florísticos, faunísticos, geológicos e climatológicos. Mas, por ser um relato de primeira mão, uma boa garimpagem sempre revela algumas preciosidades.[51] Outros relatos são, em si mesmos e por seu conteúdo, verdadeiros tesouros etnográficos, como é o caso dos escritos dos missionários J. B. Parissier e C. Tastevin, do ex-

[50] Uma visão da "tragédia" da fronteira pode ser encontrada em Martins, 1997.
[51] Cf. Mendonça, 1989[1907], p.113 e 280, por exemplo. O historiador acreano João Craveiro da Costa fornece alguns elementos sobre o povoamento do Juruá, porém muito poucos, como a formulação de que a

seringueiro Alfredo Lustosa Cabral e do administrador Gregório Thaumaturgo de Azevedo.

Claro que há uma distância espacial entre os seringueiros e seringais do rio Juruá, do rio Purus, percorrido por Euclides da Cunha, e do Madeira, onde viveu e trabalhou por algum tempo Ferreira de Castro. Esta constatação poderia nos levar a concluir, em primeiro lugar, que provavelmente o regime de seringal se atualizou de formas diferentes nas distintas regiões gomíferas da Amazônia, o que não deixa de ser verdade.[52]

Em segundo lugar, há uma outra distância, a temporal: a realidade histórica dos primeiros tempos dos seringais era diferente da vivenciada pelos seringueiros que eu conheci, gerações descendentes dos pioneiros.[53] Concordo com esta afirmação, apesar do testemunho de Alfredo Lustosa Cabral, que narra, sim, dificuldades, mas não desespero e falta de esperança. De toda forma, é verdade, não conheci ou entrevistei os cearensos pioneiros, além de, óbviamente, ter tido acesso à realidade daqueles anos somente por vias indiretas, mediadas. Não duvido que a vida nos seringais nos primórdios destes fosse dura, em especial para aqueles que chegavam nas florestas vindos do sertão nordestino.

---

um "nomadismo" inicial, sucedeu-se a sedentarização e a prosperidade de núcleos de povoamento (Costa, 1940, p.102-9).

[52] A hipótese é que há diferenças acentuadas, como demostraria uma releitura, agora direcionada para essa questão, das obras já citadas de Ferreira de Castro e Euclides da Cunha, e também, por exemplo, de Thaumaturgo de Azevedo, 1905 e 1906, e Charles Wagley, 1988[1953]. No âmbito do próprio rio Juruá diferenças foram identificadas (cf. Almeida, 1993, p.20-23 e Cabral, 1984[1949], p.118). A ausência de mulheres nos seringais, outro senso comum, não pode ser simplesmente afirmada ou negada, como demonstrou Cristina Wolff, 1999.

[53] João Pacheco de Oliveira Filho (1979), refletindo sobre a noção de fronteira quando aplicada à expansão do extrativismo gomífero na Amazôna, identifica diferenças entre modelos de seringal: o "seringal caboclo", característico do início da produção gomífera nos vales dos rios amazônicos, por uma população nativa e articulado com atividades agrícolas de subsistência; e o "seringal de apogeu", que se impõem a partir de 1880, ocupando os altos rios, utilizando mão-obra importada (nordestinos) para a uma produção quase que exclusiva de borracha. Mauro Almeida (1993) também propõe uma periodização para o Alto Juruá, com ênfase para o período entre-guerras (1914-1943) como de "peasantization" dos seringueiros num contexto de patrões enfraquecidos e seringueiros cuja vida social e autonomia são fortalecidas. O regime "de apogeu", ainda segundo este autor, teria conhecido uma volta com o protecionismo estatal a partir de 1943 e a volta da hegemonia patronal, com repressão aos seringueiros. Essas mudanças de

Nenhum antropólogo poria em dúvida o estranhamento que deve ter se produzido. Havia também os índios, uma situação bem concreta de insegurança e risco de vida. Havia ainda a saudade de parentes, conhecidos e do próprio Nordeste. Mas teimo em afirmar que havia esperança e disposição para construir uma nova vida.

Box 3: Testemunhos pessoais

Testemunhos pessoais

Assim reagiu o antropólogo Txai Terri Vale de Aquino ao ler uma versão preliminar de parte desta tese: "Ao ler o segundo capítulo, fiquei ligado também na minha trajetória familiar: meu avô do tempo dos 'seringueiros brabos' do início do século, e meu pai do tempo do arigós soldados da borracha da Segunda Guerra Mundial; meu avô fez de tudo no seringal: foi seringueiro, comboeiro, noteiro, toqueiro, copeiro ...; meu pai foi um daqueles aventureiros, que logo depois de prestar serviço militar no Recife, foi iludido pela propaganda oficial e veio pro Amazonas, migrando pra Rio Branco, onde se tornou soldado de carne e osso (não de borracha) da Guarda Territorial do Acre".

Mauro Almeida também quis dar seu depoimento pessoal: "Minha avó paterna Maria Idalina, que casou com 12 anos e viveu em seringal como mulher de seringueiro durante uns 40 anos, descrevia com profunda saudade sua vida no seringal, que era o único assunto de que falava com prazer. Em conversas com ela notei duas coisas: primeiro, que ela lembrava vividamente o momento em que começaram a fazer farinha e deixaramde comer farinha d'água azeda, e passaram a ter muita fartura. A outra é que meu avô paterno saiu do seringal com saldo antes de se dirigir à periferia agrícola de Rio Branco para se tornar colono. Tudo isso – abundância alimentar, saldo – formava um paradoxo em comparação com as descrições [de Euclides da Cunha]. Mas o "momento da mudança dava uma pista; além disso, as descrições de minha avó sobre o horário de trabalho de meu avô (saía a meia-noite para cortar seringa) mostrava que a rotina de trabalho era inacreditável para nós (pelo menos para mim parecia invenção ou exagero dela). É interessante que esse lado da família, o do avô paterno seringueiro, urbanizou-se e subiu de vida na crise. Já o outro lado da família, o da avó mulher de seringalista e gente boa vinda do Ceará, empobreceu com a crise".

A história de vida de dona Raimunda, de seu Milton e de dona Mariana desenrola-se num contexto onde o seringal já está funcionando há pelo menos uma geração de nordestinos. Suas vidas comportam passagens difíceis e dramáticas, tristezas e decepções, despedidas e saudades. Mas aprendi com o exemplo deles, com eles conversando, os ouvindo e observando, que não atribuem um sentido trágico a sua existência. Muito pelo contrário: enchem a vida de significados e dela se orgulham. Serão eles muito diferentes

sistemas, combinadas com variações regionais, sugerem que houve talvez mais espaço do que se costuma admitir para as variações nas relações de trabalho e poder nos seringais.

de nós? Olhando seu passado, quem não procura construir um sentido para o que ocorreu? Não é este sentido parte de um projeto mais geral, pessoal, de busca da felicidade?

Em terceiro lugar, se poderia argumentar que seringueiros como Alfredo Lustosa Cabral, nascido na Paraíba, pôde retornar a sua terra natal e lá ter uma carreira bem-sucedida. E o mesmo não ocorreu com Ferreira de Castro? Ler a apresentação de "A Selva" escrita pelo próprio autor para a edição comemorativa de 1955, é constatar facilmente que a experiência nos seringais foi dramaticamente marcante para Ferreira de Castro, que dela jamais se esqueceu, para sua felicidade e tormento, como ele próprio admite. O ponto aqui é que, assim como fazemos sínteses pessoais de nossas vidas em que há "felicidade e tormento", também para os seringueiros anônimos a vida é descrita de maneira complexa e multifacetada.

Finalmente, quero mencionar uma potencial acusação contra o enfoque adotado nesta tese: o da idealização da vida no seringal por parte de uma mulher branca e urbana, eu. Creio, contudo, que não incorri neste equívoco básico, contra o qual a formação antropólogica tanto nos alerta e treina. O Alto Juruá não foi minha primeira experiência de campo, embora, é verdade, conhecer a região tenha sido um choque de exotismo em comparação com os sem-terra do Paraná e os pescadores de Maricá (Rio de Janeiro), junto aos quais realizei pesquisa de campo, trabalhos de assessoria e reflexão acadêmica.[54] Não vivi nos seringais por alguns poucos dias ou meses, e sim durante anos.[55] Vivenciei encantamentos e desencantamentos com a vida e os moradores locais;

[54] Cf. Franco, 1992.

[55] Meu tempo de trabalho de campo, que totaliza 36 meses, foi assim distribuído: setembro-outubro de 1991 (cadastramento), dezembro de 1991 (assessoria em assembléia), maio de 1992 (encontro regional), abril de 1993 a março de 1995 (coordenação de equipe de pesquisa, assessoria, diagnósticos, estudos de caso,

espantei-me com as carências materiais e ausência de cidadania; noutros momentos agradeci por estar ali, tendo aquela oportunidade; noutros ainda sofri de saudades do meu mundo urbano e família. Nunca estive sozinha, sem interlocução, esta sempre garantida pelo meu orientador e colegas de profissão, pela rede de amigos que construí no Acre, onde morei por dois anos, e pelos projetos de intervenção que ajudei a criar, implantar e avaliar.[56]

Na minha opção inicial de dedicar meus esforços de pesquisa e período de vida aos seringueiros do Alto Juruá, três motivações foram determinantes: a pessoal, a intelectual e a política. Foi esta combinação que me moveu, sempre. Sob esta tríade formei-me como pessoa e como profissional.

Conceitos e teoria para uma tese

Traçarei agora rapidamente o percurso teórico e metodológico dessa tese, que, vimos, começou ainda em campo. O passo seguinte foi a redação do projeto de doutorado, que continuou sendo revisto ao longo do curso propriamente dito. O processo de definição da tese sofreu ainda o impacto da viagem de campo realizada em 1998, e foi encontrando um formato final no momento da redação do texto da tese.[57]

---

surveys etc), junho-julho de 1995 (parecer antropológico), janeiro de 1996 (treinamento), julho de 1996 (diagnóstico e treinamento), fevereiro de 1997 (avaliação de projeto), abril a agosto de 1998 (pesquisa), dezembro de 1998 (avaliação de projeto) e abril de 1999 (assessoria em assembléia). Nesse tempo, além de conhecer e viajar na Reserva Extrativista do Alto Juruá, visitei ainda parte do Parque Nacional da Serra do Divisor (rios Juruá Mirim, Ouro Preto, parte do rio Juruá), o Paraná dos Moura e a Terra Indígena dos Nukini, no rio Moa.

[56] Cf. Franco, 1995a, 1997a e 1999; e Franco & Silberling, 1996.

[57] Comecei a cursar o Doutorado em Ciências Sociais em março de 1996, inscrevendo-me em disciplinas ao longo dos dois primeiros anos. No final de 1997, fiz o Exame de Qualificação. De abril a agosto de 1998, fiz uma viagem de campo onde visitei exclusivamente a família de seu Milton para fins de pesquisa para esta tese. Após organizar o material de pesquisa (entrevistas, fotos, documentos, genealogias, mapas) e analisá-lo previamente, em janeiro de 2000 comecei a redigir o texto da tese.

Meu objetivo inicial era, partindo *dos Milton* e do Alto Juruá, discutir as relações possíveis entre trajetórias individuais, estratégias familiares e mudanças históricas.[58] A primeira questão que enfrentei foi a da viabilidade de reconstruir períodos históricos a partir de biografias individuais, ou, dito de outra forma, de compreender a experiência coletiva enfatizando a singularidade e os pequenos eventos da vida social. Dei-me conta então de que minhas preocupações estavam envoltas numa problemática maior das ciências sociais: a das relações entre indivíduo e sociedade.[59]

No percurso dessa tese, aos poucos fui percebendo que, mais do que lidar com oposições e dicotomias conceituais, eu estava interessada em, a partir da história de uma família, encontrar uma certa liberdade subjetiva e uma certa singularidade da experiência daquelas pessoas; em escrever uma história que não fosse dada *a priori*, mas que deixasse espaço para a liberdade do sujeito na sua relação com as determinações sociais; e também em contar histórias que não queria ver perdidas, em trazer à luz pessoas e experiências históricas que ainda não vira registradas. Para clarear e realizar esses objetivos, mediações teóricas e conceituais fizeram-se necessárias, e para tal alguns encontros foram fundamentais.

Comecei pelos historiadores. George Duby mostrou-me que era possível dialogar com toda uma época a partir da compreensão de histórias individuais, perspectiva que

---

[58] Franco, 1995.

[59] Enfrentar a problemática da oposição indivíduo e sociedade era arriscado. Trata-se de uma questão clássica da sociologia, na qual se inclui a dificuldade com o conceito de "indivíduo". No Exame de Qualificação, realizado em dezembro de 1996, a professora Jeanne Marie Gagnebin alertou-me para o fato de que a noção de "indivíduo" em geral está muito marcada pelo liberalismo consumista, e que o mais prudente seria permanecer no terreno da dialética entre o singular e o universal, onde a noção de "sujeito" poderia ser uma alternativa: o sujeito representando um fator de liberdade e autonomia, e não completamente determinado pelo contexto social. Não abandonei o conceito de indivíduo, e quando o uso tenho em mente sujeitos singulares num meio social.

também encontrei nas obras de Norbert Elias e Carlo Ginszburg.[60] O personagem biografado por Duby a partir de fontes documentais, o cavaleiro Guilherme Marechal, chegou a ser regente da Inglaterra, fato bastante incomum numa sociedade tão hierarquizada. Que acontecimentos tornaram isso possível? Não só circunstâncias particulares produziram-se, como também Guilherme era um cavaleiro com traços pessoais e experiências de vida únicas. O contexto, claro, era imprescindível para compreender a trajetória de vida, mas também Guilherme com ele interagiu, submetendo-se, negociando, conflitando ou invertendo as regras sociais de seu tempo. O exemplo do cavaleiro inglês também era sugestivo noutro sentido, qual seja: o de que a história oficial, onde regras e comportamentos são muitas vezes reificados, pode ganhar nova vida e concretude quando revisitada à luz de experiências individuais.

Ainda no campo da história, Carlo Ginzburg pergunta-se sobre o significado de trabalhar com uma história de vida: seria o biografado uma espécie de síntese da sociedade de seu tempo e lugar, ou mesmo de seu grupo social? Ou, nas palavras do historiador italiano, "um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico"?[61] O autor tende a refletir sobre o indivíduo com ênfase no seu pertencimento social, e irá afirmar que mesmo a singularidade tem contornos muito claros dados pela cultura de seu tempo.

Em livro sobre Mozart, Norbert Elias objetiva sociologizar a noção de genialidade, retirando dela a idéia de algo intrínseco à pessoa. Mas o autor não cai numa explicação histórica totalizante sobre a genialidade do compositor austríaco, e sim mostra como a sociedade em que Mozart viveu possibilitou a ele expandir sua genialidade

[60] Duby, 1987; Elias, 1995; e Ginzburg, 1987. Consultar também o livro de Natalie Zemon Davis (1987) sobre o "camponês" Martin Guerre.

musical, lapidada no espaço familiar, e também limitou essa expansão.[62] O processo histórico tem assim ressonâncias individuais: se as pessoas estão envoltas em configurações sociais, não é menos verdade que o fazem com trajetórias de vida particulares.

Após essa breve e sugestiva incursão, cheguei, enfim, nos antropólogos. Em Sidney Mintz, encontrei formulações sobre a relevância de um estudo de caso – uma história de vida – para a história mais geral de um segmento social.[63] O mote para a pesquisa da história de vida de Don Taso, um canavieiro porto-riquenho, foi uma dúvida em sua trajetória: por que se convertera ao Pentecostalismo? Mintz recusa-se a considerar Don Taso um caso típico, ou médio, mas insiste na idéia de que ele seria "representativo de seu tempo, de seu lugar e de seu povo". Neste sentido, a justificativa para a opção religiosa teria que ser encontrada na experiência social do biografado. Mintz propõe-se então a escrever uma "história dentro da história", entendendo que processos de mudança social mais amplos estariam espelhados na história de vida.

Li também o livro de Oscar Lewis sobre a família Sanchez.[64] Logo na introdução da obra, Lewis explicita sua perspectiva ao defender o conceito de "cultura da pobreza", querendo dizer com isto que nos países subdesenvolvidos – onde o processo de industrialização foi acompanhado de concentração de renda e exclusão social, econômica e política, levando enormes contingentes de pessoas a viver em dramáticas condições de pobreza – suas populações, ao contrário do que muitos pretenderiam, conservam um

---

[61] Ginzburg, 1987, p. 27.
[62] Noutra obra, Elias (1994) argumenta ainda que o indivíduo forma com seus contemporâneos "configurações", ou redes de interdependência, nelas se formando e conformando sua vida. Uma aplicação desta perspectiva pode ser encontrada em Leite Lopes & Maresca, 1992.
[63] Mintz, 1974 e 1984.
[64] Lewis, 1963.

modo de vida próprio, têm sua própria cultura. A pobreza não significaria apenas exclusão, mas teria também uma dimensão positiva e estruturante, com racionalidade e mecanismos que viabilizam a reprodução social e econômica dos pobres.

O livro de Lewis vai dar voz a uma família, os Sanchez, moradores de uma favela mexicana. Através de depoimentos, o pai, Jesús, e, em especial, os filhos Roberto, Manuel, Consuelo e Marta dão-nos a conhecer suas histórias de vida particulares, suas interpretações sobre a vida em família, seus dramas pessoais, suas esperanças e desilusões. Lewis aparece assim como um autor preocupado em retratar a subjetividade de seus informantes, estabelecendo um nexo entre cultura e personalidade. Assim, a um meio hostil e excludente, os filhos de Sanchez engendrarão soluções que, por mais que guardem particularidades referentes às personalidades de cada um, terão em comum o fato de serem gestadas dentro e em resposta ao universo da pobreza.

Fundamentalmente, o livro de Lewis chamou-me atenção para as possibilidades de trabalho com depoimentos individuais, como o registro de diferentes visões sobre um mesmo tema ou acontecimento. A leitura também despertou-me para uma forma narrativa que valorizava a individualidade de cada personagem, transformando-o em uma pessoa de carne e osso com quem vamos travando conhecimento no decorrer do livro. Contudo, senti falta de referências ao contexto social e histórico que fossem menos mediadas pelos informantes.

Tomei contato também com uma bibliografia sobre narrativas e história de vida, na qual, verifiquei, a tensão entre "indivíduo e sociedade" era uma questão.[65] O uso de documentos biográficos era, claro, defendida pelos autores, mas com ênfases que podiam

[65] Para isso, foi importante, no primeiro semestre de 1996, a disciplina "Tópicos Avançados em Itinerários Intelectuais e Etnografias do Saber", ministrado pela professora Suely Kofes.

tender para as determinações sociais e institucionais, ou para as mediações simbólicas e subjetivas sobre a experiência e identidade individuais.[66] Tentando escapar dessa tensão paralizante, havia a proposta metodológica de tratar as narrativas orais de vida como "interpretações individuais de experiências sociais".[67]

Ainda no terreno da Antropologia, a leitura de autores da Escola de Manchester (Inglaterra) foi particularmente importante.[68] Diferenciando-se das análises estruturais dos sistemas sociais, os antropólogos de Manchester, a partir de trabalho de campo na África colonial, põem a estrutura em movimento, tensionando-a. Indivíduos, com suas intenções e contradições, e nas relações que estabelecem uns com os outros, passam a ocupar o primeiro plano da análise. Emergem então os "dramas sociais", situações em que a operação de regras sociais, supostamente claras e consensuais, explodem em disputas e conflitos pela sua interpretação; interesses particulares entram em jogo na manipulação individual de normas e valores. A narrativa de casos, a recusa da uniformidade, a riqueza de dados etnográficos, os mapas de parentesco, a atenção ao detalhe e às pessoas concretas foram aspectos que identifiquei no meu trabalho de pesquisa com os seringueiros do Alto Juruá.

Finalmente, travei contato com dois autores, um francês e um norte-americano, cujo diálogo, mesmo por eles não explicitado, era possível e ia de encontro aos meus

---

[66] Respectivamente, Bourdieu, 1986 e Becker, 1986. Daniel Berteaux (1980) trabalha numa frente de síntese entre as experiências subjetivas e as determinações objetivas, mas sua preocupação com critérios de "validade" das representações do real, e o uso do conceito de "estrutura" (e não de "processo", como faz Becker), sugere uma hegemonia dos fatores socioeconômicos nas biografias. Já Crapanzano (1984), preocupado com o valor da história de vida como meio de acessar escolhas individuais e modelos de mudança social, afirma que o antropólogo trabalha com a dinâmica de uma narrativa ("the life historical text"), e não propriamente com a dinâmica social.

[67] Kofes, 1994. Para a autora, as histórias de vida guardariam três dimensões relevantes: contém "informações" objetivas, são "evocativas" (ou interpretativas) e expressam "reflexões" que o próprio narrador faz sobre sua experiência vivida.

[68] Cf. Gluckman, 1957; Turner, 1957; e Van Velsen, 1969.

propósitos. Trata-se do filósofo Jean-Paul Sartre e do antropólogo Marshall Sahlins.[69] Sartre propunha uma crítica a um tipo de marxismo com roupagem oficial que reduzia, *a priori*, todo e qualquer acontecimento às determinações externas (por ex., o desenvolvimento das forças produtivas), eliminando fatores importantes, como os de ordem pessoal e cultural. A história, diz Sartre, é feita por "homens reais", com suas bagagens de vida e inseridos cultural e historicamente.[70] No contínuo, mas não linear ou homogêneo, processo de superação do passado incorporado e do presente vivido, homens e mulheres definem-se por seus "projetos": em meio a um "campo de possibilidades", as pessoas realizam "escolhas" visando transformar objetividades dadas e produzir novas situações.[71]

No trabalho de Sahlins é possível encontrar ecos das formulações de Sartre. O autor norte-americano discute as determinações mútuas entre cultura ("esquemas culturais", "padrão cultural") e história ("prática", "ações criativas dos sujeitos históricos"), e defende que as estruturas de significado estão constantemente sujeitas a mudanças culturais. Essas mudanças ocorrem porque a ação das pessoas e seus modos de interação criam e recriam regras, conformando o que Sahlins chama de "estruturas performativas". Ao contrário das "estruturas prescritivas", que correspondem ao padrão

---

[69] Sartre, 1979 [1966] e Sahlins, 1994. A leitura e discussão desse autores ocorreu no curso "Leitura Dirigida em Agricultura e Questão Agrária II", no segundo semestre de 1999, ministrado por Mauro Almeida e consistia na prática em um seminário frequentado principalmente por seus orientandos, muitas vezes em sua casa.

[70] Sartre defende um "método progressivo-regressivo" (ou uma síntese "vertical-horizontal"), que considera o fato em sua existência concreta (horizontalidade) e também não perde de vista a totalidade histórica (verticalidade). Ele propõe ainda que a análise histórica busque ajuda em outras disciplinas, como a Psicanálise e a Antropologia, por exemplo.

[71] "Afirmamos a especificidade do ato humano, que atravessa o meio social, conservando-lhe as determinações e que transforma o mundo sobre a base de condições dadas. Para nós, o homem caracteriza-se antes de tudo pela superação de uma situação, *pelo que ele chega a fazer daquilo que se fez dele*, mesmo que ele não se reconheça jamais em sua objetivação. (...); a conduta mais rudimentar deve ser determinada ao mesmo tempo em relação aos fatores reais e presentes que a condicionam e em relação a certo objeto a vir e que ela tenta fazer nascer" (Sartre, 1979[1966], p.78; grifos meus).

cultural comumente aceito, as "estruturas performativas" emergem das relações e práticas dos sujeitos em situações históricas concretas, e encerram inovações e mudanças.[72] Em situações de encontro (e confronto) entre sociedades também é possível observar essa dualidade estrutural.[73] Nas sociedades do Pacífico, claras mudanças ocorreram a partir da presença e dominação dos ingleses, mas havia também uma contra-argumentação que partia do "modo nativo" de resignificação. Sociedades, grupos e pessoas submetidas a situações de dominação podem construir visões originais ou inusitadas sobre sua situação e, a partir delas, reorientar suas atitudes e práticas.[74]

Em Sartre e Sahlins, e também nos antropólogos da Escola de Manchester, as condições históricas e sociais estão presentes, mas não como determinação última. Elas criam possibilidades a partir das quais pessoas concretas, com histórias de vida e projetos próprios, farão escolhas. Essas escolhas, portanto, encerram um certo grau de liberdade e de criatividade subjetiva. Desempenhos individuais singulares podem resultar em diferentes apropriações e interpretações da realidade e dos símbolos disponíveis, e a criação de um modo de viver e trajetória próprios.

Nesse ponto, o projeto de tese já havia sofrido um redirecionamento, em grande parte determinado pela viagem de campo de 1998. Antes de ir a campo, revendo e sistematizando as entrevistas que já possuía, percebi-me fortemente interessada em temas relacionados à vida em família, ciclo doméstico e relações de parentesco. Nos roteiros de entrevista que então estruturei, incorporei esse interesse; já em campo, dei-me conta de

---

[72] "Os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos. Na medida em que o simbólico é, deste modo, pragmático, o sistema é, no tempo, a síntese da reprodução e da variação" (Sahlins, 1994, p. 9).

[73] Sahlins não fala de uma oposição entre estruturas prescritivas e performativas, que são "modos recíprocos de produção simbólica" (1994, p.47). As performances, mesmo individuais ou subjetivas, conformam estruturas, isto é, participam da constituição da rede de relações simbólicas que é a sociedade.

[74] Ver também Sahlins, 1988.

que o tema da história familiar interna *dos Milton* se impusera. Aceitei essa imposição, e investi meus esforços nela.

Entre os moradores do seringal, *família* é um conceito elástico e polissêmico[75], podendo designar, por exemplo, meu grupo doméstico, ou parte dele, não necessariamente organizado no formato nuclear; ou grupos domésticos vizinhos, residentes numa mesma localidade (numa *colocação*)[76], sendo que esta inclui, também, às vezes, não-familiares; ou ainda um grupo mais extenso de pessoas ligadas por sangue, casamento ou adoção, que inclui colaterais de ambos os lados, gerações acima e abaixo. Assim, "minha família" é, na verdade, um grupo operacional; são as pessoas que considero como tal; com as quais, ao longo do tempo, desenvolvo relações e estabeleço afetividades.

Relações de parentesco, portanto, são criadas a partir da convivência e do afeto; os termos de parentesco são historicamente significados. O fato de Pedrinho, filho do primeiro casamento de dona Mariana, tratar seu Milton por "papai" aponta para uma relação de parentesco que foi criada e significada na prática: uma relação entre padrasto e enteado, uma relação afim, portanto, passou a ser uma relação entre pai e filho. A relação de afinidade foi consanguinizada, como dizem os etnólogos.[77] No caso de seu Milton com seu padrasto Meruoca, a relação foi consanguinizada ritualmente, levando ao tratamento de "padrinho", e não "papai". A memória e narrativas de seu Milton revelam que, no dia-

---

[75] Cf. Almeida, 1986. O autor mostra que essa ambigüidade não ocorre somente nos seringais.

[76] Sugiro ao leitor que recorra ao Glossário sempre que tiver dúvidas sobre o significado de palavras de uso corrente nos seringais do Alto Juruá. No decorrer da tese, palavras e termos poderão aparecer também explicados no texto ou notas de rodapé.

[77] O sistema de parentesco e a organização social dos seringueiros apresentam características – como grupos locais pequenos, casamentos bilaterais, predomínio de parentelas bilaterais egocentradas, ausência de regras de residência fixas, genealogias pouco profundas etc – que os aproximaria dos grupos indígenas das terras baixas amazônicas (Cf. Viveiros de Castro, 1995, p. 7-24). Uma análise neste sentido mereceria ser tentada.

a-dia da interação, aquela relação revestiu-se da *performance* de uma relação entre de pai e filho.[78]

Para trabalhar essa flexibilidade – a do conceito de família e dos termos que criam parentesco – escolhi o caminho diacrônico, da história – social, de vida e familiar. Os eventos que estarão em destaque são justamente aqueles que compõem a história interna de constituição de qualquer família: namoros, uniões e separações; nascimentos e mortes; educação e socialização das novas gerações; alianças e disputas. São esses também os acontecimentos que se destacam nas narrativas quando elas rememoram o passado de vida e familiar.[79] Pretendo, portanto, junto com *os Milton*, contar uma história familiar, interna, até certo ponto subjetiva, com suas personagens, dramas e destinos.

Numa referência a E. P. Thompson, diria que essa tese trata do "self making of", isto é, a auto-construção de um grupo familiar. O "fazer-se" do grupo é reconstruído e compreendido a partir de biografias, grande parte delas narradas ao vivo pelos próprios personagens da saga – *os Milton* – sujeitos da (sua) história a partir de situações dadas e herdadas. A partir dos marcos temporais estabelecidos pelas narrativas, combinados com a possibilidade de checar outras fontes e com o tempo que dispunha para redação, o período recoberto por esta tese inicia-se por volta de 1890, com a ocupação do Alto Juruá pelas levas de seringueiros migrantes, e termina entre 1988 e 1989, quando os seringueiros do rio Tejo mobilizaram-se contra os patrões.

---

[78] Raymond Firth (1974[1951]), em formulação sobre a organização social, já chamara atenção para o nível das atividades, processos e escolhas na explicação de direitos e obrigações relativos ao parentesco.

[79] Um outro elemento que ganha força nessa história familiar é o trabalho. Acredito, porém, que, em si mesmo, o tema do trabalho tem sua própria autonomia, e optei por subordiná-lo ao eixo principal da tese: família e relações de parentesco. O mesmo ocorre com a atuação política *dos Milton* no contexto de criação da Reserva Extrativista, que em si mesmo também daria um outro estudo de fôlego. Tanto o trabalho como a política poderiam ser os eixos desta tese, e aí família e parentesco estariam a eles submetidos; mas nesta tese, não é isto que ocorre.

Trabalhando fundamentalmente com narrativas, despertou-me o interesse saber como cada um dos biografados contava sua história: o que contavam, o que omitiam, o que ressaltavam e no que se diferenciavam. Havia uma gestão da memória, e da identidade, que transparecia nas narrativas de vida.[80] E também percebia diferenças em suas maneiras de contar e de interpretar por vezes os mesmos eventos.[81] Imaginava formas de preservar essa singularidade narrativa e identitária.[82] Comecei também a observar associações de idéias e eventos que não obedeciam a uma sequência linear; havia irrupções e descontinuidades.[83] Vi-me então na busca por formas textuais mais adequadas, em especial aquelas que permitissem diálogo entre múltiplas vozes, inclusive a minha.

Esta tese pretende-se dialógica e polifônica; e seu formato textual reflete esta preocupação.[84] A leitura de "First-Time", de Richard Price, foi importante: o autor dera voz aos Saramakas do Suriname, mas não omitira a sua própria; a voz de Price estava presente, preservando a de seus colaboradores mas não abrindo mão de sua cota de autoria.[85] *Os Milton* e eu tínhamos um acordo de colaboração: eles iam contar-me suas

---

[80] Sobre a idéia de gestão da memória e de seu sentido como uma gestão também da identidade social, consultar Pollak, 1989 e 1992.

[81] Tal como os Sanchez de Lewis, porém com a diferença que eu conhecia *os Milton* pessoalmente, e via claramente suas particularidades pessoais, objetivas e subjetivas.

[82] Margaret Sommers (1994), preocupada em como identidades se constroem e com o entendimento do agente social (social agency), cunha o conceito de "identidade narrativa" como alternativa ao de "identidade política". Nesta tese, o foco da análise está na história de um grupo familiar, e entendo que ao narrar esta trajetória os membros dessa família delimitam as fronteiras de uma identidade familiar, que os distingue dos demais grupos familiares.

[83] Contra a linearidade em narrativas autobiográficas, ver Bourdieu, 1986. A noção de "irrupção" é uma apropriação das idéias de Walter Benjamin (1994[1940]) quando diz que "a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'", isto é, imagens e eventos do passado invadem o presente da narrativa histórica.

[84] Não consegui, para teria sido interessante para esta tese um aprofundamento das idéias do pensador russo Mikhail Bakhtin sobre dialogismo e polifonia, e sobre a autoridade e autoria textual frente a uma diversidade de personagens, como é o caso *dos Milton* (cf. Todorov, 1981, p. 152-165, por exemplo). "Os Irmãos Karamázovi", de Dostoiévski, obra apreciadíssima por Bakhtin, é um bom exemplo de narrativa polifônica.

[85] Price, 1983.

histórias para que eu depois as recontasse. Conhecendo-os e lendo as entrevistas transcritas, recusei-me a abrir mão de deixar que eles mesmos falassem; não queria para mim a responsabilidade de falar por eles. Assim, abri amplos espaços para a reprodução das suas narrativas, deixando que eles falassem sobre si e suas vidas com suas próprias palavras e do seu próprio jeito. Abri então um espaço para eu mesma, fazendo-me uma voz presente, que por vezes contextualiza o que eles dizem, problematiza temas e questões teoricamente pertinentes, ou manifesta discordância. Há múltiplas vozes, portanto, nessa conversa.

Trabalhei com histórias de vida narradas pelos próprios biografados ou, no caso das pessoas falecidas, pelos seus descendentes em primeira geração. Alertada por autores que refletiram sobre o trabalho com histórias de vida, mas fundamentalmente por minha própria experiência de pesquisa e bom senso, estive atenta a questões de método.[86] A situação de pesquisa – ou seja, o fato de ser eu uma pessoa de fora, munida de instrumentos de trabalho próprios (caderno, gravador, máquina fotográfica) – não chegou propriamente a ser um problema devido a minha proximidade e intimidade com os colaboradores dessa tese. Mas havia diferenças entre eles. Seu Milton desde o início foi bastante receptivo, dona Mariana também, mas só em 1998, quando hospedei-me por um mês ininterrupto na casa deles, participando do dia-a-dia, entrevistando-os ou simplesmente conversando mais descontraidamente, pude ouvir histórias e relatos mais detalhados ou mais íntimos, por vezes segredos. Pedrinho, por sua vez, só em 1997 declarou-me que, após observar com cuidado e concluir que eu era uma pessoa "de confiança", podíamos trabalhar juntos. Até então praticamente não reunira nenhuma informação sobre ele. Osmildo também olhou-me com desconfiança quando, em 1993,

cheguei na Restauração, mas, contou-me, meu trabalho para a Associação e na assessoria a seu pai convenceu-o da sinceridade dos meus propósitos. Sem receio afirmo que fui por todos – seu Milton, Pedrinho e Osmildo – observada durante as sessões de "Cipó", bebida que, acredita-se, descobre o que está encoberto.

Uma outra questão metodológica foi a da condução da própria narrativa dos colaboradores, tanto na situação de entrevista quanto na sua editoração para a tese. As situações de entrevista foram diversas. Inicialmente (em 1994, 1995 e 1996), não havia um roteiro pré-definido. Simplesmente gravava o que estava sendo espontaneamente conversado entre eles, ou perguntava sobre alguma história que já ouvira repetidamente contada mas nunca registrara (como a captura da mãe índia de dona Mariana). Mas o mais comum mesmo era estar com um gravador na mão e ligá-lo assim que ouvia algo como "no ano de 1955, eu fui...", "uma vez eu fui no barracão...", e assim por diante, ou seja, passagens que compunham a história de vida do narrador. Quando comecei a preparar-me para um trabalho de campo exclusivamente voltado para a tese, percebi que devia ser um pouco mais sistemática; que o material era desigual, e que havia temas sequer comentados. Preparei então um roteiro para cada um dos colaboradores, e guiei-me por ele em campo.

Em geral, combinava com o entrevistado o tema sobre o qual gostaria de conversar (vida de seringueiro, por exemplo) e fazia uma pergunta inicial (por exemplo, "quando e como o sr. aprendeu a cortar seringa?"). Quando a narrativa ganhava impulso e desenvolvimento próprio, com associações livres encadeando-se na narrativa, fazia perguntas apenas quando era o caso de dúvida sobre algumas informações. Noutros momentos, tratou-se de precisar informações, datas, nomes, o que implicou num

[86] Consultar, por exemplo, Faraday & Plummer, 1979 e Chambon, 1995.

direcionamento da entrevista para objetivos pré-determinados. A necessidade de perguntas também variou de acordo com o entrevistado e o tema. Pedrinho, por exemplo, era extremamente reticente para falar de sua vida conjugal antes do atual casamento, fornecendo respostas curtas e exigindo-me constantes intervenções. Seu Milton, por outro lado, acostumado com entrevistas, em geral pegava o tema geral e o desenvolvia extensamente. Outras pessoas, como Cilene, não familiarizadas com entrevistas, quando eu estava sem o gravador falavam muito, mas se sentiam ligeiramente intimidadas na presença do aparelho.

Grande parte das entrevistas foi feita individualmente, algumas vezes propositadamente para dar maior liberdade ao entrevistado (por exemplo, vida amorosa e conjugal de Pedrinho), outras vezes sem essa preocupação de estar a sós. Nestas ocasiões, um pequeno grupo podia ouvir o relato de vida do entrevistado, podendo ou não interferir, sendo às vezes requisitado pelo próprio depoente para ajudar a relembrar datas, nomes e lugares ("..., não é, compadre Zé?", conferia Pedrinho). Em alguns casos, também individualmente, chequei informações discordantes; noutros momentos, promovi "acareação" entre os entrevistados.[87]

[87] As entrevistas mais longas foram as feitas com os principais colaboradores e protagonistas desta tese, mas entrevistas com conhecidos e amigos da família também foram realizadas na Reserva Extrativista do Alto Juruá, em Cruzeiro do Sul e em Rio Branco. Em 1998, logo que cheguei ao Acre, permaneci por quase um mês em Rio Branco, e lá entrevistei Antonio Macedo, que coordenou o Conselho Nacional dos Seringueiros na região do Juruá entre 1988 e 1992. Chegando em Cruzeiro do Sul, fui imediatamente para a Reserva e passei inicialmente três semanas na colocação Cachoeira do Lago, na casa de Pedrinho, sua esposa Maria e seus filhos e filhas. Lá entrevistei o casal (junto e em separado) e o vizinho e compadre Zé do Lopes. Em seguida, fui para a sede do seringal Restauração, onde permaneci por pouco mais de uma semana, e lá conversei com Antonio, Mariazinha, Damião, Francisca e Marieta, Cosminha (sobrinha de seu Milton), Osterno (marido de Cosminha), dona Maria Janoca (sogra de Cosminha), o primo Amarísio Nascimento e o amigo da família Rúbi Ferreira. Cheguei finalmente na Foz do Machadinho dia 23 de junho, e lá permaneci por um mês. Conversei com e entrevistei, além de seu Milton e dona Mariana, Cilene, Luis Fontenele, Lurdinha, Osmildo (que passou uns dias na casa dos pais), Cidoca, Francisca (Nêga), e o primo Ademar Nascimento. De volta a Cruzeiro do Sul, entrevistei dona Raimunda, auxiliada por seu Milton e dona Mariana, seu Zé Paraíba e seu Antonio de Paula, ambos amigos e compadres do casal, e o antigo patrão de seu Milton, Epaminondas. De volta a Rio Branco, entrevistei ainda Toinho Alves,

Mas não me foi dada a chance de conversar diretamente com figuras centrais nesta tese, como dona Regina, o velho Nascimento e Raimundo Meruoca. Eram todos já falecidos quando cheguei no rio Tejo. Tive acesso a eles por meio dos relatos de parentes e amigos; não há fotos deles a serem vistas; suas vidas estão gravadas na memória daqueles que os conheceram. Mesmo quando alfabetizados (como foi o caso do velho Nascimento), não deixaram registro escrito sobre sua vida e idéias. Tive, contudo, a sorte de conhecer e conversar com dona Raimunda, mãe de seu Milton, a única representante viva dessa primeira e fundante geração *dos Milton*.[88]

As entrevistas – principal fonte dessa tese – não registram, portanto, uma "memória espontânea". Na verdade, sempre recordamos motivados por alguma associação, seja uma imagem, uma emoção, um comentário, uma pergunta. O que é lembrado, o é por ser significativo. Neste sentido, Ecléa Bosi ressalta os pesos diferentes que a elaboração grupal pode ter sobre a memória construída, reforçando ou eliminando lembranças. O grupo de convívio da pessoa teria então papel determinante no reforço ou esquecimento do que é recordado.[89] Mas aquele que recorda, diz ela, trabalha as lembranças coletivas e, ao fazê-lo, as individualiza. Neste ato e forma de recordar, os conteúdos retidos serão os que, para o recordador, são significativos.[90]

---

jornalista e amigo da família. Meu arquivo pessoal tem 63 horas de gravação de entrevistas para essa tese, feitas por mim (entre 1994 e 1998) e transcritas por várias pessoas (mas revisadas por mim), fora as conversas que foram anotadas nos cadernos de campo desde 1994. Trata-se de um extenso material e que, claro, foi parcialmente utilizado na tese.

[88] Para reconstituir a trajetória de dona Regina, as entrevistas com sua filha Mariana são a principal fonte de dados e informações; dona Raimunda e outros conhecidos também contribuíram, mas incomparavelmente menos do que dona Mariana, que tem da mãe uma forte (e afetiva) memória. Para dona Raimunda, a fonte é ela mesma, mas também seu filho Milton e a nora Mariana. Para Raimundo Meruoca, as fontes são dona Raimunda, sua viúva, e seu Milton, seu enteado. No caso do velho Nascimento, dona Mariana, sua filha, o neto Pedrinho e alguns contemporâneos ainda vivos foram as principais fontes.

[89] Bosi, 1994. Sobre a constituição da memória do indivíduo a partir das relações que ele estabelece ao longo de sua vida em sociedade, ver o estudo pioneiro de Maurice Halbwachs, 1990[1950].

[90] Arriscaria fazer uma referência a Sigmund Freud, cuja psicanálise trabalha com a reconstrução de histórias de vida pelo registro da memória. O que é lembrado pode ser manifesto de diversas formas. Numa

Em trabalhando com entrevistas e depoimentos, não pude evitar considerar a questão da fidelidade de minhas fontes, basicamente orais. Contudo, afastei-me deliberadamente de questões como as colocadas por Jan Vansina, que reconhece a "tradição oral" como uma fonte de conhecimento, mas desde que ela e os informantes sejam submetidos a um olhar inquisidor avesso à contradições, distorções e lacunas.[91] Ora, eram justamente esses meandros da memória transmitida oralmente que me interessavam e a possibilidade de trabalhar com a história como algo construído – no caso pelas narrativas orais – e não objetivamente dado. Encontrei acolhida nos autores que trabalham no campo da história oral e da memória, e que defendem a renovação metodológica e mesmo teórica que o trabalho com fontes orais tem trazido para a pesquisa histórica.

Michel Pollak, por exemplo, acredita que a história como disciplina estaria passando por uma espécie de reconceituação no sentido da pluralidade e parcialidade, fortemente assentadas sobre a experiência vivida e a memória construída pelos sujeitos que relembram. Aspásia Camargo chama atenção para a necessidade de balizar as fontes orais por outras fontes, como as documentais.[92] O trabalho com fontes orais pode mostrar que ao lado de uma versão mais aceita e conhecida, pode-se construir uma história, não necessariamente oposta, mas que explore memórias subterrâneas, em geral a dos grupos dominados, dando nova interpretação ao estabelecido.

---

narrativa de vida, Freud identifica a operação de mecanismos denominados por ele de "condensação" e "deslocamento", quando acontecimentos podem ser, respectivamente, condensados/reunidos numa nova unidade, ou substituídos por outros. Cf. Freud, 1978[1940], p. 231-218.

[91] Cf. Vansina, 1961.

[92] Pollak, 1992 e Camargo, 1984. Uma visão mais geral do campo da história oral pode ser encontrada em Ferreira & Amado, 1998.

Minha intenção de encontrar uma forma textual que me permitisse dialogar com as narrativas dos meus colaboradores, e o fato desse material ter sido produzido por meio de intensa e prolongada convivência, estando eu disposta a assumir esta dimensão subjetiva como parte da produção dos dados e do conhecimento – tudo isso, vi, era parte de um debate mais geral na Antropologia sobre a construção do discurso científico e da autoridade disciplinar.[93] Identifiquei-me com alguns dos temas e argumentos da corrente chamada "pós-moderna", menos por convicções políticas ou acadêmicas, e sim porque efetivamente me ajudavam a pensar sobre a minha experiência de campo, o meu material etnográfico e as possibilidades da tese.

É verdade que minha externalidade era um fator irredutível, mas eu enxergava claramente um espaço subjetivo de negociação entre eu e eles, do qual esta tese muito se beneficiou.[94] A tese teve que se conformar com a sua parcialidade, tanto por não contar "tudo", quanto por ser ela mesma um produto histórico, fruto do encontro entre trajetórias pessoais numa experiência de pesquisa singular. Essa experiência foi plenamente assumida, incorporada no processo de reflexão e está refletida na forma textual adotada.

Os Milton levaram-me, finalmente, a revisitar a história dos seringais. Por meio das suas memórias e narrativas autobiográficas, balizadas por outras fontes e por minha experiência de campo, fui levada a ouvir, e afirmar, a multiplicidade de vozes e versões sobre a aventura dos seringais. Percebi que era importante trazer à luz essas narrativas, pois por meio delas *os Milton* tomavam a palavra, anunciavam-se como sujeitos e

---

[93] Cf. Caldeira, 1988 e Clifford, 1986. A verdade é que até chegar na Unicamp, desconhecia esse debate; passara os anos anteriores em campo, envolvida em atividades bastante práticas e em locais de difícil acesso e comunicação. Meu primeiro contato com essa conversa foi justamente em outubro de 1994, conversando com Mauro Almeida na foz do Tejo sobre minha relação com *os Milton*, como já relatei anteriormente.

[94] Rabinow, 1977. O autor argumenta que não apenas as conclusões de pequisa vão aos poucos e também em campo sendo construídas, mas que esse processo de construção deve estar refletido no texto final.

contavam histórias. Histórias estas que estão em perigo, como diria Benjamin, de se perder.[95] Esta tese tem um compromisso, é uma tentativa de evitar essa perda.

Soluções metodológicas

Na redação desta tese, a organização e uso do material e dados colocou questões relativas à periodização dos eventos, à política de transcrição e edição das entrevistas, e com relação à forma textual mais adequada. As seguintes soluções foram adotadas:

Cronologias e datas

A narrativa das trajetórias de vida não estará percorrendo um caminho cronológico linear e factual, e sim uma sequência que, guiada por momentos, acontecimentos e fases da vida sobre os quais as personagens desta tese costumeiramente falam, levou naturalmente a sequências cronológicas que o leitor perceberá. Essa cronologia é, portanto, pessoal e subjetiva, e nem sempre coerente quando passamos de um narrador para outro; e não é linear porque ela se interrompe, retorna e recomeça à medida que consideramos diferentes pontos de vista narrativos. Contudo, não pude deixar de muitas vezes buscar a coerência e a linearidade, confrontando versões e inquirindo os narradores.

Esse, deve ser ressaltado, foi um conflito que acompanhou o desenrolar deste trabalho, isto é: por um lado, o desejo de respeitar a individualidade das narrativas e, portanto, sua cronologia fragmentária e incoerente (por exemplo, as datas da presença de patrões), e, por outro lado, minha tendência quase irresistível a sistematizar as narrativas

[95] O passado, já morto, só poderá retornar no presente, e retornará, sem dúvida, transformado por este presente. O trabalho de "salvação" da história (ou de seu resgate, embora Benjamin não use este termo) certamente não corresponde à pretensão de conhecer o passado tal "como ele de fato foi". Não, não se trata de uma busca da verdade universal, mas de uma busca de verdades que se contrapõem e lutam na construção da história, e nesta disputa Benjamin recusará o passado que se identifica com a versão dos

e a buscar coerência, transpondo-as para mapas e para uma linha de tempo única. Esse recurso tornou possível localizar e situar as personagens, acompanhando as mudanças de foco narrativo, de lugar e de tempo. Ou seja, busco usar uma cronologia única, ajustada segundo minha interpretação de discrepâncias entre uns depoimentos e outros, e entre esses e as fontes escritas.

Um exemplo: diante da falta de documentos escritos, tive muito trabalho em estabelecer datas precisas, mesmo para nascimentos. Mesmo quando os documentos existem, eles podem não registrar informações confiáveis, como é o caso de dona Mariana, cuja certidão do primeiro casamento afirma que ela casou aos dezoito anos, quando na verdade tinha dezessete. Ou seja, seu ano de nascimento, a partir de 1946, quando se casou, passou a ser 1928, e não mais 1929, conforme constava do seu registro de nascimento. Pedrinho afirma que nasceu em 1950, data que consta em seu certidão de nascimento que, no entanto, trata-se de uma segunda via tirada em 1992. Cruzando informações da vida de Pedrinho, do nascimento de suas irmãs e do primeiro casamento da mãe, cheguei a conclusão de que ele deve ter nascido em 1949 – e adotei esta data na periodização da vida de Pedrinho.

Mas os problemas não pararam aí: dona Mariana afirma que o filho Pedrinho "arrumou família" aos dezesseis, no máximo dezessete anos, e apoia sua lembrança no fato dele ser "muito novo". Cruzando essa informação com outras sobre patrões e sobre a visita de beato Irmão José na região, que ocorreu em 1969, ano em que Pedrinho afirmou ser ainda solteiro, cheguei à conclusão que ele deve ter tido sua primeira esposa aos dezenove ou vinte anos... Depois de acareações e de muito quebrar a cabeça, desisti do

---

vencedores, pois ela implicaria aceitar que uma parte do que somos nos foi roubada. Cf. Benjamin, 1994[1940]. Para entender melhor as idéias de Walter Benjamin, recorri a Gagnebin, 1994.

consenso. Há vários outros exemplos. No dia em que conversando com Osmildo e seu Milton sobre a data em que o grupo familiar mudou-se para a Restauração, o ano de 1965 emergiu como o mais provável, indo contra a memória de seu Milton de que isso ocorrera em 1964, senti-me constrangida: mais do que registrar uma memória, eu corria o risco de desestruturá-la, ou pelo menos confundir as coisas.

E isso para não falar dos nomes e sobrenomes, cuja atribuição com certeza não segue uma regra única. Pelas leis brasileiras, ao batizar um filho, o primeiro sobrenome após o nome é o da mãe, seguido pelo do pai, o que em geral resulta que mãe e filhos tenham o mesmo sobrenome (supondo que a mãe incorporou o sobrenome do marido ao seu). Mas não é sempre isso que acontece: parece haver, por um lado, a adoção da regra hispânica, pela qual o sobrenome da mãe vem por último, e, por outro lado, normas *ad hoc*. Vejamos alguns exemplos: Dona Mariana afirma-se Maria Feitosa do Nascimento, estando ausente o sobrenome da mãe ("Silva"), embora no seu título de eleitor seu nome apareça como Maria da Silva. Já o CPF, tirado na década de 1990, traz o nome e sobrenome do primeiro casamento: Maria Feitosa do Nascimento Leitão (o marido era Raimundo Alves Leitão). Pedrinho, filho de dona Mariana e Raimundo Leitão, foi batizado Pedro Alves do Nascimento (regra hispânica), mas em 1992 tirou novos documentos, e seu nome passou a ser Pedro Gomes do Nascimento (também a regra hispânica, mas com o sobrenome do padrasto).

Já Damião, filho de dona Mariana e seu Milton, tem, na certidão de batismo, o sobrenome Gomes do Nascimento; mas sua carteira de identidade traz o nome Damião do Nascimento Leitão: quando aposentou-se devido ao aleijamento causado por mordida de cobra, toda a documentação foi providenciada em Cruzeiro do Sul. Na ausência do pai na

cidade, no cartório recorreu-se à certidão de casamento civil de dona Mariana com Raimundo Leitão. Duas filhas de Damião com sua esposa Francisca Nogueira do Nascimento herdaram o sobrenome "Leitão", seguindo agora a regra brasileira (Maria Lizanéti do Nascimento Leitão e Moísa do Nascimento Leitão). Há vários outros exemplos.

Pensei inicialmente em estruturar a ordem das narrativas em categorias de idade: menina e menino, moça e rapaz, mulher e homem. Achei que essa sequência corresponderia a uma sucessão lógica de fases da vida marcadas socialmente por mudanças e por rituais. Até a puberdade um indivíduo é menina ou menino; após a menarca para as meninas, e após alteração na voz para os meninos, há moças e rapazes[96]; ao unirem-se sexual ou conjugalmente com um parceiro ou com uma parceira, há mulheres e homens. Cada uma dessas categorias de idade implica em comportamentos, responsabilidades, liberdades e interdições particulares.[97]

Contudo, os dados disponíveis eram desiguais e, neste sentido, incompletos; para cada um dos biografados há diferentes informações sobre cada uma das etapas, da meninice à maturidade. Tornou-se claro que eu precisaria adotar uma perspectiva semelhante à das narrativas memorialísticas: não dar conta de tudo que é pertinente para

---

[96] Há aqui a sugestão implícita de que não existe, na sociedade de seringal, a "adolescência" como fase de vida. Uma aproximação poderia ser feita com as moças de Samoa entrevistadas por Margaret Mead. No caso delas, a menarca é também um rito de passagem, implica em novas interdições e aponta para uma futura união conjugal. Mas não significa um período de stress e tensão, nem de desabrochar da personalidade feminina – características em geral associadas à "adolescência". Para Mead, são anos de espera, de transição entre a infância e a situação de mulher casada. Cf. Mead, 1971[1928], p. 128-129, por exemplo. No caso das categorias de idade menino e rapaz o mesmo raciocínio pode ser feito: alterar a voz é um indicador da puberdade, mas veremos que o que de fato define o rapaz são as atividades que ele progressivamente vai assumindo dentro da casa dos pais.

[97] No caso dos homens, por exemplo, atividades de provedor da casa como caçador, agricultor e seringueiro, e de dona de casa, mãe de família, além de parceira em roçados, no caso das mulheres. Estou deixando de lado as subdivisões que, num extremo, levariam a meninas e meninos "de menos de um ano", passariam por "rapaz formado" e "moça idosa", e, noutro extremo, "velhos" e "velhas". Sobre as categorias de idade no seringal, consultar Franco, 1995a e 1997, e Martini, 1998.

um esquema ou sequência, mas sim do que se tornou relevante ao longo das conversas e entrevistas. O que vem a seguir é uma negociação entre as etapas necessárias de vida de uma pessoa e a memória sobre elas.

Política de transcrição e edição

Quando comecei a organizar o material de campo para a fase de redação da tese, tive que me haver com questões de política de texto ao traduzir um código de fala para um texto escrito. Debati-me com a perda que julgava haver entre o discurso falado e o discurso transcrito para o papel: a fala parecia-me bem mais rica e individualizada; no papel as frases e dizeres pareciam perder em qualidade. Num primeiro momento, o da transcrição das fitas, limitei-me a instruir as pessoas que me auxiliavam com algumas normatizações relativas a palavras e termos locais. A instrução geral era conservar a "maneira de falar", isto é, a forma como os colaboradores construíam frases, juntavam palavras e mesmo conjugavam os verbos (em especial na primeira pessoa do plural). Mas optei também por corrigir erros ortográficos e gramaticais que tornassem a leitura desconfortável, evitando conservar, por exemplo, coisas como "nóis", substituindo-as por "nós". Já num momento de edição das entrevistas, passei a me preocupar com coisas como pontuação e ritmo das narrativas, e li alguns contos de Guimarães Rosa.

Com o tempo fui entender que a questão que estava em jogo era de poder, de poder simbólico.[98] Por que, se quando temos nossas falas gravadas numa conferência editamos o texto corrigindo todos os erros de português que enxergamos, o mesmo não poderia ser aplicado a qualquer outra pessoa? Conservar erros de português para

[98] Cf. Almeida, 1977. Diz o autor: "O ponto a reter, ao pensar como a região e a nação falam do 'povo', é que falar de um outro, e mesmo falar a "linguagem" dele, traduzir uma linguagem noutra, não é jamais um ato puramente cognitivo, quando há uma separação prévia entre uns e outros. É antes um ato que envolve poder." (grifo do autor)

conservar uma fala original nada mais seria do que construir uma diferença, no caso entre nós e os seringueiros do Alto Juruá, "já que do ponto de vista do código escrito, todos nós, sem exceção, falamos 'errado' ".[99] Procurei, portanto, na tradução das falas para o código escrito, criar um texto fiel a originalidade da maneira de falar dos meus colaboradores, que incorporasse ritmos e ênfases que eles tanto usam, mas que também os respeitasse plenamente como pessoas e como cidadãos.

Texto, glosas, boxes e notas

O leitor observará então, principalmente a partir do Capítulo IV, que busco uma aliança com as narrativas transcritas. Elas são abundantes e extensas, pois procurei manter sua integridade e lógica própria de raciocínio. Também, nas intervenções que faço no texto, conduzindo-o, minha fala e a *dos Milton* estão entrelaçadas. Conscientemente, procurei por-me a serviço deles.[100] Mas não podia abster-me de comentá-las, e o faço recorrendo principalmente a glosas.

As glosas são comentários mais densos, interpretativos, diretamente referenciados aos temas presentes nas narrativas e no texto da tese. Trata-se, portanto, de uma "leitura densa" que é acrescentada ao texto a partir de minha experiência etnográfica – ela transmite ao leitor parte de tudo que sei sobre o seringal e sobre *os Milton* – e de meu diálogo com a bibliografia e colegas de profissão. Trata-se também de um recurso para, mesmo interrompendo o andamento das narrativas, evitar colocar minhas palavras na boca *dos Milton*, ou seja, fazer com que eles afirmem o que por ventura eu mesma queria

---

[99] Almeida, 1977.

[100] Na reprodução de narrativas com mais de um narrador, adotei a seguinte norma: sempre identificar aqueles que ajudam ou interferem na narrativa, sendo que o principal narrador (o "dono" da história) já terá sido anunciado e sua fala estará assinalada apenas pelo travessão ("–"). Quando tratar-se de uma narrativa onde a única presença, além do narrador(a), é a minha, nosso eventual diálogo estará indicado apenas por parágrafos iniciados com travessões. Chamo finalmente atenção para que não se confunda "Mariana" (eu mesma) com "dona Mariana", já que somos xarás.

ver afirmado. Então eles falam, depois eu falo, e assim por diante. Claro que a edição e escolha das passagens foram feitas por mim, e esse é também um dos motivos para brindar o leitor com narrativas extensas e, às vezes, mais de uma narrativa sobre um mesmo evento (do mesmo colaborador ou de colaboradores diferentes).

Recorri com frequência, e para usos diversos, a notas de rodapé. Elas esclarecem o leitor sobre o significado de palavras ou expressões locais, sobre referências bibliográficas e sugestões implícitas no texto, e sobre temas que aparecem mas são marginais à tese. Há também os boxes, que têm um caráter mais ilustrativo e adicionam informação e dados aqueles mencionados no corpo da texto da tese. E há finalmente outros recursos a apoiar a leitura: fotos, mapas geográficos, mapas de parentesco e uma linha do tempo.[101]

Estrutura da tese

Após este capítulo introdutório, o Capítulo II tratará da emergência da borracha como um produto nacional de exportação, cujo auge ocorreu entre 1870 e 1912, e da concorrente abertura dos seringais, atingindo a região do Alto Juruá e do rio Tejo, principal palco da história familiar nesta tese narrada. O foco do capítulo são os migrantes nordestinos que foram para os seringais amazônicos "fazer a vida", aventurando-se. A trajetória de dois desses migrantes – Raimundo Meruoca e o velho Nascimento – será brevemente reconstituída. A crise de 1912, que abalou profundamente as exportações brasileiras de borracha, será analisada a partir das memórias do menino Milton, então com cerca de cinco anos de idade.

[101] Quando é o caso, no corpo do texto da tese, indico quais desses recursos podem ajudar na leitura. Não se trata de uma consulta obrigatória; fica, portanto, a critério do leitor.

O Capítulo III deslocará o foco da análise para a situação indígena, isto é, para os moradores nativos das florestas onde a *Hévea brasiliensis* abundava e onde, a partir do final do século XIX, os novos moradores (os *cariús*) começaram a chegar para ficar. Veremos que o Vale do Juruá era habitado por povos indígenas da família Pano que foram duramente atingidos pela formação dos seringais para produção de borracha. Os grupos Pano foram alvo de perseguições e expedições armadas (as *correrias*) visando seu extermínio, e, mesmo que mais raramente, de captura e incorporação ao regime de seringal. O capítulo procura mostrar que, apesar da violência desse momento histórico, a sociedade de seringal ergueu-se sobre uma diversidade de encontros e confrontos entre grupos étnicos, cujas fronteiras sofreram redefinições, sendo o termo *caboclo* expressão desse processo.

A história *dos Milton* tem, para eles, uma origem: locais, eventos e personagens que são marcos fundadores e que estruturam uma memória interna, familiar.[102] O Capítulo IV, tratará, portanto, da primera geração – a geração da mistura: após os encontros e confrontos entre índios e *cariús*, deram-se os enlaces e uniões entre *caboclas* e *cariús* (nordestinos), entre acreanas e *caboclos*. Através então da trajetória de dona Regina, uma índia capturada numa *correria*, e dona Raimunda, acreana filha de migrantes cearenses, terá início a reconstituição da trajetória familiar *dos Milton*. O capítulo, à luz

[102] A idéia de "origem" não é absoluta, mas sim relativa: relativa à memória que existe sobre o passado, que ao tempo sobreviveu e foi por ele conformada. Quando se trata de trabalhar com a história familiar *dos Milton*, ela tem um início. Este fato, e o de que a memória geracional tem duração curta, é uma característica também encontrada entre os grupos indígenas da Amazônia que, ao contrário dos africanos obcecados com linhagens e com a memória dos antepassados fundadores, a memória limita-se a uma profundidade histórica de duas gerações e no máximo três, para "trás" e para "frente". Cf. Viveiros de Castro, 1995.

da trajetória dessas duas mulheres, discutirá temas como gênero e etnia, parentesco ritual e afetividade.[103]

O Capítulo V, um dos maiores da tese, tratará da geração já fruto da mistura: seu Milton e dona Mariana, ambos nascidos no rio Jordão. O capítulo acompanhará a trajetória de ambas as personagens, da infância até a vida adulta. Temas da vida social no seringal, como as festas, danças e passeios; da vida afetiva, como o "gostar", os namoros e o casamento; e do trabalho, como a iniciação na atividade do corte da seringa e nas caçadas, serão abordados. Veremos que dona Mariana trabalhou como seringueira até depois de casada. O significado dos laços de parentesco e o papel da afetividade na forma que esses laços assumem, assim como questões de casamento e residência também estarão presentes no capítulo.

Já no Capítulo VI, veremos, seu Milton e dona Mariana estão casados e de mudança para o rio Tejo. O capítulo tratará então da rede de relações de parentesco em que eles passaram a estar inseridos – a *dos Nascimento* – , dos primeiros anos de trabalho nas águas do Tejo, da chegada dos primeiros filhos e filhas e a estruturação inicial do grupo doméstico, e também dos conflitos matrimoniais. O Capítulo VII, que é uma continuação do seu antecessor, prossegue acompanhando a trajetória familiar do grupo chefiado por seu Milton e dona Mariana. Assistiremos então ao nascimento de novos filhos e filhas, e saberemos um pouco sobre a forma como os pais educam seus filhos e as preocupações que surgem com a puberdade. Será verificado que a organização do grupo doméstico vai se tornando mais complexa e atravessando diferentes fases ao longo do seu ciclo de desenvolvimento. No decorrer da narrativa voltaremos ao tema do parentesco e

[103] Todos os capítulos possuem uma seção de "considerações finais", onde busco sistematizar e discutir temas que se destacaram no capítulo ou que têm relevância teórica.

da afetividade. Passagens envolvendo conflitos entre seu Milton e ex-patrões também serão relatadas, apontando para a relativização das relações de controle e dominação nos seringais. Mudanças mais significativas nas relações entre patrões e seringueiros começam a ter lugar a partir da década de 1980, e serão relatadas.

O Capítulo VIII apresenta a etnografia de uma situação de conflito entre seringueiros e patrões na qual *os Milton* tiveram uma atuação decisiva enquanto um grupo político. Novas personagens – o sindicato de trabalhadores rurais e o Conselho Nacional dos Seringueiros – já estão em cena e novos acontecimentos também estão se desenrolando fora dos seringais, o que será comentado. Em seguida, procuro ressaltar as contribuições que esse trabalho, espero, possa estar trazendo para a história dos seringais, para visibilidade das formas de sociabilidade na floresta e para os estudos de família e parentesco entre populações amazônicas não-indígenas.

Agradecimentos

Para que esta tese chegasse até aqui, muitas foram as ajudas e apoios – e gostaria de agora registrar o meu sincero agradecimento.

A Mauro Almeida, meu orientador. Sem ele, este trabalho não teria sido possível. Em todas as suas etapas, Mauro foi uma referência importante, ouvindo-me e compartilhando comigo sua erudição e seu conhecimento sobre seringueiros e seringais; em todas as etapas do trabalho também me senti livre. Nos últimos dez anos, tive ainda a oportunidade de trabalhar com Mauro em projetos e na assessoria política aos seringueiros do Alto Juruá, testemunhando seu empenho físico e intelectual nessas atividades e beneficiando-me com uma experiência profissional inestimável. É muito bom desfrutar de sua amizade e atenção.

A seu Milton, pela eterna amizade. A dona Mariana, por consentir o meu ingresso em sua casa. A dona Raimunda, pela paciência. Aos meus compadres Pedrinho e Maria, Antonio e Mariazinha, Damião e Francisca – com quem sempre pude contar. Ao Osmildo, pela força de sempre. Ao Cidoca e a Francisca, que tantas vezes me deram de comer. A Cilene e o Luis, a Lurdes e a Marieta – e tantos outros da "família": primos, filhos e netos. Trabalhar com essa família foi uma experiência única, fundada na confiança e na amizade. Por meio dela, investigar o tema das relações familiares e da afetividade levou-me a um resgate interior sem precedentes. É com muita alegria que encerro esta tese e apresento *aos Milton* o fruto de nossa colaboração.

A Antonio Macedo, que leu meus pensamentos e coração há quase dez anos: – *Vem pra cá*, convidou quando me fui pela primeira vez do Acre.

Sou muito grata ao Chico Ginu e seu Antonio de Paula, em nome de tantos seringueiros e seringueiras de valor que tive a oportunidade de conhecer, aprender sobre a vida na floresta e, espero, tornar-me uma pessoa melhor. Devo ainda mencionar Edir e meu compadre Tita, que com segurança e gentileza por tantas vezes me conduziram pelos rios do Alto Juruá.

Na cidade de Cruzeiro do Sul, fiz boas amizades, e agradeço a acolhida de sempre na casa de dona Tiana e da comadre Valdeania, da dona Eunice, do Paulo e da Bete Dene, do Sérgio e da Rútila, e aos amigos Alberto Lôro, Pedro Neto, Davi e Jessé Nunes.

De Rio Branco também trago boas lembranças e amizades. Txai Terri, que tem morada certa no meu coração, com muita animação veio até Campinas e leu as primeiras versões desta tese, conversando comigo e abastecendo-me com novos materiais e informações. Marcelo Piedrafita Iglesias também colaborou comigo, generosamente

compartilhando seus arquivos e tesouros. Verinha, Luis, Bebel e Caetano foram o meu pouso certo em Rio Branco por muitos anos. Antonio (Toinho) Alves, que adora uma boa conversa e o Alto Juruá, foi sempre atencioso. Siã Kaxináwa, sempre aparecendo de surpresa. Com Concita Maia dividi experiências e impressões sobre as mulheres e os homens da floresta.

No Acre não aventurei-me sozinha. O fiz acompanhada por outros e outras com ideais similares aos meus: disposição de conhecer ao vivo a realidade de vida dos seringueiros e índios, e, de alguma forma, participar da construção de novas alternativas. Saber-me acompanhada foi sempre uma força. Agradeço especialmente a Virgínia Gandres e Beatriz Saldanha, e às minhas companheiras e companheiros de campo e de profissão Eliza Costa, Andréa Martini, Gabriela Araújo, Marisa Luna, Hélio Barbin Jr. e Augusto Postigo.

A Manuela Carneiro da Cunha, pelo apoio fundamental quando me mudei para o Acre em 1993, oferecendo-me condições de trabalho em campo excepcionalmente boas, e pela gentil atenção ao longo desses anos.

A Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, hoje presidida por Orleir Fortunato, onde sempre encontrei as portas abertas e um espaço de realização profissional. Tenho acompanhado o esforço dessa entidade em construir-se como alternativa de representação institucional dos moradores da Reserva – uma iniciativa inovadora e com suas contradições, chamando a responsabilidade todos nós que escrevemos histórias.

A Fapesp, pela bolsa de doutorado e recursos da Reserva Técnica, que tornaram o trabalho desta tese viável. Ao parecerista anônimo, não sei se homem ou mulher, pelo

apoio e pela compreensão da natureza dessa pesquisa. A Cíntia Nobre, em nome de todas as pessoas que me ajudaram na organização do material de pesquisa.

A Unicamp, cujo espaço é um privilégio para os que dele privam. Em especial agradeço às professoras Suely Kofes, Mariza Corrêa, Emília Pietrafesa de Godoi e Jeanne Marie Gagnebin. E ainda, noutras universidades, a Louise Silberling (Universidade de Cornell), Neide Esterci (UFRJ), Cristina Scheibe Wolff (UFSC) , Edson Farias (UFBA) e Manuel Ruiz (Universidade Autônoma de Madri), pela interlocução.

A minha família de origem, começando pela minha avó Linda, pelas rezas e bençãos, e o meu avô Wilson, pela lembrança. Aos meus pais Maria e Antonio, pelo amor e apoio incondicionais. Ao meu irmão Lucas, a Daniela e as minhas duas sobrinhas tão queridas, Isabela e Rosa, que sempre me acolheram de forma tão reconfortante. E ao meu outro irmão Estêvão, junto com a Regina, pela torcida e carinho.

Uma rede de amigos e amigas tornou tudo menos árduo. Em diferentes locais e momentos, e de diferentes formas, usufrui da amizade e companheirismo de diversas pessoas, as quais sou imensamente grata: Kênia Kemp, Juliana Schiel, Gisela Brugnara, Antonio Liberac, Ernesto, Bia Labate, Guilherme, Nino, Andréia Carrer, Cibele, Sel, Tatá, Ivan, Adelvane, Regina, Dalila, Geraldo, Pedro, Carla, Zandra, Flávia, Clara, Cláudia Pellegrino, Maria Clara Di Pierro, Perfeito, Ana Aschar, Cristina Soares, Jacqueline, Iara e Ciça.

Ao Carlos Renault, Beatriz Santos e Andrês De Nuccio, pela boa atenção que me prestaram, dando-me apoios decisivos para o bom andamento de tudo.

A Divina Estrela, sob a luz do Daime, agradeço em especial a Cláudio Leme e Regina, Marcelo e Rosana Mattar, Kátia, Antonio, Tânia, Gilson, Bete, Marcelo, e

também ao Charles e a Roberta. E ainda à irmandade da Luz do Juruá, em Cruzeiro do Sul, por intermédio do Carlinhos e da Auxiliadora. E a Cristina Tati e Ailton Krenak.

E a Deus, por ter me trazido até aqui, ensinando-me tantas coisas no caminho.

Capítulo II

ENTRE DOIS SERTÕES

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte". Mesmo considerando as diferenças entre as realidades do Nordeste – a partir da qual Euclides da Cunha afirma a fortaleza do sertanejo – e da Amazônia, ainda hoje a observação do cotidiano de trabalho dos seringueiros de origem nordestina e seus descendentes leva a esta conclusão. Seja no sertão da seca nordestina, seja no verde sertão amazônico, a coragem e a perseverança parecem marcar a trajetória de vida desses trabalhadores.

Anos depois de viajar ao Nordeste baiano, o engenheiro e escritor Euclides da Cunha visitou os altos rios acreanos, comandando a Comissão Mista Brasileiro-Peruana que percorreu o rio Purus. Em artigo publicado em 1904, e depois na obra póstuma "A Margem da História", de 1909, Euclides da Cunha volta a engrandecer a força e ânimo do sertanejo, afirmando estar em operação nos rios acreanos uma "seleção natural dos fortes". Atingido pelas secas nordestinas e suas calamidades (como a fome e doenças), o povoador que chega dos estados nordestinos traria em sua bagagem uma alma heróica e um organismo robusto (*sic*). Assim municiado, sobrevive às novas condições – ambientais e sociais – de vida e sai-se vitorioso no povoamento da região amazônica.

Nessa empreitada, o clima, destaca Euclides, é um mecanismo de seleção natural fundamental, pois afugenta ou elimina os incapazes, e elege os dignos (*sic*).[1]

Distanciar-me-ia da continuidade e determinismos biológicos de Euclides da Cunha, e optaria por uma perspectiva mais histórica na análise do sertão como "uma das matrizes para a construção de um outro modo de vida".[2] Mas ousaria sugerir linhas de continuidade entre nordestinos e acreanos, sertanejos e seringueiros – como não esperar encontrar características culturais e físicas nordestinas nos descendentes acreanos? Insistiria, finalmente, em afirmar a presença de valores (*ethos*) de honra, altivez e dignidade dos seringueiros e seringueiras com os quais convivi, e uma quase incansável disposição para o trabalho.

*

* *

O capítulo tratará, nas duas primeiras seções, da emergência da borracha como um produto de exportação cuja expansão, entre os anos de 1870 e 1912, consolidou a ocupação de seringais nos altos rios amazônicos e a constituição de uma estrutura social particular.

Considerando a origem cearense de importantes personagens da saga familiar que nesta tese começa a ser narrada – como o velho Nascimento e Raimundo Meruoca – , a seção seguinte contextualiza e reconta, na medida do possível, o tempo dos *cearensos*[3] "brabos". Será descrita a vinda e chegada dessas pessoas nos seringais do Acre, onde

---

[1] Cf. Cunha,1994[1904], p.15-19, 1994[1909a], p. 52-63 e 1994[1909c], p. 25-38. A obra em que refere-se ao sertão nordestino e seus moradores é o clássico "Os Sertões", de 1902.

[2] Wolff, 1999, p.53-4. Vários autores já notaram a presença de elementos culturais nordestinos no modo de vida do seringal, entre eles Benchimol, 1977[1945], p.143-ss; Costa, 1940, p.102-ss; Reis, 1953, p.117-ss; e Wolff, 1999, p.77-ss. Observação sobre a linguagem do seringal como marcada por peculiaridades daqueles que o constituíram pode ser encontrada em Reis, 1953, p.137-139.

muitos deles vieram a ter suas vidas e de seus descendentes entrelaçadas às dos povos nativos.

A borracha conheceu períodos de expansão e de crise, mas não desapareceu, nem ela nem seus produtores diretos. Na quarta seção do capítulo serão analisadas algumas das razões para este fato.

A borracha

Desde o século XVI é possível encontrar referências à uma goma elástica encontrada entre os nativos da recém-descoberta América. Contudo, até o século XVIII, na Europa, não teriam se verificado condições para que a borracha fosse incorporada como um produto economicamente relevante.[4]

Em 1745, o astrônomo Charles-Marie de La Condamine, que dez anos antes partira da França em expedição destinada a medir o arco do meridiano terrestre, publica o seu "Voyage sur l'Amazone", sendo para muitos um marco na história da borracha amazônica como um produto para o mundo.[5] Em seu relato, La Condamine fala da impermeabilidade e flexibilidade de uma resina, chamada "caoutchouc" nas terras da Amazônia equatoriana, e que se prestava a usos diversos: garrafas, botas, bolas e seringas.[6]

Um dos primeiros usos comerciais da borracha foi na fabricação e comércio de sapatos. Em 1820, uma importação regular de sapatos de borracha da Amazônia para os

---

[3] "Cearensos" é um termo de uso corrente nos seringais, e designa os migrantes nordestinos de uma maneira geral, muito embora o maior contingente de migrantes para o Acre tenha sido de cearenses (naturais do Ceará).

[4] Tocantins, 1979, p.99; Pinto, 1984, p.10; e Martinello, 1988, p.27-ss.

[5] "Já não se tratavam, como em princípios do século XVI, de uma mera notícia, mas sim de uma possibilidade comercial que encontrou uma Europa em pleno processo de profundas transformações e ávida por novas oportunidades econômicas" (Pinto, 1984, p.11). Sobre a importância do relato e experiências realizados por La Condamine, consultar também Weinstein, 1993, p.22.

Estados Unidos teve início, extendida para a Europa depois de 1830. Foi, contudo, em 1839, com a descoberta do processo de vulcanização por Charles Goodyear, que a indústria de artefatos de borracha conheceu seu pleno desenvolvimento, ganhando, portanto, novo ritmo a produção e comércio do produto.[7] O uso da borracha como matéria-prima ampliou-se para a fabricação de artigos de mecânica e drogaria, instrumentos cirúrgicos, roupas, saltos de sapatos etc.[8]

Mesmo considerando que nas décadas de 1840 e 1850 a demanda internacional de borracha dava claros sinais de crescimento, o fato é que seus efeitos sobre a produção e exportação brasileiras só começaram a realmente se fazer sentir na segunda metade do século XIX[9]. Senão vejamos. [Mapa 3]

Tendo viajado ao longo do rio Amazonas até a cidade de Tefé entre os anos de 1848 e 1859, o naturalista inglês Henry Walter Bates, em seu relato, dá relativo pouco destaque ao comércio da borracha, sendo mais eloqüentes, por exemplo, suas narrativas da coleta de ovos de tartaruga. De fato, o jovem advogado e escritor A. C. Tavares Bastos nota que até 1853 a borracha ocupava um lugar modesto nas exportações brasileiras, ficando abaixo do tabaco, do óleo de copaíba, castanhas e da manteiga, preparada com ovos de tartaruga. O economista Nelson P. Alves Pinto lembra que por volta de 1850 a

---

[6] La Condamine, 1922[1745].

[7] Cf. Tocantins, 1979, p.101-2. A vulcanização é o processo no qual uma mistura de látex e enxofre é aquecida por algumas horas, após as quais a borracha adquire resistência a quaisquer oscilações de temperatura, não derretendo sob calor, ou rachando, no frio.

[8] Para um detalhamento do processo de desenvolvimento técnico e científico associado à incorporação da borracha como um produto comercial e lucrativo, consultar, Pinto, 1984.

[9] "As fontes estatísticas americanas consignam uma exportação de borracha amazônica, em 1827, da ordem de 31 toneladas. Sete anos transcorridos já crescera para 451 toneladas, alcançando, em 1867, o máximo de 5.826 toneladas" (Tocantins, 1979, p.135). Consultar também Tavares Bastos, 1975; Pinto, 1984, p.20-ss; e Weinstein, 1993, p.53-ss. Pinto (1984, p.21) fornece dados para a produção de borracha na Amazônia, e não a exportada pelos Estados Unidos: 31 toneladas em 1827, 238 toneladas em 1837, 6.591 toneladas em 1870 e 16.394 toneladas em 1890.

atividade extrativista da borracha estava restrita "aos arredores de Belém e às ilhas", afirmação que encontra respaldo no testemunho direto de Bates.[10]

Box 4: Sobre os primórdios da seringa...

Sobre os primórdios da seringa...

"A árvore que produz esse valioso látex é a Siphonia elastica [nota do apresentador: A árvore-da-borracha mais comum na Amazônia é, realmente, uma Euforbiácea: Hevea brasiliensis], da família das Euforbiáceas; pertence, pois, a um grupo de plantas muito diferentes do que fornece o cautuchu das Índias Orientais e da África. (...) A Siphonia elastica cresce unicamente nas terras baixas da região amazônica; até agora, a borracha tem sido coletada quase que exclusivamente nas ilhas e em terras pantanosas numa extensão de aproximadamente cem milhas a oeste da cidade do Pará. Há, porém, muitas árvores ainda não exploradas nas matas do Tapajós, Madeira, do Juruá e do Jauari, a uma distância do litoral do Atlântico que chega a alcançar 2.700 quilômetros. O aspecto da árvore nada tem de notável; sua casca e folhagem apresentam alguma semelhança com o freixo europeu, mas o tronco, como ocorre com a maioria das árvores da floresta, atinge uma grande altura antes de abrir sua copa. Essa árvore não parece ser propriedade de ninguém, ali. As pessoas com quem conversamos nos disseram que vêem todos os anos colher a borracha nas ilhas, logo que as águas baixam, isto é, em agosto, ali permanecendo até janeiro ou fevereiro. O processo empregado é muito simples. Cada um – homem ou mulher – fica encarregado de um determinado número de árvores, e todas as manhãs vai de uma em uma recolhendo numa grande vasilha a seiva leitosa que escorreu durante a noite dos talhos feitos no tronco da árvore e foi coletada em pequenos recipientes de barro, ou em conchas de Ampullaria, fixos logo abaixo dos cortes. A seiva, que no princípio tem uma consistência cremosa, logo se condensa; o líquido é levado então para o acampamento, mergulhando-se nele formas de madeiras feitas de acordo com o feitio que se deseja dar à borracha. Essa operação é repetida diariamente, a cada nova coleta, até que a forma fique recoberta por várias camadas de látex. Ao fim de alguns dias a substância se tornou branca e endurecida. É dada então a ela a cor desejada, bem como a consistência final; para isso ela é passada repetidas vezes através de uma coluna de fumaça negra e espessa produzida pela queima de cocos de uma certa palmeira, após o quê o artigo está pronto para a venda. A borracha-da-índia é conhecida em toda a província pelo nome de seringa, dada pelos primeiros colonos portugueses quando notaram ser essa a forma que os nativos davam à borracha. Segundo dizem, os índios começaram a moldar a boracha em forma de seringa ao verem a conformação natural que a seiva adquiria ao fluir espontaneamente dos ramos da árvore. Os brasileiros, seja qual for a sua classe, ainda usam em grande escala essas seringas de borracha para aplicação de remédios, já que as injeções são extremamente populares entre eles. Com esta finalidade a borracha é moldada ao feitio de uma garrafa bojuda com um gargalo fino, na extremidade do qual é fixo um estilete."[11]

Barbara Weinstein confirma que até 1890 o mercado da borracha permaneceu "relativamente calmo". A partir daquele ano, impulsionada pela "mania da bicicleta" e pela fabricação dos pneumáticos para a florescente e vigorosa indústria automobilística, a

[10] Cf. Bates, 1979[1863]; Tavares Bastos, 1975[1866], p.134-5; e Pinto, 1984, p.20.
[11] Bates, 1979[1863], p. 65.

borracha tornou-se um produto imprescindível.[12] Tudo isto teve um reflexo imediato sobre o volume das exportações brasileiras.[13]

A Amazônia era a fonte por excelência da valiosa matéria-prima.[14] O crescimento progressivo do mercado da borracha vai ter como corolário a expansão, rio acima, da ocupação e exploração de novas áreas de seringueiras. É nesta dinâmica que novos seringais vão sendo abertos e ocupados. Se até então a produção de borracha estivera concentrada na Província do Pará, intermediada por comerciantes independentes e efetivamente produzida por seringueiros autônomos, tratava-se agora de estabelecer novas zonas produtoras de borracha nas áreas ricas em seringueiras existentes nos rios Solimões, Madeira, Purus e Juruá. [Mapa 3] As "casas aviadoras" instaladas em Belém e Manaus, equipadas com frotas de navegação, se dispunham elas mesmas a abastecer diretamente os seringais distantes.[15]

---

[12] Cf. Weinstein, 1993, p.23; Tocantins, 1979, p.133-7; e Martinello, 1988, p.28.

[13] Embora cético com relação às chances que a borracha teria tido como produto de exportação devido à precariedade dos seus "métodos de produção", Celso Furtado reconhece que sua produção cresceu nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, passando da média de "seis mil toneladas nos anos setenta, para onze mil nos oitenta, vinte e um mil nos noventa e trinta e cinco mil no primeiro decênio deste século" (Furtado, 1980[1959], p.131). Observe-se que parece haver discordância entre os números fornecidos por Furtado e Pinto, mas aquele trabalha com uma "média" por décadas, e este com números absolutos por ano. Barbara Weinstein (1993, p.311) observa que as estatísticas quanto a volume de produção e exportação são realmente imprecisas, mas indicam tendências. É inegável que a produção e exportação de borracha conheceu, até os anos de 1910, um ritmo intenso e crescente. Almeida (1993), cujas fontes de pesquisa foram anuários estatísticos do início do século e a dados do IBGE, registra também esta trajetória ascendente.

[14] Leandro Tocantins (1979, p.35) argumenta que embora a borracha pudesse ser encontrada em outros países, a brasileira era a preferida devido à qualidade da família das Héveas aqui existente: a *brasiliensis*. "A Amazônia, ao findar o século XIX, detinha a produção de 65% do produto, e quando se falava em borracha, só a amazônica adquiria o forte significado do termo". Weinstein (1993, p.23) também faz afirmação neste sentido.

[15] Situadas em Belém e Manaus, as casas aviadoras eram estabelecimentos comerciais que abasteciam os seringais e deles recebiam, em troca, a borracha que produzissem. De posse dessa borracha, as casas aviadoras realizavam operações de venda para o exterior. Sobre as casas aviadoras, consultar Reis, 1953, p.84-88. Para uma análise mais pormenorizada da atuação das casas aviadoras durante os anos de *boom* e decadência da borracha, consultar Weinstein, 1993..

Reconhecimento dos altos rios

Até 1852 o rio Juruá era pouco conhecido a montante da foz do Tarauacá, conforme nos informa o Dr. José Moreira Brandão Castello Branco Sobrinho, ex-Juiz Municipal da Comarca de Cruzeiro do Sul. [Mapa 3] Nos anos subsequentes, exploradores como o geógrafo inglês William Chandless e comerciantes itinerantes aventuraram-se por este importante afluente do Solimões. Foi João da Cunha Corrêa, porém, nomeado em 1854 "diretor de índios" do Juruá pela Província do Amazonas[16], o primeiro homem branco a transitar pelas águas do alto rio Juruá até a foz do Juruá Mirim[17]. [Mapa 4] Nesta viagem, o "destemido sertanista" recolheu produtos da região, distribuiu entre os índios artigos industrializados (machados, facões, missangas etc) e trouxe consigo três índias. Com relação ao rio Tarauacá, tal como o Juruá, em meados do século XIX há notícias de viajantes, em particular coletores de drogas, percorrendo seu curso e alcançado a foz do afluente Envira, também chamado Embira, rio "em cuja parte superior mais avulta o número de indígenas menos confiantes na amizade dos civilizados".[18]

Eram essas viagens investigatórias ou de cunho comercial. Havia contato com povos indígenas habitantes da região, porém intermitente e não assentado sobre uma ocupação efetiva do território, o que só ocorreu à medida que os cursos dos rios iam sendo explorados e povoados e neles eram estabelecidos postos comerciais. Neste primeiro momento de contato, os índios habitavam e controlavam o lugar; com eles os

[16] As Diretorias de Índios foram criadas em 1845 (Araújo e Amazonas, 1984[1852]). Havia diretores de índios para as várias regiões ou rios das províncias, estando entre suas atribuições, por exemplo, coibir perseguições aos povos nativos (Bates, 1979[1863], p.201). A Província do Amazonas foi criada em 1850. Até esta data, toda a região da bacia do Amazonas – com o nome de Capitania de São José do Rio Negro – estava sob a jurisdição da Província do Pará; em 1848, a vila de Barra (hoje Manaus) já fora elevada à categoria de cidade. Foi a partir de Barra e de Ega (hoje Tefé) que embarcações brasileiras começaram a percorrer os rios Purus e Juruá e aprofundar o conhecimento da Província recém-fundada (Cunha, 1994[1898], p.20; Rego Barros, 1993, p.30; e Araújo e Amazonas, 1984[1852].

barcos que subiam os rios comercializavam, o sertanista estabelecia contato e trocas, e deles os viajantes temiam o ataque.

Com efeito, comerciantes, grande parte deles portugueses, eram os navegadores por excelência da bacia do rio Amazonas, sendo o comércio a principal atividade econômica da região. É esta constatação que pode ser feita a partir da leitura do livro de Bates, cuja expedição as selvas brasileiras em busca de espécimes de fauna e flora durou onze anos, de 1848 a 1859. O naturalista inglês percorreu o trecho contido entre a atual capital do estado do Pará, Belém, e a então cidade de Ega, hoje Tefé, tendo feito rápidas incursões nos rios Tocantins, Tapajós, Madeira e Solimões. [Mapa 3]

Na leitura do relato de sua viagem, fica claro que a ligação entre os núcleos de povoamento ao longo do rio Amazonas e afluentes era feita por embarcações de comércio, tendo o próprio Bates utilizado este meio de transporte para percorrer grande parte dos trechos de sua expedição. Os povoados em que permaneceu ou que conheceu rapidamente são descritos como "semi-indígenas" ou "semi-civilizados"; seus habitantes eram, em geral, índios "civilizados", em contato com a sociedade branca, além de funcionários de governo e moradores brancos e negros. Era diretamente com os índios, ou com patrões-comerciantes destes, que os comerciantes (*regatões*) estabeleciam relações de troca ao percorrer os rios, ao que parece intercambiando os produtos locais de seu interesse (copaíba, óleo de ovos de tartaruga, salsaparilha, peixe seco, borracha etc) por artigos manufaturados.[19] O historiador Craveiro Costa, nascido em Alagoas e "naturalizado" acreano, afirma terem sido os regatões – "à cata de plantas medicinais e

[17] Consultar Castello Branco, 1922, p.593 e 1947, p.165-6; e Tocantins, 1979, p.110.
[18] Castello Branco, 1947, p.191-193 e 1950, p.24.
[19] Bates, 1979[1863], p.91, 116, 124, 133, 204/5, 242, 283, 286, 288 *et passim*.

especiarías da região, em contacto com aborígenes menos hostis, das margens dos grandes cursos" – os reais descortinadores da geografia dos rios amazônicos.[20]

Ao longo da década de 1880, contudo, já é possível perceber que um novo movimento estava em curso. Os primeiros seringais começavam a ser estabelecidos acima de Cruzeiro do Sul, o que apontava para uma ocupação com fins de permanência. Em 1884, exploradores italianos e cearenses já proprietários de seringais mais abaixo, ou interessados em vir a sê-lo, percorreram o rio Juruá até a foz do afluente Juruá Mirim. [Mapa 5] Em 1890 foi a vez de outro afluente, o rio Tejo, que deve seu nome ao português Antonio Grangeiro.[21] Em 1891, embarcações de casas aviadoras com fins exploratórios e de ocupação já alcançavam o seringal Triunfo, bastante próximo à foz do rio Tejo. Por volta de 1894, desde o rio Moa ao Breu, "as bordas do Juruá se encontravam pontilhadas de tapiris, mais tarde transformados em barracões, que seriam os primeiros núcleos de população". O paraibano Alfredo Lustosa Cabral, que trabalhou em seringais da região no final do século XIX, informa que em 1898 os seringais do alto rio Tejo eram disputados por pretendentes a proprietário.[22]

Os rios do Alto Juruá, portanto, foram sendo um a um percorridos e seus seringais delimitados, num processo contínuo e intenso. Tornar-se dono de um seringal era um processo relativamente simples. Assim o descreve Castello Branco: "Esses descobridores do Juruá, à medida que iam subindo, reservavam uma certa quantidade de praias para cada um, assignalando as extremas de um e outro lado da exploração com um pequeno

---

[20] Costa, 1940, p. 98 .
[21] Cf. Castello Branco, 1922, p.593. Mas, nesse mesmo texto, páginas a frente (p. 595), o autor lista outros nomes como os exploradores pioneiros do rio Tejo em 1890, mas não o de Antonio Grangeiro. O padre J. B. Parissier (1898) dá a informação de que o rio teria sido descoberto em meados dos anos de 1880, por um português que teria encalhado nas proximidades, e resolveu homenagear o famoso rio de sua terra natal. O padre afirma que o destino deste explorador pioneiro teria sido o de se tornar chefe de uma tribo de índios!
[22] Castello Branco, 1922, p.602 e 1961, p.207; Cabral, 1984[1949], p.39.

roçado e deixavam uma taboleta com os nomes dos respectivos donos." Recorda Alfredo Lustosa Cabral uma ocasião, em 1898, quando correu a notícia da descoberta de um rio desabitado nas imediações do Tejo – "só encontraram rastro de índios" – , tendo havido um verdadeiro alvoroço entre os moradores: todos queriam tornar-se proprietários dos seringais a serem ali delimitados e explorados. Era alarme falso, logo vestígios de ocupação por seringueiros foram encontrados, mas o episódio dá bem a idéia de uma terra considerada como "de ninguém", bastando "descobri-la", apossar-se dela e passar a explorar seus recursos para legimitar-se como dono.[23]

No rio Tarauacá, os futuros seringueiros vindos do Nordeste destinados a povoar de forma mais permanente o território começaram a chegar nos primeiros anos da década de 1880. [Mapa 5] Os rios Envira e Jurupari, seus afluentes, foram inicialmente explorados à custa do enfrentamento com etnias indígenas neles residentes. Em 1893, as primeiras edificações da futura vila Seabra – posterior cidade de Tarauacá – começaram a ser erguidas. Ao Alto Tarauacá os seringueiros começaram a chegar na virada do século, datando desta época o início da ocupação branca do rio Jordão.[24]

Estava-se numa terra onde a chegada era seguida da tomada de posse e auto-proclamação de propriedade, procedimentos inclusive muito pouco formalizados e que prescindiam de impedimentos legais significativos. A posse das propriedades devia ser registrada junto ao governo da Província do Amazonas para que adquirisse o estatuto de propriedade, mas este procedimento nem sempre foi seguido pelos desbravadores. Assim, os seringais expandiram-se sem a preocupação legal com suas fronteiras.[25] Diante deste

[23] Consultar Castello Branco, 1922, p.595 e Cabral, 1984[1949], p. 40-1.
[24] Consultar Castello Branco, 1947, p.192-194 e Aquino & Iglesias, 1994, p.9.
[25] Cf. Rego Barros, 1993, p.158-164 e Almeida, 1993, p.18-9.

quadro, o maior obstáculo à expansão dos seringais era com certeza a presença indígena, contra a qual se investiu com determinação.[26]

Box 5: Origem e administração do Acre

Origem e administração do Acre

Até o início do século XX, o atual estado do Acre foi alvo de disputas territoriais entre o Brasil, a Bolívia e o Peru. Entre 1904 e 1909 estas pendências foram resolvidas através da assinatura de tratados – o de Petrópolis e o Brasil-Peru – entre os países interessados, mas também por meio de enfrentamentos armados nas regiões sob litígio.[27] No rio Acre, em 1902, forças militares bolivianas foram derrotados por um exército de brasileiros – que contava com a adesão de seringueiros e seringalistas da região – liderado pelo gaúcho e ex-militar Plácido de Castro. Nos altos rios Purus e Juruá, brasileiros e peruanos enfrentaram-se, encontrando-se ainda hoje restos das trincheiras construídas em 1904 na foz do rio Amônea, atual sede do Município Marechal Thaumaturgo.

Como desdobramento dos embates com o Peru, e por intervenção da diplomacia brasileira, liderada pelo Barão do Rio Branco, foram estabelecidas Comissões Mistas Brasileiro-Peruanas que percorreram os rios Purus e Juruá, sendo as equipes brasileiras chefiadas, respectivamente, pelo engenheiro e escritor Euclides da Cunha e pelo General Belarmino Mendonça. Estas Comissões, em 1905, investigaram e estabeleceram as coordenadas geográficas dos dois grandes rios e a situação quanto ao povoamento e economia. O resultado do trabalho das Comissões e gestões diplomáticas desaguaram na assinatura do Tratado de 1909 entre o Brasil e o Peru.[28]

Mas já em 1904 fora assinado um acordo preliminar com o Peru, colocando sob jurisdição brasileira a bacia dos rios Juruá (até a foz do Breu) e Purus (até a localidade Catai). As fronteiras do atual Estado do Acre foram imediatamente decretadas Território Federal brasileiro, e administrativamente divididas em três Departamentos – Alto Acre, Alto Purus e Alto Juruá. Para governar cada um destes Departamentos foi nomeado, pelo Presidente da República, um Prefeito. O então Coronel Gregório Thaumaturgo de Azevedo foi o primeiro Prefeito nomeado para o Alto Juruá, estando a região sob sua administração quando brasileiros, protestando contra o posto aduaneiro instalado na foz do Amônea, enfrentaram peruanos. Os administradores de então tinham tarefas "que iam desde a instrução, saúde pública, policiamento, justiça, defesa da área, navegação, catequeses de índios, até aos referentes a então existente Guarda Nacional".[29]

Em junho de 1910, novamente o Acre, mais especificamente o Juruá, voltou a lutar por seu reconhecimento como parte do Brasil. Desta vez tratou-se do movimento liderado pelo Partido Autonomista sediado em Cruzeiro do Sul, que pleiteava a autonomia política e administrativa do Território. De acordo com um de seus ativos militantes, João Craveiro Costa, o movimento denunciava o estado de abandono do Território mesmo sendo ele, com sua produção de borracha, um dos principais geradores de divisas para o país.[30] Em primeiro de junho de 1910, o Partido Autonomista declarou independente o Território do Acre, determinando imediatamente a interrupção da exportação de borracha, atingindo frontalmente as praças de Manuas e Belém. Chama atenção inúmeros "coronéis"-seringalistas, como Mâncio Lima, na liderança do movimento.

As conquistas do movimento ficaram aquém do reivindicado, que incluía a instituição de uma assembléia legislativa e de representação no nível federal (Câmara e Senado). De toda forma, o Departamento do Alto Juruá foi subdividido em dois, passando a existir o do Alto Tarauacá; foram criados cinco municípios (Juruá, Tarauacá, Purus, Rio Branco e Xapuri) e seus conselhos municipais (eleitos por nomeação); novo Tribunal de Apelação foi instituído e outros serviços foram implantados (delegacia fiscal, comunicações, registro de terras, etc). A esta época, a primeira crise da borracha já se anunciava...

[26] Sobre o impacto da expansão dos seringais sobre as populações indígenas, ver próximo capítulo.
[27] Cf. Costa, 1940; Rego Barros, 1993; e Tocantins, 1979.
[28] Medonça, 1989[1907]; Costa, 1940; Rego Barros, 1993; e Tocantins, 1979.
[29] Rego Barros, 1993, p.67.
[30] Costa, 1940, p.343-368.

Os seringais do Tejo

O Alto Juruá, compreendendo a área de rios e florestas acima da cidade de Cruzeiro do Sul[31], conheceu o seu principal influxo de população entre 1870 e 1890.[32] Foi a bordo do vapor "Paraense", pertencente a Casa Mello & Cia., que o padre francês J. B. Parissier, em 1897, partiu de Manaus rumo ao "famoso Juruá" em missão apostólica, atingindo então o rio Tejo e nele penetrando.[33] Mas, ressalvou o padre, naquela época o curso do Tejo não era ainda de todo conhecido: a exploração do rio começara, segundo ele, por volta de 1893.[34] Parissier era o primeiro padre a percorrer o Tejo realizando a "desobriga", como é conhecida a periódica visita de padres para fins de administração de missas e sacramentos (batismo, crisma, casamento).[35]

Se a ocupação do rio Tejo começou durante a década de 1890, esta foi espetacular: o ano de 1900 já vai encontrá-lo explorado até as cabeceiras dos igarapés Manteiga e Riozinho. [Mapa 6] A abertura do seringal Restauração data também desta época. Já em 1895, o povoamento da bacia do Tejo, mesmo em suas nascentes, é descrito

---

[31] Os municípios do Território do Acre foram criados, por decreto, em outubro de 1912, passando o antigo Departamento do Alto Juruá a ser denominado Cruzeiro do Sul. Ver Box 3.

[32] Cf. Wolff, 1999, p.51. Citando fontes de época (jornais e discursos), Castello Branco (1961, p.212) informa que, "em 1879, o movimento de passageiros, na linha de vapores juruaense, atingiu o número de 1.194, e, em 1880, já alcançava o de 1.704". A população do rio Juruá foi estimada então em dez mil pessoas. Em 1904, o Coronel Thaumaturgo de Azevedo, primeiro prefeito do recém-criado Departamento do Alto Juruá, que incluía o rio Tarauacá, apontava em 7.781 o número de habitantes, sendo 51% de seringueiros (Thaumaturgo de Azevedo, 1905). Contudo, este censo é acusado de "imperfeito" por Castello Branco (1961, p.212). Em 1906, o General Belarmino de Mendonça, que percorreu toda a extensão do Juruá, estimou em 54 mil o número de moradores, sendo 14 mil em território acreano.

[33] O fascinante relato do missionário J.B. Parissier está depositado nos Arquivos da Congregação do Espírito Santo, em Chantilly, França, onde foi localizado por Manuela Carneiro da Cunha. Não há autorização da Congregação para a sua publicação.

[34] Castello Branco (1922, p.615) afirma que os seringais do Tejo até a Restauração foram "descobertos" em 1890.

[35] No Dicionário Aurélio, desobriga é: "desobrigação"; "quitação de uma conta"; e "visita periódica feita a regiões desprovidas de clero por padres, com o fim de desobrigar [receber os sacramentos da Igreja] os fiéis". No Alto Juruá, conforme observei, serviços de desobriga (casamentos, batismos, comunhão) são pagos com pequenas taxas. Além disso, é comum ocorrer a comercialização, pelo padre, de medicamentos e roupas. Em sua viagem de volta, o padre transportará em seu barco desde borracha a animais de criação e

como "bem acentuado"; em 1907, um observador direto, o General Belarmino de Mendonça, descreveu o Tejo como um rio já bastante habitado por seringueiros, desde a sua foz, passando pelo Paraná do Pedro Gomes (hoje rio Bagé), Riozinho, Camaleão, Tamisa e Machadinho, até o Boa Hora, seu último afluente. [Mapa 2] Em 1912, os seringais do Tejo estavam dispersos nas mãos de vários proprietários, trabalhando neles cerca de 600 seringueiros.[36]

As descrições dos viajantes do início do século XX, sugerem uma grande vitalidade da vida econômica no interior dos seringais: sede com barracões fartamente abastecidos com mercadorias de primeira necessidade e de luxo, varadouros bem conservados e rodagens abertas para a passagem de comboios de animais de carga, colocações ocupadas e em plena atividade. Em 1905, ao chegar na foz do Tejo, onde estava localizado um barracão, Belarmino de Mendonça descreveu o lugar como equipado com uma infra-estrutura de armazéns, escritórios e casas, além da criação de gado.

Conforme demonstra Mauro Almeida, recorrendo a textos de Belarmino de Mendonça e do padre C. Tastevin, até a primeira grande crise da borracha, o rio Tejo, mesmo distante e de custoso acesso, era uma área de produção gomífera importante e lucrativa: em 1910, o rio Tejo produzia 160 toneladas de borracha; em 1912, junto com os demais afluentes do Juruá (na extensão entre os rios Amônea e Breu), totalizava uma produção de cerca de 600 toneladas anuais. Os seringais de seu curso dispunham de uma

---

produtos agrícolas entregues pelos moradores dos seringais em pagamento pelos serviços de desobriga e pelos artigos adquiridos.

[36] As informações sobre a ocupação do rio Tejo e seus afluentes estão em Cabral, 1984[1949], p.40; Almeida, 1993, p.14-ss; Mendonça, 1989[1907], p.194; Thaumaturgo de Azevedo, 1905; e Castello Branco, 1922, p. 605 e 615.

infra-estrutura material e humana significativa, ilustrada, respectivamente, da manutenção de *estradas de rodagem* e por um corpo de administradores e *mateiros*.[37]

Porém, em que pese toda essa efervecência e dinamismo, o sistema de apropriação das terras dos seringais permanecia precário. Os seringais eram monopólio dos patrões, mas não amparado por títulos legais. Foi apontado que a posse dos seringais, em seus primórdios, devia-se mais ao espírito aventureiro e empreendedor e menos à riqueza dos pretendentes ao status de dono. Naquele tempo, a posse inicial das áreas dos futuros seringais foi muitas vezes objeto de transações especulativas, os primeiros exploradores repassando a outros suas conquistas, e assim sucessivamente. Talvez isso explique o fato dos seringais, até 1912, pertencerem a uma multiplicidade de donos individuais.

Até 1904, documentos de posse sobre seringais no Alto Juruá eram obtidos junto ao governo do estado do Amazonas.[38] Lembremo-nos, contudo, que embora o Brasil tivesse, em 1903, concluído um tratado pelo qual ganhava soberania sobre territórios pretendidos pela Bolívia, a soberania sobre as terras do Alto Juruá era ainda objeto de disputa com o Peru. [Cf. Box 5] Em 1910, conforme observou o advogado Antonio José Araújo, toda a terra do atual Acre era sem dono legal – mas ao mesmo tempo não havia

---

[37] Entre os autores que deixaram testemunhos de primeira mão sobre a região do rio Tejo, no início do século XX, destaco os missionários da Congregação do Espírito Santo, C. Tastevin e J. B. Parissier, o então seringueiro Alfredo Lustosa Cabral e o militar Belarmino de Medonça, cujas obras têm sido referidas ao longo deste capítulo. Recorri ao trabalho de Mauro Almeida (1993, p.14-ss) para mapear referências – dados e obras – sobre a ocupação do Tejo, e para comprovar a efetiva ocupação do distante rio antes da crise de 1912. As informações sobre a produção de borracha no alto rio Juruá, incluída a bacia do rio Tejo, no ano de 1912, estão em Castello Branco (1922, p.709-13 *apud* Almeida, 1994, p.14). Cristina Scheibe Wolff iniciou uma frutífera pesquisa nos Arquivos do Fórum de Cruzeiro do Sul, pesquisa que continuei em busca de registros contemporâneos sobre eventos do seringal, contando para tal com a auxiliar de pesquisa Antonia Valdeania dos Reis Silva.

[38] Aparentemente, o governo do Amazonas não emitia "títulos". Depoimentos de antigos patrões a Mauro Almeida dão a entender que os primeiros ocupantes registravam junto as autoridades uma declaração de posse – como se hoje registrássemos em cartório uma declaração de propriedade. Mas não havia registro de terras, conforme o exige a lei brasileira.

nenhuma terra livre. Daí o paradoxo de que se todo o Acre era propriedade da União, cada parte sua fora individualmente apropriada.[39] Vejamos alguns exemplos.

O seringal Boca do Tejo começou a ser explorado em 1890, e em menos de dez anos teve três donos sucessivos: José Martins, Miguel Fernandes de Almeida e Francisco Bonifácio Costa, um "negro, mas muito inteligente, apesar de não saber ler nem escrever", conforme o descreveu seu companheiro de viagem no vapor "Paraense", o padre Parissier. Bonifácio Costa hospedou o missionário na sede de seu seringal, primeira escala após 27 dias de viagem e o ponto de partida para a viagem de desobriga. Foi o mesmo Francisco Bonifácio Costa que, em 1907, recebeu e banqueteou com uma rês de seu rebanho a comissão chefiada pelo General Belarmino de Mendonça.[40]

Chamo atenção para a provável origem humilde de Bonifácio Costa, como indicaria o fato de não ser alfabetizado. Ele era cearense e tinha cerca de 31 anos em 1897, ou seja, era um jovem, pioneiro e bem-sucedido migrante. Em autos de processos no Fórum de Cruzeiro do Sul no ano de 1905, é identificado como "tenente-coronel" e "negociante", ou "comerciante", e ainda como "proprietário".[41] Não há informações sobre a situação legal do seu seringal, mas é provável que possuísse documentos emitidos em Manaus. Além de tornar-se dono de seringal e comerciante com controle do importante barracão da Foz do Tejo, abrangendo uma área de alta produtividade de borracha, obteve a "patente" de tenente-coronel (provavelmente da Guarda Nacional, o que o tornava um "coronel de barranco"). Certamente ele não foi o único nordestino a ter uma trajetório bem-sucedida.

---

[39] Este parágrafo foi baseado em Almeida (1993, p.18-19), a onde está a citação do advogado Araújo.
[40] Cf. Parissier, 1898; Mendonça, 1989[1907], p.113; e Castello Branco, 1922, p.610.
[41] Autos do processo 1438, datado de 15/09/1913, depositado nos arquivos do Forum de Cruzeiro do Sul.

No seringal Maranguape, localizado no médio rio Tejo, até hoje moram descendentes de um antigo patrão, o falecido Agnaldo Sales, também nordestino.[42] O pai de Agnaldo Sales tinha documento de posse do seringal registrado em Manaus, mas não validou o documento na década de 1980, como o fizeram outros durante um processo de rgularização fundiária promovido pelo Incra. Assim, embora os herdeiros possuam um antigo mapa, muito velho e deteriorado, acompanhando a cópia da afirmação de seus direitos e os limites da posse, esse documento nunca foi reconhecido pelo governo brasileiro.[43] Até o ano de 1990, os descendentes de Agnaldo Sales foram vistos como donos e patrões de seringal, mas naquele ano viram-se surpreendidos pelo processo desapropriatório da Reserva Extrativista do Alto Juruá, que não os reconhecia como proprietários e sim como posseiros, tal como os demais seringueiros. Caso similar ocorreu com o seringal Iracema, também no médio Tejo.[44]

Os seringais Maranguape e Iracema talvez tenham sido os únicos que, na bacia do Tejo, não foram adquiridos, em 1912, pela casa aviadora Mello & Cia, que já era dona de seringais no Alto Juruá desde o início do século.[45] Naquele ano, a casa aviadora tornou-se a principal proprietária dos seringais do Tejo. Concluía-se assim – paradoxalmente às vésperas da primeira e grande crise da borracha – a transição de um padrão atomizado de posse de seringais, relacionado com a iniciativa de vários nordestinos empreendedores,

---

[42] Castello Branco (1922, p.621-22) cita nominalmente os donos do seringal Maranguape até o ano de 1922, mas não está entre eles o de Agnaldo Sales. Presumo que a seringal foi adquirido por este homem depois desta data, ficando ele com títulos anteriores a 1904.

[43] Mauro Almeida, comunicação pessoal.

[44] O seringal Iracema teve como primeiro proprietário Pedro José de Sousa, que, antes de 1922, o vendeu a José Ignacio da Silva, cujos descendentes ainda gerenciavam o seringal no final da década de 1980.

[45] Em 1913, de acordo com o processo judicial anteriormente referido, eram os seguintes os seringais de Mello & Cia.: Paraná [dos Moura], Porto Peters [Válter?], Ouro Preto, Canindé, Buenos Aires, Ocidente, Carmo, Porongaba, Trovão do Norte, Icó, Tarouré, Paratary, Triunfo, Cachoeira, Oriente, Minas Gerais, Belo Horizonte, Minizipé [Mississipe], Boca do Tejo, Acuriá, São João, Caipora, Breu, Horizonte, Fortaleza, Bagé, São Francisco, Aracaty, União, Belo Monte, Nerezo, Esperança, São Luiz e São José. Em

para um único mega-seringal controlado pelo capital mercantil de uma única casa aviadora localizada em Belém. Foi a Mello & Cia. que Bonifácio Costa, por exemplo, vendeu seus seringais Boca do Tejo e São João por um valor de 125:000$00 (cento e vinte e cinco contos de réis). A firma, contudo, não resistiu à crise de 1912, e já no ano seguinte pedia concordata. De 1913 a 1942, os seringais que pertenceram a Mello & Cia. estiveram nas mãos dos sócios reunidos em torno de outra grande firma, Nicolaus & Cia.[46]

Box 6: Seringais do Tejo (1942-1982)

Seringais do Tejo (1942-1982)

Em 1942, Raimundo Quirino Nobre, um dos administradores locais dos seringais de Nicolaus & Cia., tornou-se único proprietário dos seringais do Alto Juruá. Mais de vinte anos depois, em 1967, Quirino Nobre vendeu parte de seus títulos, incluindo os que incidiam sobre a bacia do Tejo, para Evilásio Maia[47]. Até os anos de 1970, contudo, não haviam títulos legalmente válidos de propriedade.

A partir de 1975 até o início dos anos de 1980, travou-se uma batalha legal envolvendo patrões-posseiros e o governo do Acre, visando legalizar os supostos direitos de propriedade dos seringais – um problema que veio à tona quando surgiram oportunidades para vender os seringais a investidores do sul do país.[48] O objetivo do governo estadual era atrair investimentos dos capitais do sul, acenando com a aquisição legal de terras, bem como permitir que os patrões vendessem terras por preços em alta, e viabilizar o acesso dos novos proprietários aos subsídios então oferecidos pelo governo militar.

Foi neste onda de regularizações e facilidades creditícias que, entre 1974 e 1976, Evilásio Maia vendeu seus títulos de propriedade para a companhia Santana Empreendimentos Agropastoris S.A., subsidiária da empresa paulista Consulmar Empreendimentos Industriais. Entre 1980 e 1982, o Incra iniciou um processo de regularização fundiária. Esse processo foi altamente seletivo: os seringais do rio Tejo foi um dos beneficiados com a "regularização fundiária" e títulos válidos, embora nenhum seringueiro tenha sido beneficiado e tampouco os proprietários menores, como *os Agnaldo* do Maranguape – ignorando as exigências contidas no processo de regularização.[49]

Almeida (1993, p.14) e Mendonça (1989[1907], p.112) encontra-se a informação sobre a aquisição dos seringais do rio Tejo pela casa aviadora Mello & Cia.

[46] Cf. Relatórios da Procuradoria Geral da República, de 1989 in: Arquivos Mauro Almeida, depositados no Centro de Estudos Rurais (Ceres), da Unicamp.

[47] Cf. Almeida, 1993, p.37 e 73.

[48] Os parágrafos a seguir estão baseados em Almeida, 1993, p. 65-6 e 73.

[49] Em comunicação pessoal, Mauro Almeida relatou que em 1982, quando iniciou seu trabalho de campo no rio Tejo, a toda hora era possível ouvir convocações do Incra pelo rádio, e seringueiros mostravam protocolos distribuídos pelo Incra e que dariam direitos a eles. Mas, em 1983, seringueiros disseram a Mauro que o Incra havia avisado por rádio que não precisavam mais guardar os protocolos porque a área já estava regularizada.

Do sertão agreste ao verde sertão

O *boom* da borracha colocou de imediato um problema a ser equacionado: o da escassez de mão de obra para trabalhar na extração do látex e assumir a produção da borracha no volume e intensidade que se requeria. A população indígena resistia. Expedições armadas – as *correrias* – visando dizimar e expulsar as populações indígenas de seus tradicionais territórios foram organizadas, e são responsáveis pelo extermínio de vários grupos, ou pela sua fuga para áreas sem ocorrência de seringueiras.[50] Por outro lado, não havia uma população regional numericamente significativa para a empreitada. A solução definitiva para o problema da carência de mão-de-obra foi a importação de trabalhadores do Nordeste brasileiro, assolado pela seca no final do século passado.

As narrativas em torno da grande seca que assolou o Nordeste em 1877 são dramáticas, e comoventes. Fome, flagelo, morte, humilhação, sede, doenças são alguns dos termos comumente empregados para descrever o quadro dos migrantes que deixavam o sertão rumo aos núcleos urbanos.[51] Difícil resistir à tentação de incorporar à narrativa da migração rumo aos seringais amazônicos um tom heróico, mesmo porque há um inegável heroismo na saga desta população. Mas analisemos um pouco melhor os acontecimentos dessa época.

De acordo com Cristina Scheibe Wolff, além da grande seca de 1877, as crises algodoeira e da pecuária tradicional já eram motivos para migração para fora do sertão nordestino – inclusive para a Amazônia – em busca de novas alternativas de vida.[52] O que ocorreu foi que o *boom* da borracha terminou por impôr um novo e sistemático ritmo a

---

[50] Ver próximo capítulo.
[51] Cf., por exemplo, Theophilo, 1922[1883]; Costa, 1940, p.100-103; e Castello Branco, 1961, p.146-ss.
[52] Cf. Wolff, 1999, p.51.

esta migração, que passou a ser apoiada e incentivada por agentes externos no sentido do seu direcionamento para os seringais amazônicos.

Neste sentido, Barbara Weinstein argumenta que entre os problemas a serem resolvidos para que a produção de borracha na Amazônia conseguisse atender à demanda que se impunha, não estava somente o da escassez de mão-de-obra. A carência de capital e de experiência técnica eram questões premeentes, e que requereram, por sua vez, ajuda estrangeira.[53] O historiador Pedro Martinello mostra que todo o empreendimento da borracha nos anos de *boom* só foi possível pela injeção expressiva de capital estrangeiro (inglês, norte-americano, belga, francês, alemão, português), viabilizando operações de exportação e importação, capital de giro, empréstimos em geral e transporte fluvial. Mas capitais nacionais também participaram do empreendimento, como foi o caso, por exemplo, do Barão de Mauá, que investiu na implantação da navegação a vapor no Amazonas.[54]

O transporte dos imigrantes para os recém-constituídos seringais foi financiado pelas casas-aviadoras de Belém e Manaus, responsáveis pela exportação da borracha. Calcula-se que entre 25.000 a 50.000 novos seringueiros migraram para a Amazônia, a cada década, entre 1880 e 1910. Mauro Almeida chama atenção para a intensidade dessa ocupação, que resultou na ocupação do Vale do Juruá em apenas uma década (1885-1895) e na sua transformação, desde então, numa das principais áreas de seringais nativos da Amazônia.[55]

---

[53] Weinstein, 1993, p.76.

[54] Martinello, 1988, p.31-ss. Barbara Weinstein mostra, contudo, que países consumidores, como os Estados Unidos e a Inglaterra, optaram por desenvolver suas próprias indústrias de processamento de borracha, restando ao Brasil o papel de fornecedor da matéria-prima.

[55] Cf. Almeida, 1993. O autor (p. 11) sistematiza dados que apontam para um crescimento significativo da população da Província do Amazonas, que incluía o Acre: de 40.000 pessoas em 1850 (majoritariamente índios) para cerca de 360.000 em 1920.

Os cearensos brabos

Quem eram os migrantes nordestinos? Esta é uma pergunta difícil de ser respondida, embora de maneira geral seja dito que eram fundamentalmente retirantes da seca, moradores do sertão, pequenos agricultores inviabilizados. Mas o fato é que antes mesmo da famosa seca já havia um deslocamento em direção aos seringais, intensificado, é verdade, nos anos de 1877 a 1879, mas que se extendeu pelas décadas seguintes.

Mesmo inexistindo consenso em torno dos números de migrantes, os dados existentes podem ser tomados como indicadores de uma onda migratória pré e pós-período da seca. É ainda possível encontrar nordestinos rumando para a Amazônia ao longo das primeiras décadas do século XX. O velho Nascimento e Raimundo Meruoca, respectivamente pai de dona Mariana e de seu Milton, eram cearenses e chegaram ao Acre na década de 1910.

Difícil também mapear as motivações para a migração. No período da seca emergiria um quadro onde não existem alternativas, não sendo a migração propriamente uma escolha. A seca então corre o risco de ser tomada como uma causa absoluta, sem mediações, cuja invocação dispensaria maiores explicações. Nos outros períodos que não os clássicos anos da seca, certamente fatores econômicos, como a crise do algodão e da pecuária tradicional, teriam que ser considerados – mas acredito que não só. Vejamos um caso concreto:

Em março de 1897, chegou a Patos [na Paraíba] *meu irmão Silvino Lustosa Cabral vindo das plagas amazônicas onde passara cinco anos.*

Grande foi o contentamento da família ao abraçá-lo.

Perdido por aquele mundo, sem se ter qualquer notícia, deixava crer que já tivesse desaparecido da face da Terra.

Trouxe uns bons gordos cobres que arranjara por lá com ingentes sacrifícios.

Foram dias de festa e alegria para todos, sua estada no seio dos irmãos e parentes.

Levava o tempo contando as peripécias, os sofrimentos, os gozos e novidades por que passara naquela região.

O pessoal, boquiaberto, ouvia estarrecido o desenrolar das narrativas.

Uma coisa entristecia: nosso irmão chegara com o intuito de passar com os seus apenas cinco meses e voltar àquela terra.

Por mais que a família, parentes e amigos o demovessem do plano, mais ele se tornava resoluto, intransigente... Tinha que voltar.

Os dias iam-se passando céleres, e eu, a cada momento, ouvia aquelas histórias bonitas, às vezes fantásticas, que ele contava, bem como, da facilidade de se enriquecer em pouco tempo. Fiquei logo desejando conhecer tudo aquilo – passeios, viagens de canoa, aves canoras como o irapuru, pássaro quase encantado, caçadas, índios, a bicharada.

(...)

Não o largava, queria sempre ouvir suas histórias admiráveis sobre o Amazonas, histórias essas que já me traziam a cabeça atordoada. Um dia tive ocasião de ouvi-lo perguntar se desejava acompanhá-lo para o Amazonas. (...)[56]

Alfredo Lustosa Cabral contava nesta época com 14 anos, e era orfão e pai e mãe, vivendo com os irmãos, que se posicionaram contra a proposta do irmão-aventureiro

Silvino. Mas o jovem Lustosa Cabral já havia interiormente tomado a sua decisão, e não hesitou um momento sequer em seguir com o irmão para os altos rios. Na narrativa sobressaem-se, a meu ver, impulsos juvenis a guiar a decisão – como conhecer ambientes e seres exóticos –, além da lenda do enriquecimento fácil. O irmão Silvino trouxe desta feita um "cosmorama" com paisagens de Manaus, Belém, Paris, Londres, entre outras capitais, e que fez a alegria dos moradores de Patos. Não seria demais supôr que as histórias e objetos trazidos da estadia na Amazônia eram fascinantes e sedutores, em especial para um jovem adolescente e curioso.

O sucesso dos primeiros cearensos que estiveram na Amazônia, e de lá regressaram para sua terra natal, já foi apontado por João Craveiro Costa como um forte motivo que teria levado outros compatriotas a arriscarem a vida naquelas longíquas plagas.[57] Quanto ao enriquecimento fácil, devemos lembrar que Alfredo Lustosa Cabral não era um retirante da seca, e sim um agricultor e pequeno proprietário com os irmãos, tendo estudado e se alfabetizado. Quando retornou a Patos, dez anos depois, o fez em grande estilo: viajando de primeira classe e hospedando-se em bons hotéis. Nas décadas seguintes ao seu regresso trabalhou como professor primário, foi vereador, adjunto de promotor e, após aposentar-se como professor, cirurgião-dentista.[58]

Parece-me, portanto, que na vida de Alfredo Lustosa Cabral, a experiência amazônica – onde trabalhou não só como seringueiro, mas também como regatão e até "inspetor de quarteirão" – não deve ter sido materialmente determinante do seu futuro, embora o possa ter influenciado de outras maneiras. Na verdade, haveria uma diferenciação entre os migrantes, que não provinham todos do sertão, ou das classes mais

[56] Cabral, 1984[1949], p. 23- 4.
[57] Costa, 1940, p.104.

pobres, ou do ofício exclusivo da agricultura, como aponta Cristina Scheibe Wolff.[59] A autora afirma que muitos tinham outros conhecimentos e saberes que os habilitaram a desempenhar outras tarefas que não apenas a de cortar seringa, como foi o caso do próprio Alfredo Lustosa Cabral e seu irmão Silvino.[60]

A viagem do Nordeste para os seringais foi feita em navios cujas acomodações, para tantos dias de viagem, eram bastante precárias. Para sair de Patos e alcançar os seringais acreanos, Alfredo Lustosa Cabral viajou inicialmente até Timbaúba, em Pernambuco, por catorze dias, junto com um grupo de tropeiros. [Mapa 7] Lá, ele e o irmão tomaram um trem para o Recife, onde permaneceram num hotel cerca de 10 dias aguardando a chegada do navio "Pernambuco", no qual finalmente embarcaram, encontrando em seu interior remanescentes de um batalhão que combatera em Canudos (BA). Continuando a viagem...

Tomamos destino a Natal. Nesse porto embarcaram mais alguns passageiros destinados ao Amazonas.

Continuando viagem, o "Pernambuco" singrava as águas do Rio Grande do Norte em demanda aos "verdes mares bravios" cearenses.

De marcha vagarosa, cansada, quase agonizante, o velho barco seguia aos tombos sucessivos como um ébrio dominado por cachaça. Os seus porões não comportavam mais um grilo. (...)

Chegamos finalmente ao porto de Fortaleza. Feitas as visitas protocolares, o comandante recebeu uma lista de quinhentos flagelados para o Amazonas.

---

[58] Cf. Cabral, 1984[1949], p.12.
[59] Wolff, 1999, p.51.
[60] Ver-se-ão outros exemplos ao longo da trajetória de seu Milton, que trabalhou para patrões, desempenhando tarefas de mateiro e motorista de embarcações, além de ter aprendido o ofício de ferreiro.

Era impossível aceitá-la, não havia onde colocar essa gente, mas era também desumanidade deixá-la.

Retidos nas estalagens de Fortaleza por alguns dias, os patrões não suportavam mais o dispêndio dos sertanejos.

Recorreram aos grandes da terra, e a horda embarcou, sem ter mais lugar onde acomodá-la.

As redes armadas, duas, três, por cima das outras.

Com a chegada desse povo a bordo, surgiu logo um pé de briga.

Num recanto do porão, achavam-se armadas algumas redes pertencentes a um casal, com três mocinhas alegres, simpáticas. Um espertalhão achou de colocar a sua entre as das moças. O pai das meninas, ao ter conhecimento do caso, reagiu furioso. Saiu desaforo de parte a parte. Os vizinhos intervieram a favor do pai das moças, e o atrevido capitulou, subiu o tombadilho do navio indo ajeitar sua rede por cima do garajau das galinhas.[61]

A descrição sobre as condições de salubridade no navio é de uma situação precária, sem locais adequados para dejetos. Não há datas precisas, mas Alfredo Lustosa Cabral e o irmão saíram de Patos em setembro de 1897, e em outubro já estavam em Belém, aonde passaram o restante do mês aguardando a partida de um outro navio, o "Paraense" – da firma Melo & Cia. – que os levaria ao alto rio Juruá. Partiram de Belém no início de novembro, e quarenta dias depois o navio alcançou a foz do Tejo.[62] Mas o

[61] Cabral, 1984[1949], p. 31-2.
[62] Cabral, 1984[1949], p. 35.

primeiro seringal que Alfredo Lustosa Cabral conheceu e trabalhou ficava mais abaixo, e chamava-se "Nova Esperança".[63]

Eu trabalhava na venda do barracão [da qual o irmão era guarda-livros e gerente], *pesando café, açucar, arroz e tudo mais para os seringueiros, especialmente no domingo, quando eles chegavam do centro. Desejei tirar borracha ao lado dos seringueiros. Meu irmão consentiu que fosse. Fui morar numa barraca ao lado dos seringueiros, a duas horas de viagem, à margem de um lago imenso, bem piscoso, cheio de jacarés e suposta morada de uma grande* [cobra] *sucuruju. Em companhia de dois seringueiros "mansos" estive dois meses, apenas. Tinham o nome de "brabos" os que chegavam ali pela primeira vez. (...)*

Na margem oposta do lago moravam dois "brabos". Em um domingo, fomos visitá-los. Receberam-nos alegremente. Haviam matado dois mutuns. Estavam de festa. A panela fervia exalando cheiro agradável, tempero com pimenta e banha do Rio Grande do Sul.

Um dos companheiros de minha barraca, que era "manso", verificou as penas das aves de um lado da barraca. Não eram penas de mutum, e sim de urubu-rei. Tomamos somente uma xícara de café e voltamos à nossa residência. Os "brabos"já tinham comido o primeiro, não desperdiçaram o segundo.[64]

---

[63] Este seringal estava localizado, subindo o rio Juruá, nove dias de viagem acima da hoje Eirunepé (estado do Amazonas), então cidade de São Felipe, que contava com cerca de 50 "casebres de palha". Cf. Cabral, 1984[1949], p. 34.
[64] Cabral, 1984[1949], p. 37.

Box 7: Os bravos cearensos brabos

Os bravos cearensos brabos

– Os primeiros que vinham eram os brabo.
– Mas brabo não eram os índios não?
– Não, brabo eram os cearenses que vinham.(...)Vinham e chamavam brabo: – "Fulano é brabo" – porque brabo quer dizer a pessoa que não sabe trabalhar, não sabe fazer uma coisa, e os nossos – a pessoa que já era acostumado no Acre – aí ensinava a caçar, ensinava a tirar uma paxiúba, os cearenses tirarem uma paxiúba. Aí meu padrinho cansou de dizer pra mim: – "A gente dava o nome de brabo porque a pessoa que não sabe fazer uma coisa, diz: – 'Fulano é brabo, ainda não sabe fazer isso' " – quer dizer, brabo.

Brabo significa muitos nomes, porque um bicho é brabo, às vezes outra coisa que é braba, mas os cearenses também que não sabiam fazer, eles mesmos cearenses chamavam brabo, né?Porque não sabia fazer aquilo, não tinham costume, chamavam brabo, né? Mas que eles não eram nada de brabo; agora só não sabiam fazer. Aí no tempo que os arigó chegaram[65]*, os brabos que ... os cearenses chegaram, aí mudaram: os acreanos, já tinham muito acreano novato, já grande, ou novos, que já trabalhavam, aí começaram a chamar de arigó.*

Aí arigó é uma pessoa que não sabe fazer nada, "fulano é arigó". Uma pessoa que não sabe fazer nada, muita gente diz assim: – "Fulano é arigó, ele não sabe fazer isso ainda!". Que tem outros nomes que ... vocês lá fora dão outros nomes, a pessoa que não sabe fazer, não sei nem como é que vocês chamam, mas acho que devem dar outros nomes, e eles não. (...)

Pois bem, tocou de sorte, taí essa [dona] *Mariana que diga, um cearense que chegou por nome de Milton. Aí mandaram ele tirar um cacho de banana, ele chegou lá, foi-se trepar na bananeira pra tirar o cacho, pensava que era trepado (risos). Aí por isso que é arigó, porque não sabia fazer as coisas.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

Os cearensos que chegaram aos seringais acreanos na primeira grande leva de migrantes eram chamados *brabos.*[66] O adjetivo "brabo" era também aplicado aos índios para se referir à brabeza, à hostilidade, à vida na selva, em contraposição aos índios "mansos": contactados, amigáveis e incorporados ao seringal. No caso dos seringueiros, o qualificativo de "brabo" também aparece em oposição ao de "manso", este designando aqueles cearensos já acostumados com a vida na mata, dela conhecedores e familiarizados com o ofício da seringa. Os cearensos brabos eram aqueles que estavam chegando nos seringais, seringueiros ainda não ambientados à nova profissão, à floresta e

[65] Eram chamados "arigós" os nordestinos que migraram para os seringais durante a Segunda Guerra Mundial, período conhecido como "Batalha da Borracha". Ver à frente.
[66] No verbete "brabo" do dicionário Aurélio, vários sentidos aparecem para a palavra: selvagem ou não-domesticado (1), inexperiente em um ofício (3) e "trabalhador recém-chegado aos seringais" (10).

seus seres.[67] Além disso, como esclareceu seu Milton, "brabo" serve para classificar muitas coisas.

É possível ver em ambas as designações de brabo – para índios e para brancos – indicadores de ausência de domesticação para a civilização, no caso a sociedade de seringal. Os índios a hostilizavam e eram tidos como, para ela, perigosos; os brancos cearenses não a ameaçavam, eram inclusive desejados; ambos deveriam a ela integrar-se, mas teriam que passar por um forçoso período de aprendizado. Ferreira de Castro narra em seu romance situações em que os brabos são motivos de risos e chacotas por parte daqueles "que já se tinham amestrado na vida da terra insubmissa e de costumes singulares".[68]

Ao chegar nas sedes dos seringais, nos barracões, antes de rumar para as colocações e casas aonde, a partir de então, passariam a morar, os seringueiros brabos eram aviados pelos patrões. Entre as mercadorias que adquiriam estava a farinha, o charque ("jabá"), sal, sabão, querosene (para a iluminação), uma espingarda e munição, além dos instrumentos para cortar seringa: a "machadinha" (antecessora da *faca de seringa*), *tigelas* e o *balde*.[69] De posse destes artigos e encaminhados para as colocações, onde muitas vezes deviam morar um ou mais "mansos", os recém-chegados instalavam-se e eram iniciados no ofício da seringa.

---

[67] São os futuros seringueiros, ou "prospective rubber tappers", como diz Almeida, 1993, p.11. Consultar também Reis, 1953, p.116.

[68] Ferreira de Castro,1972[1930], p.92.

[69] Cf. Wolff, 1999, p.63. O delegado para os Departamentos do Alto Acre e Alto Purus, Avelino de Medeiros Chaves, faz a seguinte lista de aviação adquirida pelos seringueiros chegantes: um mil tigelinhas, uma bacia de zinco, uma machadinha, terçados, um balde de zinco, um boião de ferro, uma espingarda de um cano e outra de dois, duas mudas de roupa de riscado americano, um chapéu de palha, 28 litros de farinha, uma lata de banha (quatro quilos), quatro quilos de café, seis quilos de açucar, cinco quilos de feijão, um maço de fósforos, dois galões de querosene, meia saca de sal, quatro quilos de charque, oito libras de tabaco, um vidro de pílulas de Bristol, um vidro de maravilha de Humphreys, um vifro de bálsamo

Box 8: O manso Firmino ensina o brabo Alberto

O manso Firmino ensina o brabo Alberto

– Isto é que é a seringueira?

– É, é. Você ainda não conhecia?...

Firmino meteu os dedos por entre algumas plantas e de lá tirou um utensílio, com a forma de machado pequenino. Pôs-se nos bicos dos pés e começou a lição:

– Olhe, você. Pega-se no machadinho e se corta assim... Está vendo? Assim, que é para não arrancar a casca e não fazer mal ao pau. Quando se arranca a casca, os empregados vão fazer queixa de nós a seu Juca [o patrão].

Estendeu o braço para um arbusto seco e degolado, onde se borcavam, enfiados uns nos outros, cinco minúsculos vasos de folha, mais estreitos na base do que na boca.

– Isto são as tigelinhas. Se espeta elas na seringueira, pelas bordas. Assim... É preciso ter cuidado para que a filha fique bem segura, senão a tigelinha cai e o leite escorre todo para fora. Está compreendendo?

Em cinco pontos diferentes, todos à mesma altura, em volta do tronco, Firmino golpeou a árvore.

– Cada seringueira leva tantas tigelinhas conforme for a grossura dela. (...) Corta-se [o tronco] de cima para baixo e, quando se chega a baixo, o machadinho volta acima, porque a madeira já descansou. Seringueiro malandro faz mutá, mas aqui é proibido.

– Que é isso?

– Vamos andando, que eu já lhe explico. Mutá é fazer um girau com galho de árvore e ir cortar a seringueira lá em cima, junto à folha. A princípio dá mais leite, mas depois morre.

(...) Firmino dobrou-se, agarrou o balde, pondo-se a trilhar de novo a senda que já haviam percorrido. E, ante a primeira seringueira, deu a segunda parte da lição:

– Olhe, seu Alberto. Tira-se a tigelinha assim... Quando está alta, com cuidado para o leite não nos cair em cima do nariz... Depois se derrama no galão [balde]. Está vendo? Mete-se dentro a ponta do dedo – assim – e se dá uma volta no fundo para tirar todo o leite. Quando se acaba, se metem as tigelinhas umas nas outras e se põem todas de boca para baixo, em cima deste pau, como estávamos quando viemos cortar. Compreendeu?

– Compreendi. Obrigado.

– Você vai ver como eu faço para diante e logo aprende. Tirar o leite é fácil. O que é difícil é cortar sem arrancar casca. (...)

De novo em Todos-os-Santos [a colocação], Firmino previniu:

– Agora vamos para o defumador...[70]

A saga desses primeiros cearenses-seringueiros não foi, é claro, uma trajetória linear. Há notícias de um elevado número de mortos por doenças (malária, tuberculose, pneumonia, entre outras), picadas de cobra e ataque de índios[71]; há também aqueles que resolveram e conseguiram voltar ao seu torrão natal; mas – fundamentalmente para os propósitos desta tese – há aqueles que permaneceram nos seringais, trabalhando como

---

divino, um vidro de Isanoely (remédio contra malária), um maço de velas, meia libra de pólvora, três quilos de chumbo, uma garrafa de paraty, seis latas de sardinha e um quilo de toucinho (Chaves, 1913, p.678).

[70] Ferreira de Castro, 1972[1930], p. 117, 122 e 124.

seringueiros e agricultores. Nos seringais casaram-se ou para lá trouxeram suas esposas e filhos, fundando a base sobre a qual todo um modo de vida lograria reproduzir-se nos tempos vindouros: a família. Não é pouco para aqueles sobre os quais se costuma ter uma visão de (apenas) vítimas da história.

Os cearensos Raimundo Meruoca e velho Nascimento

Tentar biografar estes dois importantes personagens – respectivamente, padrasto de seu Milton e pai de dona Mariana – é confrontar-se com informações esparsas e fragmentadas, ausência de imagens, escassos documentos. É verdade que muitos dos contemporâneos e conterrâneos dos dois cearensos não vivem mais, mas isto também ocorre no caso de dona Regina, a mãe de dona Mariana, uma cabocla capturada nas *correrias* (conforme veremos no próximo capítulo). Porém, para dona Regina deparei-me com uma memória biográfica bastante rica, zelada e transmitida por dona Mariana, cuja intensa convivência até os últimos dias de vida da mãe entrelaçam-se a sua própria narrativa biográfica. Seu Milton age sim como zelador da memória de seu saudoso "padrinho" Meruoca, com quem também conviveu bastante, mas seu desempenho não é tão eficaz como dona Mariana, cuja memória da mãe é um dos pilares identitários da família, o étnico. Dona Mariana, por outro lado, fala do pai Nascimento, mas não é ele que ressoa em sua narrativa de vida.

Assim, as importantes personagens nordestinas da saga familiar não têm sobre si uma narrativa histórica bem estruturada e reconhecida pelos demais parentes. As

[71] Consultar, por exemplo, Castello Branco, 1961, p.151-154 e o próximo capítulo.

informações aparecem fragmentadas nas entrevistas, dispersas em meio a outras passagens, e as breves biografias que se seguem refletem essa situação de pesquisa.[72]

Francisco Feitosa do Nascimento (1883 - década de 1970)

Francisco Feitosa do Nascimento nasceu de uma "família ilustre" no sertão cearense – os Feitosa do Nascimento[73] – provavelmente no ano de 1883, tendo migrado para a Amazônia nos primeiros anos do século XX. Não seria errado supôr que veio na corrente de migrantes nordestinos que naqueles anos iam para os seringais dos altos rios tentar a vida. Deve ter embarcado muito jovem, talvez menino, certamente solteiro.

Na década de 1910, Nascimento já está no alto Tarauacá e alcança o rio Jordão. [Mapa 6] Lá trabalhou como seringueiro e também prestando serviços de escrita, pois era alfabetizado. Em 1925 já vamos encontrá-lo instalado num afluente do rio Tejo, o igarapé Flecheira, na colocação São Paulo, seringal Restauração. Está casado com sua primeira esposa, uma cearense de nome Nazaré, com quem "fugira" quando ambos moravam no Riozinho da Liberdade e esta tinha apenas onze anos. Por sua pouca idade, Nazaré ainda passou três anos na companhia do patrão do seringal até poder unir-se a Nascimento. Por volta do ano de 1926 ou 1927, ambos são pais de oito filhos[74]: Mocinha, Manuel Lopes, Raimundinho, Zé Grude, Ondino, Iaiá, Zezé e Rosinha. [Mapa de parentesco 3]

Em 1925, quando dona Nazaré estava grávida da filha Zezé e adoeceu de "inchaço", ouviu notícias de uma cabocla que curara uma mulher nas imediações, e mandou buscá-la. Esta cabocla, de nome Regina, atendeu dona Nazaré, curou-a, fez-lhe o

[72] Para as duas seções a seguir, sugiro consultar Linha do Tempo (1883 a 1955), em Anexos.
[73] Esta informação foi fornecida pelo também cearense e sertanejo Antonio Francisco de Paula, nascido em 1928 e que migrou para o Acre em 1950, tendo conhecido o velho Nascimento em 1954.
[74] Por não saber o nome de batismo desses filhos, muitos deles já falecidos, optei por registrar os nomes e apelidos pelos quais tornaram-se conhecidos.

parto e, a seu pedido, permaneceu morando na colocação. No ano seguinte, Regina fez o último parto de dona Nazaré, que deu à luz a Rosinha. A esposa do velho Nascimento, de saúde abalada, ficara impossibilitada de manter relações sexuais com seu marido. A convite de dona Nazaré, Regina mudou-se para dentro de sua casa, e o marido Nascimento, com o consentimento da esposa, manteve com a cabocla um relacionamento extra-conjugal.

Em 1929, após descer o rio Tejo com seu marido em busca de socorro médico, dona Nazaré faleceu. Naquele ano mesmo, em novembro, a cabocla Regina deu à luz a uma menina, Mariana, filha dela e de Nascimento. Mas a menina não foi criada pelo pai, e sim pela mãe, que foi viver com um outro seringueiro e com ele voltou para o Jordão. Esta não foi a única filha que o velho Nascimento, enquanto casado, teve com outras mulheres e não criou. É de conhecimento público que teve mais uma filha de nome Neném e outra Minelvina. Mas o velho mesmo costumava dizer que já tivera muitos filhos no mundo, tendo afirmado ao seu amigo Antonio de Paula que tinha trinta e cinco filhos!

Viúvo de dona Nazaré, ainda morando na colocação São Paulo, Nascimento casou-se novamente com uma acreana de nome Brígida. Porém, esta logo faleceu, no resguardo de um aborto. Nascimento tornou a insistir, e, aos cerca de 50 anos de idade, desposou Mariinha, então com aproximadamente 27 anos. Com ela viveu até o seu falecimento; juntos tiveram nove filhos: João Nascimento, Chico Preto, Lindaura, Edval, Luis, Ozélia, Jocimar, Adine e Ponchelo.

Foi com Mariinha que, em 1943, o velho Nascimento viajou à pé até o rio Jordão para rever a filha Mariana, que vira pela última vez em 1929. Em 1946, quando dona

Mariana casou-se com seu primeiro marido, o velho Nascimento encontrava-se morando na colocação São Francisco, na foz do Dourado, um afluente do rio Tejo, e ofereceu uma grande festa pela ocasião. Nesta época, não cortava mais seringa, mas seus filhos solteiros, já homens feitos, eram os seringueiros da casa.

A julgar pelo depoimento de seus amigos e parentes, o velho Nascimento era uma pessoa espirituosa e festeira. Sua casa era local certo de festa, sendo ele o animador musical, pois tocava "harmônica", o acordeão. Por ocasião dos festejos de São Raimundo Nonato, padroeiro da igreja da Restauração, em agosto, os visitantes podiam hospedar-se numa casa de propriedade do velho, que a possuía justamente para essas ocasiões. Ele cobrava um aluguel pela casa, e também por seus serviços como sanfoneiro nos forrós que ocorriam na ocasião. Muitas vezes recebia os valores devidos na forma de mercadorias como sal, açucar, querosene, sabão e banha.

Conta-se que costumava emendar, tocando seu acordeão, uma festa com outra. Há histórias que narram essas festas, como aquela em que o velho tocava de olhos fechados e um seringueiro aproveitou para roubar um beijo de uma de suas filhas. Foi imediatamente repreendido: o velho estava atento ao salão, e vigiava as filhas, mesmo de olhos fechados! Em casa, gostava de tocar suas canções preferidas, como aquela que dizia "chamei a mulata, ela não viu/Mandei chamar a mulata, ela sumiu"...

Era um homem gaiato e bem-humorado, mesmo que rigoroso e exigente – prezava uma casa bem zelada. Tinha o hábito de comer, diariamente, um ovo frito. Mas um dia, conta-se, faltou o ovo, e a esposa Mariinha o substituiu, mesmo sabendo da predileção do marido, por um peixe, o cará. O velho Nascimento comeu o prato oferecido por Mariinha de feijão com cará sem discutir; ao final exclamou: – "Feijão é bicho besta, pensa que

cará é ovo!" Há também um outro caso relembrado, em que Vicente Rosa chegou na casa do amigo Nascimento nú da cintura para cima, ou seja, sem camisa. O velho imediatamente mandou que as filhas entrassem para o interior da casa, e veio ele mesmo para a sala nú da cintura para baixo. Ante o espanto de sua esposa, justificou-se: – "Ora, se alguém chegar em casa não vai saber quem é o dono da casa: se o nú da cintura pra cima ou pra baixo!"

O velho Nascimento era tido por aqueles que o conheceram, e com ele conviveram, como um "homem sabido": sabia conversar, era letrado e conhecido de todos. Parece que era também bastante estimado. Enfim, uma pessoa influente no seringal Restauração. Não foi à toa que depois que deixou de cortar seringa foi trabalhar como escrivão do delegado de polícia e como Juiz de Paz, realizando casamentos civis. Em 1954, o velho Nascimento morava na sede do seringal Restauração e continuava desempenhando o ofício de escrivão para o delegado Manuel Néris da Silva. Nesta época o patrão chamava-se Francisco Milton da Silva, conhecido por Chico Major.

Por volta de 1967, já com 84 anos, o velho Nascimento mudou-se do seringal para Cruzeiro do Sul, onde tinha parentes. Nos anos de 1970, seus filhos Raimundinho e Edval, que moravam no rio Azul, um afluente do Moa, foram buscá-lo na cidade para que passasse um tempo com eles. Lá o saudoso velho adoeceu e veio a falecer; lá foi também sepultado.

Raimundo Pereira da Silva (1901-1972)

Filho de Francisca de Queiroz Oliveira e Joaquim Nunes de Araújo, Raimundo Pereira da Silva nasceu em 1901 na cidade de Sobral, no Ceará. Ganhou a apelido de Raimundo Meruoca já no Acre, devido à serra com o mesmo nome na sua região de

origem. De estatura baixa, Raimundo Meruoca era também um homem forte, "grosso", como se costuma chamar as pessoas musculosas.

Ainda menino, nos anos de *boom* da borracha, quando patrões ou seus prepostos arregimentavam mão-de-obra no Ceará para os seringais, embarcou para a Amazônia. [Mapa 7] Não fica claro com quem viajou – se com parentes, conhecidos, ou ambos. Chegando no Amazonas teve a chance de morar próximo a Manaus, cidade que sempre visitava, conforme contou a dona Raimunda, com quem foi casado. Provavelmente após 1912, ano do início da primeira grande crise da borracha, embarcou para o Acre, acompanhando um patrão. Sua viagem e mudança para os mais altos rios, numa conjuntura de crise nos preços da borracha, pode ter tido como um dos motivos a maior produtividade dos seringais lá localizados.

Trabalhou então muitos anos como seringueiro e agricultor no rio Tarauacá. Em meados da década de 1920, o encontramos morando e trabalhando no Jordão, provavelmente casado e com filhos. Raimundo Meruoca teve mais de uma companheira até o ano de 1941, quando enviuvou e uniu-se a Raimunda Gomes da Conceição, a dona Raimunda, sua última esposa, e passaram a viver na colocação Água Fria, no seringal Bonfim [Mapa 8]. Em 1951, casaram-se na igreja, e continuaram a viver na mesma localidade.

De suas uniões anteriores, dona Raimunda trazia quatro filhos: Albia, Milton, Sebastião e Manuel; com Raimundo Meruoca teve mais seis: Francisco, Maria, Raimunda, Marli, Teresa e Antonio. [Mapa de parentesco 4] Com dedicação e carinho até hoje relembrados por seu Milton, Raimundo Meruoca criou todos os filhos de dona

Raimunda, e esta incentivou aqueles que dele eram enteados a tê-lo como "padrinho", termo de tratamento que evoca respeito e afeto.

As lembranças da viúva e filhos de Raimunda Meruoca falam de um homem calmo e paciente, e educado. Seu Milton atribui a ele sua boa "educação doméstica". Entre suas predileções estava o café, que nunca recusava. Dona Mariana lembra de uma vez em que, no meio do dia, estando ele trabalhando no roçado, pediu a filha que o fosse chamar para beber um café. Prontamente ele atendeu ao chamado com a seguinte resposta: – "Café? Ah, então bom dia de novo!" Dona Raimunda chega mesmo a afirmar que "o sonho dourado dele era café". Café e fumar, pois o cearense da Meruoca não dispensava o tabaco: após um café gostava de deitar sobre o assoalho de paxiúba e fumar seu cachimbo.

Raimundo Meruoca foi um agricultor dedicado. Seu forte não era a seringa, mas na agricultura era exímio e cuidadoso. Gostava de plantar e de cuidar de seus roçados de mandioca e cana, tendo criado os filhos com *gramixó* (açucar mascavo) que ele mesmo fabricava. Esquecia da vida no roçado, sendo muitas vezes preciso ir chamá-lo para banhar-se e jantar. Não gostava de perder tempo, e aproveitava a luz do dia até os últimos raios de sol. Dona Raimunda cansou de provocá-lo com a sugestão de que levasse consigo uma *poronga* (lamparina de querosene) para alumiar seu caminho de volta. – "Não é, velha, é porque eu começo a trabalhar do meio dia pra tarde, e o sol começa a esfriar. Aí eu acho bom porque o sol tá esfriando, aí eu vou aproveitar" – respondia ele na memória saudosa de sua viúva.

Em meados de 1950, a convite de seu Milton, então casado com dona Mariana e morando na colocação Vista Alegre, no alto Tejo, Raimundo Meruoca e dona Raimunda

mudaram-se para esta localidade. Na década de 1970, já adoentado, Raimundo Meruoca viu-se forçado a abandonar os trabalhos pesados. Como disse dona Raimunda, "quando ele deixou de trabalhar na agricultura já foi pra morrer". Com efeito, em 22 de agosto de 1972, aos presumíveis 71 anos de idade, faleceu Raimundo Pereira da Silva, tendo sido sepultado no seringal Restauração, provavelmente em cemitério no alto Tejo.

A crise da borracha e a vida no seringal

Com a entrada no mercado, em 1912, da produção gomífera dos seringais de cultivo da Malásia, em maior quantidade e com custos de produção significativamente mais baratos, a borracha da Amazônia conheceu a sua primeira grande crise.[75] Embora a safra daquele ano tenha sido recorde (43.370 toneladas de borracha exportadas), os preços já estavam baixos e não pararam de cair. Barbara Weinstein explica o paradoxo da alta produção de 1912 frente à crise dos preços pelo entusiasmo que, em 1910, havia tomado conta do mercado e das casas aviadoras, que aumentaram seus investimentos significativamente, causando sua ruína nos anos imediatamente posteriores a 1912.[76]

A produção de borracha da Amazônia em 1932, auge da recessão, caiu para 6.224 toneladas; a do Acre passou de 12 mil toneladas, em 1912, para 3 mil. Só para ter uma idéia, a produção de borracha na Ásia, que em 1900 fora de 508 toneladas, em 1932 era de 711 mil toneladas, e cinco anos depois já eram mais de um milhão de toneladas! [77]

A produção da municipalidade de Cruzeiro do Sul, que nos anos de *boom* atingira 1.300 toneladas, em 1923 já caíra para 500.[78] Entre as firmas aviadoras que faliram nessa

---

[75] Consultar Martinello (1988, p.47-ss) sobre o "roubo" de sementes de seringueira pelos ingleses e a implantação de seringais de cultivo na Malásia.
[76] Weinstein, 1993, p.261.
[77] Consultar Benchimol (*apud* Wolff, 1999, p.103; Almeida, 1993, p.33; e Martinello, 1988, p.124.
[78] Almeida, 1993, p.33.

época de crise esteve Melo & Cia., uma das mais prósperas de Belém e com um patrimônio que incluía vapores e a maior parte dos seringais do rio Tejo.[79] A falência desta firma teve efeitos negativos sobre o abastecimento dos seringais com mercadorias, levando por sua vez a um afrouxamento dos laços de subordinação dos seringueiros aos patrões, tendo sido registrados casos em que aqueles deixavam os seringais sem saldar suas dívidas nos barracões.[80]

Os seringais sentiram duramente os efeitos da decadência. Além da escassez de mercadorias nos barracões, o transporte com *comboios* de animais pelas rodagens foram desativados, devendo agora o seringueiro transportar ele mesmo a borracha que produzia e as mercadorias que eventualmente lograsse adquirir. O seringal Restauração assistiu o fechamento de três escolas em 1923 e o desaparecimento de sua igreja, outrora famosa pelas dimensões de seu sino e pela cerimônias de novena.[81] Mas, ao contrário do que se poderia esperar, não se verificou um abandono em massa dos seringais.

Barbara Weinstein observa que embora corrente o argumento de que os seringueiros, após 1912, teriam começado a abandonar suas colocações e estradas de seringa, os dados estatísticos não indicam uma queda abrupta na produção, que comportou inclusive aumentos ocasionais. Há, para corroborar esta tese, registro de incrementos populacionais entre 1910 e 1940, seja rio acima, em direção ao Acre por parte de seringueiros do Pará e do Amazonas, como mostra Weinstein, seja proporcionalmente no número de mulheres, como mostra Cristina Scheibe Wolff, que

[79] Wolff, 1999, p.101 e Castello Branco, 1922, p.605.
[80] Tastevin, 1914 e Almeida, 1993, p.36.
[81] Almeida, 1993, p. 37.

chama atenção para a região acima da cidade de Cruzeiro do Sul, cuja população como um todo aumentou.[82] Como interpretar esses dados?

Castello Branco argumenta que se havia migração para fora dos seringais, havia também deslocamentos no sentido inverso, identificando já naquela época uma mobilidade entre os seringais e os núcleos urbanos, e vice-versa. O mesmo autor também argumenta contra uma tendência de diminuição da população mostrando que havia um aumento das taxas de natalidade. Para tal, aponta, muito contribuiu o progressivo aumento do número de mulheres em comparação aos primeiros anos de abertura dos seringais. Wolff segue nesta trilha e argumenta que o aumento do número de mulheres significava principalmente a crescente importância estratégica que iam adquirindo os grupos familiares para aqueles que pretendiam permanecer nos seringais.[83]

Em primeiro lugar, impõe-se a conclusão de que os seringais mantiveram-se em atividade; em segundo lugar, e como consequência, que a produção de borracha não parou. Weinstein argumenta ainda que teria havido uma tendência à migração rumo aos seringais mais produtivos, como os do Acre, já que o seringueiro, diante dos baixos preços da borracha, precisava incrementar sua produtividade.[84]

E mais especificamente na região do Alto Juruá, o que ocorria?

A partir do que observou no rio Tejo entre 1982 e 1991, quando o preço do quilo da borracha caiu de US$ 1,80 para US$ 0,40, Mauro Almeida sugere que a manutenção dos seringais em atividade, tanto na crise de 1912 quanto mais recentemente, pode ser explicada pela estratégia de diversificação das atividades extrativas e agrícolas adotada pelos moradores – principalmente por parte dos seringueiros, mas não só. Alguns patrões

[82] Weinstein, 1993, p.271-ss e Wolff, 1999, p.105.
[83] Castello Branco, 1922, p. 717 e Wolff, 1999, p.108-ss.

também diversificaram seus investimentos já nesta época, como foi o caso do Cel. Mâncio Lima, proprietário de fazendas na região do rio Moa e que passou a ser conhecida como um forte pólo de produção agrícola do município.[85]

A economia da região diversificou-se, e a municipalidade de Cruzeiro do Sul passou a contar com a exploração de outros produtos, como madeira e peles de animais silvestres, além de uma expressiva agricultura; produtos como farinha de mandioca, açucar mascavo e tabaco começaram a ser exportados para o baixo Juruá e mesmo para Manaus. Toda esta transformação pela qual passou a região esteve, contudo, embasada num redirecionamento dos esforços produtivos, num afrouxamento das formas de coerção exercidas sobre os seringueiros e, fundamentalmente, na existência de grupos familiares.[86]

O padre Constantin Tastevin observou que a vida no seringal só era "boa" para as "famílias numerosas": aquelas que contavam com braços para executar diversas atividades produtivas (seringa, caça, pesca, roçados) ao mesmo tempo.[87] Os seringueiros transformaram-se assim, a partir dos anos de crise do início do século XX, não em coletores especializados, mas sim num "campesinato florestal" apto a diversificar suas atividades econômicas e a sobreviver a crises setoriais.[88]

Seu Milton: memória da crise

Seu Milton nasceu em 1936, ano de crise da borracha. Naquele mesmo ano a exportação amazônica do produto alcançou 13.247 toneladas, tendo se recuperado do

---

[84] Weinstein, 1993, p. 272.
[85] Almeida, 1993, p.33-ss.
[86] Almeida, 1993, p.38 e Wolff, 1999.
[87] Tastevin, 1926.
[88] Cf. Almeida, 1993.

difícil ano de 1932, mas muito longe do ápice comercializado em 1912: acima de 40 mil toneladas. Em sua memória de infância, provavelmente da década de 1940, seu Milton tem o registro de tempos difíceis para os seringueiros que moravam nos seringais e viviam da seringa. Durantes nossas conversas em 1998, seu Milton rememorou o tempo em que a borracha tinha quase nenhum valor.

– Os patrões então nessa época que estava baixo a coisa, mesmo assim ainda tinha barracão, ainda tinha patrão ...

– Ah, tinha!

– ... ou o pessoa foi tudo embora?

– Não, o seringal era cheio. Nessa época que eu comecei me entender já era o seringal, tudo era cheio; pelo menos o Bonfim, eu conheci tudo cheio; o seringal do Zé Mourão lá em cima também era cheio de mercadoria! (...) Agora só que era, como eu estou dizendo, era um preço de nada, e a borracha também não valia nada e ... e aí ficava tudo difícil.

– Não entendi! Não tinha mercadoria no barracão, ou não tinha estiva?

– Tinha, tinha; agora só que a estiva que era ... porque você repare: preste bem atenção o que eu estou dizendo: porque (...) na época que justamente que eu comecei a me entender, não vinha mais navio pra foz do Jordão. Aí vinha alguns batelões com mercadoria pra foz do Jordão; outros iam pegar mercadoria em Tarauacá, que nem o velho Salomão. Ainda me lembro que passava de dois meses pra trazer mercadoria: vim buscar mercadoria em Tarauacá, subir no varejão; aí meu padrinho Lopes era um cearense que ele morava perto dele [do velho Salomão], *pra trazer mercadoria passavam de mês, de quinze dias. Às vezes a mercadoria ficava por lá pela ... me esqueço o nome do seringal ali em (...) Alagoas; pra acolá eles desciam pra ir buscar essa mercadoria, e*

vinham de lá pra cá três, quatro canoas, cinco canoas, pra abastecer os barracões. Aí traziam aquela mercadoria, como perfume, outras coisas de miudeza – isso, você via, entrava num barracão daquele, tava bonitinho. Mas só que o sal, as outras coisas, eram coisas pesadas, vinha de mixaria porque pra trazer as canoas carregadas só de sal, aí ficava difícil, né? (...)

A narrativa de seu Milton fala de uma situação curiosa: há patrões, há seringueiros, há produção de borracha – mas há escassez de mercadorias. Lembremos que estas vinham das distantes casas aviadoras localizadas em Manuas e em Belém, muitas delas vivendo momentos de dificuldade, quando não falidas. E seu Milton chama atenção para um dado bastante concreto, que é o do transporte das mercadorias para os barracões dos seringais. Num período de crise, com os baixos preços da borracha, provavelmente não compensava enviar embarcações até os últimos barracões, nos altos rios, cabendo aos patrões e seus seringueiros providenciar o transporte das mercadorias dos portos mais abaixo, aonde eram deixadas, até os seringais mais acima. E não havia motores à gasolina e diesel como há hoje; as canoas eram navegadas no varejão e no remo. Ou seja, na contabilidade do patrão deviam ser computados itens como gastos de tempo e trabalho no transporte de mercadorias frente ao rendimento a ser auferido com a sua venda.

Na narrativa de seu Milton, os seringais estão cheios, os seringueiros trabalham e produzem borracha, o patrão está lá no barracão, mas não há nas prateleiras fartura dos artigos de estiva necessários à vida dos grupos domésticos na floresta. Paradoxalmente, em meio à crise de abastecimento dos seringais, era possível encontrar nos barracões mercadorias de luxo, mas com certeza a preços bastante elevados já que o poder de troca da borracha estava baixíssimo. Como disse seu Milton, a pobreza nesta época não

significava "pedir esmolas", mas dificuldades materiais eram inegáveis. Continuando a conversa...

– Mas o pessoal não foi embora do seringal, os seringueiros?

– Não, nessa época não, todo mundo era, o seringal tudo era cheio; eu conheci, na minha época, no meu tempo que eu comecei a ter entendimento, o seringal do Bonfim era cheio, o seringal do Zé Mourão, que era o Bom Jardim, era cheio; e assim por diante.

– E o pessoal vivia do quê? Fazia mais agricultura?

– Não, só viviam da seringa, nesse tempo ninguém falava em agricultura. Porque até essa época quando eu comecei a me entender, ainda vinha farinha d'água do Pará pra vender pros seringueiros. E hoje não: hoje você vê que todo mundo planta: planta mandioca, todo mundo planta banana, todo mundo planta cana; querendo plantar cana, planta – que nessa época plantava muita cana. Porque nessa época os patrões também não traziam açúcar, era difícil você ver açúcar nos barracões, aí todo mundo plantava cana; criava seus filhos, que nem meu padrinho mais a minha mãe, criaram os filhos deles com açúcar de cana.

– E plantava café também?

– Café ele também tinha muito; ele tirava a safra dele, não precisava comprar café.

– Roça não plantava?

– Roça ... roça plantava, meu padrinho ...

– Não fazia farinha?

– Meu padrinho tinha muita roça.

– Mas fazia farinha?

– Fazia.

– Mas então não comprava farinha?

– Não, meu padrinho não.

– É porque eu queria entender, seu Milton, isso que o senhor fala assim, desculpe estar insistindo, mas se a borracha estava com preço muito baixo, a mercadoria também, essa mercadoria de estiva era muito barata, quase não vinha também, e aí o seringueiro ainda ia produzir borracha pra fazer o quê com essa borracha?

– Pra vender.

– Pra comprar o quê?

– Pra comprar mercadoria.

– Mas quase não tinha!

– Mas não é aí que eu estou dizendo: que o pessoal agora estão desanimados porque tem outras alternativas pra fazer; porque hoje se o cara não vende a borracha pelo um bom preço, mas tem uma farinha que vai vender em Cruzeiro do Sul por vinte e cinco reais a saca de farinha, tem uma galinha que vende por cinco reais, tem o milho que vende por ... por pouco, mas vende. Tem um porco pra vender, e assim por diante. Nesse tempo ninguém não criava nada disso, e tinha que se valer era da seringa mesmo! E por isso é que existia o fracasso ... É, não achava quem comprasse, que não tinha quem comprasse mesmo nessa época. E hoje tudo tem. Por isso é que eu digo: que hoje nós estamos numa beleza, graças a Deus; e nessa época se não fosse a seringuinha, o cara, ou mal vendido ou bem vendido, mas tinha que fazer era a borracha mesmo, que era o que os patrões compravam. (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

"Ninguém falava de agricultura", diz seu Milton, mas seu padrinho era, além de profissional no corte da seringa, um dedicado agricultor, atividade inclusive de sua

preferência, conforme atestam depoimentos daqueles que o conheceram. A farinha d'água era importada, mas os seringueiros também plantavam mandioca e faziam sua farinha; o açucar era todo artesanal, feito a partir da cana-de-açucar, que também podia ser encontrada nos roçados; o café, não eram todos, mas Raimundo Meruoca o cultivava; bananas também havia. O que se apresenta é uma situação na qual, embora no barracão as mercadorias de estiva fossem escassas, as colocações funcionavam como unidades de produção e consumo eficazes do ponto de vista da sua sustentabilidade.

O antropólogo Mauro Almeida, que realizou extensa pesquisa de campo entre os seringueiros do Alto Juruá, já chamou atenção para a economia florestal diversificada desta população, o que lhes tem permitido sobreviver como grupo social e modo de vida às intempéries a que a economia da borracha tem estado sujeita desde sua origem. Cristina Scheibe Wolff faz observações neste mesmo sentido, e afirma que os anos de crise proporcionaram aos seringueiros um "intenso aprendizado sobre a floresta e seus recursos", como parece ter sido o caso, na narrativa acima, do uso da andiroba, por exemplo.[89]

Ao afirmar que ninguém falava em agricultura, o que seu Milton quer indicar, conforme fica claro mais ao final da conversa, é que a produção agrícola não era, como é hoje, uma atividade comercial, uma alternativa de renda para aqueles que viviam nos seringais mais distantes. Nos seringais dos altos rios, a borracha, bem ou mal paga, era a moeda vigente; as pessoas então cortavam seringa e produziam borracha. Mauro Almeida explica em sua tese de doutorado que a borracha permanece sendo produzida porque, fora do mercado, os seringueiros produziam os bens que precisavam para viver, em especial o alimento (farinha, açucar, caça etc). Sendo assim, podiam produzir menos borracha, que

já não seria utilizada para adquirir bens básicos (como farinha e jabá), mas insumos (como o sal para conservar a carne de caça) e bens industrializados, como as ferramentas de trabalho. Com isso, a economia local e doméstica se diversificou internamente, seguindo uma tendência mais geral de toda a região.[90]

É sob este ponto de vista que seu Milton, e outras pessoas mais idosas, avaliam que a situação presente é, comparativamente, mais favorável para aqueles que vivem na floresta. – *Pois bem, e é o que eu sei contar do tempo da minha infância é isso. E hoje não, graças a Deus a gente está todo mundo – diz que está ruim, não. Eu da minha parte digo: – "Graças a Deus, graças a Deus o tempo está bom ainda" – está bom mesmo, porque pra quem trabalha, não está difícil não, agora pra quem não trabalha ...*

Nos anos vindouros aos gravados na memória de infância de seu Milton, a borracha amazônica conheceria novo impulso. Durante a Segunda Guerra Mundial, no Brasil, uma batalha foi travada, a da Borracha, e combatentes eram requeridos. Os "soldados da borracha" – nova leva de futuros seringueiros – foram recrutados mais uma vez no Nordeste brasileiro. Essa nova diáspora não integra, contudo, a memória histórica de seu Milton e seus familiares; não há registros significativos sobre ela nas narrativas sobre a trajetória do grupo familiar, e por isso a Batalha da Borracha não será um tema aqui explorado e desenvolvido.

---

[89] Consultar Almeida, 1993 e Wolff, 1999, p.131.
[90] Almeida, 1993.

Box 9: A Batalha da Borracha

A Batalha da Borracha

A ocupação da Malásia, e de seus seringais de cultivo, por tropas japonesas e a entrada dos Estados Unidos na Guerra, em dezembro de 1941, abriram caminho para que os distantes seringais nativos da Amazônia recebessem novo impulso. Com a dominação japonesa, a borracha – produto estratégico em todo esforço de guerra – tornou-se inacessível para o bloco dos países Aliados, entre os quais figuravam os Estados Unidos.[91]

Em março de 1942 foram firmados os Acordos de Washington, onde os Estados Unidos prometiam apoio, recursos e mercado para a borracha dos seringais amazônicos, e o Brasil assumiu o compromisso de gerenciar a revitalização da produção gomífera. Os anos de 1942 a 1945 assistiram no Brasil a um esforço interno de guerra.[92]

Foi criado o Banco de Crédito da Borracha (hoje Banco da Amazônia, o Basa), com injeção de capital do governo norte-americano e destinado a viabilizar operações de crédito e financiamento à empresa seringalista. O preço da borracha brasileira recebeu novamente uma cotação favorável e seu comércio tornou-se, em 1943, monopólio estatal. Uma companhia norte-americana, a Rubber Reserve Company, responsabilizava-se pelo suprimento das casas aviadoras de Belém e Manaus com bens, artigos e instrumentos de trabalho necessários ao empreendimento.

O Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia, o Semta, desenvolveu uma campanha de recrutamento de trabalhadores para os seringais: os Soldados da Borracha. Cartazes espalhados pelas principais cidades do Nordeste conclamavam ao engajamento naquele esforço nacional, comparando os futuros seringueiros às tropas brasileiras de guerra. "Mais borracha para a Vitória" e "Vida nova na Amazônia" era lemas de cartazes. Promessas mirabolantes (*sic*) e propagandas enganosas – como a facilidade da coleta do látex e de enriquecimento – também foram subterfúgios utilizados no recrutamento dos nordestinos.

A Batalha da Borracha logrou dinamizar novamente os seringais da Amazônia. Contudo, as estatísticas mostram que a produção gomífera amazônica teve dificuldades em corresponder ao volume de investimentos (materiais, financeiros e humanos) realizados, e frustrou as espectativas norte-americanas. Pretendia-se que a produção de borracha alcançasse 45 mil toneladas em 1942, 60 mil em 1943 e 100 mil toneladas em 1944. Mas, é claro, houve incremento na produção.

Pedro Martinello fornece dados que indicam uma "progressão lenta" na produção gomífera, que cresceu pouco mais de duas mil toneladas no biênio 1942-1943, alcançando seu ápice na safra de 1943/1944: 21.192 toneladas. A partir do fim da Segunda Guerra, a borracha só não conheceu nova grande crise devido às políticas de crédito e preços que o governo federal passou a adotar para sustentar o setor. Para Mauro Almeida, se toda a política desenvolvida pelo governo federal em apoio à atividade extrativista foi economicamente um "fiasco", ela foi vitoriosa da perspectiva da elite local de patrões-comerciantes, que lograram ter seus interesses regionais reconhecidos e protegidos pelo governo federal.[93]

[91] Consultar Martinello (1988, p.61-ss) sobre os antecendentes da Segunda Guerra Mundial e a crise de abastecimento de borracha causada pela ocupação japonesa na Malásia.

[92] Os parágrafos a seguir estão baseados em Benchimol, 1977, p.204-210 e Martinello, 1988, p.121-ss.

[93] Cf. Martinello, 1988, p.135; Ministério da Fazenda *apud* Benchimol, 1977, p.209; e Almeida, 1993, p.50-ss.

Considerações finais

No mesmo ano de 1897, subiram o rio Juruá três viajantes neste capítulo citados: o paraibano e futuro seringueiro Alfredo Lustosa Cabral, o padre Parissier e o dono de seringal Bonifácio Costa. Todos eles viajaram no mesmo mês (entre outubro e novembro) e no mesmo vapor, o "Paraense", da firma Mello & Cia. Alfredo Lustosa Cabral deve ter viajado em outro setor da embarcação, junto com os demais nordestinos, enquanto o sacerdote e o seringalista viajaram de primeira classe. Bonifácio Costa hospedou Parissier no seringal Boca do Tejo, e o missionário foi o primeiro representante da igreja católica a percorrer o rio Tejo em desobriga. Nesta época, todo o Tejo e seus afluentes já se encontravam povoados de seringueiros e produzindo borracha.

Vimos que a primeira grande onda migratória do Nordeste brasileiro para os seringais amazônicos desenrolou-se ao longo de 40 anos, e seu contexto foi principalmente – embora não exclusivamente – o dos anos de auge da borracha (1870 a 1912), e não o da seca nordestina. Especulando sobre o porquê da preferência pelo Norte, e não pelo Sul do país, por parte dos migrantes, Pedro Martinello arrola uma série de motivos, entre os quais a noção de "liberdade" que a Amazônia inspiraria (em contraposição aos cafezais de São Paulo, tradicional ocupação de escravos), a ilusão do enriquecimento fácil e as facilidades e estímulos concretos para viajar para os seringais.[94]

Naqueles anos, com efeito, a viagem dos *brabos* era incentivada e mesmo providenciada por casas aviadoras das praças de Belém e Manaus, ou ainda por parte de proprietários de seringais, que enviavam emissários às cidades nordestinas em busca de

[94] Martinello, 1988, p.38-9.

trabalhadores para a extração de borracha.[95] Mas vimos, através do testemunho de Alfredo Lustosa Cabral, que as motivações de migrar podiam ser inúmeras e obedecer a determinações bastante individuais, como a curiosidade ou desejo de conhecer novos lugares.

Não me foi dada a chance de conversar diretamente com os primeiros cearensos e de ter acesso direto aos seus relatos, experiências e motivações. Figuras centrais nesta tese, como Raimundo Meruoca e o velho Nascimento, não cheguei sequer a conhecer. Tive acesso a eles por meio dos relatos de parentes e amigos; não há fotos deles a serem vistas; suas vidas estão gravadas na memória daqueles que os conheceram. Mesmo quando alfabetizados (como foi o caso do velho Nascimento), não deixaram registro escrito sobre sua vida e idéias.

Samuel Benchimol teve a oportunidade de entrevistar nordestinos – os *arigós* – que migraram para a Amazônia a partir de 1943, naquela que ficou conhecida como a Batalha da Borracha.[96] A leitura das entrevistas chama atenção pela presença de seringueiros esperançosos e otimistas, nascidos ou já tendo trabalhado nos altos rios amazônicos.[97] Estes homens voltavam para os seringais após viagem aos seus torrões natais, onde foram rever parentes ou mesmo buscar esposa e filhos. O universo dos migrantes, tal como na primeira onda migratória, é diverso. Há os clássicos retirantes da seca em busca de uma alternativa de vida que não a sede e a fome; há trabalhadores de

---

[95] Cf. Costa, 1940, p.107; Cabral, 1984[1949], p.36; e Wolff, 1999, p.50.

[96] Benchimol, 1977, p.258-ss. "Arigó", de uma maneira geral, pode designar populações rurais, "rústicas". O Dicionário Aurélio define "arigó" de duas formas: "indivíduo que trabalha na construção de uma estrada de ferro ou de rodagem" e "indivíduo rústico; matuto, caipira". Interessante, pois muitos dos retirantes nordestinos trabalharam nas frentes de trabalho criadas pelo governo e que abriam estradas. Nesta tese estarei adotando o uso regional (Acre) do termo, que designa aqueles nordestinos que vieram trabalhar nos seringais no período da Batalha da Borracha.

[97] Benchimol (1977, p.263) relata a surpresa de ter encontrado, no Solimões, "muito cearense virado caboclo", ou seja, morando nas margens dos rios, plantando seus roçados e com criações de terreiro.

salinas querendo mudar de profissão e condições de trabalho; há vaqueiros, pescadores e agricultores; há aquele que afirma ter vindo "por influência" dos conhecidos ou da propaganda governamental, e que chega mesmo a afirmar que o diabo o teria tentado (*sic*).[98]

Cristina Scheibe Wolff apontou que durante a Batalha da Borracha houve um incremento no número de mulheres migrando para os seringais, em comparação com o início do século, quando os cearenses *brabos* viajavam, em geral, desacompanhados, causando a conhecida fama dos seringais como um lugar sem mulher. A autora discute esta hipótese como uma meia verdade, chamando atenção para a presença das mulheres indígenas na constituição dos grupos domésticos nos primeiros tempos dos seringais. Mas não nega a desproporção entre a quantidade de homens e mulheres nessa época. Não há, portanto, inverdade na tradição oral que fala das festas em que homens dançavam com homens, fato registrado em obras literárias e nos quadros do pintor acreano Hélio Mello.[99]

Após 1912, quando os preços da borracha entraram em rota descendente, levando muitas casas aviadoras e donos de seringais à decadência, quando não à falência, a migração nordestina de *brabos* teria deixado de ser estimulada como o fora durante o período do *boom*.[100] Por essa época, Alfredo Lustosa Cabral, que trabalhou nos seringais

---

[98] Martinello (1988, p.225-6) chama atenção que, principalmente a partir de 1943, as levas de migrantes passaram a ser integradas não só por sertanejos do Nordeste; pessoas de outros estados e regiões do país, com profissões diversas (ferreiros, carpinteiros, choferes de caminhão, operários etc), também se interessaram em tentar a vida nos seringais da Amazônia. Este autor também menciona a presença da "emoção psicológica da aventura" na decisão de migrar. Enfim, os cearensos arigós, na verdade, não eram só nordestinos, mas antes brasileiros vindos de diversos estados. Sua formação profissional e de vida era diversificada, como também os motivos para migrar.

[99] Wolff, 1999 e Ferreira de Castro, 1972[1930].

[100] Na verdade, é difícil determinar se ela de fato estancou. Alberto, personagem do romance "A Selva", escrito por Ferreira Castro, um ex-seringueiro que se tornou escritor de renome, segue para os seringais do rio Madeira junto com migrantes nordestinos já nos anos de queda do preço da borracha (pós-1912).

do Vale do Juruá por dez anos, já havia voltado para sua terra natal, e a Comissão Mista Brasileiro-Peruana, chefiada pelo militar Belarmino de Mendonça, já havia percorrido o rio Juruá e se hospedado nas instalações do seringal Boca do Tejo, cujo dono era o mesmo Bonifácio Costa.

No mesmo ano em que a primeira crise da borracha estourou, Bonifácio Costa vendeu seus seringais Boca do Tejo e São João para Mello & Cia. Esta transação reflete um outro padrão de posse de seringais para a região: um único dono, no caso uma grande firma, de um único mega-seringal, centralizando a administração e eliminando, com raras excessões, o sistema de posse pulverizada que imperou nos anos de abertura dos seringais nos altos rios. Este padrão, mesmo com a crise e a falência de muitas dessas grandes firmas, como foi o caso da própria Mello & Cia., perpetuou-se nas décadas seguintes. Algumas subdivisões verificaram-se nos anos seguintes, mas em 1982, quando o Incra regularizou os títulos de terras no Acre, uma única empresa paulista era proprietária dos mais de 500 mil hectares que formam a atual área da Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Finalmente, importa ressaltar que a crise de 1912 não signficou o fim dos seringais. Estes permaneceram em atividade, com seringueiros neles morando e trabalhando com suas famílias, e barracões em atividade, mesmo que movimentando um menor volume de mercadorias e de borracha. A economia florestal extrativista subsistiu ao longo de todo um século pontilhado de crises e períodos de euforia. A partir de Marshall Sahlins, poderíamos pensar num descompasso entre a dinâmica de integração da Amazônia à economia global e a dinâmica local, cujas respostas a esta integração e suas oscilações não são previsíveis ou um simples reflexo da crise externa.[101]

[101] Cf. Sahlins, 1988.

Capítulo III

CABOCLOS E CARIÚS

Havia grande número de índios na extensão do rio Juruá. Já no século XVII foi dito que o rio era habitado de "inumerável paganismo".[1] No século seguinte, notícias de viagens no baixo curso do Juruá informavam a presença de indígenas, com os quais de comercializava e que eram também objeto de comércio. Os índios pareciam também ser, para os brancos que chegavam, seres de uma humanidade diferente, havendo relatos entre 1770 e 1840 sobre a existência de povos anões e com caudas – filhos de mulheres com o macaco coatá.[2]

Em 1816, M. Ayres de Casal dá notícia de "índios pacificados" com os quais se estabeleciam relações comerciais, sendo objeto de troca a copaíba, a manteiga ou óleo de ovos de tartaruga, pirarucú seco, salsaparilha, tucum fiado, cacau etc, e "alguma borracha"; em 1852, o Capitão e ensaísta Lourenço da Silva Araújo e Amazonas, criou um verbete sobre o "Hiuruá"[3] onde consta que as margens deste rio, "abundantes de drogas preciosas,

[1] Cf. Berredo *apud* Castello Branco,1947, p.162.
[2] Trata-se de macacos do gênero *Ateles*, de grande porte e com membros (inclusive cauda) excessivamente longos. Sobre a presença de povos indígenas anões e com caudas, consultar Chandless, 1867; Castello Branco, 1947, p.159; e Spix e Martius *apud* Tocantins, 1979, p.107. Não há registro da presença de macacos *Ateles* na área da Reserva Extrativista do Alto Juruá.
[3] Nome, e grafia, pelo qual também era denominado o Juruá. Há uma grande variedade desses nomes e de grafias. Consultar, por exemplo, Castello Branco, 1947, p. 153-155.

são habitadas por grande número de nações indígenas"; em 1866, Tavares Bastos reporta informações sobre a "índole excelente" dos índios que habitavam as margens do Juruá, rio pretendido como o "mais abundante de drogas preciosas"; em 1867, o geógrafo inglês Chandless registra inúmeras "tabas de índios" encontradas no Juruá, chamando atenção para os produtos comercializados: salsaparilha, peixe-boi, pirarucú e carne de caça. Mas Chandless também cita os temíveis Náua, habitantes do estirão que leva o mesmo nome, acima da foz do Moa, a quem seus remadores temiam tanto que recusaram-se a seguir viagem Juruá acima.[4]

Nos anos de *boom* da borracha e de maior produtividade dos seringais amazônicos, vimos, o grande contingente de mão de obra foi nordestino. Para alocar os trabalhadores migrantes era necessário evacuar os seringais dos seus tradicionais habitantes; trazer trabalhadores de longe implicava num alto custo em transporte, alimentação, adiantamentos etc – custos estes deviam ser cobertos o mais rápido possível, o que só seria possível mediante o funcionamento pleno do seringal. Era necessário, portanto, dominar o território e seus antigos moradores. *Correrias* é nome pelo qual ficaram conhecidas as expedições armadas contra os povos indígenas.

As correrias sinalizavam para um confronto constitutivo desses primeiros tempos, e que opunha ferozmente as populações nativas e os que adentravam para fundar os seringais e neles trabalhar.[5] Esses embates vitimaram fatalmente diversos grupos indígenas Pano.[6]

---

[4] Consultar Castello Branco, 1947, p.163 e 167; Araújo e Amazonas, 1984[1852], p.84; Tavares Bastos, 1975[1866], p.189; Chandless *apud* Castello Branco, 1947, p. 168; e Chandless, 1867.

[5] Segundo o Dicionário Aurélio, correria pode ser sinônimo de "assalto a campo inimigo". No Nordeste brasileiro, região da qual vieram os novos povoadores das florestas convertidas em seringais, "correrias" era termo conhecido e utilizado para designar ataques promovidos por bandos armados – "malfeitores", "salteadores" – contra populações rurais indefesas, que tinham seus bens roubados, seus roçados destruídos e membros fatalmente vitimados. Estes bandos seriam compostos por membros de parentelas, e/ou um grupo de homens sob o comando forte de um chefe local. Cf. Theophilo, 1922 [1883], p.110, 203 e 210, por ex.

Nas correrias, mulheres e crianças índias eram capturadas para futuras esposas dos seringueiros migrantes e solteiros.[7]

Box 10: Escravidão de índios

Escravidão de índios

Diversos autores mencionam, para o Vale do Juruá, o comércio de que os povos nativos eram alvo e formas de coerção no uso de sua força de trabalho.[8] O naturalista Henry Walter Bates relata que os portugueses que fundaram a antiga cidade de Barra, hoje Manaus, realizavam expedições de captura a escravos índios nos primeiros anos do século XIX. A venda de crianças e mulheres índias ao longo do rio Amazonas é reportada pelo naturalista em muitas das localidades que visitou nos anos de 1848 a 1859. Castello Branco refere-se a comerciantes que, neste mesmo século, buscavam instalar no Juruá "alguns pontos de apoio ao seu tráfico de homens e mercadorias"; documentos da época citados pelo mesmo autor denominam as expedições para comércio de homens de "agarrações"; há relatos de índios sendo levados presos por seringalistas.[9]

O Coronel GregórioThaumaturgo de Azevedo, primeiro prefeito do Alto Juruá, fala na "escravidão em que [índios] vegetavam em alguns seringaes", criando ele uma Caixa dos Índios a qual cada patrão deveria contribuir com uma quantia correspondente ao número de índios que tivesse em seu seringal. Terri Aquino e Marcelo Iglesias afirmam a ocorrência de casos em que índios eram escravizados nos trabalhos do seringal, e que havia sim venda de mulheres e crianças. Darcy Ribeiro cita um relatório de 1906 do Serviço de Proteção ao Índio que reporta a "escravização de índios" em situações de "pacificação".[10]

Mas o fato é que não encontramos, no caso dos seringais brasileiros, o uso predominante da mão de obra indígena, ao contrário do que ocorreu, por exemplo, nos cauchais colombianos do Putumayo estudados por Michel Taussig: neles a força de trabalho era indígena, e a violência (torturas, mutilações, assassinatos) era uma forma recorrente de impôr disciplina de trabalho pelo terror.[11] Os índios acreanos, por sua vez, sofreram uma violência de outra ordem, a do extermínio dos adultos e potenciais trabalhadores. Nos poucos casos de índios trabalhando nos seringais, como os Kaxinawá do rio Jordão, não há registro de um clima de terror como o do Putumayo, e sim diferenças em relação aos seringais de brancos, que trabalhariam sob controle mais estrito dos patrões.[12]

São, portanto, as correrias constitutivas da narrativa histórica sobre os seringais e sobre as origens da população que o povoou; as correrias, a captura de indígenas e as uniões conjugais com a população branca são responsáveis pela constituição étnica dos

[6] Os Pano, se assim podemos dizer, são uma família etno-linguística, e não um povo. Caracterizados por uma grande homogeneidade territorial, linguística e cultural, os Pano subdividem-se em inúmeros sub-grupos com etnônimos distintos, grande parte deles com a terminação "nawa". Ver a frente.

[7] Wolff, 1999.

[8] Cf. Castello Branco, 1947, p.162.

[9] Cf. Bates, 1979[1863], p.133 e Castello Branco, 1947, p.163.

[10] Cf. Thaumaturgo de Azevedo, 1906, p.68-9; Aquino & Iglesias, 1994, p.6; e Ribeiro, 1979, p.45. Com relação ao relatório de 1906 citado por Darcy Ribeiro, há uma dúvida: o SPI só foi criado em 1910.

[11] Taussig, 1993.

[12] Aquino, 1977 e Aquino & Iglesias, 1994.

seringueiros e da cultura de seringal.[13] Não é à toa que dona Mariana, e também seu Milton, ao contar suas histórias individuais, fazem sempre referência, respectivamente, à captura de sua mãe e pai indígenas. Neste sentido, as correrias seriam "mitos da criação da 'nação' seringueira".[14]

*

* *

Neste capítulo pretendo enfocar, no processo histórico de constituição dos seringais nos altos rios do Vale do Juruá, a análise na situação de contato inaugurada com o *boom* da borracha. Embora reconhecendo, narrando e analisando os confrontos entre populações nativas e chegantes, notadamente as *correrias*, o objetivo geral do capítulo é mostrar que a sociedade de seringal, naquela região, foi fundada sobre a dinâmica da interação entre grupos que historicamente (re)construíram suas fronteiras étnicas. Os termos *caboclos* e *cariús* são contemporâneos em seu uso relacional e exemplares deste processo: caboclo denominando índios (brabos e mansos); e cariús os nordestinos migrantes.[15] Ver-se-á que a sociedade de seringal comportou inúmeras combinações e padrões de interação entre esses grupos que não poderiam ser reduzidas à oposições étnicas entre índios e brancos.

Um objetivo específico do capítulo é fornecer um pano de fundo histórico, complexo e dinâmico do momento que *os Milton*, na construção de sua identidade étnica e de seringueiros, demarcam como o mito fundador da parentela. Todo o capítulo estará entremeado e mesmo orientado pelas narrativas de dona Mariana, seu Milton e dona

[13] Martini, 1998 e Wolff, 1999. As correrias também são uma forte presença na narrativa histórica indígena, referidas como "tempo da correrias". Para os Kaxinawá, que vieram a trabalhar como seringueiros de patrões brancos, ao "tempo das correrias" sucedeu-se o "do cativeiro". Ver Aquino, 1977 e Aquino & Iglesias, 1994.
[14] Martini, 1998, p. 31.
[15] "Cariú" é um termo da língua geral, de uso regional disseminado, e que designa os que não são índios.

Raimunda, os membros mais velhos do grupo familiar. Será visto que os ascendentes de dona Mariana e seu Milton são representantes de povos nativos Pano, capturados no início do século XX, no contexto da abertura dos seringais, quando populações brancas começavam a ocupar os territórios dos povos nativos, expulsando-os, dizimando-os ou integrando-os, ver-se-á, de diversas formas. A etnia herdada, reapropriada e reinterpretada atravessa a história dos seringais, a trajetória familiar e a identidade *dos Milton.*

O capítulo tem ainda um outro objetivo específico: o de apresentar uma versão da história em que os sobreviventes das correrias – um genocídio étnico em seu aspecto mais cruel e estrutural – não são vistos apenas pelo prisma da denúncia e de sua vitimização.[16] Embora trabalhando com narrativas de segunda-mão, deverá ficar claro que pessoas como dona Regina, a mãe de dona Mariana, não são simplesmente vítimas da história e de processos sobre os quais tinham pouco controle. Dona Regina, uma índia Nehanáwa capturada em correria ainda menina e que passou o restante de sua vida em meio aos brancos, como esposa de seringueiros, parteira e curadora, foi capaz de interferir sobre aquilo que dela foi feito.

Ainda um último esclarecimento, sobre a grafia dos nomes indígenas. Sem pretensões linguísticas, mas querendo adotar um padrão, nesta tese sigo a grafia utilizada nos textos dos antropólogos Terri Aquino e Marcelo Iglesias, e nos materiais didáticos da Comissão Pró-Índio do Acre. Mas respeitarei também a forma como certas palavras nativas são pronunciadas nas narrativas dos personagens e colaboradores desta tese, como "cupixau" (ao invés de "kupixawa").

---

[16] Um trabalho extenso e bem documentado sobre situações de captura de mulheres e crianças em regiões de "fronteira", embora com maior ênfase em raptos entre grupos indígenas, pode ser encontrado em Martins, 1997. O autor, contudo, trata o rapto como "uma espécie de morte cultural e social" (p. 37) do raptado, perspectiva esta que o material de pesquisa e o enfoque que subsidiam esta tese não podem reforçar.

Notícias de correrias

Foram estes os fatos dramáticos ocorridos em 1902, no Alto Tarauacá, tendo chegado a nosso conhecimento graças as memórias do ex-seringueiro Alfredo Lustosa Cabral:

Como dissemos noutra parte, a dez horas calculadamente de viagem, na margem oposta do rio, de frente ao seringal Redenção, moravam os catuquinas.

Atacaram uma barraca de seringueiro do lugar Primavera, próximo do nosso.

Mataram três pessoas e roubaram o que haviam encontrado.

De pronto, foi organizada uma correria.

Era preciso ação pronta, decidida, urgente. Compunha-se de vinte homens com trezentos cartuchos Winchester cada um. Redenção forneceu quatro rapazes, o resto foi arranjado em outros seringais. Penetrando na mata, foram dar com as malocas depois de terem andado quase três dias. Roçado enorme, cheio de lavoura, num planalto, e no centro o barracão semelhante a circo de cavalinhos, tendo duas portas, coberto de palha, salientando-se um mastro com lugar para sentar-se o espia que descortinava grande parte do roçado.

Tomaram chegada às seis horas da tarde, hora em que o selvagem costuma estar em casa reunido. Dormiram a certa distância do aceiro. Às cinco da manhã avançaram formando cerrado tiroteio.

Aos gritos alarmantes, saíam os índios correndo por uma porta e outra e, nesse momento, os tiros certeiros dos atacantes punha-os por terra.

A mortandade foi grande, mas escafederam-se muitos.

Aproximando-se do barracão conseguiram prender uns quinze colomins [curumins] *de oito a dez anos. Os novinhos deixaram. Voltaram conduzindo macaco, papagaio, arara, mutum, jacamin, arcos, flechas, maqueiras, etc.*

Cada um que trouxesse uma novidade.

Muitos, ao se pôr em contato com essas coisas, vomitavam e as deixavam pelo mato, tal era o almisque [almíscar].

No regresso, os prisioneiros começaram a gritar demais, sendo preciso abandoná-los, deixando-os à toa, perdidos. Outros praticavam selvageria destampando a cabeça dos inocentes com balas.

Assim a maloca inteira deslocou-se para lugares distantes sem mais voltar a massacrar os trabalhadores dos seringais dali.[17]

A correria ocorrida nas proximidades do seringal Redenção, cujo dono era Silvino, irmão de Alfredo, foi motivada por mortes ocorridas em seringal vizinho, e observe-se que os seringalistas vizinhos empreendem uma ação conjunta contra os atacantes indígenas. Felizmente, nos anos em que trabalharam no Redenção sob o comando de Silvino, os seringueiros nunca foram atacados, feito que os irmãos atribuíam ao santo protetor, e flechado, São Sebastião!

Índios vivendo próximos às moradias dos seringueiros e barracões – o que demonstra uma convivência real com o perigo, para ambas as partes. Há diversas passagens no livro de Alfredo Lustosa Cabral nas quais ele menciona a presença de índios nas proximidades, como os Kaxinawá e Katukina que habitavam o alto Tejo em 1898 e tinham suas malocas vizinhas ao seringal Belmonte. [Mapa 6] *Para ali nos dirigimos e fizemos barracas quase vizinhas às dos índios. Estes, ao nos pressentir, começaram a fazer mal-*

assombrados com arremedos de pássaros, entupimento das estradas [de seringa] *que se faziam, mas sem investir diretamente (...) Não acabamos de abrir o mato; quando soubemos que os índios tinham atacado uma barraca de quatro seringueiros. Repelidos à bala, correram.*[18]

Por outro lado, a narrativa da correria próxima ao seringal Redenção indica que deve ter havido um deslocamento das malocas de seu sítio original, pois só foram encontradas após três dias de caminhada. A estratégia de afastar-se depois de um ataque aos brancos, ou mesmo abandonar temporariamente as malocas, era com efeito adotada por índios. Alfredo Lustosa Cabral reporta ocasiões em que, durante expedições na mata, encontravam imensos roçados abandonados pertencentes à populações que haviam se deslocado para longe da ocupação branca. Esta, inclusive, parece ter sido a saída encontrada pelos índios mais arredios, conhecidos regionalmente por *brabos*, que não aceitaram nenhuma forma de contato com os invasores brancos: deslocavam-se incessantemente, transitando entre as fronteiras do Brasil e do Peru.[19]

As correrias, quando eram perpetradas contra malocas, obedeciam a uma tática recorrente, ao que parece: um grupo de homens bem armados, possivelmente assessorado por um índio *manso*[20], ou liderado por um "matador de índio" – ou "amansador de brabo" – rastreava até localizar a maloca dos índios visados. Esta era cautelosamente cercada, e em silêncio os atacantes permaneciam até a alvorada, quando a um sinal combinado, abria-se fogo implacavelmente. Veja-se uma narrativa de dona Mariana, recolhida em setembro de

---

[17] Cabral, 1984[1949], p. 61-2.
[18] Cabral, 1984[1949], p. 40. As pistas dadas por Alfredo Lustosa Cabral parecem indicar que o seringal Belmonte seria dentro do Riozinho (afluente do Tejo), próximo à foz do Manteiga.
[19] Aquino & Iglesias, 1996 e Erikson, 1992.
[20] "Mansos" eram aqueles índios que, em oposição aos "brabos", foram contactados pelos brancos (exploradores de seringais, padres, soldados) e de alguma forma incorporados à empresa seringalista; do ponto de vista desta, "amansados".

1994, observando que ela guarda semelhanças com os fatos relatados por Alfredo Lustosa Cabral:

(...) O povo diz que se ajuntava muito homem, de quinze, de oito, de nove, de dez, tudo armado, aí iam pra mata rastejar os índios por onde eles iam. Tinha um velho aqui dentro desse paranã [do Machadinho], *que ele morreu aqui bem pertinho, neste Bananal, chamava-se Maximino, cearenso velho: este foi o homem mais procurador de índio que existiu aqui dentro do Tejo. Ele rastejava, Mariana, diz que rastejava tão bem que ele pegava a folha assim e cheirava, e dizia: – "Sim, homem, eles vão por aqui. Tá aqui: o puro índio". Aí seguiam. Este homem fazia muita correria, ele fez muita correria, ele contava. (...) Esse meu marido* [seu Milton] *era novinho neste tempo, ele ainda viu ele contar muitas danações que ele fazia com os índios, este velho.(...) Era, deste jeito, eles fazem assim: eles vão atrás, quando eles chegam na maloca, que eles topam a maloca, aí eles deixam escurecer; aí anoitece lá, aí eles fazem trincheira naquele cupixau, um bocado aqui, outro acolá, outro acolá; aí eles reparam quantas portas tem no cupixau.* [Cf. Box 11] *Aí quando é na amanhecença do dia, de madrugadinha, cinco horas da manhã, é que eles vão fazer fogo nos caboclos, quando eles tão se levantando pra sair. Aí toma as portas do cupixau e mete a bala. Assim a minha mãe contava para mim, eu nunca vi, mas ela contava que ela foi pegada dentro do mato: – "Minha filha, os seus tios, as suas tias, os meus primos morreram tudo assim, mataram tudo assim os cariús".*

Box 11: "Cupixau" e "Tribi" (I)

"Cupixau" e "Tribi" (I)

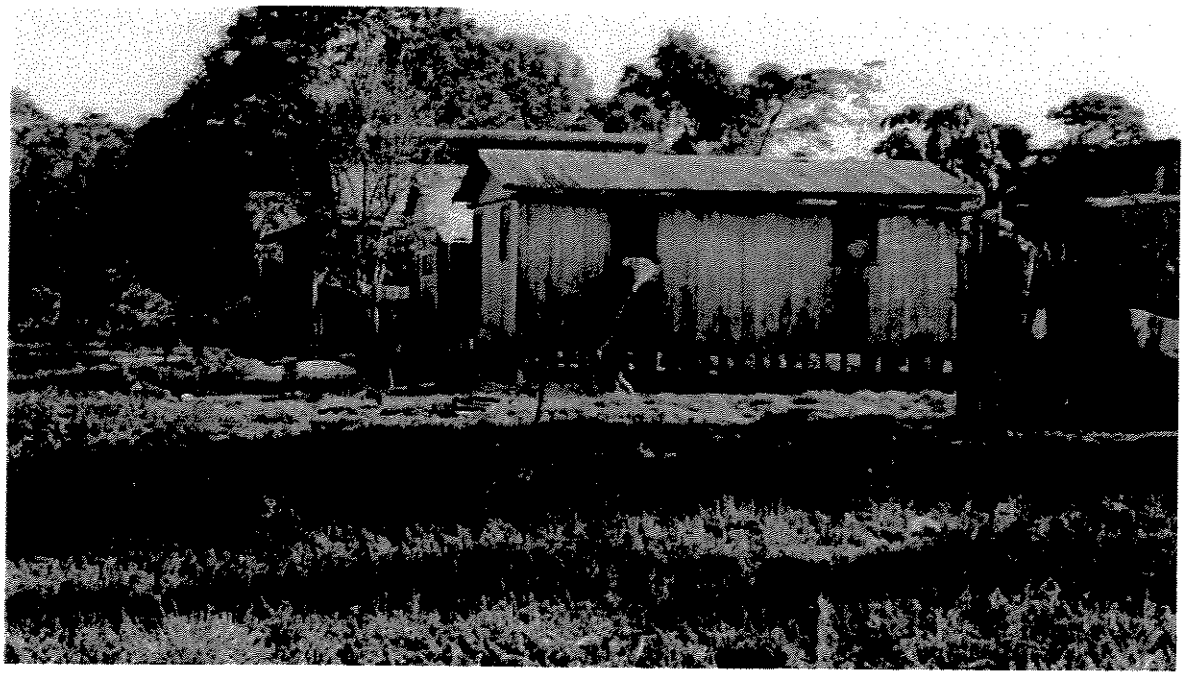


Foto 25: *Em 1998, na Foz do Machadinho, em primeiro plano, está a casa de seu Milton e dona Mariana; depois, emparelhadas, o posto de saúde, a escola, e as casas das filhas Cilene e Lurdes. A casa de Cidoca não está visível na foto. Trata-se de uma colocação habitada por um grupo de parentes e vizinhos.*

– Dona Mariana, quando fala cupixau, uma mesma tribo tem mais de um cupixau?
– Tem, neguinha, uma tribi [tribo], *mas minha Nossa Senhora, tem! Só uma tribi tem muito... Você não está vendo eu? Eu moro aqui, o meu filho mora ali, a minha filha mora aqui, a outra mora ali, é assim.*
– Mas um cupixau é uma família que mora junto? É isso?
– É.
– Mas é pai, mãe e filhos...
– E maridos. Às vezes tem caboclo de outra tribi, que se casa com as caboclas, aí vem morar ali, adonde tá o caboclo velho.
– Cupixau é uma casa só ou são várias casas?
– Eu não sei dizer. Porque a minha mãe disse que o cupixau do meu avô era um cupixauzão, comprido, monstro de grande. Mas a mamãe contava, Mariana, que diz que eu faço a minha comida, você faz a sua, a Cilene faz a dela, a Francisca faz a dela, a Lourdes faz a dela, cada qual tem sua panela, cada qual tem seu lugar de dormir, cada qual tem suas coisas.
– Mas era uma casona.
– Mas é.
– Morava tudo debaixo do mesmo teto?
– É.

O Cupixau, ou copichaua, ou ainda Kupixáwa, seria assim uma grande casa que aloja a individualidade de vários grupos domésticos aparentados entre si. Castello Branco o descreve como uma casa longa, alta no meio, coberta de palhas, caindo em duas águas até quase o chão, sem paredes e divisórias internas, tendo cada família (grupo doméstico) seu fogo, utensílios, redes etc.[21]

[21] Castello Branco, 1950, p. 32.

Correria no Envira a mando do patrão Cajazeira

Estamos agora nos idos de 1911, em selva acreana, nas matas do rio Envira, importante afluente do Tarauacá, território de índios Pano. Em algum lugar há uma maloca Nehanáwa[22] que há pouco tempo sofreu um ataque cariú, não-indígena. Após analisar os rastros deixados no local, o chefe do cupixau identificou os culpados – uma tribo vizinha – e comandou nova correria. Mas todo cuidado era pouco: os brancos ainda encontravam-se nos arredores. Acautelando-se dos inimigos brancos e indígenas, boa parte da tribo ganha a mata, espalhando-se em incursões diversas. Há um pequeno grupo, formado por uma menina de onze anos, sua irmã e marido, empenhados em tirar um tatu de seu buraco. Atenção a este grupo: nele está uma das personagens que dá origem a história que aqui vamos contar, cuja narrativa passo a dona Mariana:

Andavam uns caboclos na mata, não sabe? Andava na mata a minha mãe, um cunhado dela e uma tia minha, a irmã da minha mãe; minha mãe era pequena, não tinha seio ainda. Aí toparam um tatu; aí o cunhado dela foi cavar pra tirar o tatu. Aí tinham tomado os terçados do povo que tinham feito outra correria, que meu avô tinha feito outra correria noutros caboclos, tinham tomado um terçado 128. Este terçado minha mãe era pequena e andava com ele, era a arma dela, mais o cunhado e a irmã. Aí ele estava cavando, ela estava deitada com o terçado assim, por detrás da cabeça, e ele tinha matado um jacú, aí a irmã dela estava pelando o jacú. Aí quando viram quebrar lá detrás, aí a irmã dela olhou e disse pra ela na gíria, e pro caboclo: – "Olha os cariú!" (...) Quando ela disse "olha os cariús", aí escutou o tiro, o tiro já tinha detonado; quando ela espiou o

[22] Há dúvidas quanto à tribo moradora da maloca: dona Mariana afirma que o chefe, seu avô, era Kontanáwa, a avó Nehanáwa e a filha de ambos Nehanáwa. Não há dados sobre outras esposas do chefe, ou sobre o sistema de descendência. Optei por classificar a maloca de Nehanáwa por ser esta a tribo a qual a mãe de dona Mariana referia seu pertencimento.

cariú já estava com o rifle pra atirar no caboclo, aí matou o caboclo. Lá em cima da onde estava cavando o tatu, lá mesmo ele ficou. Aí elas correram, elas duas. Os cariús correram atrás de uma, um bocado, e outro [bocado] *correram atrás da outra.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

A mamãe disse que quando eles correram pra pegar ela, aí ela levantou-se, aí deitou mesmo dentro da mata! Aí correram, correram, correram, e correram mesmo! (...) E o homem pega, não pega; escapuliu, caiu, enfiou a perna assim dentro de uma grota, adonde a água escorre assim, aí aqueles paus assim, aqui é fofo. Ela disse que quando o homem já vinha morto de cansado, que agarrou aqui na tanga dela, assim nas costas dela, com aquele pano, não sabe? Aí ela disse que não contou pipoca não, só meteu aqui o terçado aqui; aí pulou naqueles mundos! Aí corre de novo, aí ele correu atrás, era pega aqui, pega acolá, pega aqui, só ele correndo atrás dela, não sabe? Aí quando ela disse que já ia morta de cansada, aí o caboclo, este Chico Culumim, que eu falei outro dia, avô do Siã [23]*, aí cortou gíria pra ela: – "Não corre, não corre, que o cariú não quer te matar, ele quer te pegar!" Quando ele disse "não corre que o cariú não vai te matar", ela espiou pra ver quem era, não sabe? Aí ele chegou, agarrou no cabelo dela, o finado Raimundo. Aí disse que depois que agarrou no cabelo, pronto.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

As duas índias foram capturadas vivas para serem levadas para o barracão do patrão que ordenara a correria, de nome Cajazeira. As irmãs estavam assustadas, e a menor em especial só pensava em fugir. No caminho para o barracão, por diversas vezes elas escutaram seus parentes "assoprando", isto é, arremedando aves para sinalizar que estavam

[23] Siã Kaxináwa, liderança indígena do rio Jordão, filho de Sueiro Sales. Sueiro, que faleceu em janeiro de 1997, desempenhou papel importante na manutenção e gerenciamento do seringal-caboclo dos Kaxinawá do

nas imediações. Na noite em que dormiram na mata, o grupo de cariús e o caboclo manso deitaram-se sob a rede em que colocaram as duas índias. De madrugada, a menina Nehanáwa tenta uma fuga.

A mamãe diz que quando foi umas horas a irmã dela estava ressonando, e eles tudo dormindo, deitado. Cochichavam, aí se calavam. Aí a mamãe disse que quando foi umas horas, já era de madrugada, a mãe disse que só escutava nambu: "fou, fou"... Aí a mamãe escutou, tudo ressonando, a mamãe disse: – "Eu vou já m'embora." Aí se levantou, ela era pequena; aí se levantou, saiu bem devagarzinho, no escuro! Pisando, caçando lugar, bem devagarzinho assim caçando lugar pra botar o pé. Aí passou. Aí ela sabia adonde tinham enfiado o terçado, viu adonde eles botaram os rifles e as balas, não sabe? Aí ela disse que foi lá, no escuro, apalpando, tirou uma caixa de bala; aí pegou o terçado dela, aí saiu. Diz ela que já tinha andado um pedacinho dentro do mato, aí deu aquela pena da irmã; aí voltou pra vir chamar ela. Aí voltou.

Quando chegou, que cutucou ela, foi responder, ela tapou a boca dela. Aí saíram devagarzinho, devagarzinho, ela cochichava no ouvido dela: – "Cuidado pra não pisar em cima do bicho" – ela chamava "os bicho" – "cuidado pra não pisar em cima dos bicho." Aí (risos) *passaram, a mamãe já tinha passado, só faltava o derradeiro pra ela passar. Aí não sei como foi, tombou, pisou em cima do homem; o homem agarrou nas canelas dela, aí aterraram dos pés tudo! Aí a mamãe disse que não correu não, não correu não, ficou logo chorando, com medo deles matarem ela. Aí se acordaram tudo; aí pegaram elas, botaram lá, conversar, caboclo cortava gíria pra elas: - "Pra quê que vocês querem ir embora? Se tu fosse embora eles vão te matar. Fica aqui mais eles e eles não vão te matar não, eles vão*

Jordão, onde tinham maior liberdade e possibilidade de manter sua cultura e modo de vida mesmo interagindo com a sociedade maior e inseridos na economia da borracha (Aquino, 1977; Aquino & Iglesias, 1994).

te levar pra morar mais nós." A mamãe disse que nem respondia pra o caboclo, nem ela nem a irmã dela. Aí vieram s'embora. Aí diz ela que quando foi de tardezinha, no outro dia, chegaram no barracão do patrão. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Box 12: À noite, a fuga... (narrativa II)

À noite, a fuga... (narrativa II)

– A mamãe disse que passaram a noite acordado. Sentaram, fizeram fogo, a mamãe disse que mataram jacú, depois que pegaram ela, não sabe? O jacú que o caboclo tinha matado, que a cabocla tava pelando, eles levaram. Os que vieram atrás pegaram e levaram, o jacú. A mamãe disse que já tinham matado uma nambu. Aí quando foi de noite fizeram fogo, assaram, comeram escoteiro; a mamãe disse que não tinha farinha, comeram escoteiro: passando o sal e comendo a carne, não sabe?

Aí deram pra elas, elas não comeram. Aí a mamãe disse que não dormiram, fizeram fogo, ali. Até que umas horas pegaram no sono. Aí a mamãe disse que tinha um que levava uma coberta, a mamãe disse que era uma tanga de rede, não sabe? De coberta, não sabe? Aí a mamãe disse que levava... tiraram envira, quando acabaram, amarraram pra fazer a rede pra elas duas se deitar; armaram no pau assim, pra elas duas se deitar ali dentro, ela mais a irmã dela. Quando acabaram, cortaram jarina, palha de jarina, e forraram debaixo da rede; aí se deitaram tudinho pra elas não fugir. Porque se amarrassem, ela cortava com o dente, fazia pior do que a paca! Aí iam s'embora. Aí elas passaram a noite, todas duas, encolhidas dentro da rede. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

*

– Aí ele [o avô] *e o sobrinho dele, aí vieram atrás delas, o dia todo, a outra noite, aí não puderam tirar elas das mãos dos cariús, aí voltaram. Aí Quando chegaram nesta noite que dormiram no mato, aí assoalhou cinco homens debaixo da rede delas, quatro cariús e o caboclo. A minha mãe se levantou, saiu bem devagar, pisando assim por cima d'um, até que saiu. Ela viu a onde eles botaram as caixas de bala e ela botou o terçado assim encostado. (...) Ela se levantou de noite, no escuro, aí foi apalpando, achou o terçado e a caixa de bala. Aí saiu. Aí caminhou assim dentro do mato – que estavam tudo no mato – aí caminhou dentro do mato um pedacinho, aí diz ela que deu aquela saudade da irmã, dela ficar mais os cariús; aí voltou pra ir chamar ela.*

Aí veio e passou do mesmo jeito, no escuro, escolhendo canto para não pisar por cima deles; acordou ela; quando ela quis falar, ela tapou a boca dela assim com a mão, aí cochichou no ouvido dela: – "Vamos embora, eles estão dormindo", era de madrugadazinha... Quando elas saíram, no derradeiro que era para a irmã pisar no chão...

– Pisou na mão.

– Escapuliu e pisou em cima da mão do homem, o homem se acordou e agarrou logo. Aí pronto: gritaram tudo, acenderam logo o que foi de fósforo, riscaram e pegaram ela. Ficou todas duas. Quando foi no outro dia andaram muito, ela diz que quando foi de tardezinha chegaram no barracão. Aí chegaram, os cariús tudo alegre com elas duas. Neste tempo existia poucas mulheres no Amazonas, as caboclas os cariús pegavam para servir de mulher pra eles, os cearensos. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Aquele dia marcou uma mudança definitiva na trajetória de vida da menina, que passou a viver no mundo dos brancos. Logo que lá chegaram, ela e a irmã encontraram com

outras índias vítimas da correria e da dispersão da tribo, sendo uma delas a madrasta de nossa jovem heroína. Com a perna quebrada e chorando, a índia velha consolou-as sobre o seu destino: – *Minhas filhas, não vão mais s'embora, nós não tem mais ninguém, mataram tudo o nosso pessoal, mataram tudo, tudo, tudo! E não escapou nem os pequenininhos, mataram com a ponta da faca, sacudia e aparava com a faca.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Nada mais havia que fazer; contra o barracão os parentes por ventura vivos jamais tentariam um assalto. Raimundo, o seringueiro cearense que efetivamente capturara a menina Nehanáwa, acertou com seu patrão que com ela iria morar tão logo se fizesse moça. De nome nativo para nós desconhecido, a menina foi batizada por Cajazeira e sua esposa Maroca com o nome de Maria Regina da Silva. Na casa deles viveu por mais dois anos, provavelmente ajudando nos serviços domésticos, quando então Raimundo veio buscá-la para sua esposa. Este acontecimento deve ter tido lugar em algum momento do ano de 1913.

Considerações sobre as correrias

A narrativa da captura da mãe de dona Mariana levanta uma série de questões e aspectos que gostaria agora de tratar, e que remetem aos primórdios da aventura dos seringais no Acre e às raízes do grupo familiar que esta tese pretende historiar.

Um inegável aspecto das correrias é, na verdade, o fato de que constituíram genocídio: os povos indígenas que habitavam as áreas com incidência de seringueiras e caucho foram submetidos a uma violência extrema – física, moral e cultural – , e que resultou no desaparecimento de várias etnias, entre as quais os Nehanáwa acima citados.[24]

[24] Consultar, Aquino & Iglesias, 1994, p.9; Erikson, 1992; e Ribeiro, 1979.

Difícil não se horrorizar com os relatos. Índios adultos do sexo masculino mortos, mulheres e crianças, quando sobreviviam, capturadas e levadas para viver com seus algozes. Alfredo Lustosa Cabral adiciona traços, digamos, de sadismo às correrias ao contar a covardia cometida contra crianças. Mas não é o único. Há histórias recorrentes sobre as crueldades que marcavam as correrias, e que povoam invariavelmente as narrativas sobre esses tempos: matar índios, cortar seus testículos e depositá-los na boca dos donos; jogar crianças índias para o alto e apará-las com a faca; matanças que cobriam tudo (o igarapé, os pés de quem chegasse) do vermelho do sangue das vítimas. A tragédia que invariavelmente recobre o encontro entre índios e brancos – não só no Acre[25] – é suficiente para acreditarmos que essas crueldades tenham de fato ocorrido, algumas delas transformando-se em espécie de "marca registrada" das correrias, sendo recorrentemente referidas. A violência e terror espalhados têm algo de inexplicável pela aparente gratuidade, e deixarei esta problemática para outros mais entendidos e corajosos.[26]

Não é por acaso que a referência à violência desses ataques está presente em quase toda bibliografia sobre os primórdios dos seringais acreanos.[27] As correrias são contemporâneas à abertura dos seringais, que, nos altos rios, intensifica-se significativamente a partir de 1890 em função do aumento da demanda internacional pela borracha. Destinavam-se justamente a expulsar os índios de seus territórios e deles vingar-se por ataques e roubos cometidos contra os novos moradores, os cariús.

[25] Consultar, por exemplo, Ribeiro, 1979; Kroemer, 1985; Mindlin, 1985; e Martins, 1997.
[26] Consultar Taussig, 1993 e Martins, 1997.
[27] Consultar Parissier, 1898; Tastevin, 1914 e 1928; Cabral, 1984[1949]; Castello Branco, 1950; Ribeiro, 1979; Aquino, 1977; Aquino & Iglesias, 1994; e Martini, 1998.

Mas as narrativas fornecem uma série de outros argumentos e aspectos para se pensar sobre as correrias, ou ao menos para tentar entender um pouco melhor em que contexto e de que forma elas se davam.

Box 13: Imagens da violência

Imagens da violência

"No dizer dos primeiros exploradores, alguns dos quais ainda vivos, havia outrora relativamente muitos índios no Riozinho da Liberdade. Hoje eles quase desapareceram. Os civilizados, peruanos 'caucheiros', e brasileiros 'seringueiros', exterminaram um grande número deles nas expedições ou 'correrias' sem perdão. Chegou-se até a arremessar pequenos índios ao ar para recebê-los sobre a ponta de um punhal. Foram evidentemente casos excepcionais, tão excepcionais que ainda se fala deles com horror." (Tastevin, 1928)

"Grande parte das tribos do Juruá-Purus desapareceu antes que fosse possível qualquer documentação sobre seus costumes; de muitas delas só se conhece a crônica das violências de que foram vítimas, crônicas, aliás, quase idênticas, pois os mesmos fatos se repetiram com uma tribo após a outra." (Ribeiro, 1979: 43)

"As 'correrias' tiveram um fim, porém os Katukina ainda guardam com horror as lembranças transmitidas por seus pais e avós, repletas de imagens de corpos mutilados, degolados e pendurados nas vigas das casas. Conforme me disseram, os sobreviventes das 'correrias' que eram vivos até pouco tempo atrás traziam em seus corpos marcas de tiros e cortes a facão." (Lima, 1994: 28)

"As memórias das correrias estão repletas de características de genocídio étnico: infanticídios com toques de sadismo, indígenas tendo seus sacos escrotais cortados e postos na boca. São imagens de extermínio, onde garante-se, ao depositar o banco do sêmen na boca morta, o fim da 'espécie' indígena não aliada." (Martini, 1998: 54)

A pluralidade de situações

Relendo as narrativas de dona Mariana e de Alfredo Lustosa Cabral, por exemplo, é possível identificar diferenças, ou desdobramentos, nas ações de brancos contra índios. Em Alfredo Lustosa Cabral trata-se de uma expedição organizada para atacar uma maloca; no caso da captura da mãe de dona Mariana, ela ocorreu num encontro quase casual entre brancos e índios na floresta.

Exploremos um pouco mais o evento ocorrido em 1911. Na origem da história tem-se índios de uma tribo não especificada que atacou e roubou um assentamento de

seringueiros; na fuga, para enganar os brancos camuflando seu rastro, o grupo de índios atacantes faz o caminho de volta passando pela maloca Nehanáwa referida por dona Mariana – provavelmente tratavam-se de grupos, ou mesmo de tribos inimigas. Os seringueiros brancos, em sua perseguição, seguem os rastros e topam a maloca Nehanáwa, nela desferindo sua vingança. Mas nem todos os Nehanáwa achavam-se em casa. Membros do cupixau provavelmente encontravam-se em incursões de caça e pesca nas matas e igarapés vizinhos, como é de costume entre os índios na época do verão; ou então achavam-se dispersos na floresta por temor a prováveis correrias.[28] Entre as pessoas que se achavam ausentes do cupixau na hora do ataque branco estavam seu chefe e filha – respectivamente avô e mãe de dona Mariana. O líder da maloca deparou-se então com uma situação que exigia vingança, e assim procedeu.

Dando uma breve batida nas imediações, encontrou rastros de índios, deduzindo logo que esses brabos eram os culpados pela correria que seu povo sofrera. O líder Nehanáwa perseguiu então os índios brabos e realizou nova correria contra eles. Dona Regina contava que seu pai encontrou esses índios inimigos ainda em viagem, e os emboscou no caminho, após o que os Nehanáwa dispersaram-se na mata.

Enquanto isto, os brancos que haviam feito a correria na maloca Nehanáwa ainda se encontravam nas imediações. Novamente dona Mariana explica que os cariús, quando faziam uma correria, não costumavam voltar imediatamente por onde vieram;

---

[28] Os Katukina estudados por Edilene Coffaci de Lima (1994, p.27) associam o tempo das correrias à impossibilidade de "viverem reunidos" em aldeias, passando a adotar uma vida semi-nômade, sujeita à deslocamentos frequentes. Outros autores já citados, como Alfredo Lustosa Cabral, Terri Aquino, Marcelo Iglesias e Philippe Erikson, também apontam a estratégia de deslocamentos adotada pelos índios para fugir das perseguições que lhes moviam os brancos. Dona Mariana explicou que após uma correria – sofrida ou impingida a outrem – era costume, por precaução, a tribo se espalhar pelas matas vizinhas, permanecendo no cupixau apenas os mais idosos e as crianças. Por outro lado, em seu estudo sobre os Ashaninka do rio Amônea, Margarete Mendes (1991) mostra que deslocamentos fazem parte da cultura e economia daquele povo Arawak, que migram em grupos paraas praias dos rios na estação seca.

perambulavam pelas redondezas e escolhiam um trajeto mais longo. O fato é que foi neste intervalo temporal entre duas correrias – de brancos contra índios e de índios contra índios – que dona Regina e sua irmã foram capturadas.

Chama atenção inicialmente a extensão do termo "correria" para conflitos armados entre grupos indígenas nativos. É possível que esta liberdade, ou extensão conceitual, seja compartilhada somente por cariús, ou descendentes de índios, como é o caso de dona Mariana, os quais agrupam num mesmo termo enfrentamentos entre grupos indígenas locais, e entre brancos e índios, que, reunidos, compõem um padrão de conflito endêmico típico daquele momento histórico. Assim, é possível que os índios utilizassem em suas próprias línguas termos distintos para as guerras entre índios e índios (tratando-se de brabos), por um lado, e entre brancos e índios, por outro. Não sabemos.

Há, contudo, uma situação em que o termo "correria" é apropriado, envolvendo o confronto entre índios: sob as ordens de patrões, índios mansos auxiliavam no ataque a brabos; tem-se então uma equação ligando brancos e mansos e colocando estes contra os brabos. Viu-se que os perseguidores dos Nehanáwas estavam assessorados por um índio manso, de nome Chico Culumim, ou Curumim, um Kaxináwa amansado no rio Envira e que, após 1920, passou a trabalhar com o patrão Felizardo Cerqueira, um conhecido amansador de índios.[29]

Entre os nomes de antigos patrões conhecidos por trabalharem com força de trabalho indígena está o de Angelo Ferreira da Silva. Este cearense contou com povos nativos – como os Kaxinawá, Yawanawá, Rununawa e Iskinawa – na execução dos trabalhos nos seus seringais do Alto Taruacá. Além de trabalhar nos seringais, os índios amansados foram empregados na abertura de varadouros, ramais e rodagens; em 1906, a

pedido do Coronel Gregório Thaumaturgo de Azevedo, prefeito do Alto Juruá, Angelo liderou 150 índios na abertura de um varadouro ligando um seringal no rio Tarauacá à cidade de Cruzeiro do Sul.[30] Os índios amansados por Angelo também trabalharam, a pedido de outros patrões, como "polícia de fronteira" nos altos rios para proteger os seringueiros do ataque de brabos Papavô.[31]

Em 1909, por causa de uma disputa pela propriedade de um seringal, Angelo Ferreira foi assassinado a mando de um patrão vizinho. Neste momento surge historicamente a figura de um outro patrão, Felizardo Cerqueira, sobrinho e antigo empregado de Angelo. Acompanhado de Kaxinawá mansos, após a morte de seu tio Felizardo Cerqueira rumou para o Alto Envira destinado a explorar caucho. Por volta de 1920, um novo grupo de Kaxinawá em fuga dos peruanos foi agrupado por Felizardo – entre eles o extenso grupo familiar de Chico Curumim. Posteriormente, Felizardo e "seus" Kaxinawá mudaram-se para o seringal Revisão, no rio Jordão, a convite do patrão José Maia, cujos seringueiros brancos estavam sendo atacados por índios brabos. Aquele patrão requisitou os serviços de proteção de Felizardo e seus caboclos mansos. Lá, os Kaxinawá de Felizardo – devidamente identificados com as iniciais "FC" tatuadas em seus braços – realizaram correrias contra brabos. Os índios agrupados por Felizardo no Jordão ainda ajudaram a Comissão de Limites, na década de 1920, a traçar a fronteira entre o Brasil e o Peru.[32]

Também para se defender dos brabos, vários patrões de seringais localizados nos altos rios se valeram dos serviços dos índios Ashaninka, da família linguística Arawak e

---

[29] Cf. Aquino, 1977, p. 44; e Aquino & Iglesias, 1994, p. 12.
[30] Aquino & Iglesias, 1994, p.9/10 e Thaumaturgo de Azevedo, 1906, p.68
[31] "Papavô", de acordo com Aquino & Iglesias (1996, p.30), é uma "identidade genérica" que recobriu uma série de etnias Pano que evitavam sistematicamente o contato com brancos, deles fugindo e os atacando.
[32] Consultar Aquino & Iglesias, 1994, p. 10-13 e Tastevin, 1926.

tradicionais inimigos dos Pano. Alguns Ashaninka, ou Kampa, cuja população concentra-se majoritariamente no Peru, chegaram a ser escravizados por caucheiros e, num segundo momento, atraídos por patrões brasileiros como força de combate contra os Pano arredios.[33]

Box 14: O varadouro de Angelo Ferreira e "seus" índios

O varadouro de Angelo Ferreira e "seus" índios

"Existía, ligando o Cruzeiro do Sul á Cocamera, no Tarauacá, um varadoiro que o Sr. General Taumaturgo de Azevedo encarregara a Angelo Ferreira, um cearense de pasmosa audácia, que tão importantes serviços prestou ao departamento com a catequéze de várias tríbus, até então inacessíveis ao contacto do homem civilizado; visava êsse caminho o estabelecimento de comunicações terrestres, menos demoradas, entre a séde da prefeitura e aquele habitadíssimo e opulento vale, onde só mui dificilmente chegava a ação do governo local. Angelo Ferreira, que morreu no desembolso dos gastos enormes que fez e da recompensa pecuniária a que tinha direito e lhe fôra prometida, executou, tanto quanto lhe era possível, o pensamento do governo. Sem instrumentos de engenharia, guiando-se pelo sol, arrojadamente, com êsse arrojo e essa segura orientação que só o seringueiro possue para andar firmemente e guiar-se com precisão no seio da floresta amazônica, o valoroso cearense rasgou na mata virgem uma picada de um metro de largura e cêrca de 300 quilómetros de extensão. Mas o trabalho de Angelo Ferreira era, naturalmente, imperfeito. A verêda resentía-se da ausência de estudos profissionais; não procurara de preferência, embora a alongasse, as terras firmes ou os melhores terrenos, fugindo, quando possível, dos cursos d'água e dos charcos. De sorte que a maior parte do caminho aberto por Angelo Ferreira só podia ser utilisado no tempo sêco e com algumas dificuldades, sendo as de menor vulto a transposição de numerosos igarapés, de barrancos atoladores e de grandes chavascais. Acontece que ainda que essa estrada não saía do ponto mais povoado do Tarauacá, á foz do rio Múru, onde estava a florescente víla Seabra, com importantes casas comerciais, séde de um têrmo judiciário e onde se desenvolvia uma grande e operosa atividade progressiva."[34]

Finalmente, merece ser aqui citado o Coronel Mâncio Lima, que no início do século "pacificou" os Poyanawa das proximidades de Cruzeiro do Sul, no atual município que hoje leva o seu nome.[35] Durante muitos anos as propriedades de Mâncio Lima – fazendas de criação e agricultura – foram alvo de roubos. Com ajuda de índios mansos e migrantes

[33] Mendes, 1991; Cunha, 1994[1909], p. 64-75; e Aquino & Iglesias, 1996, p. 31.
[34] Costa, 1940, p. 334-5.
[35] "Pacificar" remete aqui à atração dos índios para fins de contato, solução de conflitos e incorporação como mão-de-obra local. Sobre a pacificação dos Poyanawa, ver Rego Barros, 1993, p. 125-127 e os relatórios de identificação da Terra Indígena Poyanawa, que contém inúmeras denúncias de violência e opressão (cf. Aquino, 1985). Para ricas descrições de processos de pacificação empreendidos por orgãos oficiais com fins de "integração" dos índios na sociedade englobante, ver Ribeiro, 1979.

cearenses, a partir de 1911 o Coronel organizou expedições de contato, atração e punição, integrando os Poyanawa aos trabalhos em suas propriedades.[36]

Nas correrias organizadas por proprietários de seringais, de acordo com Terri Aquino, dois objetivos distintos podiam se colocar: de um lado a captura de índios para amansá-los e incorporá-los à força de trabalho, como procediam os desbravadores citados acima. Diversos autores apontam ainda a captura de índias para desposar os seringueiros solteiros chegantes do Nordeste, contrariando o senso comum de que "não havia mulher no seringal". Embora em número menor, elas estavam presentes e as índias representavam importante contingente.[37]

Ainda de acordo com Aquino, o outro objetivo das correrias era o extermínio puro e simples dos índios. Nestes casos, os brancos podiam contar com seus próprios especialistas: renomados matadores de índio, como o Maximino citado por dona Mariana. Os matadores de índios certamente estavam a serviço dos donos dos seringais. Outro destes matadores famosos era Pedro Biló que, no dizer de um seringueiro Kaxinawá, *não amansava caboclo; Pedro Biló matava era muito caboclo. Dizem que ele tinha oração forte. Ele andava no mato e não deixava vestígio. Entrava no cupichaua* [cupixau] *dos caboclos brabos e cortava as cordas de todos os arcos e caboclo nem dava fé. Depois ele chamava os homens dele, cercava o cupichaua e aí fazia fogo.*[38]

---

[36] Faço questão aqui de honrar um compromisso com dona Débora Lima Dene (1912-1997), filha do Coronel Mâncio Lima, a quem pude entrevistar em janeiro de 1996. Dona Débora concedeu-me a entrevista sob a condição de que ela não fosse utilizada para denegrir o nome de seu pai, o que ela julgava ter acontecido nos relatórios elaborados pela Funai. Creio ser meu compromisso esclarecer que ela tem outra visão sobre a atuação do Coronel Mâncio Lima, que, a seu ver, ajudou e foi "como um pai" para os Poyanawa. Para uma análise da história de vida de dona Débora, que assumiu, após a morte do pai, o gerenciamento de suas propriedades e ficou conhecida na região por suas iniciativas, ver Wolff, s/d.

[37] Cf. Aquino, 1977, p.44 e Wolff, 1999.

[38] *Apud* Aquino & Iglesias, 1994, p. 12 e Aquino, 1977, p. 44.

É nesse contexto que ocorrem, nos relatos, as guerras de vingança entre índios Pano brabos – designadas nas narrativas feitas por brancos e caboclos misturados com o nome de "correria". Ver-se-á agora que, na complexidade das fronteiras étnicas e dos etnônimos que caracteriza a região de ocupação Pano[39], torna-se difícil ou impossível distinguir as incursões entre aldeias e mesmo as guerras tribais, das guerras genocidas trazidas pelo *boom* da borracha. E mais difícil ainda porque o que os relatos fazem é trazer esses conflitos já entremeados entre si, e narrados do ponto de vista de brancos ou de índios amansados pelos brancos.

Os Pano: fronteiras, guerras e as correrias

Nas primeiras décadas do século XX, o padre francês Constantin Tastevin, da Congregação do Espírito Santo, em viagem pelo rio Gregório, reporta ter encontrado índios Katukina que, na verdade, seriam "Wani-nawa": usavam o nome Katukina para escapar da perseguição que os brancos moviam aos índios. Os Katukina, segundo ele, "eram amigos dos civilizados havia tempo". Usando este etnônimo, os Wani-nawa estavam se discriminando dos "Kachi-nawa", "principais vítimas desses massacres". Tastevin então aponta que este não era um caso excepcional, havendo ele mesmo encontrado membros de outras tribos Pano que adotavam esta estratégia: "Kama-nawa", "Nai-nawa", "Wari-nawa", "Numa-nawa" e "Sata-nawa".[40] Num texto de 1926, ele aponta um costume indígena de mudar de nome para despistar seus próprios inimigos índios, o que explicaria o nome "Papavo", aparentemente sem sentido étnico. Ainda em 1926, Tastevin conta que Angelo

[39] Cf. Erikson, 1992.
[40] Tastevin, 1924.

Ferreira – lembremo-nos, conhecido amansador de Kaxinawá – agrupou índios ("Yawa-nawa", "Runu-nawa", "Isku-nawa" etc) sob o nome de Katukina.[41]

Mas corresponderiam essas e outras auto-denominações listadas pelo padre, que também tinha interesse em Lingüística, realmente a grupos étnicos? O problema com o qual Tastevin se deparou é comum aos demais estudiosos do tronco etno-linguístico Pano: o estabelecimento de fronteiras e identidades étnicas. A procura por fronteiras tribais claras, no caso dos Pano, parece estar fadada ao insucesso.[42]

Box 15: A família Pano

A família Pano

Os Pano são uma grande família etno-linguística composta por um conjunto de grupos indígenas, com 30 mil falantes, que habitam o oeste amazônico (Brasil, Peru e Bolívia). São os Pano reconhecidos pelos estudiosos pelo paradoxo de serem relativamente homogêneos do ponto de vista da cultura, do território que habitam e da língua que falam, e, ao mesmo tempo, de encerrarem uma real diversidade interna.[43] Em 1950, por exemplo, 82 línguas (ou dialetos) Pano diferentes chegaram a ser listadas, cada uma delas ligada a um etnônimo distinto. Hoje, em especial após a ocupação branca dos territórios indígenas tradicionais, é inegável que houve uma redução demográfica e da diversidade interna; atualmente são 30 os grupos reconhecidos como Pano.[44]

Kontanáwas e Nehanáwas - Castelo Branco lista, entre as tribo encontradas por exploradores de seringais no vale do Tarauacá, no início do século, os "Contanauas" que, junto com os "Chassinauas e Canamaris", eram numerosos e habitavam afluentes do rio Muru. Também o tenente do Exército Luis Sombra, nomeado em 1905 delegado de polícia do Alto Tarauacá, e que tinha entre suas tarefas a de coibir as correrias contra índios, reporta a presença de "contanauás" nas terras firmes entre os altos rios Envira e Muru.[45]

Já na década de 1920, Tastevin, ao classificar os índios habitantes do Tarauacá em amansados e selvagens (*sic*), identifica os "Nehanawa" (os agamis) entre estes últimos. Na ocasião, moravam num afluente do Jordão, o Matapá (ou igarapé do Bernardo), para onde fugiram quando vieram do rio Envira, a onde eram caçados por outras tribos, entre elas os "Kontanawa", e também por caucheiros peruanos.[46] Tastevin parece ter sabido destas informações diretamente de Felizardo Cerqueira, cujos Kaxináwa, policiando a fronteira, encontraram duas mulheres "Nehanawa" e as trouxeram como prisioneiras.

Em 1939, o Cel. Lima Figueiredo lista, entre os parentes (*sic*) dos "Cachinauás" que habitavam o Juruá e afluentes nas proximidades do Peru, os "Contanauás", que também eram encontrados no Tarauacá.[47]

[41] Tastevin, 1926 e Lima, 1994.
[42] Erikson, 1992, p. 243.
[43] Erikson, 1992; Ribeiro, 1979; e Lima, 1994.
[44] Erikson, 1992, p. 240.
[45] Castello Branco, 1950, p. 10, 13 e 23.
[46] Tastevin, 1926. Ver também Castello Branco, 1950, p. 25 e Aquino & Iglesias, 1994, p. 8.
[47] Castello Branco, 1950, p. 27-8.

Edilene Coffaci Lima, estudando os Katukina do rio Campinas, concorda com esta afirmação, mostrando que seria característico dos Pano um processo histórico de redefinições de fronteiras. Os Katukina por ela estudados se diferenciam dos Katukina do Envira (também Pano) com o argumento de que embora ambos os grupos tenham o mesmo nome, suas línguas e passado histórico – que demarcariam as fronteiras da tribo – são diferentes. O grupo localizado no rio Envira recusa inclusive a denominção Katukina, e afirma-se Shanenawa. Com relação aos Katukina do rio Gregório, o grupo do rio Campinas, mesmo morando distante, se identifica pelo passado comum. Já em relação aos Yawanawa, antigos vizinhos no rio Gregório, estabelecem uma rígida separação e mesmo inimizade.[48]

Um descendente do Capitão Rego Barros aponta uma dificuldade adicional na identificação e nominação dos povos indígenas "Há casos de uma única ou duas malocas e seus habitantes se considerarem um povo à parte. Daí a dificuldade de identificá-los".[49] Philippe Erikson observa que os Pano podem, com efeito, identificar-se "no nível mais imediato", ou seja, do grupo local de parentes; Edilene Coffaci Lima revela que os Katukina do rio Campinas internamente identificam-se por meio de seis etnônimos. Para Darcy Ribeiro, a escassa informação etno-histórica sobre os povos que habitavam o Juruá-Purus, grande parte deles dizimada sem que qualquer documentação lingüística ou etnológica pudesse ser feita, explica a grande confusão entre os nomes desses povos: grupos diferentes foram batizados com um mesmo nome pelas populações chegantes.[50] Discutindo a continuidade histórica como critério de identificação de grupos étnicos, João Pacheco de Oliveira Filho também problematiza a reificação dos etnônimos. "Longe de ser uma profunda expressão da unidade de um grupo", afirma ele, "um etnônimo resulta de um

[48] Lima, 1994.
[49] Rego Barros, 1993, p. 123.

acidente histórico, que freqüentemente é conceitualizado como um ato falho, associado a um jogo de palavras e com efeito de chiste".[51]

A resposta à pergunta feita acima a partir de Tastevin é, na verdade, uma suspeita: os termos comumente utilizados para designar grupos Pano – como "Iskunawa", "Yawanawa" e "Kaxinawá", por exemplo – seriam não etnônimos, mas sim heterônimos, isto é, parte da alcunha dada por um grupo étnico a *outro* grupo; isso em contraste com os legítimos etnônimos. Capistrano de Abreu, em seu pioneiro estudo linguístico da língua Kaxinawá, analisando narrativas indígenas, mostrou que "nawa" significa "o outro", sendo este um indígena; "kariwa" designa os brancos brasileiros.[52] A tradução de Kaxinawá é "povo do morcego", que não é uma auto-designação, e sim a forma como seus vizinhos, e provavelmente inimigos, a eles se referiam. Para falar de si próprios, os Kaxinawá utilizam o termo "Huni-Kuin". Isto, por outro lado, não significa que devêssemos abandonar os heterônimos em busca dos etnônimos – Erikson já aludiu para a confusão que isto causaria devido à semelhança linguística entre as línguas Pano, além de argumentar que, se "os Pano utilizam tais designações para seus vizinhos; por que seus etnólogos, 'estrangeiros' que são, não deveriam fazer o mesmo?"[53] Devemos, antes, estar atentos as dificuldades de trabalhar com os nomes Pano para falar da história e identidades étnicas desses povos.

Mas a questão dos etnônimos e heterônimos chama atenção para um outro aspecto importante na compreensão das relações entre os grupos Pano: as guerras indígenas. Se de fato é difícil avaliar a proporção em que estas guerras ocorriam, seu papel e as alianças

---

[50] Erikson, 1992, p. 243; Lima, 1994, p. 19; e Ribeiro, 1979, p. 43.
[51] Oliveira Filho, 1994, p.123. O autor contextualiza suas considerações no debate com os estudos etnológicos americanistas que, a seu ver, naturalizam a situação dos povos indígenas: os grupos étnicos de hoje seriam de alguma forma reconhecíveis nos de ontem (período colonial), perspectiva que ignora a historicidade das categorias étnicas (Oliveira Filho, 1999, p.105-ss).
[52] Abreu, 1913. Note-se a curiosa proximidade de "cariú", apesar desta ser da língua geral, vinda da mesma raiz que "carioca".

entre os grupos (tribos e/ou unidades menores, como aldeias ou malocas), é sabido que as guerras são, nas sociedades amazônicas, a elas intrínsecas, contextualizadas dentro de "um idioma de predação generalizada" entre os grupos.[54] Com efeito, as narrativas vistas até este momento, e as porvir, estão repletas de casos e menções à ataques entre malocas, movidos por vinganças e capturas de conjuges. Certamente operava um sistema de alianças e inimizades, ao qual não temos acesso. Para os efeitos desta tese, deve aqui ser ressaltado que as guerras são constituintes das relações entre os grupos Pano que habitavam os territórios onde os seringais vieram posteriormente a se estabelecer; ou seja, são anteriores a eles e próprias das inter-relações entre os indígenas da região.

Em suma, as deficiências no conhecimento etno-histórico sobre os Pano, suas próprias formas de organização social, auto-nominação e identificação; as guerras generalizadas que marcavam suas inter-relações; a forma caótica como alguns desses povos foram batizados pelos novos ocupantes de seus territórios; e ainda os perigos de uma perspectiva a-histórica, explicariam parcialmente as dificuldades do trabalho com etnônimos. Parcialmente porque situação dos Pano foi drasticamente alterada pelas perdas demográficas e rearranjos étnicos determinados pela ruptura que representaram as correrias, marco do seu contato com a civilização branca-amazônica do final do século XIX e início do XX.

Os antropólogos Terri Aquino e Marcelo Iglesias mostram que os índios acreanos de hoje associam "o tempo das correrias" a muitas mortes, ao aumento dos conflitos inter-tribais, à aflição causada por doenças desconhecidas e, de uma maneira geral, à dispersão

[53] Erikson, 1992, p. 243.
[54] Mengent, 1993, p. 311-ss.

das tribos Pano pelas matas dos altos rios.[55] A narrativa de dona Mariana sobre a captura de sua mãe revela bem a presença de um novo contexto – seringueiros brancos, seus bens e poder de fogo – e sua intervenção nos confrontos entre índios: a maloca Nehanáwa sofreu ataque cariú devido ao rastro criminoso deixado pela tribo inimiga.

Erikson aponta que "boa parte das 'etnias' pano contemporâneas parece resultar de fusões [interétnicas]". Esta suspeita também está presente no estudo de Lima com relação aos Katukina por ela estudados e também aos Yawanawá do rio Gregório. Pelo dito até agora, nesta e nas seções anteriores, não seria demais afirmar que o elemento branco interferiu decisivamente na situação histórica das relações internas entre os Pano. Parece claro que epidemias, perseguições e genocídios tiveram a sua cota de responsabilidade por um quadro atual que se assemelha, segundo uma imagem de Erikson, a uma "concentração sincrética dos sobreviventes".[56]

As correrias, promovidas e intensificadas com o *boom* da borracha, estariam na raiz do acirramento das guerras entre as tribos e aldeias de índios, de redefinição de alianças e de migrações que resultaram na fusão de grupos étnicos diferenciados.

*

* *

– *Dona Mariana, como era este negócio de caboclo que fazia correria em caboclo?*

– *Era, nos outros índios brabos.*

– *Ah, os mansos faziam nos brabos?*

– *Os brabos uns com os outros.*

– *E por que?*

---

[55] Aquino & Iglesias, 1994, p. 8.
[56] Erikson, 1992, p.251 e Lima, 1994, p.16-27.

– Porque faziam assim como eu tô dizendo: quando roubavam, os brancos vinham para a correria, eles tinham passado no cupixau dos outros, aí os cariús faziam fogo no cupixau deles. Aí eles ficavam com reixa, aí iam atrás deles e faziam fogo neles. (...)

- Mas quem começou com este negócio de correria foi branco, ou índio já fazia correria?

- Não, os brancos que começaram. Porque tinha muito índio, os índios faziam muita danação, Mariana, eram muito perversos, matavam o pessoal, roubavam tudo quanto o cariú tinha na casa dele. (...) Quando os cariús começaram a chegar aqui no Amazonas, abrindo as colocações, isso aqui era de índio, era muito índio, a população que tinha era indígena, brabo. Aí os cariús entraram, os cearensos.

- Mas entraram sem pedir licença.

- Sem nada, aí foram desplorando tudo, aí eles [os índios] *faziam isso* [perversidade]. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Dona Mariana diferencia, na conversa acima, as guerras de aldeia contra aldeia das guerras de brancos contra os brabos. Na verdade, ela associa os conflitos de aldeia a aldeia à presença dos cariús; ela não nega as guerras locais anteriores, simplesmente se cala sobre elas. Afinal, para ela, os conflitos estão contextualizados pela temporalidade de sua história de vida, que é também a da abertura dos seringais, e da correrias. Neste sentido, nossas narrativas se aproximariam: afirmei que as correrias acirraram guerras pré-existentes ao *boom* da borracha.

Num outro extremo, temos a versão de que o encontro entre etnias tribais e a frente de expansão da borracha teria resultado no extermínio de "toda a população indígena".[57] Felizmente, os Kaxinawá estudados por Terri Aquino e Marcelo Iglesias, os Katukina do rio Campinas, entre outros, sobreviveram e interagiram com a frente extrativista da

borracha, conquistaram seus próprios territórios e vieram a estabelecer novas e inesperadas formas de relação com a sociedade branca.[58]

Tenderíamos, portanto, a concordar com os argumentos do padre Parissier, que entre 1897 e 1898 viajou pelo Alto Juruá e avaliou como perfeitamente compreensível, e mesmo justificável (*sic*), a reação indígena frente à expoliação e violência que atingiram os povos nativos com a ocupação branca. E conclui: *Somente uma coisa poderia espantar: que os índios, antes de tudo ávidos por liberdade e independência, não utilizassem todos os meios para assegurá-las. E é o que fazem, e, da minha parte, não posso fazer mais do que aprová-los. Eles têm razão.*[59]

Medos e revides

A verdade é que nos primeiros tempos dos seringais o medo deve ter sido um sentimento recíproco[60]: caboclos temiam as correrias; cariús tinham medo de ataques e raptos. Mais uma vez recorro a Alfredo Lustosa Cabral, cuja narrativa memorialística é de uma riqueza sem par, referindo-se a costumes e práticas ainda hoje encontradas nos seringais em atividade:

Outro fato, de véspera de São João, passarei a contar:

Dois seringueiros, colegas da barraca Taxi, tinham despertado muito cedo, às 2 da madrugada, com o fim de, antecipando as trabalheiras daquele dia, também festejarem a noite do Santo.

---

[57] Ribeiro, 1979, p. 22-3.
[58] Cf. Iglesias, 1998, por exemplo.
[59] Parissier, 1898.
[60] Ver também Wolff, 1999, p.161/2 e Martini, 1998, p.53-55.

Eu lhes fiz companhia pelas 3 horas da manhã, quando o almoço já estava pronto. Passamos assim, os três, a saborear a carne do macaco coatá com pirão de farinha d'água, que fora aferventada bastante, à boca da noite do dia anterior.

Eles, no entanto, equipados e regularmente municiados, seguiram de lamparina acesa para suas estradas, ouvindo apenas, de instante a instante, o pio agourento das aves notívagas.

Foram-se.

Fiquei sozinho, triste e pensativo, com vontade e receio de me embrenhar pela mata escura naquela hora. Refletindo, criei "alma nova". Era um fracasso ver os companheiros se desocuparem bem cedo das lutas de suas estradas e eu ter que, na barraca, esperar que o dia clareasse.

Resolvi seguir, também, acompanhado por um cachorrinho esperto.

De rifle e lamparina à mão, golpeava as seringueiras e embutia as tijelinhas de flandre na casca meio mole da árvore.

Cortava uma, mais adiante outra, e, assim, ia desempenhando meu ofício com muita calma, resignação e coragem.

Umas quinhentas braças de nossa barraca, existia um velho roçado encapoeirado, pertencente a tribo Jaminâua que, pressentindo a nossa chegada, afugentara-se, havia alguns anos, para mais longe.

Viu que nossa invasão a seus domínios era positiva, inexorável.

Por esta razão, mudara-se, tornando-se qual nômade, sem um ponto certo de morada. Vez por outra, alguns caboclos vinham, às escondidas, cautelosos, abastecerem-se de frutos desse roçado, pois ainda viam-se na capoeira frondosas touceiras de bananeiras, alguns mamoeiros e cana-de-açucar.

Só não investiam contra o civilizado porque tinham a certeza que a reação era tremenda, brutal.

O receio e medo, porém, eram recíprocos. *(...)*

Nesta madrugada, mais nitidamente gravara-se em mim o perfil astucioso do índio jaminâua, e, assim, ia cortando as seringueiras, sempre acompanhado pelo cachorrinho até que o dia amanhecera.

Quarenta seringueiras foram cortadas, um terço, portanto, do trabalho estava feito, ao clarear do dia. (...)

Para andar mais folgadamente, escondi a carabina no tronco de uma árvore grossa e cobri-a de folhas secas. Continuei o trabalho desarmado. Quando havia andado uma hora, mais ou menos, o cachorrinho amigo, que ia à frente umas oito braças, volta-se para mim correndo, assombrado, covardemente,

Pensei tratar-se de algum felino.

Empunhei o terçado e apressei a marcha para diante, pois ia subindo um cabeço (morro) e ao descortinar o planalto avistei dois vultos correndo velozes atrás um do outro.

Eram, não restava dúvida, dois aborígenes que, ao me pressentir, fugiam amedrontados.

Lembrei-me do rifle, que ficara escondido nas folhas (...) Com meus botões disse – estou frito, mas... São Sebastião é grande! [61]

Os cearenso-seringueiros não só temiam os índios como, assim como estes, também choravam seus próprios mortos. A hostilidade indígena era uma realidade; para os seringueiros, havia uma terra a ser conquistada a moradores mais antigos. No Alto Juruá, é recorrentemente citada – para ilustrar os reais perigos aos quais os primeiros seringueiros

estavam expostos – a história de dois irmãos cearenses assassinados por índios brabos na colocação Nova Olinda, uma das últimas localidades do paranã do Machadinho, afluente do Tejo. [Mapa 8] Os "irmãos de Nova Olinda" são tidos como almas milagrosas, e a sepultura de ambos transformou-se num lugar santo, visitada e zelada por peregrinos que lá vão em busca de graças ou para pagar as bençãos alcançadas.

As Almas Milagrosas de Nova Olinda

O paranã do Machadinho foi aberto por um cearense conhecido por "velho Machadinho", o que provavelmente ocorreu no início do século XX. Ao contrário da situação que encontrei nos anos de 1990, naquela época poucas eram as colocações existentes. Consta que somente a foz do paranã, Paraíso, Nova Olinda e Espera Aí eram as colocações em atividade; o barracão ficava localizado na Boa Vista. Seu Milton nos conta, de memória e ajudado por sua mãe, dona Raimunda, a história das "almas milagrosas de Nova Olinda". O relato original ele ouviu de um seringueiro pernambucano que foi, quando solteiro, testemunha ocular de parte dos eventos a seguir narrados.

No tempo dos "cearensos velhos", os irmãos Pedro e Antonio Quixadá migraram para o Acre e foram, mais um companheiro, trabalhar na colocação Nova Olinda...

Pois bem, como eu ia dizendo, meu padrinho Lopes, não me lembro quem era a pessoa que perguntou, aí ele foi e disse que este causo que aconteceu – os índios que mataram os dois irmãos: eles andavam roçando [as estradas de seringa] *e aí, quer dizer, o companheiro dele que andava roçando mais ele* [Antonio]. *O outro rapaz, o* [irmão] *mais novo, tinha ficado em casa porque estava adoentado; aí ele* [Antonio] *disse: – "Meu irmão, você vai lavar essas coisas mas você tenha cuidado." Daí saiu pra irem roçar. Quando iam*

[61] Cabral, 1984[1949], p. 65-6; grifos meus.

já há uma distância boa, escutaram dois tiros: "Pêi! Pêi!". Aí eles: – "Fulano está atirando de chamada, é? O que foi que aconteceu?" Aí voltaram. Quando voltaram, na hora que eles vinham, tinha uma ponte bem grande – ainda vi a ponte ainda, só o pedaço – atravessava o rio, o igarapé. Aí ele [Antonio] *quando foi olhando pra baixo, estava o irmão morto lá na praia; aí ele desceu. Quando ele chegou lá, que se agarrou com o irmão dele, os caboclos atiraram nas costas: ele caiu por cima do irmão.*

Mariana: – *Com flecha?*

– *De rifle, atiraram de rifle. Aí o companheiro corre pela ponte a fora, eles atirando, atirando; quando ele foi botando os pés no chão, a bala atingiu ele nas cruz* [alto das costas] *e saiu em cima do peito. Aí ele correu – assim mesmo baleado, não caiu logo. Aí ele se valeu-se de São Francisco: se aquela bala não matasse ele, quando ele ficasse bom ele ia no Canindé pagar a promessa.*

Dona Raimunda: – *E nem os caboclos achassem ele.*

– *E nem os caboclos achassem ele. Aí ele correu – sei muito aonde é a cumarurana, que ainda não caiu. Meu padrinho Lopes contava que ele se escondeu detrás dessa cumarurana, cumarurana que é uma monstra! Aí ele correu pelo caminho, chegou lá, passou da casa, chegou lá, entrou na mata, aí entrou pra detrás da sacupema da cumarurana. Ele com aquela roncaria* [no peito], *mas também logo passou. Aí diz que não demorou nada: vinha que chega vinha vermelho de caboclo, pelo sangue dele, procurando, procurando; mas quando chegaram lá não entraram dentro da mata, não souberam por onde ele tinha ido. Procuraram, procuraram, mas voltaram – e ele ficou lá dentro da sacupema da cumarurana. Quando foi negócio de sete pra oito horas da noite, aí ele veio no rumo de casa; chegou em casa fez uma água de sal, bebeu pra ver se passava, tirava*

aquele sangue que tava dentro. Aí no outro dia ele não veio pro Tejo, ele foi pro Jordão, seringal do... eu me esqueço agora o nome, seringal do...

Dona Raimunda: – *Jardim.*

– *Jardim. Lá tinha patrão, aí foi pra lá. Passou o dia todinho pra poder chegar lá, doente, né?, com as baladas que tinha levado.*

Dona Raimunda: – *Mas ele avisou os...*

– *Não tinha ninguém.*

Dona Raimunda: – *Não tinha ninguém?*

– *Não, senhora. Aí ele passando, parece que não sei se foi nas Duas Nações, sei que foi por lá. Aí ele avisou pra uns cearenses que tinha lá. Aí quando chegou no barracão avisou pro patrão de lá, aí o patrão mandou avisar o velho Machadinho aqui na Boa Vista, conforme a história que meu padrinho Lopes contou. Aí quando ele chegou, aí o velho Machadinho mandou o pessoal, e era pra fazer correria nos caboclos. Certo que quando foram enterrar os dois irmãos já estava nos cinco dias, que foram enterrar eles. Aí, conforme meu padrinho Lopes contava, que nos cinco dias que foram enterrar eles, só tinha um que estava assim com o lado do beiço – o tracuá tinha roído – que estava saindo sangue; diz ele que fazia até pouco tempo. Diz ele: coradinho! Todos os dois do mesmo jeito, nem estava com o bucho inchado, não estava nada, estava do mesmo jeitinho.*

Mariana: – *O seu padrinho trabalhava aqui pra banda do Tejo?*

– *Trabalhava, meu padrinho Lopes trabalhava com o velho Machadinho. E ele foi um dos que foi pra ver lá e fazer o enterro; e os outros cearensos que foram pra fazer a correria. Mas ele me contou que não encontraram os caboclos não; não sei se encontraram ou não encontraram.* (Seu Milton e dona Raimunda, Cruzeiro do Sul, agosto de 1998)

Box 16: Nova Olinda

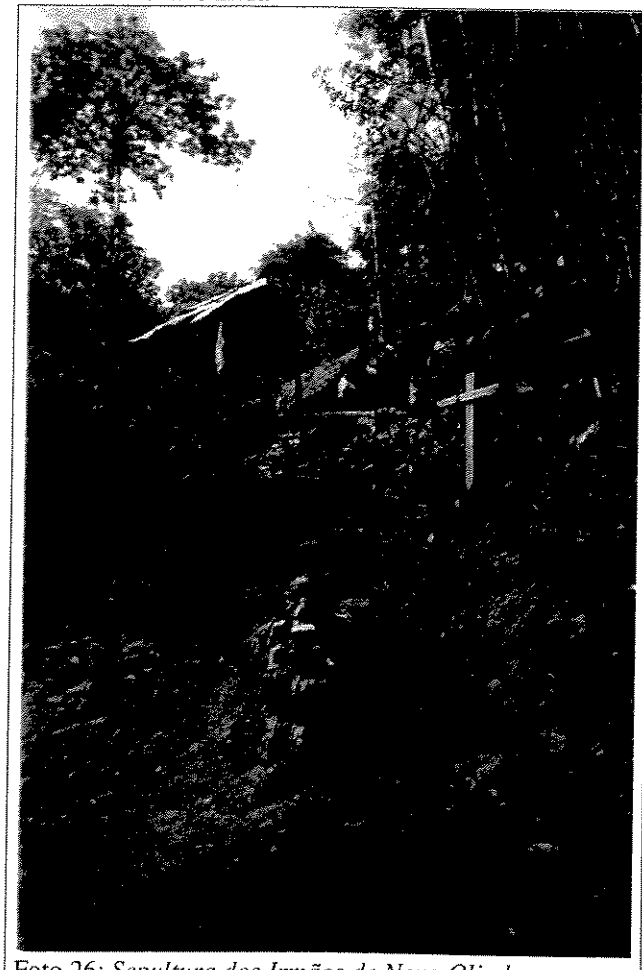


Foto 26: *Sepultura dos Irmãos de Nova Olinda.*

Nova Olinda

Em setembro de 1994, partindo da foz do Machadinho, fui com seu Milton a Nova Olinda, conhecer e pagar eu mesma uma promessa. Fizemos a caminhada em dois dias. Na ocasião os caminhos (varadouros e trechos de estradas de seringa) estavam bem abertos e zelados, o que tornou a viagem extremamente agradável. Na foto, vemos, em primeiro plano, no barranco, a sepultura dos Irmãos de Nova Olinda, coberta de cera de velas. A sepultura tem resistido bravamente às subidas e descidas do nível d'água do igarapé São Luis, à margem do qual se encontra. Em segundo plano, mais ao fundo, vemos uma casa de ex-votos, mantida e alimentada pelos peregrinos.

Dona Mariana, alguns anos antes, às vésperas de nossa partida – minha e de seu Milton – rumo a Nova Olinda, narrou-me parte da história dos irmãos cearenses vitimados pelos brabos.

– Olha, as Nova Olinda, essa visita que você quer fazer lá, esses dois rapazes que mataram lá, foram os índios que mataram; você vai ver a distância daqui pra lá, a onde esses três rapazes foram morar lá. Dois irmãos os índios mataram, e o outro escapou. Porque este

voltou pro Ceará, e este foi o que veio de lá [Nova Olinda] *avisar ali na Boa Vista que tinha acontecido o caso.*

– Eles fizeram correria nos índios que tinham matado esses dois irmãos?

– Fizeram, mas não mataram eles não.

– Quais índios que mataram esses dois irmãos?

– Não sei, neguinha, não sei qual foram os índios, mas fizeram correria, mas não mataram. Não mataram porque é muito distante daqui: quando o rapaz que escapou veio avisar só tinha gente no Paraíso e aqui no paranã; aqui na boca do paranã e no Paraíso. Ele veio de lá das Nova Olinda para avisar, quando chegou aqui foi pra Boa Vista; da Boa Vista o pessoal entraram, foram enterrar os corpos. Pra enterrar mesmo porque sabia que quando chegasse lá já tinha passado da hora, porque tinha sido morto como ontem e ele veio chegar como hoje. Aí o pessoal saíram daqui e foram pra lá – e você vai ver a distância, como não dava pra chegar lá e os corpos estarem bons, porque tinha sido morto como ontem, né? Mas quando chegaram lá e foram fazer os enterros, aí disse que tinha um que parece que tinha morrido naquele instante, diz que não tinha nem uma abelha sentada no corpo dele, nem nada; o outro já tinha desmaiado, se via que ele estava morto, mas este outro diz que quem via dizia que ele tava vivo: sangue no rosto, beiço corado, parecia que tava vivo. Sepultaram todos os dois numa sepultura só. Os índios eram perversos também, o índio era perverso. Os índios sofreram muito, mas a gente diz assim, Mariana: eles eram perversos, mas que os brancos estavam tomando o que era deles; era, por isso. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Se para os que estavam na linha de frente da ocupação a ameaça indígena era bem concreta, como mostra o testemunho de Alfredo Lustosa Cabral e o caso dos irmãos de Nova Olinda, em alguns autores os índios parecem mesmo estar ausentes. Em importante

obra sobre a história do Acre, Leandro Tocantins, por exemplo, saúda a frente pioneira de migrantes nordestinos que vieram a ocupar a "fronteira vazia", não mencionando os índios nem mesmo como inimigos dos sertanejos, parecendo subsumí-los na categoria "natureza", contra a qual os novos moradores tiveram que se haver.[62] No Prefácio de 1949 ao livro de Alfredo Lustosa Cabral, o sr. Otacílio Nóbrega Queiroz afirma ser o Acre, antes da chegada dos nordestinos, uma "terra sem história".

O padre Tastevin, em suas inúmeras andanças pelo Vale do Juruá e seus altos rios, observou que não havia passividade dos índios frente à dominação branca sobre seus territórios. Para ele, contudo, haveria uma incompreensão por parte dos povos nativos, "estas pobres pessoas", quanto ao processo do qual estavam forçosamente participando: a abertura dos seringais. Equivocadamente, a seu ver, tomavam "os civilizados por inimigos".[63] Para o missionário, os índios teriam traços de caráter moralmente condenáveis (como covardia, ferocidade, traição e abuso de confiança (*sic*)), cuja hostilidade força *(sic)* os brancos a pegarem em armas; faltar-lhes-ia ainda discernimento, seriam "orgulhosos e desconfiados"; porém criaturas de Deus.[64] Tastevin, que fique claro, não apoia as correrias; seu projeto para os índios é missionário: a catequese. Num outro texto, ele afirma que os índios "não souberam unir-se para a defesa", consumindo seu tempo e esforços em inimizades antigas e guerras que os enfraquecia frente aos brancos. Referindo-se ao mesmo padre Tastevin, Castello Branco avalia que "os índios não se solidarizavam para defender-se, arranjando terríveis lutas entre si, de sorte que ainda mais se reduziam (...)".[65]

---

[62] Tocantins, 1979, p. 153.
[63] Tastevin, 1914.
[64] Tastevin, 1925.
[65] Tastevin, 1928; Castello Branco, 1950, p. 27. Rego Barros (1993, p. 124) também faz observação semelhante.

A invasão branca não ocorreu num vazio, e sim numa região densa de povos e história, cuja organização social não configurava a existência de "tribos confederadas" que pudessem vir a unir-se e enfrentar um inimigo, os brancos invasores. O que assistimos é um imbricamento de conflitos, inimizades e guerras entre tribos e aldeias das quais os brancos passaram a fazer parte, o que está nos levando, neste capítulo, a de alguma forma adensar a tese de Tastevin. É, portanto, num contexto conflituado, desigual e contraditório que deve ser situada a aparente impotência das populações indígenas para opôr uma resistência concatenada à invasão dos brancos.

Caboclos e cariús: mapa de encontros e confrontos

Foram vistas nas seções anteriores situações em que: 1. brabos guerream entre si; 2. mansos e cariús atacam e matam brabos; 3. brabos são capturados, amansados e casam-se com cariús; e 4. brabos atacam e matam cariús. As narrativas orais recolhidas sobre os encontros e confrontos ocorridos entre índios – caboclos brabos e mansos – e brancos – os cariús – podem ser organizadas na forma de um mapa com diversos sítios, cada um deles retratando arranjos e oposições diferentes; estes sítios podem, por sua vez, ser pensados como interconectados por ganchos narrativos, através dos quais pessoas e grupos transitam entre diferentes posições e referências de pertencimento; e podemos ainda pensar esses sítios como uma opção de navegação que nos levaria a trajetos e pontos de chegada diferentes, embora interconectados. Vamos dar continuidade a este mapeamento.[66]

[66] Observo que neste capítulo estou tratando de encontros e confrontos entre grupos sociais diferentes numa situação de conflito, mas não "das modalidades de encontro no desencontro que a fronteira propõe" (Martins, 1997, p. 39). Os seringais como "fronteira", se posso dizer assim, são locais sim da experiência, por vezes radical, da alteridade, mas também (embora não só) de modalidades de interação.

Brabos capturam cariús

Em narrativa reproduzida páginas atrás, dona Mariana acrescentou uma nova dimensão tanto às guerras entre os índios quanto às relações de guerra entre índios e brancos, pondo o foco na iniciativa indígena, cujas "danações", "traquinagens" e "perversidades" anunciam uma situação de confronto cuja análise não é nada simples. Vejamos a narrativa a seguir:

– Agora, o meu avô era traquino também: as danações que meu avô fazia, Mariana, era carregar os cariuzinhos novos pra maloca, pra criar.

– Por que?

– Porque ele queria levar o cariú para misturar no cupixau dele; ele ainda levou um casal, levou um menino e uma menina.

– Por quê que ele queria misturar?

– Eu acho que é porque achava bonito, né? Levou o caboclo – o cariú. Ele levou, criou. Já estava grande, a mamãe contava que ele já estava grande, já caçava. Aí um dia – por isso que ele fazia correria nos outros caboclos, tá vendo!?

– Quem?

– O meu avô. Ele carregou este cariú, aí criou; aí este cariú já estava rapaz, já tinha cabocla. Aí um dia ele foi caçar mais um tio meu, pequenininho. Aí lá ele matou uns macacos-preto de flecha, aí um ficou enganchado; aí ele se trepa pelo cipoal pra ir derrubar o macaco preto que estava enganchado lá em cima – o cariú. Aí quando ele estava trepado, aí os outros índios chegaram, de outro cupixau, aí flecharam ele; aí mataram: ele caiu de lá e morreu. E esse menino, este caboquinho que estava embaixo, aí viu os caboclos quando chegaram, aí corre. Aí passou muitos dias perdido, Mariana, até

que um dia o meu avô, caçando mais os caboclos dele, aí encontraram, diz que muito magro, todo cheio de oura, todo lebréu velho: magro, magro, magro para morrer. Aí perguntou a ele cadê o irmão dele, que era o cariú. Aí ele disse que fulano, fulano e fulano tinham matado, que eram d'outro cupixau. Por isso o meu avô foi no cupixau deles e matou até não querer mais.(...) Mas não era da nossa tribo não, era de outros caboclos.

Aí ele [o avô] *tinha carregado uma menina, esta menina já estava grande; aí com uns tempos esta menina se ajuntou com um filho dele, do meu avô; aí o primeiro filho que ela teve, os outros caboclos vieram, ela estava de resguardo, tinha ganhado neném de noite, aí tinha ficado em casa (...) Aí foram* [os caboclos da maloca] *mariscar no paranã, chamam Ibuia. Aí veio outros caboclos de lá, fizeram medo à cabocla, agrediram ela, não sei como foi – eu sei que ela morreu de uma hemorragia, de repente ela morreu. Aí só fica as caboclas velhas no cupixau; aí as caboclas velhas correram pra mata. Aí tinha uma cabocla velha mais forte, aí foi atrás dos caboclos que tinham ido mariscar. Aí eles já vinham voltando com as cargas de peixe, aí se encontraram com a cabocla; aí ela avisou pra eles que os caboclos tinham ido lá – outros caboclos – e tinham feito isso. Quando ela saiu de lá ela* [a mulher de resguardo] *estava acabando de morrer. Aí eles foram. Quando eles chegaram lá, passaram de passagem, aí foram atrás deles* [dos caboclos que agrediram a mulher de resguardo], *fizeram outra correria.*

A minha mãe contava: – "Meu pai, minha filha, nunca fez danação pra matar ninguém, mas os outros índios... papai matava muito mas porque eram danados, faziam isso com nós; e o meu pai fez traquinação também, carregava os meninos." Por isso que a mamãe tinha o maior medo de deixar meninozinho deste tamanho assim: ela tinha medo porque diz que os caboclos gostavam de carregar. Você viu aquele Chico Ginú, pai do Chico, aquele velho Chico Ginú, ele tem uma menina no mato, da primeira mulher dele,

que os índios mataram a mãe e carregaram a menina. Ele ainda hoje conta pra quem quizer. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Box 17: "Cupixau" e "Tribi" (II)

Foto 27: *Malocas de índios brabos.*

"Cupixau"e "Tribi" (II)

Dona Mariana aqui dá duas informações: os índios inimigos não só não eram da mesma maloca, ou cupixau, como também eram de uma outra tribo, ou povo. Isto significaria que uma tribo não está toda concentrada, e sim dispersa em mais de um cupixau. Relendo as narrativas e olhando a foto ao lado, tirada em fevereiro de 1998, de um assentamento de índios isolados nas cabeceiras do rio Humaitá (afluente do rio Muru, que é, por sua vez, tributário do rio Tarauacá), [Mapa 5] poderíamos dizer que a maloca ou cupixau correspondem a uma unidade de residência que agrega mais de um grupo doméstico, provavelmente uma família extensa. Um conjunto de malocas, como o da foto, caracterizaria uma aldeia, podendo haver casos, contudo, em que esta seja composta de um único cupixau. (Foto: Sydney Possuelo)

Assinalo a simetria das situações: cariús raptam crianças índias para criar e servir de esposas para eles mesmos ou para outros cariús; índios raptam crianças brancas para criar e servir de cônjuges para seus parentes. O caboclo brabo rapta um menino cariú, cria-o e o caboclo-cariú se casa com uma cabocla; durante uma caçada, outros caboclos o matam; o pai adotivo vinga o caboclo-cariú, atacando os caboclos que o mataram. O caboclo brabo rapta uma menina dos cariús. Ela cresce criada pelo caboclo brabo, se casa e engravida.

Caboclos inimigos atacam o cupixau, e vitimam mortalmente a cabocla-cariú; o pai-índio-adotivo vinga a branca-tornada-índia. Com esse formato, emerge uma lógica dos ataques recíprocos: os cariús estão carregando cônjuges para os seus, assim como o fazem também os caboclos brabos.

Brabos atacam caboclas mansas

E todo o quadro vai se complexificando mais ainda quando dona Mariana reconta o que ouviu de sua mãe: já mansas, ela e a irmã choraram a morte de um jovem seringueiro cearense devido a um ataque indígena. Ou ainda quando, já casada e morando no Envira, dona Regina foi atacada por índios brabos e teve grande medo.

– *Como é isso: a pessoa é índia mas tem medo dos índios?*

– *Tem. Porque os índios eles perseguem os outros índios que já são civilizados, não sabe? Eles perseguem; porque pelo gosto deles não tinha índia da mata junto com os brancos, não sabe? Não tinha não, junto com os cariús, civilizado; era pra viver com eles. Aí ela* [dona Regina] *quando veio da mata, ela era novinha, pequena; aí acabou-se de criar no meio dos brancos. Aí ela tinha medo dos índios matarem ela, porque já tinham pelejado: logo no princípio, quando ela chegou da mata, eles pelejaram pra levar ela pra a mata; aí não era da tribi* [tribo] *dela, os índios; aí ela não acompanhou.*

– *Mas como foi isso?*

– *Eles vieram na casa que ela morava mais o homem que ela morava. Aí chamaram pra levar elas pra a mata – ela e uma outra cabocla, madrasta dela –, aí elas não quiseram ir; aí eles voltaram* [pra mata].

– *Mas os brancos não viram não?*

– *Viram não; ninguém não viram não.*

– Vinha de noite?

– Vinha de dia, mas os homens eram seringueiros, eles cortavam. Elas moravam vizinho, aí estavam lavando roupa; aí eles [caboclos brabos] *saíram; aí cortaram gíria pra elas, pra elas irem s'embora. Aí elas correram com medo, pra casa, já com medo deles matarem elas; aí elas correram pra casa. Aí passou uns dias; aí o marido delas não estava em casa, andavam cortando, aí eles... o marido dela tinha matados uns porcos* [do mato]. *(...) Aí tinha matado uns porcos, aí ela tinha assado; tinham assado as cabeças dos porcos, estavam comendo, cozinhada a macaxeira; cozinharam macaxeira e cortaram gíria d'uma pra outra, chamando pra ir comer junto; aí ela foi, lá pra a casa da madrasta dela. Estava lá sentada comendo, nem filhos elas não tinham nesse tempo ainda, foi logo quando ela se ajuntou com um homem; e a outra também, com outro homem, outro rapaz; mas moram assim: uma numa casa, outra na outra, pertinho. Aí lá a madrasta dela cortou gíria pra ela, pra ela ir lá pra comerem as cabeças dos porcos assada com a macaxeira. Aí ela foi. Chegou lá... chegou lá e sentaram assim na cozinha todas duas; aí estavam ali, comendo, aí quando escutaram a zoada do arco, "tum", flecharam ela; ela deu aquele grito e caiu.*

– Quem?

– A mamãe.

– Flecharam a sua mãe?

– Flecharam a minha mãe. Os índios brabos. Mas era d'outra tribi, não era da nossa tribi. Aí vieram, elas estavam comendo; aí eles já tinham pelejado com elas pra levar, elas tinham corrido com medo deles. Aí nesse dia eles vieram, tomaram chegada, ela disse que a casa dela, da madrasta dela, tinha assim uma carreira de banana encostada à casa. Eles vieram de lá, da bananeira flecharam ela. Pegou aqui assim, no braço dela. (...) Nesse tempo, a mulher não usava roupa como nós usa hoje; os casacos e as mangas eram aqui

[até as mãos], *e a saia era arrastando aqui em cima no pé; o casaco frouxo, não sabe? Aí a flecha pegou aqui, rasgou o casaco e cortou o braço dela. Ela morreu e não se acabou mais, minha filha; até quando ela morreu ainda tinha assim o golpe de baixo do braço. (...) Ah, elas correram! Quando caíram, aí... a madrasta dela pulou embaixo* [de casa], *ela pulou embaixo também, elas correram pra a mata. Aí eles correram atrás, correram pra casa; que eles flecharam da bananeira, mas de lá era distante, não sabe? Eu acho que por isso que eles erraram. Aí elas correram pra a mata; aí pronto: eles não viram mais. Aí invadiram a casa, aí carregaram tudo quanto eles tinham, os dois seringueiros. Aí elas correram pra mata, toparam eles* [os maridos seringueiros] *na estrada, aí avisaram pra eles; de lá mesmo eles vararam, saíram no caminho, que hoje não existe mais rodagem, mas antigamente tinha rodagem dos animais, burro, boi, carregar carga. (...) Aí vieram bater no barracão do patrão; aí quando chegaram, avisaram. Aí o patrão mandou buscar só as coisas deles que moravam lá no centro, tiraram eles de lá da colocação. Aí foram fazer correria atrás deles* [dos índios]. *Mas não toparam com eles não. A mamãe cansou de dizer que o pessoal não toparam eles não. Viram o rastro deles, andaram muito atrás deles, mas não toparam eles de jeito nenhum; passaram três dias na batida deles e não toparam eles.*
(Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Caboclas mansas com medo de brabos, o que as aproxima dos seringueiros cariús, que também os temiam. Parece que inicialmente os brabos tentaram seduzir dona Regina e a madrasta para irem com eles de volta para a mata, o que elas recusaram-se a fazer: não os reconheceram como iguais, ou aparentados, ou amigos; associaram-nos a tribos inimigas da sua. Este fato não deve ser menosprezado diante da frequência com que conflitos e *vendettas* permeavam as relações entre os grupos Pano. O fato de estarem casadas, vivendo como esposas de seringueiros, em suas casas, vizinhas uma da outra, provavelmente tinha,

para elas, um significado de segurança e proteção: na aldeia a mulher é protegida por um pai (quando jovem), por um marido (quando casada), por um filho ou genro (quando velha). O ataque brabo era uma ameaça real: entre eles, nada garantiria, por exemplo, que não fossem mortas, já que não haveria ninguém com obrigação de vingá-las.[67]

Numa segunda visita, as duas foram atacadas e dona Regina ferida. Correram, e os índios limitaram-se a roubar suas casas, como era de costume, sem ir ao encalço das duas mulheres. Pode ser que estivessem atrás de reconduzí-las de volta para a mata, mas também pode ser que tenha apenas se tratado de um ataque à casa de seringueiros cariús. Tão logo as mulheres sairam da casa, os índios, ao invés de perseguí-las – no que provavelmente teriam sucesso – , concentraram-se no roubo dos utensílios e objetos domésticos. E devem ter fugido veloz e eficazmente, pois não foram encontrados pela revanche organizada pelo patrão dos seringueiros.

Caboclos mansos diferenciam-se dos mansos da maloca

As narrativas revelam também que dona Regina temia os brabos mas também reconhecia os seus vizinhos Kaxináwa como diferentes dela mesma. A narrativa abaixo reforça ainda a diferenciação entre mansos quanto a forma de incorporação ao seringal, e que pode apontar para um orgulho do "ser pegada" em relação aos mansos atraídos e amansados.

[67] José de Souza Martins (1997, p. 65 e 70, por exemplo) cita o caso de Helena Valero, uma branca raptada pelos índios Yanoama e que passou entre eles mais de vinte anos, sempre como uma "mulher estrangeira", isto é, mãe de filhos de homens Yanoama, mas sem uma rede de parentes nas aldeias em que viveu. Helena sempre esteve "sob o mando de alguém", em geral do chefe da tribo, assim como as demais esposas deste, todas, como ela, raptadas. "Se fosse morta, não havia quem comesse suas cinzas com o mingau de banana nem havia quem a vingasse."

– A senhora me falou, aquele dia que a gente tava ali no quarto, de umas índias que eram marcadas pelo Felizardo Cerqueira, que a senhora conheceu. Eram Kaxinawá, essas índias que eram marcadas?

– Era não, era índia braba, pegada.

– Ah, é? Que ele marcava?

– Marcava. Assim você também: se você quisesse que ele lhe marcasse, ele marcava você com o nome dele. Foi índia, se consentisse...Ele marcou uma porção de índia que não foi ele que pegou. Agora, a minha mãe que não deixou! A minha mãe, a tia Maria, do Antônio do Carmo, a tia Maria do Amadeu e a tia Rita do Miguel do Gomes. Mas a tia Rita do Toqueiro era marcada, a finada Eva era marcada, a Ditosa, a Nega, a Elvira, a Santaninha, a Raimundona; outra Raimunda, também, que saiu também no meio dos branco, ele marcou, e... a Dalgisa, era marcada – a mãe daquela Elisa que mora em Rio Branco, que a irmã Francisca trouxe a foto dela.

– Mas marcava pra quê?

– Por que era dele.

– Mas, por exemplo, se sua mãe tivesse consentido que ele marcasse ela, ela virava dele como? Virava mulher dele?

– Ele dizia que a índia era dele, que tinha sido ele que tinha pegado. Minha mãe não consentiu. Quando ele disse: – "Regina, venha pra mim marcar, marcar com meu nome", ela disse: – "Não, não foi você que me pegou; quem me pegou foi o Joaquim Paraíba; eu nem lhe conhecia, eu era do Envira, e esses caboclos que você pega, que você marca, é aqui, do Tarauacá com o Jordão." (Dona Mariana, foz do Machadinho, julho de 1998)

Dona Mariana conta que sua mãe, mesmo entendendo a língua falada pelos Kaxináwa mansos com os quais conviveu, jamais "cortou gíria" com eles, limitando-se a

fazê-lo com as parentes ("primas") e conhecidas que veio reencontrar no Jordão. Também nunca aceitou ser marcada por Felizardo Cerqueira, que queria imprimir nela sua marca ("FC").

Dona Regina não era a única a estabelecer clivagens em relação aos mansos das malocas. O pai de seu Milton, um índio Kontanáwa e único sobrevivente de uma correria ocorrida no rio Envira por volta de 1913, evitava as malocas de mansos. Pego ainda menino, Pedro Lourenço da Silva, o Pedro Tibúrcio, deve seu apelido ao seu captor e pai de criação, Antonio (Lourenço) Tibúrcio. Pedro é um dos raros casos em que encontramos um índio casado com uma descendente de migrantes cearenses. Já adulto, vivendo com a mãe de seu Milton, dona Raimunda, ele temia os caboclos mansos que moravam nas vizinhanças. Assim dona Raimunda, em agosto de 1998, com dificuldade devido a seu estado de saúde, descreveu-me, auxiliada por dona Mariana, as atitudes de seu falecido marido:

– *E agora faz que nem o outro: e o índio que eu morava ele não gostava nem de passear nas malocas dos outros.*

Dona Mariana: – *Eu tô canso* [cansada] *de dizer pra ela que a minha mãe...*

– *Ele não gostava, mas isso de jeito nenhum! Você pensava que ele bebia a caiçuma dos outros caboclos?*

Mariana: – *Por que? Tinha muito caboclo manso perto?*

– *Bebia, mas não era bem. No* [seringal] *Transvaal, no coisa, quando ...*

Dona Mariana: – *Ele tinha medo, Mariana.*

– *... neste tempo ele era empregado com o Costa Melo, pai desse Zé Costa; ele teve uns tempos, passou bem uns dois anos empregado lá, (...) lá tinha muito caboclo!*

Mariana: – *Ele não andava* [na maloca] *não?*

– *Andava, mas não era bem.*

Mariana: – *Mas por que?*

Dona Mariana: – *Ele tinha medo, Mariana. Eu não te disse que a minha mãe era cabocla também e tinha medo desse mesmo jeito que o marido dela fazia. Pergunta aqui* [a seu Milton], *que ainda andou mais ela no cupixau: não comia banana madura que os caboclos desse, não bebia caiçuma; comia mudubim e carne assada; nem carne cozinhada, macaxeira ela não comia de jeito nenhum.*

Mariana: – *Por que tinha medo que botasse alguma coisa?*

Dona Mariana: – *Botasse porqueira dentro.*

– *Era.*

Dona Mariana: – *Porque os caboclos civilizados, que nem esses Kaxi* [Kaxinawá do rio Jordão], *eles gostavam muito de... pelejava muito com os outros índios que tinha sido pegado, não sabe?, na mata – que os cariús tinham pegado – pra morar junto com eles. E eles* [os índios pegados na mata] *nunca se acostumaram: vivia no meio dos brancos, mas não queria ir pra maloca. Todas as caboclas que você conversava, pode perguntar isso pra ver se ela não diz que tinha era medo dos outros.*

Mariana: – *Mas não entendi. Os Kaxinawá que eram mansos pelejavam...*

Dona Mariana: – *É, eles não iam, não era da tribi deles.*

– *Não era da tribi.*

Mariana: – *Mas chamavam a sua mãe pra ir morar mais eles?*

Dona Mariana: – *Era, pra morar junto com eles, mas ela não ia.*

Mariana: – *Aí chamavam também o seu Pedro Tibúrcio pra ir morar mais eles?*

– *Não sei se eles chegaram a chamar* (rindo).

Dona Mariana: – *As caboclas, comadre, que tinha vontade nele, que chamavam pra ir morar mais eles, mas ele tinha era medo das caboclas.*

– *Eu sei que ele não andava no...*

Dona Mariana: – *Aquele Oscar Damascena, comadre, que era misturado, não via ali na Fortaleza? As caboclas eram tudo danado por ele.*

– *Era.*

Dona Mariana: – *Ele tinha era medo...*

– *Era.*

Dona Mariana: – ... *das caboclas fazer porqueira, fazer bruxaria pra ele.*

Mariana: – *Seu marido também tinha medo das porqueiras assim?*

– *Ora se tinha!*

Mariana: – *De feitiço assim?*

– *Tinha!*

Mariana: – *E a sra. tinha medo também?*

– *Ah, eu também tinha.*

Estamos vendo que caboclos mansos – dona Regina e Pedro Tibúrcio – se diferenciavam dos que, também mansos – os Kaxinawá do rio Jordão amansados por Felizardo Cerqueira – viviam em malocas.[68] Dos brabos tinham medo, não eram mais sua tribo, poderiam ser inimigos, como já eram dos brancos no meio do qual viviam; os mansos pacificados em grupos, viviam, aos seus olhos, tal como nas antigas malocas mas em

[68] Ver-se-á em narrativa mais à frente, que os Kaxinawá do rio Jordão tem, por dona Mariana, suas residências denominadas de malocas, mas, na verdade, como ela mesmo informa, não moravam mais um grandes casas, e sim em diversas casas perto uma da outra, como fazem também os seringueiros cariús. Mas parece que o que importa aqui não é a disposição espacial propriamente dita, e sim a identificação de e oposição a um modo de vida.

contato e à serviço da sociedade branca[69]; não eram mais brabos, mas pareciam ainda adotar comportamentos deles, como o feitiço. Para dona Regina, a comida dos mansos das malocas era "sebosa" [70], embora fosse a mesma que comera quando vivia entre seu povo. À técnica de assar a carne de caça "com couros e tudo" ela mesma recorreu numa ocasião, conforme narrou-me dona Mariana.

O que poderia chamar atenção é uma aparente identificação de dona Regina e Pedro Tibúrcio, entre outros caboclos mansos, com a sociedade branca em que viviam. Não parece haver conflitos de identidade marcados por indecisão sobre qual lado a pessoa pertence. Não há história de retorno para a "indianidade" após a vida no seringal – as caboclas mansas fogem à vista dos brabos. Nem de conflitos de consciência de índios mansos ao servirem de mateiros em correrias – eles guiam os brancos para os massacres. Por outro lado, tudo isso não implicava que a origem indígena fosse negada.[71] Dona Mariana afirma categoricamente que sua mãe "nunca negou sua parte de índia". Na verdade, mesmo que negasse, alguém sempre a lembraria de tal.

Brabos enfrentam as novas gerações de mansos com cariús

Numa narrativa de primeira mão, dona Mariana narra uma situação de quase-encontro com brabos, tendo sua mãe Regina reconhecido o perigo iminente e orientado os que estavam com ela sobre como proceder e se defender. No final do dia, encontraram abrigo, e refúgio, na casa de um seringueiro cariú precavido: tinha cachorros "bom de

---

[69] Na verdade, tanto índios "pegados" como "amansados" estão em interação com os brancos, trocando serviços, costumes e mulheres.

[70] De acordo com dona Mariana, a carne de caça não é lavada, é assada "com couros e tudo" e ainda por cima sem sal.

[71] Ruth Benedict (1972), em estudo clássico, lidou com situação similar nas relações entre norte-americanos e japoneses no contexto da Segunda Guerra: como entender, por exemplo, o surpreendente comportamento, do ponto de vista dos norte-americanos, dos soldados japoneses quando aprisionados, que passavam a colaborar com os inimigos que, até aquele momento, haviam combatido aguerridamente?

índio", isto é, que rastreavam e perseguiam brabos, defendendo seu dono e hóspedes de uma ameaça real e contra a qual era necessário prevenir-se. Ver-se-á que a narrativa emenda com uma outra história, anterior no tempo mas cuja memória de dona Mariana estabeleceu, diria, uma conexão benjaminiana que fez com que um evento passado irrompesse como "agora" no presente da narrativa.[72]

– Quando a sra. era pequena, dona Mariana, o pessoal ainda tinha esse medo de índio assim?

– Mas, rapaz, eu vi, olha, vou te dizer: no ano de 1946 eu vim me casar com o primeiro marido aqui na Boa Vista: eu vi um índio, aí eu pensava que era um veado. (...) Nós vinha do Jordão aqui pra Boa Vista.

- Tinha Novenário aí, o que era, tinha padre?

- Juiz, o juiz e o escrivão que tinha na Restauração, aí eu vim de lá pra me casar; o meu pai era o escrivão e o seu Araújo era o juiz. (...) Pois bem, aí nós viemos. Quando nós chegamos pra lá das Nova Olinda, aí eu vi esse índio, mas pra mim que era um veado que tinha pulado de um lado do caminho pra o outro lado. Eu vinha na frente com a espingarda no ombro, aí eu vi aquele vermelho pular assim, aí eu disse pro meu noivo: – "Olha, acolá pulou um bicho vermelho, é um veado". Aí a minha mãe vinha atrás dele e espiou assim e disse: – "Tu não vai, menino, tu não vai, ô Raimundo!"; aí ele: – "Senhora?"; – "Tu não vai , é um índio, espia: o pau tá balançando". Aí nós espiamos e estava o pau, aonde ele pulou assim, Mariana, agarrou aqui, no pau, aí pulou do outro lado, aí o pau voltou e ficou assim balançando. – "Não vai, meu filho, bota a boca da espingarda pra baixo"; aí ele botou a boca da espingarda pra baixo.

– Por que?

---

[72] Cf. Benjamin, 1994[1940].

– Pra o caboclo ver que ele não queria fazer mal, que ele não vai atirar. Aí ele saiu com a espingarda assim na mão, com a boca pra baixo. Aí ela disse: – "Passe, que eu vou atrás"; aí eu passei e ele passou também. Aí nós viemos...

- Dava medo, dona Mariana?

- Minha filha, eu tive foi medo! Aí com a distância de meia hora, tinha uma casa, um conhecido nosso, da minha mãe. Aí nós chegamos lá de tardezinha, já pras águas daqui, no Machadinho, no Porto Alegre. Aí lá nós pernoitamos lá, na casa deste seringueiro. (...) Quando nós chegamos na casa dele, ele tinha matado três porcos, porco do mato; aí ele foi e pediu meu noivo pra tirar o couro dos porcos; aí ele foi e ajudou ele tirar, que a mamãe colocou comida no fogo, nós jantamos bem. Aí era muito conhecido e de noite foram contar caso, o velho contando pra nós como era bom aqui no paranã [do Machadinho] *e tudo. Aí ele tinha dois cachorros bom de caça e bom de índio. Mariana, esses cachorros passaram a noite correndo, neguinha, avançando assim no caminho que a gente tinha vindo. (...) Aí ele* [o velho seringueiro] *foi e disse assim: – "Olha Regina, é os seus parentes que querem vir aqui porque viram você!". Aí ela foi e disse assim: – "Ah, eles nem me conhecem, eu não sou daqui, eu sou do Envira"; aí ele disse: – "Ah, mas os índios do Envira andam por aqui". Eles vieram, neguinha, atrás de nós.*

Noutro ano, eu era ainda meia brochótózinha, eu era pequena ainda [dez anos de idade], *nós viemos pagar promessa na Nova Olinda. Eu vim mais a minha mãe, o companheiro da minha mãe e outro amigo do companheiro da minha mãe, nós viemos em quatro pessoas. Dormimos numa colocação que não tinha ninguém, no outro dia nós viemos se embora para as Nova Olinda, deixamos todas as cargas lá. Quando nós chegamos* [de volta] *eles* [os índios] *tinham carregado tudinho, levaram tudinho. Aí nós alopramos de novo, fomos pra outra colocação; chegamos lá o dono era nosso conhecido e*

aí deu jeito para nós dormir. Tudo no Jordão. Ah, minha filha, agora, por este tempo, antigamente, quem ia pagar promessa não ia só não, duas, três pessoas, o maior medo. Faz poucos anos que por este tempo a gente ainda via vestígios deles por aqui, fazendo sinal por onde andavam. Agora que ninguém vê mais, é difícil. Depois que os índios mansos começaram a fazer correria foi que eles afastaram. (Dona Mariana, foz do Machadinho, setembro de 1994)

Dona Mariana refere-se na narrativa acima às correrias realizadas pelos Kaxinawá do rio Jordão, num período já posterior ao patrão Felizardo Cerqueira, que no início da década de 1930 havia se mudado para o Estado do Amazonas.[73] Dona Mariana nasceu em 1928 e, quando testemunhou (não diretamente) correrias promovidas por mansos contra brabos, tinha cerca de doze anos. Os Kaxinawá, por volta de 1940, já eram chefiados por Sueiro Sales, filho de Felizardo Cerqueira com uma índia Kaxinawá e criado por Chico Curumim.[74] Na narrativa abaixo, última do capítulo, gravada em julho de 1998, dona Mariana dá continuidade à história do roubo de suas coisas e de seus companheiros na peregrinação a Nova Olinda. Inesperadamente, ela e a mãe, algum tempo depois, reviram seus pertences.

– No tempo que a senhora era moça não tinha mais correria?

– Tinha. Mas não era como antigamente. Quando eu era moça, Mariana, eu já tava com doze anos, foi no ano que eu enoivei [noivei] *a primeira vez. Eu morava numa colocação do Jardim, do Bom Jardim – a colocação chamava-se Duas Nações. Aí quando eu era menina,*

[73] Aquino & Iglesias, 1994, p.19.

[74] Chico Curumim, já foi dito, era chefe de uma das famílias extensas Kaxinawá amansadas por Felizardo Cerqueira no início do século XX. Em comunicação pessoal, Terri Aquino contou-me que a mulher de Chico Curumim manteve relações sexuais à força com Felizardo Cerqueira, gerando Sueiro. Para os Kaxinawá, a concepção é cumulativa, ou seja, mesmo que não tenha gerado Sueiro, Felizardo Cerqueira contribuiu para tal. O filho mais velho de Sueiro, disse-me Terri, chama-se Felizardo, o que estaria de acordo com a tradição Kaxinawá, na qual o avô paterno dá seu nome ao neto primogênito.

tinha dez anos, os caboclos fizeram um roubo, os índios brabo fizeram um roubo nas nossas coisas: nós vinha fazer romaria aqui nessa Nova Olinda; os caboclos roubara a minha roupa, a roupa da minha mãe, uma muda do companheiro da minha mãe...

– Numa casa que vocês deixaram.

– Sim. Aí roubaram a carga de um seringueiro que andava junto com nós, e roubaram nossas redes, nossas dormidas, que nós tinhamos levado. Aí, quando foi – eu já era moça, tá vendo? – eu já tinha doze anos, trabalhava nessas Duas Nações. Aí os caboclos [brabos] *deram num cupixau dos caboclos civilizados, no seringal do Jardim também, tá vendo?, adonde eu morava, no mesmo seringal. Aí o Sueiro, pai do Siã, foi atrás, mais os outros índios, dos índios brabos que tinham feito o roubo no cupixau dos outros caboclos civilizados deles lá. Aí eles foram atrás. Eles dizem que não mataram, mas eles tomaram todo o roubo que eles tinham roubado, que eles tinham roubado no cupixau desses índios civilizados. Adonde tomaram as minhas roupas e da minha mãe, do ano que eles tinham roubado. Meu vestido, Mariana, parecia só visto, contado ninguém vai acreditar: meu vestido assim, neguinha, eu acho que tava, eu tinha dez anos, eu já estava com doze anos; o vestido estava bonzinho, bonzinho, Mariana, estava com toda a goma ainda do pano, da fazenda. Que eu tinha vestido o vestido novo, não tinha...*

– Eles não tinham usado?

– Não, eles não vestiam não, só porque achavam bonito. O pano era bem encarnadão, todo florado; todo vermelho, florado de azul e branco. Ainda estava do mesmo jeitinho, o vestido. (...) Nós vimos porque nós fomos olhar... Eu nunca tinha visto, a minha mãe chamou: – "Minha filha, vam'bora olhar, pra tu ver as armas dos parentes"; eu digo: - "'Bora." Aí fomos pro cupixau, eu já mocinha; aí fomos pro cupixau.

– Eles moravam também numa casona, tudo junto, grande assim?

– Os outros caboclos? Esses daí do Jordão? Eram não, cada qual tinha o seu cupixau, mas era tudo encostadinho assim, como é aqui as casas, não sabe? Aí fomos lá pra o cupixau do Sueiro, fomos só espiar as coisas que eles tinham tomado dos outros índios. Aí fomos. Aí quando nós cheguemos, aí a primeira coisa que nós vimos foi nossa roupa. A mamãe disse: - "Tá aqui meu vestido. Ah, vou levar, prima Rita [mulher do Sueiro]*!" Ela disse: - "Ah, não, esse vestido é meu."*

– A Rita era prima dela?

– Era nada, era prima de fogueira (...) Aí: – "Não, é meu, esse vestido aqui é da Erundina", que era da menina dela, a irmã do Siã. Aí eu digo: - "Meu vestido, Ritinha, me dá!" Disse: - "Dou nada, você já tem muito, dou não." (risos) *Aí eu perguntei: - "Primo, adonde foi que vocês mataram eles?" Ele disse: - "Não matemos não, prima. Nós topemos eles, tavam comendo dentro de um igarapé. Aí os bichos sentiram nós, aí corrreram." Mas eles mataram, Mariana. Eu morava nessa colocação, chamada Duas Nações, eu tinha me levantado – eu e a minha mãe e o meu padrasto, nós íamos cortar; o velho ia raspar, e nós íamos cortar. (...) Aí nós escutemos; eu tava lavando a boca, tinha me levantado já pra comer, já tinha comido, aí tava escovando meus dentes; aí eu escutei: "Pêi! Pêi!". Aí eu digo: - "Olha! O que é aquilo?" Aí: "Pêi! Pêi! Pêi! Pêi! Pêi..." Aí eu digo: - "O que é aquilo, seu Zé Raimundo?", que era o companheiro da minha mãe. Aí ele disse: - "O que é aquilo?!" Eu digo: - "São os queixadas, né?" Ele disse: - "Os queixadas? É o Sueiro fazendo fogo nos índios, é mesmo." Eu digo: - "É mesmo, seu Zé Raimundo, que eles foram fazer correria..." Assim: negócio de cinco horas da manhã. Aí eles vieram, tomaram, aí quando nós cheguemos na margem, aí nos fomos olhar as coisas que eles tinham tomado. E eles disseram que não tinham matado, mas nós escutemos um pipoco de tiro bonito. E eu acho que eles mataram porque...*

– E a sra., assim como índia, a senhora ficava com pena dos índios, achava que tinham que fazer correria mesmo?

– Ah eu achava! Já filha de cearense, né? Eu achava que tinha como fazer correria porque eles eram muito preverso [perverso]. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Estamos já num outro momento, nos idos de 1940, praticamente meio século de seringal. Se há correrias é porque há brabos, mas estes provavelmente realizavam incursões a partir dos territórios mais longínquos aonde refugiaram-se das perseguições dos cariús. Não é mais o patrão Felizardo Cerqueira que comanda correrias praticadas por "seus" Kaxinawá contra brabos. Sueiro Sales, uma segunda geração do seringal, filho do patrão cariú com uma cabocla mansa da maloca, é quem comanda seu povo contra os brabos, vingando-se de um ataque que haviam feito.

De outro lado, temos também uma segunda geração do seringal, dona Mariana, filha de uma índia "pegada" com um seringueiro cearense do rio Tejo. Ela, a mãe e seus companheiros de viagem a Nova Olinda haviam, cerca de dois anos antes, sido vítimas de um roubo promovido por brabos. Ao contrário de sua mãe, uma ex-braba e que, já mansa, fora atacada por brabos, dona Mariana nunca os tinha visto. Com curiosidade acompanhou a mãe para conhecer "as armas dos parentes". Qual não foi sua surpresa quando, na maloca de Sueiro, encontrou, em meio aos despojos tomados aos brabos, os vestidos que os brabos haviam lhes tomado na romaria a Nova Olinda.[75]

Esses dois caboclos representantes da segunda geração – dona Mariana e Sueiro – protagonizam episódios distantes no tempo – um roubo e uma correria – mas conectados por uma coincidência: o roubo foi perpetrado pelos mesmos brabos que sofreram a correria.

[75] Aliás, bem interessante o fato dos vestidos não estarem usados: que lógica de apropriação material e simbólica operou?

A cabocla Mariana sente-se lesada e acredita que os brabos mereçam ser punidos por essa e outras perversidades; o caboclo Sueiro também sente-se lesado, pune os brabos com uma correria, mas talvez esta forma de punição não seja somente uma herança cariú do tempo da abertura dos seringais, mas também orientada por códigos e princípios semelhantes aos que orientam as guerras de vingança Pano. Talvez esteja aí uma das razões pela qual não encontramos conflitos de consciência entre os mansos que guiavam os cariús nos massacres contra brabos: é que, na verdade, também estavam atacando inimigos. Pode ser, mas tiveram antes que ser amansados pelas correrias. Os Ashaninka, neste sentido, teriam se saído melhor, pois impuseram reais condições de barganha em troca da ajuda aos patrões brancos contra os brabos Pano.

Para finalizar, há um outro ponto sobre o qual gostaria de chamar atenção: o termo "caboclo", assim como o de "manso", não recobre um grupo homogêneo. No tempo da narrativa de dona Mariana, assistimos caboclos vivendo em proximidade física e mantendo relações entre si, inclusive de parentesco ritual, como é o caso dos "primos de fogueira". Mas, foi visto, não se consideravam iguais. "Caboclo", portanto, remeteria à situação de contato interétnico. Mas este assumiu inúmeras formas; dona Mariana e Sueiro são caboclos, mas não da mesma forma.

Num outro extremo, mesmo considerando que nenhuma mistura ocorreu (o que é um caso raro), "caboclo" continua remetendo ao contato e é correntemente utilizado como identidade indígena mais geral, por índios e não-índios. Mas o termo "caboclo" pode ser acionado como signo de discriminação e preconceito – dos brancos contra os índios – remetendo à atributos como preguiça para o trabalho e hábito de roubar.

*

* *

Populações indígenas arredias vêem sendo identificadas por frentes de atração da Funai desde 1987, notadamente nas cabeceiras dos rios Tarauacá, Envira, Jordão e Humaitá. [Mapa 5] Calcula-se que totalizem cerca de 600 índios, provavelmente alguns deles representantes de grupos étnicos julgados exterminados. Esses grupos perambulam pelos altos rios, realizando roubos nas colocações de seringueiros índios e não-índios. Nesses roubos, que visam especialmente instrumentos de trabalho e armas de fogo – tecnologias que os brabos aprenderam a utilizar – há também registros de enfrentamentos com mortes. Os brabos arredios são temidos por seringueiros e pelos índios moradores das Terras Indígenas, os mansos de hoje quando vistos frente aos brabos. Há registro de expedições punitivas aos brabos arredios quando estes realizam roubos, reproduzindo-se, inclusive, velhas rivalidades, como entre os Pano e os Arawak.[76]

Considerações finais

Neste capítulo foi proposto um deslocamento de olhar sobre o contato entre índios e brancos no momento histórico da abertura dos seringais, nos altos rios do Vale do Juruá: de uma visão mais geral, ou estrutural, para outra que enfatizasse as ocorrências locais e singulares, as pessoas e seus dramas.

A abertura dos seringais e as correrias representaram, sem dúvida, uma oposição entre grupos chegantes e os nativos, tendo estes últimos sido alvo de um verdadeiro genocídio e, em especial no caso do sexo feminino, de uma incorporação forçada à sociedade de seringal mediante o casamento com seringueiros nordestinos. Foi visto que entre os índios brabos as diferenças eram grandes, inclusive difíceis de serem mapeadas, e que mantinham relações de troca e bélicas entre si. Mas, de um ponto de vista mais

[76] Pereira Neto & Aquino, 2000 e Aquino & Iglesias, 1996.

estrutural, essas diferenças tenderiam a subsumir sob um processo violento e esmagador de dominação.

Quando, porém, descemos ao nível do detalhe da estrutura, fica difícil afirmar a oposição pura e simples entre índios e brancos. Isto é, quando o contato interétnico é analisado como um processo histórico e (re)criador de fronteiras identitárias, formulações estruturalmente rígidas perdem progressivamente o valor explicativo.[77] Minha opção, portanto, sempre guiada pelas indicações fornecidas pelas narrativas orais, recaiu sobre uma visão por meio da qual emergissem dramas locais e pessoais, e a estrutura ganhasse novos matizes e balizas.

Neste capítulo, na ausência de relatos de primeira mão de dona Regina e Pedro Tibúrcio, os principais personagens indígenas do início da saga familiar que esta tese está historiando, procurei mapear e explorar a diversidade de situações de contato entre brabos, mansos e cariús. Ao meu ver, elas complexificam significativamente o contexto das correrias e os primórdios dos seringais, tendo consequências sobre a construção da identidade étnica *dos Milton.*

Afirmaria que o material analisado no capítulo parece indicar que padrões e fronteiras étnicas demarcadas não são necessariamente previsíveis, pois não são dados por fatores intrínsecos à etnicidade.[78] O que vários autores argumentam é que a "substância" da etnicidade não estaria em entidades, mas sim em relações.[79] Numa nova situação de interação como a da abertura dos seringais, grupos étnicos nativos podem absorver ou ser

[77] Cf. Oliveira Filho, 1988 e Barth, 1998[1969]. Nas situações históricas de contato interétnico, portanto, tendo a concordar com João Pacheco de Oliveira Filho (1988, p.38) quando ele afirma não ser possível tomar as unidades sociais de análise "como entidades fechadas e homogêneas". Isto significa que as relações que se estabelecem, mesmo desiguais, estarão sempre referenciadas à "linhas e possibilidades de ação e ordenação" dadas pela interação (p.54-ss).

[78] Esta perspectiva contraria uma tendência mais comum que é a de definir a identidade étnica por meio de critérios como ascendência, tradição e territorialidade.

absorvidos por outros, como foi o caso dos Katukina.[80] Alguns desaparecem, outros escapolem. Brabos são capturados e incorporados pelos cariús, e o contrário também ocorre, embora com menor frequência. Caboclos mansos e cariús, reconhecendo-se como grupos étnicos distintos, demarcam suas fronteiras numa situação de dominação, o que, entretanto, não impede o trânsito e a troca (de elementos culturais, de pessoas) entre eles. Caboclos mansos destribalizados e desterritorizalizados diferenciam-se daqueles que permancem vivendo no sistema tribal tradicional, em malocas.[81]

Assim, a incorporação dos mansos não destrói fronteiras étnicas, mas a administração da distintividade passa a ser feita numa situação de intenso contato – e as diferenças encontram linguagens comuns. Em seu pioneiro estudo sobre a história das mulheres nos seringais do Alto Juruá no início do século, Cristina Scheibe Wolff demonstrou que o acervo de técnicas e conhecimentos sobre a natureza hoje manipulado pelos seringueiros deve muito aos homens e mulheres indígenas incorporados à sociedade de seringal. Maria Gabriela Jahnel Araújo defende a tese de que existiria uma "cosmologia seringueira", que retirou muitos de seus elementos das tradições indígenas locais.[82] Dona Regina e Pedro Tibúrcio não tornaram-se cariús, a própria sociedade de seringal os impediria de tal, pois que fundada sobre distinções étnicas e seus processos de interação e oposição.[83] Contudo transitavam no universo branco e o conformavam.[84]

---

[79] Barth, 1998[1969]; Carneiro da Cunha, 1987; e Oliveira Filho, 1988.
[80] Cf. Tastevin, 1924 e Lima, 1994.
[81] Barth (1998[1969]) já alertou para o fato de que os "valores distintivos ligados à identidade étnica" podem ser diferencialmente imperativos. Na mesma linha de raciocínio, Oliveira Filho (1988, p.55) afirma que as relações estabelecidas entre grupos ou pessoas pode vir a transpor as barreiras étnicas, embora a "clivagem étnica" possa permanecer como um fator básico de organização social. E por isso, por esta possibilidade da comunicação, há também regras (prescrições e proscrições) e critérios de incorporação e exclusão. São estes mecanismos – que administram os limites das fronteiras – conceituados por Barth de "organização étnica" (1998[1969], p. 193-195).
[82] Wolff, 1999 e Araújo, 1998.
[83] Cf. Barth, 1998[1969], p.108.

Por outro lado, ambos diferenciavam-se dos Kaxinawá amansados por Felizardo Cerqueira, atribuindo-lhes uma comida "sebosa" e temendo as práticas de feitiço. Os mansos Pedro Tibúrcio e dona Regina significavam estes e outros traços, como a moradia em malocas e a conservação de hábitos, língua e organização social, como símbolos de alteridade.[85] É conhecida a atitude de atribuir ao outro a "selvageria" (ou a "sebosidade", a "porqueira" etc) para fins de diferenciação e valorização do que foi historicamente adquirido ou conquistado.

Finalmente, chamaria atenção para a recriação, no Jordão, de uma rede de relações de parentesco que certamente remontavam ao rio Envira. Dona Regina foi brutalmente afastada do seu povo de origem, mas teve perto de si a madrasta, e posteriormente conseguiu resgatar laços antigos herdados de sua origem indígena no Envira. Assim, ela estava inserida na sociedade de seringal, mas desta sociedade também fazia parte uma rede social restrita e com alto poder de referência étnica. Como evidência curiosa, chamaria atenção para a valorização, nas narrativas de dona Mariana sobre sua mãe, de critérios de ascendência (ser Nehanáwa) e territorialidade (ser do Envira) na definição de suas fronteiras étnicas, o que torna o grupo de "parentes" reencontradas no Jordão o seu grupo de referência. Mas não se trata de uma naturalização da etnicidade por critérios de ascendência e território; a etnicidade está antes referida à uma trajetória de vida. E talvez a isso deva sua força emocional.

---

[84] Barth (1998[1969], p.208) menciona a existência de casos nos quais a incorporação em grupos étnicos se dá por critérios de adoção das pessoas quando ainda menores, como ocorreu com dona Regina, Pedro Tibúrcio e mesmo os cariús que o avô de dona Mariana criou. Nesses casos, afirma o autor, essas pessoas são imergidas em novos padrões de relações e expectativas, trocando a sua identidade étnica. Não acredito que dona Regina e Pedro Tibúrcio tenham efetuado esta troca: a primeira se diferenciava dos mansos (e brabos); Pedro Tibúrcio os temia. Mas isso não implicava, aparentemente, que negassem sua origem indígena.

[85] Lembrando ainda Carneiro da Cunha (1987), acrescentaria que a resignificação pressupõe a reciprocidade comunicativa, não sendo possível prever o que será reinterpretado, como e em que contextos.

Capítulo IV

REGINA E RAIMUNDA: EM BUSCA DA MEMÓRIA DAS ORIGENS

Neste capítulo estaremos tratando da geração fundadora da saga familiar *dos Milton*. Dividido em duas partes principais, o capítulo acompanhará a trajetória de vida de dona Regina e de dona Raimunda entre os anos de 1911 e 1955.

Dona Regina, estimei, nasceu em 1900 no rio Envira, tendo sido capturada em 1911. É a partir desta data que inicio, nesta tese, a narrativa de sua história de vida, que se encerrou em dezembro de 1954, com seu falecimento no rio Jordão. Dona Raimunda, por outro lado, nasceu em 1914 no rio Jordão. No ano de 1955, enquanto seu filho Milton, casado com Mariana, mudou-se para o rio Tejo, dona Raimunda permaneceu no Jordão. O capítulo, portanto, percorrerá períodos temporais e marcos espaciais.[1]

Os locais de moradia são importantes porque eles fornecem dados sobre os deslocamentos dessas pessoas numa mesma região, indicando os meios sociais onde transitavam. Vimos que dona Regina veio do rio Envira, onde muitos índios brabos eram alvo de correrias, para o rio Jordão, onde grupos expressivos de índios mansos – caboclos – estavam reunidos, em particular os de Felizardo Cerqueira. É um ambiente caboclo,

sem dúvida, e não é à toa que o Jordão é hoje em dia uma Terra Indígena demarcada. O alto Tejo já traz uma forte lembrança da sociedade de seringal com a expressiva presença cariú, e também a ocorrência de casamentos entre seringueiros e caboclas. Essa divisão entre territórios predominantemente caboclos e cariús, com suas zonas de contato e troca, aparece na memória e nas pessoas que vão sendo citadas.[2]

As duas partes principais do capítulo – relativas uma a dona Regina e outra a dona Raimunda – têm estrutura e divisão temporal bastante semelhantes. Num primeiro momento, cobrindo os anos de 1911 a 1925, serão relembradas passagens iniciais da vida de ambas as personagens, suas primeiras uniões conjugais, filhos e locais de moradia. Já num segundo momento, entre os anos de 1925 a 1937, estará em destaque o encontro e união das heroínas primordiais de nossa história com os homens que vieram a ser os pais de dona Mariana e seu Milton.

Finalmente, cobrindo o período de 1938 a 1955, acompanharemos os últimos 17 anos de vida de dona Regina, durante os quais morou no Jordão, sempre junto da filha Mariana. Veremos que foi um período em que, até 1946, ano do primeiro casamento de dona Mariana, mãe e filha moraram durante longos períodos em casas de compadres de dona Regina. Já para dona Raimunda este foi um período de certa estabilidade, pois em 1941 reuniu-se ao homem com quem permaneceria casada até a década de 1970 – o cearense Raimundo Meruoca.

---

[1] Como apoio à leitura, há a Linha do Tempo (1883-1955) e mapas.

[2] Em comunicação pessoal, Mauro Almeida observou que os intercasamentos e outros processos de comunicação, violência e dominação ao longa dessa fronteira social e étnica não diluíram, após mais de um século, as identidades étnicas.

Maria Regina da Silva

Captura e primeiras uniões (rios Envira e Jordão, 1911-1925)

Após capturada na correria ocorrida em 1911 no rio Envira, a menina Nehanáwa que se chamaria Regina foi levada, junto com sua irmã mais velha para o barracão que era a sede do seringal. Lá encontraram-se com a velha madrasta, que também havia sido capturada junto com a filha caçula, uma criança de colo. A destinação de cada uma das quatro foi imediatamente decidida.

A irmã mais velha, esposa do Nehanáwa morto quando, lembremo-nos, cavava para tirar um tatu de seu buraco e os homens guiados por Chico Curumim apareceram, foi destinada ao chefe da correria, um seringueiro por nome Joaquim Paraíba. Viveram juntos alguns poucos anos no Envira, tempo em que a cabocla Nehanáwa teve dois filhos. Joaquim resolveu então voltar a sua terra natal, onde era casado e tinha família. Lá, contou dona Mariana, a sua tia cabocla teve um destino trágico. Ao chegar à Paraíba, Joaquim precisava explicar a mulher indígena e dois meninozinhos (*sic*) que trazia consigo, e justificou-se dizendo que se tratava de uma "criada" que trouxera do Acre. Mas a ciumenta esposa, vendo as duas crianças, não acreditou na explicação. Pouco tempo depois, matou com veneno a cabocla e seus filhos.

A madrasta foi entregue a um seringueiro, com quem passou a morar num *centro* [3]. Foi separada de sua filha caçula, tendo sido esta destinada a um tal Antonio Jordão, comerciante italiano que fazia negócios no rio Envira, e batizada como Zuíta. De acordo

[3] "Centro", nos seringais do Alto Juruá, está em oposição à "margem", caracterizando, respectivamente, colocações localizadas no seio da mata e próximas da (ou na) margem do rio. Em geral, nos centros estão as colocações com as estradas de seringa mais produtivas, ou "boas de leite".

com dona Mariana, Zuíta teve como destino um local bem longe do seringais e rios amazônicos, e do próprio Brasil: teria ido morar na Itália.

Quanto à menina Nehanáwa, foi acertado que caberia ao seringueiro que a capturou, de nome Raimundo. Porém, por ser ainda *muito nova pra usar homem*, ele teria que esperar que ela se tornasse moça, o que só ocorreu dois anos depois. Neste meio tempo, Maria Regina da Silva, como foi batizada pelo patrão Cajazeira e sua esposa Maroca, sendo Antonio Jordão o padrinho, permaneceu na sede do seringal, morando na casa do patrão, provavelmente ajudando nos serviços domésticos.

Em 1913, já uma moça, com os seios despontando, Regina foi finalmente entregue a Raimundo, seu captor. Foram então viver no centro onde já vivia sua madrasta. Foi nesta *colocação* que elas foram alvo do ataque de índios brabos, como já foi relatado.[4] Regina e Raimundo viveram juntos por dois anos. Nesse intervalo, ela deu à luz uma menina e a um menino, que nasceu por volta de 1915, quando Regina tinha 15 anos, pouco antes de Raimundo falecer. Foram os primeiros dos treze filhos que teria, dos quais, contudo, somente dona Mariana, nascida já em 1928, chegaria à idade adulta.[5] [Mapa de Parentesco 5]

Por essa época, a madrasta de Regina mudara-se para as águas do rio Jordão, afluente do Tarauacá. Antes de viajar, falara a Regina de outros Nehanáwa amansados que viviam no Jordão. [Mapa 6] Regina então decidiu ir atrás desses possíveis parentes.

---

[4] Ver Capítulo III desta tese.

[5] Chamará atenção do leitor o alto índice de mortalidade e de natalidade no período aqui relatado, sendo talvez possível falar em uma queda na taxa de mortalidade a partir da segunda geração. Contudo, não disponho de dados estatísticos sistematizados para avaliar essa ou outra tendência na região do Alto Juruá, que teria que incluir aspectos como riscos de vida no parto, assistência médica, adoção ou não de métodos contraceptivos ou alguma outra lógica de planejamento familiar. De toda forma, o fenômeno denominado de "transição demográfica", ou seja, a mudança de níveis altos para baixos de de mortalidade e de fecundidade, tem sido apontado como global – embora sua explicação conheça variações regionais (Patarra & Ferreira, 1986).

Quando saiu do Envira, acompanhando a família de uma comadre sua, de nome "Grumecina", trazia somente o filho recém-nascido; a menina falecera logo após o pai.

Provavelmente ainda em 1915, já no Jordão, Regina uniu-se a seu segundo companheiro, um "piauizeiro" de nome Modesto, com quem morou na colocação Boca do Aracati, no seringal Fortaleza. [Mapas 8 e 9] Com ele teve filhos, não mais do que dois, mas nenhum se criou. A união logo teve um fim: Modesto *era muito malvado pra ela*, e Regina deixou-o. No ano de 1917, ela estava vivendo na foz do Jordão, na casa de um compadre seu, marido de uma prima Nehanáwa por nome Maria: a Maria do Amadeu.

Regina em seguida uniu-se ao pernambucano Luis Alves, que se "engraçou" dela e propôs que morassem juntos. Regina resistiu, *mas deram muito conselho e ela se juntou com ele*. Por volta de 1920, Regina foi viver com seu terceiro companheiro. Por ser índia, justificou dona Mariana, sua mãe nunca se casou perante um Juiz de Paz ou um padre. Com Luis Alves teve um filho, Altino. Moravam no seringal Revisão quando uma carta de Pernambuco levou Luis Alves para lá, onde uma rixa de família terminou por separá-los definitivamente:

Aí quando ela estava um ano mais ele, aí ela teve um menino. Aí mandaram uma carta de Pernambuco pra ele: mataram o irmão dele. Aí ele trabalhou esse outro verão, e, quando foi no fim desse verão, aí ele baixou pra ir visitar a mãe dele. Quando chegou lá, aí ele fez um dano medonho na família do pessoal que mataram o irmão dele.[6] *Aí lá vem ele pro Amazonas de novo, pro Amazonas. Quando ele chegou no porto de Manaus, no dia que ele desembarcou do trem*[7]*, pra no outro dia pegar o navio que era pra vir*

[6] Segundo dona Mariana, Luis Alves teria matado pessoas da família rival.
[7] Provavelmente Luis Alves foi assassinado em Fortaleza, de onde teria desembarcado vindo do sertão, para pegar o navio rumo a Manaus.

s'embora, aí mataram ele. (Dona Mariana, foz do Machadinho, 14/11/95, entrevista a Cristina Scheibe Wolff)

Morando na casa de seu Lúcio, um velho cearense sob os cuidados de quem ficara quando Luis Alves partiu para Pernambuco, aos 22 anos Regina viu-se novamente viúva. Mais uma vez foi o mesmo compadre na casa de quem já morara, o Amadeu, que a acolheu, indo ela morar na foz do Jordão. Este período foi assim descrito por dona Mariana: – *Aí ela ficou só, sem companheiro; aí vivia uns dias na casa de um parente, uns dias na casa de outro.*

Estamos já nos idos de 1925, e a cabocla Regina conquistava aos poucos fama de boa curadora, parteira e conhecedora de "remédios da mata". Nesta época, um chamado de doença vindo das águas do Tejo a fez cruzar as terras divisoras.[8]

Encontro com o pai cearense de sua filha Mariana (rios Jordão e Tejo, 1925-1937)

Morava Regina, em 1925, na casa de seu compadre Amadeu quando o seringueiro Manuel Ribeiro, do seringal Restauração, no rio Tejo, viajou dez horas à pé até o rio Jordão para pedir que ela fosse atender sua esposa doente. É bastante provável que Regina tenha levado consigo nessa caminhada o seu filho Altino, então com cerca de cinco anos de idade. Lá, novo chamado levou-a em seguida à colocação São Paulo, no igarapé Flecheira, afluente do Tejo [Mapa 10]: uma mulher de nome Nazaré, casada com o seringueiro e cearense Francisco Feitosa do Nascimento, encontrava-se grávida e sofrendo de "inchaço". Regina tratou-a e, com sucesso, fez o parto de Nazaré, ajudando-a trazer à luz a filha Zezé.

Nazaré não consentiu que a cabocla fosse embora, pedindo-lhe que permanecesse morando na colocação. No ano seguinte, Regina fez ainda o parto da filha caçula do casal, Rosinha. Com a saúde cada vez mais comprometida, Nazaré fez então uma proposta a Regina:

Ela [Nazaré] *ficou boa, não sabe? Mas daí ela não deixou mais ela* [Regina] *sair de casa. Ela* [Nazaré] *era uma mulher doente, aí ela disse pra ela: – "Regina, agora você fica aqui dentro da minha casa. O Nascimento é muito mulherengo, ele gosta muito das mulheres dos outros, eu tenho medo de matarem o meu marido. Você não tem marido, você fica mais eu aqui dentro de casa. Tudo quanto você precisar, você tem. Do jeito que os meus filhos comerem e minhas filhas vestirem, você come e veste junto com minhas filhas." Aí ela* [Nazaré] *adoeceu, tomou um purgante de ofê*[9] *(...). Que o ofê não é fácil não. Aí adoeceu mesmo, estava pra morrer. Aí baixaram com ela pra* [Vila] *Thaumaturgo* [Mapa 6] *(...). Nesse tempo tinha doutor ali na Thaumaturgo, na Vila.*

Aí ela foi consultar-se com um doutor, chamado Dario; aí ele foi, consultou ela, disse que ela não tinha jeito. Ela tomou o ofê, e comeu com sal, e o ofê cortou o útero dela: estava tudo estragado, e a mulher doente, né? Ela não podia mais possuir mais homem na companhia dela. E o meu pai [Nascimento] *queria uma mulher solteira dentro de casa, pra ele não tá assim atrás das mulheres dos outros. Aí foi lá, ela* [Nazaré] *foi pra Vila, por lá ela morreu.*[10] (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 14/11/1995, entrevista a Cristina Scheibe Wolff)

---

[8] Isto é, as altas colinas onde nascem rios e igarapés afluentes do rio Tejo, por um lado, e do rio Jordão, por outro, demarcando fronteiras naturais.

[9] Ofê, ou caxinguba (*Ficus* sp.), seiva de árvore usada para coalhar o látex.

[10] Observe-se que ao relembrar esta fase da vida da mãe, dona Mariana reúne eventos distantes no tempo – as duas doenças de dona Nazaré – encadeando-os para ressaltar o que é mais relevante: a acolhida pela esposa de uma cabocla para servir ao seu marido. Cronologicamente, o convite teria ocorrido entre as duas enfermidades.

Nazaré exergou em Regina a possibilidade de manter seu marido em casa, afastando-o de rabos-de-saia, e confusão, na vizinhança. Por ser uma mulher de saúde debilitada, Nazaré cada vez menos podia satisfazer sexualmente seu esposo, e avaliou que a cabocla, de quem além de tudo gostara, poderia fazê-lo, sem expor Nascimento à fúria de maridos ciumentos ou traídos. Regina assentiu em permanecer como "rapariga"[11] de Nascimento, e também auxiliando Nazaré e as filhas nos serviços domésticos da casa, além de eventualmente acompanhar os filhos já seringueiros – Raimundinho e Manuel Lopes – na *colha* do *leite*.[12]

Contudo, quando o já viúvo Nascimento, vindo da Vila Thaumaturgo, chegou de volta a sua casa, não encontrou mais a cabocla. Regina mudara-se para a casa do seringueiro Joaquim Machado tão logo soube que Nazaré falecera. Ao sair da casa, porém, levava no ventre uma criança, filha de Nascimento.

Mas Nascimento não desistiu. Junto com Mocinha, sua filha mais velha, que também fora à Vila acompanhando a mãe, foram ter com Regina na casa de Joaquim Machado. Mocinha era mensageira de um último pedido de Nazaré a sua amiga Regina: por meio de carta, Nazaré pedia que Regina *não desamparasse as filhas dela*, agora sem mãe – que zelasse por elas. Regina não queria voltar para a companhia de Nascimento, mas ela e seu novo companheiro aceitaram a proposta do viúvo de que morassem ao menos na mesma colocação São Paulo. Lá, no dia 29 de novembro de 1929, Regina deu à luz a menina Maria, desde cedo Mariana.

---

[11] A posição de "rapariga" não deve ser confundida com a da mulher que é "junta" com um homem, Estar "junto" é o estado civil em que o casal mora junto mas não formalizou a união perante a um padre ou juiz. Este tipo de união conjugal é bastante comum nos seringais do Alto Juruá (quase 30%, em 1995), e reconhecida como legítima.

[12] A "colha" é a segunda etapa da extração do látex (o "leite") das seringueiras: após percorrer a estrada cortando as seringueiras e nelas "embutindo" "tigelas" (pequenos recipientes de flandres ou plástico), o

Regina e Joaquim Machado ainda permaneceram morando vizinhos a Nascimento por mais um ano. Nesta época, Mocinha já havia se casado e tinha sua própria família[13]; Nascimento também arrumara novo casamento, e tinha agora uma esposa para cuidar da casa e dos filhos menores. Regina avaliou então que podia sentir-se desobrigada do compromisso que assumira com a finada Nazaré perante Mocinha, sua *comadre de estimação.*[14] Em 1930, junto com Joaquim Machado e os filhos Altino e Mariana, Regina retornou ao rio Jordão, indo morar no seringal Bom Jardim. [Mapa 8 e 10]

Joaquim Machado foi assim o "pai de criação" de Mariana, como ela reconhece. Foi quem assumiu responsabilidades paternas por ela durante sua infância, inclusive registrando-a como filha. Mariana tinha sete anos de idade quando Joaquim Machado separou-se de Regina e retornou ao Tejo.

Joaquim Machado tinha motivos para voltar ao rio Tejo. A sua família morava naquele rio, sendo ele "irmão de criação" do velho Machadinho, pioneiro na abertura das colocações do paranã do Machadinho e do qual era patrão. Fora o velho Machadinho que, como irmão de criação e mais velho, o criara, o que tornava Joaquim não só irmão de criação, mas também "filho de criação" do velho Machadinho. Quando Regina foi morar junto com Joaquim Machado, ele era empregado do barracão, caçando para o patrão, que no caso era seu irmão de criação. No momento em que Regina manifestou seu desejo de voltar ao Jordão, lugar onde tinha seus parentes e compadres, Joaquim Machado tencionava apenas acompanhá-la até a divisão das terras – isto é, ao divisor de águas – de lá retornando. Teve notícias, porém, de que seu irmão de criação – e patrão – estaria atrás

---

seringueiro deve percorrê-la novamente para a "colha". O seringueiro coletará o látex, reunindo-o num único recipiente (o "balde" e/ou o "saco encauchado").

[13] Isto é, tinha sua própria casa e formava, junto com o marido (e filhos), um novo grupo doméstico.

dele por conta da espingarda em sua posse, pertencente ao barracão. Joaquim Machado ofendeu-se, e resolveu ir para o Jordão com Regina e as crianças. Anos mais tarde, em 1936, por insistência da família, voltou para o Tejo. Mas Regina não o acompanhou no retorno.

No mesmo ano de 1936, o filho mais velho de Regina e do finado Luis Alves, Altino, acidentou-se numa caçada: caiu e traumatizou as costelas, adoecendo sem assistência médica, o que o levou à morte aos 16 anos de idade. Logo depois, em 1937, Regina e a filha foram morar na colocação Centro do Meio, no seringal Bonfim – sempre no rio Jordão. [Mapa 8] Lá passaram um ano, vivendo Regina com outro cearense, José Raimundo de Souza, o Zé Raimundo. Nesta colocação, a menina Mariana, entre sete e oito anos de idade, acompanhada pela mãe, aprendeu a cortar seringa.

Regina e a filha: juntas até a morte (rio Jordão, de 1938 a 1954)

Em 1938, Zé Raimundo, Regina e a filha Mariana mudaram-se para outro seringal, um pouco mais rio acima, o Bom Jardim, do patrão Zé Mourão[15], estabelecendo-se na colocação de centro Duas Nações. [Mapa 9] Lá, com quase dez anos de idade, Mariana continuou a cortar seringa acompanhada pela mãe, e neste *verão*[16] fez um *princípio*[17] de dez quilos de borracha. No seringal Bom Jardim, Regina e Mariana vieram a permanecer, morando e trabalhando como seringueiras, por oito anos. Lá, Regina caiu

---

[14] Parteiras e parturientes tornam-se comadres, e este era o caso de Nazaré e Regina. Mocinha não era comadre de Regina, mas tratavam-se enquanto tais "porque eram muito amigas", explica dona Mariana.
[15] Este patrão também era proprietário dos seringais Revisão e Transvaal, no mesmo rio.
[16] "Verão" é uma das duas estações que marcam o calendário amazônico, a outra sendo o "inverno". O "verão" corresponde à estação seca, sem chuvas, entre os meses de abril a setembro; o "inverno" é a estação chuvosa e corresponde as meses de outubro a março.
[17] Para fazer um "princípio", primeira etapa na produção de uma péla de borracha, uma maneira é coagular o látex na bacia formando uma placa redonda não muito grossa (uma "arraia"), depois cortá-la em tiras, amarrar então as tiras formando um volume arredondado, que será o núcleo em cima do qual será

nas graças do patrão por seus serviços de parteira, sendo isentada do pagamento da *renda*[18] das estradas que a filha Mariana, então iniciando-se no corte de seringa, passou a explorar.

Porque a minha mãe era parteira e todo mundo gostava muito dela. E a patroa que tomava de conta do barracão dele, do Zé Mourão, era irmã dele, não sabe? A Heloísa. Aí ela teve uma criança – um parto muito perigoso – aí a mamãe foi quem assistiu com ela; aí salvou a vida dela, graças a Deus. Aí ele [Zé Mourão] *ficou gostando muito da minha mãe.*

Aí a mulher dele [Zé Mourão], *primeiro filho dela, ela teve um parto muito perigoso, foi preciso o médico tirar a criança. Nesse tempo não operava como hoje em dia, não, fazia um meio de tirar a criança normal mesmo, mas salvar a mulher. Aí ele soube que a mamãe tinha assistido com a irmã dele, tinha pegado esse nenêm dela e ela teve um parto muito perigoso mas, graças a Deus, foi salve. Aí ele veio com a mamãe, pra mamãe fazer remédio pra mulher dele também. Aí a mamãe fez remédio pra mulher dele; ela tava com três meses de gestante, aí ela foi lá no seringal conhecer a mamãe. (...) Aí a mamãe fez remédio pra mulher dele, deu remédio do mato pra ela. Ela levou plantado, uma caixa, estrumada, ela levou. (...) Aí ela foi, plantou; levou, chegou lá, plantou no quintal. Ela* [Regina] *disse pra ela: – "Quando você tiver com oito meses, você toma o sumo das folhas desse mato, você toma em seguido, todo dia, até entrar os nove meses. Quando você sentir que tá sofrendo pra ganhar nenêm, você não tome mais. Você tome só antes de sentir." (...)*

---

derramado o látex para defumar, numa primeira fase, o princípio, mais tarde tornado em péla, que é redonda. Ver Box 21.

[18] "Renda" era o pagamento anual obrigatório a que todo seringueiro estava sujeito pelo uso das estradas de seringa. Por cada estrada de seringa explorada, o seringueiro devia pagar 33 quilos de borracha por ano; em

Aí ela quando teve a criança – quando começou a sofrer, aí o marido dela, que era o Zé Mourão, foi pegar a parteira; quando ele chegou ela já tinha tido a criança. Aí ele ficou muito satisfeito da mulher de repente ter tido a criança, porque o outro foi tirado a ferro; aí ficou muito satisfeito. Aí quando ele subiu [o rio Jordão], *aí ele disse pro pai dele: – "Papai, enquanto a Mariana cortar seringa dentro do meu seringal, ela não vai pagar renda, porque o que a mãe dela fez comigo, com minha mulher, eu só posso recompensar se eu fizer isso com eles, com elas duas". Aí eu cortei seringa lá oito anos, no seringal deles, eu nunca paguei um quilo de renda.* (Dona Mariana, foz do Machadinho, 27/06/1998)

Por volta de 1939, mãe e filha estavam em outra colocação, desta vez na margem, o Bagaço, também no seringal Bom Jardim.[19] Por essa época, Regina separara-se de Zé Raimundo e fora morar, com Mariana, na casa do finado Ramiro, seu compadre e cunhado, já que irmão de Nascimento. Nos dois anos em que permaneceram no Bagaço, a filha Mariana cortou seringa.

Em 1941, Regina e a filha retornaram à colocação Duas Nações, cujas estradas eram "boas de leite", indo morar na casa de outro compadre, Miguel Joaquim: Regina fizera o parto de Iracema, sua esposa, também uma cabocla. Em 1944, com a morte de Miguel Joaquim, voltaram novamente a morar e trabalhar na casa do compadre Ramiro, onde permaneceram até o ano seguinte. A filha única de dona Regina contava então com catorze anos, e era uma seringueira dedicada, produzindo cerca de 300 quilos de borracha por ano!

---

média, um seringueiro cortava duas estradas, reservando, portanto, 66 quilos de sua produção anual de borracha para pagar a renda.

[19] A colocação Bagaço, de acordo com Terri Aquino, após informações recolhidas no rio Jordão em setembro de 2000, está hoje abandonada e ficava na margem esquerda (de quem desce o rio) do Jordão, na

Glosa IV.1:

Na primeira colocação de centro em que morou com seu companheiro seringueiro, a jovem Regina logrou recompor o mínimo de uma rede de referência familiar: morava ao lado de sua madrasta. Mas esta foi embora para o rio Jordão, onde afirmava que parentes de ambas residiriam. Quando viu-se viúva pela segunda vez, Regina não hesitou: foi em busca de parentes vivos, no mesmo Jordão. As narrativas sobre sua mudança e estabelecimento naquele rio ao longo dos anos, chama atenção, a meu ver, para a rede de parentesco que ela começou a recriar para si. A recriação e ritualização do parentesco - resgatando e resignificando relações do passado, ou instaurando novas relações - permitiu a dona Regina encontrar amparo, proteção e subsistência em diversos momentos ao longo de sua vida e da filha.

No Jordão, Regina reencontrou outras parentes índias, as "primas" Maria do Antonio do Carmo, a Maria do Amadeu, a Rita do Miguel do Gomes e a Rita do Toqueiro. É provável que essas antigas parentas, mais ou menos distantes - algumas eram *primas longe* - , afins ou consanguíneas, tenham sido, além de reencontradas por Regina, por elas reclassificadas como tais. Pode-se criar parentesco perante a uma fogueira, ou mesmo um tição, "passando fogo" uma com a outra - as pretendentes a parente - que tornam-se "primas de fogueira". Regina, lembrem-se, era prima de fogueira do vizinho Kaxinawá Sueiro Sales e de sua esposa, a "prima Rita".

No ano de 1946, ainda no seringal Bom Jardim, agora na colocação Dispensa [Mapa 8], dona Regina foi morar junto com outro seringueiro, Raimundo Pereira da Silva, de apelido Raimundo Môco[20], com quem viveu até o final de seus dias. A este homem dona Mariana refere-se como seu "padrasto". Ela conta que a mãe resistiu em deixar a casa do compadre Ramiro para se juntar a Raimundo Môco. Mas a filha foi enfática ao aconselhar a mãe que o fizesse: – ... *porque nós não tínhamos casa! O jeito que tinha era querer, pra um dia nós possuir ao menos uma casa.*

Neste mesmo ano de 1946, Mariana contraiu seu primeiro casamento, tendo ido então morar num centro por nome Botafogo, dentro do igarapé Centro do Meio, ainda no mesmo seringal Bom Jardim.[21] O casamento foi brindado com uma festa oferecida pelo pai da noiva, Nascimento, na colocação São Francisco, na foz do rio Dourado [Mapa 10] –

foz do igarapé do mesmo nome, no seringal Bom Jardim. Não consegui localizar o igarapé nos mapas que consultei.

[20] Ou "Mouco", ou melhor, "ruim das ouças", isto é, pessoa que não ouve bem.

águas do Tejo, portanto – a qual compareceram Regina e outros que ainda hoje vivem, como dona Maria Janoca.

– A senhora conheceu a dona Regina?

– Eu vi ela uma vez, neguinha. Nunca vi mais não. Quando eles [Mariana e o primeiro marido] *casaram no civil, aqui na Restauração, aí a festa foi lá na Boca do Dourado, ali que era a casa do finado Nascimento, que o pai dela* [Mariana] *era lá ainda no Dourado, sabe? Na Boca do Dourado. Nós morávamos no* [seringal] *Maranguape; toda festa nos Nascimento, o finado Manoel Janoca vinha, que ele era muito amigo do finado Nascimento. Toda festa o finado Nascimento mandava convidar, não sabe, nós. Aí eles foram fazer a festa lá, ela* [Mariana] *e o marido dela. (...) E ela era bonita, a comadre Mariana, bem bonita. Era assim bem feita de corpo. Nesse tempo usava uns cintos, um cinto dessa largura, um cinto preto, não sabe? Com uma fivela assim. Faz era ... mas era bonita ela!*

– Tinha cabelo longo?

– Um cabelo bonito, o cabelo dela; um cabelão, bem bonito. Aí a mãe dela estava, não sabe? A mãe dela era uma cabocla assim, baixinha, parecia desses tamborzão que vem com gasolina; dessa grossurona, cabeça enterradinha assim, com um chapéuzinho de pano assim, enfiado na cabeça assim. Cabelo solto. Mas ela conversava a gente compreendia bem a fala dela, não sabe?

– Ela tinha um cabelo grande?

– Tinha o cabelo grande. (...) O Pedrinho [neto, filho de dona Mariana] *parece muito com a finada Regina. Só o nariz, não sabe? O nariz bem espalhado. Eu vi ela nessa vez. Ela era uma parteira muito boa, não sabe? Aí desse tempo nós viemos porque a minha irmã, a*

[21] A colocação Botafogo ficava nas cabeceiras do igarapé Centro do Meio, no seringal Bonfim. [Mapa 8].

minha irmã estava grávida e pediu pra mim vim e falar com ela [com Regina] *pra assistir com ela* [com a referida irmã], *que ela tinha tido a primeira filha, ela quase que morria, não sabe?, de parto. Aí eu vim pra falar com ela* [com Regina], *não sabe? Com a mãe da comadre Mariana. Aí eu falei e ela disse assim: – "Minha filha ..." Aí ela não podia ir não, não podia assistir com ela não. Mas mandou dizer que ela não tivesse medo não que ela tinha o filho dela em paz.*

– E aí ela comentou com a senhora que a dona Mariana era o homem da casa?

– Foi. Ela disse que agora ela tinha quebrado as pernas dela. Ela disse que ela [sua filha Mariana] *caçava, matava caça como todo, muita caça. Cortava seringa, fazia muita borracha, que ela disse pra mim, a véia, mãe dela. Ela disse que era o homem dela. Ela disse que agora tinha quebrado as pernas dela.* (Nilza Maria do Nascimento, dona Maria Janoca, Restauração, 21/06/1998)

Box 18: Pedrinho: lembranças da avó Regina

Pedrinho: lembranças da avó Regina

Eu tenho uma lembrança assim da...Assim que nem um sonho. Uma vez que eu estava tomando banho no rio mais a mamãe [dona Mariana] *e ela* [a avó], *mais a Raimundinha* [irmã] *também, que era pequena na época. Aí eu me lembro que ela me trazia assim nos quartos* [acima dos quadris], *sabe? No terreiro de uma mulher por nome de Maria, que era comadre da mamãe também. A lembrança que eu tenho é essa, são essas. Não tenho uma lembrança assim como que seja assim de ... de vinte ou trinta anos de acontecimento – que eu já estou pra completar quarenta e sete anos, né? Quarenta e sete não, tenho quarenta e sete e eu vou completar quarenta e oito. E eu acho que na época eu tinha uns quatro anos de idade já; não dá mais pra contar muita coisa, né?(...) Um dia assim de tardezinha, como que fosse talvez umas cinco horas da tarde isso*...(Pedrinho, Cachoeira do Lago, 29/05/1998)

Regina ressentiu-se da saída de sua filha de casa – sentiu-se com as "pernas quebradas". Mas também reconhecia, conforme contou dona Mariana, a importância da filha ter encontrado um marido que por ela se responsabilizasse, dando-lhe uma casa e provendo o necessário para ela e os futuros e filhos. Regina pensava no futuro da filha – e talvez também no seu, acrescentaria, com um bom genro para lhe amparar na velhice.

Quando Mariana, no início de 1951, separou-se do marido, a mãe e o padrasto Raimundo Môco encontravam-se no seringal Bonfim, morando na margem, e em sua casa acolheram a filha e os netos. Foi então em fevereiro deste mesmo ano que dona Regina[22], seu Raimundo Môco, Mariana e seus três filhos – Raimundinha, Pedrinho e a recém-nascida Osmarina – mudaram-se para a Água Fria, colocação de centro, no seringal Bonfim, distante poucas horas de viagem da margem. [Mapa 8] Seu Raimundo Môco já estava idoso, mas no centro poderia cortar seringa junto com sua enteada Mariana. Foi por isso que aceitou o convite do amigo seringueiro e agricultor Raimundo Meruoca, que vivia na Água Fria já há muitos anos com sua esposa, filhos e enteados.

Passaram, portanto, a ser vizinhos de colocação os grupos domésticos chefiados por seu Raimundo Môco e por Raimundo Meruoca, este casado com Raimunda, nossa outra heroína. Junto com a mãe e o *padrinho*[23] Meruoca, morava o jovem seringueiro e caçador Milton. No decorrer da convivência cotidiana na colocação e em festas na vizinhança, Mariana e Milton começaram um namoro. Contrariada dona Regina assistiu, em janeiro de 1953, sua filha sair de casa para morar com Milton, um genro que ela não aprovava: Milton era muito jovem, analisava, mal completara 17 anos, e logo abandonaria Mariana, já uma *mulher*[24] de 23 anos, certamente com novos filhos para criar. Quem cuidaria da filha e a ajudaria a criar os filhos depois que ela, sua mãe, morresse? – perguntava-se dona Regina.

---

[22] De acordo com Martini (1998, p.95), no Alto Juruá uma mulher é considerada idosa ("velha") a partir do momento em que tem netos, independentemente da sua idade. Adotarei este critério para anexar, ao nome das mulheres desta tese, a forma de tratamento "dona". No caso dos homens, embora Martini (p.96) afirme que os critérios de velhice são "a perda da capacidade produtiva e da virilidade", adotarei o mesmo princípio aplicado as mulheres e adicionarei a forma de tratamento "seu".

[23] "Padrinho" é um termo de respeito que dona Raimunda incentivou os filhos de suas primeiras uniões a adotar com relação a Meruoca. Ver à frente e no próximo capítulo.

Em dezembro de 1954, quando veio a falecer vitimada por uma "febre" persistente, dona Regina já havia acolhido Milton como genro. Na hora de sua morte, fez recomendações expressas a sua filha Mariana, como ela mesma, emocionada pela lembrança e com a voz embargada, narrou-me quase 44 anos depois:

Adepois que eu já tava com ele [Milton], *aí ela estimava ele igual um filho. Que na hora da morte dela – podia dizer que era na hora, Mariana, que era assim nove horas do dia, do dia que ela faleceu. Ela sentiu aquela melhora, aí sentou-se na rede e disse assim: – "Minha filha, repara aqui na minha cabeça, se eu tenho... dá uns cafunés na minha cabeça aqui, minha filha." Aí eu fui catar; ela foi e disse: –"Minha filha, você sabe de uma coisa? Que a sua mãe vai morrer." Aí eu disse: –"Mãe, não diga isso não, mãe." Ela disse: – "Vai, minha filha, essa doença vai matar a sua mãe. Olha, minha filha, este é o derradeiro pedido que eu vou lhe fazer: minha filha, padrasto bom pra os meus netos você não vai achar mais nunca que nem esse homem. Aí você, quando você se lembrar de deixar ele, você diga assim: – "O derradeiro pedido que a minha mãe fez pra eu nunca largar esse homem. Aí eu me lembrava disso muitas vezes, que meu marido fazia certas coisas, quando ele era novo, eu me lembrava disso, Mariana.* (Dona Mariana, foz do Machadinho, 27/06/1998)

No ano seguinte ao da morte da mãe, Mariana retornou ao rio que a vira nascer, o Tejo.

---

[24] Ou seja, não se tratava de uma "moça", jovem e/ou virgem, mas de uma mulher que já "conhecia homem", fora casada e tinha filhos para criar. Seu Milton, por sua vez, era ainda um "rapaz", jovem e trabalhando para a casa dos pais, supostamente sem maturidade para manter uma casa (grupo doméstico).

Raimunda Gomes da Conceição

Nascimento e primeiros anos de vida (rio Jordão, 1914-1925)

A minha mãe veio do Ceará, parece que já veio casada. Aí o marido dela – ela já tinha tido uns poucos filhos, mas sei que tinham morrido, ela só tinha dois, um casal – aí o marido dela adoeceu. Aí baixou, baixou pra se tratar[25]*. Aí baixou, aí ficou meu pai que era empregado dele, sabe? (...) Daí passou-se muito tempo, já estava com mais de ano, a minha mãe só chorava, não sabia notícias dele* [do marido], *nenhuma. Até que por lá parece que fizeram uma carta falsa e mandaram dizer que ele já tinha morrido. Ela chorou muito assim, ela – os conhecidos dela me contaram que ela chorava muito...*

Aí começaram a dar conselho a ela: que ela se ajuntasse com o meu pai [que era o empregado do marido]. *Que a minha mãe era uma mulher alva, o meu pai era moreno. Ela disse que não queria de jeito nenhum: que não queria, que estava esperando o marido, não sabia se era verdade que ele tinha morrido. O pessoal dizia que era verdade porque tinha vindo a carta, né? Sei que pelejaram com muito conselho e ela se ajuntou. (...) Aí ela se ajuntou com ele* [que seria o pai de dona Raimunda].

Quando estava parece com uns quatro ou cinco meses, o marido dela chegou. Eles moravam num centro, minha mãe, aí o pessoal contaram pra ele que ela tinha se ajuntado, que o pessoal tudo não estavam mais esperando ele em vida. Todo mundo dizia que ele tinha morrido. E ela não queria se ajuntar não, mas tinham dado conselho, que ela tinha família e não podia viver sem [marido], *com os filhos tudo pequeno. Ela gostava muito, diz que gostava muito do meu pai.* (Dona Raimunda, Restauração, 03/03/1995, entrevista a Cristina Scheibe Wolff)

A mãe de Raimunda chamava-se Francisca. O seu marido legítimo, supostamente morto, não criou caso quando retornou: foi-se embora. Francisca deu então continuidade à sua união com o novo companheiro, o cearense Miguel Gomes de Oliveira, adotando o nome Francisca Gomes da Conceição. Ainda viveram alguns anos juntos, tendo a filha Raimunda Gomes da Conceição nascido no dia 22 de maio de 1914, na foz do rio Jordão, seringal Nova Empresa. [Mapa 8] Quando a menina estava com um ano de idade, a mãe faleceu de hemorragia, num parto de gêmeos. No ano seguinte, a única irmã de Raimunda, de nome também Francisca, faleceu, ficando ela na companhia do pai e de dois irmãos.

A vida para ela, uma criança de dois anos sem a mãe, tornou-se penosa. O pai era seringueiro, e saía todo dia para trabalhar, ficando Raimunda na companhia dos irmãos mais velhos, possivelmente pré-adolescentes. A menina era chorona, e os irmãos impacientes. Para acalmá-la, quando não judiavam dela, davam-lhe um prato de jacuba (farinha com água) para comer. Com pouco tempo Raimunda adoeceu, e o pai levou-a para a casa da comadre Madalena, madrinha de batismo da menina. Ela acolheu a afilhada e tomou conta dela, mas recusou-se a devolvê-la. Conta dona Raimunda: – *Aí a minha madrinha disse pra ele* [Miguel, o pai]: – *"Eu vou tratar dela mas eu vou ficar com ela. Você não tem mulher, só com esses dois meninos, esses meninos vão matar essa menina!"*

Raimunda, depois de recuperada, passou a viver com a madrinha Madalena na colocação Sacado, seringal Bonfim. [Mapa 8] O pai sempre morou na vizinhança, e a filha periodicamente ia visitá-lo para tomar-lhe a benção.

---

[25] "Baixar" significa viajar rio abaixo, no caso das cabeceiras, onde dona Raimunda morava, para as cidades mais próximas, onde haveria assistência médica.

Encontro com o pai caboclo de seu filho Milton (rios Jordão e Breu, 1925-1937)

Raimunda cresceu no Jordão, na companhia de sua madrinha Madalena. Era uma moça forte e sadia, o que lhe valeu o carinhoso apelido de "filhote de anta". Segundo conta, era cobiçada, havendo vários rapazes, seus conhecidos, que gostariam de se casar com ela. Mas sua escolha recaiu sobre um serigueiro de Tarauacá com nome de Manuel Alves Bandeira. Em 1928, aos 14 anos de idade, a jovem Raimunda dele engraçou-se; no mesmo ano, com ele noivou e casou.

Glosa IV.2:

Ainda bastante jovens, Regina e Raimunda experenciaram a união conjugal, a gravidez, o falecimento de filhos e a viuvez. Fortes vivências, precoces do ponto de vista de quem vem da cidade e de uma família de classe média - onde a puberdade é um período da vida em que os jovens moram com os pais, estudam e não trabalham. Idealmente, o casamento só vem depois de terminados os estudos na faculdade, e filhos podem ser planejados. No seringal, se o casamento envolve algum grau de escolha, o mesmo nunca ocorreu com o número e periodicidade dos filhos. Partos, inclusive, podem envolver riscos de vida.[26]

A união conjugal e iniciação sexual de ambas ocorreu quando tinham por volta de catorze anos, já *moças*, fase que chamaríamos de adolescência mas que no seringal corresponde à primeira menstruação e a consequente capacidade de ter filhos. Moças são, portanto, aquelas aptas a constituir casa e ter família; *mulheres* passam a ser quando se casam (formalmente ou não) e a família começa a crescer com os filhos.

Ser uma mulher, e não mais uma moça, pode estar associado também à perda de virgindade sem o casamento - trata-se de uma *mulher solteira*. Mulheres solteiras, que engravidem ou não, podem continuar a morar com seus pais e posteriormente vir a casar. Mas há mulheres solteiras que ficam mal faladas: são aquelas que nunca têm um companheiro mas todo ano têm um filho - diz-se uma "mulher rapariga". Regina, como a própria filha conta, ficou como "rapariga" do velho Nascimento, recobrindo esta classificação uma união sexual não transformada em conjugal.

Rapazes é uma categoria de idade que corresponderia, no sexo oposto, a de "moças": já não se é mais um *menino*, o corpo começa a mudar, a voz a engrossar e trabalhos mais pesados e de responsabilidade começam a ser assumidos, como o corte da seringa e a caça. Rapazes, tal como as moças, já estão aptos a constituir uma casa e ter uma família; ao casar, tornam-se "homens". Rapazes mais velhos, solteiros, com uma vida sexual regular, começam a ser chamados de homens, mesmo não estando casados.

Mas algo que chama atenção: tanto moças quanto rapazes podem permanecer

[26] Para mudanças na assistência à saúde da mulher, ver Box 19.

ainda vários anos morando com os pais, casando-se por volta dos vinte anos de idade. Uma justificativa importante para essas situações, observou Mauro Almeida[27], poderia ser o interresse dos pais e das mães em contar com a ajuda, respectivamente, dos filhos e das filhas durante ainda um certo período. Com efeito, nas casas observa-se um verdadeiro rodízio, onde os filhos(as) que casam vão sendo substituídos em suas atribuições pelos imediatamente mais novos. Podem haver períodos onde um certo vácuo tem lugar, mas é temporário. Num outro extremo, há aqueles casos em que filhos e filhas saem de casa praticamente ao mesmo tempo, ocasionando uma imediata sobrecarga para os irmãos e irmãs mais novos e/ou para os pais.

Mas Raimunda não foi feliz na sua primeira união: Manuel não era um bom marido, além de ser ciumento!

– Quando ele era noivo, ele dizia que quando ele casassse comigo eu não ia vestir essas roupas assim, essas chitas, essas coisas assim, esses riscados – "isso era roupa era pra índio!" [, ele dizia.] *Quando eu casei com ele, não andei nua porque quando saí da casa de minha madrinha levei muita roupa. Não eram roupas boas, mas eu tinha a minha roupinha melhor d'eu sair e as roupas que eu vestia em casa. Levei muita roupa, levei calçado, levei tudo. Passei três anos mais ele, três anos e seis meses: o vestido que ele me deu foi de um riscado que chamavam alfacinha, de primeiro. (...) Todas as coisas que eu levei, negócio de pente, essas coisas assim, ele agarrava tudo, quebrava tudo e jogava no mato. Quando eu saí da companhia dele, eu não levei um caco de pente. (...) Dizia que eu estava – quando ele chegava que eu tinha mudado a roupa ou penteado o cabelo – esperando os machos.*

– E a senhora diz que ele era ruim com a senhora porque ele não dava as coisas, ou ele batia na senhora?

– Ele não me batia não, mas teve vontade. Ele era ruim por causa do ciúme. Ciúme medonho, né? E ele era desses homens raparigueiros, parece que ele fazia o cálculo que

[27] Comunicação pessoal.

eu ia fazer do mesmo jeito que as outras faziam. (Dona Raimunda, Restauração, 03/03/1995, entrevista a Cristina Scheibe Wolff)

A jovem e insatisfeita esposa ainda ficou casada com Manuel Bandeira por cerca de três anos, período em que moraram no seringal Transval[28], no Jordão, e teve duas filhas: Álbia e outra que faleceu aos 12 dias de vida. Era uma vida frustrante para a moça que acreditara nas promessas do noivado. Manuel, quando enciumado, chegava ao ponto de ameaçá-la de morte, só intimidando-se na presença do irmão mais velho de Raimunda, que morava no mesmo seringal, um seringueiro chamado Diocleciano. No último ano do casamento, por volta de 1931, moravam no rio Breu.[29] Cansada então da vida que levava com Manuel, Raimunda tomou a decisão de voltar para junto de seus parentes no Jordão. Talvez por vingança ou retaliação, Manuel tomou-lhe a única filha viva do casal, Álbia, não permitindo que a esposa a levasse consigo.

Mas Raimunda tinha ainda um outro problema a resolver: como retornar para o Jordão, a pé e sozinha, uma viagem de quase doze horas? Um velho conhecido veio em seu socorro: mais acima no rio Breu, no igarapé Busnã, morava "um preto" que a vira crescer e este homem, vendo-a naquela situação, sugeriu que ela pedisse ao caboclo que trabalhava com ele para acompanhá-la de volta à casa de seu pai e irmãos, no seringal Nova Empresa. [Mapa 8] Raimunda sentiu-se envergonhada de fazer o pedido; seu amigo

---

[28] A grafia deste nome não parece ser consensual. A pronúncia de dona Raimunda (e também dona Mariana e seu Milton) implica na grafia "Transval" ou "Transvaal". Contudo, os antropólogos Terri Aquino e Marcelo Iglesias pronunciam e grafam como "Transual", provavelmente a forma como os Kaxináwa do Jordão falam. Adotarei a pronúncia seringueira "Trasval".

[29] O rio Breu localiza-se na fronteira do Brasil com o Peru, é um afluente do Juruá, bem distante do Tejo. Chega-se as cabeceiras do Breu, contudo, cruzando por terra ("varando") diretamente a partir das cabeceiras do Jordão ou contornando ao redor das cabeceiras do Machadinho. [Mapa 6] Dona Raimunda menciona "Busnã" como a localidade onde moraram, e Marcelo Iglesias esclareceu-me que o Busnã era o lugar onde ficava o "depósito" (filial de um barracão, entreposto comercial dos patrões) que Felizardo Cerqueira gerenciou provavelmente na década de 1940. Hoje, o Busnã, nome também de um afluente do Breu [Mapa 9], é uma aldeia indígena Kaxinawá, vizinha a outra aldeia, a Japinim, ficando ambas dentro da Terra Indígena Kaxinawá do Rio Breu.

intercedeu por ela. Pedro Tibúrcio, apelido de Pedro Lourenço da Silva, caboclo de origem Kontanáwa[30], assentiu então em ir até o Jordão. Pouco tempo depois, Pedro veio a se tornar o segundo companheiro de Raimunda.

Eu me ajuntei com o Pedro por causa de opinião. Porque eu vim do Breu mais ele, que ele foi quem veio me deixar no Jordão; eu pedi a ele pra ele me deixar lá na casa do meu pai. Justamente ele foi mesmo [me] *deixar lá. Aí ele passou uma semana por lá, essas viagens assim de longe, né, não queria ir s'embora não; passou mais uns dias descansando mais, e tal. Aí começaram: chegava um e perguntava se eu queria ir morar com ele* [com esse "um"], *eu dizia que não queria; chegava outro de acolá do mesmo jeito: eu dizia que não queria. E até que – pra encurtar a história – até que chegaram a dizer que diz que eu não queria me ajuntar com ninguém porque eu já ia me ajuntar com o Pedro, ou então já tinha vindo junta com ele de lá do Breu, não sabe? É porque eu já tinha vindo, tinha ido* [para o Jordão] *mais ele, e disseram que eu já tinha ido era junta já com ele, por isso que eu não queria me ajuntar com ninguém.*

Até que foi um dia, um [dos pretendentes] *foi e perguntou se eu queria morar com ele, eu digo: – "Eu não quero não." – "Por que você não quer?" Eu digo: – "Porque não quero!" – "Ah, você não quer porque você vai morar mais o Pedro." Eu digo: – "Quem foi que disse que eu ia morar mais o Pedro? Quem foi esse?" – "Ah, por aí tá tudo cheio que você vai." Eu digo: - "É muito da mentira, que eu nunca disse pra ninguém que ia morar mais ele." (...) Aí digo: - "Pois é, eu não ia morar com ele não, mas agora eu vou. Não já tá cheio que eu vou morar com ele, ou então que eu tô junta com ele?! Eu já soube até que disseram que eu estava gestante dele! Pois agora eu vou*

[30] Ver capítulo anterior. Pedro Tibúrcio foi capturado em correria no rio Envira, tendo, conta a história, sido o único sobrevivente do massacre do povo de sua maloca. Foi criado por seu captor, Antonio Tibúrcio.

que é pra acabar de confirmar, pra não ficarem por mentiroso!" No tempo que eu era nova eu tinha uma opinião ruim.

Aí eu, no dia que ele [Pedro] *se arrumou pra vir se embora* [da casa do pai de Raimunda], *me arrumei também. Meu pai perguntou: – "Pra onde tu vai?" – "Vou m'embora mais o Pedro." Disse assim, cara a cara. Fiz só trazer o saco e botei na tábua do assoalho. Ele* [Pedro] *ainda perguntou a onde eu ia. – "Eu vou mais você! Não estão dizendo que disse que eu tô junta com você e tô gestante de você? Eu vou m'embora mais você." Teve irmão que ganhou até a mata pra não ver a minha saída.* (Dona Raimunda, Cruzeiro do Sul, 25/07/1998)

Enfrentando o pai e irmãos, e a incômoda situação de ser continuamente assediada pelos rapazes e homens da vizinhança, Raimunda respondeu com audácia: ia viver com Pedro, encerrando de uma vez por todas os fuxicos a seu respeito. Uma mulher que tinha opinião, isto é, que não levava desaforo para casa; e que soube ela mesma defender sua moral como mulher: tornou o falatório um fato! Pedro, segundo ela mesma, concordou com a decisão, e juntos, em algum momento de 1931, foram morar no seringal Bonfim, na colocação Jurema, um pouco mais rio acima [Mapa 8], no Jordão.

Lá, Raimunda e Pedro viveram por cinco anos e meio na colocação Jurema, período em que tiveram três filhos, dos quais um menino e uma menina faleceram por volta do primeiro ano de vida. [Mapa de Parentesco 4] Em 1936, no dia 22 de março, às duas horas da madrugada, nasceu Milton Gomes da Silva. Um ano depois, no dia 18 de abril, um trágico acontecimento: em virtude de uma pneumonia sem socorro médico, morria Pedro Tibúrcio, aos 33 anos de idade. Dona Raimunda ficou viúva, com um filho pequeno, Milton, e outro na barriga. Ela decidiu então retornar à casa de sua madrinha Madalena, aonde nasceu o seu filho Sebastião.

Glosa IV.3:

Talvez também esteja chamando atenção do leitor a ocorrência de mortes por falta de assistência médica - como a de Pedro Tibúrcio e Altino, quiçá, veremos, da própria dona Regina e, quase trinta anos depois, de Raimundo Meruoca. Esta situação não é característica das populações da floresta, mas ganha contornos especialmente graves, em especial no início do século, quando o socorro médico, esgotados os recursos da medicina tradicional ou nativa, ou não há, ou é dado por patrões e marreteiros que vendem medicamentos. Baixar o rio em busca de assistência médica ainda hoje é uma prática, mas acredito que na primeira metade do século os recursos existentes em Tarauacá, por exemplo, deviam ser limitados. Hoje, o atendimento à saúde da população do rio Tejo e todo o Alto Juruá melhorou sensivelmente, o que é uma boa notícia.

Box 19: A saúde no Alto Juruá

A saúde no Alto Juruá

A saúde na área da Reserva Extrativista do Alto Juruá é assunto importante, e a Associação dos moradores é pioneira e já acumula dez anos de experiência. Em 1991, através de um convênio firmado entre a Associação e a Health Unlimited, teve início do Projeto Vida & Saúde, voltado para o atendimento e educação preventiva da população, além de campanhas de vacinação[31] e a formação de agentes comunitários de saúde. Para os cursos e treinamentos, foram também convidados a ensinar rezadores e curadores, tradicionais zeladores da saúde na floresta. Desde seus primórdios, o Projeto de Saúde, como ficou conhecido localmente, foi coordenado pelo seringueiro aposentado e agente de saúde Antonio Francisco de Paula, o seu Antonio de Paula.

Em 1996, nova e mais uma vez pioneira etapa foi iniciada. Tratou-se do projeto de saúde reprodutiva "Maria Esperança", fruto de parceria firmada pela Associação e a ONG brasileira Associação Saúde Sem Limites, com financiamento da Fundação MacArthur. Os objetivos desse projeto são melhorar o atendimento à saúde da mulher (exames ginecológicos, por ex.), incentivar o pré-natal, capacitar parteiras tradicionais e agentes de saúde, e informar à população sobre temas de que visem a auto-determinação reprodutiva, demanda esta que tem crescido sensivelmente. Como atividade complementar, financiada pelo Ministério da Saúde, foram realizadas oficinas de prevenção a DST/AIDS. No âmbito deste projeto foi ainda produzida a cartilha "Parteiras Tradicionais da Floresta" e implantado um sistema de monitoramento de casos de desnutrição infantil.[32]

Esgotados os atendimentos fornecidos por curadores, rezadores, parteiras e agentes de saúde, os moradores podem encontrar algum socorro médico na rede oficial das sedes municipais, ou mesmo no navio-hospital do governo estadual, bem equipado e com equipe médica a bordo.[33] Continua, contudo, sendo chocante assistir a exploração da saúde (ou falta de) por políticos em campanha pelos rios, trocando votos por vidros de remédio, e a rede incrivelmente grande de farmácias em Cruzeiro do Sul.

[31] Dados do cadastramento da população da Reserva Extrativista do Alto Juruá, em 1991, e de survey realizado em 1995, ambos sob a coordenação do antropólogo Mauro Almeida, informam que se até 1991 inexistiam campanhas periódicas de vacinação, em 1995, 81% dos entrevistados havia tido acesso a campanha do ano anterior, sendo que o Projeto Vida & Saúde cobriu 42% deste total.

[32] Consultar, entre outros, Barbin Jr., 1996; Franco, 1995a, 1997a e 1999; e Martini, 1998a. Há ainda diversos relatórios de atividade do "Maria Esperança" elaborados por Concita Maia e Rosana Borges.

[33] Para a descrição e análise do sistema de atendimento à saúde, tradicional e oficial, na Reserva Extrativista do Alto Juruá, consultar Barbin Jr., 1999.

Raimunda encontra Meruoca, pai e padrinho de seus filhos (rio Jordão, 1938-1955)

Em 1938, Raimunda está morando com seus dois filhos – Milton e Sebastião – na casa de sua madrinha Madalena, na colocação Sacado, seringal Bonfim. Nesta época, distante uma hora de viagem, na colocação Centro do Meio, moravam a cabocla Regina e sua filha Mariana. [Mapa 8] No mesmo ano de 1938, um seringueiro cearense, negro, de nome Miguel Pinto, convidou-a para viverem juntos. Mesmo não tendo "amizade a ele", Raimunda ouviu os conselhos de sua madrinha, e acabou cedendo, indo viver com ele na colocação Água Fria, no mesmo seringal Bonfim. Da união e convivência por três anos, nasceu um filho, Manuel.

Aí tinha um preto, era empregado do meu compadre Salomão [o patrão]. *Aí ele* [o preto] *falou se eu queria morar com ele. Eu disse que não sabia não: – "Eu vou falar com a minha madrinha, ver o que ela vai dizer." Eu não tinha amizade a ele; pessoa assim, né? Era conhecido e tudo, mas eu não tinha amizade a ele. Aí depois que tive o Sebastião, aí eu já tinha acabado o resguardo, aí ele veio me perguntar se eu já tinha resolvido. Ainda tava no mesmo credo.*

Aí eu fui falar com a minha madrinha e a minha madrinha falou que ele era um preto tão bom, que ela gostava tanto dele, que era um preto de confiança; era bom eu me ajuntar com ele, ele era um homem idoso, ele era um preto mas todo mundo gostava dele, era um preto de confiança, tal, que era bom homem. Aí ele apareceu mais uma vez, perguntou. Aí eu disse que queria, mas disse que queria meio assim. [risos] *Imaginei: eu já tinha dado muito desgosto a ela, era minha madrinha, mãe que tinha me criado: – "Eu vou fazer ao menos o gosto dela."*

Aí me ajuntei com ele, passei três anos. (...) Aí nós se deixemos. Ele era muito bom pra mim; era bom pra mim, mas enjoado com meus filhos. Aquilo me doía: ver meus filhos, não tinham pai, e ver aquele choro, aquela empertenência[34]*, né? A gente às vezes se aborrece, né? Imagina que não tem pai, os filhos não têm pai, e vê os outros... Eu já não tinha amizade a ele. (...) Até que foi um dia eu disse a ele que queria ir m'embora, não queria mais ele. Aí ele disse: – "Não, ao invés de você ir s'embora, você fica aí que eu vou." E se foi-se.* (Dona Raimunda, Restauração, 03/03/1995, entrevista a Cristina S. Wolff)

Após separada, em 1941, os caminhos de Raimunda e do então viúvo Raimundo Meruoca se entrelaçaram, e eles passaram a viver juntos na mesma colocação Água Fria. [Mapa 8] Começou então um período do qual dona Raimunda relembra hoje com saudades e lágrimas nos olhos. Meruoca era um marido trabalhador, calmo e bondoso com seus filhos e enteados; tinha um apurado senso de responsabilidade pelo bem-estar da família. Juntos, Raimunda e Meruoca tiveram seis filhos e filhas: Francisco, Maria, Raimunda, Marli, Teresa e Antonio Meruoca. Por ser o homem que estava criando os filhos das outras uniões de dona Raimunda – seus enteados, portanto – , ela orientou a eles que tomassem a benção do padrasto chamando-o de "padrinho". Por volta de 1943, a filha Álbia – lembremo-nos, tomada pelo pai Manuel Bandeira nos idos de 1932 – voltou a morar com a mãe e o padrinho; em torno de 1946, Manuel, o único filho da união de dona Raimunda com Miguel Pinto, faleceu.

Cerca de dez anos depois de estarem morando juntos – em 27 de junho de 1951 – Raimunda e Raimundo Meruoca casaram-se no religioso, e continuaram morando na colocação Água Fria. Raimunda cortava seringa e trabalhava para contribuir no equilíbrio

[34] Impertinência, arrogância.

das contas domésticas, comprando artigos como roupas, tecidos e redes para ela e os filhos. Foi ela que, nesta época, iniciou o filho Milton no ofício de seringueiro.

Glosa IV.4:

Registro aqui a reação de Mauro Almeida a este trecho, rememorando sua própria experiência e observações de campo nas colocações do Riozinho, seringal Restauração, na década de 1980:

"Esse é um ponto interessante. Também observei essas situações: a filha de Expedite, no Cocal (igarapé São Luís), mocinha de uns doze anos, cortando seringa para comprar seus "luxos" (óleo de cabelo, sapatos) quando o pai morava com a madrasta; a mulher do Chico Roberto (e aliás outras irmãs) que era seringueira, sendo que a mulher do Nabé mais parecia a mulher da casa, e corrigiu o marido quando ele me disse que "tinha duas espingardas". Segundo ela, ele não tinha nenhuma, porque as duas eram dela. Uma filha do [anônimo] (criada pela avó), segundo quem a "puta" da segunda mulher do pai mentia quando dizia que era a dona de uma vaca que na verdade pertencia a ela (filha) por herança da mãe, que era a verdadeira dona da vaca que tinha parido a vaca em questão...".

Tudo isso, diz Mauro Almeida, indicando direitos paralelos de propriedade (caso das espingardas), linhas de herança paralelas (tanto pelo pai quanto pela mãe, caso da vaca), complicando-se com a questão dos enteados(as) e madrastas/padrastos (caso da filha de Expedite e caso da vaca). Nas trajetórias nesta tese narrada, conflitos latentes entre esses parentes por afinidade não saltam à vista, muito pelo contrário (sendo talvez exceção os filhos de Raimunda que eram maltratados por Miguel Pinto). Contudo, verifica-se a esforço de mulheres - Raimunda e Regina, ajudada pela filha Mariana - para contribuir na geração de renda da casa mantida por afins e por compadres. Este ponto reaparecerá no próximo capítulo.

Raimunda não chegava a cortar toda uma estrada, mas tinha as suas *voltas*[35] de estrada. Sua borracha era independente da produzida pelo marido, cujo destino principal era pagar a renda pelas estradas de seringa e comprar as *mercadorias de estiva* no *barracão*[36]. Na verdade, o forte de Meruoca não era a seringa, e sim a agricultura;

[35] "Voltas de estrada" são pequenos trechos de uma estrada de seringa, que podem ser cortados por mulheres ou por filhos iniciando-se no corte da seringa. É o caso também de uma "perna da estrada", que corresponderia à metade de um trecho da estrada, composta idealmente por duas pernas principais que partem do "fecho" (onde se inicia e se fecha o corte) formando cada uma meio círculo.

[36] De acordo com a classificação estabelecida por Almeida (1993, p.120-121), mercadorias de "estiva" são aqueles artigos considerados básicos para o consumo doméstico (sal, sabão, açucar, óleo de cozinha, leite em pó para crianças, querosene), para a caça (munição) e fábrico de farinha (gasolina para o motor que ceva a mandioca). "Luxos" e "vícios" são aquelas mercadorias de uso ocasional. A diferença entre "estiva" e "luxo", aponta o autor, não é consensual entre as casas. Nos tempos narrados nesta tese, as mercadorias eram adquiridas, via de regra, no "barracão", entreposto comercial dos patrões, e em suas lojas filiais, os

borracha, *ele fazia, mas era pouco.* Contudo, o suficiente para a manutenção da conta junto ao barracão e para o pagamento da renda. A borracha que Raimunda produzia, por outro lado, era vendida para o patrão e marreteiros à medida mesmo em que as pequenas *pélas* iam sendo fabricadas[37]. E dona Raimunda gostava do ofício de seringueira, como ela mesma conta:

Pra mim, era o melhor serviço. Eu ficava com raiva no dia que eu não podia ir cortar, que você sabe que mulher, né?, todo tempo não pode...Eu ficava com raiva, eh! Eu achava bom ir cortar; cortar eu achava bom, cansei de cortar.(...) Quando fechava o corte, a chuva caía. Era só passar a mão no balde e entrava. Meu marido falava: – "Mulher, deixa essa chuva passar, ou então deixa pra desembutir isso amanhã." Eu digo: – "Deixo de jeito nenhum!" (...) Passava a mão no balde, desembutia todinha, debaixo de chuva; com a água por aqui no joelho, a água às vezes por aqui; igarapé, naqueles baixos, a água tudo...Porque no inverno, né? Mas eu achava bom. Muita gente me dava conselho: – "Raimunda, você deixe esse serviço, agora você não sente nada, que você é uma mulher sadia e mulher nova não sente nada. Mas adepois você vai sentir, você taí plantando pra depois colher." Mas, sabe?, toda vida era assim. (Dona Raimunda, Restauração, 03/03/1995, entrevista a Cristina S. Wolff)

Glosa IV.5:

Dona Raimunda observa que preferia passar o dia "na mata" do que em casa (ver box), o que contradiria o senso comum sobre o lugar do feminino por excelência na economia doméstica: em casa e imediações. Esta característica - do gosto pelos serviços externos e que geram renda monetária - não é privilégio de dona Raimunda. Há uma série de outras

"depósitos", embora compras também fossem feitas a pequenos comerciantes locais ("marreteiros") e ambulantes ("regatões").

[37] As "pélas" (bolas de borracha defumadas que pesavam em torno de 60 quilos) eram vendidas no barracão para liquidar as contas, sendo recolhidas ao final da safra; as pequenas pélas (e talvez meros princípios) deviam pesar entre 20 e 30 quilos e eram vendidas para compras isoladas como a marreteiros ou em visitas ao barracão. Esta prática seria aceita no caso de uma esposa ou filha de seringueiro, que estaria vendendo uma borracha que "era dela", e não amarrada ao pagamento de débitos– a "dívida" – no barracão.

mulheres que se dedicam, ou se dedicaram, aos serviços fora de casa para sustentar seus filhos, estando elas com ou sem marido. Nos tempos aqui narrados, a seringa era o único meio de obter renda monetária, mas hoje as opções se diversificaram (venda de produtos agrícolas ou salários de agentes de saúde e professoras, por exemplo).

Dona Mariana sempre declara que não gosta de ficar em casa, o que é também reconhecido por seu marido, filhos e filhas. Entrevistá-la é sempre uma dificuldade, pois a sensação de lhe estar empatando o serviço é desconfortável, e mesmo constrangedora. Mesmo com a saúde debilitada, dona Mariana não entrega os pontos: continua indo ao rio, acompanhada de netos, lavar roupa; ao roçado plantar batata-doce; à mata buscar paus para cercas ou cipós; ou ainda na fronteira do terreiro, para plantar e zelar sua horta.

Mas a preferência pelos "serviços na mata" não exime a mulher das responsabilidades domésticas. E, claro, há aquelas que preferem os serviços de casa - e primam por eles.

Quando não ia cortar, ou tinha outros trabalhos em casa para fazer (como lavar roupa, varrer o terreiro, cuidar de criações, tratar e salgar carne de caça, além de olhar os filhos), de bom grado Raimunda ajudava seu marido nos roçados. E caçava também a nossa heroína, como da vez em que foi para cortar seringa acompanhada do filho Sebastião e acabou matando uma onça!

Estamos agora em 1951, ano em que Raimundo Meruoca convidou um cearense conhecido e sua família para virem morar na Água Fria. Já no mês de fevereiro os novos moradores e vizinhos chegaram: o velho seringueiro Raimundo Môco, sua esposa, dona Regina, com a filha Mariana, recém-separada, e três filhos do primeiro casamento. Mariana e Milton, filho mais velho de Raimunda, com pouco tempo começaram um namoro. Em janeiro de 1953, Milton comunicou à mãe que tinha intenção de morar com sua namorada, e dela recebeu conselhos maternos:

– *Mas, dona Raimunda, quando seu Milton começou com esta arrumação de namorar a dona Mariana, o que que a sra. achava?* (dona Raimunda começa a rir) *Dava conselho para o seu Milton ou não falava nada?*

– Eu ainda dei uns conselhos a ele, mas depois ele queria [morar com Mariana], *então: – "Quem vai viver com ela é você, não é eu não, meu filho!" É porque eu dava conselho não era porque eu achasse que ela fosse má pessoa não, porque toda vida eu gostei dela, não sabe? Mas é porque ela já era mãe de três filhos e ele era novinho.*

– Aí a sra. achava o que, que ele não ia dar conta do recado?

– Era! Ele era muito novo, eu pensava cá comigo: – "Novo do jeito que ele é, tomar conta logo de uma carga, vai acabar abandonando." É, que a gente imagina logo é assim. Mas ele disse que queria, que queria, então: – "Pode ir morar com ela que eu não me incomodo não". (Dona Raimunda, Cruzeiro do Sul, 25/07/1998)

O filho Milton trouxe então a companheira para morar com ele, vizinhos à casa de sua mãe e padrinho. Em dezembro de 1954, quando dona Regina, a mãe de Mariana, morreu, o jovem casal decidiu se mudar para as águas do Tejo, onde um parente os receberia. Dona Raimunda e seu marido resolveram sair também da colocação Água Fria. A convite do patrão do seringal Bom Jardim, Ribamar Mourão[38], já conhecido de seu Raimundo Meruoca, ele, a esposa e os filhos menores foram morar na colocação Estirão da Canafista.[39] Lá, seu Raimundo Meruoca passou a trabalhar por diárias para o patrão.

[38] O antropólogo Terri Aquino informou-me que Ribamar Moura (também conhecido como "Ribamar Cão") foi o primeiro arrendatário de todos os seringais do rio Jordão de fins de 1959 até quase toda a década de 1960. O seringal Bom Jardim, em 1955, estaria ainda sob o comando de Zé Mourão, o que cria alguma discrepância com a informação de que Meruoca e família teriam ido para aquele seringal a convite de Ribamar Moura.

[39] Ver no Mapa 8 o igarapé Canafista; não consegui localizar a colocação Estirão do Canafista.

Box 20: Lembranças de mulheres na seringa

Lembranças de mulheres na seringa

– *Eu cortei seringa foi muitos anos, taí essa comadre Mariana que diga!*
– *No tempo de solteira ou de casada?*
– *Casada, mãe de um horror de filho!*
– *E por que que a sra. Foi cortar seringa?*
– *Necessidade obrigava.* [intervém dona Mariana]
– *É, necessidade obrigava.*
– *A sra. Gostava do serviço da seringa?*
– *Ah, eu achava era bom.*
– *Por que? O que que a sra. Achava bom na seringa?*
– *Eu achava muito mais melhor passar o dia na mata do que em casa! [risos]*
– *E a sra. produzia muita borracha?*
– *Eu fazia, não sei nem em quantidade que eu fazia por ano – era fazendo e vendendo. (...)*
– *Mas aí quem ficava fazendo o serviço da casa quando a sra. ia cortar?*
– *Quando eu chegava! Quando eu saía, me levantava cedo, quando eu saía deixava tudo pronto.(...) Esses meninos maiores é que tomavam de conta dos menores; a finada Álbia, que era a maior, tomava de conta dos menores. (...) Eu achava bom, eu achava bom cortar como colher. Eu nunca deixei uma estrada embutida por causa de chuva, nunca eu deixei – tenha lembrança que tenha deixado.*
– *Se cortar é bom, colher ainda é melhor.* [intervém dona Mariana]
– *É. A gente se anima quando vê o balde...*[comenta uma terceira mulher]
– *Ah, é o leite...*
– *Minha Nossa Senhora! Quando a gente chega naquelas madeiras que pega aqueles funilão* [tigela] *cheinho, chega a gente vai com cuidado pra não derramar, o balde chega tomar um soco, não é?* [rememora dona Mariana]
– *É!* [concordam todas juntas, rindo]
– *Quando a gente vai colher, vai animado.*
– *Cortar, nunca cortei não, mas colher, colhi muito.* [diz a terceira mulher].
– *Comecei a cortar eu tinha nove anos de idade. Quando eu deixei de cortar seringa mesmo eu tinha 23 anos. Com 23 anos eu me ajuntei com este marido que é hoje meu marido* [seu Milton], *eu ainda andei muitas vezes na estrada mais ele. Taí esta velha que diga; o velho, marido dela* [Meruoca], *dizia assim : – "Esta mulher já tem filho e não quer deixar deste negócio da mata! Tá vendo que não pode mais cortar seringa, que tem um bocado de filho". Mas eu gostava mesmo. (...)* [recorda dona Mariana]
– *Mas a borracha da sra. era pra pagar renda ou era só para comprar as coisas?*
– *Era pra comprar as coisas.*
– *O que que a sra. comprava com esta borracha?*
– *Ah, era o quê!* (rindo) *Tudo!*
– *Comprava era tudo de casa. Era que nem eu, comprava tudo quanto precisava.* [compara dona Mariana]
– *Era.*
– *Mas para a sra. ou as coisas de estiva?*
– *Pra mim mesmo, pra mim e pr'os meus filhos. (...) Roupa, rede, tudo comprava.*
– *Meu padrinho comprava as coisas da casa.* [esclarece seu Milton]
– *Agora de comprar a estiva, ele comprava.*
– *Mas a sra. tinha algum outro filho que cortava ou a sra. cortava também?*
– *Neste tempo era só eu.* (Cruzeiro do Sul, 28 de julho de 2000)

Considerações finais

Passarei agora a algumas considerações finais sobre os temas que mais se destacaram, a meu ver, no capítulo. Diferentemente dos dois capítulos anteriores, optei por classificar os temas tratados. É uma classificação até certo ponto arbitrária, mesmo porque alguns dos temas entrelaçam-se, e os dados, em mais de um caso, prestam-se a discutir mais de uma questão. Nos capítulos futuros, um mesmo tema poderá se repetir, ou aparecer sob vestimenta ligeiramente diferente.

Gênero e etnia

A vida para índias pegas em correrias devia ser árdua no contexto de seringal. Há uma desigualdade de gênero e há uma desigualdade étnica entre as índias capturadas e os brancos captores, que se acentua pelo isolamento social gerado pela captura, separando as índias pegas de seus parentes e de sua proteção. Com certeza havia algum estigma, como parece indicar o fato de dona Regina jamais ter oficializado alguma das muitas uniões conjugais que teve, o que é justificado por sua filha pelo fato de ser índia ou *cabocla*.

Índias capturadas têm destino decidido à sua revelia, são entregues a seringueiros como esposas. Não há escolha, o que teve, no caso da irmã da menina Regina, trágicas consequências: foi levada para longe de sua terra e parentes vivos, e lá foi assassinada. Dona Regina (e talvez também sua madrasta), por outro lado, teve a chance de aos poucos retomar as rédeas de sua vida como índia e mulher, fazendo escolhas, não totalmente livres, mas com certo grau de liberdade. Suas uniões e separações conjugais indicam isso, e não uma submissão passiva ao companheiro.

Espero ter tornado claro que, ao longo do tempo, dona Regina construiu para si (e sua filha enquanto estiveram juntas) um projeto de vida; o projeto possível dado pelas

circunstâncias históricas, pela sua condição de índia e mulher, pela rede de relações em que estava inserida – e pelas suas esperanças e vontades.

Mas podemos pensar também que aos *caboclos* homens, na sociedade de seringal, também se colocaram desafios similares, a começar pelo representado pelo marcador étnico atribuído a eles e expresso no rótulo "caboclo". Pedro Tibúrcio era um *seringueiro caboclo*, isto é, um índio amansado e criado por cariús, separado, portanto, do seu grupo de origem. Para pessoas como ele, a possibilidade de escolhas na vida já foi determinada por esta falta de escolha inicial. O fato de ser um caboclo não fazia com que se identificasse com os *caboclos seringueiros*, ou seja, aqueles que, embora também desterritorializados, viviam em malocas e construíram outras estratégias de vida. Os Kaxináwa do Jordão, nesta tese o exemplo mais relevante de caboclos seringueiros, permaneceram vivendo, deste seu amansamento, em grupos caboclos, e, com a demarcação de sua Terra Indígena se reterritorializaram.[40]

Pessoas como Pedro Tibúrcio foram alvo de discriminação, e tiveram que construir para si caminhos próprios dentro do possível. Os parentes mais próximos de dona Raimunda opunham-se a sua união com Pedro, saindo um irmão de casa para não presenciar sua partida com o novo companheiro. Segundo dona Raimunda, um dos motivos seria o fato de Pedro ser um caboclo. Preconceito, deixa entender a fala de dona Raimunda. Mas ela diz que nunca importou-se com isso. Mesmo porque, ressaltou, Pedro era um caboclo *criado desde pequenininho com os cariús*. Dizia-se até que ele não seria "índio puro", pois tinha muito cabelo e pêlos pelo corpo.

[40] Sobre os Kaxináwa do Jordão, *seringueiros caboclos*, consultar Aquino, 1977; Aquino & Iglesias, 1994; e Iglesias, 1998.

De interesse histórico e sociológico, é ainda a forma como dona Raimunda e dona Regina lidaram com sua condição de mulheres nos seringais do Jordão, na primeira metade do século XX. Dona Regina, num período de 24 anos (1913-1937), teve seis homens em sua companhia, e dona Raimunda, em nove anos (1928-1937), dois. Num primeiro momento, pode-se interpretar este fato pela alardeada "escassez de mulheres" nos seringais, o que acarretaria uma pressão extrema para que se casassem. Com efeito, nos primeiros tempos de abertura dos seringais do Alto Juruá havia um desequilíbrio demográfico entre os sexos, mas que, a partir da primeira crise de 1912, começou a ser compensado com a importância de grupos domésticos constituídos para a sobrevivência na floresta.[41]

A pressão sobre as mulheres não desapareceu, e prova disso são os casamentos de homens com moças ainda na puberdade e o assédio a recém-separadas ou viúvas. Mas o argumento que quero enfatizar é que o fato estrutural da escassez de mulheres foi por elas mesmo utilizado como pressuposto de estratégias e escolhas – mulheres de diferentes faixas etárias podem abandonar seus maridos e cruzar fronteiras de seringais sabendo que irão quase inevitavelmente achar um novo companheiro. Bem interessante para contrapor-se a uma visão onde as mulheres aparecem como vítimas ou dominadas pelos homens. Tudo aponta para uma margem de manobra.

Ciúme, não providenciar o necessário, ou não se encarregar das responsabilidades socialmente reconhecidas como suas – tudo isso pode perfeitamente levar uma esposa a deixar o seu marido, mesmo sendo a mulher uma cabocla ou reconhecendo o quão difícil é criar os filhos sem um pai, um marido ou responsável. Quando insatisfeitas, dona Regina e dona Raimunda deixaram seus companheiros e procuraram novos, como foi o

[41] Wolff, 1999.

caso do piauizeiro Modesto e do acreano Manuel Bandeira, que foram sucedidos, respectivamente, por Luis Alves e Pedro Tibúrcio, cuja morte separou-os de suas companheiras.

Dona Regina permaneceu morando na casa de um homem casado, enquanto a dona da casa foi viva, como uma espécie de segunda esposa, a convite da primeira. Um bom motivo para ter permanecido na casa pode ter sido o fato de estarem, ela e o filho, sendo acolhidos numa casa, com comida e proteção. Esta possibilidade não deve ser menosprezada; é preciso sempre levar em consideração que há uma pressão moral, social – e também material – para que a mulher faça-se acompanhar de um homem. Dona Regina não tinha marido ou filhos adultos que provessem o seu sustento; dependia da boa vontade de compadres e conhecidos. Mas, além disso, ela gostara de Nazaré, com quem entendia-se bem, e dos filhos e filhas desta, conforme deixa claro dona Mariana. A amizade entre as duas mulheres comportava compartilhar o mesmo homem. Pode ser ainda que Regina tenha simpatizado com Nascimento, por que não?

Mas um homem sem mulher também não é conveniente, como alertou a madrinha Madalena ao pai de dona Raimunda; e crianças sem mãe também, em especial do sexo feminino.

Ritualizações do parentesco: o compadrio

Dona Regina construiu uma extensa rede de parentes rituais[42] com famílias de seringueiros cariús, e ela e sua filha Mariana foram amparadas e acolhidas por esses

[42] Por parentes rituais entendo aquelas pessoas cujas relações são descritas por termos de parentesco, ou derivados do idioma do parentesco, mas que não são estabelecidas por filiação e casamento, e que não se confundem com esses princípios (cf. Pitt-Rivers, 1968, p.408-413). Nesta tese, o compadrio é a principal forma de parentesco ritual.

compadres e comadres em diversas ocasiões de suas vidas.[43] Miguel Joaquim e Ramiro, este em especial, são muito mencionados na narrativa de dona Mariana sobre seus tempos de moça com a mãe: moraram e trabalharam na casa de ambos, mas nunca inteiramente de favor; sempre ajudaram nas despesas domésticas.[44]

Mas há compadres e compadres, como em todo lugar; e há aqueles que, mesmo sendo, parecem não ser. Vejamos o caso do compadre Nascimento. Sim, porque este último supostamente tornou-se compadre de dona Regina no momento em que ela fez o parto de sua esposa: parteiras viram comadres dos pais da criança vinda ao mundo por suas mãos.[45] Ou seja, tanto Nazaré como Nascimento ter-se-iam se tornado comadre e compadre, respectivamente, de dona Regina. Mas apenas o compadrio com Nazaré é mencionado por dona Mariana, e mesmo assim indiretamente, quando ela se refere ao fato de Mocinha ser "comadre de estimação" da mãe: na verdade, quem era comadre de dona Regina, explicou-me dona Mariana quando a inquiri, era Nazaré. Das relações entre dona Regina e Nascimento, por outro lado, ficou a memória de que dona Regina foi, durante um período, *rapariga* de Nascimento – o que ocorreu com o consentimento de Nazaré, a esposa. Esta situação, por si só, iria contra a (pretensão de) interdição sexual que supõe o compadrio (ver à frente). Será que o consentimento de uma das partes é um atenuante? Mas o ponto aqui não é se a transgressão é desculpada, e sim o fato de que é

[43] Entre autores que se detiveram sobre o compadrio em áreas rurais (também da Amazônia), é praticamente unânime o reconhecimento de que este parentesco ritual cria mecanismos de reciprocidade, solidariedade e ajuda mútua, reforçando laços de vizinhança e de parentesco pré-existentes. Consultar, por exemplo, Wagley, 1988[1953], p.162-169; Mintz & Wolf, 1968[1950]; Woortmann, 1967; Candido, 1971[1964]; Fukui, 1979[1972]; e Arantes, 1975.

[44] Este é um tema marcante na vida de seringueira de dona Mariana, ao qual voltarei no próximo capítulo.

[45] Quando uma parteira corta o umbigo do recém-nascido e se torna sua "madrinha de umbigo", automaticamente ela também se torna "comadre" do pai da criança e "comadre" da mãe da criança. Este caso é diferente do compadrio de fogueira, que não implica necessariamente ser "padrinho"/"madrinha", embora uma relação de "padrinho"/"madrinha" possa ser estabelecida na fogueira; por sua vez, tornar-se "padrinho"/"madrinha de fogueira" não acarretará o compadrio com os pais do afilhado(a).

ignorada na memória. Será que o fato de dona Regina ser uma cabocla e, no Tejo, duplamente desterritorializada[46], apagou ou substituiu o compromisso entre compadres, e consequentemente a interdição sexual que o compadrio implica? Este é um caso interessante.

O caso de Ramiro é diferente, e igualmente interessante. Por ter gerado uma filha de Nascimento, dona Regina, mesmo nunca tendo vivido como sua esposa, era "cunhada" do irmão de Nascimento, Ramiro. Ramiro era, portanto, tio de dona Mariana e pai das primas de dona Mariana. Ao parentesco por afinidade entre dona Regina e Ramiro, contudo, sobrepôs-se uma relação de compadrio. Pode-se pensar aqui, como sugere Mauro Almeida, que a sobreposição de laços de compadrio entre parentes afins tem o papel de, ao criar novos laços rituais, criar também barreiras ao tornar tabu relações sexuais entre os que contraem este parentesco ritual, podendo ser vista como medida preventiva ou demarcadora de limites.[47] O autor observou, entre cunhados e cunhadas que se tornam compadres e comadres, uma grande liberdade no trato mútuo entre o compadre e a comadre – que passam assim a se referir um ao outro – , com jogos de palavras e brincadeiras provocativas, mas que não oferece perigo dado o compadrio.[48]

Não foi privilégio de dona Regina usufruir das vantagens do compadrio. A menina Raimunda teve a sorte de ter sido batizada por uma zelosa madrinha, que assumiu para si a incumbência de criar a afilhada quando a viu sem mãe. E há ainda os compadres

[46] A origem de dona Regina remontava ao Envira, e depois ela reconstruiu sua rede de relações sociais no rio Jordão. No Tejo, portanto, ela não tinha história ou relações construídas.
[47] Almeida, 1993, p. 189-190.
[48] Como pode ser ouvido nos seringais, "a pior [ou mais quente] cama do inferno é a cama do compadre com a comadre" (cf. Almeida, 1993, p.190). Lia Fukui (1979[1972], p. 163) também encontrou, entre sitiantes do sertão nordestino, tabus sexuais nas relações entre compadres e comadres. Ver também Wagley, 1988[1953], p.166.

patrões, como o turco Salomão mencionado por dona Raimunda, que casou-se com um empregado dele: o "preto" Miguel Pinto.[49]

A expansão da rede de parentes rituais torna-se possível porque o compadrio, vimos, não se estabelece somente pelo batismo ou crisma, ocasiões rituais formalmente reconhecidas pela Igreja Católica.[50] Sob as bençãos de santos das festas juninas, e de acordo com as conveniências das partes interessadas, pode-se "passar fogo"com quem se deseje estabelecer compadrio: são os compadres e comadres "de fogueira".[51] É possível ainda tornar-se "primo(a) de fogueira" ou "padrinho/madrinha de fogueira". O parentesco ritual "de fogueira" pode indicar a solidificação de uma amizade, a tentativa de evitar disputas, tornando parentes os oponentes, ou o respeito que se quer prestar ou obter.[52]

"Passar fogo" pode ser também um expediente de estabelecer laços rituais entre pessoas que deveriam reger suas relações pela consangüinidade, mas que são afins – e neste sentido talvez seja uma forma de consangüinização. Neste último caso identificaria o caso de seu Milton com relação ao seu padrinho Meruoca, que continuaria a ser "padrinho" de seu Milton mesmo que viesse a se separar de dona Raimunda – e neste sentido a relação não era reversível, como é o parentesco entre afins.[53] Morando sobre o mesmo teto e sendo seu Raimundo Meruoca o chefe da casa, ao amanhecer, ao invés do simples "bom dia", todos pediam a benção ao "padrinho" da mesmo forma que pediriam

---

[49] Esses exemplos reforçariam a hipótese, formulada por Mintz & Wolf (1968[1950]: 335) de que o compadrio pode ter uma dimensão horizontal, entre iguais, solidificando laços de vizinhança e solidariedade, ou vertical, entre pessoas hierarquicamente desiguais, trazendo consigo obrigações de lealdade e proteção. Contudo, tenderia a ver essas distinções de forma menos dicotômica, pois o patrão é também o vizinho com quem se convive e com quem podem ser estabelecidas solidariedades.

[50] O survey de 1995 realizado na Reserva Extrativista do Alto Juruá confirmou a predominância do catolicismo como opção religiosa: 92,7 % declararam-se católicos.

[51] Ver também Wagley, 1988[1953], p.164-5 e Fukui, 1979[1972], p.220.

[52] O compadrio por batismo também pode ter esses significados, mas quero apontar para o expediente que pode ser acionado quando não se tem filhos para batizar. Sobre o compadrio no Alto Juruá, consultar Almeida, 1993, p.187-190; Araújo,1998, p.52 e 116; e Martini, 1998, p.141-143.

a um pai, ou a outro parente consangüíneo (avô e tios). Desta forma, seu Raimundo Meruoca tornou-se parente de seu Milton, e pode-se pensar que o tratamento de "padrinho", no caso, consagrou um pai ritual.[54]

Estendendo a rede de parentes rituais que abrange a população dos seringais, há ainda o compadrio com a parteira, mencionado há pouco: a mulher que "pega" o recém-nascido torna-se automaticamente "mãe velha", ou "madrinha de umbigo", da criança, que sempre lhe tomará a benção; e comadre dos pais, que assim passarão a se tratar mutuamente: como "comadre" e "compadre". Uma parteira renomada assiste sua rede de parentes rituais crescer gradativamente e tornar-se um precioso capital: signo de respeito e deferência, favores e presentes.

Redes e rizomas no tempo e no espaço[55]

Chamaria atenção para o fato das trajetórias de vida de dona Regina e dona Raimunda ocorrerem dentro de um tempo, espaço e rede de relações compartilhados. Claro que ambas moraram em colocações e seringais distintos, circularam em meios familiares próprios, mas o território maior e a rede de conhecimentos de vizinhança e comércio eram comuns – o que traria a noção de um passado compartilhado. [Mapas 8 e 9; Mapa de Parentesco 6]

---

[53] Claro que somente o laço não constrói a relação, como insisto ao longo desta tese; há que ter convivência, experiências compartilhadas e afeto – e isso é válido para todo o parentesco, ritual ou não.

[54] Ou indicou o estabelecimento de um "parentesco fictício", que Pitt-Rivers (1968, p.409) distingue do "parentesco ritual": aquele indicaria que Meruoca de fato adquiriu o status similar ao de um pai "natural". Voltarei a este ponto no próximo capítulo.

[55] "Redes" e "rizomas" são coisas familiares no seringal: redes no caso de pesca, e rizomas (raízes esparsas, derramadas) no caso da agricultura. São metáforas da conectividade esparsa entre as pessoas numa geografia em movimento e mapeada pelos igarapés e terras, que os caminhos cruzam em todas as direções, e pelos seringais e seus barracões. Apliquei livremente essas metáforas à minha etnografia, a partir de sugestões de um seminário sobre Deleuze, coordenado por Mauro Almeida (cf. "Campos, redes, rizomas", 23 de Abril de 2000).

Dona Raimunda já conhecia Pedro quando empreendeu com ele a travessia do rio Breu de volta para o Jordão – *eu era grandona já quando comecei a ver ele* – , e depois se juntou a ele. Dona Regina e dona Raimunda também já haviam se avistado quando a primeira era junta com Luis Alves e vinham do seringal Revisão: em viagem, o casal dormiu na casa da madrinha Madalena, na colocação Sacado do seringal Bonfim; dona Raimunda era então uma menina. Mais tarde passaram a se ver com mais frequência quando dona Raimunda voltou do Breu junto com Pedro Tibúrcio para morar no Jordão. Numa ocasião, dona Regina e a filha foram à casa de dona Raimunda, que estava grávida e lembra, *assim como sonho*, de que pulou uma cerca e ouviu dona Regina exclamar: - *Cuidado, senão tu vai espocar!* Foi nesta ocasião, inclusive, que dona Mariana e seu Milton, com nove e três anos de idade, respectivamente, se viram pela primeira vez. Dona Regina e dona Raimunda continuaram se encontrando ao longo das décadas seguintes, e moravam vizinhas quando, em dezembro de 1954, dona Regina faleceu.

Pedro Tibúrcio e dona Regina também se encontraram antes que aquele se unisse a dona Raimunda, e teriam inclusive vivido juntos por pouco tempo na colocação São Paulo, no Tejo. Ou seja, Pedro também já conhecia Nascimento, com quem trabalhou, segundo relatos, no Boa Hora. Além de tudo isso, dona Mariana afirmou que Pedro e sua mãe Regina chegariam mesmo a ser parentes distantes: uma tia de Pedro seria "prima longe" de dona Regina. Para confirmar sua informação, dona Mariana argumentou sobre o fato de ambos – Pedro e a tia – serem caboclos "cabeludos e sombrancelhudos".

Dona Raimunda também não era estranha a Raimundo Meruoca. Como ele mesmo dizia, nas palavras de seu filho Milton: – *O povo diz que casamento não é sorte, mas casamento é sorte. Quando esta mulher* [Raimunda] *era criança, eu carreguei ela no*

jamaxi[56]*, no Jordão, no tempo do pai dela, Miguel Gomes.* Ele, seu Raimundo Meruoca, também não era estranho à dona Raimunda, que lembra dele em festas. Quando se juntaram, em 1941, não eram estranhos um ao outro, tinham mútua familiaridade. Por outro lado, dona Raimunda suspeita que seu Raimundo Meruoca e dona Regina já se conheciam quando foram ser vizinhos na Água Fria; teriam tido, há muito tempo, algum relacionamento mais íntimo.

Afetividade e parentesco

Finalmente, encerraria esta seção final chamando atenção para elementos a fortalecer ou enfraquecer laços afetivos dentro dos grupos de parentesco que se formam, se dissolvem ou se transformam.

O marido que providencia as coisas necessárias ao sustento de seu grupo doméstico[57] (mercadorias, caça, farinha), que trata bem sua esposa e filhos, inclusive os eventuais enteados e enteadas, recebe um sinal positivo. O homem talvez tenha preferência por uma casa sem enteados, supondo-se que goste de ser o primeiro marido, quiçá o primeiro homem, da escolhida. Por outro lado, a esposa que "dá conta de uma casa", mantendo-a limpa e asseada, e sabe cuidar dos filhos e administrar os trabalhos domésticos (varrer e passar pano na casa, varrer o terreiro, lavar a louça e a roupa, cozinhar, entre outros), é por sua vez valorizada. Homens afirmam querer uma mulher que "zele suas coisas", isto é, que o auxiliem a construir um patrimônio. Por "suas

[56] "Jamaxi", ou "jamachi" é uma espécie de mochila para carregar peso (produtos agrícolas, em geral), feita de cipós, fibras e, eventualmente, couro de um animal (como o veado, por exemplo)

[57] Grupo doméstico são os moradores de um domicílio, em geral formado de parentes, mas não só. O grupo doméstico pode incluir outros moradores sem nenhum grau de parentesco, como agregados e empregados residentes. Quando se trata de parentes morando num mesmo domicílio, o formato da família nuclear (marido, esposa e filhos) é o mais frequente, mas talvez também um velho pai, um irmão, ou um neto morem sob o mesmo teto (cf. Almeida, 1986). O marido deve providenciar as coisas necessárias para o

coisas" entenda-se não só a casa e seus bens (roupas, rádios, gravadores), mas também as criações de terreiro, cabeças de gado e roçados. A mulher desejada é aquela que coopera com o marido para a prosperidade da casa.

Ciúme e "malvadeza", expressos como violência, são traços que depõem contra qualquer homem, e podem levar uma esposa a abrir mão da (relativa) segurança doméstica. E parecem ser motivos fortes, ao menos para dona Raimunda e dona Regina, que mesmo com filhos optaram por abandonar seus companheiros. Por outro lado, uma mulher ciumenta ou "arengueira" pode enfrentar dificuldades em manter seu casamento, já que o homem não gosta de ter sua liberdade e virilidade vigiadas.

Muitas esposas afirmam "gostar" de seus maridos, e aturam suas infidelidades. O caso de Nazaré, esposa de seu Nascimento, é bem interessante, pois este "gostar" traduzia-se não só em aturar as infidelidades do marido como também em zelar por sua segurança e arranjar para ele uma segunda mulher. Suportar traições conjugais pode ser efeito também de pressão social – já que existe, de fato, um padrão de poligamia tolerado para os homens.[58] De toda forma, esposas não exigem propriamente fidelidade de seus maridos, ou outros atributos do "amor cavalheiresco", mas sim o que mencionei acima: que ele seja provedor da casa, que a trate sem violência e da mesma forma trate filhos(as) e enteados(as).

Há a afetividade entre pais e filhos, entre padrastos (incluindo o caso de padrastos-padrinhos) e enteados (que podem ser também afilhados), onde o ritual de pedir e receber a benção é um signo de afeto, respeito e consolidação da relação – afetiva e hierárquica. A repetição mecânica do ritual ganha com o tempo uma densidade

---

grupo doméstico (parentes e agregados), e às vezes para grupos domésticos vizinhos (sobretudo quando de familiares, como uma mãe viúva, ou pais ou sogros idosos).

significativa construída na experiência da convivência e de sua interpretação.[59] Assim, a afetividade entre aqueles que ocupam a posição de pais e de filhos, mesmo sem o ser originalmente, pode ser reforçada e tornada mais íntima. O afeto entre mãe e filha presente na relação entre dona Mariana e dona Regina foi, ao longo da vida em comum de ambas, regado à convivência e amizade, companheirismo e ajuda mútua, obediência, respeito e fidelidade.

[58] Voltarei a este tema no Capítulo VI.

[59] Assim, social e individual se encontram – e a referência aqui seria Renée Pascal. Para este importante pensador e matemático francês é preciso começar com o ritual – por exemplo, ajoelhar e rezar; a fé, uma elaboração individual, vem depois (devo esta referência a Mauro Almeida). Uma coisa é repetir uma oração apreendida, outra bem diferente é vivê-la como verdade íntima. Cf. também Radcliffe-Brown, 1964[1922].

Capítulo V

MARIANA E MILTON: A SEGUNDA GERAÇÃO

Neste capítulo daremos continuidade à nossa história. Se no capítulo anterior a ênfase recaiu sobre a reconstrução da trajetória de vida das mulheres da geração fundadora, agora trata-se de privilegiar a geração seguinte – a geração fruto da mistura: Mariana, filha da cabocla Regina e do cearense Nascimento, e Milton, filho da acreana Raimunda e do caboclo Pedro Tibúrcio.

Dona Mariana nasceu em 1929, nas águas do Tejo, colocação São Paulo: – *Eu sou paulista!*, brinca. Na primeira seção do capítulo, veremos que com oito anos de idade ela já se iniciava no trabalho da seringa. Com a mãe, começou a percorrer estradas de seringa e a se familiarizar com as técnicas de corte, colha e defumação do látex. A memória de dona Mariana sobre o final de sua meninice e da mocidade está, com efeito, fortemente marcada pelo trabalho na seringa – mas também pelo lazer no seringal: festas, passeios e namoros.

De 1936, ano em que nasceu, a 1951, seu Milton residiu no Jordão, num mesmo seringal, o Bonfim, e grande parte desse tempo na colocação Água Fria. Veremos, na segunda seção do capítulo, que ele foi criado por um "padrinho", tendo dele lembranças de filho para pai. Em sua infância e juventude, a mãe e o padrinho são as figuras mais

relevantes em sua memória: a primeira ensinou-o a cortar, o segundo a caçar, pescar e lidar com roçados. Filho dedicado, Milton era um rapaz trabalhador e de fala pouca. Ia a festas, mas custou aprender a dançar.

A terceira seção do capítulo recobre o curto período em que Mariana casou-se com o cearense Raimundo Leitão, tendo tido com ele três filhos. Após o término do casamento, a jovem mulher, novamente solteira, voltou a se reunir à mãe. Finalmente, na quarta seção do capítulo, acompanharemos o período de aproximação e a união entre Milton e Mariana. O destino os reuniu na colocação Água Fria a partir de 1951 – ele com 15 anos e ela com 21 anos completos.[1] Lá começaram a se gostar e a namorar, passando a morar juntos em janeiro de 1953.

Maria, a Mariana (rios Tejo e Jordão, 1929-1946)

A menina Mariana

Batizada Maria, desde menina nossa personagem é chamada Mariana. Ela nasceu no dia 29 de novembro de 1929, na colocação São Paulo, num afluente do alto rio Tejo por nome Flecheira, no seringal Restauração. [Mapa 10] Filha de Maria Regina da Silva, a cabocla Regina, e de Francisco Feitosa do Nascimento, o velho Nascimento, Mariana não nasceu na casa do pai propriamente dito, mas na casa do homem a quem reconhece como seu "pai de criação": Joaquim Machado. Foi com esse homem que, lembremo-nos, em 1930, sua mãe passou a viver no Jordão. Até seus sete anos de idade, Mariana conheceu

[1] A idade de dona Mariana está aqui calculada incorporando a alteração do ano de seu nascimento (de 1929 para 1928) que ocorreu, veremos, no momento de seu primeiro casamento.

este homem como o companheiro de sua mãe; foi ele, inclusive, que a registrou como sua filha e de Regina.[2]

A volta de Joaquim Machado para o Jordão, separando-se então de Regina, coincidiu com a morte de Altino, irmão de Mariana, então com 16 anos. Era Altino, o filho mais velho de Regina, quem, junto com Joaquim Machado, providenciava o rancho da casa e cortava seringa. Assim, a saída de Joaquim Machado, junto com a morte de Altino, desfalcou severamente o grupo doméstico, que se reduziu a mãe e filha.

Glosa V.1:

Uma unidade doméstica bem particular, composta por mãe e filha. A vida conjugal de Regina era móvel, maridos vinham e iam. Ela também não possuía parentes masculinos - como irmãos, pai e filhos - que se responsabilizassem por ela e pela filha. Isso num contexto em que era absolutamente necessário ter borracha para comprar mercadorias no barracão - não se podia comprar com farinha, por exemplo.

Então, em princípio, haveriam três alternativas para Regina após a saída do companheiro e o falecimento do filho: passar ela própria a cortar seringa com a filha, ou juntar-se com um novo companheiro ou ainda arranjar um marido para a filha que também a amparasse (casamento uxorilocal), ou seja, um bom genro. Mariana era ainda uma menina, o que excluía no curto prazo esta última possibilidade. Veremos que a estratégia de Regina foi conjugar as duas primeiras opções: arranjou novo companheiro - já foi apontada a relativa facilidade de encontrar marido - e passou a cortar seringa junto com a filha. Nessa dupla escolha, mãe e filha puderam assegurar autonomia material num contexto de uniões instáveis.

Dona Regina logo juntou-se a outro seringueiro, de nome Zé Raimundo, e, em 1937, foram morar na colocação Centro do Meio, no seringal Bonfim. [Mapa 8] Lá Mariana começou a acompanhar a mãe na estrada de seringa.[3]

[2] O batistério (certidão de batismo) e registro civil originais de dona Mariana extraviaram-se. A segunda via da sua certidão de casamento (a primeira perdeu-se) registra seu nome como Maria Feitosa do Nascimento, mas é provável que no batistério e registro civil originais constasse outro sobrenome, já que foi Joaquim Machado quem a registrou no Jordão.

[3] Começar o trabalho na seringa aos sete ou oito anos de idade é normal para meninos (e meninas, em alguns casos), que desempenharão inicialmente tarefas como "ajudar a colher" e "cortar uma volta", até estarem aptos a cortar uma estrada sozinhos, o que coincide com a puberdade. Consultar Almeida, 1993, p.223-263.

– Comecei a cortar assim: vi a seringa assim pertinho de casa; aí eu fui, levei o pé de faca – o pé de faca era do meu irmão, que ele tinha falecido, mas a mamãe tinha ficado com tudo quanto era dele – aí eu levei o pé de faca.[4] *Quando nós cheguemos nessa colocação* [Centro do Meio], *tinham trabalhado dois seringueiros; esses seringueiros tinham saído e tinham deixado tudo na casa velha: balde, tigela, bacia velha, tudo tinham deixado. E tinha muita cana e tinha muita roça nessa colocação que nós fomos trabalhar. Aí eu comecei a cortar. Tirava as tigelas velhas, não sabe?, aí ia colocando nas madeiras – cada dia que nós íamos cortar aumentava mais, quatro, cinco madeiras, e assim fomos indo. (...)*

Glosa V.2:

Mauro Almeida mostra que para começar a cortar uma estrada de seringa é preciso um investimento razoavelmente alto por parte do interessado: as tigelas para onde o látex escorre depois do corte da casca, o balde no qual o seringueiro reúne o látex na colha, a bacia, o pé de faca, as lâminas, entre outros.[5] O autor calculou que as tigelas são o item mais dispendioso: para "entigelar" duas estradas de seringa, por exemplo, são necessárias cerca de 500 tigelas (250 por cada estrada com 120 seringueiras; uma média de duas tigelas por árvore). Muito trabalho também é investido no preparo das estradas para o corte, na construção do defumador e fornalha.

Regina e sua filha Mariana aproveitaram então, na sua produção de borracha, o investimento anterior e abandonado pelo irmão falecido (o pé de faca) e pelos seringueiros que as precederam na colocação (tigelas velhas, bacia, balde).

Aí eu comecei a cortar, tirava um litro de leite; aí minha mãe disse assim: – "Vam'bora aumentar, minha filha, fazer um princípio?" – "Vamos." Aí nós fomos cortando, e aumentando. Aí eu fiz um princípiozinho assim, pequenininho, numa varinha bem fininha; aí não prestava, porque a vara era fina demais, e o princípio já estava

[4] Para cortar seringa, o instrumento necessário se compõe de duas partes: uma durável, o "pé de faca", feito de madeira ou metal, e outra móvel, a "lâmina", que é fixada no "pé de faca" e é a responsável pela incisão na casca da seringueira. Dona Mariana, ao falar no "pé de faca" herdado do irmão certamente refere-se ao intrumento completo, com a "lâmina".

[5] Almeida, 1993, p. 223-263.

grande.[6] *Aí ela* [a mãe] *abriu o princípio, quando acabar colocou noutra vara mais grossa, aberto* [o princípio], *não sabe? Quando acabar tiremos a capa da bacia*[7], *aí enrolemos por cima* [do princípio] *pra fechar, e pra segurar; aí defumemos de novo, por cima.*

– Mas a sua mãe sabia cortar seringa?

– Cortava também, ela cortava. Quando meu irmão era vivo, ela cortava mais meu irmão.

– E ela aprendeu com quem?

– Ela, com meu irmão [Altino]*! Ele cortava que meu padrasto* [Joaquim Machado] *ensinou a ele, não sabe? E ela* [a mãe] *cortava mais ele* [Altino]. *E eu, quando era pequena, assim como esse menino* [aponta um neto pequeno], *eu também já puxava ... esse aqui porque não tem, mas se tivesse um pé faca ele já cortava, desse tamaninho.*

Pois bem, assim era eu. Aí comecei a cortar mais a minha mãe; aí fiz um princípio grande, deu dez quilos; aí eu não podia levar pra margem, e nem podia tirar da balança que nós defumávamos.[8] *Aí quando vinha, botava o leite na bacia, aí defumava ali mesmo; aí quando acabava deixava lá mesmo na balança.*

---

[6] Ver Box 21, a frente.
[7] Camada do látex, ou "capa", que adere ao fundo da bacia, onde é colocado para defumação, formando uma película.
[8] Consultar próximo box.

Box 21: Defumação da borracha

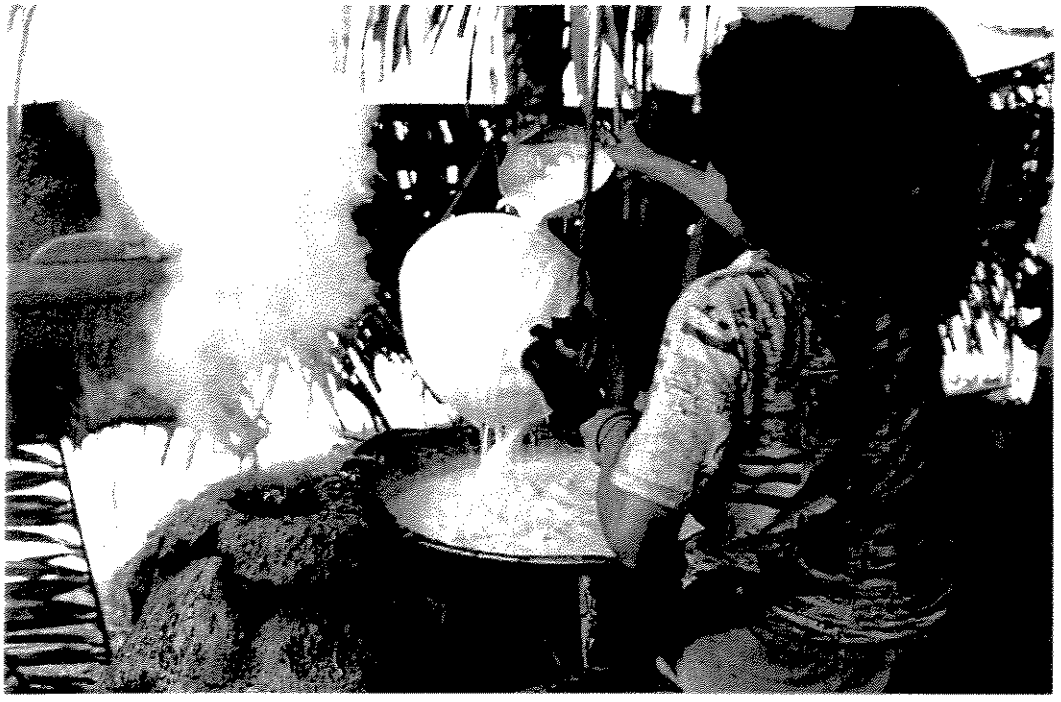


Foto 27: *Em 1993, presenciei os filhos de seu Osvaldo Eufrásio defumando uma péla de borracha após um dia de corte nas estradas da colocação Caponga, no rio Manteiga.* [Mapa 6 e 10] *Esta forma de beneficiar o látex não mais é encontrada nos seringais do rio Tejo.*

De memória, Mauro Almeida forneceu a seguinte descrição sobre o processo de defumação e seus intrumentos: "Para defumar usa-se um torno (no caso de Regina e Mariana, a "vara", que depois é substituída por outra maior) no qual é enrolado o princípio. Mas esse torno – no caso uma vara – fica suspenso, numa de suas pontas, por uma espécie de forquilha, enquanto a outra extremidade será movimentada pela mão esquerda do seringueiro – com um movimento giratório para permitir o espalhamento do leite, e também um movimento de vai-e-vem para afastar a borracha da boca da fornalha quando necessário – ao passo que a mão direita usa a cuia para para transferir o leite da bacia para a péla que está sendo defumada. Quando a operação diária é concluída, a extremidade solta do torno é colocada em outro apoio, ficando tudo no defumador para o dia seguinte". A "balança" de que dona Mariana fala, diz Mauro Almeida, deve ser justamente esse apoio da extremidade móvel do torno (ou vara).

Aí quando foi no fim, o princípio deu dez quilos. Meu padrasto foi e tirou, esse Zé Raimundo, tirou o princípio; aí mandou pesar quando o empregado do Salomão foi – que era o patrão. Pesou: deu dez quilos.[9] *Aí eu não podia trazer pra margem. Aí foi um*

[9] Aí sim tratava-se de uma balança, provavelmente de mola.

irmão de criação da minha [futura] *sogra* [dona Raimunda], *o finado Pedrinho*[10], *aí foi e trouxe princípio pra mim. Aí eu vendi pro Salomão, que era o patrão.*

Aí comprei talco, Compacto[11], *extrato* [perfume], *óleo pra cabelo, chinelo e um vestido – com esses dez quilos de borracha. Nesse tempo a borracha era bem baratinha, não dava nada, como está hoje em dia; mas a mercadoria também não tinha valor, era barata.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 27/06/1998)

Glosa V.3:

Chamo rapidamente atenção para esse pequeno enxoval de menina-moça adquirido por Mariana com seu primeiro princípio. Ele mostra que havia um padrão de "luxo" que mesmo uma humilde menina, filha de cabocla, prezava - havia uma auto-imagem que requeria "talco, compacto, extrato, óleo pra cabelo", tal como encontra-se ainda hoje nos quartos das casas de seringal, junto a pentes e espelhos.

Aos oito anos de idade, portanto, Mariana, pelas mãos da mãe Regina, iniciou-se no corte da seringa. Mas, ainda tão menina, cortava com a mãe toda uma estrada? – *Não, cortava não, Mariana, eu cortava volta de estrada pequena; eu trabalhava com a minha mãe, ela cortava seringa também.* Acompanhando a mãe e, depois, sendo por ela acompanhada, Mariana cortou seringa nos nove anos seguintes.

Em 1939, Regina já se separara de Zé Raimundo, e mãe e filha foram morar por dois anos na casa do compadre Ramiro, na colocação Bagaço, seringal Bom Jardim.[12] Mariana já era quase uma moça, tinha onze anos quando lá chegou.

[10] Não tenho dados sobre este irmão, mas lembremos que a mãe de dona Raimunda teve dois maridos, e que o pai de dona Raimunda mais de uma esposa. Pode haver então um conjunto, mais ou menos extenso, de irmãos e irmãs por parte de mãe e por parte de pai.
[11] Nome de pó-de-arroz da marca Coty.
[12] Ver nota 19, Capítulo IV.

Moça seringueira e festeira

Aos 13 anos, Mariana mudou-se novamente com a mãe, desta vez para um centro, a colocação Duas Nações [Mapa 8], onde passariam mais três anos na casa de outro compadre de Regina, o Miguel Joaquim. Em 1944, voltaram para a margem, de novo para a casa de Ramiro, onde permaneceram por mais dois anos. O período de sete anos em que Mariana viveu na casa de compadres de sua mãe – sendo Ramiro também seu tio, pois irmão do pai Nascimento – foi também o de sua mocidade e o auge de sua carreira como seringueira.

O tempo da mocidade foi também um tempo de festas e da liberdade da solteirice. Mariana era uma moça vistosa, conversadeira e de voz vigorosa – falava alto. Gostava de ir em festas, prosear e dançar. Até seu casamento, em 1946, Mariana, uma jovem de seringal, aproveitou como pôde sua juventude.

O trabalho na seringa

Enquanto foi moça, Mariana cortou seringa com a mãe; como ela mesmo ainda hoje conta, trabalhava para e com a mãe. *Ela não tinha pai, não tinha mãe, não tinha parente, não tinha aderente – o parente que tinha só era eu*, explica. Aos catorze anos de idade, diz dona Mariana, *foi quando eu fui tomar de conta mesmo do corte de seringa, por minha conta, sem ter casa.* Ou seja, a jovem seringueira Mariana assumiu responsabilidade pela produção de borracha, embora sem uma casa que sediasse a unidade doméstica composta por ela e pela mãe.

Glosa V.4:

Dona Regina, segundo a filha, tinha-a como sua única parente. Vamos ao sentido desta afirmação (que já apareceu no capítulo anterior), nos perguntando sobre o que dona Regina entendia por "parente" quando se afirmava, sempre segundo dona Mariana, "sem parente, nem aderente".[13]

"Parente", nos vários contextos em que aparece, é, para dona Regina, tudo indica, uma categoria que exclui compadres e comadres (parentesco ritual) e também exclui afins (maridos, cunhados e cunhadas). Em outras palavras, "parentes" eram as pessoas conectadas consangüineamente a dona Regina (Ego), e não por afinidade e compadrio. De fato, dona Regina não tinha outro parente de sangue que sua filha Mariana - que, diferentemente, tinha o pai, os tios e primos.

No meio dos brancos, dona Regina recompôs como pôde - e, parece-me, com sucesso - uma rede de parentes e apoio rituais. Teve companheiros, que mudavam com relativa frequência. Nesse contexto e rede de relações, dona Regina e a filha Mariana operaram como um grupo doméstico e uma família, isto é, como um conjunto de parentes que era também uma unidade de trabalho e consumo.[14]

Eu me hospedava na casa do meu tio, Mariana, mas eu comprava de tudo: meu tio comprava meio saco de sal, eu comprava meio: comprava um saco inteiro. (...) Ele comprava meia lata de querosene, eu comprava meia; uma lata, n'éra? Ele comprava dez quilos de banha, eu comprava dez. Era assim. Ele comprava um quilo de chumbo, eu comprava outro. Ele comprava cem gramas de pólvora, eu comprava cem. Nós vivíamos assim. Na casa que eu vivia – eu nunca vivi, graças a Deus, Mariana, na casa dos outros às custas de ninguém – só vivia do que eu precisasse. Do que o dono da casa comprasse, eu comprava também – a despesa da casa. Porque era eu e era a minha mãe; e nós trabalhava por nossa conta, e a borracha toda era nossa, né? Eu tinha que fazer a minha despesa: era desse jeito. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

[13] Note-se que estou supondo, portanto, que a definição das relações de parentesco podem sofrer oscilações de pessoa para pessoa, de contexto para contexto.
[14] Cf. Almeida, 1986.

Glosa V.5:

Há um ponto que deve ser destacado para esclarecer a "sociologia do seringal". Quando dona Mariana diz que ela e a mãe trabalhavam "por conta" delas, ela está afirmando que mãe e filha tinham sua própria "conta-corrente" no barracão, por meio da qual faziam suas compras e pagavam seus débitos. Ter a própria conta no barracão é um sinal efetivo e máximo de autonomia no seringal: estabelece, em certo sentido, uma unidade econômica que compreende um número de "facas" (mãe e filha) produtoras de borracha, e um grupo comprador de mercadorias (mãe e filha). Então, mãe e filha moravam na casa de compadres, mas compunham, como venho afirmando, uma unidade doméstica-produtiva separada e autônoma.

Mariana passou sua mocidade morando, com a mãe, na casa de pessoas conhecidas e mesmo a ela aparentadas, porém ambas sempre tiveram suas próprias estradas ou voltas de estrada. Iam juntas para a estrada, no corte e na colha. Sua borracha, como ela diz, *era independente* da produção do chefe da casa. No seringal Bom Jardim, onde viveram entre 1938 e 1946, mãe e filha não pagavam renda ao patrão, o que não se aplicava aos outros seringueiros da casa em que viviam.[15]

A jovem seringueira era *freguesa*[16] do barracão, e tinha uma conta em seu nome. Ali, Mariana comprava as mercadorias de estiva com as quais ela e a mãe contribuíam para as despesas da casa: sal, querosene, banha, munição etc. Também ali Mariana comprava seus luxos. É provável também que fizesse compras a outros comerciantes locais – marreteiros. Dívidas? Mariana era gabada por ser trabalhadeira e por saldar os compromissos assumidos. Ao final da safra, lograva pagar sua *dívida*.[17] Não há notícias de que tenha ficado devendo borracha a algum comerciante ou ao patrão.

---

[15] Ver Capítulo IV.

[16] "Freguês", "freguesa" e "freguesia" são termos comumente utilizados para designar o seringueiro, ou o conjunto de seringueiros, que têm conta-corrente no barracão, ou seja, que lá vendem sua borracha e compram as mercadorias de que precisam.

[17] A compra de mercadorias é anotada na conta-corrente como débito do freguês junto ao barracão, e a borracha vendida ao patrão corresponde a créditos. Se o volume de borracha produzida e entregue não corresponde ao valor dos débitos, o seringueiro fica endividado. A "dívida" é tradicionalmente interpretada

Nesse tempo, sempre junto com a mãe, cortava uma "parelha" (um par) de estradas de seringa. Nunca ia sozinha para a estrada: ou a mãe entrava por uma perna e ela por outra, ou ambas percorriam juntas toda a extensão da estrada, no corte e na colha. Eventualmente, Mariana poderia ter um outro acompanhante, um conhecido ou as filhas de Ramiro, suas primas.

Glosa V.6:

Na casa do tio Ramiro, uma das estradas que mãe e filha cortavam produzia nove latas de leite, e a outra, dez latas. Uma lata de leite corresponde a dois litros, o que pode ser suficiente, dependendo da qualidade do látex, para produzir um quilo de borracha. O total semanal, caso cada estrada fosse percorrida duas vezes na semana, seria de 38 latas de leite; ou, num cálculo aproximado, 32 quilos de borracha por semana. A produtividade mensal seria, portanto, de 128 quilos.

A safra de produção da borracha ocorre entre os meses de abril a junho e de outubro a janeiro, o que corresponde a um total de 30 a 31 semanas, sendo quatro destinadas à preparação das estradas. Mariana e sua mãe Regina poderiam chegar a uma produção total entre 960 a 992 quilos de borracha, mas dona Mariana estimou a produção em, no máximo, 700 quilos de borracha anuais. Pode parecer uma quantidade modesta, mas não é. Na verdade, pode estar até mesmo superestimada.

Segundo Mauro Almeida, nos anos de 1980, seicentos a setecentos quilos anuais de borracha era a quantidade média no seringal Riozinho, no alto Tejo, e estava acima da média regional de 400 quilos de borracha por ano para a Amazônia.[18] Havia casos extraordinários, como o do seringueiro João Nascimento, que num ano chegou a produzir uma tonelada e meia de borracha.

É claro que a produção de borracha podia variar de safra para safra, em especial no caso de Regina e sua filha Mariana, que se mudavam constantemente de colocação. Mas, por outro lado, como me fez notar Mauro Almeida, dona Mariana não fala em compra de farinha, e havia carne de caça - tudo isso significando "renda real". "Então", disse-me Mauro, "minha avó Maria [esposa de seringueiro] não estava tão errada": ela falava em fartura e bem-estar no seringal do ponto-de-vista alimentar. Lembremos ainda dos artigos que dona Mariana afirma ter comprado, em 1938, com os primeiros dez quilos de borracha que produziu na vida, que corresponderiam hoje, ao preço subsidiado de R$ 1,30/quilo, a R$ 11,30 - suficientes para comprar perfume, talco, pó de arroz e óleo para o cabelo?

O fato é que a moça Mariana tomou gosto pelo serviço. Honrando a fama de seringueira, Mariana não trabalhava somente no corte da seringa. Como ela diz, *todo*

como um dos principais instrumentos de dominação e imobilização, pelos patrões, da mão-de-obra nos seringais, mas alguns trabalhos têm mostrado que essa situação não era monolítica e conhecia brechas. Cf. Weinstein, 1993; Almeida, 1993; e O'Dwyer, 1998.

trabalho que o seringueiro fazia, eu fazia também. Desde cedo confirmou a fama que tem até hoje, aos 72 anos de idade: a de não temer o trabalho, e preferir os serviços fora de casa. *Eu queria mais antes passar o dia todinho na mata de que passar o dia em casa, lutando nas coisas em casa – eu achava muito bom o corte de seringa.* Caçar, mariscar, trabalhar no roçado e farinhadas, preparar as estradas (roçar, empausar, raspar), tirar cavaco ou procurar cocão para a defumação do látex, entre outros, foram alguns dos serviços que Mariana aprendeu a realizar com gosto.

E a jovem devia ser mesmo trabalhadeira. Seu tio Ramiro, segundo conta, era um homem doente dos pés, tendo dificuldades de locomoção e trabalho. *Ele pelejava comigo pra vir pra dentro da casa dele, porque dentro da casa dele eu caçava, eu mariscava, eu fazia farinha mais as filhas dele, tudo*. O convite e insistência de Ramiro, tio paterno de Mariana e compadre de Regina, teriam sido um dos motivos que fizeram Mariana e sua mãe saírem, em 1944, do centro Duas Nações e voltarem para a casa dele, na margem.

Diversão de moça e namoro no seringal

Eu saía de madrugada – muitas ocasiões, quando eu queria ir a uma festa, eu saía de madrugada – três horas da madrugada, nós saíamos pra cortar. Tinha medo de sair cedo da noite, saía de madrugada; três horas da madrugada nós saíamos, com a poronga. Aí uma noite, uma madrugada, nós saímos três horas da madrugada. Aí tinha ido um colega meu, que era para nós voltarmos no outro dia, nós virmos pra festa, na casa do pai dele. Aí quando foi três horas da madrugada nós saímos pra ir cortar. Aí a mamãe tinha levado um menino, filho desse compadre [Miguel] *dela. Aí esse menino era pequeno, mas um pequeno já, já grandinho, que ele já andava bem nos caminhos. Aí de*

[18] Almeida, 1993 e comunicação pessoal.

madrugada o menino não queria andar, de maneira nenhuma! Aí era preciso eu levar o menino nas costas.

Aí quando nós estávamos com dez madeiras de corte, de seringa, aí uma onça começou a pisar perto de nós. Mas (risos) *nós não tinha medo! Eu levava uma espingarda de... uma espingarda 20, cartucho. E a mamãe levava o menino nas costas, um terçado na mão e outra espingarda de espoleta. Mas isso nós achava graça! O menino tinha medo que era uma coisa medonha! E nós dizia: – "Tá vendo: bem que nós dissemos que a mamãe não viesse, nós vinha só. Agora a mamãe com esse menino... Se essa onça se botar aqui pra nós..." Mas se botava não, que eram três pessoas grandes e o menino, duas porongas.*

Aí nós cortemos até o dia amanhecer; quando o dia amanheceu, aí nós viemos em casa, deixamos ela [a mãe] *mais o menino; aí fomos colher nós dois, eu e o menino* [o colega seringueiro]. *Nós levamos a espingarda; aí ela ficou em casa, lavou roupa, botou comida no fogo; colocou comida no fogo, quando nós chegamos estava tudo pronto. Aí nós comemos, colocamos o leite na bacia e fomos embora pra festa. Eram três horas de viagem pra margem. Aí nós viemos chegar na casa da festa era umas sete horas da noite. Noite de escuro! Só breu, sem, sem uma lamparina. Mas nós cheguemos na casa da festa, cheguemos. Aí o* [outro] *compadre dela, que era o pai desse rapazinho que andava mais nós: – "Meninos, por que vocês não atiraram? Não chamaram, não pediram luz?" Ora, tudo a batucada, violão, cavaquinho, tudo, lá escutava?!* (risos) (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Glosa V.7:

A festa com certeza estava animada! Nem só de trabalho vive a juventude do seringal. A mocinha trabalhadora gostava de dançar e não perdia oportunidade de ir a festas, mesmo que para isso precisasse caminhar horas na escuridão da mata. Este comportamento é comum nos seringais - posso afirmar que no Alto Juruá todos nós, antropólogos e sociólogos que lá desenvolvem pesquisas, já ouvimos histórias semelhantes. A vida social no seringal surge como bem diferente do que poderia ser imaginado por quem vive na cidade. Casas isoladas na solidão da floresta podem se juntar, por meio dessas caminhadas, em festas animadas.

É muito comum ouvir, em especial de pessoas mais maduras, de ambos os sexos, que elas não dançam. Muitas vezes já dançaram quando jovens e/ou solteiras, mas não o fazem mais; mais raramente, nunca dançaram. Numa festa sempre haverão essas duas categorias: pessoas que dançam e pessoas que não dançam. Por outro lado, pode parecer que as festas são um evento juvenil, o que também não é verdade: há jovens que não dançam, por acanhamento ou por convicção; e há pessoas de mais idade que não arredam o pé do salão! As festas assim são um evento multigeracional, comportando também meninos e meninas.

Já em 1898, o padre francês J. B. Parissier, viajando no rio Tejo, declarou-se impressionado com o gosto pela dança por parte dos moradores dos seringais, que não perdiam ocasiões como nascimentos, batismos, casamentos e a visita do padre - quando festas eram realizadas - e percorriam grandes distâncias para estar presente. Parissier narra uma festa ocorrida no barracão do patrão onde uma série de estilos de dança - "valsa, polka, quadrilha", provavelmente importadas do Nordeste - eram executados pelos presentes.[19]

Embora dona Regina não gostasse particularmente dessas ocasiões, mesmo porque não dançava, ela não se esquivava em "fazer os gostos" da filha. Tal como nas estradas de seringa, dona Regina sempre acompanhava Mariana nas festas, permanecendo sentada, olhando a filha dançar. Quando a festa estava animada, anunciando adentrar pela madrugada, e a jovem Mariana desejava permanecer no salão, a mãe, já cansada e com vontade de dormir, podia pedir a uma comadre presente que pastorasse a filha.

Esse cuidado, segundo dona Mariana, devia-se ao temor de que um rapaz ameaçasse alguma confusão por ter sido "canelado", isto é, recusado como parceiro de dança. Regra básica de etiqueta: a moça deve dançar com todo cavalheiro. "Canelar" um

rapaz e aceitar outro, pode ser um bom motivo para uma briga entre eles. – *"Se você anda canelando os cavalheiros, você não quer dançar. Está escolhendo cavalheiro? Assim, você vai dormir"*, podia sentenciar dona Regina, encerrando a noite de diversão da filha. A mãe, zelosa, observava o comportamento da filha, não querendo vê-la metida em confusão.

Glosa V.8:

Além do controle da geração mais velha sobre o comportamento das filhas - que aproveitam a ocasião para olhares discretos e namoros furtivos[20] - , quase sempre também estão no salão os irmãos da moça. Então há blocos de parentes nas festas e a "canelada" torna-se potencialmente um conflito entre grupos fraternos, quase nunca um ato individual de uma moça imprudente.

Radcliffe-Brown fala do princípio de solidariedade presente no grupo de *siblings*, isto é, a solidariedade presente num grupo de irmãs e irmãos de pais comuns - um grupo de descendência.[21] É essa idéia que tenho em mente ao falar em "grupo fraternos", no caso os irmãos da moça na festa que ameaça "canelar" um rapaz, ou os irmãos do rapaz "canelado" (não sendo relevante se os irmãos são ou não filhos dos mesmos pais - o que importa é que se reconheçam como "irmãos"). Em ambos os casos, o elemento externo ao grupo de irmãos é posto em relação a todos os seus componentes de uma mesma forma. Assim, a moça que "canela" um rapaz, "canela" todo os irmãos do rapaz; não só o rapaz é "canelado", mas todo o seu grupo de *siblings* assim se sente. Por outro lado, o rapaz por ventura preferido pela moça pode ver todo seu grupo de *siblings* hostilizado pelo grupo preterido.[22]

Mas a jovem Mariana não tinha o hábito de canelar os rapazes e homens que a convidavam para dançar; quando moça, conta, aceitava o convite dos cavalheiros, não se importando se o mesmo era velho ou novo, feio ou bonito. E gostava de dançar *agarrado*, isto é, *ligado mesmo. Podia ser velho como fosse, do jeito que eu gostava de um rapaz eu dançava com ele, eu dançava com qualquer outro rapaz!*

---

[19] Parissier, 1898.
[20] Cf. Martini, 1998, p.122-123.
[21] Consultar Radcliffe-Brown, 1973[1941].
[22] Sobre "grupos fraternos" no seringal, consultar Almeida, 1993, p.182.

Box 22: Dançando ao luar...

Dançando ao luar...

– *E a senhora ia pra festa também?*
– *Às vezes eu ia, mas não gostava muito não.* (risos)
– *A senhora não dançava não?*
– (risos)
– *Não dançava pouco, né?* (risos)
– (risos) *Às vezes eu dançava, não sabe? Eu dançava, mas eu nunca fui doida por festa não, sabe? Porque quando eu era moça, eu nunca dancei, nunca fiz festa. Ainda era ... eu era muito privada. Nós éramos muito privados; fomos criadas sem mãe. Aí o papai não deixava. Aí quando eu me casei com meu primeiro marido também, quando comecei a ver festa, eu tinha era vergonha. Já tinha dois filhos. Aí eu tive foi vergonha! O pessoal dançando agarrado com uma mulher assim. Neguinha, eu tive muita vergonha!*
– (risos)
– (risos) *(...) Aí quando eu me casei a segunda vez, com o pai desses meninos que eu tenho, desses outros aí, aí ele queria que eu dançasse, não sabe? Porque ele gostava muito de dançar. Ele queria que eu aprendesse dançar pra mim dançar também, pensando: – "Não sou velho e dançando com as damas dos outros!" – e eu não dançar.*

Aí quando era assim de noite de lua, lá em casa era tudo limpinho, o terreiro bem varridinho. Aí os meninos iam dormir, aí eu ia dançar mais ele no terreiro; ele assoviando, nós dançando – sozinhos nós no terreiro, vendo a lua. (risos) (Nilza Maria do Nascimento, a dona Maria Janoca, Restauração, 1998)

O quadro que vai aos poucos se delineando é o de Mariana como uma moça desinibida, falante e alegre, e que provavelmente tinha muitos conhecidos e conhecidas. Dona Mariana assim descreve a si mesma: – *Quando eu era nova, eu gostava muito de brincar, muito de conversar. (...) Eu, antigamente, eu pra conversar com uma pessoa, não precisava ser conhecido da minha pessoa, nós ser conhecido. Se eu conversasse bem com você, porque era conhecida, melhor com uma pessoa estranha – que eu queria saber da onde era, da vida daquela pessoa, da onde morava... eu perguntava tudo!* (risos) (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Tão festeira, tão conversadeira, Mariana foi uma moça que dançou, brincou e proseou muito na sua juventude. Namorou poucos rapazes, afirma, e nunca mais de um ao mesmo tempo. *Como eram os namoros na sua juventude?* – perguntei a dona Mariana.

Chegasse [o namorado] *na casa da minha mãe dia de domingo, eu saía, me sentava lá num banco, e lá nós conversava, nós brincava, prosava; mas não tinha esse negócio assim: porque eu namoro com meu namorado, eu saio daqui vou passear com ele acolá pra cima mais ele. Não tinha esse negócio não. E hoje, se vê, uma moça namora assim com rapaz, vai até pra uma festa mais ela, passa a noite por lá, de madrugada vem deixar na casa dos pais; mas no meu tempo não era desse jeito. (...)*

No meu tempo era difícil uma moça que namorava com um rapaz, que tinha dois, três namorados. Sempre que a gente namorava com rapaz, a gente só namorava só com aquele. Agora, quando a gente não queria mais, despachava: - "Eu não quero mais namorar com você, não gosto mais de você, por esse motivo assim, assim; vou procurar quem me convém." Era assim, no meu tempo; que no tempo que minhas filhas namoraram, também. (...)

Porque imaginava assim: a moça que namora muito, ela bagunça muito, então se talvez um rapaz que preste, rapaz que dá conta de uma mulher, tem vontade de casar com a gente, mas é bangunceira – namora hoje com um aqui, amanhã com outro acolá – não dá pra casar. Hoje em dia, não; hoje em dia, as coisas são tudo diferente: a moça namora com rapaz aqui, chega outro aqui, vai, entra pra uma festa mais ele... (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Lembremo-nos que Mariana era obediente a sua mãe, por quem tinha um grande respeito e afeto. Regina deve ter lhe aconselhado recato: muitos namorados, ou mais de um ao mesmo tempo, poderia levar a moça à fama de "bagunceira" e, em consequência, eliminar a possibilidade de casar-se com um rapaz trabalhador e responsável, isto é, que "desse conta" de uma esposa e filhos.

Quando moça, dona Mariana não saía a passeio sozinha. *Eu não andava em festa só, eu não passeava com ninguém, eu só andava com minha mãe; a minha companhia era ela. Aquilo era noite e dia; eu só dormia mais minha mãe e eu não saía pra passear com família nenhuma. A família que eu passeei na minha vida era da minha madrinha de batismo, que era mulher do meu tio* [Ramiro]*; eu passeava mais ela, mas pra ir pra festa eu nunca fui pra festa só."* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Glosa V.9:

Duas regras bem objetivas, portanto, se colocavam para a moça Mariana: passeios e festas, só com a mãe (ou, em alguns casos, com a madrinha); e não ver namorados fora de casa. O preço de infringir essas regras seria a pecha de "bagunceira", e o risco de ser preterida por um rapaz "que dê conta", isto é, um provável futuro bom marido. Há outras regras, como a de que moças e mulheres casadas não devem ir ao roçado sozinhas. Fazê-lo é levantar a suspeita, e falatório, de encontro com homem nas capoeiras.

Festas e passeios – nessas ocasiões de lazer, portanto, a jovem Mariana nunca estava sozinha. Namorar? Em casa, nunca pelos caminhos e varadouros. Aos domingos, Mariana e sua mãe costumavam passear na casa de algum conhecido vizinho, ou de outras moças da vizinhança, amigas da filha, onde podiam almoçar ou degustar uma garapa. Ainda nos domingos, a sede do seringal e o barracão podiam ser espaços de diversão bem concorridos. Seringueiros de diversas colocações reuniam-se para beber e conversar com os amigos, para fazer compras no barracão e também para olhar e, quem sabe, aproximar-se das moças.

Mariana era uma moça vaidosa, gostava de perfumes, batons e rouges. Provavelmente, nessas ocasiões dominicais, estava bem vestida e vistosa. Acompanhadas pela mãe ou pela madrinha, ela e as primas Nazaré e Neném iam até o barracão comprar artigos de luxo. Lá chegando, Mariana gastava seu saldo de seringueira como queria, e oferecia as primas e rapazes de sua preferência uma diversão especial.

Ah, eu fazia muito estrago quando era moça! Eu era que nem esses rapazes estragados hoje em dia, viu? Eu fazia muito estrago: eu comprava bebida pr'aqueles rapazes que eu namorava com eles, roupa, perfume, tudo eu comprava. (...) Aquele rapaz que eu namorava com ele, gostava dele, eu fazia farra que nem esses outros, que nem os rapazes, do mesmo jeito. Quando eu ia pro barracão mais as minhas primas, chegava lá nós fazíamos bebedeira de bebida doce[23]*, bombom, biscoito, goiabada* (risos)*, do mesmo jeito que os homens fazem! Eu fazia mais as minhas primas.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 27/06/1998)

Glosa V.10:

Esta imagem é fantástica! Da mesma forma que os rapazes, também as jovens seringueiras faziam as suas "farras" no barracão, que transformava-se num espaço de diversão e consumo conspícuo. A jovem Mariana e as primas da mesma idade - todas em torno dos 15 anos - chegavam no barracão e, no balcão, compravam artigos não consumidos no dia-a-dia: biscoitos, "bebidas doces", balas e outros doces. Certamente riam muito entre si, proseavam com os rapazes, faziam charme e convidavam os amigos e/ou namorados para participar do banquete, que ocorria no balcão mesmo ou na varanda em frente ao barracão, ou ainda em casas vizinhas e talvez numa hospedaria.

Estas ocasiões eram também de exibição de dotes e capacidades. Mariana, por exemplo, comprava na sua conta e com o fruto de seus próprios esforços, e não, por exemplo, na conta do tio. Se comprava era porque tinha crédito; se endividava-se, era porque tinha como pagar. Situações como essas podem conferir prestígio e fama de trabalhadora.

Quando indagada sobre seus namorados, dona Mariana falou primeiro de um rapaz de quem foi noiva por um ano, Francisco Cavalcante, mas com quem rompeu após sabê-lo beijando uma mulher, sua conhecida e comadre da mãe. Depois, "gostou" de Abel e namorou com ele por mais de um ano. Abel era um *aviado*[24] do patrão Zé Mourão e que morava há três horas de distância, na margem. Viam-se a cada quinze dias, quando

[23] Trata-se de um vinho doce e de baixo teor alcoólico, que em outras entrevistas é chamado de "Moscatel".
[24] "Aviado", ou "patrão aviado", estava subordinado ao patrão do seringal, no caso Zé Mourão, e podia gerenciar um "depósito". O aviado, em geral, não ganhava pela renda das estradas de seringa (a não ser que

ia com a mãe passear na margem, ou Abel vinha tratar de negócios nas colocações de centro do seringal. Apesar da mãe apoiar o casório, Mariana viu que *não dava positivo pra eu me casar com ele*: deu-se conta de que perdera o "amor" que tinha a ele.

Namorou então um soldado por nome Marçal, que queria com ela se casar. Regina, a mãe, contudo, não era de acordo e alertou a filha: – *"Minha filha, você não queira casar com aquele rapaz. Ele morou com uma conterrânea dele, uma branca que nem ele, e ele deixou ela; e você casa com ele, amanhã ou depois ele lhe deixa, como ele deixou a colega dele – ele lhe deixa que você é cabocla!"* Ainda namorou um primo, um caboclo, mas que também não agradou sua mãe, que via com desconfiança o mal comportamento do rapaz para com os pais: – *"Quem não ama pai e mãe, minha filha, não ama mais ninguém"*, dizia Regina.

Mariana era o único arrimo do grupo doméstico e a única "parente" da mãe: se o rapaz tratava mal os pais, era grande o risco de que viesse a fazer o mesmo com a sogra; Regina perderia então o forte vínculo, afetivo e material, que mantinha com a filha.

Glosa V.11:

Bons motivos para uma moça, de seu ponto de vista, não casar com um rapaz:
(a) ele ser namorador ou trair a namorada/noiva; e
(b) não sentir amor por ele.

Agora, bons motivos para uma mãe não querer que a filha se case com um rapaz:
(a) histórico de abandono da primeira esposa;
(b) desrespeito e desamor para com os pais; e
(c) consequente possível desrespeito com a sogra, desamparando-a materialmente.

Um bom motivo para uma mãe desejar o casamento da filha com um rapaz:
(a) ser ele trabalhador e com condições materiais para dar conta da esposa e da sogra.

Finalmente, um bom motivo para uma moça desejar casar-se com um rapaz:
(a) ter amor por ele.

Pergunta: serão essas diferentes motivações conciliáveis entre si? Ou não passíveis de erro? Aguardemos o andamento da narrativa...

---

fosse encarregado de cobrar renda e houvesse uma cláusula contratutal de porcentagem sobre a renda arrecadada), mas ganhava porcentagem sobre as mercadorias que revendia aos seringueiros.

Regina não teve que se preocupar com o namorado que não amava seus próprios pais: Mariana logo o trocou pelo homem de quem ficou noiva e que, com a aprovação da mãe, seria seu primeiro marido: Raimundo Alves Leitão. Isso aconteceu em 1946.

Milton (rio Jordão, 1936-1951)

O menino Milton

Batizado Milton Gomes da Silva, o menino nasceu no dia 22 de março de 1936 na colocação Jurema, em igarapé do mesmo nome, no seringal Bonfim. [Mapa 8] É o terceiro filho de Raimunda Gomes da Conceição e Pedro Lourenço da Silva, o caboclo Pedro Tibúrcio, mas logo ficou orfão de pai. Em suas memórias, seu Milton não tem lembrança do pai, sabendo dele, e seus contemporâneos, através de sua mãe e, posteriormente, de sua sogra Regina.

– *Ele* [Pedro Tibúrcio] *foi pego numa correria desse Raimundo Tibúrcio,* [que] *andava fazendo uma correria pra um patrão por nome de Cajazeira. E foi quem fez a correria, e eu acho que por milagre pegaram ele, porque mataram os outros índios tudo e deixaram ele. Trouxeram. Acho que se engraçaram dele, talvez, ou era pra deixar a geração. Sempre acontece as coisas: quando Deus manda uma coisa, sempre acontece uma coisa de deixar um pra ficar a história. Então de lá do Envira veio pra Tarauacá, o rio Tarauacá, cá em cima; foi o tempo que ele cresceu e veio embora pro Jordão.* [Mapa 5]

– *Ele cresceu a onde? Na companhia desse homem que pegou ele?*

– *Cresceu na companhia desse Tibúrcio. Pois bem, aí quando ele trabalhou com o velho Nascimento – que foi meu sogro – trabalhou muitos anos no* [seringal] *Jardim, neste tempo meu sogro morava no Jardim, trabalhou com ele muitos anos por lá. (...)*

Trabalhou de meeiro, cortando seringa, fazendo a metade da borracha pro velho Nascimento e metade pra ele. Empregado, né?, vamos dizer.[25]

E aí quando ele [Pedro Tibúrcio] *já tinha trabalhado muito tempo, foi o tempo que minha mãe morava aqui no Breu, que foi casada com um homem chamado Manuel. (...)* [Mapa de Parentesco 4] *E aí por lá o marido dela deixou ela, e meu pai estava pra lá – não sei que viagem ele tinha ido fazer pra lá. E aí ela falou com ele pra voltar com ela pro Jordão, que a terra dela era lá, moravam os pais dela, os irmãos dela. Ele foi e trouxe. Aí quando chegou aqui – acho que em viagem ela se agradou dele já – quando chegou aqui começaram a se namorar, aí se juntaram.*

Ela conta a história que passou parece que cinco anos com ele. Inteirados esses cinco anos ela teve três filhos dele: era eu, o Sebastião e uma mulher por nome de Francisca, essa é falecida. Pois bem, aí ele chegou a falecer, pegou uma gripe, ele pegou uma pneumonia, dessa pneumonia chegou a falecer. Não cheguei a conhecer ele, fiquei muito novinho. (...) Pois bem, mas voltando só um pouquinho, que eu sempre, aqui e acolá eu tenho esse negócio de voltar a história...

Ele teve antes disso...a finada Regina, mãe da Mariana, que morava, trabalhava com o velho Nascimento também, por lá e junto; aí ele teve junto com a mãe da Mariana – meu pai, não sabe? Foi junto com a mãe da Mariana, da minha mulher. É, foi junto com ele; só não teve filho com ela. [Mapa de Parentesco 6]

– Mas ela não era junto com Nascimento?

---

[25] Há, no interior dos seringais e colocações, relações de trabalho de seringueiro para seringueiro. São os "meeiros" e os "empregados". Os meeiros trabalham junto com o chefe da casa – em geral na produção de borracha – e têm direito à metade da produção total. Os empregados podem trabalhar em diversas outras atividades, como a caça e nos roçados, e sua remuneração pode ser previamente acertada em quilos de borracha ou em dinheiro, frequentemente convertidos em mercadorias. Meeiros e empregados podem ser parentes do chefe da casa.

– Não, não. Ela vivia com o velho Nascimento, o velho Nascimento tinha a mulher dele, não sabe?[26] *Só que a mulher dele era uma mulher muito doente e aí foi e pegou e levou a finada Regina, minha sogra – que faleceu mas foi minha sogra – levou ela pra dentro de casa pra que o marido dela não andasse atrás de outras mulheres. (...) Uma cabocla pra servir de mulher pra ele, não se importava com a vida dele, que ela não podia ter relação com o marido, não sabe? E pra ela não ver o marido dela andar com outras mulheres, ou às vezes tinha o perigo, porque mulher era difícil, né? E ele ir atrás de outra mulher que tivesse um homem e ser perigo a vida dele – e puxou a cabocla pra dentro de casa. (...) Justamente foi como o velho Nascimento chegou a arrumar a Mariana. Pois bem, mas já nesse tempo já ela não estava mais meu pai já, ela estava só. (...)*

– Que ano que seu pai faleceu seu Milton?

– Não sei, Mariana, só a mamãe pode dizer porque acho que ela deve saber bem. Não sei quantos anos, em que época ele chegou a falecer. Pois bem, e aí me criei pela mão dos outros. Depois disso, passado um tempo, a mamãe se juntou-se com um homem por nome de Miguel, cearense. Aí passou um tempo, ela deixou, juntou-se com o meu padrinho Meruoca, que foi quem me criou, um cearense, meruocano ele, da Serra da Meuroca. [Mapa de Parentesco 4] *E aí eu cresci...*

– Que idade o senhor tinha quando ela se ajuntou com seu padrinho?

– Ah... eu acho que... eu acho que pelo menos eu tinha seis anos, por aí assim; era mais ou menos. Porque o meu pai morreu parece que eu estava com quatro anos de nascido. Não me lembro dele. Aí do finado Miguel tenho uma lembrança muito pouca. Mas do

---

[26] Chamo atenção para o esclarecimento conceitual que seu Milton faz, e que é corroborado pelos depoimentos de dona Mariana: o velho Nascimento e dona Regina não foram "juntos", ou seja, não se tratou de uma relação de marido e mulher sob forma de ajuntamento; dona Regina nunca foi esposa ou "junta" com o velho Nascimento; a relação de Regina era com Nazaré, a dona da casa, e era em virtude

meu padrinho não, eu sei contar toda a história dele porque eu convivi já estava grandinho. (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Glosa V.12:

Nesta narrativa de rememoração de fatos não presenciados e sabidos através de terceiros, há vários pontos interessantes que gostaria de ressaltar:

Em primeiro lugar, a afirmação de que dona Regina e Pedro Tibúrcio teriam sido pegos no mesmo rio Envira e em correrias patrocinadas pelo mesmo patrão Cajazeira. Dona Raimunda, viúva de Pedro, também o afirma proveniente do Envira, mas quanto ao patrão Cajazeira não há outras fontes que afirmem o mesmo. Parece-me que esta associação foi *a posteriori* estabelecida por seu Milton, já que Pedro Tibúrcio e dona Regina vieram realmente a ter contato e estabelecer algum vínculo.

O segundo ponto está interconectado a este primeiro, qual seja: a presença de uma rede de relações cuja aparência é de um rizoma [Mapa de parentesco 6]. Em sua configuração participam fatos históricos, rememorados e imaginados. Dona Regina e Pedro teriam sido capturados pelo mesmo patrão e ambos vieram para o Jordão; lá, Pedro trabalhou como empregado para o velho Nascimento; ainda no Jordão Pedro e dona Regina viveram juntos por alguns poucos meses; depois dona Regina veio a viver na casa do mesmo velho Nascimento, de quem engravidou: nasceu Mariana, que viria a se casar, mas não pela primeira vez, com Milton, filho de Pedro já falecido.

Um terceiro ponto seria a própria memória narrativa, que não é linear, vai e volta, tira e acrescenta; cria versões, fatos e suposições. Basta comparar a narrativa de seu Milton com a de dona Raimunda sobre sua união com Pedro Tibúrcio: ela em nenhum momento afirma que "se agradou" dele. As narrativas também, por outro lado, consolidam uma memória familiar consensual sobre eventos e pessoas, como é o caso do relacionamento consentido de dona Regina com o velho Nascimento. Mas não se deve cobrar delas precisão temporal. Mesmo cruzando fontes, tive bastante dificuldade em estabelecer a idade que seu Milton teria quando Pedro Tibúrcio morreu, o que deve ter ocorrido em 1937. Neste ano, seu Milton teria entre um e dois anos, pois nascera em 1936 (data esta estabelecida a partir de novos cruzamentos de fontes). Mas ele estima que era alguns anos mais velho. Quem tem razão?[27]

Dona Raimunda deixou Miguel por desgostar da forma como ele tratava seus filhos das uniões anteriores – Álbia, Milton e Sebastião. Contudo, seu Milton tem deste companheiro de sua mãe *uma lembrança muito pouca*, não mencionando maltratos. Seu Milton lembra, contudo, do dia em que se mudaram (ele, a mãe e os irmãos, com Miguel

dessa relação, e com o consentimento de Nazaré, que Regina servia sexualmente de mulher ao velho Nascimento.

Pinto) para a colocação de centro Água Fria, no seringal Bonfim: menino pequeno, ele foi transportado dentro de um jamaxi. Em 1941, quando a mãe encontrou Raimundo Pereira da Silva, o Meruoca, e com ele passou a viver, o menino Milton estava com cinco anos de idade.

Seguindo as normas de respeito para com os mais velhos, a madrinha de Raimunda aconselhou: – *"Ô, Raimunda, manda esses meninos passar fogo com o Meruoca pra ele ser ao menos padrinho, os meninos chamarem ao menos de padrinho."* Ao amanhecer, ao invés de darem "boa dia", os meninos Milton e Sebastião tomavam a benção: – *Bença, padrinho.*

Glosa V.13:

A benção é uma regra de etiqueta e da boa educação vigente até hoje nos seringais. Seu Milton explica que, nos tempos antigos, as crianças tomavam a benção não só de seus pais e tios, mas também do padre, padrinhos e madrinhas, e também de pessoas mais velhas em geral. Esta seria uma diferença dos tempos atuais: era comum chegar uma visita em casa, uma pessoa de mais idade ou de fora do seringal, e os pais orientarem os filhos a tomarem a benção. Pedir a benção é reconhecer algum tipo de ascendência da pessoa a quem se pede. É uma deferência, um sinal de respeito, a quem sabe mais, tem mais experiência. A relação que então se estabelece pelo parentesco ritual do apadrinhamento, coroada pela benção, é a de obrigações e responsabilidades mútuas; instaura parentesco e estabelece os termos possíveis e impossíveis da afetividade.

No seringal, há inúmeras regras que orientam o trato mútuo e o comportamento das pessoas. Jamais se deve cruzar a frente de pessoas que conversam; ao chegar numa casa deve-se "dar as horas" ("bom dia", "boa" [tarde]); nunca se deve entrar numa casa até ser convidado com um "suba"; caso estiver armado com uma faca ou terçado, é conveniente deixar a arma do lado de fora da casa, ou na fronteira, enfiada entre as palhas da cobertura da entrada da casa - a etiqueta no seringal é super-valorizada!

Milton morava com a mãe, padrinho e irmãos numa casa de paredes de paxiúba (isto é, feitas da casca de uma palmeira) e coberta de palhas – tradicional residência

[27] Adotei 1936 como data de nascimento de seu Milton. Analisando os eventos posteriores no tempo (união de Raimunda com Miguel Pinto e, em 1941, com Raimundo Meruoca), a situação teria que ser justamente esta: seu Milton nasceu em março de 1936, seu pai faleceu em abril de 1937.

seringueira – com sala, quarto e cozinha.[28] Não tinham luxo em casa, como uma eletrola. Sua mãe criava galinhas no terreiro e o padrinho cuidava que sempre tivessem um capado sendo engordado para abastecer a casa com banha. Viviam modestamente – e com dignidade. Seu Milton lembra que possuía dois "calçãozinhos" para trabalhar e brincar, e uma roupa mais aprumada para passear; seus sapatos eram "tamancos" comprados no barracão pelo padrinho, ou então sapatos de seringa, moldados em casa mesmo com látex em uma fôrma de madeira.

Era um menino obediente, mas nem por isso menos arteiro do que os de sua idade. Gostava de traquinagens, mas sempre fora de casa, no terreiro, brincando nas capoeiras com os irmãos, construindo *tapiris.*[29] A um chamado da mãe nunca deixou de atender, mesmo que para apanhar!

Em sua memória de infância, seu Milton tem o registro de tempos difíceis para os seringueiros dos altos rios. Naquela época, lembra, o turco Salomão, patrão do seringal Bonfim, era capaz de oferecer uma festa aos seus seringueiros para comemorar qualquer subida no preço da borracha, mesmo que irrisória.

– A crise era grande não era porque o pessoal não fizesse muita borracha não, que o pessoal faziam muita borracha nesse tempo – cearense, tinha muito cearense que fazia muita borracha. Só que a borracha não dava nada e a crise era grande. Você vê que na época que eu cheguei a me entender, meu padrinho comprava meio saco de sal e aquilo ali ele tirava o sal, quando lavava aquele saco – pra aproveitar o sal, ele lavava – aí a minha mãe botava na panela pra ferver, pra tirar aquele sujo; aí botava nas garrafas:

[28] Sobre a tecnologia de construção de casas no seringal, consultar verbete da "Enciclopédia da Floresta", Carneiro da Cunha & Almeida, 2001.

quatro, cinco garrafas cheia daquela água de sal, pra não perder. (...) Eu era menino. Me lembro muito: meu padrinho matava uma caça, amoquear uma banda pra economizar o sal, porque (...) não tinha sal nos barracões. O sal era de mixaria. Porque você vê que hoje o sal ainda é barato, né?, avalie nessa época?! Sal era nada.

– E não tinha mercadoria?

– E não tinha, não tinha nos barracões. Tinha outros tipos de mercadoria, mas sal, essas coisas de estiva, eles não se interessavam muito em trazer porque não adiantava quase nada, né? Que nem o sal é uma: é só peso, né? (...) Pois bem, eu me lembro de meu padrinho comprar fósforo e abrir uma caixa de fósforo no meio e fazer duas de uma; de uma caixa de fósforo fazer duas porque pra economizar. Meu padrinho cansou de cortar rolo de pracuúba assim deste tamanho pra botar no fogo que era pra ... economizar o palito, que ali, no outro dia já tinha o fogo. Isso aqui eu conto da antigüidade, do tempo que eu era pequeno e me lembro muito bem – é essas coisas.

Hoje o pessoal diz: –"Hoje a coisa está ruim." Não está ruim nada, graças a Deus nós hoje estamos na riqueza; e isso eu digo de peito lavado porque estamos! Porque eu me lembro é de muito, quando era menino, dormia numa rede fundada, rede de mescla; ou quando era de mescla ou então de jofre, aquela redinha fundada [remendada no fundo] *(...) Aí quando batia esses frios a gente só faltava morrer de frio embrulhado com um lençolzinho às vezes de jofre, ou de alfacinha, que nesse tempo tinha esse tipo de fazenda, que nem hoje não existe mais; tem as fazendas, por mais ruim que sejam mas ainda tem umas fazendas melhores. Pois bem, o que eu conto desse tempo, Mariana, as pobrezas eram desse jeito. (...)*

---

[29] Crianças constróem pequenas casas ("tapiris"), onde podem brincar de casa, trazendo "caça" (passarinhos) para o tapiri, para que a "mulher" faça a comida. Muitas brincadeiras de seringal são

– Dormia no escuro? Como é que fazia pra dormir?

– A borracha não dava nada. Meu padrinho cansou de derrubar pau pra tirar abelha pra fazer aquelas ceras, as velas de ceras de abelha pra nós se alumiar; ajuntar castanha de andiroba pra acender, pra fazer luz pra nós se alumiar. Mas não é porque as condições dele fossem poucas não, porque ele trabalhava – pouco sim, mas eu sei que dava. O negócio é que tudo era difícil – mercadoria – tudo era difícil. (...)(Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

Glosa V.14:

A narrativa de seu Milton fala de uma situação curiosa e já tratada no Capítulo II desta tese: há patrões, seringueiros, produção de borracha, mas escassez de mercadorias. As mercadorias de estiva (como sacas de sal) vinham em pouca quantidade nas embarcações movidas a remo ou no varejão. O patrão avaliava se compensava o esforço: o sal, por exemplo, era pesado e com um valor de venda baixíssimo.

A crise econômica, observe-se, não provocou uma debandada para fora dos seringais. Meruoca e Raimunda implementaram uma série de medidas de economia: o sal - artigo barato e que raramente falta numa casa - teve seu uso otimizado; os fósforos foram multiplicados e combustíveis mais duráveis foram utilizados no fogão a lenha; à noite, para não dormir no escuro, velas de cera de abelha foram confeccionadas e a andiroba também foi usada; a rede, na impossibilidade de comprar uma nova, foi reformada. A adoção desses e outros expedientes também está gravada na memória de dona Mariana e de outros moradores mais antigos do seringal.

Mesmo com barracões pobremente abastecidos com mercadorias de estiva e patrões enfraquecidos, os seringais continuaram em atividade, produzindo menos borracha, mas incrementando outras atividades, como agricultura, pesca e caça. A borracha permaneceu sendo produzida porque, fora do mercado, os seringueiros produziam os bens que precisavam para viver, em especial o alimento (farinha, açucar, caça etc). Sendo assim, podiam produzir menos borracha, que já não seria utilizada para adquirir bens básicos (como farinha e jabá), mas insumos (como sal para conservar a carne de caça) e bens industrializados, como as ferramentas de trabalho. Com isso, a economia local e doméstica se diversificou internamente.[30]

antecipações da rotina dos adultos: viagens de canoa ou de batelão, casinhas ou tapiris, caçadas...

[30] Consultar Almeida, 1993.

Seringueiro mirim

Alguns poucos anos depois, Milton já mais crescidinho, a realidade da borracha havia melhorado sensivelmente, e as lembranças deslocam-se para o aprendizado do corte da seringa. Nesta época, sua mãe, embora casada, continuava a cortar seringa. O padrinho Meruoca cortava e era o titular da conta no barracão, sua produção bastando para comprar as mercadorias de estiva e pagar a renda. Mas Raimunda cortava voltas de estrada, para comprar outros artigos: redes, pano para fazer roupas, linha, agulha e apetrechos de costura, e coisas assim. Milton, o filho mais velho, começou a acompanhá-la no corte, primeiro brincando e, em meio à diversão, iniciando-se no ofício de seringueiro – que é coisa séria!

Narrativa 1:

– Quem me ensinou a cortar foi minha mãe; quando ela cortava seringa, aí com nove anos de idade...com oito anos de idade eu comecei a andar mais ela na estrada.

– Oito anos completos?

– Oito anos completos, sim. Comecei a andar mais ela na estrada, andando com um terçado velho na mão. Aí no segundo ano que ela cortava seringa, aí eu... ela já me deu, comprou um pé de faca, me deu pra eu aprender a cortar seringa.

Aí eu era muito novo, não tinha costume com seringa, eu comecei a cortar e só cortava azunhando, que nem onça, na seringa. Aí vários dias ela sempre pegava na minha mão e dizia: – "Você, a gente corta assim desse jeito." E eu às vezes aprumava e às vezes desaprumava, saía riscando.

Aí quando foi um dia ela foi olhar se eu – "cadê, já cortou sua arriação?" –, eu disse: – "Já." Ela foi lá: estava tudo riscado; ela tomou o pé de faca da minha mão e

tacou na minha cabeça: - "Aprenda a cortar, seu cachorrinho, por que você não aprende a cortar?" (risos) *Aí* (risos) *... aí eu saí chorando. Aí eu fiquei com medo de apanhar de novo, sempre eu praticava pra ver se aprumava; às vezes fazia volta, mas até que apru ... que aprendi. Por isso quem me ensinou a cortar foi ela.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

Narrativa 2:

– Quando eu tinha oito anos de idade eu não cortava, só andava atrás dela com uma espingardazinha de [?] *de mamão.*[31] *Era. Aí com nove anos de idade, aí eu, ela – eu andava puxando um terçadozinho da ponta fina atrás dela, e ela inventou de comprar um pé de faca. Ainda hoje eu me lembro a seringa que ela me deu...* [interrupção, pois dona Mariana liga o rádio muito alto]

Pois bem, como eu ia dizendo, eu estava cortando uma seringa – sempre ela me ensinava, sempre ela me ensinava cortar, e eu não queria... minha mão não aprumava direito, só era riscando. Até que um dia ela tomou o pé de faca da minha mão e tacou na minha cabeça: - "Tá aqui, seu corno, você não aprende a cortar não? Aprenda a cortar! Você não tá vendo como é que eu corto?" [dona Raimunda rindo] *Aí eu saí chorando com o pézinho de faca na mão.* [seu Milton em tom de brincadeira, dona Raimunda rindo]

– A sra. lembra disso? [pergunto para dona Raimunda.]

– Lembro [responde dona Raimunda]. (Entrevista com seu Milton, dona Mariana e dona Raimunda, Cruzeiro do Sul, 25/07/1998)

[31] Provavelmente uma espingardazinha feita de talo de mamão, que é oco.

Narrativa 3:

– *Com nove anos eu comecei a cortar, já mais a senhora. No primeiro ano eu andava mais a senhora, mas eu não cortava, eu me lembro bem: andava só com um terçadinho na mão...*

– *Você cortou seringa já tinha bem dez anos* [responde dona Raimunda].

– *Foi. Mas no primeiro ano eu não cortei.*

– *Pois bem. Eu me lembro que você era pequeno* [dirigindo-se a mim] *que a arma que ele carregava era uma espingardazinha de pau assim, atirando nas borboletas e nos capão – eu faço o cálculo que ele não era esses grandes, não era?*

– *Não, ele era pequenininho.* [respondo eu].

– *Sete ou oito anos, por aí.* [emenda seu Milton].

– *Eu ia na frente e ele atrás de mim; aqui e acolá eu escutava ele fazer "pou", atirando nas borboletas*...(Entrevista com seu Milton e dona Raimunda, revendo dados do projeto de doutorado, Foz do Tejo, janeiro de 1996)

Glosa V.15:

Três curtas narrativas, trechos de entrevistas onde seu Milton recorda seus tenros tempos de seringueiro. A mãe estava presente em duas ocasiões (de entrevista), permitindo uma "acareação" de versões e lembranças. Porém, essas não são significativamente diferentes. Com excessão de alguns detalhes - como idade - a estrutura das narrativas é a mesma: um tempo em que seu Milton só acompanhava a mãe, brincando de caçar borboletas com sua espingarda de criança; um tempo em que ganha um pé-de-faca e a mãe começa a treiná-lo; e quando apanha da mãe pela falta de atenção ou habilidade. A partir daí, o menino aprende a cortar.[32]

Receber seu primeiro pé-de-faca, um instrumento de trabalho, encerra valor simbólico no ciclo de vida dos meninos de seringal, marcando uma passagem ritual: o início do aprendizado do ofício de seringueiro e da participação na geração da renda doméstica (não só na seringa, mas também no roçado e nas atividades de pesca), que se consolida quando o menino passa a rapaz, em geral assumindo a produção de borracha da casa.

[32] Esse recurso didático – um castigo com o instrumento de trabalho e um insulto – era muito característico nos seringais, embora soem bem inadequados nos dias de hoje e na cidade.

Milton só foi tomar conta do corte de seringa mais tarde, já rapaz. Mas, e a caçar e outros serviços, quem ensinou o menino? A mãe e o padrinho Meruoca foram seus professores. Se na seringa, a primeira mestra foi Raimunda, na agricultura a excelência era do padrinho, um agricultor dedicado.[33] Com ele, Milton aprendeu a plantar e cuidar de um roçado. O padrinho plantava cana, para fazer açucar e alimentar os filhos e enteados. Também cultivava o café, que tanto gostava de degustar, e tinha sua plantação de tabaco para garantir o *vício*[34] do fumo. Frutas como banana e mamão, além da roça para fazer farinha, eram presença obrigatória no roçado.

– E o seu padrinho, qual lembrança que o senhor tem dele assim? Ele era bom pra vocês, ele cuidava de vocês?

– Ele era muito bom, soube criar nós, graças a Deus. Se ele não aceitava alguma vez, porque merecia, né? Mas ele foi um cara que me criou, soube me criar, soube me dar educação doméstica, como se diz, saber tratar as pessoa. Ainda hoje eu tenho isso comigo: sou humilde porque isso foi o que ele me ensinou, que não adiantava a pessoa ser valente, ser estúpido, não saber o que era uma regra de viver, não é?[35] *Graças a Deus eu recebi uma educação muito boa. E convivi com ele até a idade dos 16 anos, que foi com 16 anos completos, dentro dos 17, por inxirimento arrumei família.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

---

[33] Que fique claro que Meruoca cortava seringa, e era o titular da conta no barracão. Raimunda cortava para ajudar nas despesas da casa, e foi com ela que o filho Milton iniciou-se no ofício de seringueiro. Meruoca, por outro lado, como testemunham os que com ele conviveram, era melhor agricultor do que seringueiro: enquanto sua produção de borracha era modesta (menos de quinhentos quilos anuais), seus roçados eram diversificados e fartos. Por outro lado, como será logo visto, Meruoca deve ter parado de cortar, ou diminuído sua dedicação a seringa, assim que Milton formou-se como "rapaz".

[34] Há mercadorias que são classificadas como "vício", caso do tabaco e do álcool: são de uso ocasional e não imprescindível, embora esta classificação não seja consensual (cf. Almeida, 1993, p.120). No caso de Meruoca, ele mesmo plantava o tabaco que consumia.

[35] Chamo atenção que esta memória da educação recebida do padrinho vai de encontro a fama que os cearenses têm de "valente" (veja-se as rixas de família, por exemplo). Poder-se-ia talvez pensar em dois

Outros ensinamentos de valor, portanto, o saudoso padrinho deu ao menino. Meruoca, de acordo com as memórias de seu Milton, nunca fez diferença entre os filhos legítimos e os afilhados: tratava todos da mesma forma, e nunca fez "ruindade" com nenhum deles. A ele seu Milton atribui a boa "educação doméstica" que recebeu e o aprendizado de uma forma de viver honesta e humilde.

Rapaz calado e trabalhador

Com a mãe, Milton aprendeu a cortar e também chegou a caçar, mas seu grande professor nas ciências da mata e dos animais foi seu padrinho Meruoca. Por volta dos dez anos de idade, Milton pedia ao padrinho que o levasse com ele para mata; Meruoca resistia, o afilhado parecia-lhe ainda pequeno; mas dona Raimunda, a mãe, incentivava: – *Leve!* E assim foi indo... Com o tempo, Milton tornou-se um especialista!

Pois bem, aí eu ia mais ele [padrinho Meruoca] *mas não andava com a espingarda; andava só atrás dele. Às vezes ele matava um bichinho, embiara, ele dava pra eu levar, e eu ficava muito satisfeito porque ia levar aquela ... um jacú às vezes, ou qualquer ... uma nambú. E aí comecei a andar, comecei a andar.*

Quando foi nos dois anos que eu andava já mais ele, aí ele comprou uma espingarda de espoleta pra mim. Aí eu já cortava uma voltinha de estrada sozinho; aí eu já confiado que eu tinha uma espingarda, ele comprou uma faca também pra mim – nesse tempo vinham as facas pra vender nos barracões, que ainda hoje vem. Aí eu andava na mata já sozinho, cortava uma voltinha de estrada com quarenta seringas, aí fui começando a trabalhar. (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

---

ethos de "regras de viver", um onde a honra pessoal é exacerbada e outro marcado pela humildade – além de combinações entre esses dois *ethos* dependendo da situação colocada.

Com pouco mais de dez anos, adentrando na puberdade, Milton foi aos poucos se formando como um rapazinho trabalhador. Já cortava seringa com maior desenvoltura, ganhou uma faca nova e ensaiava suas primeiras caçadas. Também aprimorava seus conhecimentos de agricultura. Desde menino, seu padrinho instruía ele e a irmã Álbia a manejar o terçado e a enxada para limpar um roçado. Como Meruoca era um excelente agricultor, com o tempo, ajudando-o e prestando atenção no trabalho e nos ensinamentos do padrinho, Milton foi aprendendo as técnicas e conhecimentos necessários para colocar roçados e bem cultivá-los.[36]

Aos cartorze anos, já um rapaz formado[37], Milton começou a tomar de conta do corte da seringa.[38] Era com ele que o padrinho e a mãe podiam contar para a produção de borracha na colocação: Manuel, cujo pai era Miguel, ex-companheiro de Raimunda, e Francisco, primeiro filho que ela teve com Meruoca, faleceram ainda meninos, num curto intervalo entre uma morte e outra. Francisco chegou a andar na estrada com Milton. O outro irmão de Milton, Sebastião, com o tempo manifestou sintomas de epilepsia e não podia andar sozinho na mata. A irmã mais velha Álbia ajudava a mãe em casa e com os irmãos menores. [Mapa de Parentesco 4] Assim, o rapaz Milton em geral ia só para a mata.

Milton cortava duas estradas, embora a colocação tivesse cinco. Os depoimentos de seu Milton revelam que sua produção de borracha no tempo de solteiro sempre girou

[36] Não foi à toa, portanto, que seu Milton foi o principal colaborador do verbete sobre "agricultura" na "Enciclopédia da Floresta", Carneiro da Cunha & Almeida, 2001.

[37] "Formado" significa aqui já púbere mas também capaz de trabalhar. Andréa Martini observa que um "menino" pode passar a "rapaz" mais cedo se sua mãe enviúva ou é abandonada pelo marido, e o filho tem que assumir progressiva e rapidamente as tarefas do chefe da casa. Cf. Martini, 1998, p.121.

[38] Isto é, aos poucos foi assumindo o papel de seringueiro e produtor de borracha da casa, substituindo seu padrinho. Essa transição – onde filhos rapazes substituem o pai no corte da seringa, liberando-o para outras atividades, como os roçados – é parte do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. Veremos que o mesmo aconteceu, quase vinte anos depois, entre seu Milton e seus filhos.

em torno de quinhentos quilos anuais.[39] Rapaz e solteiro, Milton trabalhava para o padrinho, isto é, na conta que o padrinho mantinha junto ao barracão do patrão Salomão, por meio da qual ele (o padrinho) comprava mercadorias, vendia borracha e pagava a renda.

– *Eu fazia borracha e a conta era dele mesmo. E é, fazia de conta: você estando dentro de casa o que você faz, quando era pequeno, que fazia, não era do seu pai mais da sua mãe? Assim eu acho que era, não sei; sei que nós pelo menos era assim: quando a gente é pequeno, o que a gente faz, o pai da gente é quem responde pela gente. É cortar seringa, é trabalhar em roçado, tudo a conta é do pai da gente; a gente não vende, eu pelo menos não vendia nada.*

– *E se o senhor quisesse comprar alguma coisa pro senhor? O senhor pedia? Como é que faz?*

– *Ele quem comprava as coisas pra mim, assim que nem eu faço aqui com o Cidoca* [filho caçula]*: eu não compro as minhas coisas? É rede, é roupa, é munição, é tudo – eu dou pra ele. Porque ele é quem me sustenta com o rancho, e eu me preocupo com ele porque ele tem que dar o sustento a ele. Assim mesma coisa era o meu padrinho: quando eu fazia borracha, ou limpava um roçado, tudo, eu não cobrava nada porque ele foi quem me criou, considerava ele como pai – e tudo que eu fazia era pra ele. Aí ele comprava roupa pra mim, comprava ... quando eu cresci mais, ele comprava o que eu precisava; às vezes eu pedia a ele, quando eu cresci mais.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

[39] Seu Milton afirma que essa também era sua média de produção quando já estava casado mas com os filhos pequenos.

Glosa V.16:

Trata-se de uma unidade doméstica de produção e consumo, onde pai e filhos trabalham em equipe, sob o comando e responsabilidade do pai, ou padrasto/padrinho. Assim ocorre até o momento em que o filho se casa e constitui novo grupo doméstico. Ou seja, filhos trabalham para os pais até saírem de casa. Podem ocorrer adaptações em torno desta regra mais geral. É o caso de Cidoca, o filho citado por seu Milton, que é casado e tem filhos. Os dois grupos domésticos moram vizinhos e Cidoca abastece a casa do pai com "rancho" (caça e peixe) enquanto o pai fornece mercadorias a Cidoca.

Os filhos dizem que trabalham "para" o pai. No caso das filhas, que são as principais ajudantes da mãe, elas parecem desfrutar da liberdade, por exemplo, de fazer um princípio e reservá-lo para seus luxos. O trabalho dos rapazes, contudo, é parte efetiva da economia doméstica e cai na contabilidade geral. Pais têm direito socialmente reconhecido ao trabalho dos filhos, e é ao pai que cabe comprar as coisas para os filhos.

Por outro lado, pais podem ter interesse em manter os filhos rapazes em casa pelo maior período de tempo possível, evitando que se casem cedo (aos 16 anos de idade, por exemplo), quando estão em plena capacidade produtiva. Ter filhos rapazes em casa, trabalhando, significa uma renda doméstica expressiva, possibilidade de acúmulo de bens de valor e fartura dentro de casa, além de uma potencial extensão das relações de parentesco focadas no pai após o casamento dos filhos.

Segurar ou não os filhos em casa vai depender, entre outras coisas, da habilidade pessoal do pai. Rapazes costumam a reivindicar coisas como roupas e luxos em geral, e um pai pode ser generoso e atender esses pedidos, ou não. Neste segundo caso, como ocorreu com o seringueiro João Nascimento, o pai pode assistir seus filhos solteiros saírem em bloco de casa para morar noutra colocação, passando a ter suas próprias estradas e contas no barracão, libertando-se do pai. Pais tiranos dificilmente conseguem consolidar em torno de si um grupo familiar extenso e coeso.

A conta no barracão era gerenciada pelo padrinho Meruoca de uma maneira justa. O padrinho sempre reconheceu os esforços do enteado, e procurava fazer-lhe os gostos de rapaz sempre que possível. Foi o padrinho quem comprou para Milton seu primeiro relógio, um modelo de algibeira. Vejamos a continuação imediata da narrativa acima:

– Aí o senhor pedia, se o senhor quisesse um perfume, uma calça, uma roupa assim ...

– Ele fazia os meus gostos, ele nunca, graças a Deus, eu não tenho o que dizer dele porque ele foi um bom padrasto. Até cavaquinho, que eu não sabia nem tocar, ele comprava pra fazer meus gostos; que eu não sabia tocar, pra fazer zoada mesmo, porque não tinha quem ensinasse nem nada, né? (risos)

Primeiras caçadas e lições da mata

Em plena juventude, Milton iniciou-se nas artes da caça, alcançando fama de bom caçador na sua maturidade. Quem iniciou-o ainda menino foi seu padrinho, que conhecia muito das caças, da mata e era *feliz* (*sic*) na atividade: sempre que ia para a mata, trazia *rancho.*[40] Quando menino, Milton começou a acompanhar seu padrinho na estrada, e depois a arriscar alguns tiros com sua primeira espingarda. Um dia, porém, o padrinho estava enfermo e não havia carne em casa para as refeições; enviou então os enteados Milton, então com catorze anos, e Sebastião para *procurar* rancho.[41]

Seu Milton considera esta sua primeira caçada: matou um macaco-prego e um veado! Os animais foram abatidos enquanto os dois irmãos andavam na estrada de seringa, pois não sabiam ainda andar sozinhos "na mata".[42] *Era tão grande o veado que caiu dentro de um igarapé e nós, pra tirar de dentro do igarapé, foi a pior luta pra botar em cima do barranco.* O veado era pesado; para trazê-lo para casa, foi preciso dividir o peso entre os dois, Milton trazendo três quartos do animal.

Em sua segunda caçada, também acompanhado do irmão, Milton inventou de rastejar uma anta, animal conhecido por sua habilidade em confundir o caçador com seu rastro cheio de voltas. Neste dia, Milton e o irmão tiveram que entrar fundo na mata até matar a anta, mas não tinham costume e conhecimento sobre como se orientar. Resultado: deixaram o animal no local, e percorreram uma longo caminho até chegar em casa e no

[40] Isto é, carne de caça e peixe.
[41] "Procurar" pode ser sinônimo de caçar ou pescar (mariscar), e "procurador" é aquela pessoa da casa que caça e pesca regularmente abastecendo-a com "rancho".
[42] Há uma grande diferença entre "andar na mata na estrada de seringa" – que corta a mata com um percurso limpo e desimpedido, bem conhecido dos rapazinhos – e "andar na mata", fora da estrada e fora dos caminhos, sem pontos de referência, arriscando-se a encontrar cobras, a sofrer com espinhos e com os passos dificultados pela vegetação.

dia seguinte, acompanhados do padrinho, foram buscar a anta. Qual a surpresa quando verificaram que o local era relativamente perto do fecho da estrada!

Com o tempo, porém, Milton foi se aprimorando no rastejamento de caças e no conhecimento da mata. *Eu mais meu padrinho, sempre eu rastejava caça com ele; quando ele atirava num veado, às vezes eu rastejava mais ele. Ele me ensinando, dando a experiência como era, que ele era um cara acostumado em caçar, tinha experiência da mata.* Foi seu padrinho que ensinou-o a prestar atenção no rastro das caças, nunca parecidos entre si, mesmo se tratando de uma mesma espécie. Uma anta, por exemplo, pode ter as unhas da pata uniformes, ou mais finas, ou tortas... Tudo isso o rastro registra – cabe ao caçador prestar atenção.[43]

Foi seu padrinho também que o ensinou a andar na mata e lhe transmitiu a seguinte instrução: *se a gente tiver medo da mata, nunca aprende.* Com o tempo, os ensinos do padrinho e de outros bons caçadores que conheceu e com quem caçou, Milton foi aprendendo a prestar atenção nas características da mata e do terreno que o caçador percorre, e também na posição do sol. Tornou-se ao longo do tempo um especialista em andar na floresta, sendo capaz de entrar e sair de uma mata pelo mesmo local – habilidade da qual se orgulha. Havia dias em que ia andar em recantos da floresta que não conhecia somente para *pegar um conhecimento com a mata.* Dias depois poderia ir caçar no canto previamente reconhecido.

Até casar-se e se mudar para o Tejo, em 1955, Milton foi o *procurador* da casa de seu padrinho. O rancho que trazia era também vizinhado com a casa de Raimundo Môco

[43] Sobre a ciência da caça, suas técnicas e conhecimentos, consultar verbete "caça" na "Enciclopédia da Floresta", Carneiro da Cunha & Almeida, 2001.

e dona Regina quando eles, em 1951, vieram morar de vizinhos na colocação Água Fria, seringal Bonfim.

Diversões de um rapaz

Milton era um rapaz calado, de muita pouca conversa. Era tímido, ou muito *acanhado*, como diz. Este seu jeito de ser, é verdade, já estava presente desde sua infância, quando era capaz de fazer uma viagem a pé até uma colocação, acompanhando a mãe ou o padrinho, e recusar toda e qualquer refeição que lhe era oferecida nas casas onde passavam. Quando chegavam de volta em casa, o menino vinha em tempo de morrer de fome!

Mesmo com seus irmãos não conversava muito. Milton tinha como principal companheiro o irmão Sebastião. Mas este era doente, e nem sempre o acompanhava. Cedo perdeu dois dos irmãos que lhe faziam companhia nos trabalhos e diversões de menino, e os demais – Teresa, Marli, Raimunda e Antonio – ou eram meninas ou muito pequenos. A irmã Álbia era de idade parecida, mas uma moça com outros encargos e preocupações. [Mapa de Parentesco 4] Milton, por seu lado, passava o dia ocupado em trabalhos – e, acredito, boa parte do tempo calado. Esta característica pessoal, inclusive, levou consigo quando se casou:

Na minha casa mesmo, eu estou canso de dizer, na minha casa mesmo quando eu tomei conta de família, quem conversava mais lá em casa era a Mariana; eu estou canso [cansado] *de dizer: no tempo que eu era novo, eu não tinha conversa com ninguém, porque: quando eu ia caçar, às vezes chegava seis horas, às vezes chegava até sete horas da noite cansei de chegar em casa; aí as pessoas que andavam lá por casa, quem conversava era a minha velha. E quando eu, o dia que eu ia cortar, saía a uma hora da*

madrugada pra cortar, aí quando chegava, duas horas da tarde, ia cuidar de defumar o leite; quando terminava de defumar, já era procurando a dormir porque ... jantava, quando terminava de jantar, já ia procurar dormir porque no outro dia tinha que sair uma hora da madrugada pra cortar de novo.

E aí sempre quem ficava em casa era ela, e quando eu às vezes estava ... se não fosse uma pessoa que chegasse, um amigo meu que fosse lá pro defumador às vezes conversar comigo enquanto eu estava defumando, aí ficava [a visita] *lá conversando mais ela* [Mariana]. *Aí quando eu chegava, aí a gente jantava, aí digo: - "Rapaz, vocês me desculpem que amanhã eu quero cortar e vou cuidar em dormir; vocês se quiser conversar mais a Mariana, pode conversar que eu vou dormir". Logo eu não gostava muito de conversar, nessa época eu não conversava quase ...* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

Glosa V.17:

Chamo atenção para uma característica que se confirma: seu Milton era realmente calado e trabalhador. *Eu tinha vergonha de conversar com o povo*, diz. Seu trabalho era sua principal preocupação e ocupação - o que é muito característico do seringueiro: um forte senso de responsabilidade pelo seu trabalho e produção. Na mata, nos seringais, o trabalho é árduo e constante; vive-se bem, mas para tal é preciso muito trabalho. Lembremo-nos agora também da jovem Mariana, muito trabalhadora e conversadora. Uma outra maneira de ser, mais expansiva e comunicativa. Esses dois jovens tão diferentes, num futuro próximo, ainda neste capítulo, virão a formar um casal.

Mas como Milton desfrutava suas horas vagas, pois elas existiam? O domingo, por exemplo, é um dia consensualmente santo, de descanso obrigatório. A memória da juventude retrata um rapaz que não era passeador, seu costume era ficar em casa. A casa mais perto e o barracão distavam uma hora ou mais de caminhada, e o rapaz nem sempre se animava em percorrer a distância nos dias de descanso. Eventualmente algum amigo aparecia para visitar – como o finado Benito e o hoje velho Mário – e um banho no

igarapé era um bom programa. Milton não tinha uma turma de rapazes com quem eventualmente passeasse junto, e tampouco havia jogos de futebol para reunir os rapazes.

Uma vez Milton quiz ir ao Novenário da Vila Jordão.[44] Já tinha quinze anos de idade e teve autorização da mãe e do padrinho para, junto com o irmão Sebastião, fazer o passeio acompanhando o compadre Zé Girardo. Foi o único passeio que fez sem a companhia dos pais. Justamente seu jeito acanhado o fez ir e voltar sem gastar o dinheiro que tinha levado!

Aí nós fomos juntos pra esse Novenário, eu, o Sebastião. Aí eu muito acanhado, né?, não conhecia dinheiro. Aí pra comprar uma lata de doce, que nem uma vez eu fui comprar uma lata de goiabada num botequim, aí pedi pro Zé Girardo comprar pra mim; dei o dinheiro pra ele comprar porque eu tinha medo da pessoa me enganar: eu não conhecia dinheiro. Aí ele foi e comprou. E eu, foi a coisa que eu comprei nesse Novenário lá foi essa lata de doce, porque fui com dinheiro e voltei: porque tinha medo e tinha vergonha de pedir pros outros comprar. (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

Mas não seriam os domingos também um bom dia para ver a namorada? Seu Milton afirma ter namorado pouco, tendo num primeiro momento recordado o nome de duas namoradas: Teresa e Mariana. A primeira era filha de um seringueiro por nome Chico Felipe, cuja casa ficava na metade do caminho de quem ia do barracão, na margem, para o centro Água Fria. Milton e Teresa viam-se com relativa frequência, e passaram a se gostar e namorar. Nesta fase, viam-se quase todo domingo.

Lá eram três irmãs, e ela era uma meninazinha que se engraçava muito de mim, eu também dela – e a gente namorava. Mas namoro assim de... antigamente ninguém namorava agarrado, namorava olhando um pro outro, como diz a história [risos]. *Aí ela*

vinha e ficava conversando lá da porta comigo; ela sempre às vezes vinha e sentava perto de mim conversando, mas não assim bem pertinho. Aí começava a conversar comigo e a gente sabia que se gostava, né?

Ia pras festas, mas eu nessa época não dançava. Até mesmo quando eu comecei a namorar a Mariana, não dançava. Vim aprender a dançar depois de já... já perto de me juntar com ela [Mariana] *foi que eu comeceu a dançar; ela às vezes me tirava pra dançar, e eu saía pelejando, como diz a história: pelejando pra ver se eu aprendia.* [risos] *Aí foi que eu comecei a dançar.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/06/1998)

Glosa V.18:

Proximidade física e encontros constantes podem favorecer o despertar de um interesse mútuo, ainda mais entre pessoas jovens e solteiras, e num lugar onde não haveria tantas parceiras assim nas vizinhanças. O centro que Milton morava devia ser um pouco "isolado". À minha pergunta sobre se tinha mais de uma namorada ao mesmo tempo, seu Milton respondeu que não devido à inexistência de muitas moças nas redondezas. Com efeito, o centro Água Fria fica próximo aos divisores de água entre o Jordão e o Tejo, mais precisamente ao igarapé Boa Hora [Mapa 8]. Do Boa Hora para cima, o Tejo é desabitado. Mas haviam as festas - porém o rapaz era tímido...

Se a intenção dos rapazes é encontrar moças, as festas são os momentos apropriados. Mas Milton não tinha especial predileção por festas, além de não dançar. *Tinha vergonha de tudo, avalie dançar!* – justificou. Ia acompanhando o padrinho e a mãe. Mas a eventual liberdade que os rapazes em geral usufruem – não serem tão vigiados pelos pais quanto as moças – não tinha muito efeito para Milton. *Aí quando eu chegava, chegava naquelas festas, eu ficava até uma horas e imaginava: – "O quê que eu tô fazendo aqui? Não vou dançar nem nada" – pegava e ia dormir.*

Seu Milton diz que começou a dançar pelas mãos de Mariana, sua segunda namorada. Mas dona Mariana não concorda com esta versão, ela diz que quando foram

[44] A Vila Jordão fica na foz do rio Jordão [Mapa 8].

dançar juntos nas festas, seu Milton já sabia conduzir uma dama no salão. Além disso, diz, ele teria tido outras namoradas. Inquirido sobre as afirmações de dona Mariana, seu Milton manteve sua versão praticamente inabalada. Vejamos a seguir:

Dona Mariana fala:	**Seu Milton fala:**
– Foi a sra. que ensinou seu Milton a dançar? *– Não, foi as amigas dele por lá.* *– Quando a sra. já veio reencontrar com ele, a sra. já separada, já mulher, ele já dançava?* *– Dançava não,* ***mas não foi eu que ensinou ele dançar não.*** *Foi a mulher de um conhecido nosso, ele namorava até com a filha dela. Não sei como ele foi que ele deu o nome dela outro dia; como foi que ele deu o nome dessa moça que ele namorou com ela?* *– Não sei...Teresa... Tinha também umas outras; tem também uma tal de Magi, não tem? Carlota?* *– A Magi, Carlota, Sebastiana. (...)Ele namorou com essas três moças. (...) Depois que ensinaram ele a dançar, nós dancemos em muitas festas.* *– Mas a sra. já era separada do Raimundo Leitão?* *– Já era separada.* *– Vocês* [ela e seu Milton] *já namoravam?* *– Logo dos começos, eu dancei em festa que ele estava, mas* ***dançava mas não namorava com ele ainda não****. Quando eu começeu gostar dele, foi que sempre nós íamos em festa.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998; ***grifos meus***)	*– Eu nunca namorei com a Magi não.* *– Carlota?* *– A Carlota, isso já foi...ah, sim, eu não me lembrei, isso foi a primeira namorada minha foi ela.* [riso] *(...)* *– Foi antes da Teresa?* *– Foi, o mesmo início!* *– O sr. namorou as duas ao mesmo tempo?* *– Não, que essa* [Teresa] *ficava na metade da viagem no caminho que ia lá pra casa. (...) A Magi eu nunca namorei com ela não; quem falou, falou errado. (...) A Carlota eu namorei com ela no tempo que ela era moça ainda.* *– Ela morava perto do sr.?* *– Era, morava mesmo no caminho que ia pro barracão; não me lembrei dela. (...)* *– Sebastiana, teve alguma Sebastiana?* *– Não, também não.* *– Quem ensinou o sr. a dançar? Porque a dona Mariana falou que quando ela foi dançar mais o sr., o sr. já dançava.* ***– Quem me ensinou a dançar foi ela mesma, a Mariana.*** *– Ela disse que não.* *– Foi, ela; eu nunca dancei com outra mulher, senão com ela; a primeira vez que eu comecei a dançar, ela veio me tirar pra dançar, que eu nem sabia dançar.* ***Ainda me lembro como se fosse agora****: a primeira vez que eu fui dançar, foi ela que veio me tirar pra dançar.* *– Ela disse que não foi ela.* *– Foi. Ela agora pode não estar lembrada, mas foi ela. (...) Depois que eu dancei com ela, eu dancei com várias delas.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998***; grifos meus***)

Glosa V.19:

O que menos importa saber, aprendi com o tempo, é quem tem razão. Cada um tem sua razão, sua memória dos fatos passados; cada momento passado tem diferentes pesos e significados para aquele que recorda, e está associado a outros tantos momentos igualmente individualizados.

É natural, portanto, que as memórias de um "mesmo" evento - o rapaz Milton aventurando-se a dançar - sejam diferentes quando vistas pelo próprio protagonista e por sua atual esposa. Dona Mariana não tem lembrança dela ensinando seu Milton a dançar, já ele tem clara recordação neste sentido. A história de uma vida aparece então como multifacetada quando contada por mais de uma pessoa. Muito mais rica do que o biografado poderia, inclusive, supor.

Após a iniciação, Milton conta que teve outras parceiras que não Mariana. O fato é que, se não virou "piolho de festa", como são chamados os inveterados admiradores de festas, Milton deve ter se tornado um pouco menos inibido junto às moças. Com o tempo provavelmente tornou-se mais mais seguro e desenvolto, e começou convidar moças para dançar. Mas nesse ponto começou a se deparar com recusas – as "caneladas". Uma outra característica de sua personalidade torna-se então visível: ser "opinioso".

Uma vez tinha uma menina que ela era novinha, nós brincávamos muito junto assim, era nossa vizinha, de junto da minha madrinha; e aí eu ia para casa de minha madrinha, que é a mãe da menina, eu ficava por lá. Ela vinha pra lá, passava o dia mais eu, nós brincado por lá. Pois bem, depois ela cresceu, ficamos longe um do outro. E aí depois passou o tempo, eu vim a começar a dançar, eu já tinha 16 anos quando eu comecei a dançar. (...)

Eu ia pra aquelas festas, você sabe: quando a pessoa está ficando rapazinho assim que nem eu era – tinha 16 anos mas já era uma pessoa já de bom tamanho – aquelas meninas vinham me tirar pra dançar, mas eu nunca queria dançar. Mas até que chegou o ponto de ter algumas que a gente gosta não é? (risos) *(...) Aí vinha para junto*

de mim: – "Vam'bora, Milton, dançar." – "Rapaz, eu não sei dançar." – "Eu te ensino." Ficava com aquele carinho ali perto da gente. Até que eu comecei a dançar.

Até quando foi um dia, nós fomos pra uma festa lá no Canafista, lá no Jordão, fomos pra uma festa lá; aí esta dita estava lá, essa menina, é irmã do Santo, a Leó. Aí eu fui tirar ela para dançar, ela não quis dançar comigo não. Aí a mãe dela estava na festa e disse: – "Vai dançar com o outro, rapaz." [45] *Eu digo: – "Não, deixa, ela não quer dançar comigo." Ela* [Leó] *levantou-se: – "Vam'bora." Aí eu: – "Não, pode dançar com outro, eu não vou mais não." – "Não, vam'bora, vam'bora." Aí o irmão dela chegou: – "Vai dançar, pode ir dançar." Aí eu fui dançar com ela assim mesmo; ela saiu assim como quem quis me empurrar, não sabe? Eu fiquei assim espiando pra ela.*

Aí passou-se, passou-se, passou-se. Aí foi o tempo que eu fui formando mais, sempre indo pra festa, sempre indo pra festa; sempre topando com ela, mas não chamei mais ela para dançar de jeito nenhum. Até que eu já estava com 17 anos... [pergunto se já namorava com dona Mariana] *Não...namorava com a Mariana, nesse tempo já namorava com ela. Eu fui pra uma festa, na dita Canafista também, aí lá ela estava: solteira, toda bonitona, já era moça nesse tempo; nesse tempo ela estava se enfeitando, quando eu fui tirar ela pra dançar.*

Aí ela [Leó] *veio de lá me chamar para dançar, eu disse: – "Não, eu não vou não." – "Vam'bora, Milton, dançar, por que que tu não vai?" – "Não, não vou porque eu não estou dançando agora." – "Vam'bora, menino, dançar!" Eu: – "Não, eu não vou não." – "Por que? O que que tu tem?" Eu digo: – "Rapaz, tu não se lembra não? Naquele tempo tu não quis dançar comigo, agora você vem dançar comigo, vou nada! Eu*

[45] Repare que "rapaz" é um termo de tratamento usado tanto para homens como para mulheres, e a frase deve então ser lida assim: "Vai dançar com o outro [com Milton], rapaz [menina]."

não me esqueço não." Ela saiu assim, ficou assim espiando pra mim, "é, tá bom". E aí eu levei esse capricho.

Aqui na Restauração, uma vez a filha do compadre Almir, que era um guarda que tinha ali na Restauração, (...). Pois bem, ele tinha uma filha moça, ela namorava até com o cunhado João [Nascimento, filho do velho Nascimento]; *eu fui tirar ela pra dançar e ela não quis dançar comigo. Aí o pai veio, pegou ela pelo braço: –"Vai dançar, rapaz, aonde é que eu estou dizendo!" Aí ela saiu...eu digo: – "Não, seu Almir" – nesse tempo nós não era compadre ainda – "não, seu Almir, não precisa não, ela não está com vontade de dançar comigo." – "Não, pode ir, seu Milton, pode ir."*

Quando eu fui, terminei, nunca mais tirei ela pra dançar. Tiro não, Mariana, se eu... em toda vida tive opinião comigo. (risos) *Sei que eu não sou um cara muito ruim, mas por outras partes eu sei que sou ruim. Fazer uma coisa comigo, não esqueço nunca! Eu acho que é bem poucas pessoas que tem a opinião que eu tenho; tem gente que fica insistindo, eu não insisto não.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Glosa V.20:

Confirma-se a regra de etiqueta de que uma moça não deve canelar um rapaz, embora certas preferências pessoais levem muitas damas recusar o convite de um cavalheiro. A quebra da regra é uma ofensa ao "canelado", que pode reagir agressivamente ou guardar na lembrança a recusa para dar o troco no futuro. Mas é também mal vista pelos familiares da moça: o pai e os irmãos, que tem autoridade sobre ela, determinam que ela atenda o convite. Mesmo a mãe pode interferir, como fez a de Leó. "Vai dançar, pode ir dançar" foi uma ordem, e não uma autorização.

A etiqueta é então seguida, porém com claras resistências da moça, e possível desconforto para o rapaz, como foi o caso de Milton. Fica mais claro também o controle e vigilância sobre as mocinhas, que são rebeldes e dão caneladas em alguns - e com isso, talvez, criem cismas, rixas, rupturas entre vizinhos e conhecidos - e intimam outros para dançar. Elas exercem escolhas potencialmente arriscadas para o grupo familiar ao qual pertencem; elas precisam ser controladas!

Mariana (rio Jordão, 1946-1951)

A moça casa-se pela primera vez

Em 1946, Mariana e a mãe haviam saído da casa de Ramiro e mudaram-se para a colocação Dispensa, ainda no seringal Bom Jardim. [Mapa 8] Sua mãe juntara-se a outro seringueiro, aquele que seria seu último companheiro e a quem dona Mariana refere-se como "padrasto". Seu nome era Raimundo Pereira da Silva, o Raimundo Môco. A jovem seringueira Mariana trabalhava junto com seu padrasto para o sustento da casa.

Naqueles tempos chegou ao seringal Bom Jardim um arigó por nome Raimundo Alves Leitão. Esse homem viera para o Acre e subira para o Jordão a convite do patrão Zé Mourão. Em viagem, este lhe falou de uma jovem cabocla "trabalhadora"e "bonita" que morava no Bom Jardim.

Quando [Raimundo Leitão] *chegou em Tarauacá, aí o Zé Mourão subiu pra vir deixar mercadoria no Jardim, que era o seringal dele; ele disse assim: – "Ô, Raimundo, vam'bora comigo! Lá no meu seringal tem uma índia cruzada com branco, ela é muito trabalhadora e é uma cabocla bonita." Aí ele disse assim: – "Eu vou mais seu Zé, eu quero ver índio, que eu nunca vi" – ele era cearense, né?, tinha vontade de ver como era. Aí já foi.*

Aí em viagem o pessoal dava boas informações de mim, o meu patrão, que era o Zé Mourão, dava muitas boas informações de mim. Aí ele foi. Quando chegou lá já foi com intuito: ele já com o sentido – quando chegasse lá, se me achasse bonita, né? – pra casar comigo. Aí foi. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 11/07/1998)

Mas a moça não se agradou do recém-chegado. *Quando chegou aí, aí eu não simpatizei ele, de jeito nenhum. Não gostei da presença dele.* Mas, vejam só: em junho do mesmo ano casava-se com ele. O que aconteceu para tão súbita mudança?

Tudo começou num dia santo de abril, quando Mariana chegou ao barracão...

Aí um belo dia eu me encontrei com ele, Sexta-feira da Paixão. Quando eu me encontrei com esse homem, que eu olhei pra ele, Mariana, parece que eu tinha visto a imagem de Cristo, comparando mal – me deu um choque tão grande no corpo. Aí pronto, eu fiquei afanatizada por ele mesmo! (...) Eu tinha ido pra outra colocação, aí quando cheguei me encontrei com ele no barracão. Quando cheguei, que olhei pra ele, eu tive uma comoção tão grande que eu trazia uma lata – que antigamente o querosene vinha enlatado – aí eu trazia uma lata assim no dedo, segurando assim na alça da lata, aí a lata caiu da minha mão... A lata de querosene, pegava quase um tanto desse d'água, um balde desse d'água. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 27/06/1998)

Para Mariana, algo até hoje inexplicável aconteceu naquele dia. Feitiço, paixão... – Meu Deus, o que foi aquilo? As consequências desencadearam-se em velocidade rápida. Mariana terminou o namoro com seu primo caboclo e tornou-se namorada de Raimundo Leitão. No mês seguinte, em maio, noivaram e o casamento já foi marcado para junho.

Nesses pouco mais de dois meses entre o início do namoro e o casamento, a vida de moça solteira de Mariana transformou-se sensivelmente. Temendo que a filha terminasse o compromisso com Raimundo Leitão, Regina trouxe-a em rédea curta até a data do casamento, proibindo-a de andar em festas e passeios. Talvez tenha sido esse um dos motivos para que Mariana, hora do casamento aproximando-se, em seu íntimo não

mais desejasse Raimundo Leitão como esposo. *Eu já estava arrependida; me casei só pra fazer os gostos da minha mãe*, conta hoje. Arrependida ou não, foi com a mãe e o noivo até as águas do Tejo, na Boa Vista [Mapa 10], onde o casamento civil foi realizado.

O pai Nascimento continuava morando no Tejo: vivia então na foz do rio Dourado, colocação São Francisco, pertencente na época ao seringal Maranguape. [Mapa 10] Não foi avisado com antecedência do casamento; caso contrário poderia ter sido ele mesmo o escrivão da cerimônia. Mas soube da notícia na véspera, quando um seringueiro amigo, de passagem para o barracão do patrão Agnaldo Sales, avisou-o de que sua filha residente no Jordão iria se casar no dia seguinte, na Boa Vista. Nesse mesmo dia, Mariana, a mãe Regina e o noivo Raimundo Leitão chegavam ao local do casamento, vindos de uma viagem a pé, do Jordão até lá. Foi nesta dita viagem que, conforme já relatamos, os três viram um índio brabo e refugiaram-se na casa do compadre de dona Regina que tinha cachorros "bom de índio".[46]

Pois bem, foi em 1946, no dia 28 de junho, às quatro horas da tarde, casou-se Maria[47] *Feitosa do Nascimento com Raimundo Alves Leitão, filho de Pedro Alves Leitão e Francisca Alves Leitão (...). Quem fez o casamento foram Araújo – mas eu não sei o nome do seu Araújo, que era o Juiz – e o Diáulas, que era o escrivão no lugar do Francisco Feitosa do Nascimento, que justamente era o pai. (...) As testemunhas: Lauriano Bezerra, Edmunda Machado e Gezilda, filha de Araújo, Juiz, aqui na Boa Vista.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Em junho de 1946, Mariana não tinha atingido ainda a idade para se casar: tinha 16 anos completos. Para resolver o impasse, Edmunda Machado, esposa do patrão Chico

[46] Ver Capítulo III.
[47] Maria, lembremo-nos, é o nome de batismo de dona Mariana.

Lopes e irmã do finado velho Machadinho[48], além de testemunha do casamento, propôs ao Juiz de Paz e ao escrivão – na verdade um guarda-livros do barracão – alterar a idade da noiva em dois anos. Desde então a data oficial de nascimento, e que consta nos documentos de identificação civil de dona Mariana, é 29 de novembro de 1928.[49]

> "Certifico que a fls. 8 do livro 01-Restauração de registro de casamentos foi inscrito no dia 28 de junho de 1946 o assento do matrimônio de RAIMUNDO ALVES LEITÃO e MARIA FEITOSA DO NASCIMENTO. Contraído perante o Juiz do Paz do 3o. termo e as testemunhas Laureano Mourão da Silva e Albe Cariolano Bezerra.
> Ele brasileiro, nascido *com 19 anos de idade* de 1927, profissão seringueiro, domiciliado em _____e residente em Seringal Jardim em Tarauacá, filho de Pedro Alves Leitão e de Francisca Alves Leitão.
> Ela brasileira, nascida neste município aos *18 anos de idade* de 1928, profissão doméstica domiciliada em _____ e residente em Seringal Jardim em Tarauacá, filha de Francisco Feitosa do Nascimento e de Maria Regina da Silva, a qual passará a assinar-se *Não consta em ata*." (Registro Civil de Casamento, Segunda via, datada de 01/03/1993; em *itálico*: informações adaptadas aos campos a serem preenchidos)

Casamento terminado, os recém-casados, a mãe da noiva e mais alguns amigos reuniram-se no local mesmo para confraternizar. Sentaram-se em bancos no terreiro, próximos a uma fogueira, e devem ter comprado alguma bebida doce no depósito.[50] Era fim de dia. De repente, dona Mundica, viúva do finado Machadinho, avista alguém no fim do estirão; quem será? Qual não foi a surpresa quando apresentou-se Raimundinho, filho de Nascimento e da finada Nazaré, e a quem Regina conhecia muito bem: quando novo, Raimundinho chegou a percorrer as estradas de seringa acompanhado por ela. [Mapa de Parentesco 3]

Aí quando chegou era ele. Pegou, subiu, aí falou com nós; aí me abraçou e abraçou a mamãe; aí disse assim: – "Maninha, eu vim te buscar." Eu digo – "Hoje?"

[48] Há um entrecruzamento de relações de parentesco por ocasião desse casamento, como mostra o Mapa de Parentesco 7.

[49] Observe-se que caso tivesse nascido em novembro de 1928, em junho de 1946 dona Mariana teria 17 anos; isto é, estaria dentro dos 18 anos, mas não os teria ainda completado. De toda forma, o documento oficial (ver a seguir) não trouxe a data de nascimento completa, limitando-se a indicar o ano de 1928 e registrar "18 anos de idade". Lembro ainda o leitor que a partir deste momento, na tese, em sintonia com este novo dado, alterarei também minhas referências e incorporarei 1928 como o ano de nascimento de dona Mariana.

Ele disse: – "Não, amanhã." Aí eu digo: – "Ah, maninho, nós já vamos s'embora amanhã." Aí virou-se pro finado Raimundo [Leitão][51] *e disse: – "Como é, cunhado, você vai lá em casa ou não vai?" – lá na casa do papai. Aí ele disse: – "Cunhado, eu estou tão avexado." Ele disse: – "Não, mas não dá certo. Você vir se casar aqui, no terreiro da nossa casa, e não ir lá conhecer o seu sogro. Isto não é papel! Ele mandou dizer que você fosse lá como sem falta, tá aqui o bilhete que ele mandou pra você." Aí ele tirou o bilhete; aí leu, que ele sabia ler o finado Raimundo Leitão; aí leu o bilhete, mandando pedir a ele que ele fosse lá, queria conhecer ele.*

Aí quando foi no outro dia nós descemos; aí fomos pra a casa do meu irmão, desse Raimundinho; dormimos lá. Aí no outro dia ele foi pro mato, mais esse Raimundo de Oliveira, que era o cunhado dele, aí mataram uma paca, um veado. Aí nós descemos para o São Francisco. Cheguemos lá, os meus irmãos de lá, que era o José, tinha vindo me encontrar, ali adonde mora o Antônio Janoca; nós já ía baixando mais o Raimundinho, o José já vinha subindo atrás de nós também, mais a mulher dele. Aí nós se encontremos; nós voltemos.

Quando cheguemos ali na Restauração, eles foram lá donde morava o Paraíba atrás de comprar um capado, que era pra levar pra matar; aí os porcos não estavam em casa; aí nós fomos se embora. Quando nós cheguemos lá, os outros já tinham ido caçar no centro, num centrinho que tem lá; aí tinham ido caçar, tinham matado quatro queixadas, mataram... quatro queixadas, foi; e o finado Raimundinho tinha matado um veado. Aí a minha irmã, a finada Iaiá, trouxe dois patos, quatro jabutis. Menina, era tanta da comida já, lá na casa de papai! Aí nós fomos pra lá.

---

[50] O depósito da Boa Vista era ligado ao barracão da Restauração.
[51] Raimundo Leitão veio a falecer em meados dos anos de 1990.

Quando cheguemos lá era gente, era gente... essa festa que a Maria Janoca me viu a primeira vez, que ela estava falado para você neste ano. (...) Foi muito boa a festa do meu casamento. Só que tinha muita bebida; mas o papai não deu pra o pessoal beber no correr da noite. Agora, de manhã, foi bebida mesmo! (...) Nós dançemos a noite todinha; aí no outro dia, de madrugadinha, foi que o papai afrouxou a bebida pro pessoal mesmo, pra não fazerem zoada. Tinha um homem chamado Antônio Júlio, esse homem era emboanceiro! Era arengueiro. Aí o papai disse: - "Eu não vou abrir essa bebida, porque se eu abrir essa bebida, essa bebida alcoólica... Eu vou abrir só a caixa de cerveja, e a caixa de..." – como é, meu Deus, que nós bebia? Moscatel, a bebidinha doce, não sabe? E a cerveja. Mas beberam a noite todinha, cerveja, moscatel e laranjada. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 27/06/1998)

Glosa V.21:

Reparem nas formas de tratamento e nos termos de parentesco - sempre tendo em vista que dona Mariana recorda aquele momento passadas muitas décadas de histórias...

Raimundinho, irmão por parte de pai de dona Mariana, a trata por "maninha", diminutivo de mana (irmã), muito usado no seringal - e isso após bem mais de dez anos sem se verem. Na verdade, ele a vira com um ano de idade! Além disso, poderíamos pensar, era filha do pai com a cabocla que morara em sua casa, rapariga do pai! Mas Raimundinho fez questão de ir até aonde a irmã e Regina estavam, manifestando estima e afeto quando se encontraram. Raimundo Leitão é imediatamente reconhecido e referido como "cunhado", convocado pelo "sogro" para comparecer em sua presença.

Relações de parentesco parecem instaurar-se num repente, mas o que deve ser apontado, na verdade, é a valorização extrema do parentesco consangüíneo: do laço do pai para a filha, do irmão para a irmã. Essa valorização seria coerente com o padrão cultural nordestino. Além disso, deve ser considerado que Nascimento foi um líder extremamente hábil em reunir em torno de si um forte e extenso grupo de parentes - *os Nascimento* -, basicamente constituído a partir de seus filhos e filhas. [Mapa de Parentesco 3]

Descendo o rio Tejo rumo ao São Francisco, Mariana já vai acompanhada do irmão Raimundinho. No caminho, mais um irmão, José, e sua esposa, cunhada de Mariana. Novos irmãos aparecem, e caçam para a festa da irmã; outra irmã, a Iaiá, traz animais do seu terreiro para o banquete. E, finalmente, na casa do pai a festa está montada, com muita fartura de comida, bebida, animação e convidados. Creio que todo esse percurso da Boa Vista ao São Francisco pode ser visto como uma caminhada ao encontro da família: ao longo do caminho, dona Mariana vai conhecendo e reconhecendo seus parentes (sobretudo

consangüíneos), e vai sendo por eles saudada e recebida, até a apoteose final: a festa, na casa do pai.

Mariana: agora uma jovem mulher solteira

De volta ao Jordão, Mariana e Raimundo Leitão foram morar no centro Botafogo, no mesmo seringal Bom Jardim.[52] Um ano e cinco meses depois de casados – isto é, em novembro de 1947 – nasceu a primeira filha do casal, Raimunda Leitão do Nascimento, a Raimundinha. Naquele mesmo ano, dona Regina mudou-se com o companheiro Raimundo Môco para a mesma colocação que a filha. Mãe e filha, como antes, continuavam ligadas. Em 31 de julho de 1949, nasceu o segundo filho do jovem casal, batizado Pedro Alves do Nascimento, desde sempre Pedrinho. Mariana e Raimundo já moravam então noutra colocação, no seringal Bonfim.

Mas o casamento não ia bem – Mariana estava insatisfeita e decepcionada. Assim explicou sua decisão de separar-se:

Eu deixei meu marido por motivo – eu deixei meu marido por motivo, não foi por besteira e nem porque eu quisesse viver na vaidade, deixei por motivo: uma, eu trabalhava muito, quando eu era moça, me mantinha bem vestida, bem calçada, tudo que eu precisava tinha na minha companhia, na minhas mãos, na companhia de minha mãe. Eu trabalhava muito e tudo que eu precisava eu tinha com sobra; eu comprava luxo pra mim e pra minhas amigas, que eram minhas primas. E depois de casada, na companhia do primeiro marido, eu fiquei disposta de um vestido no corpo, sem ter um forro, na companhia dele.

Esse homem me desconsiderava, meu marido, ele me oferecia pra os outros homens, ele mandava os homens me procurar, pra saber como era o meu corpo. Então

por esse motivo eu deixei o meu marido, foi por esse motivo. Porque você viver com homem pra ele andar contando do jeito que é teu corpo, minha filha, isso aí, isso aí não é homem de consideração de ninguém! Esse foi o motivo d'eu ter deixado ele, mas não foi porque eu queria viver na vaidade, que eu quisesse viver solta.(...)

[Ele, Raimundo] *Não judiava, era ciumento só, o defeito que ele tinha era ciumento. E depois de já nós com quatro anos, nos cinco anos de casado, quando eu me separei dele, ele usou dessas bandallheiras de viver me oferecendo, e os rapazes iam atrás de mim, tudo isso, viu? E dizendo pro rapaz, pros homens, como era meu corpo – quer ver, ele fosse olhar – isso tudo aí faz o desgosto pro casal. Aí eu me desgostei de viver com ele. – "Além de viver na pobreza, na situação que eu vivo, que eu nunca me acostumei viver nisso", que eu tinha coragem de trabalhar pra me manter.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 05/07/1995)

Glosa V.22:

Bons motivos para uma esposa separar-se de seu marido:

(a) ciúme;
(b) não dar conta da esposa e filhos, deixando-os passar necessidade; e
(c) desrespeito moral para com a esposa.

Dona Mariana vivenciou estas três situações com seu primeiro marido, e deixou-o. Viu-se passando necessidades sem nunca, no seu tempo de solteira, ter experenciado tamanha precariedade. Seu compadre Zé Paraíba confirma: ela só tinha um vestido, que a filha Raimundinha, ainda uma menina, lavava enquanto a mãe permanecia dentro do quarto esperando a roupa secar no sol. Raimundo Leitão era ciumento, mas, pior, desrespeitoso com a esposa: falava dela para outros homens e rapazes, que chegavam a procurá-la.[53]

É provável que a mãe assistisse aos apuros da filha, e se arrependesse de ter confiado no genro. Como saber? O fato é que, com todo seu faro de mãe zelosa, enganara-se.

Em fevereiro de 1951, grávida pela terceira vez, Mariana deixou o marido

[52] O centro Botafogo, como já disse (nota 21, Capítulo IV), fica no igarapé Centro do Meio.

[53] Há aqui uma aparente contradição: Raimundo Leitão era ciumento, mas oferecia a esposa a outros homens. Como explicar? Uma hipótese é que ele "testasse" a fidelidade da esposa, prova a que muitos

Raimundo Leitão e voltou para a casa da mãe, que então residia com Raimundo Môco numa colocação de margem no seringal Bonfim. Lá foi acolhida pelo casal de velhos. Mas eles logo se mudariam para nova colocação. Um cearense conhecido de Raimundo Môco – de apelido Raimundo Meruoca – , casado com Raimunda, uma velha conhecida de Regina, convidou-os a todos para virem ser seus vizinhos na colocação de centro Água Fria.[54] [Mapa 10] Raimundo Môco animou-se: lá poderia contar com a ajuda da enteada para cortar seringa. Mariana, por sua vez, também queria trabalhar: suas responsabilidades agora eram maiores, tinha filhos para criar.

Eu vivi cinco anos com ele [Raimundo Leitão], *aí me separei dele. Aí depois, já nós separados, eu cortei seringa mais dois anos; depois que eu tinha deixado dele. Minha mãe era junto com um cearense velho, gostava muito de mim e eu gostava muito dele; ele era velinho da cabeça branca, eu tinha ele como meu pai, ele era muito bom pra mim; aí eu passei dois anos trabalhando dentro da casa do meu padrasto. Ele, pra mim não andar só, ele ia mais eu, com a espingarda no ombro, eu cortando, colhia e tudo, carregava o saco de leite; às vezes nós via uma caça, via macaco eu dizia: – "Olha a caça, seu Raimundo." Ele dizia: – "Deixe, minha filha" – e atirava. Às vezes matava.*

Eu carregava as caças, ele era velinho; ele era gordo, não sabe? Era velhinho, cabecinha branquinha que nem um capucho de algodão, como aquele Rúbi. Do mesmo jeito. Só que ele era mais alto, meio brancoso. Comecei, cortei desde os nove anos. (...) Mas eu trabalhava – quando eu fui pra casa do meu padrasto – eu trabalhava pra criar meus filhos, que eu tinha três filhos pequenos que não eram filhos desse [marido] *aqui*

---

namorados e maridos costumam submeter suas companheiras no seringal. Ou será que ele simplesmente gostava de se gabar das qualidades íntimas da esposa?

[54] Para quem não atinou, trata-se do casal Raimundo Meruoca e Raimunda, respectivamente padrinho e mãe de seu Milton, então um rapaz de 15 anos.

[seu Milton]. (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 14/11/1995, entrevista a Cristina Scheibe Wolff)

Milton & Mariana (rio Jordão, 1951-1955)

O rapaz e a jovem mulher aproximam-se

No primeiro semestre de 1951, a colocação Água Fria passou a comportar dois grupos domésticos: um chefiado por Raimundo Meruoca e outro por Raimundo Môco. Na primeira casa viviam Meruoca, sua esposa Raimunda, os enteados Álbia, Milton e Sebastião, e os filhos Raimunda, Marli, Teresa e Antonio. Na outra casa, distante cerca de 15 minutos da primeira, moravam Raimundo Môco, sua companheira Regina e a filha desta, Mariana, com dois filhos, Raimundinha e Pedrinho, e mais um prestes a nascer. Com efeito, Osmarina, a Birra, filha caçula, nasceu no dia 8 de agosto daquele mesmo ano. [Mapa de Parentesco 8]

Milton era o principal responsável pela produção de borracha na casa de Meruoca; na outra casa, Mariana e seu padrasto Raimundo Môco assumiam a produção de borracha. Os roçados eram tocados por cada casa individualmente. Dona Mariana ainda hoje lembra do quanto trabalhou nos roçados de praia, brocando para plantar feijão, melancia e gerimum. Raimundo Môco não era um homem saudável, e a enteada trabalhava em dobro para garantir o alimento em casa. Raimundo Meruoca, já vimos, era um nato agricultor, gostando da atividade e dedicando boa parte do seu tempo a ela.

As duas casas mantinham *vizinhança.*[55] O rapaz Milton era um caçador feliz, e a carne que trazia era sempre *vizinhada* com a casa de Raimundo Môco. Haviam

[55] "Vizinhança" refere-se à relação de reciprocidade que se estabelece entre casas próximas (numa mesma colocação) e também aparentadas (inclusive ritualmente). Nesses casos, as casas "vizinham" entre si, isto é, trocam principalmente carne de caça e peixe. Dependendo da relação de parentesco (mãe e filha, por

mariscadores em ambas as casas, e bons *mariscos*[56] podiam resultar em vizinhança. Ambas as casas trocavam outros favores entre si, ajudando-se mutuamente, além de visitarem-se com frequência. Provavelmente as crianças menores brincavam juntas nos terreiros. Nessas trocas e visitas mútuas, os jovens Milton e Mariana estreitaram o conhecimento que já tinham um do outro. Aos poucos tornaram-se mais próximos, e íntimos.

Agora uma mulher, Mariana retomou de alguma forma sua vida de solteira, com liberdade para usufruir de diversões como as festas, e voltar a namorar. Lembremo-nos que Mariana era uma exímia dançarina, que teria sido ela, inclusive, quem ensinou Milton a dançar – e o teria feito justamente nesta época. Festas, a típica ocasião em que se formam pares de namorados. As lembranças do início do flerte e namoro entre Milton e Mariana também reportam-se a elas.

Faz que nem a história do homem: a gente começou a se gostar em festa, não sabe? A gente começou a ir a festa – nesse tempo eu não dançava, ela dançava –, aí me chamava pra dançar, eu não ia; aquelas outras meninas também me chamavam pra dançar, eu nunca ia. Até que ela inventou de um dia me tirar pra dançar e aí... foi daí que começou. A gente começou a se gostar, aí ela veio morar pertinho de nós, vizinho de nós; aí começamos a se gostar até que um dia nós se juntamos e no mesmo ano se casamos... (Seu Milton, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

♥

exemplo), mesmo uma criação de terreiro (uma galinha) pode ser "vizinhada", assim como "vinhos" de açaí ou patoá. Ajuda mútua e troca de favores também fazem parte da vizinhança.

[56] "Mariscadores" são os que "mariscam" (pescam), ou seja, pescadores. Um "marisco" (pesca, pescaria) pode ser bem ou mal sucedido.

Foi assim: quando ela era nova, era moça ainda, estava se formando, ela morava numa colocação com uma hora de onde eu morava. Essa colocação chamava Centro do Meio. Ela sempre vinha, a mãe dela vinha lá em casa, gostava muito da mamãe mais meu padrinho. Vinham lá pra casa, o companheiro da velha Regina que chamava-se Zé Raimundo. Aí vinham lá pra casa, e ficavam até de tarde. Até a gente brincava junto neste tempo ainda, eu sendo mais novo, ela já maior. Mas a gente prosava, brincava junto assim. Mas foi o tempo que fomos embora pro Jardim e aí nunca mais ninguém se viu.

Foi o tempo que ela por lá se casou-se, passou quase um ano por lá, depois veio morar no Bonfim. Aí do Bonfim ela veio morar no Água Fria: meu padrinho Meruoca chamou o outro velho, que era outro Raimundo [o Môco] *também, ele era cearense. Aí ele* [Raimundo Môco] *achava ruim lá na margem, que era meio ruim de rancho, e meu padrinho foi e chamou ele: – "Rapaz, vam'bora lá pra casa, vamos morar lá. O senhor faz a sua casinha, o Milton é muito matador de caça, ao menos você ganha um pedacinho de carne, e lá a gente tem farinha, tem tudo." E certo que animou o outro velho e ele veio morar lá perto de nós.*

E aí quando nesta idade que ela chegou lá, já estava... ela passou dois anos, eu tinha 15 anos. E aí começou, por besteira ou não, a gente começou a se namorar, se gostar. Começamos a se gostar assim andando no marisco, ia pros igarapés mariscar junto com meus irmãos e ela também, e naquela prosa. E aquela prosa foi indo até que a gente conseguiu foi namorar mesmo. Daí foi dando, foi dando, quando eu tinha 16 ano completo, eu fui...já gostava dela mesmo, eu sabia que ela gostava de mim mesmo. Que às vezes eu cansei de chegar da estrada, suado, da mata, que eu vinha da estrada, às

vezes ela ia bater onde eu estava – tinha chegado da estrada, estava no defumador – ficava prosando comigo lá e tal [57]. *Até que eu botei aquilo na cabeça de ir morar com ela, "vou pedir à velha".* (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

♥

Aí fiquemos assim: ele trabalhava na casa da mãe dele, eu trabalhava na casa da minha mãe. Eu gostava de outro rapaz, sabe? Gostava de outro rapaz, ele era índio também, aí era meu primo; eu gostava muito dele, minha mãe queria muito que eu fosse morar com ele, e meu padrasto. Aí ele [o primo] *tinha ciúme dele* [Milton], *ele disse: – "Ah, tu disse que gosta de mim , mas tu não gosta de mim, tu namora com o filho da velha Raimunda." Eu digo: – "Eu não namoro com ele, eu gosto dele porque ele bom pra minha mãe, e é bom pro meu padrasto e é bom pro meus filhos; ele é quem procura lá, ele é quem nos dá de comer."(...)*

Até que foi indo, foi indo... (...) Um dia nós fomos numa festa. Aí lá nós se encontremos – eu com esse meu primo – aí lá ele reclamou muito que eu conversava com ele [Milton], *porque eu falava com ele, ele* [primo] *queria que eu não falasse com ele* [Milton]. *Aí eu fui e disse pra ele: –"Não, eu falo com ele, mas não tenho nada com ele; eu gosto dele porque eu reconheço que ele não é nada meu e é quem nos dá de comer é ele; e ele gosta tanto dos meus filhos, agrada tanto meus filhos." Ele* [seu Milton], *quando*

[57] Mauro Almeida (comunicação pessoal) chamou atenção para a péssima reputação que o defumador costuma ter na literatura tradicional sobre seringal: seria o ponto culminante da degradação que o trabalho impõe ao seringueiro, arruinando-lhe a visão. Contudo, o que ele observou em campo, e que o material de entrevistas desta tese confirma, são referências ao fim do dia no defumador como ocasião em que o vizinho aparece para conversar, em que a namorada aparece, em que o seringueiro vê a péla crescer e se alegra. No horizonte o seringueiro vê os rolos de fumaça das outras colocações: são seus vizinhos também defumando. Depois é tomar banho e jantar. Numa entrevista, dona Maria Janoca conta que era seu hábito esperar o marido na soleira da casa quando ele chegava da estrada, indo então toda a família (o casal e filhos) para o defumador, onde conversavam e as crianças acabavam adormecendo e eram trazidas no colo para suas redes de dormir.

era novinho, era assim que nem menino, que nem esse filho: todo menino gostava dele e ele gostava dos meninos que era uma coisa medonha! Quando ele chegava do mato, que ele ia lá pra casa, aí os meninos era tudo em cima dele: –"Chegou o Milton, mamãe, chegou o Milton ..."(...)[58]

E aí foi nesta dita festa, aí que eu fiquei com raiva, aí eu fui: – "Pois eu não namorava com ele não, mas eu vou namorar com ele agora." Aí fui, nessa noite mesmo comecei a gostar dele. Aí pronto.[59] (Dona Mariana, Foz do Machadinho, julho de 1995)

Glosa V.23:

Ocasiões do cotidiano de uma colocação foram criando intimidade entre Milton e Mariana. No dia-a-dia se viam e foram se conhecendo um pouco mais, e o namoro deles começou a se construir. Nos mariscos de igarapé, o ambiente em geral é jocoso, cheio de brincadeiras e chacotas - e roupa molhada... Vemos ainda dona Mariana recordando o quanto seus filhos gostavam do jovem Milton e o quão importante era, a seu ver, a vizinhança de caça mantida entre as duas casas: Milton alimentava os filhos de Mariana mesmo sem ter qualquer vínculo de parentesco com eles.

Há aqui um ponto crucial e curioso. Alguns homens afirmam que em sua juventude sempre havia mulheres em seu encalço porque eram bons caçadores. Mauro Almeida assistiu, numa ocasião, uma mulher ser convencida a se juntar com um seringueiro, mesmo sem nunca tê-lo visto, sob o argumento de que ele era um bom caçador. Ou seja, Milton, além de cumprir as formalidades da vizinhança, também estaria cortejando Mariana: ela o visitava no defumador, ele mandava carne para os filhos dela.

Como disse, Milton enfiou na cabeça a idéia de ir morar com Mariana. Atrevido, e certamente incentivado pela namorada, foi à casa de Raimundo Môco e dona Regina pedir Mariana à mãe. Dona Regina e Raimunda, mãe de Milton, já há algum tempo

[58] Em dezembro de 1951 Raimundo Leitão procurou Mariana querendo ficar com os filhos, mas ela resistiu em entregar-lhe as crianças. Em algum momento no ano de 1952, foram perante uma autoridade local – Juiz de Paz ou delegado – resolver a questão. Lá, Mariana perdeu a paciência – *toda vida eu fui muito afobada* – e, num impulso, entregou ao ex-marido os filhos Raimundinha e Pedrinho. Mas dona Regina não permitiu que Raimundo Leitão levasse a neta caçula, Osmarina; o bebê permaneceu com a mãe e a avó. Mariana só foi reaver os dois outros filhos mais de um ano depois.

[59] Novamente uma narrativa onde uma mulher, pressionada com acusações de que está namorando alguém, por "birra" ou por afirmação de autonomia – ou ainda pela oportunidade de declarar abertamento o fato – diz: – "Eu não estava namorando, mas agora, só porque vocês estão insistindo que estou, eu vou namorar mesmo!". Vimos que dona Raimunda passou por situação similar quando uniu-se a Pedro Tibúrcio (Capítulo IV).

olhavam aquele namoro com desconfiança: ambas achavam Milton muito novo para dar conta de Mariana, já mãe de três filhos – era quase certo que ele iria deixá-la. Mas os namorados, mesmo sabendo desta oposição, teciam seus planos.

Porque minha mãe e a mãe dela não queriam não que a gente se juntasse. A minha mãe porque achava que eu era menino, nesse ponto eu era mesmo, não vou dizer que não era, né? Você sabe, esta primeira influência sempre trás dessas coisas. Já tinha namorado, mesmo assim pequeno – que eu era novo mas já era quase do tamanho que eu sou hoje, que eu tive um crescimento muito bom, graças a Deus –, eu já tinha namorado umas duas meninas só. Mas depois, tempo que ela [Mariana] *deixou o marido dela e nós começamos a se gostar.*

E aí passamos um ano se gostando, namorando. Até que um dia eu fui pedir ela à mãe dela. A mãe dela foi e disse que não me dava – que era a velha Regina que era a mãe dela – não me dava porque eu era muito novo; e o outro [Raimundo Leitão], *que era um homem já de idade, tinha deixado a filha dela e achava que eu como menino ia deixar também. Aí eu disse pra ela: – "Não, acho que eu...o primeiro marido dela fez isso, mas eu não tinha a mínima idéia de deixar a sua filha não. Agora, é a sua filha: você me dá se quiser. Eu também não vou ficar com raiva da senhora nem nada."* (Seu Milton, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Estamos em agosto de 1952, e tudo parecia ter ido por água abaixo, mesmo porque Mariana não tinha intenção de "fugir" de casa, isto é, reunir-se a um rapaz burlando a autoridade materna.[60] Milton retomou sua vida e trabalho; pensava na

[60] "Fugir" (ou "carregar" a moça) é um expediente bastante comum nos seringais por meio do qual a união sexual e conjugal de um jovem par de namorados é consumada. A "fuga" (ou ainda "roubo", consentido) pode ser motivada pela oposição dos pais da moça à união com o rapaz; pela pressa de um casal frente à demora dos trâmites de noivado e casamento; pelo impulso da "primeira influência"; e pelos custos que um casamento implica para o noivo (enxoval, casa construída e equipada). Na fuga o casal morará em casa

situação, mas parecia conformado. Conforme seu Milton reafirmou em outras entrevistas, não guardou rancor à velha Regina pela recusa em entregar a filha. Mas Mariana ainda não tinha dado a situação por encerrada.

A jovem mulher intima o rapaz tímido, que finalmente toma a iniciativa

Eu fui uma filha, graças a Deus, meu Deus, dei pouco desgosto a minha mãe. O desgosto que dei a minha mãe, Mariana, foi porque eu me ajuntei com meu marido que é hoje em dia – minha mãe não queria. (...) Ela não queria porque ele era muito novinho, ele era muito jovem. Ela dizia pra mim: – "Minha filha, não vá morar com aquele rapaz, minha filha. Esse rapaz é muito novo, é uma criança. Você já é mãe de três filhos. Esse rapaz vai te abandonar, procurar outra, uma moça pra se casar, quando você tiver mais filho, aí tu vai sofrer mais. Nesse tempo tu não vai ter tua mãe mais; nesse tempo, minha filha, tu não vai ter mais a sua mãe pra viver na casa dela. Eu já estou velha, eu já estou no fim da vida; quando eu morrer tu não tem mais pra onde tu ir, casa pra onde tu ir. Tu se ajunta aí com esse rapaz, ele faz aí uns quatro ou cinco filhos e tu vai ficando velha e ele vai dizendo assim: – 'Eu juntei contigo, e você já vivia aí cheia de filhos, e agora eu não sou jacamim para criar filhos de ninguém'." (Dona Mariana, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

Glosa V.24:

Dona Regina alerta sua filha sobre os riscos de casar com um rapaz novo. É provável que ela tivesse em mente uma ocorrência relativamente comum nos seringais: maridos que se separam de suas esposas e não compartilham mais a criação dos filhos comuns. E dona Regina ia ainda mais além: seu Milton poderia alegar que não tinha obrigação de criar filhos que não eram legitimamente seus, que não era jacamim, pássaro que cria filhotes alheios. Mas seu Milton assumiu e criou todos os filhos de dona Mariana, pelo qual ela é grata a ele. Este fato certamente integra o sentimento de amor que dona Mariana tem por seu Milton.

alheia (dos pais de um deles) até ter sua própria moradia. Consultar Franco, 1997 e Martini, 1998, p.123-137.

Nos meses subsequentes ao pedido recusado de Milton à dona Regina, esta proibiu a filha de andar na casa do namorado, e teria ameaçado mudar-se da colocação devido àquele namoro. Em janeiro de 1953, após a festa do dia de São Sebastião ocorrida na casa de Meruoca, duas coisas podem ter ocorrido: a irmã mais velha de Milton, Álbia, encontrou-se com Mariana, que aproveitou a oportunidade para mandar um recado ao namorado; ou Mariana encontrou com Milton no roçado e transmitiu diretamente a ele o que pensava da situação.

Aí pronto: ela ficou lá, eu vim embora, eu não fiquei preocupado nem nada; eu gostava dela e tudo, mas não fiquei muito preocupado. Aí que a minha irmã que era a Álbia, aí andando por lá ela [Mariana] *mandou dizer que podia não morar comigo se eu não fosse homem pra carregar ela. Aí eu fiquei assim pensando na minha vida: - "Mas, rapaz, acho que ela gosta de mim mesmo, que ela mandou esse recado pra mim!"* *Aí eu saí de manhãzinha pra caçar e passei o dia na mata pensando: - "Rapaz..."* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)	*Não fiquei com raiva dela. Aí passado o tempo, passou uma semana – ela sempre vinha...Aí a velha proibiu dela vir lá em casa, até disse que ia embora por causo do namoro que a gente tinha. Eu ficava pensando nela, mas também imaginava que tinha algumas outras que gostavam de mim também, aí eu imaginava: "deixa pra lá".* *Mas ela insistiu, ficou insistindo, até que um dia nós se encontremos, ela tinha ido pro roçado, aí nos se encontremos, aí ela chegou perto de mim e disse: - "Eu posso não ir morar com você se você não for homem pra me buscar, mas se você for homem pra me buscar, eu vou morar com você. Eu gosto de você."* (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Era um momento de tensão, de crise, algo tinha que acontecer para desfazer a situação que havia se criado. Após voltar de uma caçada, Milton procurou a mãe e o padrinho para aconselhar-se, ou mesmo comunicar a decisão que tomara. Em pouco tempo a crise teve uma resolução.

Narrativa 1:

Eu fiquei pensando na minha vida assim. Passei um dia – passei esse resto de dia – no outro dia passei o dia pensando, "muita ruindade minha eu não ir buscar ela, porque ela tem vontade de morar comigo mesmo". Eu disse pra mamãe, pro meu padrinho; aí meu padrinho disse: – É, vai buscar ela, se ela disse isso, vai buscar." Aí parece que o velho teve medo que acontecesse alguma coisa comigo, depois que eu fui pra lá ele foi também.

Aí eu fui lá, cheguei lá; aí o velho me viu – o velho gostava muito de mim, o velho Raimundo [Môco], *padrasto dela – aí quando eu cheguei lá o velho disse: – "O que foi Nildo? Senta Nildo" – me chamava de Nildo, não chamava Milton não, chamava Nildo (...) – "Senta Nildo." Eu digo: – Tô bem, seu Raimundo." – "Veio buscar alguma coisa?" – "Não senhor"; digo: – "Não vim e vindo." Ele disse: – "O que foi?" – "Porque eu vim aqui, eu vou contar logo pro senhor, porque a Mariana disse que só não podia ir morar mais eu se eu não fosse homem, se ela quiser ir mais eu, hoje eu vim buscar ela."* [61]

Aí a velha ficou logo valente e tal... Até que ela resolveu e veio mais eu. (...) O velho não falou nada...– É, Nildo, está bem, leve, leve ela, meu filho." Foi até ajudar a levar as coisas dela, ele foi quem foi deixar. A velha não: a velha ficou valente. Agora, passado dois meses, aí a velha, vixe!, ficou que me queria um bem que era uma coisa medonha! (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

[61] Milton vai à casa de Mariana para dizer que é homem sim. Após confabular com a mãe e o padrasto, decide enfrentar o padrasto e a mãe de Mariana, ao invés de procurar "carregá-la". E Milton não estava pedindo para levar Mariana, estava apresentando um fato consumado.

Narrativa 2:

Aí cheguei, falei – quando chegou de tarde, eu tinha matado um veado; cheguei e falei pra minha mãe mais o padrinho. Aí...Sim, quando eu cheguei, aí a mamãe me chamou, disse: – "Olha, tu gosta da Mariana e ela está muito abalada porque a mãe dela não lhe deu, não deu ela pra você; e ela tá dizendo, disse aí pra Álbia que só pode não namorar com você se você não for homem pra buscar ela; acho melhor que você vá buscar, vá ficar com filha alheia." (...) Que ela [Mariana] *estava por lá chorando porque eu não...imaginava que eu não ia morar com ela, né?*

Pois bem, aí eu fui de manhãzinha, bem cedinho eu fui lá. Quando cheguei lá o velho, o marido da finada Regina, que era chamado Raimundo Pereira [o Raimundo Môco], *aí quando me viu disse: – "Nildo, veio pra levar a mulher?" – porque ele já tinha visto falar, né? Aí eu disse: – "Rapaz, seu Raimundo, eu vim, não vou negar pr'o senhor não, que ela mandou recado pra mim que ela podia não morar comigo se eu não fosse homem! Eu vim buscar ela." Aí a velha levantou-se, estava lá da cozinha, veio, me disse um bocado – ela falava ruim como um todo – disse um bocado de desaforo. E ela* [Mariana] *levantou-se lá de dentro, aí disse que ia embora comigo. Aí ela* [dona Regina] *ainda quis partir em cima de mim, a velha, por causa da Mariana. Aí o velho foi e chamou ela: – "Vai te aquietar, Regina! Deixa sua filha, o Milton não é um bom rapaz, rapaz! Deixa a menina ir morar com ele, rapaz!"*

Aí eu – era bem pertinho, uma casa como daqui ali onde mora o Djalma [62] *– aí eu levei ela. Aí todo mundo sempre dizia, como eu já falei pra você, todo mundo dizia que eu não ia dar conta dela, porque era muito novo; e a Mariana era uma pessoa doida de morar, ficar com um menino. E aí eu carreguei em opinião de viver com ela, e faz que*

nem a história: cumprir o papel de homem mesmo! Foi o que eu, graças a Deus, cumpri. (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)

Narrativa 3:

Quando eu cheguei lá, a velha...ela [Mariana] *tinha dito que podia não vir mais eu se eu não tivesse coragem de buscar ela – e eu fui. Quando eu cheguei lá, estava lá pra dentro, aí eu fui e disse pra ela* [Mariana] – *Deus me perdoe que fiz isso com a pobre da velha – cheguei lá e disse pra ela: – "Eu vim lhe buscar, se você quiser ir, é hoje; se quiser aproveitar a vontade, é hoje; se não quiser também me diga que ..." Aí a velha embrabou! – "Desocupa a minha casa, vai embora!* [E virando-se para Mariana:] *Se ele vem lhe buscar foi porque você está dando confiança a ele; se não desse confiança a ele, ele não vinha." Aí ela saiu mais eu, foi embora. O pai dela, o padrasto dela que gostava muito de mim; o padrasto dela foi mesmo quem também alcovitou, como diz a história – Deus perdoe ele – tinha muita vontade que eu morasse com ela. Aí ele disse: – "Vai, Nildo, vá! Pode levar ela, vá! Não tem nada não, deixa, a Regina está caducando; pode levar ela, pode levar". Aí eu fui me embora e levei ela.*[63] (Seu Milton, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

No dia 27 de janeiro de 1953, Mariana acompanhou seu novo companheiro Milton à casa de seus novos sogros, Raimundo Meruoca e Raimunda.[64] Na verdade, tão logo passaram a morar juntos ainda não constituíam um grupo doméstico autônomo: nos primeiros tempos, por iniciativa de Mariana – que *já tinha mais juízo*, no dizer de seu

---

[62] Uma distância de dez a quinze minutos a pé.

[63] Um casamento é um rito de passagem – com certa dose de violência nesse caso. Por isso, talvez, seu Milton, ao contar essa história, se compadece da velha Regina. Mariana atiçou o rapaz a tirá-la da casa da mãe contra a vontade dela, e o padrasto de Mariana não ajudou a atenuar a crueldade do drama, chamando dona Regina de "caduca".

[64] Naquele momento, Mariana ainda estava privada dos filhos Raimundinha e Pedrinho, que entregara a Raimundo Leitão. A caçula Birra a avó tomou da filha no momento em que ela saiu de casa.

Milton – ambos dormiam num amplo defumador que existia ao lado da casa, tendo assim alguma privacidade; todas as refeições eram feitas na cozinha, fogão e panelas de Raimunda, a dona da casa; os frutos da caça e marisco também eram depositados no girau da casa, da onde parcelas eram vizinhadas com dona Regina e seu Raimundo Môco; e mesmo a borracha, no primeiro ano, era ainda gerenciada na conta de Meruoca. Foi então que o padrinho disse: – *"Não, meu filho, não adianta não, vá trabalhar por sua conta mesmo"* – e foi ao barracão do patrão, um português por nome Gaspar, e separou sua conta da do enteado.

Glosa V.25:

Juntos, Milton e Mariana permaneceram morando na mesma colocação em que já moravam os sogros e sogras de ambos - um casamento, portanto, que seria ao mesmo tempo uxorilocal e virilocal. Mas o novo chefe de família foi morar no território da casa da mãe e do padrinho, e para esta casa, durante o primeiro ano de união, trabalhou. Dona Regina terminou perdendo a filha, forte arrimo da casa. Há uma tensão nesta situação: sogros na mesma colocação, e o casal novo que não busca uma nova colocação para morar - o que caracterizaria um casamento neolocal. Mas a situação em pouco tempo conheceria novo desdobramento.

Em julho de 1953, Milton e Mariana casaram-se perante o padre, aproveitando uma desobriga no Jordão. Nesta época, Raimundo Leitão, o primeiro marido de Mariana já a havia procurado para devolver os filhos Raimundinha e Pedrinho: ele pretendia casar-se novamente e a futura mulher não o queria com os filhos. Mariana exigiu uma carta formalizando a entrega, o que foi feito na Vila Jordão, perante o Juiz de Paz local, um homem por nome Zé Sobralino. Mariana, portando o documento, foi então com Milton, seu novo companheiro, até a Restauração buscar as crianças filhos na casa de Nascimento, seu pai, a onde Raimundo Leitão as deixara. Lá, o delegado Manuel Néris atestou o conteúdo e validade da carta, e Mariana recolheu seu filho Pedrinho, que passou

a morar com ela e Milton na colocação Água Fria, no Jordão. Raimundinha permaneceu na casa do avô para dar continuidade aos seus estudos na escola local.[65]

No dia 9 de outubro de 1953, na mesma colocação Água Fria, nasceu o primeiro filho do casal Milton e Mariana, João, pelas mãos de sua avó, dona Regina. Em 1954, após um ano de união, Milton e Mariana já tinham sua própria casa, vizinha a de Meruoca, do outro lado do igarapé. Nela viviam agora Milton, Mariana, Pedrinho e João – Birra ainda estava com a avó. [Mapa de Parentesco 9] No mês de dezembro, Mariana, novamente grávida, assiste sua mãe falecer. O ano seguinte começou atribulado: em março de 1955, João morreu e, em maio, Mariana, após uma queda, abortou o filho que esperava.

Neste mesmo mês, a convite do velho Zé Ferreira – a quem Mariana chamava de "titio" – que morava na colocação Boa Hora, num dos últimos afluentes do Tejo e conhecida pelas estradas "boas de leite", Milton e Mariana mudaram-se para lá. Nas águas do Tejo construiriam família e uma nova vida.

Considerações finais

Parentes e laços de família

Vimos, neste e no capítulo anterior, que dona Mariana repete diversas vezes que sua mãe considerava-se *sem parente, nem aderente*, sendo ela, a filha, sua única parenta. Como entender essa afirmação? Uma interpretação possível é que dona Regina podia estar pensando do ponto de vista da autonomia do grupo doméstico constituído por ela e a filha: ambas cortavam seringa e com a borracha produzida contribuíam nas despesas

[65] Aproveito para chamar atenção para instituições e personagens da vida social nos seringais nessa época (anos de 1950): o padre, o Juiz de Paz, o delegado e a escola.

domésticas das casas dos compadres que as acolhiam.[66] Eram uma pequena unidade doméstica inserida em outras mais estruturadas, digamos, interagindo com estas mas também vendo-se em sua singularidade. No caso de dona Regina e sua filha Mariana, a operacionalização desta unidade doméstica particular só foi possível pelo forjamento de uma rede de parentes rituais.

Por outro lado, dona Regina e a filha Mariana eram, além de um grupo doméstico singular, uma família.[67] Dona Regina não tinha outros parentes consangüíneos – pai e mãe, irmãos e irmãs, tios(as) e primos(as) – e os afins que teve eram, como suas uniões conjugais, efêmeros. Ramiro perpetuou-se não como "cunhado" de dona Regina, mas como seu compadre; parente (tio) ele era de dona Mariana. A definição de "parente" estaria então fortemente embebida pela idéia da consangüinidade – associação esta estabelecida não só por dona Regina.

De uma maneira geral, nos seringais, os laços de sangue são extremamente valorizados, o que explicaria em parte os extensos e fortes grupos de parentes apoiados fundamentalmente sobre a relação entre pais e filhos. Quando dona Mariana conta o reencontro com sua família (por parte de pai) por ocasião do seu primeiro casamento, ela menciona fundamentalmente seus irmãos, irmãs e pai. Mas, também é verdade, consangüinidade e filiação não bastam para estruturar uma extensa e eficaz rede de parentes. O seringueiro João Nascimento, cujo autoritarismo no trato com os filhos rapazes fez com que estes saíssem de casa ainda solteiros, não logrou mantê-los perto de si, e tampouco conformar um grupo familiar coeso. Os irmãos mantiveram entre si uma

[66] "Grupo doméstico" como uma unidade residencial e de consumo, e que pode ser também técnica (trabalho). Cf. Almeida, 1986.
[67] Aqui um grupo de pessoas ligadas por relações de parentesco. Cf. Almeida, 1986.

solidariedade de *siblings* – ficando conhecidos como *irmãos Nascimento* – mas sem uma liderança reconhecida entre eles e por eles.

Se o parentesco de sangue, idealmente, não se rompe, o por afinidade sim, e o ritual é um recurso para (re)instaurar parentesco entre os contratantes. Na prática, contudo, os laços de sangue podem sim se romper – seja por separação compulsória e violenta, seja por outras ocorrências da vida, como a separação dos pais ou conflitos entre pais e filhos. A ruptura entre afins pode assumir diferentes formas. Basta pensar no caso de genros que enviuvam. Se há netos, consangüíneos dos avós e tios maternos, como fica a relação entre ex-sogro e ex-genro? Trata-se no fundo de saber se, e quando, afins são parentes.[68]

Como procuro demonstrar ao longo desta tese, o parentesco (seja entre cognatos ou afins, mas também entre parentes rituais) terá sempre uma dimensão performática e afetiva, construída no percurso histórico da vida familiar.[69] É neste sentido que chamei atenção para as diferentes interpretações que o termo "parente" pode sofrer e, consequentemente, os efeitos sobre a elasticidade do conceito de família. Mariazinha, por exemplo, nora de seu Milton, após ter se ajuntado com Antonio passou a morar em território diferente de seu grupo de parentes de origem. Para ela, sua "família" são seus dois filhos, "negócio de sangue mesmo". Já Pedrinho afirma que existe a família "de dentro de casa" (esposa e filhos, ou seja, uma afim e consangüíneos) e a "família maior",

[68] Lembremos da célebre frase: "Cunhado não é parente, Brizola para presidente".
[69] Malinowski (1926) chama a atenção para o fato de que, embora entre os Trobriandeses o tio materno seja o elo de ligação do menino para com o grupo social, e não seu pai, as relações afetivas entre pai e filho têm enorme importância. Trata-se de uma relação não-estrutural e não-obrigatória, mas que tem força social por estar apoiada em sentimentos construídos ao longo da convivência, até a puberdade, do pai com o filho.

que pode, por sua vez, ainda segundo ele, ter formatos diferentes: pais e filhos (ou *os Milton*, eu diria) ou "desde o avô até os primos" (*os Nascimento*, como disse Pedrinho).[70]

A minha mãe – diz dona Mariana – *não tinha outra pessoa, era só eu mesmo, era a filha única dela. A minha mãe desapartou-se de mim com a morte.* Podemos então pensar num caminho de volta, isto é, na hipótese da filha Mariana ter nutrido sentimento semelhante em relação à mãe enquanto ela (dona Regina) foi viva, ou seja, o sentimento de que sua mãe era sua única parenta, o que teria favorecido enormemente o fortalecimento da união entre elas. Até seu primeiro casamento, em 1946, dona Mariana teve somente dois encontros com o pai, e nunca aceitou seus convites para que fosse morar com ele nas águas do Tejo – sempre recusou-se a se apartar de dona Regina.[71] Veremos que somente em 1955, com a morte da mãe, dona Mariana foi ao encontro de seus parentes paternos, refazendo a costura desses laços e (re)instaurando de fato o parentesco.

Ainda no tema da recriação dos laços de família, nesse capítulo sobressaíram-se as diversas formas que as relações de paternidade assumiram. Tanto dona Mariana quanto seu Milton conheceram mais de uma figura paterna, diferentemente guardadas na memória a partir da relação e convivência que tiveram com os companheiros e maridos de suas mães. Quatro termos de tratamento de parentesco foram acionados para se referir a esses homens: "pai", "pai de criação", "padrasto" e "padrinho".

Tanto dona Mariana quanto seu Milton distinguem claramente e sem embaraço o "pai" propriamente dito, ou seja, sabem quem é aquele cujo intercurso sexual com a mãe fez com que viessem à luz. Mas o "pai" não é em nenhum momento confundido com a

[70] No último capítulo, será visto que a "família" tem também uma forte dimensão política e, neste sentido, um grupo de parentes extenso e coeso pode ser um capital valioso.

figura masculina da qual têm memória de convivência dentro de casa, em família. Dona Mariana sabe que o velho Nascimento é seu pai biológico, e usa este tratamento de parentesco para se referir a ele ("pai", "papai"), porém identifica Joaquim Machado como o pai que a criou, seu "pai de criação". [72] Ou seja, Joaquim Machado foi quem a criou desde a infância, assumindo as responsabilidades de um pai (casa e alimentação, em especial), inclusive registrando-a como filha, o que o transformaria também em seu pai legal.[73] Seu Milton, por sua vez, sabe que o caboclo Pedro Tibúrcio era seu pai, embora dele não tenha nenhuma lembrança. Ele identifica seu "padrinho" Meruoca como o homem que o criou desde a infância, de quem tem forte lembrança, a quem *considerava como pai* e para quem trabalhou até sair de casa.

"Pai de criação" definiria aquele homem que mesmo sem ser o pai biológico da criança, por ela assumiu responsabilidades de um "pai", comportando-se como um pai social. O mesmo poderia ser dito com relação a Meruoca, que passou ainda por uma espécie de consangüinização ao ser ritualmente transformado em parente: o parentesco afim (padrasto) foi reforçado e transmutado de forma a instaurar termo de tratamento e formas de comportamento compatíveis com uma relação entre pai e filho – relação esta que se estabeleceu e consolidou ao longo dos muitos anos em que ambos estiveram sob o mesmo teto e depois morando vizinhos.

Voltando a dona Mariana, é verdade que o "pai" Nascimento foi também um pai social com responsabilidades claras ao oferecer uma festa pelo casamento da filha.

---

[71] Ver próximo capítulo.

[72] Stephen Nugent (1993, p.138), apontando para a flexibilidade e constante reclassificações a que estão sujeitas as fronteiras do parentesco entre os "caboclos" (população regional) da região de Santarém, identifica o "filho de criação"como um mecanismo de adoção. "Filho de criação" é a criança que é criada por alguém que não seus reconhecidos pais ("parents").

[73] Note-se que aqui não se trata de um pai adotivo, que adota uma criança, pois Joaquim Machado providenciou o primeiro registro de dona Mariana e a registrou em seu nome.

Nascimento existe socialmente como "pai", ao lado do "pai de criação". Assim, na verdade, dona Mariana teve mais de um pai social, e não correu o risco de tornar-se uma "filha de rapariga", sem nenhum pai nominável. Foi registrada, teve um "pai de criação" e um "pai" reconhecidos, e teve também "padrastos". Como "padrastos" ela citou os três companheiros de sua mãe que conheceu: Joaquim Machado, Zé Raimundo e Raimundo Môco. O fato do nome de Joaquim Machado aparecer citado sugere que "padrasto" tem um conteúdo prescritivo, e não performativo: um homem torna-se padrasto de uma criança por definição ao unir-se à mãe desta, e não por atos elaborados ao longo do tempo. Contudo, o padrasto pode tornar-se também pai ou padrinho em virtude de atos.[74]

O termo "padrasto" é usado localmente, mas nunca como termo de tratamento direto. Ou seja, ninguém diz "bença, padrasto", mas as pessoas dizem "fulano é meu padrasto", embora no trato doméstico e familiar o chame de "pai" (sendo ou não "de criação"), "padrinho" ou ainda pelo nome próprio[75]. Dona Mariana estabelece diferenças entre seus "padrastos": Joaquim Machado foi seu "pai de criação" (e somente ele recebe esta classificação); Zé Raimundo é simplesmente seu "padrasto"; quanto a Raimundo Môco, dona Mariana o tinha *como meu pai*, afirma que *ele era muito bom pra mim*, ou ainda que ele *gostava muito de mim e eu gostava muito dele*.

Raimundo Môco não era "pai" de dona Mariana, mas era "como se fosse", diz ela. Com isso, acredito, ela chama atenção para uma relação de afeto presente entre eles, alimentada pela convivência, pelo respeito e mesmo pela dependência mútua. Raimundo

[74] Estou usando a oposição entre estruturas "prescritivas" e "performativas" no sentido de Sahlins, 1993.
[75] Chamar o padrasto pelo nome próprio pode indicar, por exemplo, que o enteado já era um rapaz quando a mãe uniu-se ao novo companheiro, não tendo havido tempo para que uma relação nos termos da paternidade fosse construída, ou ainda interesse em instituir uma forma ritual de tratamento ("padrinho"). Neste último caso, o rapaz pode mesmo ser contra a nova união da mãe e opor-se ao padrasto.

Môco acolheu em sua casa a filha e os netos de sua companheira Regina, e a "enteada"[76] passou a ser um braço forte na economia doméstica, com ele cortando e caçando, além de trabalhar nos roçados. Foi o "padrasto" quem a apoiou contra a mãe no dramático momento de sua saída de casa para morar com seu Milton. Estranhamente, depois da morte de dona Regina não há mais referência a Raimundo Môco, que simbolicamente parece ter morrido com ela.

Enlaces e amor no seringal

Vimos que para moças e rapazes as festas eram a ocasião por excelência da diversão; talvez para as moças ainda mais, pois os rapazes sempre estiveram sujeitos a menor vigilância e maior liberdade de ir e vir. Até hoje, se a intenção dos rapazes é encontrar moças para flertar e namorar, e vice-versa, as festas são os momentos apropriados.[77] Mesmo debaixo de vigilância e olhares atentos, a música e a dança viabilizam proximidade física e troca de intenções por parte do casal que se aventura no salão.

Os flertes e namoros nas festas obedecem ainda hoje ao que Andréa Martini chamou, opondo a dimensão pública e a privada, de "moral do claro-escuro".[78] "Quando a música se inicia", diz a autora, "a dama chamada por um gesto imperceptível com o dedo, vai ao encontro do cavaleiro de cabeça baixa; quando a parte acaba, o casal separa sem comentário ou agradecimento. Isto é o que acontece com as luzes acesas. Por outro

[76] "Enteada" e "enteado" são termos da linguagem de parentesco que, tal como o de "padrasto" e "madrasta", têm um conteúdo prescritivo, somente ganhando densidade afetiva através de ações.
[77] Ocasiões ideais para promover uma festa são até hoje os festejos juninos e de outros santos, como São Sebastião. Outra tradição são as festas de adjunto e os Novenários. Aniversários mais raramente eram (e são) comemorados com festas, mas podia acontecer; casamentos também podiam ser brindados com o evento. Mas, a simples vontade de fazer uma festa era já razão suficiente para convocar as moças da localidade e algum músico, caso houvesse algum nas imediações.
[78] Cf. Martini, 1998, p.122-123.

lado, um piscar de olhos, um aperto de mão durante a parte podem sinalizar o início do namoro e essa troca de sinais orienta a saída dos namorados da festa, buscando lugares escuros, fugindo das regras do claro. Os pequenos sinais e encontros furtivos podem ser o prelúdio de *carregar a moça*".

Piscadelas de olho podem significar uma intenção de namoro, ou mesmo o próprio namoro já em curso; maior intimidade entre os casais, contudo, só nos recantos mais escondidos do terreiro, para onde os jovens casais de namorados procuram escapulir. Acertos perigosos do ponto de vista dos pais – como "fugir" – podem então ser feitos. Esse contraste entre espaços e regras de conduta não é visível num primeiro momento para o observador desavisado, como reconhece Martini.[79] O comportamento público entre casais, de namorados ou marido e esposa, é marcado pelo recato e discrição, não observando-se manifestações inequívocas de afeto e carinho, como beijos e abraços.[80] E, diria, o que chama mais atenção do observador são justamente as fronteiras e interdições entre os sexos e as categorias de idade, levando a crer que regras formais de namoro e casamento orientem precisamente a formação de novos casais.[81]

Não que essas regras inexistam, muito pelo contrário. Elas existem e estão expressas em proibições como a da moça namorar fora de casa, andar sozinhas pelos caminhos ou nos roçados e a obrigação de permanecer no ambiente "claro" das festas. Mas entre o formulado e o praticado vai grande diferença, e há sim aquelas moças que namoram vários rapazes ou andam sozinhas em passeios, e ficam conhecidas como

[79] Nos anos de 1940 e 1950, quando dona Mariana e seu Milton eram jovens e solteiros, talvez as regras de conduta e moral fossem mais rígidas, e maior a vigilância sobre as moças solteiras.
[80] Uma exceção são as relações entre mães e filhos e filhas, onde os toques de afeto e demonstrações de carinho, como lágrimas de saudade, são frequentes e públicos. Consultar Franco, 1995a e 1995b.
[81] Sobre regras à moda antiga, consultar Azevedo, 1986. Em minha primeira incursão sobre o universo feminino e das relações de gênero no Alto Juruá, meu olhar padeceu justamente da "ilusão de ótica" de que uma rígida fronteira separasse as categorias de idade e os sexos. Consultar Franco, 1995a.

"bagunceiras"; que "fogem" com seus namorados, mesmo estes sendo desaprovados pelos pais; ou ainda que mantém relações sexuais pré-conjugais, mesmo que isso não venha a ser de domínio público.[82]

Mas afinal, nos seringais, como se formam os pares de namorados e futuros conjuges? O que leva as pessoas a se interessarem umas pelas outras? As narrativas de dona Mariana e seu Milton a esse respeito permitem algumas pistas e conclusões, sem contudo apontar regras prescritivas. Atrevo-me então a esboçar um campo de possibilidades no qual os enlaces amorosos têm maior chance de ocorrer.

Em primeiro lugar, invariavelmente as narrativas revelam o conhecimento e familiaridade anteriores. Quando perguntei a dona Mariana o que a atraíra em seu Milton, ela começou por resgatar o tempo em que começaram a se ver, quando crianças. O mesmo fez dona Raimunda quando perguntei-lhe sobre Pedro Tibúrcio: desde menina tinha memória de vê-lo no Jordão. Já Raimundo Meruoca, contou-nos a mesma dona Raimunda, invocava o fato de já a ter transportado dentro de um jamaxí. Raimundo Leitão, vindo de fora, seria um contra-exemplo, mas perfeitamente contextualizado na história dos seringais, que conheceu grande afluxo de migrantes nordestinos ao longo da primeira metade do século XX.

O namoro também é facilitado pela proximidade física e residencial: encontros de fins-de-semana supõem distâncias de no máximo algumas horas a pé. Namorar alguém que more muito longe (horas ou mesmo dias de caminhada) pode ser algo difícil de viabilizar. No caso de seu Milton, a namorada Teresa morava perto o suficiente para que ele a visse quase todo domingo; e Mariana, sua outra namorada e futura esposa, veio

[82] Charles Wagley (1988[1953], p.175-184) também aponta, na comunidade amazônica de Itá, a vigência de regras formais de namoro, noivado e casamento, e a realidade do seu descumprimento.

justamente morar na mesma colocação, ambos se vendo quase todo dia. A proximidade espacial pela co-residência numa mesma colocação traz a convivência nas atividades de trabalho relaxadas, como os mariscos de igarapé.

Mas há também aspectos mais sutis a motivar os enlaces amorosos, como o amor, manifesto em códigos e formas culturalmente reconhecidos.[83] Seu Milton fala da atenção que lhe dedicava sua vizinha, a jovem mulher Mariana, procurando-o no defumador após o dia de corte e com ele proseando. Nas festas, foi ela quem o ensinou a dançar. Os filhos de Mariana faziam festa com a chegada do rapaz Milton, que trazia a carne de caça – a dádiva ("gift") de que fala Martine Segalen – que os alimentaria e à sua mãe. Seu Milton levanta também um outro aspecto: ele fala da *primeira influência*. O rapaz Milton era um púbere em flor, provavelmente descobrindo o sexo. Mariana, nesta época, era uma mulher, já mais experiente. A intimidade que foi se formando entre eles teve também uma dimensão privada, a dois. Por fim, ambos eram caboclos.

Sobre casamento e residência

Casais formados, onde morar? O casamento e a escolha do local de moradia do novo grupo doméstico são temas clássicos nos estudos de família e parentesco, frequentemente associadas à problemática da herança da terra, isto é, da integridade de um território de domínio familiar.[84] O caso amazônico, porém, dificilmente se presta a análises de casamento e residência focadas na terra como patrimônio e herança. O estoque de terras acessível para uso (posse) é como que ilimitado, e a margem de

[83] Martine Segalen (1986, p.128-131) argumenta contra a falácia de que os casamentos "antigos", ao contrário dos "modernos", desconheciam o "amor" como um de seus motivadores. "There are many indications that love was not an unknown phenomenon in rural society, and proverbs, gifts and rituals all suggest thar it existed and was recognised" (p.129).
[84] Cf. Almeida, 1986, p.79-81. Para estudos brasileiros, consultar, por exemplo, Seyferth, 1974, p. 80-83; Moura, 1978; e Woortmann, 1995.

manobra das pessoas é bem maior. A presença de regras de residência fixas, associadas à herança da terra, também deve ser questionada para essas populações amazônicas, e os conceitos devem permitir a investigação de um leque maior de motivações para as escolhas de residência.[85]

É verdade que a questão da herança está de alguma forma colocada, pois um ou dois filhos, quando se casam, podem vir a ocupar as estradas de seringa cortadas pelo pai. Assim, embora não haja propriedade privada das estradas, há direitos de usofruto dessas estradas, direitos esses que podem ser transmitidos, geralmente em vida do pai. Noutros casos, os ocupantes sucessivos das estradas podem ser as filhas, isto é, os genros. Mas tanto no caso de filhos como de genros, a herança das estradas de seringa – um recurso natural incidente num determinado território – como determinadora da opção do casal pela residência na casa do pai – isto é, a opção pela virilocalidade – só será pertinente se o pai/sogro estiver efetivamente cortando as estradas já que, nos seringais do Alto Juruá, a noção de propriedade está associada ao uso e a ocupação.[86] Estradas "vadiando" (em desuso) podem ser ocupadas por seringueiros não necessariamente aparentados ao ocupante anterior.[87]

Sob o regime dos patrões, era deles a propriedade formal sobre as colocações e estradas de um seringal, que eram então arrendadas ao seringueiro em troca do

---

[85] Cf. Adam, 1947 e Goodenough, 1968. Goodenough discute a ambigüidade dos termos "patrilocalidade" e "matrilocalidade" ao verificar que levantamentos censitários sobre incidência de formas de casamento numa mesma comunidade chegaram a resultados diferentes entre si. Adam já alertara para a necessidade de conceitos que contemplassem regras de residência a partir do marido e da esposa, e não dos pais e famílias de ambos. Para isso ele defende o uso de "virilocalidade" e "uxorilocalidade", que indicam se o novo casal de conjuges compartilha residência, respectivamente, com os parentes do marido ou da esposa. Nesta tese, estou adotando a sugestão de Adam.

[86] Cf. Almeida & Franco, 2000.

[87] Entre os *caboclos* de Santarém, a questão da herança é similar ao caso dos seringueiros: as capoeiras são objeto de transferência entre parentes, e a propriedade sobre elas depende do investimento de trabalho e uso efetivo. Capoeiras abandonadas podem ser apropriadas por residentes não-aparentados, como mostra Deborah Lima-Ayres, 1992, p.224-231.

pagamento da renda e do monopólio da compra da borracha produzida. Estradas vadiando numa colocação podiam ser designadas, pelo patrão, para um seringueiro sem qualquer parentesco com o(s) grupo(s) doméstico(s) já residente(s). Mas os seringueiros também sentiam-se com direito sobre a colocação e seus recursos, e faziam negócios entre si – como convidar conhecidos, com ou sem algum tipo de parentesco, para cortar nas estradas desocupadas da colocação. Foi isto o que ocorreu no caso do convite de Raimundo Meruoca a Raimundo Môco e também, veremos no próximo capítulo, na mudança de seu Milton e dona Mariana para as águas do Tejo.

A mobilidade, outra característica dessa população extrativista, pode fazer com que a verdadeira herança material a ser cobiçada pelos filhos (e genros) sejam os valiosos utensílios de corte (facas, tigelas, baldes).[88] Vimos que os utensílios são o investimento monetário inicial mais custoso e necessário que o seringueiro deve fazer para poder iniciar o corte de uma estrada de seringa. Os utensílios são móveis; são carregados de uma colocação para outra, ou então vendidos ao futuro ocupante da colocação. Vendem-se os utensílios, mas não o patrimônio físico – a "terra" – que são as colocações e seus recursos.[89]

O fato é que, entre casais de seringueiros recém-formados, as decisões de moradia não obedecem a regras de residência determinadas pela disponibilidade de terras. Outras

[88] Umas das dificuldades em estabelecer o formato das licenças de uso para os moradores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, é o fato deles trocarem de endereço com relativa frequência. As atualizações de endereço que o Projeto de Pesquisa realizou em 1993 e 1995 revelaram esse fato. Em 1991, os números do cadastramento apontaram, por outro lado, para uma estabilidade residencial: uma média de dez anos na mesma colocação. Observando a trajetória dos grupos domésticos retratados nesta tese (incluindo o próximo capítulo), vê-se um duplo movimento: eles mudam bastante de colocação e também permanecem em algumas por períodos prolongados. De toda forma, o que importa reter aqui é que os seringueiros mudam-se de colocação e, quando o fazem, a posse (não a propriedade) da terra não é um fator impeditivo.

[89] Na avaliação para venda de uma colocação, o valor é dado pelas benfeitorias da colocação: casa, roçados, casa de farinha (equipada ou não), estradas de seringa roçadas (com utensílios ou não), campo para gado – ou seja, realizações e bens que demandaram trabalho humano.

considerações são computadas nas opções realizadas pelos novos conjuges, como abundância de recursos naturais (como caça e (boas) estradas de seringa), apoios possíveis de serem acionados e recebidos pela rede social da localidade, necessidade de assistir pais ou sogros idosos e, diria ainda, relações de afeto, ou desafeto, do casal com seus respectivos grupos de origem (pais, irmãos e irmãs).

Parece-me, portanto, que entre os seringueiros parece se configurar uma situação onde não existem regras de residência fixas – e sim um conjunto de possibilidades que são acionadas por escolhas do casal.[90] Além disso, essas escolhas não são definitivas, comportando imprevistos, revisão de estratégias e impressão de novos rumos.[91]

Dona Mariana, ao casar-se pela primeira vez, foi morar longe da mãe, numa colocação de centro, o Botafogo. Por que? Talvez lá houvessem boas estradas de seringa, ou um convite para Raimundo Leitão por parte do patrão ou de algum seringueiro amigo. Tratar-se-ia de um casamento neolocal, mesmo porque Raimundo Leitão não tinha parentes no rio Jordão. Mas logo dona Regina e seu companheiro de então vieram ao encontro da filha, restabelecendo a proximidade que acompanhou mãe e filha durante toda a vida em comum. O jovem casal passou a compartilhar o local de moradia com parentes da esposa – com um efeito similar ao da uxorilocalidade. Mas quando dona Mariana separou-se de Raimundo Leitão, a mãe já não se encontrava mais na mesma colocação: estava morando na margem, no seringal Bonfim, para onde dona Mariana e seus filhos mudaram-se. Logo em seguida foram todos para a colocação Água Fria.

---

[90] Consultar também Almeida, 1993, p.178-183. Mesmo reconhecendo uma tendência patrilinear nos direitos sobre as capoeiras cultivadas pelos pais, o estudo de Deborah Lima-Ayres (1992, p.212-258) sobre os *caboclos* de Santarém mostra a ausência de regras obrigatórias de residência.

[91] Uma visão alternativa pode ser encontrada em artigo de Ellen Woortmann (1998), que identifica uma tendência à residência uxorilocal a partir do momento em que, segundo a autora, com a continuada crise da borracha no pós-Guerra e os patrões mais enfraquecidos, a instalação de mais de uma casa numa colocação

Uma colocação pode abrigar mais de uma casa (grupo doméstico), e é muito comum que essas casas estejam ligadas por filiação e casamento. No caso da Água Fria, em 1951, haviam dois grupos domésticos não-relacionados, o de Raimundo Meruoca e o de Raimundo Môco. Em casos assim, é de se esperar algum tipo de aliança, ou então de conflito. A aliança concretizou-se em meio a uma situação dramaticamente conflituada, e Mariana foi viver com Milton no terreiro dos parentes deste – uma união virilocal, embora os parentes da esposa estivessem há minutos de distância. Uma hipótese é que as uniões onde o rapaz age dessa forma – indo buscar a moça, seja sob a vista de todos, ou então "roubando-a" – tenderiam, num primeiro momento, a obedecer a regra da virilocalidade: a uxorilocalidade está excluída pela oposição dos pais da moça à própria união. No caso de dona Regina, contudo, meses depois ela passou a estimá-lo como a um "filho", isto é, reconheceu-o como genro.

Na união de Milton e Mariana, a virilocalidade sofria uma tensão dada a proximidade física – mesma colocação – da casa da sogra do novo chefe de família: com quem Milton estabeleceria vizinhança? Com seus parentes (obrigação de filho) ou com os parentes da esposa (obrigação de afim)? Aparentemente, por um período de dois anos, Milton vizinhou com as duas casas, e Mariana, por outro lado, certamente manteve intenso contato com a mãe, que, inclusive, fez-lhe o parto do primeiro filho com o novo marido. A morte de dona Regina dissolveu a tensão. Logo em seguida o casal resolveu mudar-se para outro seringal, e a mãe e padrinho de Milton permaneceram no rio Jordão, mudando-se para outra colocação. Assim, no espaço de quatro anos (1951 a 1955), os grupos domésticos residentes na Água Fria mudaram-se para outras colocações, tendo o

---

teria sido então permitida. Meus dados e minha pesquisa não reforçam as hipóteses e argumentos defendidos pela autora.

grupo chefiado por Raimundo Meruoca encerrado um período de residência por catorze anos na mesma colocação (1941 a 1955).

Para concluir, no caso dos seringueiros, a herança da terra como fator determinante da residência de um novo grupo doméstico inexiste; a herança das estradas de seringa ocupadas pelo pai ou pelo sogro tem peso relativo. Observe-se que inexistem conflitos ou tensões latentes entre irmãos em torno das estradas de seringa do pai. Por outro lado, inexiste um padrão fixo ou preferencial de residência; a neolocalidade, a virilocalidade ou a uxorilocalidade são opções cuja escolha é determinada por uma série de motivos, de ordem material, social e individual. E essa escolha pode ser transitória.

Como arremate, emerge a sugestão de que, entre populações extrativistas como a dos seringueiros, o patrimônio que faz a diferença não é a terra ou as estradas de seringa ou as benfeitorias – todas passíveis de serem adquiridas a partir do empenho e trabalho do seringueiro. O patrimônio ou valor acumulado são as pessoas, isto é, os indivíduos ou grupos que uma casa logra mobilizar, no tempo e no espaço, e que são acionados nas mais diversas circunstâncias: de trabalho, de diversão e também políticas.[92]

[92] Numa situação onde a terra não é o patrimônio principal, e sim pessoas e seus objetos de valor, o conceito de "casa" sintetizaria esta noção, conforme propõe Mauro Almeida, 1993, p. 301. No seringal, o que se observa é uma rede de casas formando coalizões mais ou menos estáveis entre si, que o autor conceitua como "macro-houses" (coalização de casas numa mesma colocação) e "macro-houses networks" (coalização de casas localizadas em colocações diferentes, formando uma rede). Cf. Almeida, 1993, p. 169-197. Nessas coalizações, o patrimônio que tem valor social, econômico ou político são as pessoas e seus bens. Operacionalmente, diz ainda Almeida, a colocação, isto é, o território utilizado e gerenciado pelas pessoas, deve estar incluído nessa concepção de casa. Cf. Almeida, 1990.

Capítulo VI

VIDA EM FAMÍLIA (Parte I)

A vinda de dona Mariana e de seu Milton para o Tejo significou – essa é uma hipótese – o ingresso deles num território espacial e de parentesco dominado pelos *Nascimento*, o grupo de parentes que dona Mariana reconhecia como seu. Falarei então primeiro *dos Nascimento*, em seu apogeu nos anos de 1950, em cuja rede de relações entra o novo grupo doméstico ao migrar para o Tejo.

Em seguida, colocarei o foco no interior da vida do grupo familiar de seu Milton e dona Mariana, morando em diversas colocações do alto Tejo, até se mudarem, em 1965, para a Restauração. Começaremos então a acompanhar o ciclo de desenvolvimento desse grupo familiar, como o nascimento, crescimento e socialização dos filhos e enteados e das filhas e enteadas.[1] Ver-se-á que a vida de casal comportou períodos mais ou menos difíceis, e dificuldades da vida conjugal, em especial o tema da infidelidade e da desigualdade entre o marido e a esposa, serão analisadas.

Tratarei ainda da lida diária do grupo doméstico, procurando mostrar como seus integrantes – de ambos os sexos e diferentes idades – participam das atividades da colocação, e de como, ao longo do ciclo de desenvolvimento do grupo, os arranjos da

equipe familiar de trabalho vão sendo alterados.[2] Esses temas terão continuidade no Capítulo VII.

Tejo, território Nascimento

Nos primeiros meses de 1955, o jovem casal Milton e Mariana, e as crianças Raimundinha, Pedrinho e Osmarina, a Birra, chegaram à colocação Boa Hora, localizada num dos últimos afluentes do rio Tejo, o igarapé também por nome Boa Hora. Acompanhando Milton, também veio seu irmão Sebastião. Para Mariana, a vinda para o Tejo tinha um significado maior: após a morte de sua mãe, ela vinha ao encontro de sua família, pai e irmãos.

Primeiro encontro de Mariana com sua família

Pode parecer estranho afirmar que dona Mariana tinha para com seu pai e irmãos, distantes espacialmente e com quem convivera muito pouco até então, um sentimento de parentesco que a fazia querer estar próxima deles. Mas é isso mesmo que ela diz. Pode-se pensar então que esta distância era relativa, e não absoluta: lembremos que o velho Nascimento já brindara a filha com uma grande festa por ocasião de seu primeiro casamento, em 1946. Antes disso, Mariana e a mãe já haviam morado na casa de Ramiro, irmão do velho Nascimento. Foi, inclusive, por volta desta época, já uma moça, que Mariana encontrou-se finalmente com seu pai.

---

[1] De agora em diante, sempre que falar em "filhos e filhas" (de seu Milton e dona Mariana), subentenda-se que enteados e enteadas estão incluídos. Quando este não foi o caso, será devidamente apontado.

[2] Esta dinâmica de trabalho familiar em torno da atividade econômica central – produção de borracha – será então abordada na forma de um sistema produtivo (cf. Almeida, 2000), isto é, o extrativismo da borracha articulado com diversas outras atividades interconectadas e que são executadas pelo grupo doméstico como um todo, congregando e articulando ambos os sexos e faixas etárias diversas.

– Eu fui conhecer meu pai, eu tinha 15 anos; estava dentro dos 15 anos quando meu pai foi no Jordão me conhecer. Sabia que tinha essa filha, que era trabalhadeira, cortava seringa – e o meu pai tinha vontade de me conhecer. Porque eu saí daqui [do Tejo] *muito pequenininha, muito criança. Aí meu pai tinha vontade de me conhecer, aí foi lá, no Jordão, lá adonde eu morava, nesse seringal da Fortaleza; eu trabalhava mais o meu tio Ramiro, o irmão dele; aí ele foi lá pra me conhecer. Eu estava dentro dos 15 anos nesse tempo. (...)*

– E o quê que a senhora achou dele? Gostou?

– Ave Maria, fiquei feliz de ter conhecido meu pai!

– A senhora tinha vontade de conhecer ele?

– Eu tinha vontade de conhecer. Aí quando ele foi [no Jordão], *pelejou pra mim vir embora aqui pro Tejo. Eu digo: – "Papai, eu não vou não; não vou não senhor." Ele disse: – "Por quê, minha filha, você não vai pra minha companhia? Lá você não corta seringa, lá você tem escola pra você aprender a ler, lá você tem de tudo que você precisar." Aí eu disse pra ele: – "Papai, eu não vou não. A minha mãe não vai; a minha mãe não quer morar lá, e eu também não vou." – "Vam'bora, minha filha, sua mãe não quer morar lá, você vai mais eu." Eu digo: – "Vou não senhor. Eu não deixo a companhia da minha mãe, de jeito nenhum. A minha mãe não tem marido, a minha mãe não tem irmão, a minha mãe não tem pai, não tem mãe – não tem parente nem aderente: ela só tem eu no mundo, de parente. Eu não abandono a minha mãe, só quando eu morrer ou ela." Aí ele disse: – "Ah, minha filha, se você fosse viver comigo, na minha casa você tinha de tudo como as suas irmãs têm, até o estudo." Mas eu não quis vir. (...)*

Eu vim, Mariana, procurar meu pai adepois que minha mãe morreu; já casada, aí foi que eu vim procurar a vir pra perto do meu pai. Eu digo: – "Bom, agora eu não tenho mais mãe, eu só tenho esse marido [seu Milton], *e esses três filhos pequenos. Agora vou procurar a minha família, a família do meu pai." Aí foi quando eu vim morar aqui no Tejo, foi no ano que nós viemos pro Boa Hora. (...) Eu digo: - "Vou m'embora pra donde está meu pessoal." Quem me prendia no Jordão era minha mãe, que ela não tinha vontade de vir pra cá. Mas ela já tinha morrido, aí eu vim m' embora.*

Glosa VI.1:

O termo "parente" tem destaque em sua fala: ela era a única parente da mãe; depois que a mãe morreu, só tinha o marido e os filhos; seus parentes eram a família de seu pai. Dona Mariana, até a mãe morrer, formava com ela um grupo doméstico mas também uma família: eram uma unidade produtiva e de consumo, e tinham laços de parentesco entre si alimentados por um forte vínculo afetivo e de solidariedade construído ao longo do tempo. Este sentimento de amor, união e dever manteve dona Mariana junto da mãe, fazendo com que abrisse mão das facilidades e confortos com que seu pai lhe acenava.

Depois da mãe morta, dona Mariana foi em busca do pai: em busca de sua família, a família de seu pai, seus parentes por parte de pai. Não creio que isto signifique que marido e filhos não são parentes. Uma hipótese possível é uma tendência de atração das mulheres casadas para perto de seu grupo de parentes de origem, em especial a mãe. Se esta não mais existe, tem-se ainda o pai, madrasta e irmãos. Lembro que quando seu Milton e dona Mariana, em 1994, mudaram-se para a foz do Machadinho, as filhas passaram a aperrear seus maridos com a vontade que tinham de ir para junto dos pais, que foi o que de fato ocorreu algum tempo depois.

Seu Milton, por outro lado, em 1955 saiu de perto de sua mãe e padrinho, e veio para dentro da família da esposa, como dona Mariana mesmo afirmou. Por que não bateu o pé para ficar perto da mãe? Talvez porque tenha pensado como um homem casado e com filhos para criar: as estradas na Boa Hora eram produtivas. Mas é verdade ainda, por outro lado, que dona Raimunda e Meruoca vieram juntar-se ao filho e nora anos mais tarde, tendo seu Milton então "sua família" por perto.

Uma hipótese complementar a da atração das mulheres para seu grupo de origem, é pensar num campo gravitacional mais forte em torno de grupos de parentes mais extensos e coesos, bastante comuns nos seringais. Este era justamente o caso *dos Nascimento*: um grupo de parentes disperso em várias unidades domésticas, mantendo relações de troca e lealdade entre si, sob a liderança de um patriarca.

– E dona Mariana, mesmo com esse tempo grande que a senhora ficou longe do seu pai – quinze anos, né? –, quando a senhora encontrou ele, a senhora pediu a benção?

– Ave Maria! Quando a minha mãe disse... Foi assim. Eu andava cortando na casa desse compadre da minha mãe, chamava-se Miguel – aí eu andava cortando. Quando eu cheguei, a minha borracha em cima da tábua no defumador...

– Estava no Miguel ou no Ramiro?

– No Miguel. Aí quando eu cheguei, tinha um nome em cima da minha borracha, escrito: Ondino Feitosa do Nascimento, que era o meu irmão que tinha ido me visitar também, dos mais novos da finada Nazaré. Aí quando eu cheguei lá, eu não sabia ler, mas eu conhecia as iniciais, não sabe? Quando eu cheguei, eu perguntei: – "Prima Zilda" – a enteada do velho [Miguel], *não sabe? – "quem foi que passou hoje aqui?" Aí ela disse: – "Foi um homem que veio do Tejo e uma mulher com uma meninazinha, e um rapaz. E o rapaz deixou o nome dele lá em cima da sua borracha". Eu digo: – "**Aquele homem é da minha família!**" Aí ela começou a achar graça, ela disse: – "Por que você diz?" Eu digo: – "Porque eu sou Maria Feitosa do Nascimento, e aquele homem é o Ondino Feitosa do Nascimento, e aquele homem é da minha família." Aí ela riu-se, aí achou graça e disse: – "Foi **teu pai**, que passou hoje aqui, e o **teu irmão** e **tua madrasta**, levava uma meninazinha com seis meses, tão gordinha!"*

Aí a Iracema [mãe de Zilda] *foi e disse: – "Foi o seu Nascimento que passou. Ele deixou dito pra você, comadre Regina, que você fosse hoje pra margem ainda hoje, que ele tá lá ansioso pra ver a filha dele." Aí minha mãe disse assim: – "Eu? Ah, vou! Quem chega da estrada três horas da tarde, ainda vou correr aqui no rumo da margem, três horas de viagem, não é nem meu pai! Se fosse meu pai, eu ia, pegava um bocado de sernambi e saía queimando e ia atrás, pra ver meu pai. Mas não é nem meu pai!" Aí eu*

fui e disse assim: – "Se eu tivesse com quem, eu ia, mas eu não posso levar a mamãe que ela não agüenta a viagem." Aí ela disse: – "Nós vamos amanhã, minha filha." (...)

Aí quando foi no outro dia, nós fomos. Aí quando foi de tarde, negócio de assim de três horas da tarde, aí nós cheguemos lá na casa que ele estava, na casa do meu tio [Ramiro]. *Aí fomos devagar, eu fui pelo barracão do patrão, pra comprar manteiga, comprar leite...(...) Quando eu cheguei lá, de tardezinha, mais ela* [dona Regina], *eu com a carga nas costas, espingarda no ombro, e ela com terçado na mão. Aí ele não me conhecia. Se eu tivesse ido mais outras pessoas estranhas, aí ele não sabia quem era a filha dele, mas eu tinha ido mais a mamãe. Quando ele viu, aí ele espiou pra mamãe e disse assim: – "Mas Regina, por que é que você não fica velha? Tá velha, cada vez mais bonita!" E a mamãe espiou pra ele e disse: – "É, e você cada vez mais fica preto e mais feio, não sei como essa menina casou-se com você!" – que era a mulher dele, a velha Mariinha, nesse tempo ela era nova. Aí ela* [Mariinha] *acha graça: – "Agora que tu tá achando ele feio!" Ela* [dona Regina] *disse: – "Toda vida eu achei esse nêgo feio! Eu tenho uma filha dele, mas não era porque eu achasse ele bonito não!"* (risos)

Aí nós subimos, aí ela falou com ela, aí foi aqueles abraços; aí eu cheguei e tomei a benção a ela [Mariinha]; *aí ele* [Nascimento] *veio, me abraçou, me abençoou e me abraçou; e foi cheiro por cima de mais cheiro. Aí ele foi e disse assim: – "Amanhã eu vou fazer uma festa pra minha filha dançar." Aí a cunhada dele, que era a mulher do Ramiro, disse assim: – "Ah, compadre Nascimento, isso é piolho de festa." Ele disse: – "Não, eu sei que a minha filha dança, porque meus filhos não se perde um!" Ele era, ave Maria, ele era tocador! A vida era tocar, andava de festa em festa ganhando dinheiro, só*

vivia mais era de tocar, o papai. A minha mãe mesmo contava, e muitos moradores velhos por aqui que conheciam ele, contava isso. (...)

– E a senhora tinha mesmo amor por ele, mesmo sem conhecer?

– Deus me livre! Meu Deus! Eu tinha amor pelo meu pai. Meu paizinho foi-se embora, acabou-se tão longe de nós! De mim e do compadre Chico e do finado João Nascimento. A ***minha madrasta*** *aperreou pra levar ele pra Cruzeiro* [do Sul], *aí foi, levou ele pra Cruzeiro. Quando chegou em Cruzeiro, com um ano que ele tinha ido s'embora pra Cruzeiro, aí meu irmão foi s'embora, o Dival; e no outro ano, o Raimundo foi. Aí foram trabalhar dentro do Moa, no rio Azul. Aí levaram ele pra lá, lá meu pai morreu, nas cabeceira do rio Azul; não morreu na cidade não, ele não é sepultado na cidade não – sepultado no seringal.*

– Agora, mesmo a gente ficar tanto tempo sem contato com o pai, quando encontra assim, já gosta, mesmo sem o pai ter criado a gente?

– É, a gente quer bem do mesmo jeito, eu queria, Mariana, não sei não...Eu vi meus filhos [Raimundinha, Pedrinho e Birra] *dizer que não estimava o pai deles* [o Raimundo Leitão], *o pai legítimo deles – estimava este aqui* [seu Milton]. *Eu vi – ainda hoje meus filhos podem não dizer mais isso, porque os pai deles já é falecido – , mas quando o pai deles era vivo, eles cansaram de dizer: que queriam mais bem o padrasto deles do que o pai deles. Agora, eu digo assim porque meu pai que me criou* [Joaquim Machado] *já era falecido, quando eu conheci meu pai legítimo. Mas eu acho também que se eu tivesse na companhia do outro, talvez eu dissesse como meus filhos diziam.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 27/06/1998; grifos meus)

Glosa VI.2:

Mariana reconhece pelo sobrenome - Feitosa do Nascimento - o parentesco: "aquele homem é da minha família", afirma. Família é um conceito também genealógico, isto é, que tem a ver com relações estruturais dadas pelas regras de descendência. Vejamos isto com mais atenção.

Fiquei intrigada com o fato de dona Mariana relatar tanto amor a um homem que ela, na verdade, nem conhecia: era seu primeiro encontro com o pai. Acredito que essa relação de parentesco e afeto veio a se consolidar como uma memória porque dona Mariana teve a chance de construir com o pai uma relação de filha, tanto por ser ele um homem gregário e, pelo visto, afetuoso, quanto por ter ela, morando no Tejo, convivido mais proximamente com ele. A construção dessa relação e de sentimentos de amor filial foi possível pela convivência, e é essa convivência que ficou gravada na memória, que retrospectivamente atribui afeto ao que foi construído posteriormente.[3]

Mas outros aspectos devem ser considerados:

A existência de afeto nessas situações significa que relações estruturais - nesse caso, genealógicas - implicariam afeto, isto é, relações estruturais possuiriam um conteúdo prescrito, e obrigatório. Porque tratava-se do pai, Mariana sentia amor por ele, mesmo sem tê-lo visto até aquele momento.[4] É verdade que se está numa sociedade em que as relações de parentesco têm peso significativo na organização e interação sociais. A prima Zilda afirma a Mariana: seu "pai", "irmão" e "madrasta" passaram na colocação. Mariana sabia que Nascimento era seu pai, também é provável que devia ter informações sobre ele. As idéias de amor devido ao pai, combinadas com ecos ouvidos e projeções antecipadas, podem então gerar afeto, para além da idéia de que o simples papel de pai está ligado ao dever de afeto.

Finalmente, chamaria atenção para a afetividade e ausência de preconceitos que cercaram o reencontro de Mariana com o pai. Em primeiro lugar, este fez-se acompanhar da sua esposa de então, que com ele foi então conhecer uma filha de outra união e sua respectiva mãe. O encontro das duas mulheres - a ex-mulher e a atual esposa - foi cordial e bem-humorado. Em segundo lugar, o relato de dona Mariana fala, na verdade, de um ritual de reencontro em que explodem formas de expressão de afeto: piadas que quebram eventuais constrangimentos e/ou aproximam desconhecidos (potenciais rivais?), abraços, benção e cheiros!

Analisemos agora mais detidamente, com os dados disponíveis, o grupo familiar *dos Nascimento*.

---

[3] O mesmo não ocorreu, por exemplo, com os filhos de dona Mariana com Raimundo Leitão. Raimundinha, Pedrinho e Birra chamam seu Milton – na realidade, estruturalmente, o padrasto – de "papai", tomam-lhe a benção, e por muitos anos não tiveram inclusive interesse em conhecer o pai biológico. Já um homem casado e com filhos, Pedrinho o procurou e estabeleceu com ele e sua nova família (esposa e filhos) um vínculo afetivo, mas que nunca se sobrepôs ao que tem, dentro de si, com seu Milton.

[4] Radcliffe-Brown (1964[1922], p. 229-329) diz que as relações sociais (que chamo de estruturais) implicam conteúdo afetivo. Situações como a de enterro, casamento e reencontro de pessoas afastadas durante muito tempo implicam comportamentos prescritos: respectivamente, na nossa sociedade, choro,

Os Nascimento

Francisco Feitosa do Nascimento, recordemos[5], chegou ao Acre junto das primeiras levas de migrantes nordestinos que atingiram os rios e seringais do atual Estado do Acre. [Mapa 7] Nascimento, como era conhecido – ou velho Nascimento, como passou a ser chamado mais tarde – era um homem alfabetizado e inteligente. Um homem de iniciativa, tendo alcançado posições diversas na estrutura da sociedade de seringais.

Ainda no rio Tarauacá, trabalhando como seringueiro, prestou serviços de escrita no barracão. Em 1954, seu Antonio de Paula o conheceu quando foi a Restauração acompanhando um colega seringueiro que fora chamado para conversar com o delegado a pretexto de ter deflorado uma moça: o pai exigia o compromisso do casamento. Seu Antonio conta que, tão logo chegou na sede do seringal, recomendaram que procurasse Nascimento, e assim o fez. De fato, constatou, o homem tinha prestígio: – [O Nascimento] *Era uma pessoa muito influente ali na Restauração, não só porque sabia alguma coisa, mas porque era a personalidade dele. Era um cara muito conhecido e amigo de todo mundo.* (Seu Antonio de Paula, Cruzeiro do Sul, 01/08/1998)

Nos dias que passou por ali, hospedado na casa de Nascimento, seu Antonio teve chance de conversar com ele e de usufruir de sua hospitalidade. Seu anfitrião, conta, já tinha sido Juiz de Paz no seringal, posição que conquistou por iniciativa própria ao dirigir-se ao Forum de Cruzeiro do Sul e conversar com o Juiz de então, Caio Valadares Pires, que o autorizou formalmente a tal. Algum tempo depois, um antigo soldado, João Araújo, foi designado para a função, e Nascimento passou a escrivão, auxiliando o

---

risos e alegria. A sociedade, diz Radcliffe-Brown, precisa desses "sentimentos" para que possa integrar-se, e os rituais onde eles se manifestam são ocasiões em que a estrutura pode ser interiorizada, sentida.

[5] Informações já registradas no Capítulo II.

delegado Manoel Néris e o soldado Almir da Silva, do destacamento (da polícia do território federal do Acre) que havia na Restauração.

Nascimento trabalhou como seringueiro até que os filhos cresceram e assumiram o corte de seringa. Nunca foi empregado de barracão, embora pudesse prestar eventuais serviços na loja, pois tinha conhecimento para tal. Quando parou de cortar, dedicou mais tempo ao ofício de tocador de gaita (a sanfona), tendo sido um famoso festeiro. Era muito solicitado, e ganhava dinheiro ou mercadorias por cada festa em que era chamado a animar. Ao lado de sua casa de residência, construiu uma outra casa que funcionava como hospedagem na época de festas e eventos como o Novenário e que ele também podia alugar para festas. Todos que conheceram Nascimento são unânimes em afirmar: era uma homem muito popular!

Este migrante cearense "naturalizado" acreano construiu extensa família, tendo chegado a afirmar que possuía 35 filhos – imagine-se o número de netos e descendentes! Mas nem todos esses filhos viveram em sua companhia. Nascimento tomou como primeira esposa uma cearense de nome Nazaré, com quem teve sete filhos, três homens e quatro mulheres. Em 1928 teve uma filha – justamente, dona Mariana – com dona Regina. Após a morte de Nazaré, em 1929, Nascimento casou-se com uma mulher por nome Brígida, que logo faleceria. Sua última esposa chamava-se Mariinha – com quem foi justamente ao Jordão conhecer a filha Mariana – , e com ela teve mais cinco filhos e quatro filhas. [Mapa de Parentesco 3]

Os filhos e filhas reconhecidos como tais – não só pelo velho Nascimento, mas pelo senso comum de seus contemporâneos – somariam dezoito. Nascimento, como de praxe entre os pais de família no seringal, foi hábil em estabelecer um regime doméstico

de trabalho onde os filhos foram progressivamente assumindo as diferentes tarefas que uma colocação requer, o que significou uma melhoria nas condições de vida da totalidade dos moradores da casa. Pedrinho, filho de dona Mariana, neto do velho Nascimento, morou na década de 1950 na casa do avô. Era nesta época um menino, mas tem lembranças significativas:

– Ele era uma pessoa que ele era um, um... Um nordestino véio meio sabido, né? Ele era bem educado. Ele teve uma época que ele, eu não lembro da função dele, mas o pessoal falava que ele era até Juiz de Paz, parece, ali na Restauração. Aí o pessoal tinha aquela, aquela consideração a ele. E eu gostava muito dele, logo ele me tratava muito bem. A mulher dele também gostava muito de mim; e a minha tia que era a filha mais velha dele, foi essa mulher, que era a tia Lindaura, ela me considerava assim que nem filho mesmo: quando eu estava com ela, estava melhor mesmo do que com minha mãe! Que ela tinha mais conforto, né? Tinha... ela cuidava muito bem de mim.

Eu me lembro que eu já grande, na época que eu estava mais ele [com o avô], *eu grandão mesmo*[6], *eu lembro que ela* [tia Lindaura] *não deixava nem eu tomar banho no rio; ela me dava banho em cima do girau. Tamanho macetão! Ela gostava muito de mim. Pois sim, aí eu acho que por isso que durante o tempo que eu era pequeno, que ela, ela... fez parte também pra me criar, né? Aí eu peguei, fiquei com essa amizade com ela que eu não dava muito tempo assim sem ver ela não: dava vontade de voltar pra casa do vovô.*

– Agora, deixa eu voltar um pouquinho. Você falou que lá na casa do seu avô tinha mais conforto?

– Tinha.

– Como assim?

– Porque ele era uma pessoa que ele, ele tinha muito filho; os filhos dele já eram tudo formado e eram trabalhador, né? O velho tinha uma boa administração, e tudo era controlado lá! A filha dele, essa minha tia que eu estou falando, ela era professora. Ela, naquela época também...aí o governo dava um tipo de leite. E tudo era com fartura mesmo! E eu, nesse tempo era pequeno, ela, todo dia de manhã eu tinha aquele leite, com certeza mesmo.

– Sei. Passava bem, né?

– Passava. Passava bem mesmo. O meu avô, ele ...

– Ele era seringueiro?

– Não. Ele não era seringueiro, na época que eu conheci ele já não era seringueiro; já era velho, mas os filhos tudo já eram formados. Ele colocava assim, ó: ele tinha, parece que eram cinco filhos: era o tio João, o tio Dival, o tio Luís, o tio Chico e o tio Raimundo [Ponchelo]. *Eram cinco filhos que ele tinha. Aí o tio João e o tio Dival e o tio Luís eram da seringa; esses três, o trabalho deles só era cortar. Aí o tio Chico era o caçador; cortava algum dia, quando tinha rancho mesmo, que ele podia cortar, que ele cortava. E o tio Raimundo era o mais novo, era quem trabalhava na roça mais ele e a velha dele e as filhas.* (Pedrinho, Cachoeira do Lago, 02/06/1998)

Glosa VI.3:

Todos os filhos do sexo masculino mencionados por Pedrinho eram fruto do casamento do velho Nascimento com Mariinha. Calculo que esta união ocorreu em meados dos anos 30, e foi-me dito que por essa época o velho Nascimento teria cerca de cinquenta anos e Mariinha, vinte e sete anos de idade. Os anos descritos por Pedrinho são os entre 1955 e 1959, contando o velho Nascimento, portanto, já com seus setenta anos de idade, e Mariinha com quase cinquenta. Já eram, portanto, para os padrões do seringal, pessoas idosas, e boa parte das tarefas domésticas e produtivas já haviam sido repassadas aos filhos e filhas. Não dispomos de dados sobre as filhas, mas vejamos o caso da equipe masculina da casa:

João Nascimento era o filho mais velho, e podemos supor que ele já tivesse mais de

[6] Um menino com cerca de sete anos de idade.

dezoito anos. Ele devia ser o principal responsável pela borracha produzida pela casa. Seus irmãos seringueiros, Dival e Luis, eram mais jovens: o primeiro devia ter catorze anos e o segundo, cerca de doze. Dival já teria autonomia para cortar sozinho uma estrada, mas Luis não. Pode ser que João e Dival cortassem suas próprias estradas, e Luis ajudasse a um deles; ou que houvesse uma terceira estrada, cortada por Luis junto com um dos irmãos.

O outro irmão, Chico, tinha seus dezoito anos e, pelo visto, era o caçador da casa, cortando seringa eventualmente. É verdade que Chico Preto, como é conhecido até hoje, deve ter sido um bom caçador: nos anos de 1970 trabalhou como empregado do patrão Epaminondas, abastecendo o barracão com carne de caça (para consumo). Finalmente, o irmão mais novo, Raimundo Ponchelo. Este tinha, no máximo, dez anos de idade, e trabalhava nos roçados, junto dos pais e irmãs.

Conforme Pedrinho relembra, *o velho tinha uma boa administração*, isto é, distribuía as tarefas entre os membros masculinos do grupo doméstico de uma maneira avaliada como eficiente: as atividades de cunho econômico e produtivo desenvolvidas na mata eram atribuídas aos filhos rapazes, e aquelas que tinham lugar nos roçados ficavam sob a responsabilidade do chefe da casa, sua esposa, filhas e o filho ainda novo para aventurar-se na mata. O resultado deste gerenciamento do trabalho familiar era fartura na casa! Para esta equação - uma casa com fartura - devemos considerar também a contribuição de outros fatores, como veremos a seguir...

Toda a trajetória que aqui estou tentando resgatar – a *dos Nascimento* – fala, parece-me, de estratégias familiares. Vimos já toda a capitalização que o velho Nascimento foi capaz de fazer em torno de suas capacidades e talentos pessoais. Tornou-se uma pessoa famosa, solicitada e conselheira. Dentro de casa, administrava com eficiência os trabalhos dos rapazes solteiros, dividindo-os entre as tarefas da seringa, do rancho (caça e marisco) e dos roçados. Os filhos seringueiros cortavam na conta do pai no barracão, sendo este certamente que administrava também os saldos e débitos da casa.

O velho Nascimento também tomou cuidado em proporcionar aos filhos a oportunidade de estudar, que inclusive ofereceu a sua filha Mariana quando a conheceu no Jordão. Com maior ou menor desenvoltura, todos os filhos e filhas alfabetizaram-se. Lindaura tornou-se professora, atividade que ainda exercia quando a conheci em 1993. Seu cargo de professora garantia, para a felicidade do sobrinho, acesso diário ao leite distribuído no seringal pelo "governo". Outro filho, Ondino, veio a se tornar gerente de

barracão na Boa Vista e na Restauração. A ética do trabalho, provavelmente infundida pelo pai, tornou João Nascimento um dos seringueiros mais famosos do alto Tejo, tendo com sua grande produção e saldos chegado a comprar uma casa em Cruzeiro do Sul e mobiliá-la.

Essas estratégias familiares – públicas e privadas – certamente renderam frutos: bem-estar, posses materiais, saberes, ascensão social e ainda outros capitais, como prestígio e influência. Acredito que a família *dos Nascimento* alcançou seu auge entre a década de 1950 e de 1960. Com o tempo os filhos foram casando e constituindo novos grupos domésticos, o que não significou um abandono da autoridade paterna, mas esta também esteve sujeita à passagem do tempo. Em 1967, o velho Nascimento mudou-se para a cidade, tendo falecido algum tempo depois no rio Azul, nas cabeceiras do rio Moa, bem longe do rio Tejo. [Mapa 5]

"Colocando-se" no Tejo

A primeira colocação em que Milton e Mariana moraram no alto rio Tejo chamava-se Boa Hora. [Mapa 11] Lá foram morar a convite de José Ferreira de Freitas, o velho Zé Ferreira, aparentado de Mariana por ser "primo segundo" do velho Nascimento. Mariana o chamava de "titio". Da esposa do velho Zé Ferreira, Sebastiana Pereira dos Santos, tornou-se afilhada de fogueira, chamando-a de "madrinha".

Nesta colocação de parentes, havia ainda outros dois grupos domésticos chefiados pelos seringueiros Juvenal e Olímpio. Milton, jovem pai de família, animou-se: as estradas eram muito boas de leite, tirava-se até catorze latas de leite por dia! E Milton dera-se bem com os vizinhos, em especial com Rubi Ferreira de Freitas, filho do velho Zé Ferreira, que se tornou um de seus bons companheiros de caçadas nas matas do entorno.

Mas como fez Milton para "colocar-se"? A colocação Boa Hora já possuía três grupos domésticos residentes, cujos respectivos seringueiros eram conhecidos pelo patrão do seringal Restauração – o Chico Major – , tinham conta própria junto ao barracão e anualmente pagavam uma renda pelas estradas de seringa que exploravam: trinta e três quilos de borracha por cada estrada. Milton chegou na Boa Hora a convite de um chefe de família e seringueiro, o velho Zé Ferreira, e não por oferta do patrão ou com seu consentimento prévio. Qual era, então, a situação do novo seringueiro da colocação?

Glosa VI.4:

A explicação, ver-se-á a seguir, aponta para um exemplo interessante da relativa autonomia dos seringueiros. Mas, antes, vejamos como operava formalmente a "colocação" de um seringueiro num seringal e as regras a que estava sujeito:

Ao dirigir-se ao barracão e lá, em comum acordo com o patrão, abrir uma conta para si, o seringueiro torna-se "freguês", isto é, um aviado que adquire na "loja", por meio de adiantamentos (fiado), as mercadorias (artigos de consumo) de que precisa e que pagará mais à frente com a borracha que produzirá em sua colocação. E o seringueiro "titular" da conta recebe também um certo número de estradas, pelas quais pagará a "renda". Todo barracão terá, portanto, livros contábeis, manejados pelo patrão ou seu "guarda-livros" (o contador), onde estarão registrados os seringueiros-fregueses do respectivo seringal e documentada a movimentação da conta de cada um deles - saldos e débitos relativos à transação borracha-mercadorias - e o pagamento da renda pelas estradas em atividade.[7]

Conta aberta, o seringueiro ia para sua colocação preparar as estradas que arrendara para o corte: "roçar" (limpar) os caminhos; "raspar" a casca da seringueira demarcando as "bandeiras", ou arriações, onde os cortes com a faca de seringa seriam feitos naquela safra; e por vezes "empausar" a estrada com "mutás" (uma escada feita de tronco com dentes como degraus) para alcançar arriações mais altas - estas eram etapas de preparação para o corte. Este iniciado, a cada safra o mateiro pago pelo patrão percorria as colocações e estradas fiscalizando as técnicas de corte da seringa. Nos seringais do Alto Juruá, as técnicas de sangria reconhecidas como não danosas às seringueiras eram o corte "pelo terço" ou "pela banda" [8]. O descumprimento destas determinações, como também do calendário de corte oficial[9], podia ser punido com advertências - como um simples aviso ou até a interdição da estrada -, multas no valor de quilos de borracha ou, no limite, recomendação de retirada do seringueiro da colocação.

[7] Mauro Almeida argumenta que havia duas relações entre seringueiros e patrões: a de freguês (seringueiro com conta corrente) de um comerciante monopolista (o seringueiro não podia comprar fora do barracão), e a de arrendatário (pagando pelo uso das estradas de seringa). Consultar Almeida, 1993, capítulos V e VI.

[8] O corte "pelo terço" determinava que para cada arriação deveria haver duas faixas de igual largura "vadiando"; cortar "pela banda" significava que para cada arriação haveria uma faixa idêntica vadiando (sempre ao longo do diâmetro). Consultar Carneiro da Cunha & Almeida, 2001.

[9] Ver "safra", no Glossário.

O controle mais direto do volume da produção de borracha dos seringueiros, e de seu destino - o pagamento das dívidas contraídas no barracão - será feito, contudo, através de uma outra visita domiciliar periódica: a de empregados do barracão central ou gerentes de depósitos, que percorriam as colocações pesando a borracha de cada seringueiro e identificando-as com a marca de cada seringal.

O velho Zé Ferreira provavelmente estava cedendo a Milton, marido de sua "sobrinha", estradas da colocação em que morava e que estavam vadiando, isto é, que não estavam sendo exploradas. Mas não precisaria o velho Zé Ferreira da autorização do patrão Chico Major para esta concessão? Perguntei isto a seu Milton, que respondeu negativamente. Enquanto o seringueiro recém-chegado não abrisse sua própria conta no barracão, o velho Zé Ferreira responderia, perante o patrão, pela renda das estradas que sub-arrendara e ofereceria sua conta para avalisar compras que Milton fizesse.[10] No momento em que Milton abrisse sua própria conta no barracão, as estradas passariam a ser "suas", e a responsabilidade pela renda e suas dívidas também.

Glosa VI.5:

No caso da Boa Hora, tratava-se, portanto, de um sub-arrendamento de estradas de seringa. O velho Zé Ferreira, talvez a autoridade entre os moradores da colocação, teve autonomia para decidir sobre o destino das estradas da Boa Hora. Não precisou de autorização do patrão Chico Major para colocar um seringueiro; pode ser que tenha consultado e entrado em acordo com seus vizinhos de colocação para destinar a Milton as estradas que estavam inativas.

A cadeia de arrendamentos desde sempre caracterizou o sistema de aviamento imperante nos seringais, e localmente conhecia mais um desdobramento: a de seringueiros que arrendavam estradas - e não colocações - a outros seringueiros, com quem mantinham muitas vezes laços de parentesco. Mas não se tratava da reprodução de relações de patronagem ou aviamento: a renda das estradas sub-arrendadas era inteiramente destinada ao barracão central, onde também eram efetuadas as compras de mercadorias e para onde deveria ser encaminhada a borracha produzida. Milton, nesse primeiro momento, abasteceu-se com o vizinho Zé Ferreira, que repassou-lhe mercadorias do seu próprio estoque, e não de uma porção extra que dispunha para venda.

[10] Entre 1982 e 1983, Mauro Almeida (comunicação pessoal) observou situação similar em colocações do Riozinho. Recém-chegados ao seringal trabalhavam em colocações de centro e sua presença não era do conhecimento do patrão Sebastião Corrêa. Havia casos de seringueiros que permanentemente trabalhavam sob a conta de outro seringueiro, embora tendo casa própria e, em alguns casos, família.

Box 23: Conta, borracha & saldo

Conta, borracha & saldo (I)

Que abrir uma conta, mesma coisa de você ir num supermercado, seja onde você quer fazer sua compra, aí você vai lá, aí o cara toma nota do seu nome, né? Porque primeiramente saber quem é, pra quem vai vender, né? Daí a sua conta já tá aberta (...). É mesma coisa que você no barracão do patrão também: você vai, abre uma conta, aí fica comprando fiado ao patrão. Nesse tempo, aqueles que confiavam na gente, vendiam, e quem não... mas nesse tempo todos confiavam. Sempre o patrão, né?, eu não vou negar: porque os patrões nessa época, todos eles, quando a gente abria uma conta, já comprava um pouquinho.

Agora, a gente ia pro centro, roçar a estrada e raspar (...) Aí quando começava a cortar, aí eles abriam um crédito pra gente de novo, no corte de seringa; quando a gente ia dar os primeiros dias de corte, a gente ia no barracão, aí comprava. Se era longe você comprava meia aviação, se não era você comprava aquele mercado que desse pra tirar quinze dias ou um mês. Aí quando você completava, aí ele [o patrão] *vinha, fazia a pesada; aí a gente ia no barracão de novo, tornava a fazer outra compra. (...)*

Quem era uma pessoa que ficava pensando no futuro, aí fazia a compra mas não comprava o valor daquela borracha toda que você tinha feito, assim a borracha que a gente fazia: aí você comprava sempre pra que fosse ficar sobrando um pouquinho, justamente aí no fim do ano você sabia que tinha um saldo, né? E agora se era aquela pessoa que não imaginava, queria comprar muito, às vezes comprava, trespassava um pouco da borracha que ele tinha feito: aí quando ele ia fazer de novo, às vezes aquela borracha que você ia fazer já estava sujeita! Aí quando você fazia compra de novo, já lá ficava outra contazinha e assim às vezes tocava de sorte muitos ficar devendo por isso.

E eu, sempre quando comprava, tinha esse cuidado de comprar só com aquele limite que sobrasse, ficasse um pouquinho. Embora fosse pouco mesmo, ficava aquele saldozinho, mas sempre eu tinha aquele cuidado de ficar aquele saldozinho – embora pouco, mas ficava. E assim é que a gente abre a conta desse jeito. (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)

Milton preparou as estradas que iria cortar e deu início a sua produção de borracha. Logo reuniu uma modesta mas significativa produção, suficiente para saldar seu débito com o vizinho e fazer uma primeira compra para sua casa. Aproveitando então uma viagem dos vizinhos Olímpio e Osvaldo Varelo a Restauração, Milton enviou um recado a Zé Grude, seu cunhado e gerente do depósito: – *Rapaz, você diga lá pra o Zé Grude que apesar da gente se conhecer pouco, mas diga pra ele que eu tenho duzentos quilos de borracha aqui, e ele mande umas coisinhas; mande munição pra mim porque quando ele vier pesar* [a borracha] *a gente acerta; eu sei que não dá pra mim ficar devendo. Diga pra ele que mande umas coisas pra mim.* Três dias depois, quando voltaram, Olímpio e Osvaldo traziam uma negativa como resposta: – *Rapaz, o Zé Grude*

não mandou não. Ele mandou dizer que não mandava não, que você ainda não foi abrir conta lá e ainda não lhe conhece direito, e não sabia se você tinha essa borracha.

Raciocinando que, com efeito, Zé Grude ainda não era seu patrão – *eu estava cortando porque o velho Zé Ferreira era o dono da colocação e tinha me arrumado umas coisinhas; aí eu fiz casa, fiz tudo, mas ainda não tinha baixado* [o rio] *pra fazer conta lá embaixo* [na Restauração] – a reação do seringueiro ofendido foi imediata: – *Rapaz, não mandou não?! Pois eu vou tirar borracha*, desafiou Milton ameaçando vender sua borracha fora do seringal.

Box 24: Conta, borracha & saldo (II)

Conta, borracha & saldo II

Você ia roçar as estradas, era tempo de roçagem das estradas, você ia no barracão, aí fazia aquela compra pra roçagem das estradas. Mas não era aviação inteira, você comprava, vamos dizer: se era lugar longe [do barracão], *você comprava trezentas gramas de pólvora, um quilo de chumbo, quinze espoletas, ou vinte espoletas, conforme o que você queria comprar. Se era uma pessoa gastasse muito, você comprava meia caixa de espoletas, se fosse mais distante. Agora se fosse pertinho do barracão, não: você comprava quinze espoletas, aí comprava um terçado. Enfim, comprava aquilo que você via que naquele período que ia roçar estrada precisava, né? Aí você comprava seu terçado, aí entrava, ia roçar as estradas.*

Depois das estradas prontas, a gente vinha ao barracão, dizia: – "Rapaz, eu já aprontei minhas estradas, agora eu quero comprar uma aviaçãozinha." Se a gente morava, que nem eu morava no Boa Hora, aí a gente vinha e comprava uma aviação: aí comprava uma lata de querosene, um saco de sal, um quilo pólvora, três quilos de chumbo, uma caixa de espoleta, caixa e meia de espoleta às vezes. Enfim, comprava faca de seringa, às vezes se não tinha balde, comprava o balde, comprava o pano pra fazer o saco, que a gente fazia saco de algodãozinho, que era pra encauchar os sacos; enfim, comprava a preparação pro corte de seringa.

Aí quando era meio ano, que você já tinha borracha, o pesador vinha pesar a borracha, muitos deles já tinham saldo. Aí ia pro barracão de novo, tornava às vezes comprar, mas não comprava mais aviação: comprava só aquele bocadinho, aquelas coisas que estavam faltando em casa. Que se era querosene, você ainda tinha, sal também às vezes também ainda tinha; às vezes eu comprava um sabão, coisinha pouca. Aí vinha pra casa pra se manter de novo. Aí quando passava o mês de agosto, mês de setembro, que justamente era o tempo das plantas de roçado; quando era em outubro você ia de novo no barracão, aí comprava outro bocado de coisas pra que terminasse o corte de seringa, a pessoa que morava longe. E sendo que more perto do barracão, não: sempre, em fim de semana, ia lá, comprava um pouquinho o que estava faltando. Tempo dos patrões a gente, eu pelo menos, comprava assim.

Pesadas sempre eram quatro vezes por ano. Era uma no início de junho, assim pelo dia quinze de junho, ou fim de junho; aí outra pesada no fim de julho; aí eles paravam, davam uma paradinha; quando vinha dar outra pesada já no fim de outubro; aí quando era fim de dezembro, que era o tempo que todo mundo parava o corte de seringa, aí o pesador ia pesar as últimas borrachas. Quatro pesadas. (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)

Vendendo borracha da Restauração no Jordão

Os companheiros teriam tentado dissuadi-lo, alertando-o para considerar o risco de ser "descolocado". – *Eu não estou colocado por ele* [Zé Grude], *eu estou colocado pelo seu Zé Ferreira, que é o dono da colocação*, contra-argumentou Milton.

Glosa VI.6:

Uma pequena pausa antes de prosseguir nos desdobramentos do caso, para frisar alguns pontos relevantes.

Há, de imediato, uma rede de parentes a contextualizar o caso, que não deve ser visto como se Milton estivesse isolado: estamos em território *Nascimento*. O "dono da colocação" é "tio" (paterno) da esposa de Milton. Já o gerente Zé Grude, um cunhado: irmão de dona Mariana por parte de pai. Mas Zé Grude, mesmo aparentado, não tinha familiaridade ainda com o marido da irmã, e talvez mesmo com esta. Não sabe que tipo de seringueiro é seu cunhado, seu ritmo de trabalho e produtividade, e também seu caráter como freguês: merecerá ou não crédito?

Mas Milton não aceita passivamente o julgamento que dele é feito e o tratamento que lhe é conferido pelo gerente-cunhado. A falta de confiança feriu-lhe os brios, além de não ter resolvido o seu problema imediato de necessidade das mercadorias, em especial da munição. Conforme justificou depois perante ao cunhado, Milton se recusou a "morrer na toca". Em sua consciência, a opção por procurar outro fornecedor de mercadorias, e comprador de sua borracha, justificava-se plenamente: sentia-se um seringueiro ainda sem patrão, pois que sem conta no barracão. Mas amparava-se ainda num outro forte motivo: sua borracha não estava comprometida com dívidas, e tampouco pesada ou marcada.

O fato é que borracha pesada - comprometida com dívida já contraída - não se tira, isto é, não se vende para outro que não o patrão. A infração desta norma, da qual todo seringueiro tem ciência, dificilmente encontrará amparo e apoio.[11]

Narrativa 1

Aí no outro dia peguei cinqüenta quilos de borracha, nesse tempo eu tinha força, botei dentro d'um jamaxi e tirei: fui vender no Nerton, [patrão] *lá no* [seringal] *Bonfim. Aí quando cheguei lá, aí ele pesou a borracha; aí nesse tempo a borracha era barata, mas também as coisas eram bem baratinhas, né? Pois bem, aí eu comprei uma lata de querosene, uma saca de sal, dez latas de leite moça, comprei um quilo de pólvora,*

[11] Mas Mauro Almeida (1993) cita casos em que a desobediência pode ser legitimada socialmente: casos de doença e de alimentação de crianças pequenas (leite em pó e açucar).

comprei três quilos de chumbo, comprei uma caixa de espoleta – certo que deu pra comprar tudo. Sobrou umas coisinhas, sobrou bem pouquinha coisa; aí eu não sei nem o que foi que comprei, acho que foi até um rancho pra comer em viagem, não sei se foi conserva, foi uma coisa assim que eu comprei. Aí vim embora; botei dentro do jamaxi e vim embora pra casa.

– O senhor ficou devendo?

– Fiquei devendo não, paguei tudo com a borracha, com os cinqüenta quilos de borracha que eu tinha levado. (...)

– O senhor tinha conta nesse lugar?

– Tinha não, era só conhecido também; esse cara que era lá [o Nerton] *era só conhecido, que ele era casado com uma prima da Mariana. Pois bem, aí eu vim embora. Quando ele* [Zé Grude] *veio* [pesar borracha], *aí em viagem ele soube que eu tinha vendido a borracha, "ah, mas o cunhado vendeu a borracha ..."*

– O senhor não tinha medo não, de ser descolocado?

– Tinha nada! Que eu estava fazendo pelo direito, né? Aí, quando ele chegou, eu tinha feito mais duas [pélas de] *borracha; foi o tempo que ele entrou na pesada, ele chegou eu estava defumando. Aí ele entrou lá no defumador: –"Boa, cunhado!" –"Boa!" Também não dei muita confiança não!* (risos) *Aí ele esteve por ali conversando: – "Muita borracha, né?" –"Não, muita não, mas tem um pouco." Ele também não falou mais nada. Aí foi lá pra conversar mais a irmã dele lá.*

Aí quando foi a boca da noite, aí ele trazia uma lata de leite [moça], *aí foi e mandou a irmã dele fazer o leite; aí quando terminou, disse: –"Cunhado, eu vim aqui porque além de vir pesar a borracha, eu soube que você tirou a borracha pra fora aí, e*

queria saber da sua boca mesmo se você tinha vendido." –"Rapaz, vendi, não vou mentir não, por que?" –"Rapaz, porque você sabe que é proibido vender borracha, ninguém pode vender borracha: borracha é do patrão. E você sabe que se você vender borracha é arriscado lhe botarem fora." –"Rapaz, botar fora ninguém vai botar fora não. Podia botar fora, Zé Grude, se eu tivesse fazendo coisa errada, mas eu não estou fazendo nada errado. Porque eu tirei uma borracha... Eu não mandei buscar uma mercadoria lá, cadê que você mandou? Eu mandei buscar pólvora, mandei buscar dois quilos de sal, porque eu já tinha duzentos quilos de borracha aqui; se eu não tivesse eu não tinha mandado. Cadê que você mandou? Você não mandou! E eu não vou morrer na toca, não, Zé Grude, você olhe pra minha cara, que minha cara é muito diferente de muita gente. Eu peguei a borracha vendi lá no Nerton, vou lhe dizer, e eu comprei uma saca de sal, uma lata de querosene, comprei um quilo de pólvora, comprei dois quilos chumbo, comprei uma caixa de espoleta e eu tenho minha munição aí, taí – e tem borracha também aí." –"Tá bom, cunhado, não precisa nós discutir não." Digo: –"É, tô falando porque se você tivesse mandado, eu não tinha comprado lá. Eu mandei porque eu tinha precisão de mandar buscar as coisas." –"Tá bom, eu não vou nem dizer pro Major, mas se ele falar lá...." –"Se ele falar, ele também não tem direito de me botar pra fora porque eu sei o que é o direito!"

– Como é que o senhor sabia [dos seus direitos]*?*

– Eu sabia porque no tempo que eu vendi a borracha lá no Jordão, o Jurandir tinha dito pra mim, que era o delegado: –"Você não pode vender a sua borracha se você estiver devendo o patrão; aí você não pode vender não, porque você está devendo, está sujeito. Mas você não devendo, tendo no saldo, e suponhando que você vá comprar e o cara não

queira lhe vender, você tem todo seu direito." Aí eu disse pra ele, aí também ele ficou calado. –"Cunhado, quando você quiser comprar as coisas lá, pode ir, rapaz, vá abrir seu crédito lá e tal." –"É, mas agora eu não vou não, graças a Deus eu tenho tudo, tão cedo não preciso não." –"Não cunhado, mas vá, quiser ir mais eu logo agora." Digo: – "Vou não, não tenho precisão agora."

Aí, pois bem, mas eu sempre fazia as coisas pelo direito, nunca disse assim: – "Vou vender porque estou devendo e vou vender porque tenho precisão [de mercadoria]." *Sempre fazia assim.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Narrativa 2

Aí eu peguei sessenta quilos de borracha no outro dia e fui bater no Nerton. Cheguei lá, comprei uma saca de sal, comprei uma lata de querosene, comprei um quilo de pólvora, sei que comprei minha aviação no grosso, comprei até – fiquei devendo um pouquinho ainda – comprei cinco latas de leite moça, que nesse tempo não tinha leite em pó. Certo que eu comprei a minha aviação. De munição comprei tudo. Fiquei devendo o valor de oito quilos de borracha.(...)

– Aviação do ano?

– Quer dizer, eu comprei aviação porque comprei uma saca de sal, uma lata de querosene, agora sabão, eu comprei só as barras, parece que foi duas barras; comprei um quilo de pólvora, um quilo de chumbo, umas espoletas, não sei nem quanto foi de espoleta, e cinco latas de leite condensado. Pois bem, aí vim embora.

Aí passou uns dias, passou bem dez dias, quinze, por aí assim. Até que ele [Zé Grude] *chegou lá. –"Boa" – eu tava defumando. Ele chegou, foi lá no defumador: –"Boa tarde, cunhado"; eu digo: –"Boa." Por lá, e conversando, "cadê a maninha?" –"Está*

em casa". Conversamos por lá, acabei de defumar, fui tomar banho, mas assim meio sério: porque nesse tempo eu não dava quase confiança a ninguém.

Jantamos, quando foi na hora da janta, aí ele falou: –"Cunhado, você outro dia você mandou buscar umas coisas, não mandei, você sabe, você ainda não abriu conta lá e eu ainda não tenho muito costume com você. É verdade que eu estou vendo você com muita borracha aí, mas você desculpe que eu não mandei porque, você sabe, você não tinha conta aberta lá." –"Eu mandei porque tinha precisão das coisas porque eu não queria ir lá logo; os meninos [Olímpio e Osvaldo] *foram e eu fiado que eu já tinha duzentos quilos de borracha aqui, eu fui e mandei pedir pra você mandar umas coisas pra mim que quando chegasse aqui, na pesada, nós acertava. Aí eu baixava com você pra comprar uma aviação pra mim." – "É, cunhado, amanhã a gente pesa a borracha e você desce comigo pra comprar a sua aviação." –"Rapaz, eu agora não tenho precisão não." Aí ele disse: –"Por quê que não tem?" –"Porque não tenho. Você não mandou, eu fui lá no Jordão, levei sessenta quilos de borracha, comprei minhas coisas. Tá vendo a saca de sal aí? Tá vendo a lata de querosene? Eu comprei lá." –"Rapaz, você comprou lá?" –"Comprei, se você quisesse borracha tinha mandado as coisas, mas não mandou."*

Ele ficou calado, não disse nada. Aí no outro dia foi pesar a borracha, deu quase trezentos quilos de borracha. Aí ele ficou muito alegre: –"Ah, cunhado, podia não ter vendido! Se não tivesse vendido, já dava quase quatrocentos quilos de borracha." –"É, mandei procurar por você pra mandar umas coisas pra mim, você não mandou, não vou morrer na toca que nem porco não!" Ele ficou calado, não disse nada. –"Agora vamos mais eu, vamos embora comprar as coisas". Eu disse: –"Não, quando eu tiver necessidade eu vou lá."

Aí nesse ano eu cortei, fiz oitocentos quilos de borracha, tirei um valor de oitenta mil de saldo, nesse tempo era réis. Graças a Deus, eu mesmo, no tempo de novo, sempre trabalhei pra me manter. (Seu Milton, Foz do Machadinho, 20/01/1995)

Glosa VI.7:

Observe-se, nas Narrativas 1 e 2, a abordagem indireta, entre homens, de assuntos passíveis de discórdia. Em nenhuma das duas narrativas Zé Grude acusa diretamente o Milton: na primeira, ouviu falar que este vendeu borracha pra fora, mas quer a confirmação pessoal e direta do cunhado. Na segunda narrativa, desculpa-se por não ter enviado a mercadoria pedida quando verifica a quantidade de borracha que o cunhado fizera; em seguida, faz-se de desentendido ou surpreso com a venda de borracha no Jordão, mas, segundo seu Milton, fica calado, isto é, evita o confronto. Zé Grude não quer discutir, e chega a aparecer como cúmplice ao dizer que não vai falar nada para o patrão Chico Major. No Box 25 (a seguir), contudo, a situação é outra, e há um confronto de razões. Que a ausência de abordagem direta entre homens com assuntos pendentes é uma regra, isto pude observar em diversas ocasiões; mas também é verdade que o senso de honra é apurado. No caso com Gaspar (Box 25), seu Milton foi ameaçado - injustamente a seu ver - pelo patrão, e reagiu defendendo-se. Com Zé Grude não houve acusações, apenas esclarecimento.

Gaspar e outro patrão, o Dozinho (ver no próximo capítulo), são citados por seu Milton como os "piores" patrões com quem trabalhou. Em ambos os casos houve acusações injustas e ameaças, de tomar a borracha, no caso de Gaspar, e de expulsão da colocação, no caso de Dozinho. Pode-se pensar que, independente de como realmente ocorreram esses e outros desentendimentos com patrões, a memória que ficou foi a da coragem do seringueiro para defender-se contra o patrão injusto.

Chamo atenção ainda que o fato de que não é questionado o direito do patrão sobre a borracha produzida no seringal: seu Milton afirma que sempre procedeu *pelo direito*, e jamais vendeu borracha já comprometida com dívidas resultantes de crédito junto ao barracão. O que é alvo de questionamento por parte do seringueiro é antes o crédito que não lhe foi dado pelo patrão, ou seu preposto, num momento de real precisão, e a legitimidade de uma lei que proibiria vender para fora do seringal uma borracha não comprometida com dívidas, portanto, de saldo.

Note-se que os moradores do alto rio Tejo e dos afluentes Manteiga, Riozinho e Boa Hora recorriam até os anos 90 aos patrões e comerciantes do Jordão e do Tarauacá [Mapa 6], burlando tentativas dos patrões no sentido de monopolizar o comércio da borracha.[12] Há caminhos abertos para lá desde as primeiras décadas do século XX, ligando as colocações de centro localizadas nos altos rios. Até hoje há um real trânsito de pessoas, borracha e mercadorias entre o Tejo e o Jordão.

[12] Cf. Almeida, 1993.

Box 25: Venda de borracha: afirmação de autonomia

Venda de borracha: afirmação de autonomia

No ano de 1954, na colocação Água Fria, Mariana encontrava-se acamada devido a um aborto. Já se passavam três dias e ela ainda não havia "desocupado".[13] Impossibilitado de deixá-la só, Milton aproveitou a ida do seu padrinho Meruoca ao barracão para solicitar ao patrão Gaspar que enviasse algumas mercadorias de que estava necessitado. Indignado Milton recebeu a resposta negativa do patrão: a pesada ainda não havia ocorrido e não sabia quanta borracha Milton já havia produzido. *–"Mas, rapaz, o que ele quer fazer de mim?"*

E aí, foi como eu falei pra você: sempre os patrões eram carrasco, mas sempre aquelas pessoas que às vezes entendiam de fazer as coisas, eles [os patrões] *também temiam. Aí eu fiquei pensando...Aí tinha um regatão lá no Bonfim, na* [colocação] *Jurema; aí eu tinha um cunhado, que era o Chico Arigó, disse: –"Rapaz, não vá morrer na toca não, rapaz! Vai, pega essa borracha que você tem, vai vender e comprar alimento pra sua mulher, que ela está doente, ninguém sabe..."(...) Aí eu fui lá na Jurema. Cheguei lá e falei pra esse Zequinha, que era o regatão, disse: –"Rapaz, você quer me vender umas coisas?" Aí contei toda a história, ele disse: –"Seu Milton, eu não tenho, mas eu vou lhe dar cem cruzeiros e você leva a sua borracha até a foz do Jordão e lá você compra; o Marcelino tem muita coisa lá, você vai lá e compra. Mas eu vou abrir seus olhos: você vai e quando chegar lá, vai logo com o delegado e conta toda a história que pode esse patrão, ele vai querer botar em você!"(...)*

Aí eu fui lá no Marcelino comprar as coisas, mas antes de comprar as coisas, eu e o Chico Arigó, disse: –"Rapaz, vamos lá no delegado" – que era o Jurandir, nesse tempo – "vamos contar toda história pra ele." Aí nós fomos lá; aí contamos a história pra ele. (...) Aí foi, tomou nota de tudinho. –"Então deixa ele [Gaspar] *vim pra cá! Porque ele não vendeu: você tinha borracha, mandou buscar e ele não vendeu. Deixe ele vim pra cá! Tomar* [a borracha] *ele não toma não, porque se você devesse a ele, estava certo, mas você não deve!" (...)*

Aí quando o português [Gaspar] *soube, aí ficou com raiva; aí disse que ficou me esperando, disse que ia dar parte de mim e tal. Aí foi o tempo que eu saí pra margem; eu passei por lá* [pelo barracão], *aí ele foi e falou na borracha: –"Mas você vendeu a borracha?" Digo: –"Vendi, por que? Eu não mandei buscar as coisas naquele dia? Eu tenho a borracha lá e você não mandou porque não quis! E eu não lhe devo nada!" Ele disse: –"Eu vou tomar a borracha!" Eu digo: –"Tomar como? A borracha eu vendi ao Marcelino." – "Se eu tivesse topado você com a borracha nas costas, eu tinha tomado." –"Você não tinha tomado não, porque você não é homem pra tomar borracha das minhas costas de jeito nenhum! Só se você achava preferível mais você me matar ou eu lhe matar porque" – eu falei logo assim – "porque um homem não toma borracha das minhas costas de jeito nenhum, principalmente do jeito que você fez. Porque se eu tivesse devendo a você e eu tivesse mandado buscar as coisas e você não tivesse mandado, estava certo, eu não tinha ido atrás de vender borracha não, que a borracha era sua. Mas já que a borracha era minha, e eu mandei buscar as coisas e você não mandou, eu vendi; e se quiser dar parte de mim na foz do Jordão, pode ir. Só digo que você é português mesmo..." Ainda insultei ele.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

[13] Ou seja, a placenta ainda não havia saído.

Milton trabalhou na Boa Hora as safras de 1955 e 1956. Quando lá chegaram, ele e a esposa traziam consigo Raimundinha, Pedrinho e Birra, filhos do primeiro casamento de Mariana, além de Sebastião, irmão de Milton. [Mapa de Parentesco 11] A pequena casa que Milton construíra podia ser um pouco apertada, mas comportava o grupo doméstico e de parentes, então composto por três adultos e três crianças, a mais velha com oito anos.

Era Milton, pai e chefe da casa, quase que o único responsável pelas tarefas reconhecidas como do homem: cortar, caçar, mariscar, brocar e derrubar o roçado, fabricar uma canoa, entre outras. Naquele momento, Milton tinha a auxiliá-lo o irmão Sebastião, embora este, devido aos sintomas de epilepsia, não pudesse encarregar-se de serviços na mata e no rio sozinho. Logo no primeiro ano, Milton produziu oitocentos quilos de borracha, uma produção mais do que boa para os padrões de produtividade da época e para um seringueiro que trabalhava sem ajuda dos filhos. O patrão Chico Major reconheceu o mérito do seringueiro, e naquele ano chamou-o reservadamente e o dispensou de meia renda: pelas duas estradas que cortava, Milton pagou trinta quilos de borracha.[14]

Nessa fase, Milton teve ainda outros parceiros de trabalho, como os vizinhos com quem gostava de caçar: Rubi Ferreira, o "primo" de sua esposa, o compadre Chico Adriano, que morava na colocação Vitória, e Manuel Peruano, então residente na Foz do Machadinho. Caçadas conjuntas era comuns entre vizinhos. Nessa época, na casa de Milton e Mariana, o número de bocas para alimentar era ainda pequeno.

[14] Vimos no Capítulo IV e V que dona Mariana e sua mãe Regina, quando trabalhavam no seringal Bom Jardim, no rio Jordão, também foram dispensadas da renda, no caso delas do pagamento integral. Mauro Almeida (comunicação pessoal) observou que casos similares desse tipo de dispensa eram relativamente comuns, e podiam significar um estímulo à produtividade, ou mesmo resultado da resistência do seringueiro (caso em que a estrada tivesse sido por ele mesmo aberta).

Os filhos começam a chegar...

Os primeiros filhos de Milton e Mariana já nas águas do Tejo nasceriam em 1956, e seria um casal de gêmeos: Cosma e Damião, conforme o costume de atribuir o nome dos santos Cosme & Damião aos nascidos gêmeos.[15]

Nos últimos tempos da gravidez de Mariana, Milton, vendo o tamanho da barriga da esposa, julgou melhor trazê-la para a casa de seu sogro, o velho Nascimento, na Restauração. Foi lá que as crianças nasceram. Milton tinha um saldo junto ao patrão Chico Major, e também aproveitou a viagem para estar presente nos últimos dias do Novenário e fazer algumas compras. Nesse tempo, conta dona Mariana, mesmo o Novenário tendo se encerrado no dia 31 de agosto, nos primeiros dias de setembro ainda ocorriam festas para o povo dançar. E o padre que vinha para a ocasião ainda permanecia alguns dias na Restauração, partindo depois para a desobriga nos altos rios.

No dia 2 de setembro, uma festa tinha lugar na casa do velho Nascimento, comemorando o casamento de Josefa, da família *dos Farias*, e Vicente Adelino, *dos Adelino*, ambos moradores do Bagé. Mariana estava apreciando a festa, ...

...olhando o pessoal dançando; de vez em quando me levantava, andava por acolá e vinha olhar. Aí já umas horas eu disse pra minha madrasta que eu estava tão ruim; aí ela disse: – "Será que tu vai ganhar neném esses dias?" Eu digo: – "Esses dias? Parece que é de hoje pra amanhã!" Aí ela foi lá onde estava o papai, ela disse assim: – "Neguinho, tá bom de acabar com essa festa que a Maria está sofrendo"[16]*; aí ele foi e disse: – "Ah, então vam'bora acabar." Aí chamou o pessoal tudo e combinou com o tocador, todo mundo, aí terminaram. Terminaram a festa era duas horas da*

[15] As variações possíveis são então: Cosme (ou Cosmo) e Damião; Cosme e Damiana; Cosma e Damião; e Cosma e Damiana.

madrugada, quando foi três horas ainda tinha gente se agasalhando[17]*, quando foi seis horas da manhã eu tive a primeira menina.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, julho de 1996)

Os nascimentos inesperados daquela noite pegaram o casal Milton e Mariana desprevenidos: só haviam comprado dois cueiros, uma camisa e uma carapuça. A notícia do nascimento de gêmeos correu rapidamente de boca em boca, e as vizinhas de mais posses e parentas começaram a chegar com presentes para os recém-nascidos:

Aí quando eu ganhei, aí eu não tinha nada. Aí o pessoal comentaram logo que eu tinha ganhado duas crianças. Aí a mulher do Sebastião Lopes [ferreiro, cunhado do patrão Chico Major], *a Cleunice, levou uma rede e um bocado de cueiro, camisa, tudo, sapato, carapuça*[18]*, babador, tudo, tudo levaram para mim. (...) Aí a dona Zilda* [esposa de Chico Major] *foi e levou uma toalhona grande cheinha de roupa, de cueiro, camisa, sapato e duas redes. Pra melhor encurtar a história, eu ganhei quatro redes de bebês: a minha cunhada deu uma, Cleonice deu outra e a dona Zilda deu duas.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, julho de 1996)

Na volta de sua desobriga pelo alto Tejo e afluentes[19], o padre batizou as duas crianças como Cosma Gomes do Nascimento e Damião Gomes do Nascimento. A menina Cosma, contudo, não resistiria por muito tempo. Nove meses depois de nascida, os pais já morando na colocação Bananal, Cosma foi vítima de uma "doença velha", uma "caroceira" que todos afirmavam ser curuba, e morreu nos braços da mãe, que tinha vindo até a Restauração em busca de remédio e socorro para a filha. No dia 23 de junho

---

[16] Isto é, em trabalho de parto.
[17] Se acomodando para dormir, encontrando lugar para atar a rede, colocando uma roupa mais quente.
[18] Gorro, boné.
[19] Igarapés Manteiga, Riozinho, Camaleão e Boa Hora; o paranã do Machadinho não era visitado, o padre provavelmente parava em sua foz.

de 1957, enquanto na sede do seringal comemorava-se a "alvorada"[20] de dona Zilda, Cosma falecia, tendo sido enterrada no cemitério da localidade.

O filho seguinte do casal nasceria em 1958, na colocação Boa Vista, aonde agora Milton e Mariana moravam. [Mapa 11 e Mapa de Parentesco 12] Zé Grude, o irmão de Mariana que gerenciava o barracão dali, convidara o cunhado Milton para trabalhar auxiliando Ondino, outro irmão de Mariana, no transporte e carregamento de mercadorias entre a Restauração e a Boa Vista. Ondino ficara perneta, o que dificultava-lhe o desempenho desses trabalhos. A ajuda do cunhado era mais que bem-vinda. Para Milton, por outro lado, a oportunidade de trabalho na Boa Vista viria a ser valiosa: já aprendera, na Boa Hora, com ajuda de Rubi Ferreira, a lidar com dinheiro; agora aprenderia a assinar seu próprio nome.

Observando-o no dia-a-dia, seu cunhado Zé Grude sempre repetia: –*"Cunhado, está na hora de aprender a ler, cunhado. A pessoa que não sabe ler nunca sai da cangalha!"* Até que um dia, ao final do dia, Zé Grude chamou: –*"Cunhado, vem cá." Fui pra lá, pra dentro do armazém.* –*"Vam'bora ver se você aprende a ler, rapaz! É tão bom, rapaz. Você vai ser um mateiro, seja lá o que seja, precisa tomar nota de alguma coisa, você não sabe anotar nada.*

Aí eu fui estudar com ele. Certo que estudei três meses. Aí eu aprendi a fazer meu nome; ele disse: –*"Olha, tá vendo como já está servindo!? Um dia você precisa tirar seus documentos, já sabe fazer seu nome."* (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Nesta época, Raimundinha e Pedrinho, a pretexto de estudar na escola da Restauração, passavam mais tempo na casa do avô Nascimento do que com os pais. O

[20] Véspera de aniversário, com uma seresta e festa ocorrendo na noite anterior à manhã da data.

moradores efetivos da casa, além do casal Milton e Mariana, eram, respectivamente, o irmão e cunhado Sebastião, a enteada e filha Birra, com sete anos de idade, e o único filho do casal, Damião, então uma criança de dois anos de idade. No dia 2 de agosto de 1958, mais um menino nasceu.

Na tarde do dia anterior, Mariana, em adiantado estado de gravidez, começou a sentir-se mal e passou a noite em claro. De madrugada, perto do alvorecer, Milton enviou o irmão Sebastião à colocação Bananal, mais acima, em busca da parteira Maria Costa, pois a esposa já estava sofrendo. Quando a velha parteira chegou, na hora do almoço, a mãe já havia "descansado" [21] e desocupado. O menino, segundo filho do casal Milton e Mariana, recebeu o nome de Antonio Gomes do Nascimento.

O ano passado na Boa Vista, contudo, não foi compensador do ponto de vista material. Milton não tinha tempo para cortar, e fez então seu menor produção como seringueiro – duzentos e cinquenta quilos de borracha – prejuízo que não fora, a seu ver, compensado com os ganhos obtidos trabalhando como empregado. Em 1959, Milton e Mariana resolveram então voltar a uma colocação de centro, nos altos rios, aonde a produção de borracha era grande. Mudaram-se então para a Vista Alegre, nas vizinhanças de seu primeiro lugar de moradia no Tejo, a Boa Hora [Mapa 11], e Pedrinho, que morava com o avô, acompanhou a mãe e o padrasto.

Na Vista Alegre

Milton ganhou então um companheiro de trabalho valioso: Pedrinho. Sebastião, por outro lado, voltou a residir com a mãe, dona Raimunda, e o padrinho Meruoca, que haviam vindo morar na Vista Alegre. Na casa de Milton e Mariana, portanto, os

[21] Isto é, já havia parido.

seringueiros e responsáveis por demais atividades eram o chefe da casa e o menino Pedrinho, que entrava na adolescência.

A vinda de dona Raimunda e de Meruoca para a Vista Alegre contou ainda com a adesão de um outro grupo doméstico, o de Álbia, irmã de Milton, e Francisco Alves Ribeiro, o Chico Arigó. Com o tempo, portanto, o quadro que se delineou foi o de uma rede de grupos domésticos aparentados residindo na mesma localidade, provavelmente trocando serviços, alimentos e ajuda mútua. [Mapa de Parentesco 13]

Na colocação Vista Alegre nasceriam mais três filhos do casal Milton e Mariana. Em 8 de agosto de 1960, nasceu o menino José Gomes do Nascimento. Cerca de dois anos depois, no dia 27 de julho de 1962, nasceu Osmildo Gomes do Nascimento. Passados dois anos, no dia 23 de julho de 1964, nascia a primeira filha do casal Milton e Mariana, batizada Cilene Margarete Gomes do Nascimento.

A medida que os anos passaram na Vista Alegre, Pedrinho foi crescendo e assumindo cada vez mais a produção de borracha. Milton pôde então dividir-se com um pouco mais de tranqüilidade entre os roçados e a seringa. Nos roçados a esposa era uma companheira e tanto, e Birra, com dez anos em 1959, aos poucos ia se destacando como uma boa ajudante da mãe nos afazeres domésticos: já assumia responsabilidades domésticas, tais como lavar a louça, cuidar dos irmãos menores Damião, Antonio e Osmildo, varrer e passar pano na casa.

Mariana quase sempre estava acompanhando o marido em seus trabalhos fora de casa – seja no roçado, no rio ou na mata. *Eu nunca deixei ele andar só pelo mato*, diz, a tal ponto que, segundo ela, *se eu não fosse mariscar mais ele, ele não ia animado não.* Antes de sair, porém, Mariana cuidava em lavar a roupa e deixar a comida no ponto para

que a filha, em hora combinada, atiçasse a lenha do fogão e colocasse a panela no fogo. Quando chegavam em casa – mãe, padrasto e o irmão Pedrinho – a refeição já estava no ponto, era só trazer os pratos, colheres e a farinha!

Foi na Vista Alegre também que Mariana foi consolidando, por sua vontade ou não, a fama de boa parteira, seguindo então os passos da mãe. Aos dezessete anos presenciara seu primeiro parto, auxiliando a mãe no Jordão; da mãe foi recebendo ensinamentos sobre o uso de ervas e "remédios da mata"; Raimundinha era ainda uma menina nova quando, no Tejo, Mariana fez seu primeiro parto, o filho de uma vizinha. Mariana foi chamada para assistir a mulher, e foi mesmo sentindo-se insegura sobre o que fazer. Auxiliada pela própria parturiente, Mariana foi assistindo-a, até que, diz ela, quando viu o menino já estava nascendo e ela só fez mesmo foi "pegar" e cortar o umbigo. – *Aí depois o pessoal me tomaram a pagode!* – exclama referindo-se a sua carreira ascendente de parteira.[22]

O trabalho de ferreiro e a mudança para a Restauração

Na Vista Alegre, Milton começou sua carreira de ferreiro, profissão essencial no seringal. Trata-se do profissional que produz peças e ferramentas de metal (lâminas de faca de seringa, parafusos, porcas, agulhas para espingarda, palhetas (hélices) de motor de rabeta) e que realiza consertos em motores e espingardas. Milton inicialmente trabalhava de forma mais amadora e limitada, sendo sua oficina, na verdade, uma "pedra de corisco"[23], que funcionava como uma bigorna. Para fabricar lâminas de faca de seringa, por exemplo, Milton aproveitava pedaços de um machado ou terçado velho e,

[22] Dona Mariana é hoje considerada uma das "parteiras finas" do Tejo, título que indica um nível de especialização que poucas senhoras detém. Em junho 1998, relembrando de cabeça, ela contou 145 crianças vindas ao mundo por suas mãos.

sobre a pedra e com uma lima, ia dando nova forma ao metal. Segundo conta, Renato Lebre, patrão na Restauração no início dos anos de 1960, interessou-se pelo talentoso e promissor ferreiro do alto Tejo, e convidou-o para morar na sede do seringal e trabalhar na equipada oficina que lá possuía. As ferramentas e habilidades (como a de forjar uma palheta) que Milton não conhecia, o próprio Renato o ensinaria.

A menina Cilene estava com seis meses de vida quando os pais resolveram então mudar-se para a sede do seringal Restauração. No dia 24 de março de 1965, portanto, Milton e Mariana, junto com seus filhos e filhas chegaram no local onde passariam os próximos trinta anos. [Mapa 11] Raimundo Meruoca permaneceu na Vista Alegre com sua esposa e o filho Sebastião, assim como Álbia e Chico Arigó.

Logo que chegaram na Restauração, Raimundinha saiu da casa do avô e veio morar com a mãe e o padrasto e a composição feminina do grupo doméstico ficou assim: a esposa e mãe Mariana, então com aproximadamente trinta e cinco anos de idade; as filhas Raimundinha, uma moça de dezoito anos, Birra, moça de catorze anos, e Cilene, um bebê de seis meses. Já em 1966, as fileiras femininas da casa ganharam novo reforço: Cosminha, então com dez anos, filha da recém-falecida Álbia e de Chico Arigó, veio morar na casa dos tios Milton e Mariana. [Mapa de Parentesco 14]

A vinda de Raimundinha para dentro de casa mudou totalmente a dinâmica da rotina doméstica, até então muito concentrada em Birra. *Aí, quando a Raimundinha veio pra casa, aí pronto: eu tinha uma dona de casa, fazia tudo pra mim. Que a minha filha era muito trabalhadeira, e muito zelosa e muito caprichosa em tudo, graças a Deus. Ainda hoje, na casa dela a gente chega, gosta de subir na casa dela; ela já está velha, doente, mas a casa dela é toda limpinha.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 02/07/1998) A

[23] As "pedras de corisco", diz-se, são caídas do céu.

presença de Raimundinha com certeza deu maior liberdade à mãe, que pôde fazer o que realmente gostava: trabalhar fora de casa, nos roçados, na mata e no rio. A filha mais velha tinha tino para cuidar de toda a administração dos trabalhos domésticos.

Seu Milton ainda hoje recorda o prazer que sentia em ver sua casa arrumada no tempo em que essa filha de criação morava com eles. *A Raimundinha, quando tava dentro da minha casa, eu via a minha casa bem limpinha: fazia gosto você entrar dentro da minha casa! A minha roupa era engomada, não vestia roupa suja de jeito nenhum, se não aquelas roupa velha; nem roupa velha não vestia roupa velha suja! Eu ia pra mata assim, a minha roupa bem limpinha. E foi a filha que me deu mais gosto assim de limpeza, comigo, parece que adivinhava meus pensamentos; aquela menina fez tudo isso pra mim.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)

Em junho de 1966, nascia Pedro Gomes do Nascimento, o Cidoca, sendo sua madrinha, conforme consta no batistério, Nossa Sra. da Conceição, representada mediante procuração por seu Antonio de Paula e sua esposa Eunice. Pedrinho, com dezessete anos, era o filho mais velho e principal responsável pelo abastecimento da casa com rancho (carne de caça e peixes) e pela produção de borracha. Com esta quantidade de atribuições, não é de se admirar, como afirmam seu Milton e o próprio Pedrinho, que a produção de borracha deste fosse modesta, ficando em torno de trezentos quilos anuais. Damião já tinha os seus dez anos de idade, e começou a aprender a cortar seringa, mas ainda sem nenhuma independência: provavelmente ajudava o irmão mais velho na colha. [Mapa de Parentesco 14] Com o passar dos anos, Antonio foi se juntando ao seu irmão Damião e participando dos trabalhos masculinos, em especial nos roçados e marisco.

Milton tinha na oficina sua principal atividade, e era remunerado através de porcentagem (20% do arrecadado), além de também trabalhar, mediante diárias, como motorista para o patrão Renato Lebre, que sempre o convocava quando saía em viagem. Foi, inclusive, por essa época que Milton pisou numa cidade, a de Cruzeiro do Sul, pela primeira vez. Dona Mariana tem ainda hoje desta época a lembrança do marido viver "no mundo", viajando. Pedrinho lembra que nesta época, ele com a mãe eram os responsáveis pela "administração" do trabalho na casa. Quando tinha disponibilidade de tempo, Milton caçava, além de não ter abandonado as atividades nos roçados.

No dia 13 de agosto de 1968, Mariana dava à luz a mais uma menina, batizada com o primeiro nome da mãe, Maria Gomes do Nascimento, mas desde sempre Marieta. Em 1969, uma notícia triste: morre o filho José, vitimado por uma doença diagnosticada como sarampo ou hepatite. Mas em 30 de julho de 1971 uma boa nova: nascia Maria de Lurdes Gomes do Nascimento, a Lurdinha, filha caçula do casal. [Mapa de Parentesco 15]

Mariana não voltou a engravidar, embora nunca tenha feito uso de qualquer método anticoncepcional. Suas gravidezes obedeceram a um intervalo sistemático de, em média, dois anos entre cada filho. Mãe zelosa, ela amamentou cada um de seus filhos por quase este mesmo tempo, em geral interrompendo a amamentação quando se aproximava o nascimento de uma nova criança.

Cenas de um casamento

A vida a dois tem suas agruras, e não foi diferente para Milton e Mariana. Logo nos primeiros anos de casamento, Mariana enfrentou as escapadelas de seu esposo, que volta e meia encantava-se com um rabo-de-saia. Este comportamento trazia sofrimento –

e medo – à esposa, que contava com a solidariedade da sogra, embora esta pouco pudesse realmente fazer.

Depois de nós casados já, diversas vezes a velha [dona Raimunda] *brigava com ele, porque era muito medonho assim, namorava as mulheres alheias, mulher dos outros; a velha aconselhava ele: – "Meu filho, não faça isso não. Quando você era solteiro eu dava conselho pra você não se juntar com essa mulher e você não escutou meus conselhos. Agora você vive nessa ilusão, isso aí não lhe convém. Você já tem a sua mulher, pois então não precisa mais de procurar mulher de ninguém. Você vê que isso aí é uma vida perigosa" – mulher casada essas coisa assim, né?"* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Quando assuntado hoje sobre o assunto, seu Milton não nega quem foi, mas alega sua pouca idade e maturidade. Aos dezessete anos já era um homem casado e com três filhos para sustentar. Afirma que arrumou família *por enxerimento:* [24]

Enxerimento porque uma pessoa com dezesseis anos completos não sabe o que é a vida ainda, né? Vai se juntar, como eu me juntei, mas não sabe nem o que é que vai ser da vida dele; porque se você é uma pessoa já com trinta anos, com vinte e cinco anos, ele [o marido] *já sabe o que é que vai fazer, o que é que pode dar à mulher. Porque a pessoa novinho que nem eu me juntei, precisa ele botar a cabeça dele no lugar e saber o que é que vai fazer, para ele não estar sujeito ele deixar a mulher dele. Porque eu, por mim, não vou dizer, levei de capricho pra viver com a minha mulher, como ainda hoje estou vivendo, mas encontrei muita moça que chegava encostado de mim: – "Rapaz, essa mulher...se quiser fazer vida comigo, tiver coragem de me roubar, eu vou morar com*

[24] Segundo o Dicionário Aurélio, "enxerido" é aquele "que se intromete naquilo que não lhe diz respeito; intrometido; metido a conquistador, a namorador".

você." Eu encontrei foi muitas que disseram isso comigo. (Seu Milton, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Enxerido ou não, o fato é que seu Milton teve algumas namoradas ao longo dos anos iniciais de seu casamento com dona Mariana. Eram casos de curta duração, embora trouxessem preocupação à esposa e à mãe. Numa dada ocasião, contudo, por pouco Mariana não deixou o marido. O episódio teve lugar no final da década de 1960, quando o casal já morava na Restauração. Naquela época algo de novo acontecia nas relações extra-conjugais que o jovem esposo Milton eventualmente mantinha.

A uma mulher, também casada, ele parecia ter se afeiçoado especialmente, "gostando" dela por cerca de quatro anos. Seu Milton falou-me desta passagem singular de sua vida em algumas ocasiões, comentando o período como especialmente difícil para ele, um homem casado e com vários filhos. Dona Mariana, por outro lado, sentia-se particularmente magoada e desrespeitada.

Glosa VI.8:

O jovem casal vivia um drama conjugal bastante comum no seringal: jovens maridos infiéis às suas também jovens esposas. Concordaria com seu Milton quando ele diz que *uma pessoa com dezesseis anos completos não sabe o que é a vida ainda.* E acrescentaria que mesmo aos vinte anos as experiências e expectativas de vida são ainda bastante intensas, e instáveis. Mas o fato é que a condição de casado é menos drástica para os homens do que para as mulheres.

Para as mulheres a condição de casada pode ser extremamente limitadora de sua liberdade de ir e vir. Quando solteira, a moça estará sob a "responsabilidade" do pai, podendo este ser mais ou menos controlador dos passos da filha, instaurando regras mais ou menos cerceadoras. É comum uma moça só poder ir a festas ou passear desde que acompanhada pelos pais ou irmãos. Sob a autoridade do marido, contudo, mesmo isso pode simplesmente desaparecer. A mulher não terá mais a cumplicidade e companheirismo de sua "patota": suas irmãs, primas e amigas. Deverá obediência ao seu marido, agora por ela "responsável", e, eventualmente, nem mesmo a festas comparecerá. Para a jovem mulher - muitas vezes com seus vinte anos, e talvez ainda sem filhos - instaura-se, sem dúvida, uma nova situação.

Mas para os rapazes menos coisas mudam com sua passagem à condição de homem casado. Ele continuará a freqüentar festas e jogos de futebol, a realizar passeios se assim lhe aprouver. Claro que tem o compromisso e responsabilidade de manter a casa, a esposa e os

filhos que aos poucos começam a chegar, e será socialmente condenado se assim não o fizer. Mas sempre existirá o domingo, dia em que não se trabalha, dia de lazer. O marido poderá comunicar a sua esposa que está saindo a passeio, e simplesmente não levá-la consigo. Às festas poderá comparecer e se comportar, se assim o quiser, como um solteiro, cortejando moças e mulheres que lhe sejam receptivas.

Não é surpreendente, portanto, que os homens casados tenham relações extra-conjugais. E isto é extremamente comum, quase uma regra. É raro ouvir um relato em que a esposa não reporte uma infidelidade do marido. Sempre as há, mesmo porque são socialmente legítimas. Não existe um senso comum que as condene, existindo mesmo um versículo bíblico que confirmaria a ascendência do homem sobre a mulher, que lhe deve obediência[25]. Não seriam, portanto, as infidelidades do marido um motivo para que Mariana o abandonasse. Mas ela ameaçou fazê-lo, por que?

Eu endoidei mais de raiva – disse-me dona Mariana – *não era tanto por causa do namoro dele com ela. É porque ela era minha comadre, Mariana, e ela vinha dentro da minha casa me chatear.* [26] *Por isso que nós arenguemos uma vez.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998) Essa comadre certo dia comentou, dentro da casa de Mariana, o fuxico que corria pelo seringal de que ela e Milton estariam tendo um caso. – *"Ora, comadre"*– disse a dita mulher – *"o povo estão falando de mim com Milton, mas é besteira. Que se você estiver pensando que eu namoro com seu marido, você está é sendo besta, que eu não faço conta do seu marido."* Mariana enfureceu-se com a audácia do comentário, e respondeu na hora: – *"Se você namorar com ele, o azar é seu! Porque você está vendo que ele tem um horror de filho, e nem pense que se eu algum dia eu chegar a me separar dele por causa de mulher nenhuma eu vou querer os filhos dele! A mulher que fizer eu me separar do meu marido, ela vai assumir e criar os filhos dele tudinho, eu não quero filho nenhum na minha companhia."* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

[25] Trata-se da Epístola de São Paulo aos Efésios (5, 23-25): "Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres casadas sejam submissas ao marido como ao Senhor. Pois o marido é a cabeça da mulher como Cristo é a cabeça da Igreja, seu corpo, de quem é o salvador. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos."

Glosa VI.9:

Dona Mariana citou-me outras mulheres com quem seu Milton teve rápidos envolvimentos. Estas mulheres frequentavam a casa do casal Milton e Mariana, eram conhecidas de Mariana, que as recebia sem restrições. *Chegava aqui dentro de casa, parece que chegava uma irmã minha.* Mas Mariana "endoidou de raiva" quando uma delas, numa visita à sua casa, tocou num assunto que não se conversa abertamente entre mulheres que possam estar disputando um homem - a não ser que for para brigar!

Surge, portanto, a idéia de que assim como há um sentido de honra pessoal entre os homens, há também orgulho e honra entre mulheres. Pude observar situações em que uma esposa se encontrava com a mulher com quem o marido namorava, e ambas tratavam-se como se nada estivesse acontecendo. Podiam até não se cumprimentar, ou fazê-lo friamente, sem dissimulação, mas o motivo principal do incômodo permanecia velado. Soube, contudo, de casos em que esposas atacaram verbal ou fisicamente a mulher com quem disputavam o marido. Nessas ocasiões a tensão latente explode e acusações vêm à tona, publicamente.

É interessante notar que a esposa pode se aborrecer com o marido, ameaçar deixá-lo, discutir com ele, xingá-lo, mas a culpada pela situação é a outra mulher. Socialmente, pelas mulheres, é assim que a situação é interpretada: a outra mulher insinuou-se para o marido da esposa, que, é verdade, é sem-vergonha, mas foi tentado. O casamento sofreu um abalo porque uma mulher que não a esposa sinalizou para o marido que gostaria de namorar com ele. Pude verificar que em situações como essa, essa mulher pode ser alvo de críticas por parte da vizinhança e de uma forte hostilidade por parte da esposa traída e de suas parentas, irmãs e cunhadas.

A situação narrada acima por dona Mariana só veio à tona porque o que deve permanecer velado foi explicitado, e porque a outra parte envolvida era uma comadre, isto é, uma parente ritual de cujo filho dona Mariana era co-mãe. A ameaça feita por dona Mariana pode ser vista ainda como uma reação feminina à assimetria entre homens e mulheres quanto ao comportamento no casamento. Mariana trouxe à tona a responsabilidade da paternidade: não a do esposo, mas a do pai.

Milton, por sua vez, sabia da responsabilidade da paternidade e sentia a pressão dela. Conta ele sobre a época em que morava no alto Tejo, ainda um jovem esposo, os filhos pequenos, as coisas que lhe passavam pela cabeça...

Eu quando cortava seringa – cortei muitos anos, cortei seringa quarenta e cinco anos. Pois bem, tem umas épocas que a gente passa meio aperreado, que Deus me perdoe, mas o cara sempre pensando: – "Eu vou já abandonar tudo e ir m'embora! Deixar a mulher, deixar os filhos, tudo, e ir m'embora" – ficava pensando assim – "tanto

[26] Essa mulher era "comadre de filho" de dona Mariana, isto é, dona Mariana fizera o parto de um dos

trabalho pra mim sozinho, uma ruma de filhos pra criar... " *Depois eu refleti: - "Mas os filhos são meus, quem tem que dar sustento é eu mesmo."*

Aí um dia eu andava cortando...Andava cortando não, já andava colhendo, sabe?, pensando na minha vida, numa terra muito linda, bonita assim. Comecei a pensar, veio aquele sentido em mim d'eu rezar pra oferecer um Pai Nosso, rezar sempre um Pai Nosso e oferecer pra Jesus, que ele mostrasse um caminho, uma força pra eu poder criar meus filhos. Assim mesmo eu fiz, ainda hoje me lembro o canto. (Seu Milton, Foz do Machadinho, julho de 1996)

Acredito que o fato de ser já um pai de família, com esposa e filhos pelos quais se responsabilizar – somado talvez a sua própria experiência de vida, acolhido como filho por um padrinho responsável – , tudo isso deve ter pesado na escolha de não dissolver seu casamento e tampouco abandonar os filhos. Em sociedade com a esposa, e ao longo do tempo reconhecendo a importância desta parceria, criou todos os filhos e filhas.

Dona Mariana ainda hoje pode se queixar do jeito "ameninado" do marido: uma certa irresponsabilidade com a família e o patrimônio que atenuou-se com o passar dos anos, mas não desapareceu. Seu Milton, por outro lado, pode ainda incomodar-se com o jeito da esposa falar e ser, sua impulsividade e pavio curto. Mas observar seu Milton e dona Mariana, juntos, como pude fazê-lo, é antes de tudo assistir a dois velhos que passaram boa parte da vida juntos, que reconhecem mutuamente defeitos e pontos positivos em sua união, e que hoje se tratam com respeito e zelam pelo bem-estar e saúde um do outro.

---

filhos dessa mulher. Ambas tornaram-se comadres, mas o compadrio não incluía seu Milton.

Seu Milton:	**Dona Mariana:**
Eu trabalhei muito no tempo de novo, mas ela [dona Mariana] *me ajudou também, foi uma perna forte par ajudar a criar meus filhos. (...) Quantas vezes não arrancou roça sozinha pra quando eu chegasse do trabalho já ter uma roça pra puxar* [a roda], *um banco cheio de roça pra puxar e ela cevar. Quantas vezes ela não carregava roda lá do Chico Adriano* [colocação Vitória][27] *(...) lá pra Vista Alegre, que é uma hora de viagem. Carregava uma roda no ombro pra poder fazer uma farinha pra mim comer mais meus filhos e ele. Isto tudo é ajuda, a mulher me ajudava.* *No tempo que era nova, até caçar, nem todas as vezes, mas algumas vezes ela caçou mais eu. Tinha vontade de andar na mata, era acostumada a andar, andava mais eu. Às vezes ela "não sei o quê", Deus perdoe ela, às vezes ela se aperreia comigo: – "Meu velho, tá bom de procurar uma mulher nova." – "Procuro nada, se eu quizesse uma mulher nova já tinha arrumado. Enquanto Deus me der vida, eu vivo com você."* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 20/01/1995)	*Eu trabalhei muito, mas eu trabalhava, Mariana, pra ajudar a criar os meus filhos. (...) Eu morava aqui nesse* [igarapé] *Boa Hora, uma hora de distância da onde mora aquele Gidi* [colocação Vitória], *eu arrancava mandioca de manhã, descascava, carregava, botava dentro do igarapé, deixava a Birra com dois meninos – o Antonio e o Damião – em casa sozinhos, e vinha buscar uma roda pra puxar mendioca. Uma hora de viagem nesses ombrozinhos aqui que Deus me deu! (...)* *Hoje ele te diz assim, Mariana: – "A minha mulher está velha, e eu tenho achado muitas bocas e muita sedução, mas nunca abandonei minha mulher. Mas eu não abandonei não é porque ela fosse melhor do que as outras não: é porque eu reconhecia o trabalho que ela fazia pra me ajudar pra nós criar nossos filhos." (...) E agora depois de velho, ele diz assim: – "No tempo que a minha velha era nova, eu não deixei ela porque tinha meus filhos, tinha amor por meus filhos, e reconhecia que quando eu me juntei com ela eu era uma criança (...). E criamos nossos filhos, eu criei os filhos dela junto com ela, trabalhando. (...) E hoje já depois de velha, eu também já velho, que eu vou deixar? Deixo não."* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 05/07/1995)

Considerações finais

Antes de dar continuidade à história familiar e doméstica do casal Milton e Mariana, e seus filhos e filhas, cabem algumas rápidas considerações.

[27] A colocação Vitória fica no alto rio Tejo, pouco abaixo da foz do Boa Hora [Mapa 11]; é a última colocação habitada do rio Tejo.

Estrutura e performance dos grupos familiares

O modelo de organização familiar – pais e filhos, solteiros e casados, que coordenam esforços em benefício do grupo familiar ampliado – é o vigente nos seringais. Esses grupos familiares têm um ciclo temporal próprio a cada um. No caso *dos Nascimento*, vimos, o envelhecimento e saída do velho Nascimento para a cidade não significou a ascensão de um dos filhos ao posto de chefe da família ampliada.[28] Sua liderança não foi substituída.

O que parece se verificar nesses casos – de envelhecimento ou morte do patriarca ou da matriarca – é um ganho em autonomia por parte dos grupos domésticos chefiados pelos filhos (e genros, em alguns casos). Após o desaparecimento do pai ou da mãe, a unidade de grupos domésticos sob uma chefia se desfaz.[29] Nesses casos, cada grupo doméstico pode percorrer um novo ciclo, e em alguns casos é possível que apareça uma família tão forte quando a do pai antecessor.[30] Este poderia ter sido o caso de João Nascimento, um dos filhos do velho Nascimento.

João Nascimento, afirma seu filho Ademar, e tantos outros que o conheceram, foi o homem mais trabalhador que já conheceu. Ademar lembra que o pai, ao terminar um serviço, já corria para o seguinte. Com esta moral – a de homem trabalhador – criou os filhos, que sempre trabalharam, e muito. Em sua casa, recorda o filho, não se via menino

[28] Ou seja, líder dos grupos domésticos que gravitavam em torno do velho Nascimento.

[29] Pode-se supor que um grupo de irmãos onde um é casado e os demais solteiros possam vir a constituir uma nova unidade familiar nos termos aqui descritos. Quando se trata de germanos (isto é, grupos domésticos chefiados por irmãos casados e cunhados), a operacionalização e eficácia de um grupo ampliado como esse carece de uma liderança reconhecida por todos. Nesse caso, a solidariedade entre irmãos e irmãs faz-se presente, mas a noção de autonomia do grupo doméstico e as exigências colocadas pela fase de seu ciclo de desenvolvimento podem falar mais alto.

[30] Mauro Almeida (1993) chamou a "família" resultado da reunião de grupos domésticos ligados por laços de parentesco e cooperação de "macro-houses" (ou casa extensa, ou ampliada). Um conceito que também poderia ser utilizado para descrever essa forma de organização social é o de "kindred" (cf. Freeman, 1968),

em idade de trabalhar andando pelo terreiro sem nada para fazer. E se o que fora ordenado pelo pai fosse descumprido, era pisa na certa! E às vezes com hora marcada: – *O cara podia ficar despreocupado que naquele dia ia apanhar*, lembra Ademar.

Ademar pondera que mesmo tendo sido criado temendo a brabeza do pai, restou uma herança positiva para ele e os irmãos: a de terem "opinião" de homem, isto é, trabalhadores. Mas a personalidade difícil do pai fez com que os filhos rompessem com ele, recusando-se a continuar cortando seringa na conta do pai. Os solteiros, entre os quais Ademar, deixaram em bloco a colocação onde o pai morava e foram morar numa colocação do Riozinho, Degredo, onde cortavam seringa por conta própria. João Nascimento não foi hábil o suficiente para reproduzir uma unidade local de grupos domésticos sob sua liderança, mas seus filhos ficaram conhecidos como *os irmãos Nascimento*, seringueiros trabalhadores.

Entre os *irmãos Nascimento*, haviam solteiros e casados. Os solteiros trabalhavam reunidos numa mesma colocação do Riozinho, o Degredo. No início dos anos de 1980, é possível observá-los frequentando intensamente a casa de seu Milton e dona Mariana, ajudando-os nos trabalhos de roçado, aliando-se aos primos Osmildo e Cidoca nas festas e passeios. Como rapazes solteiros que não trabalhavam "para" o pai, tinham grande liberdade, indo e vindo e gastando da maneira como queriam sua produção de borracha. Posteriormente, a medida que foram casando, dispersaram-se: Nonatinho e Amaílton passaram a morar vizinhos, trabalhando em parceria e juntos mudando de uma colocação para outra; o irmão Adegila passou a morar ora na casa de um irmão, ora na de outro; Amarísio e Ademar ligaram-se aos grupos domésticos chefiados por seus respectivos

---

que recobre também o reconhecimento de ancestrais comuns e o caráter optativo e situacional do parentesco. Voltarei a este tema no capítulo final.

sogros, e foram morar em rios e colocações diferentes. Há solidariedade entre os irmãos, que atualiza-se sempre que possível, mas inexistem grupos domésticos articulados numa estrutura de família ampliada com uma liderança comum reconhecida.

Os Milton emergiram publicamente como um grupo de parentela[31] no final dos anos de 1980, e receberam apoio conjuntural *dos irmãos Nascimento* e outros parentes, mais ou menos distantes. Veremos isso no último capítulo. Aponto somente agora que a emergência política *dos Milton* talvez não pudesse ser prevista olhando o grupo doméstico "original" em 1955: seu Milton vindo para o território de parentesco da esposa, sendo ele apenas um genro.

Seringueiros e patrões

Um outro tema que emergiu nesse capítulo, e que também estará presente no próximo, é o das relações entre seringueiros e patrões. Passagens e casos narrados por seu Milton revelam essas relações conheciam desdobramentos locais diversos, com margens de manobra e negociação entre seringueiros e patrões. Não pagar a totalidade da renda, sub-arrendar estradas de seringueiros, comprar mercadorias das mãos de seringueiros vizinhos, ou de comerciantes e patrões de fora do seringal, são alguns exemplos. Os patrões, por um lado, podiam lesar os seringueiros nos cálculos do montante da dívida no barracão (queixa comum por parte de seringueiros), mas, por outro lado, a borracha produzida num seringal podia ter outro destino que não o barracão do patrão. Caminhos na mata ligavam colocações do seringal Restauração a outras localidades e seringais nos rios Jordão e Tarauacá, havendo inclusive trilhas clandestinas, como a percorrida pela seringueira e viúva Soledade, que fazia suas compras no rio Tarauacá quando os patrões

da Restauração ameaçavam não mais lhe vender caso ela não saldasse uma dívida que ela, por sua vez, recusava-se a reconhecer como sua.[32] Soledade, como disse Chico Arigó para seu Milton no episódio com o patrão Gaspar, recusava-se a "morrer na toca".

O quadro que se configura é o de um controle relativo dos patrões sobre os seringueiros. Mesmo considerando as pesadas de borracha, ocasião em que um empregado do barracão, ou mesmo o patrão, ia até as colocações para conferir e registrar a produção do seringueiros, marcando as pélas como suas, há casos de seringueiros que, na verdade, tinham duas pélas: uma para o patrão pesar e outra, escondida, para seu livre comércio. O controle também é relativo quando pensamos nos proprietários de seringal que residiam na cidade. Evilásio Maia, por exemplo, dono dos seringais no Alto Juruá de 1942 até 1967, não tinha meios de controlar o destino de toda borracha produzida nas colocações e, acredito, tampouco de saber exatamente quantas estradas estavam arrendadas. Talvez isso explique as negociações locais entre os patrões da Restauração e sua freguesia com relação a dispensa da renda. O proprietário do seringal limitava-se a contabilizar a borracha que baixava o rio e chegava no porto da cidade.

Marido e esposa

A instauração da situação de casado ou de casada altera sensivelmente a posição social do jovem, mas não homogeneamente. Há uma diferença: homens e mulheres gozam de diferentes graus de liberdade e autonomia ao contraírem matrimônio.

Infidelidades conjugais masculinas são simplesmente aceitas – mesmo pelas esposas, por mais revoltadas e tristes que fiquem. Dona Nazaré, esposa do velho

---

[31] "Grupo de parentela" aqui usada para chamar atenção para o grupo familiar como uma coalização política formada por parentes e com uma chefia. Cf. Pereira de Queiroz, 1975.
[32] Almeida, 1993, p.76.

Nascimento, providenciou ela mesmo uma mulher para o marido, temendo que algo trágico pudesse acontecer-lhe se ele insistisse em namorar mulheres alheias. Dona Raimunda também alertou os filho sobre esse perigo. Dona Mariana, como mãe, também reportou este temor em relação aos seus filhos. Afinal, maridos traídos são perigosos![33]

Raros são os casos em que a esposa abandonará o marido por ter sido ela traída. Dona Regina, dona Raimunda e dona Mariana tiveram mais de um marido, mas nunca o argumento da infidelidade conjugal foi por elas acionado para justificar a separação, sempre reportada como iniciativa delas – o que é significativo. Ciúme, maus tratos para com elas ou com os filhos, desrespeito moral e ausência de responsabilidade para com as funções de homem casado e pai de família, foram esses os argumentos acionados.

Ao contrário, um dos argumentos comumente acionados pelas mulheres para aturar, e não condenar, as infidelidades masculinas – mesmo que efetivamente as incomodem ou mesmo magoem – são os filhos. Criar filhos sem um homem não é condição almejada; voltar para a casa do pai não é situação cômoda. Os relatos de dona Raimunda, por exemplo, revelam isso; e também o de dona Mariana, quando conta o quanto trabalhava para manter os filhos de seu primeiro casamento após ter se separado do marido. Neste sentido, o fato de ser Milton um jovem seringueiro trabalhador e atencioso para com seus filhos, despertou afeto em Mariana e o tornou, aos seus olhos, um companheiro promissor.

Mas o casamento é também a construção de convivência, patrimônio, afeto e uma família. Com o tempo e os filhos, as uniões que ultrapassam esses primeiros tempos atribulados tendem a entrar num processo de amadurecimento e estabilização. E estrutura-se uma vida em família. A medida que os filhos nascem e crescem, a

[33] Cf. Wolff, 1997.

organização doméstica se complexifica e ganha dinâmica própria; e formas de afetividade também se desenvolvem, em especial para com os filhos.

Capítulo VII

VIDA EM FAMÍLIA (Parte II)

Este capítulo é uma continuação do anterior.

A vida de marido e mulher de seu Milton e dona Mariana foi de muito trabalho. Juntos, trabalhando em parceria, e posteriormente com a ajuda dos filhos e filhas, o casal logrou "dar conta" da família sob sua responsabilidade. Além de alimentar e vestir os filhos e filhas, seu Milton e dona Mariana ocuparam-se com sua educação, ensinando-lhes o trabalho, respeito e obediência, regras de etiqueta e comportamento. Um pouco desse cotidiano e da trajetória do grupo doméstico serão aqui retratados, não esquecendo-se das brincadeiras e traquinagens de crianças, e também dos castigos – a *peia*[1], por exemplo – aplicados pelos pais.

Um destaque será dado ainda as relações entre patrões e os seringueiros. Situações serão descritas por sua recorrência nas narrativas orais e por sua relevância ao trazer à luz, acredito, elementos que desnaturalizam a dominação atribuída as relações de patronagem nos seringais e que são fundamentais para compreender a ruptura que terá lugar ao longo da década de 1980, e mais radicalmente a partir de 1988. A última parte do capítulo introduz novos personagens e mediadores institucionais, como os delegados sindicais e o Conselho Nacional dos Seringueiros, fundamentais para entender as transformações que ocorrem nas

relações entre patrões e seringueiros. Na nova situação que vai aos poucos se configurando – criação de uma cooperativa de seringueiros, e depois de uma associação e da própria Reserva Extrativista – seu Milton e filhos tiveram uma importante participação, articulando-se com outros grupos de parentela e com eles também disputando cargos e benefícios.

Pais & filhos

Ao todo o casal Milton e Mariana tiveram, juntos, dez filhos – seis do sexo masculino e quatro do feminino. Dos dez filhos nascidos, três vieram a falecer ainda na infância. Os filhos que Mariana trazia do primeiro casamento, criaram-se todos na companhia da mãe e do padrasto – a quem chamam e tratam por "papai" –, dois deles com passagens pela casa do avô Nascimento. Juntos, portanto, Milton e Mariana criaram dez filhos e filhas, e pude conhecê-los já adultos e casados.[2] [Mapa de Parentesco 10] Cosminha, uma sobrinha que veio morar com eles quando já era uma menina de dez anos, participou da vida familiar e doméstica quando o grupo familiar já se encontrava na Restauração, tratando Milton por "titio" e Mariana por "madrinha", que a consideram uma "filha de criação". Após criarem filhos e filhas, enteados e enteadas, e uma sobrinha, os já avós passaram a criar alguns de seus netos.

Educação, respeito e afeto

Milton e Mariana educaram os filhos e filhas no regime clássico do seringal. Todos foram, a medida que iam crescendo, socializados nos trabalhos cuja divisão obedece

---

[1] "Peia", no seringal, é sinônimo de surra.

[2] Casados no civil ou religioso, ou então apenas "junto" (vivendo consensualmente como um casal). Quando conheci os filhos e filhas de seu Milton e dona Mariana, alguns já estavam numa segunda união conjugal, outros separados.

critérios etários e de gênero. Esta é uma dimensão importante da educação e socialização das crianças para a maturidade. A educação dos filhos também comportou outros aprendizados: regras de etiqueta à mesa, de tratamento e comportamento para com os mais velhos, valores e atitudes moralmente recomendadas, entre outros, formaram a herança que os pais procuraram deixar para os filhos. É um patrimônio importante, como lembrou seu Milton falando da boa "educação doméstica" que seu padrinho Meruoca lhe legou.

Pedir a benção ao amanhecer do dia e ao deitar-se para a noite de sono, este talvez tenha sido o primeiro ensinamento transmitido pelos pais. A benção, foi ensinado, deve ser dirigida aos pais, avós, tios, padrinhos e madrinhas, e, às vezes, mesmo a qualquer pessoa mais velha que chegue à casa. Passar pelo meio de duas ou mais pessoas conversando é sinal de má educação, e deve-se encontrar alguma forma de contornar o grupo, mesmo que seja se esgueirando por trás dos que conversam. Nas refeições, nada de gritaria e alvoroço: aguardem a mãe ou irmã mais velha colocar o caldo no prato, e o pedaço de carne que cabe a cada um virá no tempo devido.

Nos seringais, obediência aos pais é um valor fundamental. O pai e a mãe são a autoridade da casa, e seus pedidos e ordens devem ser obedecidos. Assim aprenderam os filhos e filhas de seu Milton e dona Mariana, e assim, por sua vez, ensinam seus filhos. Claro que personalidades diferentes podem dar tonalidades diferentes à prática, tornando alguns filhos mais rebeldes e teimosos, outros mais dóceis e fáceis de lidar. Osmildo é tido pelos pais como de personalidade forte, impulsivo e com alto senso de autonomia, ao passo que Cidoca é o filho que até hoje acompanha os pais, morando em casa separada mas

sempre na mesma colocação. As filhas Lurdes e Cilene casaram-se com homens que os pais inicialmente não aprovavam, e Marieta "fugiu" ao invés de casar-se.[3]

Glosa VII.1:

Certos acontecimentos e personalidades são potencialmente questionadoras da autoridade paterna e materna, mas acredito que não em seus fundamentos. Em que pese essas diferenças pessoais e de trajetória de vida, o respeito e afeto entre pais, filhos e filhas têm logrado restaurar todos os abalos pelos quais essa relação passa. Ou seja, se a obediência nem sempre é alcançada na medida em que os pais esperam, o respeito e afeto operariam como um cimento. A afeição que Marieta tem pelos pais, e particularmente pela mãe, e as provas e evidências de amor manifestas por Cidoca, dão gosto de ver! Se Osmildo é irriquieto, seu Milton, por outro lado, sempre pôde contar com o apoio do filho nas ações que empreendeu. À mãe, Osmildo devota especial respeito e amor, tratando-a carinhosamente por "velhinha".

Filhos e filhas sempre declararão seu desejo de morar perto dos pais, e em especial da mãe. Quando, em 1994, seu Milton e dona Mariana mudaram-se da Restauração para a Foz do Machadinho, Cidoca, com esposa e filhos, e Osmildo acompanharam-nos. Algum tempo depois, Cilene, o marido Luis Fontenele e filhos também vieram, e logo Lurdinha e seu novo marido. Luis foi ser cantineiro da Cooperativa e Lurdinha professora. Quando em 1998, estive na Foz do Machadinho, novamente via reproduzida a mesma estrutura que conhecera na Restauração: pais, filhos e noras, filhas e genros - uma rede de grupos familiares aparentados entre si.

Os pais, em geral, serão sempre consultados pelos filhos e filhas quando esses tenham algum plano, seja de mudança, de compra de algum bem, ou de um conflito com alguém. Quando Osmildo tornou-se produtor de couro vegetal, o fez sabendo que contava com o apoio do pai a sua decisão. Pedrinho, no tempo em que os pais moravam na Foz do Machadinho, periodicamente ia até lá tomar a benção e aconselhar-se sobre assuntos que estavam a lhe exigir alguma decisão, como quando decidiu interromper temporariamente seu trabalho com o "Cipó". Embora, como diz Osmildo, "conselho e rapé, toma quem quer", conselhos paternos e maternos devem ser ouvidos com atenção pelos filhos. A experiência dos mais velhos não deve ser desprezada.

Cabe aos filhos e filhas zelar pelo bem-estar de seus pais, em especial depois que atingem a velhice. Cidoca até hoje mora vizinho aos pais, caçando e mariscando para eles, que, em troca, lhe abastecem com mercadorias compradas com a aposentadoria. Cilene, quando morava vizinha aos pais, sempre que tinha um tempo vinha varrer a casa para a mãe. Cosminha costuma presentear sua madrinha com uma galinha ou pato. Nos seringais do Alto Juruá não existe um problema comum nas grandes cidades brasileiras: o de pessoas idosas abandonadas pela família ou sem um lar.

Enquanto eram crianças, o controle a que os filhos e filhas de seu Milton e dona Mariana estiveram submetidos era, sem dúvida, maior. Mas as crianças eram travessas, e estavam sempre arrumando bons motivos para serem repreendidas. No seringal, esta

[3] Ver Boxes à frente.

repreensão pode ser verbal, ou o pior de todos os castigos, a peia, surra aplicada quando algo errado ou proibido foi feito. Um motivo frequente, são, por exemplo, artes infantis que acarretem risco às criações de terreiro, aos irmãos ou à própria criança traquina, como banhos de rio em locais fundos ou de muita correnteza, entre outras travessuras que os pais avaliem perigosas.

Na verdade, se a peia é comum no seringal, sua aplicação e frequência variará de acordo com os pais e os filhos. Seu Milton, por exemplo, conta que muito raramente bateu em seus filhos, o que é coerente com seu caráter mais calmo e reservado. Já dona Mariana, como ela mesmo conta, não hesitava em castigar com uma surra um filho ou filha merecedor. João Nascimento, contam seus filhos, era bastante rígido com os filhos, mesmo esses já em plena adolescência. Teria sido, inclusive, esta rigidez um dos motivos que os teria levado a deixar a casa paterna. Mas o fato é que dona Mariana e seu Milton tinham amor aos seus filhos, e certamente a peia não era uma crueldade pura e simplesmente, mas um instrumento pedagógico.

Ver os filhos envolvidos em brigas com conhecidos, amigos e primos, como pode ocorrer nos jogos de futebol ou em festas, são fatos relativamente comuns para mães e pais nos seringais. O fato é que brigas entre rapazes e homens ocorrem e são toleradas, embora não desejadas. Alguns casos, contudo, podem ser motivo para forte repreensão. Certa ocasião, seu Milton teve o desgosto de saber que dois de seus filhos brigaram entre si durante um jogo de futebol no campo da Restauração. Na frente dos presentes, o pai apenas mandou que os filhos fossem para casa, evitando expô-los a uma repreensão em público, tendo no ambiente privado os repreendido verbalmente. Moral da história: 1. brigas são ruins mas por vezes necessárias; e 2. brigas entre parentes são desaprovadas e devem ser punidas. Nos casos de repreensão, nunca em público.

Glosa VII.2:

Não se repreende um homem em público. Recomenda-se a conversa a dois, em caráter particular. Esse fato parece ser mais um exemplo da noção exacerbada de honra pessoal no seringal, como são também os casos relatados no capítulo anterior sobre o confronto de seu Milton com o gerente-cunhado Zé Grude e o patrão Gaspar. Mauro Almeida (comunicação pessoal) verificou a extrema delicadeza que o patrão Sebastião Corrêa (1982-1984) adotava no trato com sua freguesia. Os seringueiros, dizia ele, eram "bicho", ou eram "boca quente", razão pela qual, aliás, Sebastião Corrêa evitava a todo custo bebidas alcoólicas no barracão. Em 1982, falava-se muito de um acontecimento recente: um seringueiro matara um patrão que entrara em sua casa para forçar sua expulsão da colocação. O seringueiro não tinha munição, e fabricara uma bala com pregos. Este seringueiro foi assassinado na cadeia, mas a moral ficou na boca do povo: nem o patrão pode desrespeitar um chefe de casa.

Mas deve ficar claro que brincadeiras de criança – diferentes das traquinagens – não são reprimidas, e no seringal as crianças sabem ser extremamente criativas! Osmildo conta que, quando era tempo do cajazinho, fruto pequeno e arredondado, ele e seu irmão Damião, à beira de um igarapézinho, brincavam de patrão e seringueiro: faziam de conta que os cajazinhos eram as pélas defumadas entregues no barracão, e transportadas então rio abaixo. Durante o período de trabalho de campo, assisti as filhas de Pedrinho preparando colorau com urucum ao mesmo tempo em que pintavam seus rostos e braços, ficando muito parecidas com os Ashaninka quando se paramentam para cerimônias ou para a guerra! Ir ao pé de jambo comer seus frutos maduros era outra diversão. Lavar a louça no rio ou "tratar" (limpar) o peixe fresco eram programas coletivos: Artemísia e Ideones, as irmãs mais velhas, iam para o rio seguidas pelos menores, que passavam o tempo banhando-se e brincando no rio. Não era raro que todos, inclusive as jovens trabalhadoras, acabassem dentro d'água, até que a mãe gritasse da janela: – "Artemísia! Ideones! Cuida!"

Um outro aspecto que chama atenção no seringal é a relativa precocidade da participação das crianças na vida adulta, e isso não só na dimensão do trabalho. Se há, com efeito, conversas vedadas à crianças – aquelas que não condizem com a categoria de idade

–, os assuntos domésticos e do dia-a-dia podem contar com a participação delas quase em pé de igualdade com os adultos. Assisti frequentemente meninos informando os pais sobre as canoas que naquele dia passaram no rio, especulando sobre de que se trataria, ou conversando com o pai e outros homens sobre assuntos relativos à caça, marisco, roçados ou gado. Meninas podem ser poderosas aliadas das mães em assuntos de infidelidade conjugal, informando o que viram ou ouviram.

Box 26: Brincadeiras de criança

Foto 29: *Primos reunidos para brincar. Em pé, da direita para a esquerda: Ébi (filho de Osmildo), Alisson (filho de Lurdes), Davi (filho de Cilene), Zé, Marlene e Adriano (filhos de Cidoca); sentadas: Macilene e Maciléia (filhas de Cidoca). Foz do Machadinho, julho de 1998.*

Em 1998, quando estive por mais tempo na Foz do Machadinho, pude observar a brincadeira incansável dos primos, correndo de lá pra cá o dia inteiro, indo até o rio, subindo nas mangueiras, improvisando carrinhos e bonecas, dando cambalhotas, rindo e chorando, enfim.

Dona Mariana é enfática em afirmar que *a pessoa que não tem amor ao filho, não tem amor a nada no mundo*. Seu Milton declara que *filho é coisa do coração, como diz a história*. E a qualidade deste amor – de mãe e pai para com os filhos – não seria a mesma da presente entre o marido e a esposa: de acordo com dona Mariana, um bom marido,

quando morre, a esposa pode não o esquecer, *mas ainda arruma outro marido*. Com os filhos não: – *Ninguém arruma outro pra botar no lugar daquele* [que morreu]; *pode vir muitos, mas não é mais aquele; aquele amor você nunca esquece* – testemunha.

Glosa VII.3:

Há viúvas que não esquecem o derradeiro marido, como dona Raimunda lembra-se de Meruoca, ou dona Calorinda, velha rezadora e parteira fina do Tejo, do seu esposo falecido há já tantos anos; ou ainda Birra, que sempre lembra de seu primeiro esposo, Nilo, já falecido, mesmo tendo se casado novamente com Chagas. Mas é verdade, concordo com dona Mariana, a tendência é, ao perder um cônjuge, substituí-lo.

Neste sentido, filhos são mesmo insubstituíveis, e dona Mariana lembra até hoje dos abortos que teve ao longo de sua vida e dos filhos falecidos em diferentes idades: - *Se hoje fosse vivo* - diz pensando num deles - *teria tantos anos...* Não é por acaso, acredito, que as maiores demonstrações de afeto público a que assisti nos seringais são as entre pais e filhos: beijos, abraços, cheiros e choros.

Box 27: Amor de mãe

Foto 30: *Maria, esposa de Pedrinho, e a filha caçula Mariana, no assoalho de casa. À noite, era muito comum o casal e todos os filhos e filhas sentarem-se ou deitarem-se no chão, uns colados nos outros, para uma conversa antes da hora de ir para as redes. Costumávamos brincar que eles pareciam "bicho de ruma" (tipo de lagarta encontrada sempre em quantidade, emboladas umas nas outras).*

A afeição de uma mãe por um filho ou filha é difícil de ser escondida. Os pais podem ser mais discretos, mas nem tanto. Filhos e filhas são as maiores preocupações das mães e dos pais, e a razão maior de seu afeto. Ao encontrar uma mulher que chora, não será raro verificar que o motivo é a ausência e saudade de um filho ou filha. Choro nas

despedidas entre mães e filhos são comuns, e raro é o filho, por exemplo, que não acata o pedido de uma mãe, conforme aconteceu com Osmildo numa ocasião em que pensou em alistar-se. Acabou desistindo. Pedrinho também conta que decidiu interromper uma trajetória ascendente de consumo de álcool quando viu a mãe chorando por sua causa. Uma criança será sempre acarinhada pela mãe, com beijos e cheiros. Um abraço público, à luz do dia entre pessoas de sexo diferente? Certamente trata-se de mãe e filho. Casais não têm esse costume.

Glosa VII.4:

E é interessante verificar que o afeto e cuidados de seu Milton e dona Mariana por seus filhos e filhas, foi, pelo primeiro, inteiramente transmitido ao enteado (Pedrinho) e enteadas (Raimundinha e Birra). Seu Milton afirma mesmo que gostar e tratar bem dos enteados era uma forma de demonstrar o afeto pela mãe deles: – *Se a gente espanca os filhos daquela mulher que está com a gente, a gente está espancando ela também*, diz. Seus enteados, por sua vez, reconhecem em seu Milton um pai, tomando-lhe a benção, chamando-o de "papai" e demonstrando-lhe atenção, respeito e afeto.

Claro está que o fato de seu Milton ter participado da criação de Pedrinho, Raimundinha e Birra desde que eram crianças, é um fator importante para este reconhecimento mútuo de paternidade e filiação - a afinidade foi consanguinizada. Cosminha, por outro lado, que veio morar com o tio aos dez anos, não alterou em sua mente e coração o lugar daquele parentesco. É grata pela criação e acolhida recebida, mas não reconhece seu Milton e dona Mariana como seus pais: sabe muito bem o nome e destino destes, e usa os termos "titio" e "madrinha" para referir-se ao casal que a criou até seu casamento.

Mas outro fator importante para a extrema facilidade com que relações de filiação entre afins (padrasto/madrasta - enteado/enteada) são traduzidas e sentidas nos termos da consangüinidade é a naturalidade com que são vivenciadas no seringal. E isso estende-se aos "filhos de criação", embora esse caso implique numa relação de caráter mais permanente.[4] Crianças criadas por casais aparentados (tios, avós), ou não (parteiras, por exemplo), dos pais, muito provavelmente saberão de sua origem. É bem possível que, inclusive, conheçam seus pais de sangue. Mais de uma vez assisti a conversas entre adultos, na frente de um filho de

[4] A relação entre padrasto e enteados pode não ser duradoura se, por exemplo, o novo casamento da mãe durar pouco tempo. Os "filhos (ou filhas) de criação", por outro lado, permanecem enquanto tais por toda vida. Esse termo de referência ("filho de criação") designa não um processo jurídico de adoção (este termo nem mesmo é usado localmente), mas sim de um costume muito comum no seringal, o de "dar" os filhos para que outros (avós, tios, a parteira) os criem. Por outro lado, lembremos do caso de dona Mariana e seu "pai de criação" Joaquim Machado, que a criou do nascimento até os sete anos de idade, e também a registrou. Não sei dizer que termo de referência Joaquim Machado usava para referir-se a Mariana: "minha enteada", "minha filha de criação" ou "minha filha".

[5] O termo de referência "filho (ou filha), de criação" pode ser usado também designar enteados e enteadas, mas estou optando por diferenciar essas duas situações.

criação[5], onde um perguntava ao outro o nome, por exemplo, do pai da criança, sendo que este podia inclusive não reconhecer a paternidade. Nunca observei crianças, jovens ou adultos vivendo dramas existenciais por não terem sido criados pelos pais biológicos.

Uma das maiores vontades dos pais Milton e Mariana era de que os filhos se alfabetizassem. *Pelejamos muito, a escola era atrasada, mas o pouco que eles aprenderam serviu*, diz a mãe. Uns mais, outros menos, todos os filhos e filhas adquiriram familiaridade com as letras. Raimundinha e Pedrinho tiveram a sorte de estudar na Restauração, acesso que foi dado aos irmãos quando os pais para lá se mudaram. Osmildo lê e escreve com relativa facilidade, fazendo disso quase um hábito; Antonio sabe manipular as primeiras operações matemáticas, conhecimento essencial para a atividade de comércio que passou a exercer; Marieta e Lurdes chegaram a ser professoras.

Filhos rapazes e filhas moças

Os filhos, uns rapazes, e as filhas, já moças – graças a Deus, criados e com saúde. Mas não cessaram os cuidados e temores dos pais. Como mãe, dona Mariana procurava, como ela mesmo diz, fazer os gostos de seus filhos e filhas. Muitas vezes, as filhas vinham lhe falar de um passeio: – *"Mamãe vam'bora pra novena? Mamãe, vam'bora assistir o leilão?"* Novenas e leilões são eventos da festa anual do Novenário, ocorrem no "arraial", onde as "pensões" e "botequins" alinham-se, onde está a igreja e a cruz, e onde ocorrerá também, no último dia desta festa sagrado-profana, a procissão.[6] Não era aconselhável que as filhas fossem sós, e a mãe então as acompanhava, mesmo sem vontade de sair de casa.

Seu Milton tinha prazer em atender os pedidos de suas filhas relativos à compras no barracão onde o pai tinha conta. Roupas, perfumes, "enfeites", enfim, eram os artigos que

[6] "Pensões" são os locais que fazem e vendem refeições; "botequins" vendem mercadorias, em geral "de luxo". "Arraial" é o local onde estão as pensões e botequins, a igreja e um palanque para os leilões (de galinhas recheadas com farofa, de bolos de mandioca).

elas gostavam de solicitar ao pai. *Quando não me pediam, às vezes pedia à mãe delas; a mãe delas vinha: – "Meu velho, as meninas aqui estão precisando disso assim, assim. Se você puder comprar pra elas, compra." Aí o barracão era ali encostadinho, eu morava na Restauração e o barracão era ali encostadinho. (...) Eu era bem acreditado, o pessoal sempre confiava muito em mim, os patrão. Aí elas entravam lá, escolhiam. Os patrão às vezes ainda – às vezes ia só comprar só uma coisa, ainda comprava mais porque era um batom, era um extrato* [perfume], *era um óleo* [para o cabelo], *uma coisa –, que nesse tempo existia muito pra comprar : – "Não, esse aqui é bom, seu Milton, leve esse aqui pra ela." Ainda ele* [o patrão] *atiçava mais, a gente às vezes ainda comprava mais do que era pra comprar!"* (risos) (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)

Os filhos também procuravam o pai quando queriam algo no barracão: uma roupa, calçado, ou mesmo um luxo, como uma eletrola ou um relógio. *Eles era quem trabalhava e eu não privava deles comprar porque eles era quem trabalhava mais do que eu, né?, pelo menos na seringa. Aí eu não privava. Sempre eles queriam comprar uma roupa, queriam comprar uma coisa de valor, (...) eu dizia: – "Compre."* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)

Em busca de outros consentimentos os filhos rapazes podiam procurar o pai e também a mãe. Em geral, tratava-se de autorização para passeios mais distantes e festas. Nem sempre necessitavam, como as irmãs, da obrigatória companhia da mãe ou do pai para comparecer à festas – muitas vezes iam sozinhos, ou melhor, acompanhados de outros irmãos, amigos e/ou primos, enfim, com sua "patota". Mas o aceite dos pais era sinônimo de obediência dos filhos. Note-se, contudo, que entre as filhas moças e os filhos rapazes haviam graus de liberdade diferenciada, o que tinha uma razão: no seringal, do ponto de vista, a atenção que um rapaz e uma moça requerem por parte de seus pais não é a mesma.

Box 28: Eletrolas no seringal: de pai para filho

Eletrolas no seringal: de pai para filho

O Damião, um dia – fazia muita borracha, como eu já falei pra você que ele fazia mil e duzentos quilos de borracha – um dia chegou um marreteiro, foi lá e com uma eletrola muito boa e não sei o quê. Ele [Damião] *veio e disse: – "Papai, eu queria comprar uma eletrola." Ele fazia muita borracha, aí eu fui com o patrão pra ele me dar o dinheiro pra eu comprar essa eletrola. Até ele* [o patrão, Epaminondas] *ainda falou: – "Rapaz, seu Milton, dava pra mode do senhor esperar que eu... será que ele* [Damião] *não pode esperar que eu vá [à cidade] e traga uma eletrola pra ele?" Eu digo: – "Eu vou falar pra ele, se ele combinar, tudo bem, mas se der pra você comprar, eu queria, porque ele é quem trabalha." Ele disse: – "Tá certo. O senhor vá lá, se ele..." Aí eu falei pra ele* [Damião]. *– "Ah, mas a eletrola, eu me engracei da eletrola." Eu fui lá; o Epaminondas foi, veio cá com o regatão; aí foi e comprou pra mim a eletrola, mas sendo pro Damião. O Antônio também, do mesmo jeito: quando estava já no meio do ano, aí chegou um marreteiro com uma eletrola por lá, até Roxinol; aí ele foi e pediu pra eu comprar; eu fui e comprei pra ele. O patrão me deu o dinheiro, eu fui e comprei pra ele.*

E assim as coisas mudaram muito dos outros tempos porque... logo isso não existia, né? Nos tempos... em mil novecentos e cinqüenta e três, essa época, até sessenta e pouco, essas coisas eram coisas que não existiam: eletrola, rádio, essas coisas, só ouvia falar mas ninguém nem conhecia ainda. Aí eu acho que é por isso também que os filhos também não pediam aos pais pra comprar, né? Porque sempre vivia muito isolado, era difícil sair onde tinha muita gente. E depois não, nessa época de oitenta e dois, oitenta e três, oitenta e quatro já, os filhos tudo da gente já era filho que já via as coisas, já tinha conhecimento... ouvia muitas coisas pelo rádio, já tinha rádio, já tinha eletrola, todas essas coisas já tinha, né? Gravador também já existia. Aí os filhos quando foram crescendo também queriam possuir, né? E eles que faziam borracha. O pai que tem amor aos filhos assim, aí ia comprar pr'os filhos. Era assim que a gente, às vezes fazia muita borracha e a borracha se acabava, porque os filhos faziam dois mil quilos mas queriam comprar essas coisas, né!? (Seu Milton, Foz do Machadinho, 03/07/1998)

Dona Mariana afirma que, quanto aos filhos, a preocupação dos pais refere-se ao que possa vir a acontecer com eles quando fora de casa. Quando seus filhos saíam para o trabalho – na mata ou nos roçados – a mãe ficava atenta ao momento em que retornavam, como ainda hoje dona Mariana faz com relação ao filho Cidoca quando ele vai caçar. A preocupação central dos pais é justamente com as conseqüências que a liberdade de rapaz e de homem possam acarretar. Como se sabe, diz, *o homem é homem: a gente pensa que está em casa, anda no mundo, trabalhando, né? Às vezes corre perigo no trabalho; às vezes vai pra uma viagem assim; às vezes topa uma confusão, uma festa, que tem aquelas pessoas que procura viver de confusão. Tudo isso é preocupação.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 02/07/1998)

Conselho que a mãe e o pai davam aos filhos: cuidado com as inimizades e com ocasiões onde haja consumo de álcool.[7] Inimizades podem acarretar traições e violências, e homens alcoolizados, numa festa, são um risco à integridade física. *Por isso que eu digo: a gente se preocupa mais com o homem do que mesmo com a mulher, em certos pontos.* Dona Mariana afirma, e relativiza. Como medir e comparar o amor e atenção dos pais? Trata-se, repito, de preocupações diferenciadas.

Os pais temem pela vida dos filhos rapazes e homens, mesmo os casados, pois os sabem mais livres do seu domínio (dos pais) e mesmo do controle das esposas. Os homens trabalham quase que o tempo todo fora de casa, e têm a liberdade de circular em lugares e ambientes diferentes, desde a cidade, quando vão à negócio, a festas. Quiçá apreciem embebedar-se com álcool, o que não é nem um pouco raro: todo homem, mesmo que não mais o faça, já teve este costume.

Glosa VII.5:

Festa e álcool: mistura perfeita para acabar em briga. Invariavelmente, se há notícia de briga numa festa, não é preciso nem perguntar se havia álcool - a resposta certamente será positiva. Lembremos da festa do primeiro casamento de dona Mariana, oferecida por seu pai, o velho Nascimento, festeiro experiente: ele segurou o consumo de álcool até o amanhecer do dia, temendo que a ocasião especial terminasse em confusão.

Motivos para briga, entre alcoolizados, não faltarão. Velhos ressentimentos virão à tona; rivalidades antigas serão desencavadas; sentimentalismos, virilidade, suscetibilidades, honras pessoais poderão estar à flor da pele. A mãe de dona Mariana, a dona Regina, recordemos, tinha muito cuidado com possíveis "caneladas" da filha nos cavalheiros de uma festa: a recusa a um convite para dançar, em contraposição ao aceite dado a outros parceiros, pode dar início a uma briga. O cavalheiro e sua patota de irmãos e primos podem se sentir preteridos, e ofendidos.

Pude observar moças, visivelmente a contragosto, aceitando convites de bêbados, provavelmente para não dar motivo a alguma alteração. Claro que damas poderão chamar um parceiro para dançar, como as moças costumavam insistir com o jovem Milton. Mas a canelada masculina significaria, para a dama recusada, um orgulho ou vaidade feridos, mas não perigo de confusão. É verdade que pode deflagrar uma inimizade entre a moça preterida e a moça eleita pelo cavalheiro, mas nunca uma briga e perigo de morte.

[7] Trata-se de álcool etílico (etanol), em geral misturado a água, às vezes com adição de limão, ki-suco, leite condensado.

Box 29: Festa e confusão

Festa e confusão

Numa ocasião, na Restauração, *houve uma festa na casa do* [anônimo 1]. *Aí meu filho* [Antonio] *queria ir. Nesse tempo ele era rapazinho, aí ele queria ir pra essa festa. À tarde eu disse logo: – "Milton, tu não deixe o Antônio ir pra essa festa." Ele disse: – "Ah, deixo o quê! Hoje essa festa não vai prestar!" Tinha um batelão no porto da casa que iam fazer a festa, tinha não sei quantas grades de álcool no batelão.*

Aí, quando foi de tardezinha, todo mundo passando pra ir pra festa, da onde tinha uma moça que ele [Antonio] *namorava com ela, passou pra ir pra festa também. Aí ele foi e falou assim: – "Papai, o senhor deixa eu ir pra festa?" – "Eu não sei, quem sabe é sua mãe." Aí ele foi pedir : – "Mãe, a mãe deixa eu ir pra festa, mãe?" Aí eu digo: – "Vai não, meu filho, vá não, meu filho." – "Por que, mãe?" – "Porque a festa não vai prestar, meu filho." – "Por que a mãe diz assim?" – "Porque, olha, meu filho, aquele batelão tá lá porto da casa do dono da festa, o pessoal tudo numa bebedeira medonha. Aquilo ali, meu filho, vão acabar brigando. E não adianta você ir, pra você ir pra essa festa, e eu ficar aqui preocupada, passar a noite sem poder dormir, não adianta você ir." Ele disse: – "É, mas eu estava com vontade de ir, mas a mãe não quer que eu vá." – "Vá não, meu filho. Noutra festa que houver, que eu ver que não vai haver essas cachaçadas medonha, você pode ir. Mas essa, eu peço pra você não ir."*

Também ele [Antonio] *não ficou mau satisfeito não. (...) Aí nós jantemos, aí ele deitou-se, aí pegou no sono. Aí eu fui, me deitei também mais meu velho. (...) Aí fui e peguei no sono. Aí ele* [seu Milton] *não dormiu logo, aí com pedaço ele me chamou: – "Minha velha, minha velha!" – "O que é?" – "Minha velha, estão brigando lá no* [anônimo 1]. *Escuta a zoada!" Aí me acordei e fiquei escutando: zoada medonha, era grito, era choro, e era aquele alvoroço medonho. Parecia uma coisa feia mesmo, uma zoada medonha! – "Meu Deus do céu!" Aí ele disse assim: – "Tá vendo, quando acabar nós tivesse deixado o Antônio ir." (...) Aí ele* [seu Milton] *foi e chamou: – "Tonho! Tonho!" – "Senhor?", que ele tem o sono maneiro. – "Meu filho, lá na casa da festa tá um pipoco medonho, o pessoal tão brigando. (...) Tá vendo, meu filho, quando acaba você ainda queria ir." – "Ah, mas seu eu tivesse lá eu não estava bebendo. Qualquer coisa que eu visse, eu vinha m'embora." – "É, meu filho, mas a gente nunca deve estar nesses meios."* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 11/07/1998)

O fato é que foi uma noite trágica. A festa terminou em velório: o dono da festa foi morto na briga por um dos presentes.

E as filhas moças, que atenção especial requerem dos pais? *Ave Maria* – lembra dona Mariana – , *eu tinha muita preocupação com as minhas filhas quando elas eram moças, só pra ver se minhas filhas tinham o gosto de sair de casa casadas, e casar com rapaz que desse conta delas.* Sair de casa significa sair da "responsabilidade" dos pais, mais precisamente do pai, e é natural que aqueles se preocupem com a eleição do futuro genro: aquele que passa a ter o dever de calçar e vestir a estimada filha, de alimentá-la e ter com ela uma boa convivência. O marido é, neste sentido, o sucessor do pai, o novo responsável.

Depois de mulher, a moça *já saiu da companhia da gente, já pegou responsabilidade do marido. Quem toma responsabilidade por aquela mulher, por aquela filha da gente, é aquele homem, né? Aí*, continua dona Mariana, *é importante que seja um bom marido. Porque às vezes é um bom marido, é trabalhador, é bom de viver dentro de casa e tudo, mas às vezes judia muito com a filha da gente, né? Mas e outros não: às vezes é um bom marido de convivência, mas o trabalho é pouco.* (Dona Mariana, Foz do Machadinho, 02/07/1998)

Os deveres de um marido para com a esposa são extensíveis aos filhos, que logo chegarão. Ou seja, um marido desejável pelos pais é aquele em quem eles enxerguem potencial para assumir a responsabilidade por uma família.

Glosa VII.6:

Lembremo-nos de dona Raimunda e dona Regina, que deixaram a companhia de alguns de seus maridos por julgá-los incapazes de assumir a responsabilidade por elas ou por seus filhos: seja por ciúmes e maltratos, seja por pouco trabalho e manutenção deficiente da casa. Dona Regina tinha preocupação extrema com o futuro da filha: queria vê-la bem casada, observando com atenção os pretendentes da filha e os julgando adequados ou não. Dona Mariana afirma nunca ter-lhe passado pela cabeça, quando moça, "fugir" com algum rapaz: queria sair de casa casada e com a aprovação da mãe. E assim o fez, mesmo sem "amor" pelo primeiro marido, mas para a tranquilidade de dona Regina. O resultado não foi o esperado, e a jovem mulher Mariana deixou o marido e voltou para casa da mãe e padrasto.

Mulheres separadas, com filhos pequenos, voltam para casa dos pais e avós, que reassumem a responsabilidade pela filha e netos. Este é um expediente que se quer transitório: os pais, porque sabem das dificuldades de dar conta de uma família e temem pelo futuro da filha e netos depois que, já idosos, falecerem; a filha porque deseja ter novamente um marido para ajudá-la a criar os filhos.

Durante este tempo em que permanecem na casa dos pais, estes esperam que as filhas assumam maiores atribuições e nova postura: já não são mais moças e têm filhos para criar. E, via de regra, é o que ocorre. Recordemos o exemplo de dona Mariana, que cortava seringa com o padrasto para contribuir para a renda doméstica. Não é preciso cortar seringa, uma filha mulher e com filhos dentro da casa dos pais pode ser uma poderosa ajuda nos serviços domésticos, como lavar roupa, cuidar dos irmãos menores e cozinhar. Pude observar, contudo, casos em que a moça simplesmente entrega o filho para sua mãe, a avó da criança, e passa quase que a ter uma nova vida de solteira.

Uma moça quando perde a virgindade parece perder também o direito a que alguém puna por ela. Um pai pode não obrigar seu filho a casar com uma jovem se ela não era mais "moça" (isto é, virgem) quando o filho manteve relações sexuais com ela, conforme teve que argumentar seu Milton com o pai de uma suposta "moça" com quem um dos filhos de seu Milton havia passado a noite na rede. Mulheres solteiras que têm liberdade sexual podem ser muito mal vistas, e nenhum pai deseja isso para suas filhas: querem-na casadas, com um marido, alguém que assuma a responsabilidade até então do pai. Como pai, Pedrinho, por exemplo, reconheceu que há muitas mulheres que criam seus filhos sozinhas, com seu próprio trabalho e esforço. Mas ponderou que é uma vida dura, cheia de privações e sacrifícios.

Glosa VII.7:

A perda da virgindade realiza a transição entre a condição de moça para a de mulher. A perda de virgindade antes do casamento é em geral classificada como algo não desejável. Coloca-se o risco da gravidez antes do casamento, isto é, antes da filha ter um novo responsável por ela que não seu pai. A perda da virgindade também pode ser classificada como uma perda da "moral", ou um "erro", e neste sentido a virgindade aparece como um valor, mas, parece-me, talvez mais frisado pelos pais e pretendentes do que pelas interessadas.

Na Restauração: patrões, seringueiros e o ciclo doméstico

Em 1968, ano em que Marieta nasceu, o patrão responsável pelo barracão da Restauração era Osvaldo Pereira, que morava no rio Dourado tomando conta também daquele seringal. Mantinha um empregado na Restauração, de apelido Filhote, que movimentava as contas durante a semana; nos fins-de-semana o patrão ia à sede conferir o trabalho e manter contato com os seringueiros.[8] No ano seguinte, em janeiro, quando o

[8] Nesta época, os seringais do rio Tejo (com exceção do Iracema e do Maranguape) já pertenciam a Evilásio Maia, estando vinculados por aviamento à sede da foz do Tejo, onde Armando Geraldo era o patrão daquele barracão central, e despachava as mercadorias que subiam de Cruzeiro do Sul. Armando Geraldo, não estou certa, arrendava de Evilásio Maia os seringais, e não era, portanto um aviado, ou seja, tinha capital (próprio

beato Irmão José chegou à Vila Thaumaturgo vindo de sua peregrinação rumo ao Alto Juruá, andando sempre pela margem esquerda do rio[9] e assentando santos cruzeiros ainda hoje visíveis em várias localidades, o patrão da Restauração ainda era Osvaldo Pereira. Seu Milton conta que, junto com sua esposa, filhos e filhas, desceram o rio Tejo para ouvir as pregações do beato durante o Novenário da Vila. Assim fizeram, é verdade, quase todos os moradores do Tejo, sendo o Irmão José figura de devoção entre os seringueiros da região.[10]

Mas já em 1970 um novo patrão assumira o barracão da Restauração: Dozinho. A este homem seu Milton hoje atribui o título de "pior patrão" com quem já trabalhou: acusou-o de vender borracha a um regatão e o ameaçou de expulsão. O fato é que seu Milton autorizara o regatão Jorge Cardoso a depositar mil quilos de borracha embaixo de sua casa, borracha esta fruto de vendas que fizera aos seringueiros do alto Tejo. Era época de Novenário na Restauração (agosto) e o regatão temia a ação de ladrões durante a noite, no rio, soltando a borracha do cabo. Por ter dado consentimento ao regatão, seu Milton foi acusado de ter lhe vendido cerca de cem quilos de borracha.

Chamado no barracão pelo patrão, seu Milton defendeu-se negando a acusação e chamando um dos seringueiros que o acusava de "mentiroso". Houve tensão e bate-boca, e o caso terminou encaminhado ao delegado da Vila Thaumaturgo. A questão trabalhista foi tratada como caso de polícia.[11] Logo seu Milton recebia uma intimação para ir até a Vila esclarecer o caso. Descendo o Tejo de canoa, no varejão, acompanhado de seu filho Damião, após alguns dias seu Milton chegou na foz do Tejo.

---

ou por meio de empréstimos bancários) para adquirir mercadorias e aviar os patrões menores dos seringais do rio Tejo.

[9] Isto é, margem esquerda de quem desce o rio.

[10] Cf. Araújo, 1998.

[11] A compra de mercadorias a regatões, entre outras questões, já em 1905 foram objeto da Lei do Trabalho implantada pelo primeiro prefeito do Departamento do Alto Juruá (cf. Thaumaturgo de Azevedo, 1905).

Lá ficou sabendo, por seringueiros que passavam retornando do Novenário, que Dozinho havia entregue suas estradas a outro seringueiro, simbolizando a expulsão da colocação. Felizmente, na foz do Tejo, seu Milton foi amparado por um empregado de Armando Geraldo, o gerente Antonio Pedro, que intercedeu junto ao delegado. *Aí ele* [o delegado] *mandou a carta mandando explicar que quem tivesse nas minhas estradas podia desocupar, que as estradas eram minhas. Aí eu voltei de lá* [da foz do Tejo]. *Aí quando cheguei* [na Restauração] *trouxe a carta, entreguei, o patrão ficou olhando... – "E as minhas estradas eu quero! Se você colocou, pode descolocar porque eu vou raspar as minhas estradas amanhã." Aí ele* [Dozinho] *não tinha razão mesmo, né? Aí eu fui e recebi* [as estradas de volta] (Seu Milton, Foz do Machadinho, 01/07/1998)

Glosa VII.8:

Seu Milton era um seringueiro já conhecido, fora empregado de patrão (Renato Lebre), ferreiro, devia ter boa reputação. Estava sendo acusado de mentiroso, sua honra de homem e seringueiro estava em questão. Além disso, quem era Dozinho? Não tenho dados substanciais, mas de qualquer forma ele era aviado e subordinado a Armando Geraldo, este sim reconhecido como "patrão forte" e que, embora não diretamente, e sim através de seu empregado, apoiou seu Milton intercedendo junto ao delegado da Vila Thaumaturgo. Dozinho foi pelo seu patrão superior desautorizado. Dozinho seria o que os seringueiros costumam classificar de "patrão fraco", aviado (sem mercadorias próprias, portanto) e com passagem rápida pelo barracão: Dozinho gerenciou a Restauração apenas por aquele ano.

Em outubro de 1970, quando Pedrinho saiu de casa para sua primeira união conjugal, deixou para o pai um saldo de duzentos quilos de borracha nas mãos do patrão Dozinho. Seu Milton acompanhou o filho ao barracão para que este abrisse uma conta própria e arrendasse estradas para si. Com a saída do irmão Pedrinho, o filho mais velho a seguir, Damião, viu suas responsabilidades crescerem. Sob o patrão Epaminondas, antigo regatão e gerente de depósitos no Tejo que assumiu o barracão da Restauração em 1971, Damião, aos quinze anos, tornou-se o seringueiro da casa.

Quando Damião assumiu realmente a produção de borracha da casa, o pai pôde dedicar-se aos seus roçados, que eram muitos nessa época, e aos trabalhos na oficina, que o patrão Epaminondas comprara de Renato Lebre e colocara aos seus cuidados.[12] A ajuda que seu Milton dava ao filho Damião era na tarefa de coletar cocão na mata, aqueles frutos já caídos no chão, excelentes para a defumação. Ao alcançar a idade de dezessete anos, Damião já era um bom seringueiro: sua produção alcançava a cifra de mil e duzentos quilos de borracha.

Glosa VII.9:

Do ponto de vista dos pais, Qual a idade do rapaz se casar? Dona Raimunda e dona Regina, vimos, julgavam Milton, um rapaz de dezesseis anos, muito jovem para o casamento; dona Mariana afirma que Pedrinho teria os mesmos dezesseis anos quando casou-se com Maria (embora, pelos meus cálculos, ele já tinha seus vinte anos). O que temos em comum entre seu Milton e Pedrinho, parece-me, é que ambos eram, além de jovens e inexperientes ("enxeridos", diria seu Milton), os filhos mais velhos, já rapazes e também os responsáveis pela produção de borracha e pelo rancho da casa de seus pais até se casarem. O casamento alterou essa situação, o que talvez não fosse propriamente desejado pelos pais. O casamento de Milton e Mariana desfalcou a casa das mães de ambos de seus principais trabalhadores; a saída de Pedrinho forçou seu irmão Damião, de quinze anos, a tornar-se o filho rapaz e seringueiro da casa

Já foi dito que a passagem da categoria de idade de menino para rapaz corresponde às responsabilidades de trabalho assumidas dentro de casa, e não à idade, embora haja correspondência entre ser rapaz e estar na puberdade[13]; passar de rapaz a homem corresponde a manter relações sexuais com mulheres, ao casamento e a responsabilizar-se por um novo grupo doméstico. Ou seja, na avaliação dos pais sobre a precocidade ou não do casamento dos filhos, a questão não é propriamente etária e nem somente de imaturidade juvenil. O ciclo de desenvolvimento doméstico do grupo deve ser considerado, pois ele determina estratégias familiares de segurança e bem-estar.

[12] Não tenho informações sobre o que ocorreu com a oficina nos anos de 1968 a 1971, quando Osvaldo Pereira e Dozinho foram patrões.
[13] Cf. Capítulo V desta tese. Consultar também Martini, 1998, p. 119-121.

Box 30: Pedrinho & Maria: entre namoros e noivados

Pedrinho & Maria: entre namoros e noivados

O pai de Maria, seu Raimundo Damascena dos Santos, tocava gaita e freqüentemente deslocava-se com a esposa e os vários filhos e filhas para animar festas. Cedo então Maria aprendeu a dançar e a gostar de festas, as quais iam todos, em família. Mas sua liberdade de moça era relativa, afirma: namoro tinha que ser em casa, e não fora, em passeios. Namoravam então sentados no banco da sala, conversando; eventualmente, quando os pais saíam do aposento, um beijo ou abraço podia ser trocado.

Maria teve namorados em sua mocidade; namoros mais ou menos longos, às vezes de uma festa apenas. Mas namoros que desaguaram em compromisso mais sério, como noivado e casamento, foram poucos – na verdade, dois. Um deles foi fruto de um longo namoro de infância e adolescência, que resultou em noivado: a formalização do pedido de casamento aos pais da moça. Mas pouco depois Maria terminou o noivado alegando que o rapaz não tinha coragem de comunicar aos seus próprios pais que ia casar. Como não queria fugir, e sim casar, desfez o compromisso. Meses depois, estavam novamente namorando, e mais uma vez noivaram, marcando o casamento para o janeiro seguinte. Mas o noivo não apareceu, e Maria escreveu uma carta terminando tudo definitivamente. Por esta época, idos de 1974, Maria começou a namorar Pedrinho.

Vejamos rapidamente a trajetória de Pedrinho até o momento deste encontro. Aos doze anos, afirma ele, começou a dançar e ter seus primeiros namoros. Já rapaz, com sua patota, deslocava-se sempre para festas, mesmo que distantes; não era raro arranjar namoradas nessas ocasiões. Entre as namoradas que Pedrinho teve nessa época, uma delas foi justamente uma irmã de Maria; de outra irmã ele chegou inclusive a ser noivo! Em 1970, saiu de casa para se "juntar" a uma mulher de nome Ioneda, e o fez contrariando a vontade dos pais, que o julgavam muito novo para assumir uma família (ver glosa a seguir). Ioneda já fora casada e tinha filhos. Foram morar no centro Mineiro, vizinho a Restauração. Tiveram três filhos e vieram a se separar cinco anos depois, em 1974, retornando Pedrinho então a sua vida de solteiro, vivendo no centro São José (seringal Maranguape). Durante a semana, trabalhava com afinco na seringa; nos fins-de-semana, era a vez a diversão, festas em especial.

Nesta época, Raimundinha, irmã de Pedrinho, já estava casada com Antonio Macena, este irmão de Maria. Pedrinho passou a aparecer com mais frequência na casa da irmã e imediações. Numa festa no Maranguape, dia de São João, Pedrinho a abordou com um pedido de namoro, ao que Maria responde *não sei não*, como manda a etiqueta de aceite de um pedido de namoro. Algo ficou acertado entre os dois, pois, tal como prometera, no dia quatro de outubro Pedrinho compareceu à casa de Maria e lá ficaram noivos. Contudo, dias depois vendo que Maria dava provas de arrependimento – *é difícil a gente namorar com o rapaz assim pela primeira vez que fica gostando muito dele assim, né?* –, Pedrinho terminou o noivado.

Pedrinho não parecia ter desistido, pois voltou a frequentar a casa de Maria meses depois. Logo ambos voltaram a namorar, e em junho de 1975 noivaram uma última vez, tendo contraído matrimônio no mês seguinte. Juntos criaram oito filhas (uma faleceu na puberdade) e três filhos; já são avós e vivem na colocação Cachoeira do Lago.

Vivia-se bem na casa de seu Milton e dona Mariana. O casal tinham filhos e filhas já em idade de assumir tarefas domésticas e de produção, por um lado aliviando os pais, que desde 1953, quando se casaram, trabalhavam ininterruptamente para dar conta da família, e, por outro lado, aumentando a renda doméstica e incrementando a qualidade de

vida. [Mapa de Parentesco 15] Com filhos aptos a cortarem seringa, seu Milton aumentava a renda doméstica com os ganhos da oficina. Nesta época de prosperidade, era Epaminondas o patrão.[14]

Epaminondas foi, na avaliação de seu Milton e esposa, o "melhor" patrão com quem já trabalhou[15]; Pedrinho também é de opinião semelhante. *O Epaminondas quando chegou, procurou trabalhar junto comigo, foi um cara muito legal comigo. E aí foi e comprou uma oficina pra mim, que você sabe que eu tive uma oficina bem montadazinha, eu tinha de tudo. E aí quando ele foi embora, me vendeu a oficina, me vendeu o motor que tinha, e por aí eu fui começando a minha vida. Que um tempo atrás eu passei tudo foi aperreado. Trabalhava, um ano pagava, outro eu não pagava. No tempo do Chico Major, como eu já falei, foi um outro patrão que eu também trabalhei e, graças a Deus, tirei um grande saldo. (...) Pois bem, aí passou esses outros patrões que tudo só deixava a gente na mal. Mas aí foi o tempo que chegou o Epaminondas, aí eu fiquei bem aprumadinho. Quando ele saiu, foi embora, eu fiquei bem aprumado: fiquei com gado, com motor, com a oficina. Ele procurou me ajudar no quanto pôde.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, setembro de 1994)

No período em que Epaminondas foi o patrão da Restauração, seu Milton, portanto, capitalizou-se e logrou mesmo tornar-se proprietário de um bom meio de vida: a própria oficina. Seu Milton tinha ainda tempo para se dedicar aos seus roçados, no que contava

---

[14] Epaminondas Mesquita Magalhães nasceu no seringal Belo Horizonte, filho de seringueiro, trabalhou também no corte da seringa. Foi regatão no Juruá, quando conheceu o Tejo e casou-se com a filha de Osvaldo Pereira, então patrão do Riozinho. Nesta época, Chico Major tomava conta do barracão central da foz do Tejo e aviou Epaminondas como patrão do Acuriá (outro afluente do rio Juruá, logo acima do Tejo). Já sob Armando Geraldo, Epaminondas tornou-se patrão do Riozinho, e depois da Restauração. No final de 1976 mudou-se para Cruzeiro do Sul, e hoje trabalha numa divisão do Detran do Acre.

[15] Outro patrão é em algumas entrevistas citado por seu Milton junto com Epaminondas. Trata-se do Chico Major, que gerenciava a Restauração (cujo raio de ação ia até o Boa Hora) quando seu Milton chegou ao Tejo, em 1955. Chico Major, junto com um outro patrão antigo famoso, o Marcial, são saudados pelos velhos seringueiros como patrões com os quais fazia gosto trabalhar: não roubavam nos preços ou no peso, e davam boa "assistência" a sua freguesia, mantendo os barracões abastecidos com mercadorias, pagando saldos em dinheiro ou realizando adiantamentos para os seringueiros em casos de necessidade.

com a disposição e força de trabalho da esposa, além do incentivo do patrão, que cultivava amplos roçados de macaxeira, café e cana, incentivando sua freguesia a plantar. Epaminondas não tinha nas prateleiras do seu barracão açucar ou café: por que comprar se era possível produzi-los? Esta filosofia não era do agrado de todos, e ouvi algumas queixas de que nessa época o barracão não tinha fartura de mercadorias.

Seu Milton, por seu lado, avalia positivamente a política de Epaminondas de gerenciar sua mercadoria de forma que todos os seringueiros tivessem acesso a ela – não vendendo, por exemplo, grandes quantidades de um artigo a um seringueiro se isto pudesse comprometer o abastecimento do conjunto da freguesia, mesmo tendo o comprador condições de saldar a conta. O patrão mantinha sempre no barracão alguns litros de gasolina que não vendia em nenhuma hipótese: tratava-se de combustível para emergências, como casos de doença.

No plano pessoal, Epaminondas e seu Milton tornaram-se amigos, o patrão, segundo o antigo freguês, sempre com ele se aconselhando quando enfrentava algum problema no relacionamento com os seringueiros. Em assuntos de caça, Epaminondas sabia que encontrava em seu Milton um valioso especialista. Por outro lado, é quase certo que nem todos os seringueiros desfrutavam dessa proximidade e intimidade com o patrão.

Box 31: Algumas palavras de Epaminondas

Algumas palavras de Epaminondas

No meu caso, eu trabalhava dessa forma: se o freguês tinha condição de levar o mantimento suficiente, se ele – ou comprando à vista ou se ele tinha uma produção normal – não ficava devendo nada, ele levava a aviação completa. Aqueles que não tinham condições, e a produção também era muito pequena, que não tinha condições de comprar em grosso, aí ia levando: ele vinha comprar de semana em semana, ou de quinze em quinze dias, ia levando assim, de conformidade com a produção dele também. Eu segurava um pouco que era pra não ver o meu freguês endividado. Depois que o freguês fica endividado, ele perde até o ânimo de trabalhar, né? Todos não são iguais pra trabalhar, aí eu procurava evitar o máximo dele ficar endividado porque sempre ele, mesmo com pouca produção, mas se tornava uma pessoa animada porque não estava devendo. E por isso eu me dei muito bem. Saí, não deixei débito não. Meus fregueses não me deram nenhum prejuízo.

*

– Quando o senhor veio morar na Restauração, o seu Milton já estava lá, né?
– Já, ele já estava lá. Aí eu sempre fui uma pessoa que gostei de zelar as coisas assim, aí montei logo uma oficina que ele era trabalhava com esse negócio de ferro, né? E não tinha oportunidade. Aí montei uma oficina e a gente trabalhava. Ele consertava espingarda. Era o mestre lá que fazia esse serviço, né? E a gente sempre se deu muito bem. A dona Mariana, que era uma pessoa muito, muito boa junto lá com a minha esposa. Trabalhavam, era muito unidas. E a gente ... eu acredito que até hoje o Milton dá boa referência da gente, tanto da minha pessoa como da minha família. A gente sempre se deu muito bem.

*

– O pessoal conta que o senhor sempre separava mercadoria de emergência, que o senhor não vendia todo o seu estoque.
– É, perfeitamente. Porque aí num caso de doença, ou mesmo fora de doença, todos tinham direito de comprar, né?, ter sua alimentação. E eu sempre procurava aquelas mercadorias de maior necessidade, no caso do leite, um certo medicamento, eu não vendia todo só pra um e os outros ficar sem nada. Isso aí eu acredito que o próprio Milton é sabedor disso, eu não sei se ele falou pra senhora, mas ele sabia disso. Que a gente tinha essas reservas, no caso de medicamento, de alimentação de primeira necessidade; no caso da criança, era no leite, no açúcar. E às vezes, por exemplo, o seringueiro queria comprar açúcar pra misturar com álcool pra beber, pra fazer confusão. Eu digo: – "Olha, o açúcar que tem só é pra segurar as crianças novas que tão nascendo por aí." Às vezes ficavam resmungando, mas eles reconheciam que eu é quem estava certo.
– O senhor vendia álcool no seu barracão?
– É, eu trazia sempre bebida, né? Mas não pra vender assim no balcão. Vendia, o seringueiro levava pra tomar nos varadouros, né? Agora, tinha aqueles fregueses, pessoas decentes, velhos de sessenta, setenta anos, que era gente da cozinha da gente, que não tinha nenhum problema: ficava lombrado [bêbado], *a gente colocava numa rede, fazia tudo por eles, que são pessoas muito distintas.* (Epaminondas, Cruzeiro do Sul, julho de 1998)

Na esfera doméstica e feminina, em 1970 Raimundinha já havia saído de casa para se casar com Antonio Damascena[16], e Cosminha assumira seu posto, sempre auxiliada por Birra. Cosminha ainda hoje lembra que além de varrer e passar pano na casa, manter o terreiro limpo e aguar os canteiros de verduras e temperos, ela ia com os primos Antonio e Damião buscar milho e macaxeira no roçado. Cilene ainda era muito pequena para ajudar nos serviços da casa, requerendo antes que olhassem por ela. Osmildo, com oito anos desempenhava algumas tarefas domésticas sob as ordens da mãe, tais como abastecer a casa com água e rachar lenha para o fogão, além de ajudar o pai a encoivarar e plantar roçados. Cidoca, miúdo ainda, provavelmente só dava era trabalho! [Mapa de Parentesco 15][17] Ainda em 1970, Birra saiu de casa para juntar-se a Nilo, seu primeiro marido.

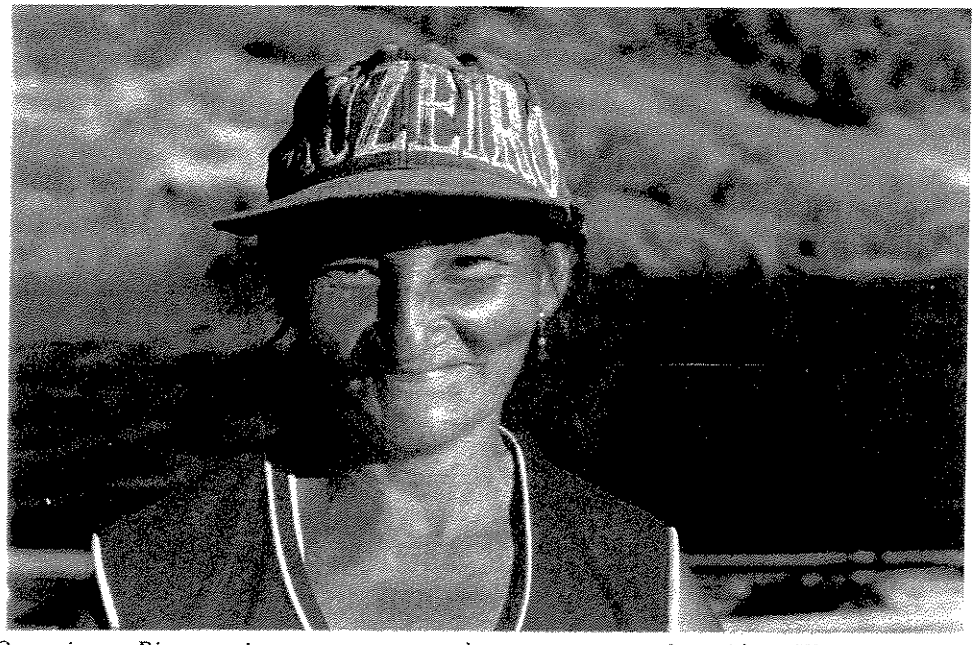


Foto 32: *Osmarina, a Birra, mais recentemente mudou-se, com o atual marido e filhos, para as margens do Juruá, onde vivem da agricultura e da pesca. Nesta foto, tirada em maio de 1998, ela, marido e filhos desciam o Tejo levando numa canoa a farinha feita com o restante do roçado de roça que ainda possuíam no Riozinho.*

[16] Conhecido como Antonio Macena. Provavelmente, o sobrenome de Antonio foi gradativamente alterado pela pronúncia de seus contemporâneos: o inicialmente Antonio Damascena, era o mesmo Antonio do Damascena, depois Antonio do Macena e, finalmente, Antonio Macena. Essa é uma hipótese.

[17] O Mapa de Parentesco 15, atenção, refere-se ao ano de 1971, enquanto o parágrafo trata do ano anterior.

Box 32: Birra & Nilo: em defesa da honra

Birra & Nilo: em defesa da honra

Moça, Birra interessou-se por Nilo, rapaz que já conhecia desde menina pois ambos cresceram na Restauração. Nilo era um rapaz "decente": não andava em meio a confusão e bebedeiras de rapazes; era um seringueiro trabalhador, tinha um moral de homem. Birra e Nilo começaram então a namorar. Mas logo extrapolaram as regras costumeiras do namoro e, quando dona Mariana deu-se conta, a filha estava grávida. Furiosa, a mãe quase deu uma pisa na filha! Para reparar o ocorrido, o irmão Pedrinho, na ausência do pai, resolveu interceder e convocou Nilo para comparecer à casa da namorada. Conta Birra:

– O Pedim[18] *disse assim: – "Ô, Nilo, eu mandei lhe chamar aqui porque você já mexeu com minha irmã e agora você tem que assumir, você tem que amparar ela." Ele disse: – "É, se ela quiser ir mais eu, eu levo." Ele* [Pedrinho] *disse: – "Se ela quiser ir não: que ela lhe aceitou, tem que ir!" Desse jeito ele dizendo. Aí eu sei que ele* [Pedrinho] (risos) *falou sério lá; ele* [Nilo] *ficou calado, não disse nada. (...) Aí o Pedim ainda disse assim, disse: – "E é pra casar com ela porque se o senhor não casar com ela, você vai casar é comigo!"* (risos)

Birra e Nilo casaram-se e viveram juntos até o falecimento deste, em 1988. Nesta ocasião já tinham dez filhos. Até hoje Birra recorda com lágrimas nos olhos o quão bom marido e pai Nilo era. Viúva, Birra trabalhava com ajuda de alguns filhos para manter a casa. A notícia de sua viuvez passou a encorajar homens e rapazes a lhe procurarem propondo união, tal como ocorrera com sua avó Raimunda.[19]

Em 1991, diz Birra, viu-se obrigada a colocar um homem dentro de casa para garantir o sustento dela e dos filhos. Juntou-se então com Chagas. Mas Birra teve o desgosto de assistir os filhos rapazes, que não se entendiam com o padrasto, saírem de casa para morar noutras colocações, abandonando-a, segundo avalia.

Em 1972, quando foi a vez de Cosminha sair da casa dos tios e primos para se casar com Antonio Osterno, a filha mais velha dentro de casa era Cilene, com oito anos de idade. As tarefas da menina eram carregar água para encher os potes da casa, varrer e passar pano na casa, lavar a louça, tal como Birra fizera na colocação Vista Alegre. Cilene também costumava ir com a mãe ao roçado, ajudando-a a arrancar batatas ou a moer cana, e também com o pai no momento da coivara. Depois de 1972, a pouca idade de Cilene e das irmãs Marieta (com quatro anos) e Lurdes (com um ano), forçou dona Mariana a voltar-se um pouco mais para os serviços domésticos.

Nos anos vindouros, porém, até casar-se em 1982, Cilene tornou-se uma dona de casa caprichosa e exemplar, permitindo que a mãe se aliviasse da carga de trabalho

[18] "Pedim" é a forma como "Pedrinho" é muitas vezes pronunciado.
[19] Ver Capítulo IV.

doméstica. Cilene mantinha o terreiro varrido e limpo, lavava roupa, varria e passava pano na casa, preparava as refeições, arreava as panelas, mantinha os potes d'água cheios. Era a Cilene que pai e irmãos recorriam quando precisavam de algo que fosse da alçada doméstica, como comida ou uma muda de roupa.

Box 33: Damião & Francisca: rapto consentido

Damião & Francisca: rapto consentido

Em 1974, Damião foi morar com o irmão Pedrinho, recém-separado de sua primeira esposa Ioneda, no São José. Na mesma colocação, havia também a casa do pai de Ioneda e a de um irmão seu, Antonio Joca, pai de Francisca Nogueira do Nascimento[20], então uma moça de catorze anos.

Damião conta que ele e Francisca já eram namorados de longa data (desde os doze anos de idade dele), embora ele, paralelamente, sempre tenha tido outras namoradas. *Às vezes, quando eu ia pros passeios, as festas assim fora, quem nem no Riozinho, noutros cantos, eu namorava com outras meninas; mas sempre a minha namorada sempre foi ela.* Francisca às vezes se zangava com o comportamento do namorado, mas Damião alega que ela também devia namorar outros – afinal, ambos eram solteiros! Quando Damião veio morar no São José, o casal de namorados animou-se a viver juntos. Mas os pais de ambos não queriam: segundo Damião, os dele o achavam muito novo para assumir família, e os dela temiam a possibilidade dele "usar"[21] a filha e depois abandoná-la. O jovem casal encontrou então uma saída:

É, nós combinamos. Morava pertinho, eu morava mais o compadre Pedro[22]*, morava de um lado do igarapé, e eles moravam do outro. Aí nesse dia nós íamos até pra uma festa, o compadre Pedro me chamou pra ir pra uma festa, eu ia mais ele. Aí ela* [Francisca] *pediu pra eu não ir: se eu fosse para festa eu ia namorar por lá com alguma menina... Aí eu disse pra ela: - "Rapaz, eu não vou não." Aí eu perguntei se ela tinha intenção de morar mesmo comigo, "se quiser fugir comigo, eu lhe carrego". (...) Ela disse que saía comigo. Aí de noite eu carreguei ela. Fui pra casa d'um vizinho nosso, que dava, de lá onde nós morávamos pra lá, dava quarenta minutos* [a pé]. *Apareci de surpresa: cheguei de noite; cheguei lá era mais ou menos uma meia noite. Ele* [o rapaz] *até pensava que tinha alguém adoecido lá na nossa casa.*

Aí quando ele viu eu mais ela, ele pressentiu que eu tinha carregado ela. Aí mandou eu subir, eu fiquei lá na casa dele até outro dia. Aí no outro dia eu vim pra casa do meu irmão de novo. (...) Ela já ficou comigo, lá na minha casa, na nossa casa mesmo. Aí de lá pra cá nós não se deixamos mais não. (Damião, Restauração, 08/06/1998) Dois anos depois do ocorrido, Damião e Francisca casaram-se perante o padre. Vivem juntos até hoje, na Restauração. Tiveram sete filhas e seis filhos, um já falecido. Damião e Francisca já são avós.

Em novembro de 1975, no curto período em que Damião morou com o irmão Pedrinho no centro São José, no Maranguape, arrumou família: "carregou"[23] Francisca

[20] Francisca é filha de Antonio Joca com Mundinha, tendo sido esta a primeira esposa de João Nascimento, ou seja, Mundinha foi nora do velho Nascimento.

[21] "Usar" é ter relações sexuais.

[22] Damião e Pedrinho são, além de irmãos, compadres. O costume de irmãos e irmãs contraírem compadrio entre si é muito comum, e pode ser interpretado como um reforço de relações de parentesco já existentes e

Nogueira do Nascimento, sua esposa até os dias de hoje. O filho mais velho da casa, Antonio, com dezessete anos, já despontava como o novo seringueiro da casa.

Epaminondas, ainda o patrão da Restauração, após a união de Damião com Francisca, teria declarado: – *Rapaz, agora eu não tenho fé não. Saiu a perna forte do Milton de dentro de casa, o Antonio eu não tenho fé não.* Mas, para a felicidade do pai, e do patrão, *Antonio meteu a faca* [de seringa] *pra cima, fez mil e duzentos quilos de borracha também. Ave, o Epaminondas só faltava mostrar os dentes de alegre!* (Seu Milton, Foz do Machadinho, julho de 1998). Neste mesmo ano de 1976, Epaminondas retornou para a cidade de Cruzeiro do Sul, e novo patrão assumiu o seu lugar.

No ano de 1977, Antonio repetiu a marca dos mais de mil quilos de borracha, e a casa tinha fartura de mercadorias. Mas logo ele arrumaria mulher, carregando Arlete, professora da Restauração, e seu Milton voltou a cortar seringa, desta vez auxiliado pelos filhos mais novos, Osmildo e Cidoca, respectivamente com dezesseis e doze anos de idade. [Mapa de Parentesco 16] Seu Milton conta que iam os três para a estrada, entrando ele por uma perna e os dois filhos por outra; os filhos o ajudavam ainda na colha. A produção do trio alcançava o máximo de setecentos quilos de borracha.[24] Nos roçados, conta seu Milton, Osmildo e Cidoca era bons ajudantes, e no marisco também. A carne de caça ficava por conta do pai.

Nesta época, seu Milton pouco trabalhava na oficina, e Damião, casado e com filhos, e aleijado de uma perna devido a uma mordida de cobra em 1975, executava alguns

---

também como uma forma de criar interdição sexual entre cunhados e cunhadas. Cf. Considerações finais do Capítulo IV.

[23] Trata-se de um rapto consentido. Cf. Franco, 1997 e Martini, 1998, p. 130-137.

[24] Provavelmente as estradas da Restauração não eram muito grandes e produtivas. Afinal, eram dois seringueiros na casa (seu Milton e Osmildo), e Cidoca acompanhava o irmão.

trabalhos de ferreiro de forma a incrementar a renda doméstica já que não cortava mais seringa.[25]

Com o passar dos anos, Osmildo e Cidoca puderam prescindir da participação do pai na produção de borracha; já cortavam sozinhos, eram os seringueiros da casa. *Eles cortavam pra mim*, explica seu Milton, *mas eles cortavam só, eu já não cortava mais.* Isso deve ter acontecido na transição entre os anos de 1970 e 1980, quando Osmildo tinha cerca de dezoito anos e Cidoca seus catorze anos de idade. Em casa, ainda viviam as irmãs Cilene, Marieta e Lurdes.

Em 1982, Cilene casou-se e Marieta e Lurdes assumiram o lugar da irmã nas tarefas domésticas. Marieta era a mais velha, com catorze anos, e Lurdes tinha apenas onze anos. Para dar conta do recado, atuavam em dupla, dividindo os afazeres.

Glosa VII. 10:

Dona Mariana fala de uma espécie de revezamento que ocorreu ao longo do tempo em que as filhas eram solteiras: – *Quando saía uma, ficava outra; quando saía uma, às vezes ficavam duas.* Recapitulemos: a saída de Raimundinha foi contrabalançada por Cosminha e Birra; Quando Birra saiu, Cosminha ficou e Cilene já começava a ajudar; na saída de Cosminha talvez tenha havido um período mais sobrecarregado para a mãe e a filha Cilene; Cilene depois segurou as pontas, sendo posteriormente substituída por Marieta e Lurdes, tendo sido aquela a última a sair de casa, aos 23 anos. Por esta época, veremos, Lurdes já havia se separado do marido, voltara para a casa dos pais e logo entregaria dois de seus filhos para dona Mariana criar. O ciclo doméstico, portanto, não se encerra com a saída dos filhos e filhas: os netos garantem a continuidade.[26]

[25] Posteriormente, Damião colocou uma prótese, o que lhe permitiu deslocar-se com relativa facilidade e realizar trabalhos no roçado, por exemplo. Também veio a aposentar-se por deficiência física, o que lhe garantiu uma renda financeira básica.

[26] Sobre a importância de considerar o fator tempo na análise da estrutura dos grupos domésticos, consultar Fortes, 1958 e Berkner, 1972. Voltarei a esse tema nas considerações finais do capítulo.

Box 34: Cilene & Luis: casamento com forasteiro

Cilene & Luis: casamento com forasteiro

Quando moça, Cilene era sonhadora: quando casasse, imaginava, gostaria que sua casa fosse cercadinha feito muro ao redor, pintadinha, com fogão, uma cama, as paredes tudo forradas de cortina, panelas. Enquanto não tinha sua própria casa, Cilene ajudava a mãe nos serviços domésticos. E tinha jeito para isso! Cilene revelou-se uma dona de casa caprichosa e atenta aos detalhes, criando decorações com os materiais que dispunha.

Cilene gostava de festas. Mas seu Milton, o pai, nem sempre concordava em comparecer as festas para as quais a família era convidada, o que condicionava ou não a ida da filha. *Aí eu ficava com aquela vontade de ir pra festa. Não falava nada pra ele não, né? Mas às vezes ficava deitada pensando: tivesse ido pra festa... Não me levava pra festa não, e nem deixava também eu sair assim pra passear. Eles* [os pais] *eram meio assim seguro comigo, sabe?* Cilene tem lembrança de, quando solteira, ter ido a duas festas apenas, mas ela nunca contestou a autoridade dos pais. Aos domingos podia receber em casa sua melhor amiga, a Ivania, e juntas iam tomar banho na cachoeira do porto da Restauração. A mãe exigia, contudo, que estivesse com um vestido, e não de shorts, desobediência que uma vez lhe valeu uma dura repreensão. Com Ivania, Cilene conversava sobre namorados.

Mesmo com toda aparente rigidez dos pais, Cilene teve oportunidades de namorar, nas poucas festas que foi ou na varanda de sua casa, quando o namorado, ou candidato, podia vir para conversar. Nas festas, o namoro ocorria quando o casal estava dançando, não sendo permitido à filha afastar-se da vista dos pais. Se saísse em viagem com os pais para outro seringal ou colocação distante, Cilene podia namorar com um rapaz de lá. Mas o namoro teria um fim tão logo a moça voltasse para casa. Na Restauração, por cinco anos, Cilene namorou Germano, bisneto do velho Nascimento. [Mapa de Parentesco 17] Além disso, os pais mantinham a filha sob vigilância, com medo de que ela pudesse pegar fama de "bagunçada", isto é, não mais virgem.

Mas, contrariando os pais, não foi com Germano que Cilene se casou. Resolveram terminar o namoro depois do rapaz muito insistir para que ela o autorizasse a pedi-la em casamento aos pais e ter sua pretensão negada pela própria namorada. Em 1982, Cilene conheceu Luis Fontenele, nascido em Ipixuna, no Amazonas, seringueiro em outros seringais do Alto Juruá e chegado ao Tejo com alguns irmãos, todos solteiros, pelas mãos do patrão Sebastião Corrêa. Foi um namoro relâmpago, de um mês, ao fim do qual Luis pediu a mão de Cilene em casamento. Tornaram-se noivos então, e Luis foi à cidade. Cilene afirmou-me que ainda não tinha decidido realmente casar-se, mas, passados quinze dias, o noivo retornou já trazendo o enxoval. Que fazer? O ex-namorado Germano estava de casamento marcado com outra moça; ficar na casa dos pais poderia significar continuar "presa"; tinha sonhos de sua própria casa; enfim, uma série de razões – além de um provável afeto por Luis – incidiram sobre sua decisão.

Aproveitando a visita de desobriga do padre, o casal de noivos tornou-se marido e mulher no dia 13 de março de 1982. Mesmo não concordando com a união – Luis era de longe, ninguém o conhecia até ele ter chegado na Restauração, podia inclusive ser casado – seu Milton e dona Mariana deram a filha em casamento. Luis e Cilene tiveram sete filhos e duas filhas e viveram juntos até abril de 1999, quando, vítima de uma pneumonia e falta de assistência médica em tempo, Cilene veio a falecer aos 34 anos de idade.

Anos 80, colocação Degredo

No início de 1983, Osmildo e o pai planejavam ir à cidade mas não tinham recursos para tal. Nesta mesma época, sobrinhos solteiros de seu Milton, filhos do velho seringueiro

João Nascimento, trabalhavam numa colocação de centro por nome Degredo, nas cabeceiras do igarapé Inferno, afluente do Riozinho. [Mapa de Parentesco 17] Amarísio, muito amigo do primo Osmildo, insistiu que este fosse cortar lá com ele e garantiu que em pouco tempo teriam a borracha para descer até a cidade. Antonio, outro filho de seu Milton, já cortara seringa com os primos no Degredo por alguns meses no ano anterior, e testemunhara a produtividade das estradas da colocação. De fato, em dois meses Osmildo produziu trezentos e oitenta quilos de borracha, e pai e filho foram para Cruzeiro do Sul, onde o primeiro fez compras e o segundo se divertiu. Na volta, com o consentimento dos pais e "para" eles trabalhando, Osmildo foi cortar seringa com os primos no Degredo.

De abril a setembro de 1983, a produção total dos seringueiros do Degredo (Osmildo e os primos Amarísio e Amaílton) foi de 1.700 quilos de borracha. Mas seu Milton chamou o filho de volta para a Restauração: Osmildo gastava parte da borracha de saldo – isto é, não comprometida com dívidas – em passeios e "farras"[27] na Vila Jordão, ao invés de reverter este ganho para dentro da casa dos pais. Entretanto, seringueiro experiente, a atenção de seu Milton fora despertada pela expressiva quantidade de borracha possível de ser produzida nas estradas do Degredo. Na safra de 1984, em acordo com a esposa e atendendo a novo convite do sobrinho Amarísio, seu Milton resolveu fazer a experiência de voltar a trabalhar numa colocação de centro. Somente Osmildo acompanhou o pai; Cidoca permaneceu na Restauração para providenciar o rancho para a mãe e irmãs.

Depois que a gente foi pro Degredo, aí lá eu já ajudava ele a cortar, conta seu Milton, embora o filho ainda trabalhasse "para" ele, ou seja, na conta que o pai mantinha no barracão. Seu Milton sujeitou-se a ficar longe de casa, da esposa e filhas, para providenciar,

com o filho solteiro, uma produção maior de borracha para dentro de casa. De fato, as estradas do Degredo eram infinitamente mais produtivas do que as da Restauração. *Aqui na margem a gente sempre tirava oito latas de leite, nove, até dez latas. Aí* [na colocação Degredo] *eu fui cortar um dia uma volta de estrada, o Osmildo foi cortar outra, primeiro dia que fomos cortar. Aí quando cheguei, fiquei muito animado porque uma estrada que dá doze latas de leite no primeiro dia, eu digo: – "Vai dar vinte e tantas latas, que eu sei que vai dar." Pois bem, aí comecemos a cortar. Aí nessa estrada eu tirava onze latas numa volta, ele* [Osmildo] *tirava dezesseis na outra – tirava vinte e sete latas de leite. (...) Aí nós se animemos. Aí eu fiquei cortando mais ele. Nesse ano nós fizemos dois mil quilos de borracha, eu mais ele.* (Seu Milton, Foz do Machadinho, 28/6/1998)

Do ponto de vista econômico, seu Milton enxergava claras vantagens na opção, tanto que no ano seguinte resolveu levar o filho Cidoca consigo. Mas do ponto de vista pessoal, talvez preferisse ter permanecido na Restauração. Já era um homem de idade, com quase cinquenta anos, a aventura era com certeza mais divertida para os filhos e primos. Até hoje podem ser ouvidas histórias desse tempo, quando os rapazes, muito brincalhões, costumavam perturbar o sono de seu Milton peidando no interior do mosquiteiro da rede do velho! Nos meses da entre-safra, todos vinham para a Restauração, e os *irmãos Nascimento* (os solteiros) ajudavam o tio e primos a colocar e limpar os roçados, e a fazer farinha para a próxima temporada de corte. Foi essa uma época também de festas na casa de seu Milton e dona Mariana, promovidas pelos filhos e filhas solteiros. [Mapa de Parentesco 17] Eram ocasiões que varavam a noite e continuavam no dia seguinte, com os rapazes mariscando

[27] "Farra" recobre aqui gastos irresponsáveis do ponto de vista da economia doméstica a qual aquela borracha devia se destinar. Osmildo conta que vendiam a borracha para adquirir bebidas alcoólicas, roupas, perfumes e relógios de pulso, por exemplo.

para o almoço, as moças arrumando a casa e preparando a comida; ao fim do dia, a música e dança reiniciavam mais uma noite de animação.

Box 35: Degredo: muita borracha, muita fartura, muita despesa

Degredo: muita borracha, muita fartura, muita despesa

– *Lá* [no Degredo] *era bom, lá foi um lugar que nós chegamos a produzir muito. Na época ninguém não pensava, não tinha o pensar que tem hoje, a gente fez muita borracha, só que não soube aproveitar, né?*
– *Fez o que com essa borracha?*
– *Compramos muitas coisas que a gente queria, né? Negócio de... mais de luxo assim: gravador, rádio, eletrola, comprava muitos discos, pra ouvir som dentro de casa. Comprava luxo pra dentro de casa, que na época os dois solteiros era eu e Cidoca dentro de casa, e era as duas irmãs* [Marieta e Lurdes] *também. Então a gente comprava mais o luxo; papai comprava mais o luxo pros filhos, negócio de roupa boa, comprar calçado bom pros filhos.*

E a alimentação pra dentro de casa ninguém queria que faltasse, né? Comprava de duas sacas de açucar. Quando nós íamos pro centro, o papai comprava duas sacas de açucar: deixava uma dentro de casa com a mãe e a outra que era pra nós levar, né? Comprava de duas caixas de óleo: botava uma dentro de casa pra deixar pra mamãe ficar mais as meninas, e levava a outra pro centro. Tudo era dividido. A despesa era despesa grande assim porque o que nós levava, nós deixava dentro de casa também, pra mamãe. Comprava às vezes duas caixas de conserva, duas caixas de sardinha: levava uma caixa de sardinha pro centro, levava uma caixa de conserva, e deixava uma dentro de casa com a mamãe também que era pra que nos dias quando não tivesse nada, ter dentro de casa feijão, arroz. (...)

Lá no meu trabalho mais papai, era só cortar, nós queria saber de fazer borracha. Na época, os patrões queiram saber se o cabra fazia era muita borracha mesmo. Então meu ideal era fazer borracha, pegar nome de bom seringueiro. Por mais, com as coisas que eu aprontasse, mas... os pais daqui... primeiro, os pais das filhas moças aqui, se o cara fosse um bom seringueiro então ele...
– *Estava perdoado..*
– *... estava perdoado por algumas coisas que fizesse. Na época aqui que quem comandava mesmo era os patrões mesmo, era borracha mesmo: se o cara fizesse um erro qualquer, fizesse qualquer um tipo de dano, mas se o cara fizesse tanta borracha, o patrão ia lá e tirava o cara da ... de qualquer rolo que tivesse com a Justiça ou qualquer coisa assim. A gente queria, nós queríamos saber se produzia, fazia muita borracha.* (Osmildo, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Seu Milton sempre conta que adotava o seguinte sistema para gerenciar as duas casas que nesta fase manteve, a do Degredo e a da Restauração: comprava tudo em dobro. *Porque quando a gente ia pro centro, sempre eu comprava uma saca de açucar pra deixar em casa e comprava outra pra levar pro centro; uma caixa de óleo pra deixar em casa, pra*

Mariana mais as meninas que ficavam, e comprava outra pra levar pro centro; era assim: partido no meio, não sabe? O que a gente comprava, era uma caixa de sabão pra deixar, outra pra levar, e assim por diante. Só o que eu não deixava era munição, porque a munição a gente comprava e levava pra lá, tudo direto, levava pro centro. (Seu Milton, Foz do Machadinho, setembro de 1994) E não era pouca munição não. Seu Milton conta que chegava inclusive a vender de seu estoque próprio para os vizinhos, que sabiam que ele tinha em quantidade.

Desde 1982, o patrão da Restauração era Sebastião Corrêa[28], e os tempos da borracha já eram outros. Já no ano anterior, o rio Tejo passara o ano "sem patrão". Com a morte de Armando Geraldo, que gerenciava os seringais a partir de um barracão central na foz do Tejo, começou a ruir toda uma estrutura focada em "patrões fortes", com capacidade de captar recursos financeiros e abastecer suas filiais, isto é, os barracões e depósitos espalhados em toda área. Seu Milton conta que o ano de 1981, por outro lado, não foi para ele especialmente trágico: haviam pequenos comerciantes na área para compras de necessidade mais imediata, e, para compras em grosso, ele desceu com sua produção de borracha até a foz do Tejo, onde comprou o que quis no barracão.[29]

Com um empréstimo conseguido junto ao Banco do Brasil, Sebastião Corrêa chegou na Restauração, em 1982, para tomar posse do barracão com um estoque de mercadorias, de estiva e luxo, suficiente para encher as prateleiras e fazer sua freguesia crer

[28] Sebastião Corrêa era filho do fundador da companhia Corrêa & Irmãos, que em 1982 obteve um contrato de arrendamento do seringal Restauração junto à empresa Consulmar Empreendimento Industriais, proprietária dos seringais da bacia do rio Tejo desde 1976. Em 1981, Sebastião Corrêa já visitara o Tejo na qualidade de regatão. Cf. Almeida, 1993, p. 74 e 76.

[29] Não mais se tratava do barracão-central gerenciado por Armando Geraldo, e sim do barracão do seringal Foz do Tejo, de acesso mais fácil pelo rio Juruá e provavelmente mais bem abastecido de mercadorias. Não tenho informações sobre que o gerenciava nesse ano de 1981.

que uma nova era de abundância iniciava-se.[30] A estratégia do novo patrão era a de estimular seus seringueiros e fregueses a cortarem muito e produzirem bastante borracha.[31] Foi nesta conjuntura patronal, digamos assim, onde a produtividade de borracha conferia identidade e prestígio frente ao patrão, que Osmildo e outros de sua geração formaram-se como seringueiros. Sebastião Corrêa vendia a seu Milton e filhos sem questionar as quantidades e o tamanho do débito. Era esta sua política para lidar com os "seringueiros de mil quilos".[32]

No Degredo, a conta dos *irmãos Nascimento* era separada da conta de seu Milton, e as despesas da casa eram divididas pelos dois grupos de trabalho que viviam juntos na mesma casa. Mas seu Milton devia ter uma ascendência frente aos rapazes, pelo menos aos olhos do patrão, que, em 1984, colocou como pré-condição para aviar os *irmãos Nascimento* que seu Milton avalizasse a compra. No mesmo ano[33], ainda no Degredo, aproximando-se o Novenário da Vila Jordão, Sebastião Corrêa, temendo um grande fluxo de borracha do Tejo para aquela localidade, propôs a seu Milton que ficasse com mercadorias em sua casa para comprar borracha dos seringueiros do entorno.[34] Era, inclusive, tática de Sebastião Corrêa aviar seringueiros especialmente produtivos para que eles mesmos comercializassem mercadorias nas colocações de centro, encaminhando então

---

[30] Cf. Almeida, 1993, p.74. Sobre o poder conferido pela posse de mercadorias nos seringais, consultar também Franco, 1994a.

[31] Dizer atribuído a esta época: "quem for tatu que cave, quem for macaco que se atrepe", numa referência ao corte em arriações muito baixas e muito altas, ou seja, explorando ao máximo o potencial produtivo das seringueiras, e ameaçando a vida futura das árvores, que não suportariam esse ritmo por muito tempo. Consultar também Costa, 1998, p. 50.

[32] Em oposição aos "seringueiros de mil quilos" estavam os preguiçosos, para Sebastião Corrêa aqueles que tinham filhos pequenos e tanto serviço na colocação que produziam pouca borracha, as viúvas e os seringueiros cuja produtividade ficava em torno de trezentos quilos anuais de borracha. Cf. Almeida, 1993:76-77.

[33] Ou no ano anterior (1983), não estou certa.

[34] A colocação Degredo fica num meio de caminho para o Jordão para aqueles que moram no Riozinho e Manteiga, e naquele ano constituiu-se numa alternativa de comércio para aqueles que precisavam de mercadorias e preparavam-se para ir até o Jordão. Ver Mapa 11.

a borracha para o barracão da Restauração. Eram freqüentes os casos em que estes seringueiros de produtivos e, portanto, com saldo passassem a endividados com o patrão.[35]

Glosa VII.11:

Gostaria de chamar atenção para uma clara conjuntura de mudanças. Com o fim da hegemonia de um barracão central, o da foz do Tejo, sobre os demais, é possível observar uma multiplicidade e maior rotatividade de patrões, o que levou Pedrinho e outros a afirmar que, nos anos de 1980, mais do que patrões, tratava-se de "marreteiros", ou seja, homens que estavam ali para fazer negócio com a borracha.[36] Uma relação tradicional - a entre patrões e seringueiros - estava sendo quebrada, ou alterada significativamente.[37]

Por outro lado, emerge um cenário onde haveria maior liberdade comercial no interior do seringal, embora isso seja paradoxal. Desde 1981, quando o Tejo ficou "sem patrão", o rio foi invadido por regatões, inclusive o próprio Sebastião Corrêa. Em 1982, já como patrão, Sebastião Corrêa tentou mudar o quadro, trazendo muita mercadoria. Em que pese toda a gama de táticas de Sebastião Corrêa para endividar os "seringueiros de mil quilos" - constituindo-os em marreteiros a ele vinculados ou seduzindo-os com artigos de luxo -, e para barrar a ação dos regatões - ameaçando-os através de mensagens pelo rádio, comprando suas dívidas a dinheiro -, o porto da Restauração era frequentado por comerciantes ambulantes e os seringueiros com melhor condição financeira se dirigiam à Vila Jordão e ao rio Tarauacá, ou mesmo à cidade de Cruzeiro do Sul, e lá compravam o que necessitavam. Sebastião Corrêa chegou a fazer uso de forças policiais para coibir essa fuga de borracha.[38]

No seu segundo ano de um arrendamento de três anos, os seringueiros puderam perceber um ligeiro desabastecimento do barracão. Sebastião Corrêa já estava preocupado em receber o que os seringueiros lhe deviam. Mauro Almeida, que estava fazendo trabalho de campo nessa época, conta que era possível notar uma atitude de contestação e desafio por parte dos seringueiros: "será que o Sebastião é mesmo um patrão forte?", "será que aguenta abastecer a Restauração?", "será que é macho mesmo?"[39]

Em 1985, Sebastião Corrêa logrou transferir seu contrato de arrendamento e dívidas para uma outra companhia familiar de Cruzeiro do Sul, a Cameli & Filhos.

---

[35] Cf. Almeida, 1993, p.77.

[36] Ver também Almeida, 1993, p.77 e 161.

[37] A relação de dominação entre patrões e seringueiros foi descrita por Mauro Almeida como marcada pela coerção física e exploração econômica, mas também por obrigações: os seringueiros deveriam respeitar o monopólio comercial, vendendo borracha apenas para o patrão, além de pagar a renda pelas estradas de seringa, e os patrões deveriam manter os barracões abastecidos com mercadorias adiantadas ao prazo anual, e fornecer eventuais adiantamentos financeiros em caso de doença, principalmente. Nos tempos mais antigos, as obrigações do patrão incluíam ainda roçagem das estradas de seringa, manutenção de ramais e contratação de mateiros. O monopólio comercial e a renda seriam considerados legítimos nesse quadro. Mas falta de cumprimento das obrigações por parte do patrão, por outro lado, tornaria ilegítima a cobrança da renda e o monopólio comercial, justificando, por exemplo, a venda de borracha a regatões e a outros patrões. O monopólio comercial pretendido pelos patrões, na prática, era burlado quando possível; e o uso de força policial contra os seringueiros e a expulsão das colocações sempre foram criticados e contestados. Cf. Almeida, 1993, p. 131-133 e 156-167.

[38] Almeida, 1993, p.75-76.

[39] Almeida, 1993, p.77-78, e comunicação pessoal.

Nesse período movediço, de transição e novas práticas, as narrativas orais de seu Milton e Osmildo retratam situações de fartura na casa, compras de aviação "em grosso" no barracão da Restauração e pequenas compras junto a comerciantes da Vila Jordão ou marreteiros do Tejo, mas também de idas à cidade para, com borracha de saldo, comprar o que estava faltando ou mesmo passear. Falam de farras dos primos solteiros, que podiam ir para a Vila Jordão atrás de futebol e festas, levando cada um uma prancha de borracha para cobrir seus custos, ou das compras que faziam a regatões estacionados no próprio porto da Restauração (roupas, cigarros, goiabadas, bebidas alcoólicas). Ou ainda gastando no barracão de Sebastião Corrêa sem se preocupar com o valor do débito quando vinham do centro para a margem, como era o caso dos lanches regados a ki-suco.

Glosa VII.12:

O que seria de se esperar quando um patrão explorador como Sebastião Corrêa chega nos seringais? Mais pobreza e escassez. Mas não é isso que as narrativas dizem; elas falam de farras, consumo exagerado (em grosso e em dobro, para duas casas), compra de luxos. Essa abundância no seringal - para quem fazia muita borracha - pede uma explicação, que faço aqui com base no relato de Mauro Almeida sobre os primeiros anos da década de 1980 e em sua análise do período, apoiados na etnografia realizada enquanto Sebastião Corrêa era patrão.

Nos anos de 1970 e primeira década de 1980 houve um grande afluxo de recursos públicos para incentivar a produção de borracha em seringais da Amazônia. Seringalistas (patrões), e nunca os seringueiros, tiveram acesso a esses recursos. O Probor é talvez o melhor exemplo[40], mas empréstimos (custeio) também podiam ser feitos no Basa e no Banco do Brasil, como fez Sebastião Corrêa. Ao lado dessa fartura de créditos e juros irrisórios, havia também uma política de sustentação dos preços da borracha (US$1,8 em 1982) e de garantia do mercado.

Um patrão, mesmo sem um título de propriedade válido, de posse de um contrato de arrendamento, por exemplo, podia contratar um financiamento proporcional ao número de estradas de seringa do seringal e, consequentemente, ao número de seringueiros necessário para explorar as estradas. Vejamos um exemplo hipotético: em 1982, um patrão declara possuir 200 estradas de seringa no seu seringal e 100 seringueiros para cortá-las; cada seringueiro valia um financiamento no valor de 400 quilos de borracha (produtividade média regional); cada quilo de borracha US$1,8. Multiplicando os 400 quilos de borracha por US$1,8, obtém-se o

[40] O Programa de Incentivo à Produção de Borracha Vegetal, Probor, foi criado em 1972 e implantado pelo Ministério da Indústria e do Comércio e pela Superintendência da Borracha, a Sudhevea. Oferecendo recursos governamentais para investimento e assistência técnica, pretendia-se estimular o desenvolvimento de seringais de cultivo na Amazônia. Consultar, Almeida, 1993, p. 53-60.

valor de US$720,00 por cada seringueiro ao ano, valor esse que devia ser pago em borracha no prazo de um ano. Só a renda (66 quilos de borracha) paga por cada seringueiro totalizava US$118,80; com mais 334 quilos de borracha por seringueiro, a dívida do patrão no banco estava paga. Além disso, o patrão podia lucrar ainda no preço das mercadorias, muitas vezes compradas na Zona Franca de Manaus, sem ICMS. Nessas condições, conclui Mauro Almeida, a meta dos patrões era obter a maior quantidade possível de borracha. Para fazer isso, o meio mais simples era aumentar a oferta de mercadorias, endividando os seringueiros mais produtivos e fazendo com que eles trabalhassem mais.

Os resultados negativos do Probor do ponto de vista de suas metas, levam à conclusão de que a enxurrada de recursos governamentais canalizados através da Sudhevea e de bancos públicos não foram aplicados onde deveriam ter sido, isto é, em plantações de seringueiras e em técnicas de modernização da produção de borracha nos seringais nativos.[41] Patrões como Sebastião Corrêa, aplicaram os recursos no reforço do tradicional sistema de aviamento vigente nos seringais desde o final do século XIX, e também na diversificação das suas atividades econômicas, investindo em gado, serrarias e no comércio.[42]

No Degredo, seu Milton e filhos fizeram grandes quantidades de borracha, uma média de cerca de dois mil quilos anuais. Em 1988, último ano em que seu Milton trabalhou no Degredo com os filhos, fizeram 4.480 quilos de borracha, dos quais apenas quatrocentos restaram de saldo; cerca de quatro mil quilos de borracha foram destinados a pagar a dívida no barracão. *O que nós compramos mais de vantagem, eu e papai*, diz Osmildo, *foi que eu comprei parece que bem umas oito camisas e duas calças compridas. O resto nós gastamos todinho só na base da gaiatice mesmo; só comprando leite condensado, comprando açucar, óleo; compramos estiva pra nós comer...* Com o saldo, seu Milton entrou em acordo com a esposa para empregar o dinheiro na compra de uma moto-serra semi-nova que o regatão Pedro Paiva estava vendendo.

[41] O Probor foi interrompido em 1986 em meio a denúncias de mal versação dos recursos. O aumento da produção de borracha na Amazônia, cuja expectativa era de 22 mil toneladas em 1973 para 60 mil toneladas em 1981, não foi alcançado. Em 1981, a produção foi de 30 mil toneladas, em 1985 de 40 mil toneladas e, em 1988, a produção voltou as 22 mil toneladas. Cf. Almeida, 1993, p. 54-61. O autor cita três casos em que patrões do antigo Município de Cruzeiro do Sul utilizaram os recursos do Probor para cultivar seringueiras, e analisa as razões do seu fracasso.

[42] Cf. Almeida, 1993, p.61.

Box 36: Luxo e ki-suco no barracão

Luxo e ki-suco no barracão

Ia pro centro. Quando nós chegava [na Restauração], *nós não mandava recado não: chegava, pulava pro lado* [de dentro] *do balcão e tirava o que queria e ía embora pra casa; se ele quisesse, anotasse. Nós pegava um objeto, se ele quisesse anotar dez, anotava: que ele não sabia o quanto nós tinha pegado, também nós não conferia; pegava o que queria. (...) Mas ele não reclamava de nós não e nem nós reclamava dele não, achava que ele era um bom patrão. Na época ninguém tinha essa noção de dizer assim: – "Não, vamos prestar atenção, vamos ter limite nas coisas que a gente compra, saber fazer conta pra quando for o final do ano a gente ter um saldo bom, comprar uma duas cabeças de rés", ou então comprar um motor, comprar uma máquina boa pra dentro de casa – que nessa época tudo a gente tinha dentro de casa, eu mais o papai.*

Papai tinha uma oficina montada mesmo. Quando dava uma invernada, que o vento tava muito forte, que a gente via que não dava pra fazer borracha, a gente vinha pra dentro de casa. Papai ia consertar espingarda, consertar motor, essas coisas tudo dava resultado também pra dentro de casa. Nessa época nós tinha dois motor de casa de farinha, tinha um aviamento de casa de farinha, uma aparelhagem dentro de casa, aparelho, bons rádios, boas eletrolas. (...)

O patrão, a gente fazia encomenda, se precisasse de alguma coisa fazia encomenda, ele trazia. Tem negócio de dizer não, "o cara quer, então pode ficar despreocupado que a gente traz mesmo" – e trazia mesmo sabe? Encomendasse, era o que encomendasse ele trazia mesmo. Só não mulher, que não fazia encomenda de mulher, não tinha necessidade, mas sobre as outras coisas mesmo – motor, rádio, eletrola, gravador, relógio, tudo ele trazia, sapato, roupa boa – , fazia a encomenda com ele que ele trazia mesmo.

– Mas como é que é essa história do ki-suco?

– Quando nós chegava, entrava; entrava pra dentro do balcão. Aí tirava às vezes de quatro, cinco pacotes [de ki-suco], *aí os outros iam buscar dois baldes, jogava dentro; pegava de quatro, cinco quilos de açucar; ficava só bebendo, comendo com pão e bolacha; entrando pra dentro e tirando, rasgando as sacas de pão, de bolacha e comendo. Tipo assim queixada quando chega num baixo que tem muita jaci. Aí era muito extraviado, a gente não tem quase nada assim hoje porque não sabia dividir nada da produção que a gente fazia.* (Osmildo, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Glosa VII.13:

Talvez haja algum exagero na avaliação de Osmildo (Box 36), mesmo porque nem toda borracha produzida ficava no barracão; parte dela era destinada a compras feitas junto a regatões e marreteiros, ou mesmo na cidade de Cruzeiro do Sul. De toda forma, salta aos olhos, a meu ver, um grande volume de borracha empregado na manutenção do grupo doméstico durante o ano de trabalho - sem que este trabalho tenha resultado num acúmulo expressivo de bens de valor, como motores e gado. Esses bens, que seu Milton com efeito possuía, foram adquiridos em tempos anteriores, notadamente quando trabalhou com Epaminondas, o "melhor" patrão que já teve. Quando Epaminondas saiu da Restauração, seu Milton estava, como ele

mesmo disse, "aprumado": com uma boa casa, roçados, com uma ou duas cabeças de gado, uma oficina montada e bens de valor, como motores.

Uma conclusão é possível: o custo de vida subira no seringal, isto é, a borracha valia cada vez menos frente ao preço crescente das mercadorias. De fato, a partir de 1986 os subsídios e políticas protecionistas vão desaparecendo paulatinamente. Ao contrário do sistema tradicionalmente adotado, o preço das mercadorias adiantadas no início da safra de borracha passaram a estar sujeitos à inflação, e os débitos eram reajustados ao longo do ano. Assim, no momento de pagar sua conta, o valor das mercadorias era atualizado pelo preço corrente. Num processo de inflação galopante, necessitava-se cada vez de um volume maior de borracha para comprar as mesmas mercadorias do ano anterior.[43]

O ano de 1988 foi o último ano de trabalho de seu Milton como seringueiro no Degredo, bem como em qualquer outra colocação. Naquele ano, novos acontecimentos redirecionaram sua vida e tempo, conforme veremos a seguir. Dentro de casa, mudanças também tiveram lugar: Lurdes, a filha caçula, em 1989 casou-se com Antonio Fontenele, e o grupo doméstico passou a estar composto por seu Milton, dona Mariana, a filha Marieta, o filho Cidoca e Nirla, neta que Birra "deu" aos avós quando a menina tinha ainda seis meses. Osmildo continuou no Degredo, porém cortando por sua própria conta. Assim, entre as tarefas exigidas do grupo doméstico, a que significava uma renda monetária efetiva – o corte da seringa – sofreu um impacto com esses novos arranjos, em especial a saída de Osmildo. Marieta era a ajuda forte da mãe, e dava conta do recado frente a um grupo familiar, cerca de trinta anos depois, novamente diminuto. Cidoca tornou-se o "procurador" da casa, responsável pelo "rancho" – caça e marisco. [Mapa de Parentesco 18]

[43] Na verdade, essa política de reajuste dos débitos já era praticada por Sebastião Corrêa. Cf. Almeida, 1993, p.78.

Box 37: Lurdes & Antonio: separação e filhos entregues aos avós

Lurdes & Antonio: separação e filhos entregues aos avós

Lurdes avalia que a criação sua e das irmãs foi muito "presa", no que Cilene, vimos, estaria de acordo com ela: – *Porque o papai não deixava muito sair assim não. Nós só saíamos se a mamãe fosse; andar em festa, passear, nós só saíamos pros cantos se a mamãe fosse. O pai recomendava que não namorassem pela casa dos outros, que antes trouxessem o namorado para dentro de casa.* Lurdes tem a lembrança de ter ido apenas a uma festa fora de casa no seu tempo de solteira; as festas que mais freqüentou ocorriam dentro de sua própria casa, por iniciativa do irmão Osmildo. Este procurava as irmãs solteiras – Lurdes e Marieta – e com elas combinava a festa. Para incrementar a presença feminina nas festas, ia ainda buscar suas primas que moravam no São Francisco. [Mapa de Parentesco 17] Os rapazes da festa eram os primos, como os irmãos Nascimento, e outros da vizinhança, além de algum empregado do barracão ou um regatão que se encontrasse no porto.

Lurdes teve alguns namorados na sua mocidade, entre eles um primo seu, o Adegila, também Nascimento. [Mapa de Parentesco 17] Por volta de 1988, beirando os dezessete anos, Lurdes começou a namorar com o irmão do seu cunhado Luis Fontenele, de nome Antonio. Tal como Luis, Antonio viera de fora, trazido pelo patrão Sebastião Corrêa para trabalhar como seringueiro. Antonio já tivera uma esposa, mas estavam separados. Este era um temor dos pais: que Antonio deixasse a filha Lurdes com filhos para criar, como fizera com a ex-mulher.

De nada valeram os protestos dos pais. Lurdes e Antonio casaram-se no ano seguinte, e o fizeram perante o padre, tendo Antonio, como manda o costume, providenciado o vestido de noiva, utensílios domésticos e a casa em que foram morar depois, dentro do Riozinho. Com quatro meses de casados, Lurdes engravidou da primeira filha, Claudete, que nasceu em janeiro de 1990; o segundo filho, Alisson, veio no mesmo ano, no mês de dezembro. Eles ainda tiveram mais uma filha, Carla. Contudo, o casamento não durou.

De acordo com Lurdes, Antonio queixava-se de que ela não seria uma boa dona de casa, sendo muito "lenta". Ela diz que "gostava" dele. Depois de muitos desentendimentos e brigas, Antonio foi embora para a cidade e, num primeiro momento, levou os filhos, o que inclusive lhe foi exigido por Lurdes. Mas esta logo se arrependeu, e acompanhada da mãe foi posteriormente buscá-los. Lurdes passou a viver na casa dos pais, a quem "deu" Claudete e Alisson, que chamam seu Milton e dona Mariana de "pai" e "mãe", embora saibam que se trata de seus avós. Anos depois Lurdes juntou-se ao seu atual marido, Zé Mauro, com quem vive hoje na Foz do Machadinho.

Nos meses de safra de 1988 e de 1989, Osmildo, no Degredo, cortou seringa acompanhado de seu cunhado Luis Fontenele e do primo Aloísio. Foi nesta época também que ele ficou noivo de sua prima Rocilda. [Mapa de Parentesco 17] A moça logo engravidou, e em 1989 ambos passaram a viver juntos na Restauração. Em novembro daquele ano nasceu Ebismarque, o primeiro filho do casal.

Box 38: Osmildo & Rocilda: união de primos

Osmildo & Rocilda: união de primos

Na época que eu era solteiro junto com meus primos também – meus primos agora são tudo casado já –, era muitos: era eu, Amailton, Amarísio, Adegila, Ademar; e aí se juntava o Tita, o Vera, o Dari, o Tobias, Raimundo, Chiquinho do Antonio Janoca, o Raimundo Caxixa, Anazildo, compadre Evangelista, João Castelo, que é envolvido assim, acostumado com nós, né? Aí juntava aquelas patotas mesmo, aí todo sábado era uma festa, em cada colocação a gente fazia uma festa.(...)

Fazia festa, as festas que faziam gosto. A gente entrava na festa, dançava desde às seis horas da tarde até às seis horas da manhã, às vezes até oito horas do dia. Agora, quando havia confusão, aí o cara podia respeitar que o pai era grosso mesmo! Mas era difícil. Na nossa época os caras sempre respeitavam a nossa patota, que era muito mesmo, tudo era da família mesmo. Uma vez quando os caras aprontavam só fazia era inventar mesmo, mas não aguentavam não porque a patota era forte mesmo. (Osmildo, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Osmildo também gostava muito de festas na casa dos pais, que promovia com os primos e consentimento dos pais, para a alegria sua e das irmãs. Era um rapaz que também namorava bastante, e desde 1982 mantinha um namoro com a prima Rocilda. [Mapa de Parentesco 17] Em 1988, após Osmildo desfazer um noivado com uma outra moça, ele e Rocilda ficaram noivos, isto é, firmaram a intenção do casamento. Mas os acontecimentos se precipitariam, e Osmildo viu-se compromissado bem antes do que esperava.

Cortando seringa no Degredo, em 1989 Osmildo soube que Rocilda estava grávida. A mãe da moça estava furiosa, e os pais de Osmildo eram da opinião de que o filho deveria assumir suas responsabilidades e se casar com Rocilda. Ele conta que a notícia contrariava seus planos de ir para a cidade, onde pensava em estudar, talvez alistar-se na polícia. De uma hora para outra, sua liberdade de solteiro via-se ameaçada: estava na iminência de assumir responsabilidade por uma família.

Ainda com a intenção de ir para a cidade com o saldo da borracha que produzira no Degredo, Osmildo, ao chegar na Restauração, soube que Arlete, sua cunhada, junto com seu Milton, o pai, haviam ido buscar Rocilda, isto é, tirá-la da casa da mãe (que era viúva) e trazê-la para a casa do primo e futuro marido. Mesmo com toda essa pressão familiar, Osmildo escapuliu do casamento e desceu para a cidade de Cruzeiro do Sul, de onde retornou no ano seguinte. Neste intervalo, o filho Ebismarque nascera, e Rocilda encontrava-se morando na casa dos sogros.

Aí com tudo isso, na época que eu voltei em janeiro, a Rocilda ainda estava dentro da casa do meu pai ainda. Aí eu resolvi ficar com ela, achei que ela tinha muita paciência, estava esperando aquele tempo todo por mim. Fui falar pra ela, dar recado pra ela mesmo que eu dava assistência pra ela e pra criança também. (Osmildo, Foz do Machadinho, outubro de 1994)

Osmildo e Rocilda tiveram mais dois filhos e, posteriormente, chegaram a se separar por alguns anos, período em que os filhos ficaram ora na casa de uma das avós, ora com Rocilda. Em 1998, o casal e os filhos voltaram a viver juntos na Restauração, onde nasceu Elias.

Considerações finais

O grupo doméstico no tempo

Neste capítulo observamos o funcionamento de um grupo doméstico enquanto tal, isto é, como uma unidade técnica de trabalho e de consumo. E o observamos ao longo de

um período de tempo – cerca de trinta e cinco anos – tendo a chance de verificar as mudanças internas que tiveram lugar nas sucessivas fases do seu ciclo de desenvolvimento.[44]

Vimos a iniciação, desde muito jovens, dos filhos de seu Milton à profissão de seringueiros, atingindo o período em que se tornam os responsáveis pela produção de borracha da casa até se casarem, fundando novas unidades domésticas. Dentro da casa do pai, os irmãos solteiros mais velhos foram sucessivamente substituindo os que se emanciparam. Quanto às mulheres – mãe e filhas – observa-se processo semelhante a nível do espaço e tarefas domésticas.[45] Assim como, ao longo do tempo, os filhos vão "tomando conta" do corte da seringa, as filhas mais velhas "tomam conta" da casa. Isto significa ser, respectivamente, o principal responsável pela produção de borracha e a principal responsável pelas tarefas domésticas.

Nesse processo de substituições sucessivas, novos arranjos na equipe de trabalho do grupo doméstico vão sendo continuamente feitos. Nesses arranjos e novos formatos, situações vividas pelo grupo doméstico em sua fase inicial podem voltar a se apresentar. Quando, por exemplo, os filhos Damião e Antonio casaram-se, seu Milton, que estivera afastado da atividade da seringa, a ela retornou para trabalhar em conjunto com os filhos mais novos. Poucos anos mais tarde, Osmildo e Cidoca já rapazes formados, eram os filhos que cortavam e o pai, como disse o próprio seu Milton, converteu-se em ajudante. A saída de casa de Raimundinha, foi contrabalançada pelo esforço conjunto da dupla Birra e

[44] Em artigo hoje clássico, Meyer Fortes (1974[1958]) chamou atenção para a importância do "estudo do fator tempo em estrutura social", considerando que estruturas como grupos domésticos passam por diferentes "estágios", cumprindo um ciclo de desenvolvimento onde atuam mecanismos sociais de manutenção e substituição. Esses mecanismos garantem a reprodução social dos grupos domésticos. Lutz Berkner (1972) vai nesta direção, mostrando que a presença de famílias extensas ou nucleares, mais do que um padrão de organização social, podem corresponder a fases no ciclo de desenvolvimento.

[45] As filhas de dona Mariana, observe-se, não cortaram seringa.

Cosminha. Quando ambas casaram-se, o que ocorreu com menos de um ano de diferença uma para a outra, dona Mariana viu-se forçada a, tal como fizera nos anos de 1950, dedicar boa parte de seu tempo ao gerenciamento e às atividades domésticas. Depois, Cilene crescida, dona Mariana despreocupou-se. Quando se viu sem nenhuma das filhas dentro de casa, dona Mariana começou a contar com as pequenas ajudas que os netos que criava iam aos poucos podendo lhe dar.

A extensão da família com novos grupos domésticos ocorre paralela à renovação do grupo doméstico original com a chegada dos netos, e assim o ciclo doméstico não é interrompido. Netos e netas criados por avós é quase uma regra no seringal. Difícil uma casa de avós que não tenha uma ou mais de uma criança por eles criada. São como filhos novos de um casal idoso, e no dia-a-dia da casa e da colocação auxiliam seus avós em todas as tarefas, dependendo da sua faixa etária e sexo.

Na Foz do Machadinho, dona Mariana, sempre que ia ao rio lavar roupa fazia-se acompanhar da neta Nirla; Alisson e Claudete estavam sendo sempre convocados para trazer água do rio para abastecer a casa. – em meio a brincadeiras e banhos de rio realizavam suas obrigações. Crianças como Nirla, Alisson e Claudete sabem quem são seus pais, digamos, legítimos. Lurdes, mãe de Alisson e Claudete, morava no mesmo terreiro, vizinha a casa da mãe, e os filhos a viam diariamente. Mas a referência de casa para Alisson e Claudete era a dos avós – a quem tratavam por "pai" e "mãe". Era na casa de seu Milton e dona Mariana que as crianças faziam as refeições, dormiam e ajudavam nos serviços.

Num contexto em que a terra não é um fator limitante e há abundância de estradas de seringa acessíveis, ou seja, num contexto em que inexiste o fator herança como determinante de regras de residência e os recursos que geram renda estão sendo

constantemente transferidos e redistribuídos, observa-se que a fase em que o grupo doméstico usufrui de maiores posses e bem-estar são os anos em que os filhos e filhas estão aptos para o trabalho e ainda não casaram.[46]

No seringal, os casamentos ocorrem, em geral, durante a puberdade ou logo após.[47] Até essa fase da vida, filhos e filhas trabalharão para os pais e para o bem-estar do grupo doméstico. A aquisição de certos conhecimentos e de autonomia para realizar as tarefas, masculinas e femininas, necessárias à manutenção e bem-estar de uma casa torna moças e rapazes aptos a se casarem e assumirem uma família.[48] Foi no período em que seu Milton e dona Mariana tinham os filhos rapazes dentro de casa, solteiros e cortando seringa, que lograram acumular um patrimônio material (eletrolas e outros luxos, motores, gado) e ter conforto e fartura dentro de casa. As filhas moças mantinham a casa bem "organizada", isto é, limpa, arrumada, terreiro varrido, criações zeladas, canteiros aguados e comida pronta na hora certa.

A progressiva e ininterrupta saída dos filhos e filhas de casa – mesmo que contrabalançada pela vinda dos netos e da residência dos novos grupos domésticos nas proximidades – abalou a economia e bem-estar do grupo original, dos pais. No caso de seu Milton de dona Mariana, esta fase do ciclo de desenvolvimento doméstico coincidiu com o

---

[46] Cf. Berkner, 1972, p. 414.

[47] Dona Raimunda, em 1928, quando casou-se a primeira vez, tinha catorze anos de idade, e dona Regina, estimo, tinha apenas treze anos quando foi morar com seu primeiro companheiro. Quando contraíram sua primeira união conjugal, Mariana e Milton tinham, cada um, dezesseis anos de idade, e suas idades foram inclusive alteradas para que pudessem contrair o matrimônio. Pedrinho juntou-se a sua primeira esposa aos dezesseis ou dezessete anos, estima a mãe; em 1975 casou-se com Maria, uma moça de dezessete anos. Damião era um seringueiro de dezenove anos quando "carregou" Francisca, uma jovem de quinze anos. Antonio e Arlete casaram-se quando o rapaz tinha dezenove anos. Cilene casou-se com Luis Fontenele aos dezoito anos de idade, a irmã Marieta (a última filha a sair de casa) "fugiu" com Zé da Ló aos vinte e três anos, e a caçula Lurdinha uniu-se a Antonio Fontenele aos dezessete anos. Os dois últimos filhos de seu Milton a sair de casa, Cidoca e Osmildo, o fizeram quando já eram homens feitos: respectivamente, aos vinte e cinco e vinte sete anos de idade.

[48] Esta situação encontra claro paralelo nos nativos de Samoa estudados por Margaret Mead. Cf. Mead, 1971[1928].

fim do regime dos patrões e com o engajamento de pai e filhos numa atividade (gerenciamento de núcleos da Cooperativa) que propiciou ganhos temporários, mas estava longe de se constituir num meio de vida duradouro. Nesse período, seu Milton, por um lado, gerenciava mercadorias e com elas remunerava seus serviços de gerente, mas, por outro lado, as atividades requeridas pela manutenção de uma colocação (como cortar seringa, cuidar dos roçados, caçar e mariscar) ficaram relegadas a um segundo plano. Seu Milton não tinha filhos solteiros e em número suficiente para manter a economia doméstica funcionando.[49] Mesmo de sua oficina seu Milton terminou se descuidando.

Em 1993, quando conheci a Restauração, seu Milton encontrava-se sem uma boa casa para abrigar a si, a esposa, filhos e netos que com ele viviam [Mapa de Parentesco 19], sem roçados produzindo, com quase nenhuma criação de terreiro e sem uma cabeça de gado; enfim, sem uma economia doméstica funcionando a contento. Somente a partir de 1994, quando se mudou para a Foz do Machadinho acompanhado dos filhos Osmildo (então um produtor de couro vegetal) e Cidoca (o "procurador" da casa dos pais e da sua), e, no ano seguinte conseguiu aposentar-se, seu Milton finalmente estruturou uma situação econômica satisfatória.[50]

Namoros, noivados e casamentos

É na juventude, quando os filhos e filhas já são, respectivamente, rapazes e moças, que a chances – ou riscos, na visão de alguns pais – de surgir um novo grupo doméstico apresentam-se. Dona Mariana e seu Milton ficavam atentos ao comportamento das filhas,

[49] E também não tinha outros parentes, agregados ou empregados para o ajudarem.
[50] Seu Milton se queixa de nunca ter recebido ganhos financeiros pelos serviços que prestou na Cooperativa e na Associação. Por outro lado, ele e os filhos são criticados por terem se beneficiado justamente dos ganhos recebidos nesses trabalhos. Nesta tese, não tratarei desse período da vida do grupo familiar, mas menciono que quando seu Milton comprou a colocação na Foz do Machadinho, o fez parcialmente com ganhos recebidos por serviços que prestou no primeiro ano de atividades da produção de couro vegetal.

chegando mesmo a estabelecer uma série de regras de namoro e comportamento que visavam evitar que as filhas fizessem escolhas erradas. Cilene e as irmãs, com efeito, têm a lembrança de terem sido muito "presas". Claro que essas regras e proibições não eram, e não foram, garantia de nada, isto é, nem de cerimônias de casamento ou de uniões plenamente aprovadas pelos pais.

Os rapazes, pela liberdade relativa que desfrutam, circulam mais entre espaços diferenciados, desde a vizinhança à sede de uma vila. No seringal, as festas por vezes distam horas de caminhada, e é comum que atravessem a noite toda, sendo portanto necessário levar a rede e uma muda de roupa. É quase certo que no dia seguinte esteja marcado um jogo ou campeonato de futebol entre times das vizinhança. Para esses eventos, os rapazes deslocam-se em grupos, com suas "patotas". As patotas são turmas de rapazes solteiros, em geral constituídas dos irmãos, primos e vizinhos de faixa etária próxima. Quando reunidos, adotam um comportamento de grupo, um coletivo onde mexer com um é mexer com todos. Nas festas estão juntos, e nas brigas também; rivalizam com outras patotas e disputam as moças da festa.[51]

As moças, parece-me, têm patotas de outra ordem, referindo-se antes a um coletivo composto de "amigas" ou "colegas". Estas muito freqüentemente são as próprias irmãs. Primas e vizinhas podem fazer parte do círculo mais íntimo de uma moça, mas sempre considerando que elas deslocam-se com menos autonomia e sob maior vigilância, dos pais e irmãos. Grupos de moças podem ser vistas juntas no arraial do Novenário, passeando de braços dados e reparando nos rapazes. Nas festas também estarão juntas, conversando e rindo. Têm seus segredos, escrevem cartas para os namorados. Mas, não resta dúvida, pelo menos nos tempos aqui narrados (da juventude dos filhos e filhas de seu Milton e dona

Mariana), que tem menor liberdade, ficam mais em casa e têm nas irmãs, ou outras moças que residam nas imediações, suas principais companheiras.

São nas ocasiões sociais de encontro entre rapazes e moças – que não raro conhecem-se desde a infância – que namoros têm início. Essas ocasiões são as festas, que reúnem grupos familiares diversos, gente de longe e de perto; trata-se de festas na casa de moradores, ou no barracão do patrão, ou por ocasião do Novenário, ou ainda fruto de um adjunto.

O namoro, consentido ou não pelos pais, é o primeiro passo, etapa prévia a qualquer união conjugal, embora sua duração possa variar. É interessante observar que a situação de "namoro" comporta variações, recobrindo desde relacionamentos restritos a uma festa a outros com maior ou menor extensão no tempo e compromisso. Namoros não desaguam necessariamente em noivado ou casamento; as moças e rapazes namoram muito, podendo ocorrer mais de um ao mesmo tempo, em especial se é namoro que começa em festa e o rapaz e a moça morem distantes um do outro. Nestes casos, noutra festa outro namoro pode ser iniciado. Mas a distância não é um impedimento determinante, e o namoro pode resistir a ela, assumindo-se que deverá comportar infidelidades eventuais de ambas as partes.

Namoro, portanto, seria uma palavra que se presta a descrever situações diversas. Posso, por exemplo, enquanto um rapaz, namorar com uma moça apenas durante uma festa; posso ainda namorar com esta moça apenas quando a encontro em festas, pois ela mora distante e só a vejo socialmente; posso então namorar várias moças ao mesmo tempo, em diferentes locais ou não. Por outro lado, posso namorar firme e por longo tempo com uma moça, mas namorar por uma noite uma outra, longe dos olhos da "namorada oficial". Essas mesmas situações são possíveis também do ponto de vista da moça. Mas somente como

[51] Seriam os grupos fraternos ou de *siblings* referidos no Capítulo V.

rapaz ou homem, noivo ou casado, posso namorar uma moça ou mulher noutro local, numa noite de festa ou mesmo por um período maior.

Rapazes gostam de namorar, estão sempre procurando moças para namorar. Rapazes solteiros, afirma Pedrinho, sempre estão ou namorando ou buscando uma namorada. *O cara solteiro que falta namorada, às vezes é porque é enrascado!*[52] Observa-se que namoram muito e com diferentes graus de intimidade à dois, dependendo da liberdade que a moça dá, ou do que o rapaz é capaz de convencê-la a ceder. Ou seja, estou sugerindo que moças e rapazes podem manter relações sexuais antes que de alguma maneira formalizem sua união. Acredito, inclusive, que isso é bem mais comum do que é admitido. Trata-se da já mencionada moral do claro-escuro. As gravidezes de pretensas moças (ou seja, virgens) também é um indicador. Mas, por outro lado, há um imaginário masculino que fala do desejo de se casar com uma moça que nenhum outro rapaz ou homem "conheça", ou seja, que não tenha mantido relações sexuais.

A realidade às vezes pode ser um pouco mais tortuosa, pois mesmo Pedrinho, que afirma sempre ter desejado casar-se com uma mulher que não "conhecesse" outro homem que não ele, teve uma primeira união conjugal com uma mulher separada e com filhos. Somente depois de separado, entre outros namoros e noivados, é que casou-se com Maria, uma moça nos moldes que ele idealizava. Resta então uma moça imaginária, que se atualiza ou não, e que, se é ansiada por um rapaz, nem sempre é sua regra de comportamento: ele poderá procurar "conhecer" as moças com quem namora, vindo ou não a com ela se casar.

Noivados, uma etapa mais formalizada de compromisso, não são obrigatórios. Seu Milton, por exemplo, nunca foi noivo de uma moça; namorou algumas, mas nunca

[52] "Enrascado", ou "empanemado", é um termo comumente empregado para referir-se ao caçador que não consegue mais matar caça, o que é em geral atribuído a algum feitiço.

"envoivou". Entre seu namoro e união com dona Mariana não houve tempo para noivado. Mas seu Milton lembra que o noivado podia ser uma etapa ritual significativa, e que em muitos casos precedia o casamento.[53] É verdade, noivados, quando firmados, supõem o casamento. Seu Milton conta casos em que o noivado era um expediente para reservar uma futura esposa, seja porque ela era ainda uma menina, seja porque o pretendente precisava de tempo para poder providenciar todo o enxoval. Maria esperou o noivo que não veio para casar no dia marcado; Cilene noivou com Luis e, quando deu por si, já estava perante o padre. Mas noivados não necessariamente acarretam a obrigatoriedade do casamento. Pedrinho e Maria tiveram, respectivamente, mais de uma noiva e mais de um noivo.

O casamento, perante ao padre ou a um juiz, são desejados pelos pais, que temem o desgosto de ver suas filhas serem "carregadas" pelos pretendentes. Para o futuro casal, o casamento pode ser um anseio, ou um entrave. Para que ocorra, é necessário o consentimento dos pais da moça, e a realização de gastos, principalmente por parte do rapaz, que deve providenciar a casa nova, equipá-la com instrumentos de trabalho (enxadas, terçados, faca de seringa, espingarda, tarrafa etc) e comprar o enxoval (utensílios de cozinha, redes e cobertas, e talvez ainda algum móvel, como a petisqueira). O volume de gastos e o tempo que todas estas providências tomam pode ser incompatível com a ansiedade ou posses do casal, que muito freqüentemente decide pelo rapto consentido da moça pelo rapaz, instaurando uma situação de fato e ganhando tempo para, já juntos, providenciar uma vida autônoma. Num primeiro momento, enquanto não tem sua casa e bens, o casal residirá na casa dos pais de um dos dois, mais freqüente, mas não obrigatoriamente, do rapaz. Afinal, é este que carrega a moça, levando-a para casa de seus parentes.

[53] Ver também Wagley, 1988[1953], p. 175-ss. e Azevedo, 1986, p. 42.

Finalmente, apontaria que o casamento é uma perspectiva futura que se coloca quase que obrigatoriamente para as moças, e creio que também para os rapazes. A socialização dos jovens enquanto vivem com seus pais, os inicia nas seus respectivas obrigações e papéis futuros como marido e esposa, como chefe de família e dona de casa. Pode pensar que este processo tem um componente coercitivo, pois forçaria jovens a abrirem mão de eventuais outros desejos, como o de estudar. Por outro lado, pode-se especular que, tal como as moças de Samoa entrevistadas por Margaret Mead, no seringal os jovens usufruem intensamente as situações de namoro e noivado que precedem o casamento, manipulando-as de forma a estendê-las ao máximo.[54]

[54] Cf. Mead, 1971[1928].

Capítulo VIII

OS MILTON: À MANEIRA DE CONCLUSÃO

Com a saída de Sebastião Corrêa, a partir de 1985 a Restauração passou pelo gerenciamento de vários pequenos patrões, prepostos e sub-prepostos da empresa Cameli & Filhos, que arrendara então o seringal. O primeiro deles foi um empregado de apelido Manuel Banha, que chegou na Restauração acompanhado de um pequeno destacamento policial para receber dívidas feitas pelos seringueiros ainda no tempo de Sebastião Corrêa. Aquela prática era uma novidade para os seringueiros do alto Tejo, isto é, a cobrança de dívidas com apoio de forças policiais.[1]

Manoel Banha ficou na Restauração por poucos meses e realizou diversas incursões a casas de seringueiros. Interrogatório de crianças para descobrir borrachas escondidas na mata por seus pais, confisco de vacas, motores e máquinas de costura foram algumas das ações que marcaram a passagem de Banha pela Restauração. Um seringueiro, o Nonatinho Nascimento, sobrinho de seu Milton, foi forçado a carregar uma péla de borracha de cerca de 60 quilos nas costas de sua colocação até o barracão. Dizem ainda que o obrigaram a

[1] Mauro Almeida descreve esse período o rio Tejo como de transição da cooptação (sedução e endividamento dos seringueiros produtivos) para a violência. Cf. Almeida, 1993, p. 79. Pedrinho conta que já na época de Sebastião Corrêa, numa ocasião, o delegado de polícia da Vila estivera na Restauração. Ver também episódio ocorrido com o seringueiro Luís Bispo, cf. Costa, 1998, p. 41.

roer com os dentes a envira com que a borracha foi amarrada as suas costas. Essas ações causaram revolta entre os seringueiros do alto Tejo, e deixaram muito claro que algo de novo estava acontecendo nas relações de patronagem tradicionais. Seringueiros produtivos, como Nonatinho Nascimento, estavam recebendo um tratamento indigno para um homem e pai de família.[2]

Nesses dias, o delegado sindical Francisco Barbosa de Melo, o Chico Ginu, estava chegando de volta à área vindo de um treinamento no sindicato.[3] Acompanhado de um grupo de seringueiros, Chico Ginu interpelou Manuel Banha e fez um discurso inflamado exigindo a imediata saída da força policial, que se retirou em seguida.[4]

Glosa VIII.1:

Em 1978, em Cruzeiro do Sul, foi criado o Sindicato de Trabalhadores Rurais, o "sindicato". Vários dos trabalhadores que nele se associaram vieram a se tornar delegados sindicais, com a missão de atuar nas suas áreas de moradia, divulgando a existência do sindicato, seu papel de defesa dos "direitos" do trabalhador e incentivando a filiação de novos sócios.[5] No início dos anos de 1980, um seringueiro originário de Tarauacá, de nome João Claudino, tornou-se delegado sindical no rio Tejo. Logo em seguida, os seringueiros Chico Ginu e Chico Roberto também começaram a atuar na área como delegados credenciados pelo sindicato.

A passagem de João Claudino pelo alto rio Tejo e afluentes ficou marcada, na memória dos que o conheceram, pela sua ousadia em enfrentar os patrões, realizando "greves" pela redução do preço das mercadorias e perdão de dívidas de seringueiros. Sua iniciativa de questionar o pagamento da renda pelos seringueiros não teve o respaldo do sindicato. Mas João

[2] Cf. Almeida, 1993, p. 79-80.

[3] Trata-se do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) de Cruzeiro do Sul (ver próxima glosa).

[4] O destacamento policial que esteve na Restauração era composto de policiais de férias que foram então contratados para ir até o seringal acompanhar Manuel Banha. Quando viram a revolta dos seringueiros, não hesitaram em sair do seringal. Os homens que acompanhavam Chico Ginu estavam armados de espingardas, os policiais temiam um conflito armado num local onde estariam em flagrante desvantagem. Cf. Almeida, 1993, p. 79-80. Consultar também Costa, 1998, p. 47.

[5] Dentro do movimento sindical rural, a luta pelos "direitos" (legais) dos trabalhadores surgiu como uma estratégia de ação no final dos anos de 1960. No contexto da ditadura militar, ações no campo das leis e jurisprudências eram as recomendadas. Posteriormente, com a proliferação das lutas no campo e a abertura política, aquela prática sindical foi criticada por seu legalismo e burocracia. A luta pelos "direitos" passou a estar contextualizada numa política sindical que incentivava ações locais e concretas. O incentivo à formação de delegacias sindicais, orientadas para uma ação engajada em suas localidades, é fruto dessa orientação. Cf. Medeiros, 1989. Sobre a atuação do movimento sindical nas lutas empreendidas pelos seringueiros nos anos de 1980, ver Esterci, 1991.

[6] O sindicato dissera que a renda devia ser paga. O delegado sindical endividado foi convencido pelo patrão a – por que não? – ele mesmo recolher a renda dos seringueiros.

[7] Cf. Almeida, 1993, p. 79-81 e comunicação pessoal.

Claudino também é lembrado por ter sido "comprado" por Sebastião Corrêa. O patrão, ao invés de combater o delegado sindical, sempre atendia os seus pedidos de mercadorias, e ainda conseguiu que João Claudino, provavelmente já pressionado por suas dívidas no barracão, assinasse um contrato no qual ele mesmo se responsabilizava por recolher a renda dos seringueiros.[6] Enquanto João Claudino tentava receber a renda dos seringueiros, e com a porcentagem da borracha que lhe caberia pagar sua dívida no barracão, o patrão orientava os mesmos seringueiros a entregar, se quisessem, a borracha da renda ao delegado sindical. Ao final, João Claudino aceitou uma proposta de Sebastião Corrêa para gerenciar mercadorias em outro seringal.[7]

A reputação do sindicato ficou abalada, e a vitória contra Manuel Banha, em 1985, recuperou a moral do sindicato junto aos seringueiros do Tejo e deu fama a Chico Ginu como um delegado sindical de fibra.

Em 1987, quando Mauro Almeida esteve novamente no rio Tejo realizando trabalho de campo, Chico Ginu e Chico Roberto seguiam atuando como delegados sindicais. Juntos, os três realizaram reuniões em colocações no Manteiga e no Riozinho, anunciando nessas reuniões que fora criado o Conselho Nacional dos Seringueiros e que uma futura reunião de seringueiros seria convocada.[8]

Nos meses de maio e junho de 1988, Antonio Macedo, em nome do Conselho, fez sua primeira viagem aos rios Tejo e Bagé, onde, junto com Chico Ginu, realizou diversas reuniões com seringueiros, gravando denúncias contra patrões e insatisfações quanto ao estado de "abandono" dos seringais (sem mercadorias) e a obrigatoriedade do pagamento da renda.[9] Na reunião realizada na Restauração, seu Milton, dona Mariana, filhos e filhas participaram. Macedo conta que imediatamente os reconheceu como descendentes de índios, e chegou a brincar com dona Mariana, "cortando gíria" com ela.

[8] O Conselho Nacional dos Seringueiros foi criado em 1985 (ver Box 1, Capítulo I). Em 1986, o Conselho realizou, em Cruzeiro do Sul, o I Encontro de Seringueiros, que contou com a presença de quarenta participantes, mas nenhum deles da bacia do Tejo. Cf. Almeida, 1993, p. 84.
[9] Consultar Macedo, 1988.

Box 39: Antonio Macedo

Antonio Macedo[10]

Antonio Luiz Batista de Macedo nasceu no rio Tarauacá, no dia sete de Maio de 1952. Filho do seringueiro Raimundo Batista de Macedo e de Carminha Caetano Barbosa, dos onze aos doze anos de idade o menino cortou seringa ajudando o pai. A família mudou-se então para a cidade de Tarauacá, e Antonio Macedo estudou até o quarto ano primário no Grupo Escolar João Ribeiro. Dos catorze aos dezesseis anos de idade, trabalhou como estivador no porto da cidade, e depois, até os dezoito anos, trabalhou como "moço de convés" em embarcações diversas.

Aos dezoito anos de idade, Antonio Macedo alistou-se no Exército, servindo no 7° Batalhão de Engenharia e Construção (7° BEC), onde profissionalizou-se como mecânico e veio a trabalhar dos dezenove aos vinte e três anos de idade. De 1974 a 1977, Antonio Macedo trabalhou ainda como mecânico de máquinas pesadas em firmas particulares e também para a Funai, que mantinha um projeto de serraria na Terra Indígena Apurinã do km 45 da BR-317, no Município de Boca do Acre (Estado do Amazonas). Em seguida, Antonio Macedo foi contratado pela Funai e passou a auxiliar o chefe de posto na organização de uma cooperativa para o desenvolvimento comunitário dos Apurinã; e de 1979 a 1980, foi chefe-substituto do Posto Indígena Boca do Acre.

Nesses anos, Antonio Macedo aproximou-se de antropólogos e educadores que trabalhavam com a questão indígena, como Terri Aquino, e que haviam fundado a Comissão Pró-Índio do Acre. Entre 1984 e 1989, Antonio Macedo participou da diretoria da CPI como presidente e vice-presidente. Já em 1986 havia voltado para a Funai, sendo readmitido como sertanista. Coordenou então o grupo de trabalho que identificou as Terras Indígenas Arara do Humaitá, Jaminâwa do Igarapé Preto, Jaminâwa-Arara do Bagé, Kampa [Ashaninka] do rio Amônea e Kaxinawá do rio Breu.

Nesse mesmo ano de 1986, encontrava-se em Cruzeiro do Sul quando o I Encontro dos Seringueiros, promovido pelo Conselho Nacional dos Seringueiros, estava sendo preparado. Macedo então ajudou na mobilização dos seringueiros. Foi quando conheceu Mauro Almeida, de quem já tinha ouvido falar. Macedo conta que Mauro o desfiou: – *O que vocês* [da Funai] *vão fazer pelos seringueiros?*, ao que Macedo retrucou: – *Não é tu que tem que fazer algo?* Quando reencontraram-se em Rio Branco, na CPI, junto com Terri Aquino, repetiu-se o mesmo diálogo, e Mauro sinceramente reconheceu, conta Macedo, que não era a pessoa de organização de campo, de coragem para tal, e sugeriu: – *Por que o Macedo não vem me ajudar?*

Em fevereiro de 1988, ocorria em Rio Branco um seminário sobre desenvolvimento e meio ambiente na Amazônia. Mauro Almeida estava participando, Chico Mendes também, e Macedo também estava lá. Foi nessa ocasião, lembra Macedo, que ele foi convidado por Chico Mendes para ser um "membro" do Conselho Nacional dos Seringueiros, e atuar com "autoridade" no Alto Juruá. Macedo quis consultar o pessoal da CPI, e seu amigo Terri, que o apoiaram. No Conselho, Jayme Araújo, Raimundo Mendes de Barros e Osmarino Amâncio Rodrigues concordaram com a proposta já feita a Macedo. – *Vocês querem que eu vá, eu vou. Mas eu sou do tipo que pega e faz*, avisou Macedo. Mauro recomedou que, no rio Tejo, procurasse o delegado sindical Chico Ginu.

Em maio de 1988, Macedo chegou na foz do rio Tejo. Nas reuniões que realizou nos rios Tejo e Bagé, Macedo discutia com os seringueiros temas como direitos à saúde e à educação, a questão do preço da borracha, a injustiça da renda e a falava da liberdade comercial a que o seringueiro tinha direito e que o patrão cerceava. Macedo falava também de uma proposta de criação de uma cooperativa de seringueiros para a comercialização da borracha e de uma "Reserva Extrativista". Quando voltou dessa viagem, Macedo imediatamente confeccionou um relatório que já continha uma proposta de ação na área, com a criação de uma cooperativa visando preparar o terreno para a criação de uma Reserva Extrativista.

[10] As informações a seguir estão baseadas no currículo de Antonio Macedo e em entrevistas com ele realizadas no ano de 1998. Consultei também Macedo, 1988.

Em outubro de 1988, realizou-se na cidade de Cruzeiro do Sul o II Encontro dos Seringueiros, que contou com a presença de quase mil pessoas, entre homens, mulheres, crianças vindos de 70 seringais da região e 200 representantes indígenas.[11] Seringueiros dos rios Tejo e Bagé compareceram em grande número e assistiram a todo o Encontro. Entre as demandas que se sobressaíram e não podiam ser caladas estava o fim da renda e das violências cometidas pelos patrões (punições físicas, roubos nas contas, expulsão de seringueiros de suas colocações). Um após o outro, seringueiros de toda a região pediam a palavra e faziam denúncias ao microfone. Uma passeata de seringueiros foi realizada ao final do evento, coisa nunca dantes presenciada em Cruzeiro do Sul. Foi eleita a Comissão Municipal de Seringueiros com dezesseis representantes; seu Milton foi um dos nomes votados para integrá-la.[12]

De volta para casa, na bacia do rio Tejo muitos seringueiros resolveram que não mais iriam pagar a renda: sentiam-se amparados em suas pretensões. Graças ao suporte externo representado pela presença do Conselho, os seringueiros, com apoio de seus delegados sindicais, tinham um canal para fazer chegar ao mundo suas demandas e propostas.[13] Em dezembro de 1989, sob o impacto do assassinato de Chico Mendes e as pressões nacionais e internacionais que se seguiram, o BNDES aprovou o "Projeto de Desenvolvimento Comunitário para a Bacia do Rio Tejo", que destinava-se a implantar uma rede de cantinas comunitárias para comercializar a borracha dos seringueiros.[14] Nascia a Cooperativa. Em janeiro de 1989, como atividade preparatória à implantação da

[11] Sobre o II Encontro dos Seringueiros, consultar Almeida, 1988 e 1993, p. 85-86; e Macedo, 1988a.
[12] Cf. Almeida, 1993, p. 85 e comunicação pessoal.
[13] Cf. Almeida, 1993, p. 86.
[14] O projeto foi financiado pelo BNDES com recursos do Finsocial. Idealizado por Antonio Macedo e formatado por Mauro Almeida, o projeto tinha ainda como intervenientes orgãos do governo do Estado do Acre, como a Seplan, a Funtac e o Banacre, sendo o Conselho Nacional dos Seringueiros seu gestor. Nos anos

Cooperativa, foi realizado um treinamento para os futuros gerentes na Vila Thaumaturgo.[15] Em março de 1989, os primeiros recursos para construção de armazéns e abertura de ramais começaram a chegar nas mãos dos seringueiros, conforme veremos a seguir.

O dia da revolta dos patrões

No dia 7 de março de 1989, na Restauração, havia uma reunião marcada com a presença de Antonio Macedo, representante do Conselho Nacional dos Seringueiros, e do delegado sindical Chico Ginu. Os primeiros recursos do BNDES haviam sido liberados, e a Cooperativa começava a ganhar forma. Para a reunião, Macedo já trazia os primeiros recursos financeiros a serem entregues aos futuros *gerentes* dos *núcleos* para a construção de galpões e abertura de varadouros e ramais.[16] Alguns motores para servir aos futuros núcleos já haviam sido comprados.

Seringueiros e suas famílias começaram a chegar para a reunião já no dia anterior, quando, à noite, houve uma festa numa das casas dos moradores da Restauração. Prevenidos por amigos do lugar, nem Macedo nem Chico Ginu foram à festa: havia suspeita de que o patrão Zé Silva e outros marreteiros buscavam pretexto para confrontar-se com o representante do Conselho.[17] Depois da última visita de Macedo, quando uma reunião fora realizada na frente do barracão, Zé Silva andara anunciando, lembra seu

---

subsequentes, as atividades do projeto expandiram-se para áreas vizinhas, indígenas e não-indígenas, e também para os seringueiros da região do rio Acre (futura Reserva Extrativista Chico Mendes).

[15] Cf. Macedo e Almeida, 1989. Em junho de 1989, onze núcleos da Cooperativa começaram a funcionar na bacia do Tejo, distribuídos entre os rios Bagé, alto Tejo e afluentes (Dourado, Riozinho, Manteiga e Machadinho). No dia 12 deste mesmo mês, foi criada a Associação dos Seringueiros da Bacia do Rio Tejo, sendo Chico Ginu seu primeiro presidente e seu Milton o vice-presidente.

[16] A Cooperativa foi implantada na bacia do rio Tejo a partir da criação de uma rede de cantinas comunitárias, os "núcleos", administradas por seringueiros-gerentes, que vendiam mercadorias e compravam borracha dos moradores de suas respectivas áreas de abrangência.

[17] Zé Silva era um aviado do grupo Cameli & Filhos. Era um "patrão fraco", sendo considerado por muitos um marreteiro, atividade que, de fato, já exercera no rio Tejo.

Milton, que *o dia que o Macedo pisasse na Restauração com história de reunião, ele não ia se dar bem.*

Macedo, contudo, não considerava seriamente a possibilidade de uma agressão. Nem ele, nem ninguém, afirma. *Apesar da gente estar fazendo um trabalho que contradizia a vontade dos patrões,* reconhece Macedo, *não se esperava uma reação assim como se viu da parte do Zé Silva.* No próprio dia da reunião, bem cedo, Macedo chegou a ir à casa de Zé Silva tomar um café e ver se conseguia algum combustível para descer o rio Tejo após a reunião. Por outro lado, também é verdade que o coordenador do Conselho circulava na área acompanhado de um policial, o índio Poyanáwa Maurício Cordeiro Lima, autorizado pelo governador do Acre, Flaviano de Melo, para proteger Macedo durante a implantação do projeto.[18]

Onde realizar a reunião? Seu Milton conta que Macedo o procurou para se aconselhar a respeito. *Rapaz*, respondeu, *pra lhe dizer a verdade eu acho bom que a gente faça na igreja; que na igreja, se é reunião, é coisa de união, eu acho que nós estamos certos de fazer a reunião lá na igreja; porque lá é casa de Deus, lá é casa da gente conversar a verdade.* E assim foi feito. Por volta das dez horas da manhã, a igreja da Restauração, do padroeiro São Raimundo Nonato, ainda sem as paredes mas assoalhada e coberta, estava apinhada de homens, mulheres e crianças.

De frente para os presentes, ao lado de Macedo e Chico Ginu, estavam seu Milton e seus filhos Pedrinho, Damião e Antonio; os filhos Cidoca e Osmildo, ainda solteiros, preferiram ficar do lado de fora, paquerando as moças; Marieta, também solteira, foi assistir a reunião, junto com sua irmã Cilene. Dona Mariana ficou em casa tomando conta dos

[18] A narrativa a seguir foi construída a partir de depoimentos recolhidos no ano de 1998, estando todos devidamente identificados.

netos. Maria, esposa de Pedrinho, foi a reunião com a filha Artemísia. Vários dos *irmãos Nascimento* estavam presentes, e também Zé do Lopes e alguns de seus irmãos, primos dos filhos de seu Milton. Os irmãos de Chico Ginu também estavam lá.[19] [Mapa de Parentesco 20]

A reunião havia sido previamente pensada e preparada. Dolor Farias, seringueiro e gerente no rio Bagé, declamou a "poesia dos seringueiros"; em seguida Rena Manaitá, esposa de Macedo, leu o "Pai Nosso do Seringueiro". Encerrando esse momento inicial, a voz de Vital Farias ecoou por toda igreja: *"Era uma vez na Amazônia, a mais linda floresta..."*.[20] Chico Ginu então assumiu a palavra, falando sobre a Cooperativa e uma futura associação dos seringueiros. Passou então a palavra para Macedo.[21]

Mal começara a falar, Macedo foi bruscamente interrompido por Zé Silva, o patrão. A notícia que posteriormente correu foi a de que, naquele dia, antes da reunião, Zé Silva havia bebido uma garrafa de cachaça inteira e mastigado as cabeças dos palitos de uma caixa de fósforo, ingerindo pólvora, portanto. Com efeito, seu temperamento ficou explosivo: dentro da igreja, na reunião, ele levantou-se, veio em direção a Macedo e ao chegar perto dele, olho no olho, disse: – *"Olha, tu já deu conselho aos seringueiros que o seringueiro não pagasse renda, e agora se o seringueiro não pagar a conta..." – aí disse assim uma palavra assim, desculpe a palavra – "agora você vai se foder comigo!"* (Seu Milton)

---

[19] Havia mais de 150 pessoas presentes e não é possível identificar a todas. De toda forma, chamo atenção para a presença de parentelas familiares, que, ver-se-á, uniram-se e agiram em bloco.

[20] A "poesia dos seringueiros" não consegui identificar. O "Pai Nosso do Seringueiro" é de autoria de Jaime Araújo, seringueiro, poeta e primeiro presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, eleito em 1985. A canção de Vital Farias chama-se "Saga da Amazônia", e conta a saga da floresta amazônica, com seus moradores (índios, seringueiros, castanheiros etc), fauna e flora, contra os invasores de fora (fazendeiros e grileiros).

[21] Como foi visto, em 1988, entre os meses de maio e junho, Macedo fizera uma primeira viagem de reconhecimento nos rios Bagé e Tejo. Voltara à área ainda mais uma vez naquele ano, realizando reuniões em vários pontos, inclusive na Restauração. Naquele ano de 1989, era sua primeira viagem de volta à Restauração, e no mês de janeiro havia ocorrido o treinamento para os futuros gerentes da Cooperativa,

Eclode o conflito na igreja...

Aí eu olhei para aquele homem raivoso mesmo, e eu disse: – "Olha, mestre, não é melhor você deixar a reunião acabar, terminar, né? E daí você vê se isso que você tá pensando vai acontecer ou não, né? E aí se você achar que tem alguma coisa pra acertar comigo, depois da reunião você me chama e a gente acerta. Mas por enquanto não atrapalha o meu trabalho não, que eu não gosto de ser atrapalhado quando estou trabalhando." Falei mesmo. Aí ele arregaçou a manga da camisa assim e deu, sabe? Baixou o braço mesmo assim, rapaz, foi uma braçada muito doida, sabe? Deus me livre! (Macedo)

Aí meteu o murro nele. No que meteu o murro, Macedo tirou assim com os dois braços; no que ele tirou eu entrei assim; aí ele deu um murro em mim mas graças a Deus não pegou, que eu tirei com braço assim; aí quando eu afastei, que eu estava desarmado, eu vi: a hora que jogou o murro em mim, que eu tirei com braço, eu vi quando ele meteu a mão, eu fiz o cálculo que ele ia puxar o revólver dele; mas não era revólver, era uma tesoura. Aí foi o tempo que, no que eu afastei, o guarda atirou nele. (seu Milton)

Quando ele [Zé Silva] *deu a primeira braçada, que eu tirei ele, o braço dele assim, ele afastou assim, o seu Milton foi em cima dele também; o seu Milton estava aqui do meu lado direito, ali ele deu uma braçada no seu Milton também, sabe? Seu Milton conseguiu se defender da braçada dele. Ele* [Zé Silva] *pulou pra trás e meteu a mão no bolso, sabe? Aí eu digo "agora"– eu tinha visto o revólver na casa dele, aí eu fiquei com medo que era o revólver que eu tinha visto, que ele ia puxar e que ele ia me atirar. (...) Ele acabou de tirar a mão do bolso e lá vinha ele: era uma tesoura de barbeiro assim dessas grandonas, sabe?*

---

ocasião que contou com a presença de Macedo. Muitos seringueiros, portanto, já conheciam Macedo; e todos os presentes na reunião da igreja com certeza já tinham ouvido falar dele.

Aí meteu a tesoura pra cima, fura, não fura, fura, não fura, fura, não fura. (...) Até que eu ouvi o tiro, passou assim por mim, aí vi que ele tinha ficado baleado, quer dizer, o braço dele saiu pingando sangue e ele jogando tesoura em todo mundo assim dentro da igreja; todo mundo correndo e ele abrindo canal pra poder sair. Lá na frente jogou a tesoura no Pedrinho. (Macedo)

Na hora que ele saiu pra bater no Macedo, aí ele jogou um tapa no Macedo; aí o Macedo desviou; aí o papai entrou. Papai entrou pra pedir, eu acho que pra pedir pra não fazer aquilo – eu sei que ele deu um murro no papai. Não acertou bem mesmo não, mas ainda pegou; aí o papai deu outro murro nele. Aí nessa hora que ele bateu no papai, eu entrei na questão também. (Pedrinho)

O rebuliço estava armado. Logo após o tiro, que feriu Zé Silva no braço, seguiu-se uma grande correria, com as pessoas procurando sair da igreja o mais rápido possível, o que foi facilitado pela ausência de paredes.

Aí quando o Macedo foi falar, ele [Zé Silva] *jogou o murro nele. Agora, assim eu não me lembro bem, eu sei que eu não pensava nem que meu pessoal estava no meio da questão, sabe? Aí, quando dei fé, estava o papai, o Pedrinho, tudo no meio. Aí fiquei como uma doida, sei lá, fiquei desesperada; aí pulei embaixo*[22]*, Deus me livre, não gosto nem de me lembrar que eu ainda fico pensando assim, sabe? (...) Aí eu escutei o tiro, na hora que eu escutei o tiro, eu pulei embaixo; aí eu escutei o tiro e corri pra casa do compadre Antonio* [23]*; quando eu corri pra casa do compadre Antonio tinha muita gente: só via o povo pulando tudo pelas paredes da igreja, que nesse tempo ainda não tinha parede. Aí o*

[22] Lembremos que a igreja estava sem paredes além de ser, como todas as edificações no seringal, construída acima do nível do chão. "Pular embaixo", portanto, é pular do assoalho no solo onde a edificação está assentada.

pessoal disseram assim: – "Corre que lá vem o homem com espingarda!" Aí eu corri, aí eu entrei na mata. (Marieta)

Eu não corri logo não, na hora que aconteceu, né? Que ele [Zé Silva] *partiu pra bater no Macedo, aí foi quando a Rena disse "atira no homem, Maurício!". Aí na hora que ela disse "atira no homem, Maurício", aí eu sei que eu acho que fiquei cega nessa hora, eu não sei o que aconteceu mais não. Eu estava com a Artemísia sentada assim perto de mim, que a Artemísia nesse tempo era pequenininha – aí eu quis correr, mas eu pensei em deixar a menina lá; aí voltei, fui e peguei a menina, aí pulei embaixo. Aí eu arrodeei assim, que eu cheguei na frente da casa, já vi foi todo mundo chorando, as meninas, a comadre Cilene, Marieta, tudo chorando.* (Maria, do Pedrinho)

Os participantes da reunião, a esta altura, já tinham corrido e se dispersado pelas casas vizinhas e na mata do entorno. Osmildo e Cidoca, que não estavam na igreja na hora do confronto, ouviram o tiro e vieram correndo ver o que se passava. Enquanto isso, a luta ainda continuava dentro da igreja: Pedrinho e Zé Silva – seringueiro e patrão, compadres também – enfrentaram-se.[24] Mas logo Zé Silva, já bastante ensaguentado, deixou a igreja e foi em busca de reforços.

Valei-me, São Raimundo Nonato!

Ainda naquela manhã, ao entrar na igreja, Macedo dissera uma "brincadeira" com o santo padroeiro: *"Ajuda nós, São Raimundo Nonato, aqui dentro da sua casa"*. Mais tarde lembrou-se do fato, e compreendeu que o santo naquele dia atendera duplamente ao pedido: por um lado, a bala que feriu Zé Silva o fez sem gravidade e não atingiu mais ninguém. O

[23] Trata-se de Antonio, filho de seu Milton e dona Mariana, irmão, portanto, de Marieta, de quem era também compadre. Veremos a seguir que a casa de Antonio foi o refúgio para todos aqueles que encontravam-se diretamente envolvidos na organização da Cooperativa.

furo por onde a bala saiu, após ricochetear no braço de Zé Silva, até bem pouco tempo ainda podia ser visto no teto da igreja da Restauração. Por outro lado, depois do disparo da arma do policial, nenhum outro tiro foi ouvido naquele dia. Espingardas e revólveres falharam sucessivamente...

Pois bem, aí foi aquela confusão medonha, todo mundo correu, só quem ficou foi nós mesmo. Aí o Nonatinho, aquele Nonato lá do João [Nascimento], *que é meu sobrinho, ainda correu foi lá em baixo na minha casa, trouxe a espingarda, foi aquele escangalho medonho. Certo que foi a pior confusão! E quando dava fé aquele Aguinaldinho*[25] *veio com espingarda pra atirar em nós, e o mesmo próprio Zé Silva ainda correu com a espingarda, ainda malhou dois cartuchos*[26] *no Chico Ginu – graças a Deus não disparou, e ainda eu ouvi falar que ele disse: – "Rapaz, eu não sei como foi que aconteceu aquilo, que a espingarda era novinha, novinha, as capas*[27] *eram novas também" - ele já tinha se preparado. Aí ficou, de vez em quando vinha um, vinha outro. O Mâncio Neto*[28] *também ainda pegou espingarda pra vim onde nós estava.* (seu Milton)

Pois bem, nessa hora que ele correu pra pegar a espingarda, aí nós subimos pra casa do Antonio. Aí ele vinha de lá pra cá com uma espingarda; a onde o Chico Ginu ia subindo assim, aí ele chegou assim perto, aí malhou a espingarda três vezes no Chico, quando o Chico ia subindo; e acho que foi Deus que meteu a mão mesmo que não

---

[24] Este enfrentamento resultou depois num processo judicial no qual Zé Silva acusou Pedrinho de atacá-lo com uma faca, o que este negou perante o juiz. O processo foi finalmente arquivado.
[25] Aguinaldo Sales, filho do patrão do seringal Maranguape, Amarino Sales.
[26] "Cartuchos" são as balas da espingarda. "Malhar cartuchos" é quando os tiros disparados falham.
[27] "Capas" (provavelmente de "cápsulas") são o envoltório externo que protege a pólvora e chumbo colocadas em seu interior para confeccionar as balas utilizadas nas espingardas.
[28] Marreteiro, neto do famoso Coronel Mâncio Lima (já referido no Capítulo III desta tese), seringalista, fazendeiro e político influente de Cruzeiro do Sul na primeira metade do século XX. O Cel. Mâncio Lima ficou conhecido também por ter "amansado" os índios Poyanáwa. Observe-se, portanto, a ironia histórica do enfrentamento entre o marreteiro e neto do ex-patrão dos Poyanáwa com Macedo, que na década anterior auxiliara os mesmos Poyanáwa na conquista de sua Terra Indígena contra os descendentes de Mâncio Lima, e

disparou, porque se tivesse disparado tinha pegado só no Chico não porque era um horror de gente subindo a escada. (Zé do Lopes)

Porque o Zé Silva, quando voltou na casa dele, que veio de lá, ele, Mâncio Neto e mais dois peões do Mâncio Neto e dele, armados cada um com uma espingarda daquelas 28, sabe? E muito cartucho. Então eles metiam o cartucho, a espingarda na gente, malhava, malhava aquela espingarda que nenhuma detonava mais; e eles trocavam cartucho toda hora e fogo na gente e nenhuma disparava mais. O policial também, sabe? Naquela aflição toda, tentou disparar o revólver dele várias vezes. Não disparou mais não. (Macedo)

Na casa de Antonio, refúgio e tensão

A casa de Antonio transformou-se num refúgio para muitos dos participantes da reunião, inclusive Macedo. Os ânimos estavam exaltados: Zé Silva e outros armavam-se para um confronto, e os seringueiros não tencionavam morrer que nem tatu: calado no buraco!

O pessoal, a maior parte da nossa família estava lá: eu, Nonato, o Adegila, Amarísio, Ademar, Amílton – o Chico Ginu é cunhado deles, né? Estava tudo lá pra dar proteção ao Chico Ginú e outros pra dar proteção ao Macedo também. Era pra dar proteção ao Macedo e também ao Chico Ginu, que era nosso primo[29]. (Osmildo)

Que os seringueiros foram na casa do Antonio, todo mundo foi pegando uma arma, essas coisas assim, pra voltar. Aí eu comecei a falar: – "Não, pessoal, vocês não vão fazer nada porque ninguém vai fazer o que eles esperam, o que eles querem que aconteça, eles querem provar que nós aqui estamos matando gente", não sei o que. Aí esse seringueiro

---

agora mobilizava os seringueiros do Tejo protegido por Maurício Cordeiro Lima, um policial de origem Poyanáwa.

Sebastião Carlota, aí ele chegou, pegou uma espingarda e falou pra todo mundo: – "Não pessoal, vocês são tudo pai de família, eu não tenho um pinto pra dar água, vocês podem deixar que eu vou matar tudinho!" (Macedo)

Zé Silva dava voltas ao redor da casa, armado, ameaçador. Dentro, Macedo ordenava que nenhum tiro fosse disparado e dizia: - *"O que esses caras querem é provar que nós somos irresponsáveis, que nós estamos aqui pra matar gente. Vamos desarmá-los, vamos no muque, vamos pegá-los." E fomos. E, na verdade, quem desarmou todos eles foi a família do seu Milton.* (Macedo)

No campo da honra

Aí tinha aquele Chico Carimbó, que ainda hoje a gente encontra ele lá pela rua, aí pegou uma espingarda e vinha de lá pra cá, aí o Osmildo correu – nessa hora o Osmildo já tinha chegado, Cidoca já tinha chegado – aí quando [o Osmildo] *viu eu com a espingarda: – "Papai, me dê a espingarda!" Digo: – "Não, pode deixar comigo, vocês já tão criado, eu já tô velho. Se ele veio pra atirar em nós, pode deixar comigo." Só não digo que ia matar, mas eu já estava de cálculo feito. Aí o Osmildo se desimpacientou-se, que é daquele jeito; aí ele pulou em baixo e correu no rumo de lá. Aí eu imaginei:– "Ele vai atirar no meu filho; agora só tem uma coisa: se ele atirar, ele também vai se arrepender." Aí o Osmildo quando foi encontrando, ele* [Chico Carimbó]*: – "Você não venha, que eu atiro!" Aí o Osmildo correu dentro, pegou o cano da espingarda, aí arrastou a faca e disse: – "Agora ou você solta a espingarda, ou eu lhe mato." Quando eu vi, aí soltei a espingarda e corri também, né? Porque eu vi que ele era um rapaz de força também, o Osmildo com a faca na mão e só seguro com a espingarda, digo: – "Ele vai tomar e vai atirar"; aí corri dentro, quando cheguei, tomei a espingarda; quando tomei a espingarda o Osmildo afastou assim,*

[29] Consultar Mapa de Parentesco 20.

deu-lhe, no pé do ouvido dele assim, "tá", ele levantou os pés e caiu lá na frente assim. (seu Milton)

Eu sei que puxaram muita arma nesse dia lá. Tinha um regatão lá, o Mâncio Neto, e tinha um empregado dele que chamavam ele de Carimbó, não sabe?(...) Pegou a espingarda do Zé Silva e correu de lá pra cá, atrás de vingar o sangue do Zé Silva, né? Aí chegou ali perto da igreja, aí o compadre Osmildo estava por ali, quando ele viu ele [Carimbó] *vir com a espingarda, ficou ali esperando ele. Ele* [Osmildo] *chegou perto dele* [de Carimbó] *e disse: – "Solta a espingarda!", ele não quis soltar; ele* [Osmildo] *saiu dando uma de malandro por ali, até que chegou nos pés dele, aí colocou a faca assim no bucho dele e disse: – "Solta a espingarda!". Aí ele* [Carimbó] *foi e soltou e soltou a espingarda; aí na hora que ele soltou a espingarda, eu dei uns tapas nele, caiu no chão; aí o Damião chegou lá a ripa de paxiúba, aí deu nas canelas, "pof", "pof" mesmo!* (Zé do Lopes)

Pedi a espingarda que era pra se o cara viesse pra matar o Macedo, a gente defender a vida dele; também não quiseram me dar. Eu fui e desci e fui me encontrar com o cara [Carimbó]. *Por lá o cara pegou a espingarda, armou-se lá pra me dar um tiro, eu fui e peguei o cano da espingarda, andei dando uns empurrões no cara por lá; caiu por lá, sei que ele ficou por lá, pisado por lá. Aí eu fui me embora pra casa* [do Antonio] *de novo. Aí fui e levei o Macedo lá pra casa – era eu, papai, Pedrinho, o Cidoca, o Damião, levamos o Chico Ginu também, todo mundo lá pra casa.*[30] *Fomos lá, os irmãos, a parentagem estava por lá, os irmãos do Chico Ginu também foi junto com ele lá pra casa por lá, o Nonato* [Nascimento]. (Osmildo)

[30] Trata-se agora da casa de seu Milton e dona Mariana, também na Restauração mas um pouco mais afastada.

Epílogo

Daquela hora em diante, Macedo permaneceu sob proteção: os familiares de seu Milton – filhos e sobrinhos – garantiram sua segurança. No dia seguinte bem cedo, antes de descer o rio Tejo e relatar o ocorrido às autoridades, uma rápida reunião foi realizada na casa mesmo de seu Milton e decisões relativas à construção dos núcleos da Cooperativa foram ali tomadas, e os recursos financeiros então distribuídos para a execução da tarefa; além disso, alguns gerentes foram indicados para aqueles núcleos ainda sem responsável. Após essa reunião, Macedo, ainda sob proteção do policial Maurício e de seringueiros, desceu o rio Tejo rumo a Vila Thaumaturgo e depois para Cruzeiro do Sul.[31]

Na memória de seu Milton, teria havido ainda uma sessão de Cipó (ayahuasca) realizada na noite após a manhã do confronto na igreja. Macedo mesmo a teria proposto para consagrarem a união e afastar as ameaças que rondavam. Contudo, outros depoimentos não confirmam esta sessão, mas várias outras que ocorreram nos meses subsequentes e pontuaram todo esse primeiro ano da Cooperativa. Sob o comando de Macedo, e por vezes também do pajés Ashaninka Davi Lopes (rio Breu) e Antonio Pianko (rio Amônea), rituais de ingestão de Cipó foram realizados em ocasiões como reuniões de gerentes-seringueiros e assembléias gerais da Associação. Foi nessa época que seu Milton e os filhos conheceram o Cipó, bebida ancestral da qual a finada dona Regina, índia Nehanáwa capturada em correrias no rio Envira e mãe de dona Mariana, falava quando contava sobre a cultura de

[31] Em março o jornal A Gazeta, de Rio Branco (Acre), publicou matérias sobre o confronto ocorrido na Restauração: "Antonio Macedo conta como escapou da morte" (28/03/1989); "Macedo escapa de um atentado no alto rio Tejo" (15/03/1989); "Macedo relata como escapou de atentado no Tejo" (17/03/1989). No mês de fevereiro do mesmo ano, matéria publicada no jornal Rio Branco despertou a atenção para os amigos de Macedo e aliados dos seringueiros do Alto Juruá. Sob o título de "Seringueiros não pagam a renda e economia do Juruá está ameaçada", o conteúdo da matéria tentava criar um clima favorável a um possível atentado ou assassinato de Macedo, como já ocorrera com Chico Mendes em dezembro de 1988. Cf. Almeida, 1989a.

seu povo. Seu Milton, Pedrinho e Osmildo (e também Damião), entre 1989 e 1991, iniciaram-se na ciência da ayahuasca e aprenderam a apreciá-la.[32]

Devido ao seu envolvimento com a Cooperativa e com a criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, *os Milton* – pai e filhos – destacaram-se como um grupo de parentela nos anos seguintes.[33] Participaram, junto com outros seringueiros, do II Encontro dos Seringueiros, em Cruzeiro do Sul, e da mobilização quando os patrões tentaram impedir que as primeiras mercadorias da Cooperativa chegassem até a Reserva.. Os filhos de seu Milton ocuparam cargos de gerente de núcleos, e seu Milton foi gerente-geral da Restauração por um ano, quando deixou o cargo para assumir a vice-presidência da primeira diretoria da Associação. Seu Milton, dona Mariana, seus filhos e filhas vieram a se tornar amigos de boa parte dos pesquisadores e outros profissionais que passaram a frequentar a Reserva na implantação de projetos de desenvolvimento, como o de saúde, o de pesquisa e monitoramento e o couro vegetal; apoiaram essas iniciativas e delas também receberam apoios diversos, trabalhando como motoristas de embarcação, monitores sócioambientais e na produção de couro vegetal. Eram, e são, um grupo familiar coeso internamente, e foram extremamente eficazes em conquistar amigos e aliados, e também críticos e opositores. *Os Milton* tornaram-se ainda um grupo conhecido por preparar ayahuasca e realizar rituais com ela, reforçando na identidade familiar, sentida e atribuída, um forte componente étnico.

---

[32] Pessoas como Terri Aquino e Toinho Alves também foram importantes nessa iniciação. Eles e Macedo trouxeram informação sobre o uso da ayahuasca dentro de uma doutrina religiosa, o Santo Daime, fundada por Raimundo Irineu Serra, um negro maranhense, que fora seringueiro e agricultor, e que na década de 1930 estabelecera-se em Rio Branco. Além disso, desde a década de 1960, os seringueiros do alto rio Tejo conheciam o Cipó por intermédio de grupos indígenas vizinhos. Cf.Franco & Conceição, [no prelo].

[33] Ou seja, um grupo de parentes que é também uma coalização política com uma chefia reconhecida. Cf. Pereira de Queiroz, 1975.

História de seringais, de seringueiros e de seringueiras

A trajetória familiar narrada nesta tese teve seus primórdios no início do século e da empresa seringalista, quando diferentes culturas e etnias se enfrentaram nas florestas do atual Estado do Acre. Esse enfrentamento deixou vítimas de ambos os lados, embora seja inegável que os povos nativos tenham sido os mais atingidos em sua integridade: muitos grupos desapareceram; um patrimônio cultural e um modo de vida foram também vitimados; os índios que sobreviveram às *correrias*, ou fugiram ou de alguma forma integraram-se à sociedade de seringal. Procurei mapear e explorar a diversidade de situações de contato entre índios (brabos e mansos) e brancos que, ao meu ver, complexificam significativamente o contexto das correrias e os primórdios dos seringais.

Os seringueiros, vimos, eram "brancos" migrantes do Nordeste brasileiro; uma população de trabalhadores deslocada de suas terras natais, expulsa por condições precárias e que buscava uma melhoria de vida nas florestas da Amazônia. Ilusão ou não, lá chegaram em grandes levas, saindo do sertão semi-árido e muitas vezes da seca para as florestas úmidas e várzeas alagadiças. Pode-se pensar que esses brancos, tal como os índios, também tiveram suas perdas: muitos deixaram parentes e bens para trás, desgarraram-se de seu lugar e de suas referências, e sofreram o impacto da adaptação a um novo habitat e modo de vida. E muitos foram os que tiveram medo, um medo concreto: o de serem vitimados por doenças ou por ataques de índios.

Mas, enfim, chegados às matas ainda meio habitadas por índios, os *cariús* construíram suas vidas nas florestas acreanas, consolidaram-na e perpetuaram-na através das gerações seguintes. Adaptando-se ao novo meio, tornando-se seringueiros, casando-se com mulheres nativas ou trazendo suas famílias do Nordeste, aprendendo a lidar com os

materiais locais (madeiras, palmeiras, cipós etc), estabelecendo redes de relações sociais – o fato é que emergiu nos seringais uma sociedade singular em suas formas de vida e sociabilidade. Essa tese procurou retratar um pouco essa sociedade de seringal.

Nesta sociedade, *caboclos* e *caboclas* amansados tiveram um lugar. Caboclas capturadas foram dadas em casamento a seringueiros cariús e com eles constituiram família. Vimos que a situação inicial de índias destribalizadas e desterritorializadas, foi alterada pela construção de trajetórias individuais que incluíram episódios como a troca de um marido por outro quando a união era considerada insatisfatória pela esposa cabocla, a formação de redes de parentes rituais, e a articulação de uma rede de referência étnica como as parentas de dona Regina. A trajetória podia ainda incluir o renome pessoal: dona Regina veio a se tornar uma parteira famosa, para o que provavelmente contribuiu o conhecimento que trouxe da maloca sobre os remédios da mata. Dona Mariana, sua filha, que também veio a se tornar uma parteira reconhecida, afirma que aprendeu com a mãe o que sabe sobre ervas curadoras. O acervo de técnicas e conhecimentos sobre a natureza hoje manipulado pelos seringueiros deve muito aos homens e mulheres indígenas incorporados à sociedade de seringal. Houve tragédia, mas houve também reconstituição da vida.

A sociedade de seringal que emergiu nas fronteiras do Acre com o Peru, nas cabeceiras do rio Juruá, Jordão e Tejo foi, sem dúvida, uma sociedade da mistura. Diferentes populações, culturas e modos de vida encontraram-se e confrontaram-se; mortes ocorreram, mas nascimentos também, pois casamentos tiveram lugar. Migrantes nordestinos tornaram-se amansadores de índios. Esses caboclos mansos guiavam os mesmos matadores até as malocas de brabos. Pessoas como Felizardo Cerqueira vieram a trabalhar como patrão de *seringueiros caboclos*, e nesse meio construir parte de sua

trajetória e deixar descendentes, como o filho Sueiro e o neto Siã Kaxinawá.[34] Locais sagradas para os seringueiros cariús, como a sepultura dos irmãos de Nova Olinda, mortos por brabos, são visitadas também por índios Kaxinawá para pagamento de promessas e graças alcançadas. Os locais onde nasceram e viveram importantes personagens da história familiar narrada nessa tese – em particular o rio Jordão – eram seringais tomados aos povos nativos no início do século XX, e hoje são uma Terra Indígena.

A história dos seringais é dramática sim, mas não só pelas razões comumente apontadas por historiadores, cronistas e economistas[35], e mais porque trata de dramas e do destino de pessoas concretas, das escolhas que elas fizeram ou que se viram forçadas a fazer nas circunstâncias em que se encontraram.[36] Dona Regina, Pedro Tibúrcio e tantos outros existiram, viveram num tempo e espaço demarcáveis, traçando sua trajetória e vivendo as alegrias e dificuldades do dia-a-dia. Espero ter tornado claro que, ao longo do tempo, eles construiram para si um projeto de vida; um projeto possível dado pelas circunstâncias históricas e pelas suas esperanças e vontades.

Nessa tese, foram priorizados os relatos de vida e a forma como os sujeitos interpretam hoje o que viveram, sentiram e viram. Acredito que um mundo mais rico do que era a vida no seringal veio assim à tona. As trajetórias contadas nesta tese não retratam histórias de vida apenas amargas ou frustrantes; há alegrias e tristezas, mas há fundamentalmente um sentido positivo atribuído à vida vivida. Dona Mariana sente saudades de sua mãe, tão querida para ela, e de seus tempos de juventude, quando era

[34] Após a saída de Felizardo Cerqueira, Sueiro veio a se tornar um "patrão caboclo" gerenciando o seringal Fortaleza para Marcolina do Forno, viúva de um cariú. Sueiro, de acordo com Terri Aquino (comunicação pessoal), foi muito importante para assegurar às famílias Kaxinawá a manutenção de seu modo de vida tradicional, aí incluído a língua, as sementes e técnicas agrícolas, e rituais.
[35] Ver seção "Os seringueiros na história?", Capítulo I.
[36] Novamente remeto o leitor a Jean-Paul Sartre, quando afirma que o homem define-se "pelo que ele chega a fazer daquilo que se fez dele". Sartre, 1979[1966], p. 78.

seringueira; dona Raimunda sente falta de Meruoca, que tão bem cuidou dela e de seus filhos. Os tempos áureos do seringal, juventude de seu Milton, dona Mariana e de outros de sua geração, são em geral lembrados não pela violência dos patrões em primeiro lugar, mas por casos e eventos famosos ou engraçados, que envolveram familiares, compadres, patrões e outras personagens da vida nesta época. Novenários, festas, romarias a Nova Olinda, colocações em que já moraram e vizinhanças, entre outros, são eventos e passagens relembradas. Há também a memória de tempos difíceis, de escassez; daquele patrão que expulsou um compadre da colocação sem direito a indenização; da morte de um filho nos braços da mãe e daquela cobra que quase matou o outro filho; e da vez em que parecia haver índios brabos nas proximidades.

Contra uma história determinista, linear ou teleológica – que preconizaria o fim dos índios com a implantação da sociedade de seringal, ou o fim dos seringueiros com a crise da economia da borracha – as narrativas *dos Milton,* apoiadas também por outras fontes históricas, oferece uma visão bem mais complexa do que pode ser a historiografia da vida de famílias pertencentes as populações vivendo na floresta, ou em locais recônditos, escondidas do olhar da sociedade maior. Seu "começo" e "fim" são imprevisíveis; mesmo as tendências são possibilidades, jamais certezas.

A questão da dominação patronal, também objeto de diversas narrativas de cronistas, historiadores e cientistas sociais, aparece, no dia-a-dia *dos Milton* como algo menos traumatizante do que se poderia supor. Em pessoas como seu Milton, o filho Pedrinho, que tantas vezes envolveu-se em contendas com alguns de seus patrões[37] e tantos outros seringueiros que conheci, a experiência de trabalho sob o sistema de barracão integra

[37] Por razões de espaço e tempo, a trajetória de Pedrinho e de outros filhos de seu Milton e dona Mariana não pôde ser melhor explorada nesta tese, o que espero poder fazer no futuro.

suas histórias de vida: foi como seringueiros, trabalhando para patrões, que eles cresceram, amadureceram, casaram-se e criaram seus filhos e filhas. Assim, o domínio patronal é um elemento dessas histórias, sendo muitas vezes um ponto de tensão e insatisfação; é integrado como parte constitutiva da trajetória de vida, mas não a resume ou encerra. E mesmo nos anos áureos da borracha, quando a presença e vigilância patronais eram mais fortes, as narrativas revelam uma diversidade de formas de relacionamento com os patrões e seus prepostos, que envolviam mesmo amizade e parentesco.

Nesta tese, contudo, não pretendi negar a realidade de um sistema em si coercitivo e cerceador de liberdades. As narrativas confirmam esse aspecto, e houve iniciativas que resultaram na abertura de brechas nesse sistema, por meio do confronto direto, como é o caso do conflito narrado no início deste capítulo. Mas esse caso mostra também como é preciso atentar à conjuntura para entender a natureza desses conflitos. Ou seja, o sistema de barracões e a presença de patrões nos seringais devem ser vistos historicamente, isto é, no tempo, pois ele não permanece o mesmo sempre e em toda parte.

Um dado interessante é a presença de uma diferenciação entre os patrões: os bons e os maus. A aplicação deste critério não é consensual: para uns e para outros os mesmos patrões podem ser bons ou maus, o que vai depender da relação que com ele estabeleceram, ou dos abusos de que, avaliam, foram objeto – por exemplo, roubo nas contas, no peso da borracha, ausência de gentilezas, como convidar para almoçar, ausência de mercadorias nas estantes. Seu Milton tem o antigo patrão Epaminondas em alta conta, tendo trabalhado muito próximo a ele, beneficiando-se desta proximidade que ganhou forma de amizade através de favores, privilégios e também ganhos materiais. Mas o mesmo patrão é criticado por Osterno (marido da sobrinha Cosminha), que o achava sovina em comparação com Sebastião Corrêa, de quem se tornou amigo pessoal e enviou para a cidade, sob os cuidados

do antigo patrão, suas filhas para estudar. Por outro lado, Sebastião Corrêa é lembrado por seu Milton e filhos, e também outros seringueiros, como um patrão esperto e com muita mercadoria, e que com esses capitais conseguia extrair dos seringueiros até o último quilo de borracha.

Mas por que os seringueiros se revoltaram contra os patrões, já que o sistema de barracão era coercitivo mas cheio de acordos tácitos? Por que se rebelaram contra os patrões, defendendo a "Cooperativa", que significava a substituição dos patrões, se não há, nas memórias narradas, relatos de terror e abusos inomináveis (a la Putumayo, por exemplo)[38]? Por que, mais especificamente, *os Milton* em particular envolveram-se da forma como o fizeram, arriscando suas vidas e reputação de bons seringueiros? Tudo indica uma ruptura; como foi ela possível?

Vimos que, na verdade, nos anos de 1980 o sistema de barracão estava mais enfraquecido em sua legitimidade perante os olhos de muitos seringueiros. A borracha valia menos, as mercadorias eram reajustadas ao longo do ano, não havia mais mateiros, os ramais iam sendo desativados, o patrão era uma figura transitória, permanecia pouco tempo e parecia exclusivamente interessado na borracha que os seringueiros produziam. Quando Sebastião Corrêa saiu da Restauração, a primeira providência dos novos arrendatários – Cameli & Filhos – foi enviar um empregado, de apelido Manoel Banha, para receber as dívidas que Sebastião não conseguira receber. Note-se que os seringueiros podiam estar se recusando a saldar suas dívidas.

Manoel Banha ficou na Restauração por poucos meses, acompanhados por policiais também contratados por Cameli, e realizou diversas incursões a casas de seringueiros devedores. Vacas e máquinas de costura foram levadas a revelia como pagamento de

dívidas em borracha; um seringueiro foi forçado a carregar uma pesada péla de borracha nas costas de sua colocação até o barracão. Essas ações causaram revolta entre os seringueiros do alto Tejo, e deixaram muito claro que algo de novo estava acontecendo nas relações de patronagem tradicionais.

Seguindo as memórias de seu Milton e de seu filho Pedrinho, assim como de muitos outros seringueiros do alto Tejo, nos anos de 1980 surgiu um novo elemento: o sindicato, o delegado sindical, e com ele uma nova munição: a informação. "Direitos", há direitos, afirma inicialmente João Claudino; há punição para injustiças cometidas contra os seringueiros, a lei do patrão não tem base legal. Novos elementos começam a fazer parte da interpretação da realidade pelos seringueiros; um novo estoque de argumentos começa a minar a legitimidade do velho sistema. Mas a borracha ainda é forte, e a fibra do delegado talvez nem tanto, e ele é "comprado".

João Claudino fora cooptado, mas outro delegado sindical permaneceu atuando: Chico Ginu. Talvez sem o mesmo carisma ou estilo de Claudino, mas a mensagem do sindicato – basicamente a dos "direitos" – não foi silenciada de todo. "Greves" também foram lideradas por Chico Ginu. No final dos anos de 1980, a conversa sindical ressurge com o Conselho Nacional dos Seringueiros, primeiro através do assessor Mauro Almeida e depois de um representante direto, Antonio Macedo – e novamente encontra eco.[39] Informações que questionam o sistema ainda vigente, relatos de experiências de liberdade nas áreas indígenas próximas, promessas de alternativas com a Cooperativa e a Reserva

[38] Cf. Taussig, 1993.

[39] A crise de legitimidade nas relações com os patrões e o influxo de noções alternativas de justiça, com a influência do sindicato e do Conselho, foram analisados por Mauro Almeida como fatores que motivaram a rebelião dos seringueiros da bacia do rio Tejo na década de 1980. Cf. Almeida, 1993, p. 69-94. Consultar também Costa (1998, p. 39-62), que analisa a presença de agentes externos nesse período de mudanças no interior dos seringais do Tejo, e a apropriação do discurso ambientalista pelos seringueiros como importante catalizador de apoios para o movimento social dos seringueiros.

Extrativista – tudo isso fez sentido, foi apropriado, significado pelos seringueiros da bacia do rio Tejo, embora não de uma maneira homogênea ou uniforme. O envolvimento de cada um foi diferencial, embora tenham havido momentos de maior união, quando a oposição era muito clara, como foi o caso do conflito narrado no começo do capítulo, e aí a "parentagem", como disse Osmildo, se unia toda.

Parece assim que os tempos anunciados pelo sindicato e pelo Conselho encontram terreno fértil não só pelo próprio enfraquecimento do sistema patronal, mas porque o que dizem e anunciam esses novos mediadores ressoa, dá sentido às esperanças, desejos e valores. Muitos seringueiros sabiam-se enganados pelos patrões, mas a forma de reclamar conhecida era aquela direta no balcão, e aí o que valia era a palavra de um contra outro, ou os números e cálculos da conta, que o seringueiro, em geral, não conseguia destrinchar ou encontrar os erros que ele pressentia existir. Parece-me que havia, como parte mesmo daquele sistema de dominação, por parte dos seringueiros, um sentimento de falta de liberdade e autonomia para gerenciaram, como pais de família e chefes de casa que eram, sua própria produção, escolhendo onde comprar e vender; e que talvez esse sentimento estivesse mais aflorado naquele final dos anos de 1980.

Há ainda outros elementos que devem ser considerados para entender e contextualizar a revolta dos seringueiros. Em primeiro lugar, o fato dos seringueiros não serem, ao contrário, por exemplo, do que deixa entrever os escritos de Euclides da Cunha, passivos à dominação a que estavam sujeitos ou por ela imobilizados.[40] Procurei mostrar que os seringueiros são uma nação, como eles mesmos diriam, sofrida sim, mas altiva; com senso de honra, de respeito, dignidade e autonomia. As narrativas de vida expressam uma história não de humilhações, e sim da capacidade de reação perante o desrespeito.

Em segundo lugar, no caso dos seringueiros do alto Tejo, e mais especificamente dos homens do grupo familiar liderado por seu Milton, um elemento de outra ordem, acredito, teve grande influência, embora não tenha sido possível desenvolver esse ponto nesta tese.[41] Trata-se da iniciação à ayahuasca, que ocorreu paralela à luta pela implantação da Cooperativa. A ayahuasca, o "Cipó" ou ainda "Daime", desempenhou um papel relevante na fundação de um núcleo resistente e coeso para enfrentar as dificuldades (atentados, ameaças, desuniões) que surgiram ao longo da implantação da Cooperativa e da criação da Reserva. A reunião para, juntos, tomarem ayahuasca expressava também lealdade à liderança de Macedo; esta lealdade conheceu defecções ao longo do tempo, mas mas nunca por parte de um *dos Milton*. Acredito que as noitadas de Cipó sedimentaram profundos laços de amizade e solidariedade, e ideais políticos e espirituais comuns; foi fundamental no desenvolvimento pessoal de seu Milton e seus filhos Pedrinho e Osmildo, proporcionando transformações que eles avaliam como essenciais. A cultivo da ayahuasca no seio familiar reintroduziu a ascendência indígena e afirmação positiva da identidade de "caboclos".

Finalmente, em terceiro lugar, a organização local dos seringueiros na forma de parentelas com liderança – das quais *os Milton* são um exemplo – foi uma importante base para a atividade política antipatronal.

Sociabilidade na floresta

Viu-se que os grupos domésticos são a unidade mínima da organização social local, e facilmente localizáveis: correspondem a uma casa. Sua composição abriga diferentes

[40] Cf. Cunha, 1994[1906 e 1909b].

arranjos, que por sua vez são transitórios, isto é, mudam com o tempo. Via de regra, uma nova casa, um novo grupo doméstico, se constitui a partir de uma união conjugal; esta é sua origem, digamos assim. Se nos primeiros tempos o jovem casal pode permanecer morando na casa dos pais de um dos conjuges, logo se mudará para sua própria casa. Mas esta pode ser no mesmo terreiro da casa dos pais ou dos sogros, e as refeições poderão mesmo ser feitas em conjunto por algum tempo, como foi o caso da união de seu Milton e dona Mariana. Com o tempo, cada casa terá uma autonomia de vida doméstica própria, mas casas vizinhas ou aparentadas sempre manterão trocas e convivências intensas.

Uma colocação com mais de uma casa pode ser, do ponto de vista de sua organização social, portanto, assim definida: um pequeno conjunto de grupos domésticos aparentados vivendo em casas separadas, e mantendo entre si relações de troca e reciprocidade. E caso não haja graus de parentesco imediatamente identificáveis, laços rituais serão criados. Por outro lado, casas aparentadas ou com laços de compadrio entre si podem estar localizadas em colocações diferentes, há minutos ou horas de caminhada uma da outra. Essas casas e colocações também manterão contato e trocas mútuas, constituindo uma rede horizontal de organização social que não obedece necessariamente as fronteiras dos seringais.[42]

Os seringueiros, portanto, ao contrário do que alguns autores querem fazer crer, não podem ser descritos como homens "isolados" ou "solitários", cuja oportunidade de ter vida social só ocorreria nas ocasiões de visita ao barracão.[43] Ao contrário, a dispersão das colocações, determinada sim pela disposição natural das seringueiras e a forma como esse

---

[41] O que se segue, portanto, são idéias que não pude aprofundar, mas que quero deixar registradas como sugestão para investigação futura. Idéias nesse sentido também podem ser encontradas em Araújo, 1998 p. 86-89 e 120.
[42] Cf. Almeida, 1993 e 1990.
[43] Cf., por exemplo, Cunha, 1994[1906] e Steward & Murphy, 1977[1956].

recurso é explorado, não é sinônimo de ausência de sociabilidade. Festas, adjuntos, passeios de patotas de rapazes, visitas entre parentes ou compadres, namoros e noivados, caçadas conjuntas, mariscos coletivos num lago, farinhadas, entre outros, fazem parte da vida social nos seringais – e sempre ocorreram, independentemente do conhecimento ou consentimento dos patrões. Procurei, ao narrar a trajetória de vida de seringueiros e seringueiras, dar historicidade a essa sociabilidade na floresta.

Essa é, acredito, uma contribuição importante deste trabalho, e também pode ajudar a explicar como foi possível construir uma articulação de seringueiros contra patrões. O fato é que já existia uma articulação anterior de pessoas, casas e colocações. Mas, quem são os sujeitos dessas redes de organização social e política? Nesta tese, esses sujeitos são indivíduos – como os aqui biografados – e também sujeitos coletivos, como *os Nascimento*, *os Milton* e outros grupos similares.

Parentes, afetividade e política

Grupos familiares extensos, tais como o chefiado por seu Milton, são a base da organização social e da sociabilidade no seringal. Esses grupos são compostos por pessoas ligadas pelo idioma do parentesco – fundamentalmente, pai e mãe, filho e filha, irmão e irmã – e que estão distribuídas em diferentes grupos domésticos. Esses grupos domésticos, portanto, articulam-se numa estrutura de família ampliada, reconhecem uma liderança comum, em geral o pai, e são localizados, isto é, espacialmente residem a pequenas

distâncias um do outro.[44] Na falta de um nome melhor, denominarei esta forma de organização social de *família ampliada*.[45]

Uma *família ampliada* é, portanto, um conjunto de grupos domésticos localizados espacialmente, organizados na linguagem do parentesco – pai e mãe, filho e filha, irmão e irmã – e com uma liderança comum reconhecida. Essas *famílias ampliadas* são fortemente dependentes de um patriarca ou matriarca, o que implica na sua própria temporalidade.[46]

Quando seu Milton casou-se com dona Mariana, após virem para o Tejo, o que aconteceu foi a incorporação dele e de seu grupo doméstico na rede de parentesco a que pertencia sua esposa, *os Nascimento*. Então, num momento inicial dos marcos temporais dessa tese, *os Milton* não existem, embora já existam seu Milton, dona Mariana, filhos e filhas; a unidade familiar de referência são *os Nascimento*. Nascimento, o pai de dona Mariana, era um homem com uma extensa rede de parentes. Foi casado mais de uma vez, teve muitos filhos – com suas esposas e também com outras mulheres (como foi o caso de dona Regina) – formando uma vasta rede de grupos domésticos aparentados, que incluía seus filhos e filhas.

Em casos como o *dos Nascimento*, a morte do líder (pai ou mãe) desobriga os liderados (filhos e filhas), que podem mesmo vir a fundar, com seus próprios descendentes, novos aglomerados que recriam novas *famílias ampliadas*. A dispersão, ou perda de força expansiva *dos Nascimento*, ocorreu paralelamente ao crescimento do grupo doméstico de seu Milton e dona Mariana.

---

[44] Essas distâncias devem poder ser percorridas em poucas horas de caminhada (entre uma e três horas), de forma a permitir uma comunicação constante e também práticas de vizinhança.

[45] Poder-se-ia objetar o termo "família" aqui. O termo "família" no seringal, é elástico e flexível, isto é, é elástico o suficiente para englobar diversos grupos domésticos aparentados residindo em diferentes colocações, ou grupos domésticos aparentados que residem mesmo em seringais, municípios ou cidades diferentes; e é um termo flexível o bastante para restringir-se a um só grupo doméstico composto por pessoas ligadas por relações de parentesco.

Num período de quase cem anos, esta tese acompanhou a formação da *família ampliada* chefiada por seu Milton Gomes da Conceição. Na reconstituição dessa trajetória, fomos encontrar as raízes do grupo, genealógicas e identitárias, nas mulheres da primeira geração, dona Regina e dona Raimunda. Com efeito, na memória do passado familiar – ao menos *dos Milton*, mas acredito que não só – as mulheres tendem a se sobressair, configurando histórias familiares centradas em mulheres.[47]

Dona Regina, viu-se, não trazia consigo um grupo de parentes de origem. Embora durante sua vida tivesse estabelecido uma rede de compadres e de parentes indígenas (mansos), ela e a filha Mariana operavam como um grupo doméstico autônomo, e eram, do ponto de vista de dona Regina, uma família: dona Mariana não se cansa de repetir que a mãe a considerava sua única parente. A união de dona Regina com o pai de dona Mariana foi efêmera, tendo logo ela migrado para outro local e tido outros companheiros.

Seu Milton, por seu lado, é filho de um índio de quem não há referências a um grupo de parentes anterior a união com dona Raimunda, a mãe de seu Milton. A história de Pedro Tibúrcio é mesmo nebulosa, a memória sobre ele é pouca, talvez por sua morte precoce; ele aparece como que saído do nada, o que não acontece com dona Regina, que tem uma rica história de captura e de vida na sociedade de seringal.

Acompanhando a infância e juventude de seu Milton e dona Mariana, nota-se que constantemente, na trajetória de ambos, relações de parentesco foram criadas e recriadas, ou receberam nova significação. O "padrasto" de seu Milton foi tornado "padrinho", um

---

[46] Note-se que em geral estão associadas a um patronímico.

[47] Por que isso ocorre? Podem haver diversas razões. Uma delas é o fato das mulheres serem geradoras, gestoras e guardiães do universo doméstico, onde as relações familiares mais duradouras são construídas e reconstruídas; ou porque são as mães o objeto primeiro e eterno de afeto por parte dos filhos, a geração que efetivamente consolida uma família ampliada; ou ainda porque poderia haver um recorte de gênero na transmissão da memória familiar; ou ainda porque dona Mariana é excelente narradora e seu desempenho bem

termo de tratamento derivado do compadrio; o primeiro "padrasto" de dona Mariana foi, na verdade, seu "pai de criação"; dona Raimunda também teve uma "madrinha" que a criou como "filha". Seu Milton tomou os "enteados" (filhos do primeiro casamento de dona Mariana) como seus "filhos legítimos", e estes o tratam por "papai". Com o "pai" biológico, contudo, os filhos de dona Mariana não conviveram. Por outro lado, os filhos e filhas em comum de seu Milton e dona Mariana devotam grande respeito e afeto tanto pelo "pai" quanto pela "mãe".

Laços de parentesco recebidos e com um conteúdo prescritivo (como "padrasto" e "enteado", ou "pai" e "filho") são modificados e recriados por atos e escolhas. As ações das pessoas, embora realizadas a partir de uma estrutura na qual elas foram colocadas, têm o poder de modificar, recriar e engendrar relações, caracterizando o parentesco entre seringueiros como uma estrutura fortemente performática.[48] Não é ser "pai" que resulta nos atos apropriados, mas agir apropriadamente que torna alguém pai. Serão ações que também criarão a possibilidade de que cunhados e cunhadas, genros e noras possam integrar a estrutura de uma *família ampliada*.

Acredito que o sucesso em criar, recriar e em dar novos significados às relações de parentesco assentou-se fundamentalmente em sentimentos e afetos existentes entre as pessoas. E é a afetividade que vai permitir, por exemplo, que relações entre parentes afins sejam consanguinizadas e sedimentadas enquanto tais – caso do "padrinho" Meruoca que agia como um "pai". É a afetividade, construída ao longo da convivência e de ações

---

mais eficaz do que o dos demais no sentido de produzir uma versão da história em que a figura de sua mãe se sobressai.

[48] Refiro-me aqui à formulação de Marshall Sahlins sobre "estruturas prescritivas" e "estruturas performativas". "Nas ciências sociais", diz o autor, "geralmente damos prioridade às formas sociais sobre as práticas a elas associadas, e apenas nessa direção: o comportamento dos grupos envolvidos derivando de uma relação preexistente". Este é o terreno das "estruturas prescritivas", ou seja, formas sociais que geram relações

apropriadas, que vai dar a base subjetiva para que as pessoas façam coisas em conjunto, se solidarizem sempre que necessário, e assumam riscos uns pelos outros – como ocorreu no conflito na igreja da Restauração.

Finalmente, chamaria atenção para o fato de que *famílias ampliadas* não atuam como tais todo o tempo. No dia-a-dia, o que se observa são trocas ocorrendo entre alguns dos grupos domésticos aparentados, os filhos individualmente procurando o pai para tomar alguma decisão mais relevante, visitas entre irmãs e cunhadas, e assim por diante. Os grupos domésticos de uma *família ampliada*, no seu cotidiano, têm autonomia, estabelecendo trocas e convivência com vizinhos e parentes mais próximos ou de sua preferência. Mas há momentos em que a *família ampliada* é claramente visível. São nas ocasiões em que ela age enquanto tal, como um grupo corporado, em defesa de seus membros e interesses. Esses momentos são fundamentalmente políticos, isto é, aqueles em que oposições estão claramente colocadas.[49]

Os Milton, deve ter ficado claro, agiram como uma coalização política de parentes – como uma parentela – no momento do confronto com os patrões na igreja da Restauração. A *família ampliada* define-se também, portanto, por sua dimensão política, isto é, um grupo cujo principal patrimônio são seus próprios integrantes e sua coesão e solidariedade internas.[50] No dia do conflito, *os Milton* eles contaram ainda com a adesão de outros grupos de parentes, como os *irmãos Nascimento*, o primo Zé Lopes e outros de seus irmãos, e os

---

e ações. Nas estruturas performativas, ao contrário, é a ação das pessoas cria a relação adequada. Cf. Sahlins, 1994, p. 12.

[49] Quando seu Milton e filhos reúnem-se nas sessões com Cipó, é quase possível vê-los como uma *família ampliada*: pai e filhos, num culto familiar, embora nem sempre liderado pelo pai; filhos também poderão estar no comando.

[50] O conceito de *família ampliada* é uma síntese de elementos da noção de "kindred" (Freeman, 1968), de "casa" e "casa extensa"(Almeida, 1999b e Almeida, 1993) e de "parentela" (Pereira de Queiroz, 1975), combinada a formulações feitas, a partir da minha pesquisa de campo, com ênfase na performance e na afetividade.

irmãos de Chico Ginu – a "parentagem", ou seja, uma rede de grupos domésticos – basicamente de primos – aparentados. [Mapa de Parentesco 20]

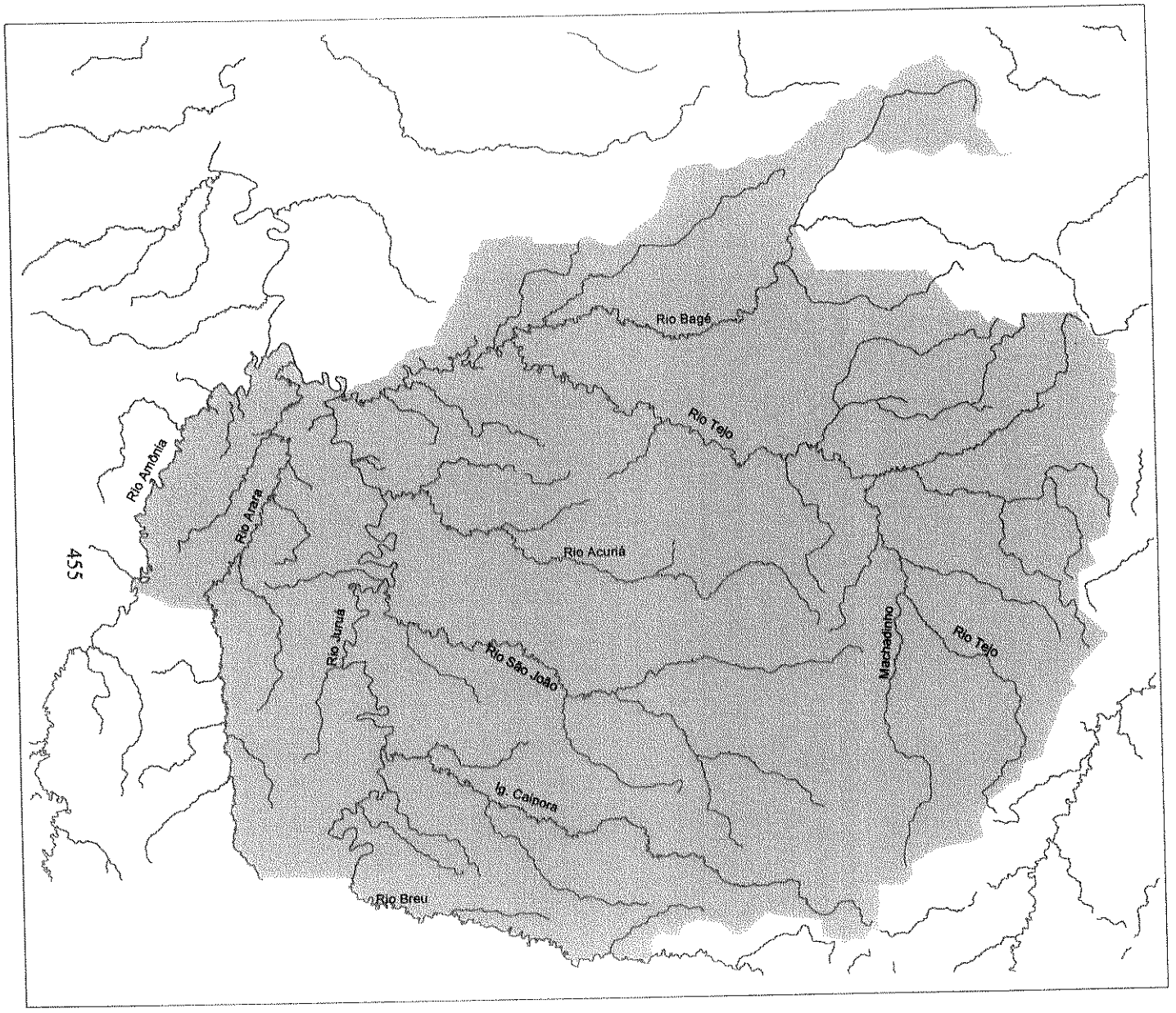
*

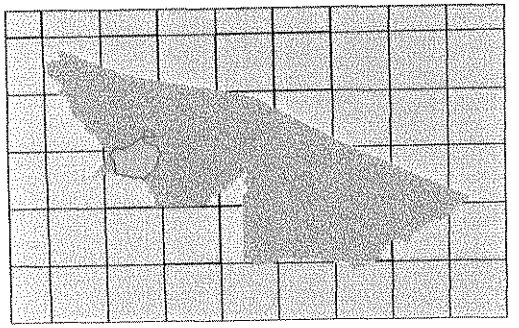
* *

Num certo sentido, *os Milton* são uma fabricação minha para discutir família e relações de parentesco no seringal. Foi no campo da política que os enxerguei enquanto grupo nominado. O que existia antes? Talvez seu Milton e filhos como um grupo de parentes conhecidos ("os caboclos do Milton", o "Milton caboclo"), além de também existirem em realidade, ou seja, eram pessoas de carne e osso, agindo e conformando um grupo ligado pela linguagem do parentesco. Mostrei como tais grupos se constróem por meio de atos afetivos, ou seja, como o parentesco é produzido por performances. O patronímico "Milton" é um exemplo da nominação de um grupo pelos "outros" – um reconhecimento coletivo da consolidação do grupo na sociedade.

Mapa 1 – O Estado do Acre no Brasil

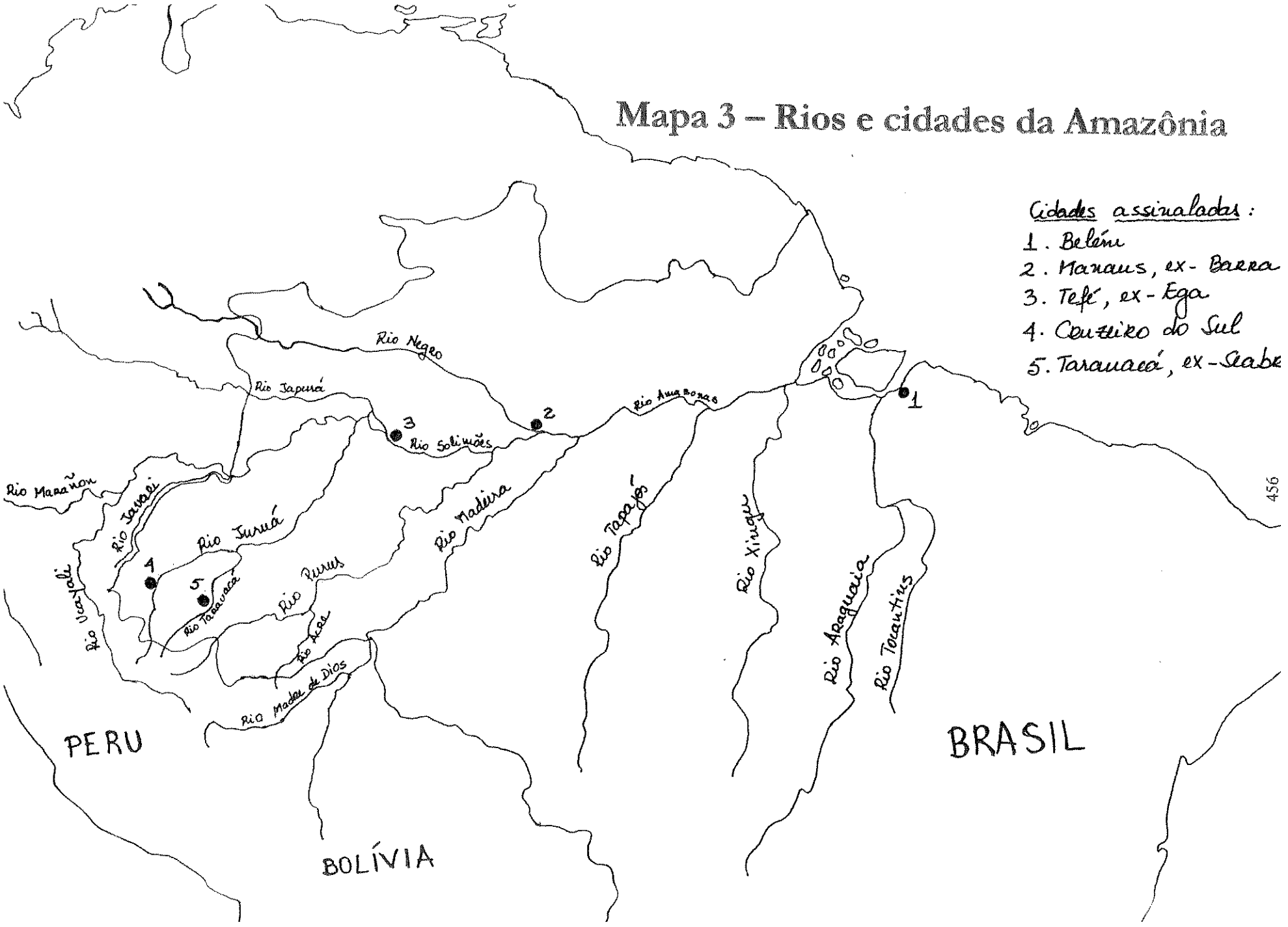
Mapa 2
Reserva Extrativista do Alto Juruá



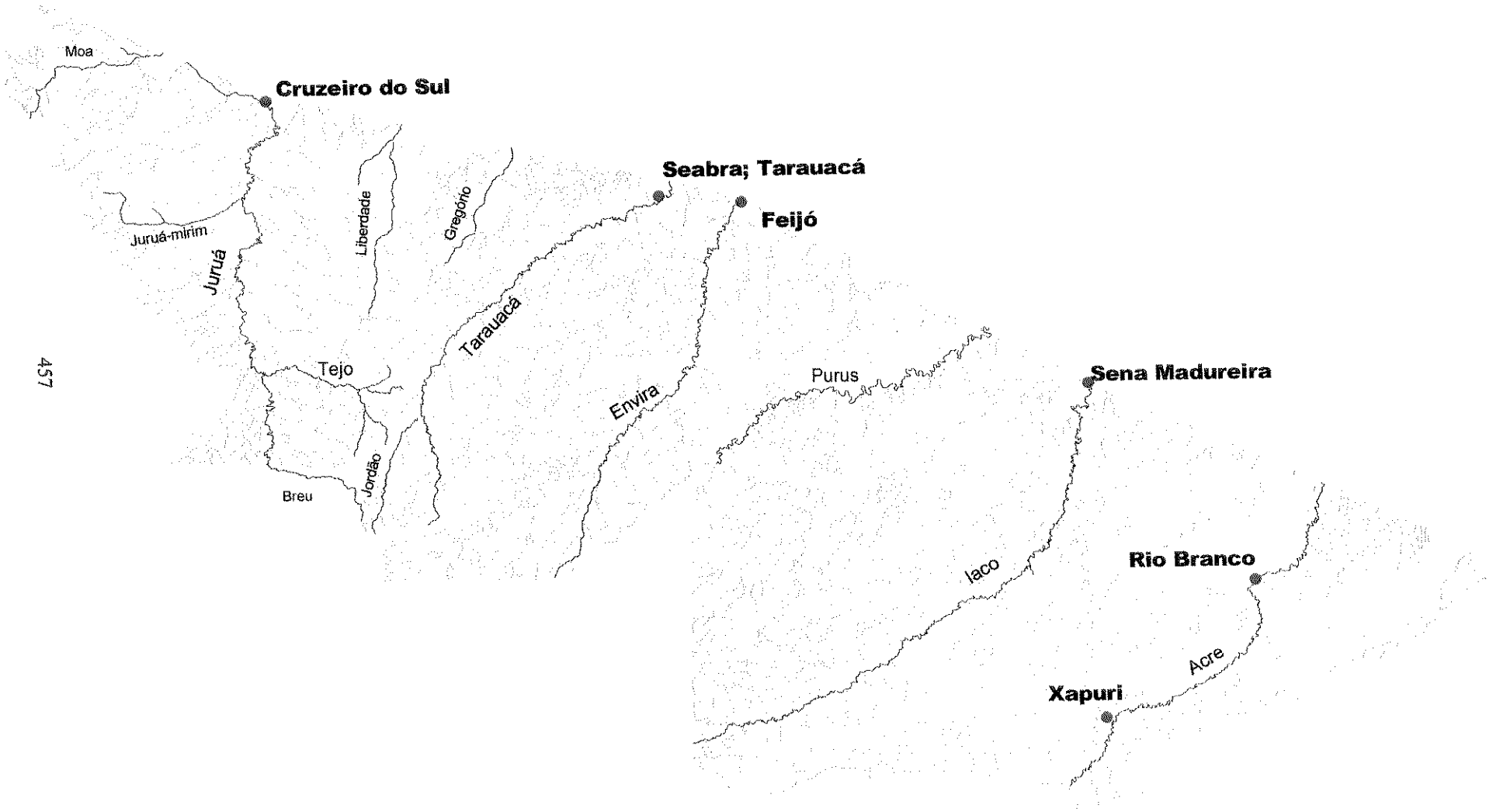


Fonte: Projeto de Pesquisa e Monitoramento da Reserva Extrativista do Alto Juru

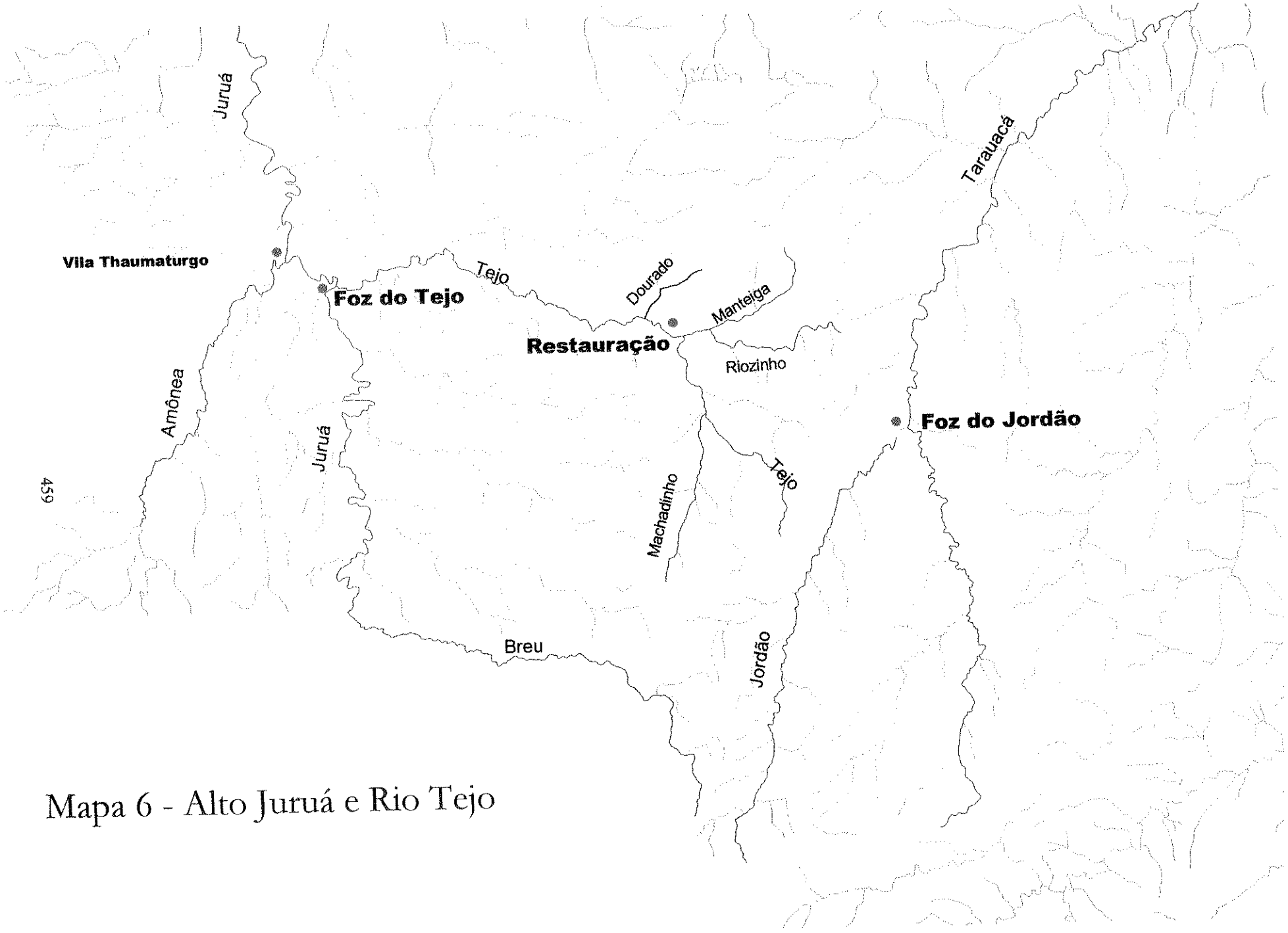
Mapa 3 – Rios e cidades da Amazônia



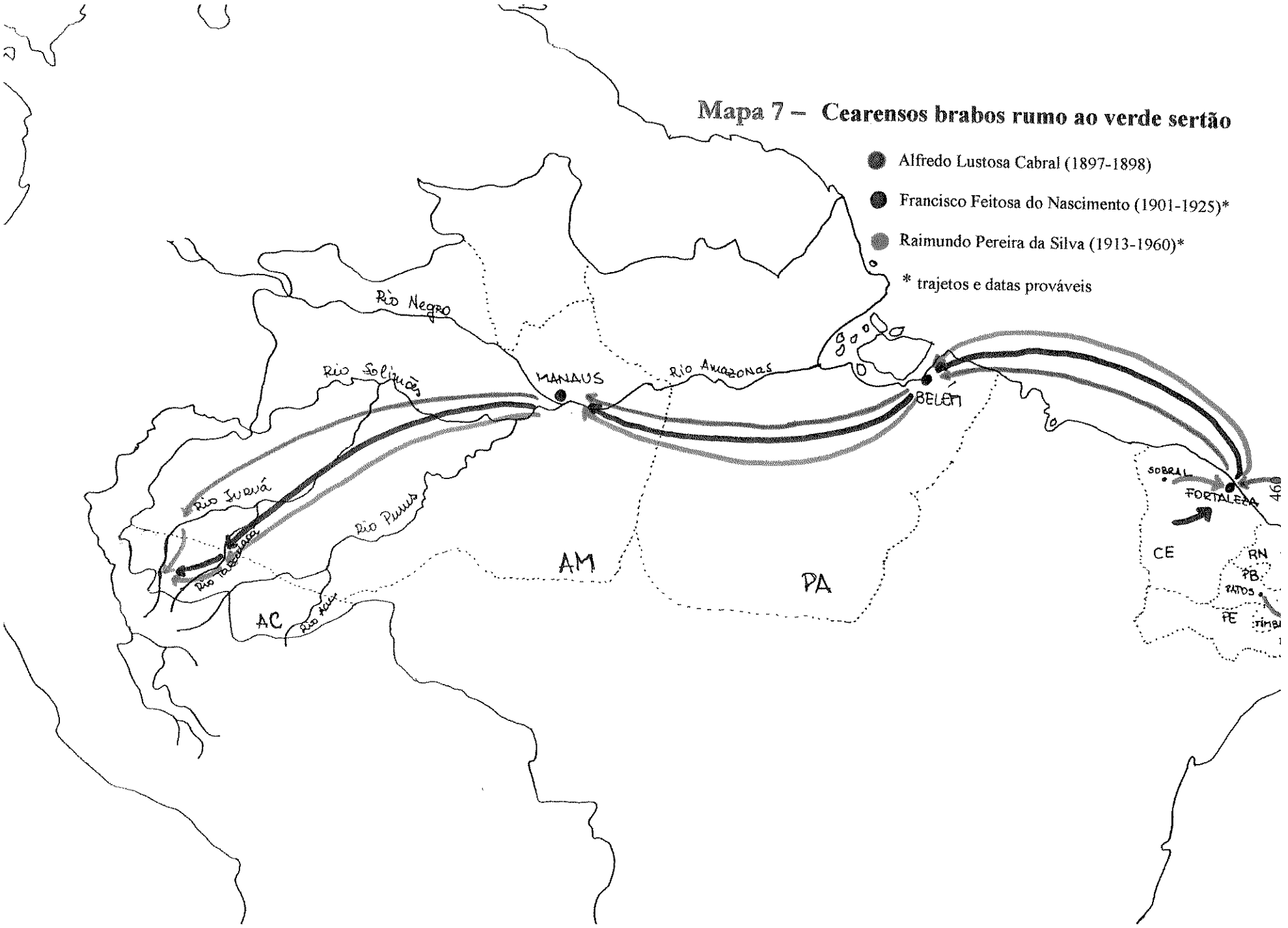
Mapa 4 - Rios e Cidades do Acre

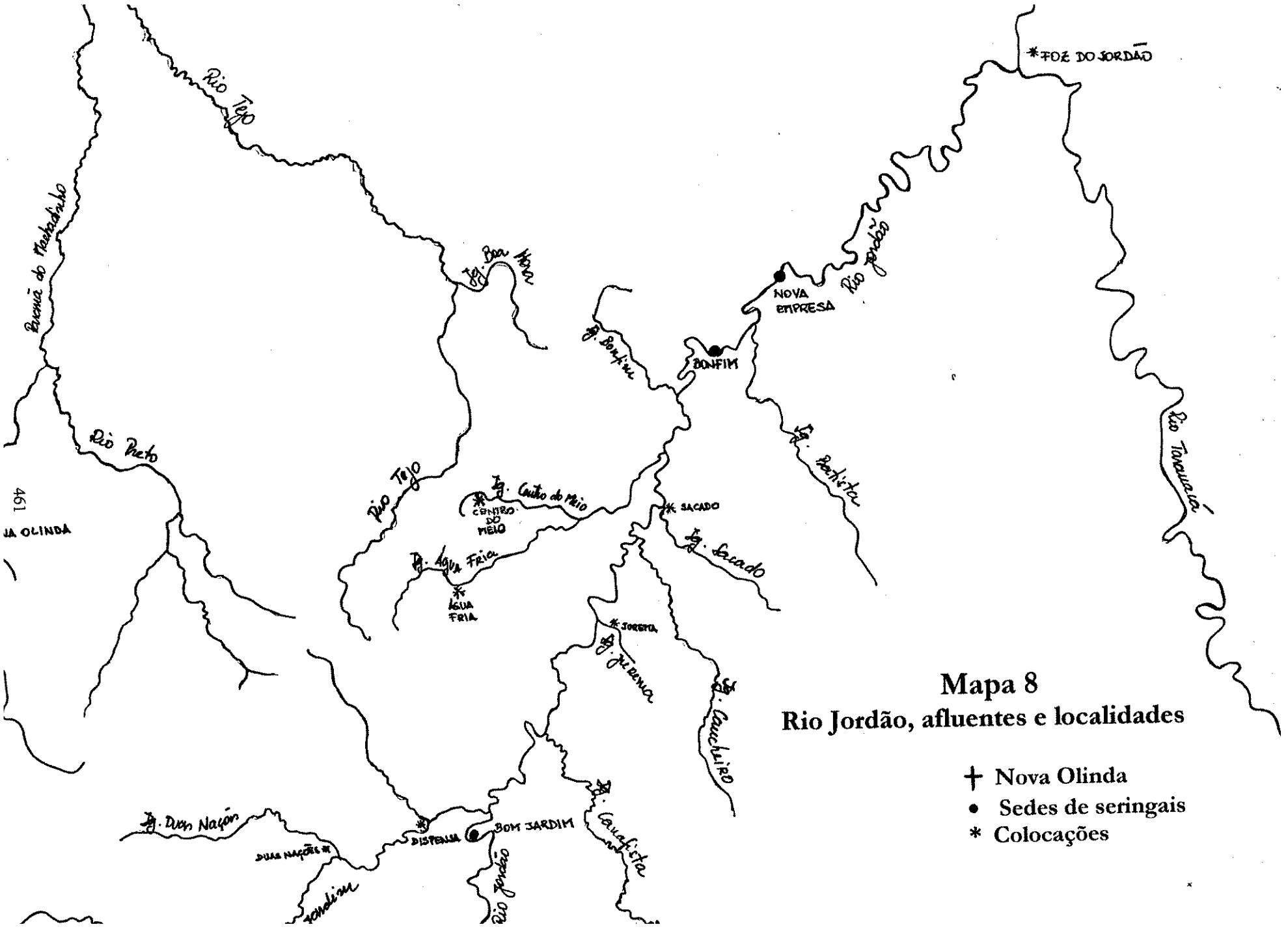


Mapa 5 - Rios e Cidades do Vale do Juruá



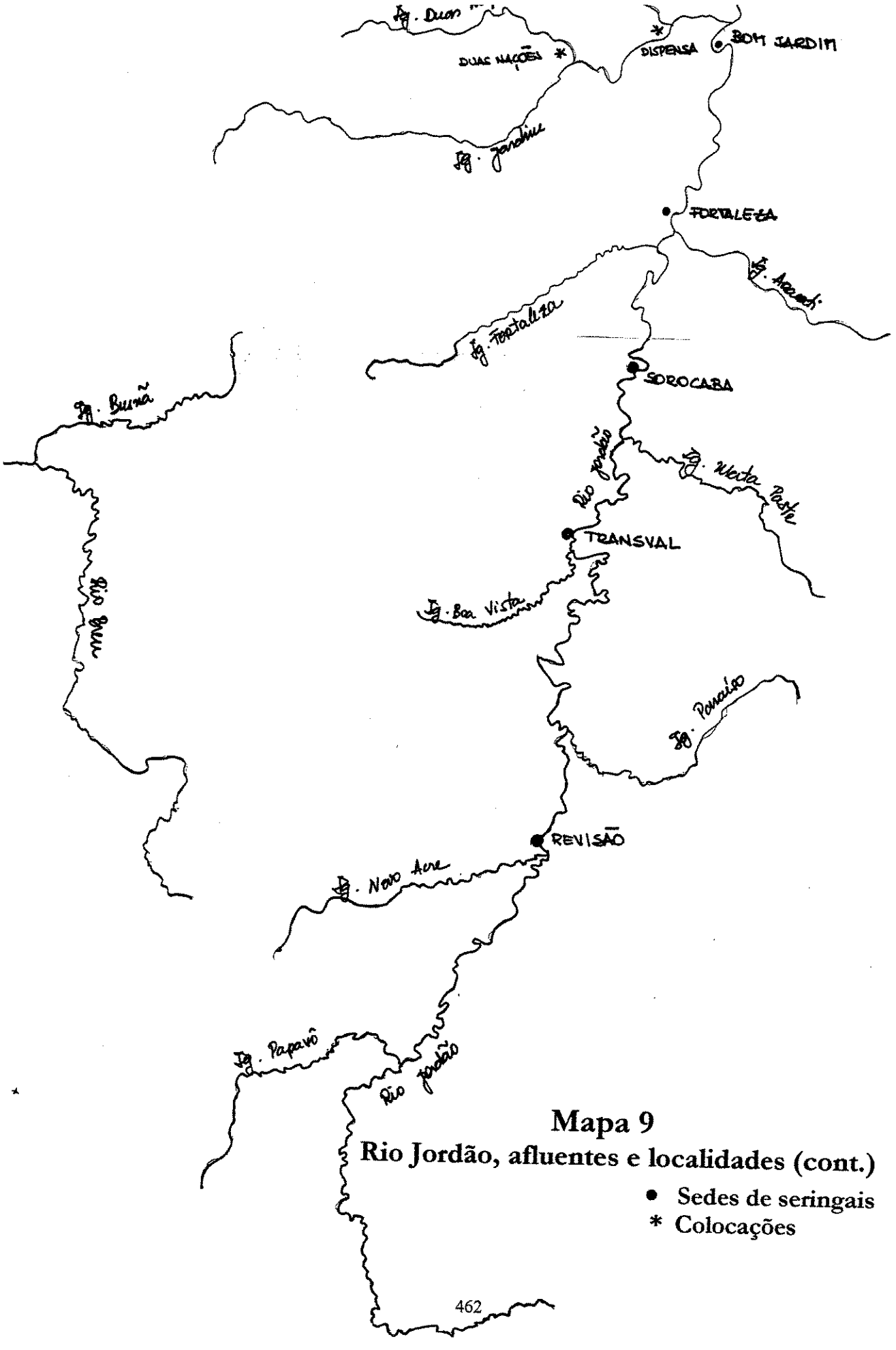
Mapa 6 - Alto Juruá e Rio Tejo


Mapa 7 – Cearensos brabos rumo ao verde sertão
Alfredo Lustosa Cabral (1897-1898)
Francisco Feitosa do Nascimento (1901-1925)*
Raimundo Pereira da Silva (1913-1960)*
* trajetos e datas prováveis
Rio Negro
Rio Solimões
MANAUS
Rio Amazonas
BELÉM
Rio Juruá
Rio Purus
Rio Tarauacá
Rio Acre
AC
AM
PA
SOBRAL
FORTALEZA
CE
RN
PB
PE
PATOS



Mapa 8
Rio Jordão, afluentes e localidades

+ Nova Olinda
• Sedes de seringais
* Colocações

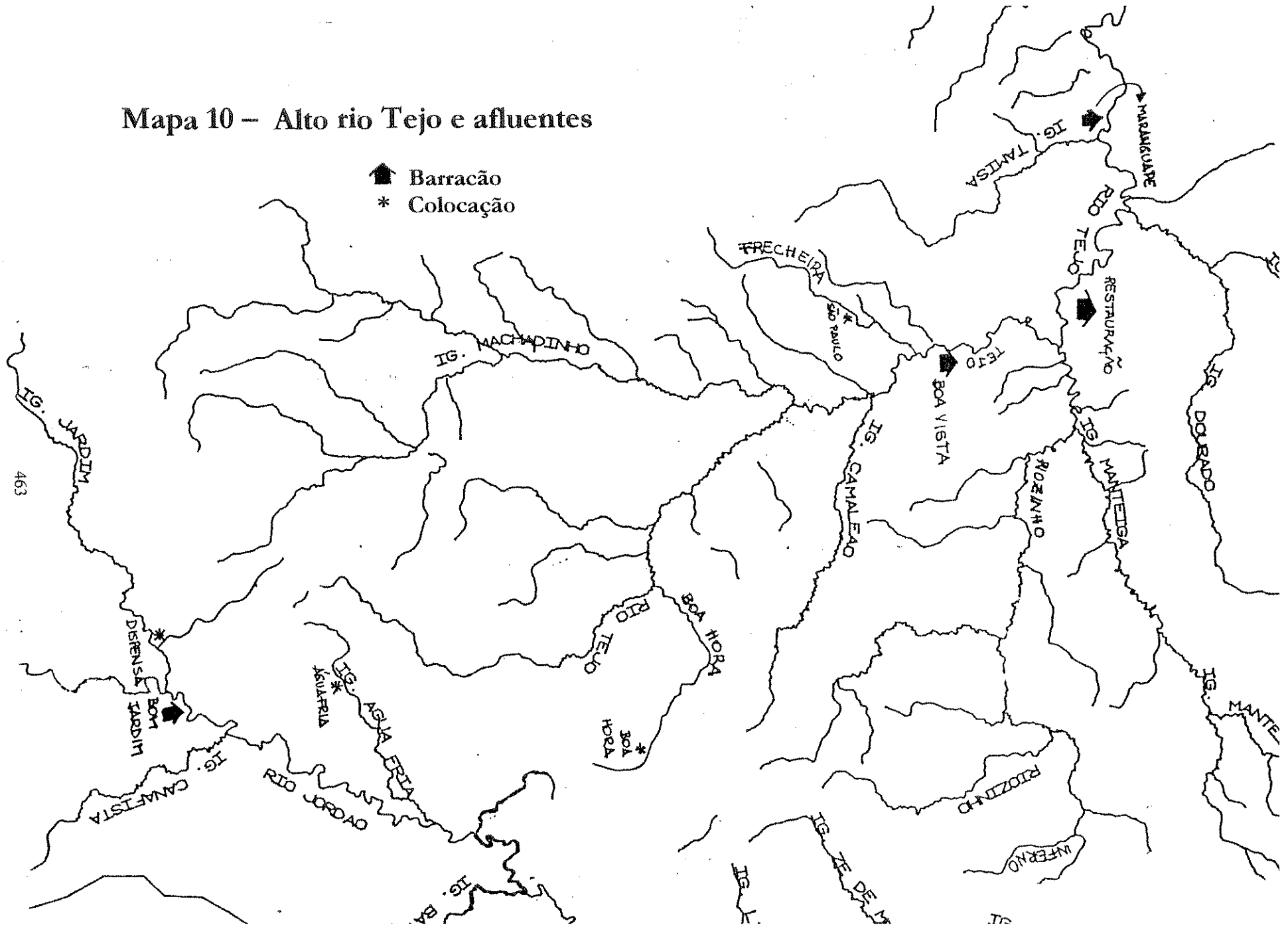


Mapa 9

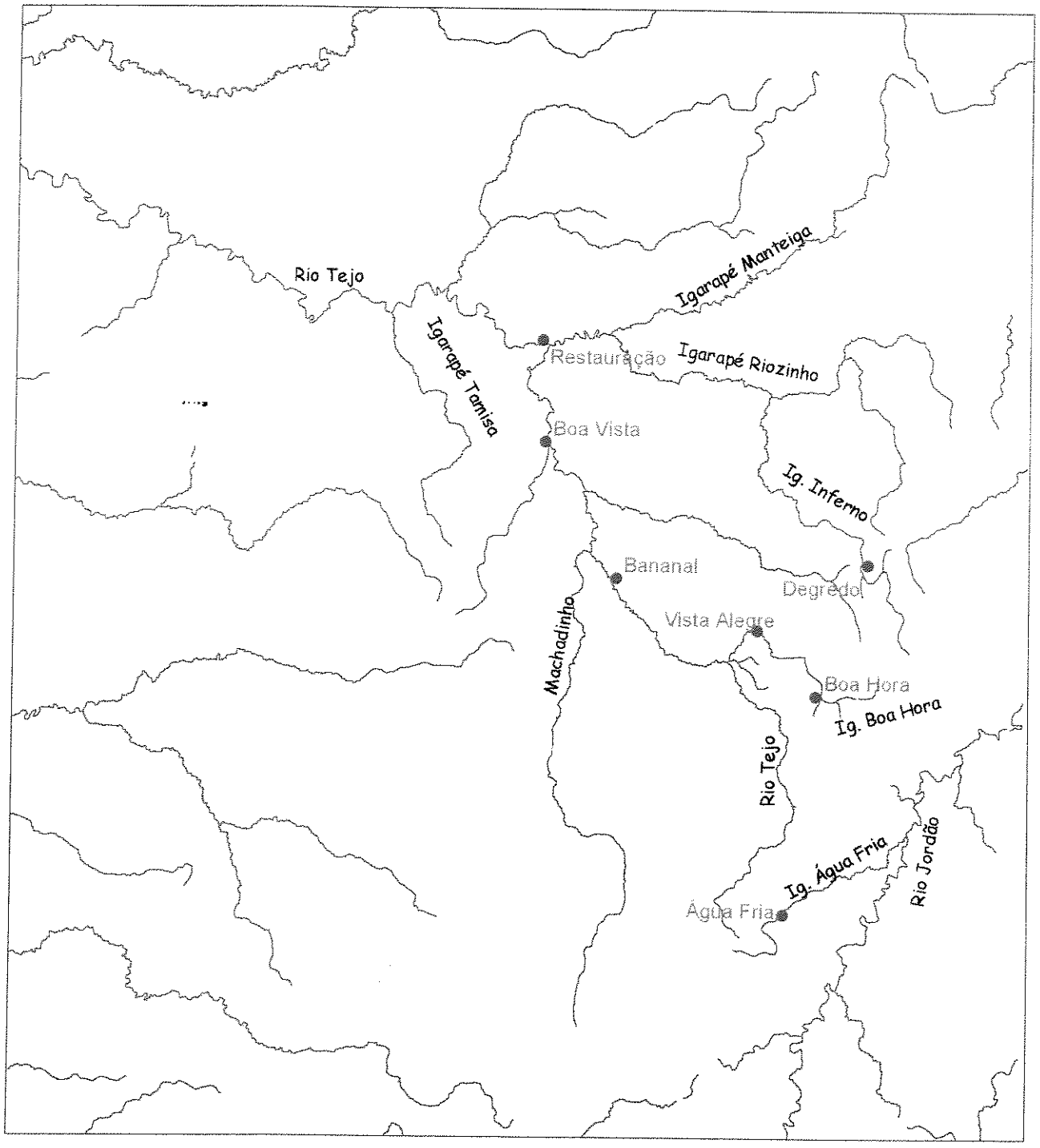
Rio Jordão, afluentes e localidades (cont.)

- Sedes de seringais
- * Colocações

Mapa 10 – Alto rio Tejo e afluentes

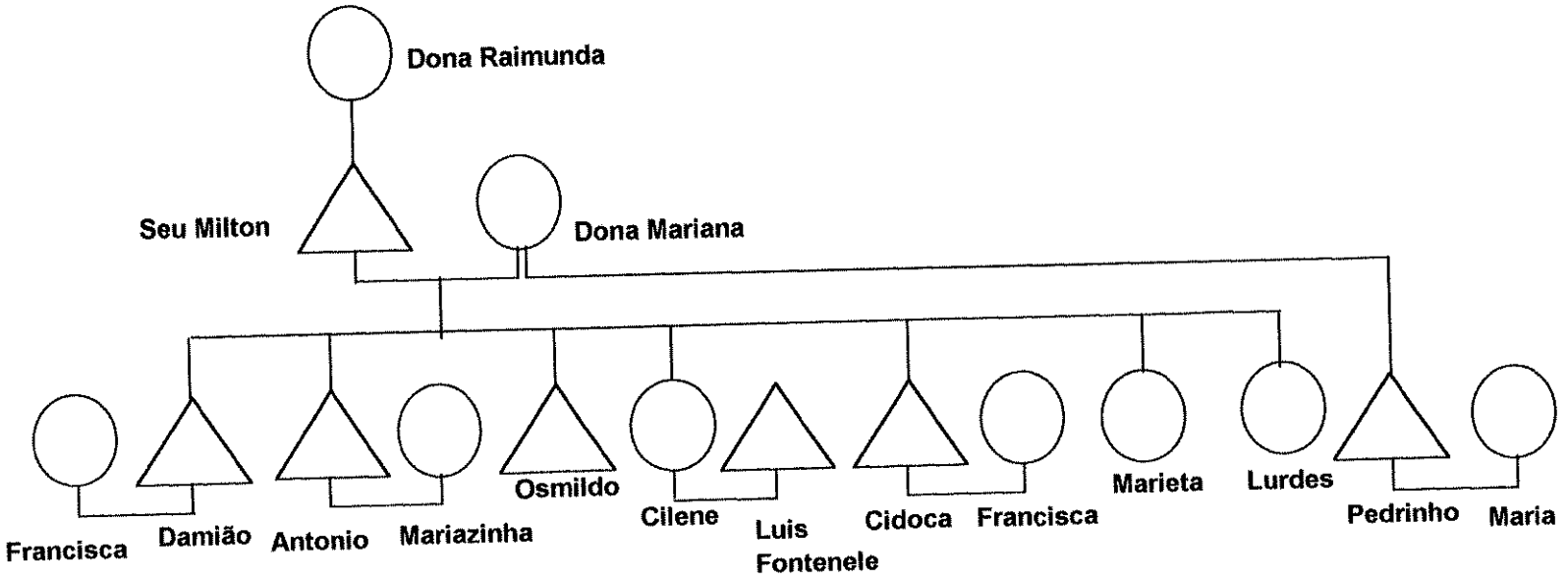


Mapa 11 - Locais de Moradia de Seu Milton e Dona Mariana

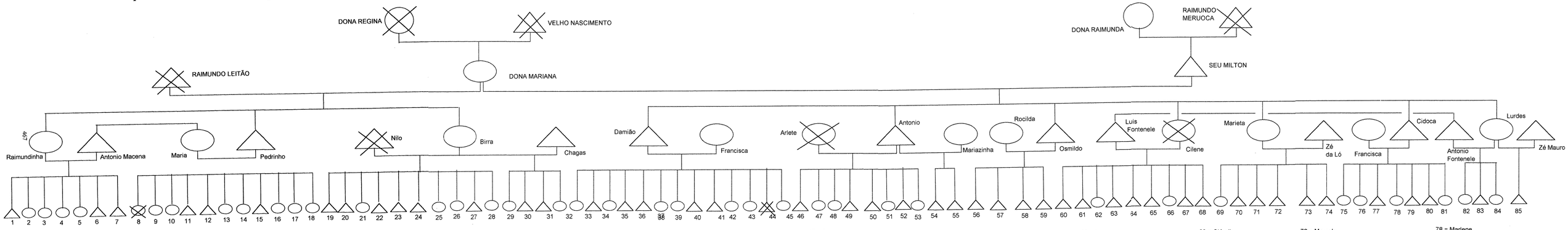


Período	Nome da Colocação
1953 - 1955	Água Fria
1955 - 1957	Boa Hora
1957	Bananal
1958	Boa Vista
1959 - 1964	Vista Alegre
1965 - 1994	Restauração
1984 - 1988 (safras)	Degredo

Mapa de Parentesco 1: *os Milton*, colaboradores deste trabalho



Mapa de Parentesco 2: Genealogia extensa



1 = Antonio José
2 = Dôra
3 = Antonia
4 = Terezinha
5 = Maria
6 = Manuel

7 = José Francisco
8 = Nágila
9 = Aida
10 = Élida
11 = Fábio
12 = Rivelino

13 = Artemísia
14 = Ideone
15 = Everaldo
16 = Meire
17 = Adriana
18 = Mariana

19 = José
20 = João
21 = Maria
22 = Osmildo (Ô)
23 = Niraldo
24 = Iraldo
25 = Rosilene
26 = Lurdione

27 = Amiraldo
28 = Nirla
29 = Micaéli
30 = Júnior
31 = Antonio José
32 = Michéli

33 = Moísa
34 = Zico
35 = Lizanéti
36 = Roberto
37 = Giovani
38 = Geani

39 = Juciane
40 = Romário
41 = Jucimar
42 = Daniela
43 = Daniéti
44 = Raí

45 = Daiane
46 = Zézinho
47 = Graciela
48 = Gracilene
49 = Júnior
50 = Ronaldo
51 = Arlene
52 = Robson
53 = Gecirlene

54 = Marco Antonio
55 = Danilo
56 = Ebismarque
57 = Edemarque
58 = Enoque
59 = Elias

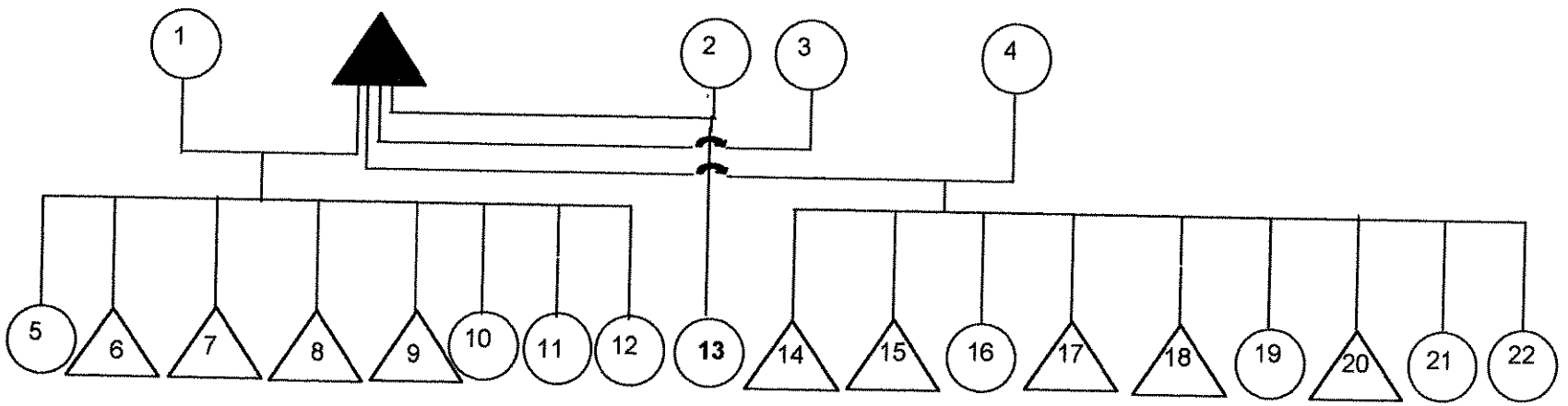
60 = Carlo
61 = Duílio
62 = Carlene
63 = Alexandre
64 = Alessandro
65 = Isaqui

66 = Cláudia
67 = Davi
68 = Izaqueu
69 = Gleice
70 = Moisés
71 = Mateus

72 = Marcelo
73 = Marcos
74 = Lucas
75 = Macliéia
76 = Macilene
77 = Zé

78 = Marlene
79 = Adriano
80 = Giliarde
81 = Raquel
82 = Claudete
83 = Alisson
84 = Carla

Mapa de Parentesco 3: Uniões, filhos e filhas do velho Nascimento

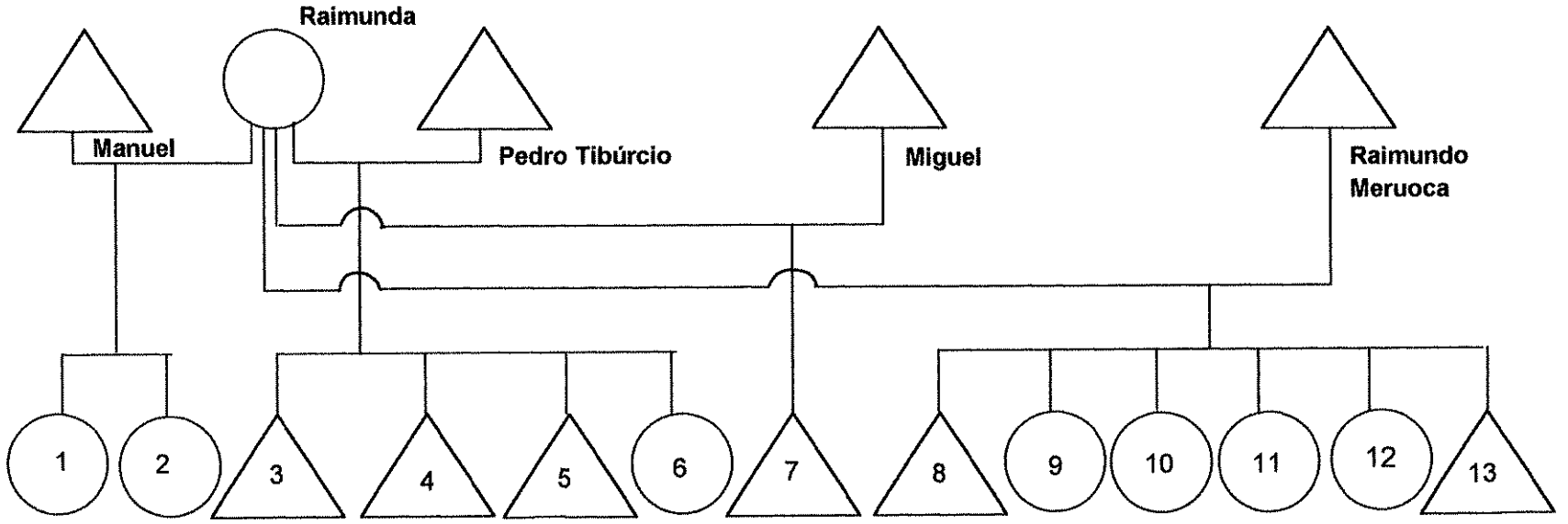


Ego = velho Nascimento

1 = Dona Nazaré
2 = Dona Regina
3 = Brígida
4 = Mariinha
5 = Mocinha
6 = Manuel Lopes
7 = Raimundinho
8 = Ondino
9 = Zé Grude
10 = Iaiá
11 = Zezé
12 = Rosinha
13 = Dona Mariana
14 = João Nascimento
15 = Chico Preto
16 = Lindaura
17 = Dival
18 = Luis
19 = Ozélia
20 = Ponchelo
21 - Adine
22 = Jocimar

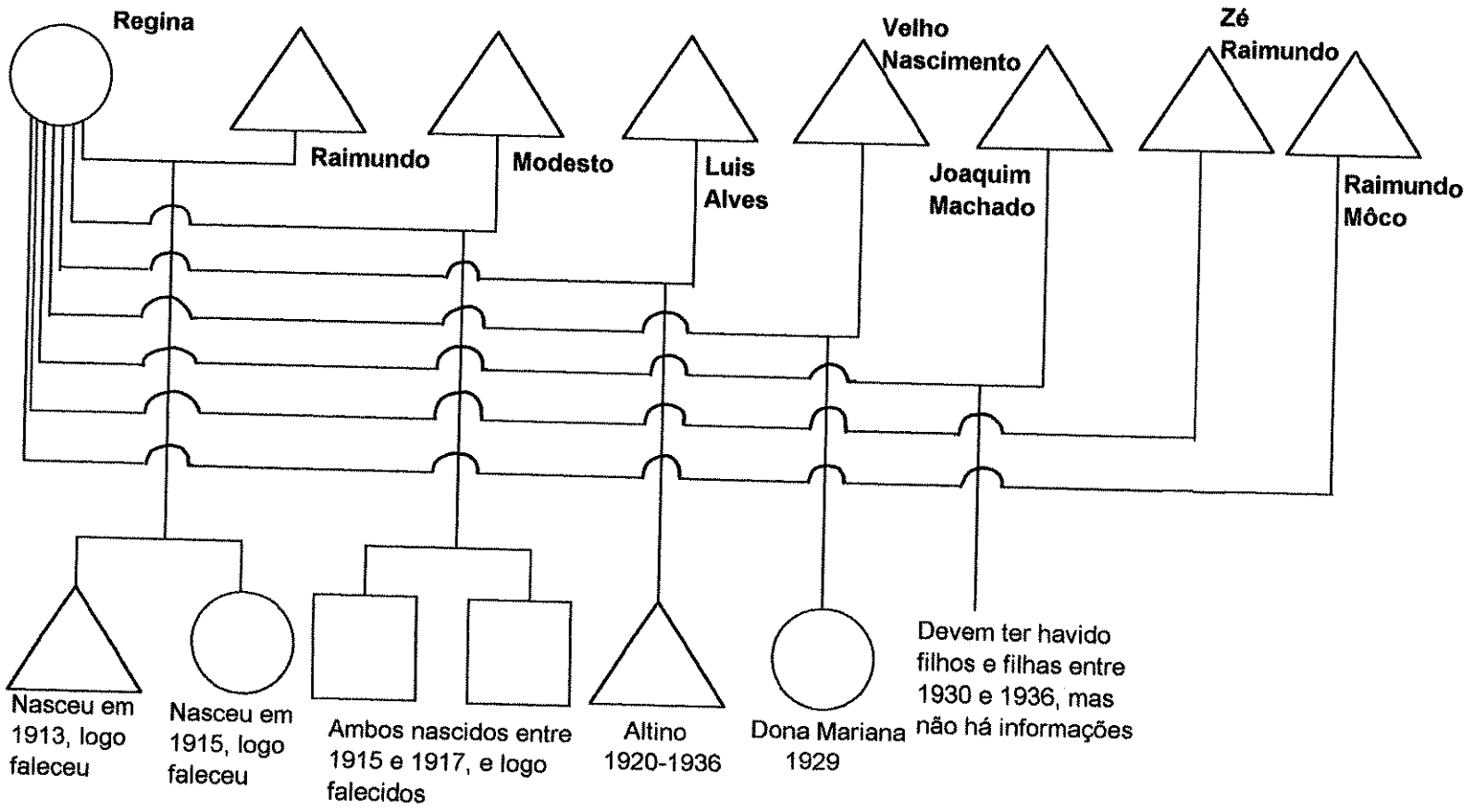
Obs.: Das pessoas acima, estavam vivas, em 1998, Zé Grude (em Tarauacá), Rosinha (em Cruzeiro do Sul), dona Mariana (na Restauração), Chico Preto (na Restauração), Lindaura (em Cruzeiro do Sul), Dival (em Cruzeiro do Sul), Luis (em Cruzeiro do Sul), Ozélia (em Porto Velho/RO), Ponchelo (em Porto Velho/RO), Adine (em Mâncio Lima) e Jocimar (em Porto Velho/RO).

Mapa de Parentesco 4: Uniões, filhos e filhas de dona Raimunda

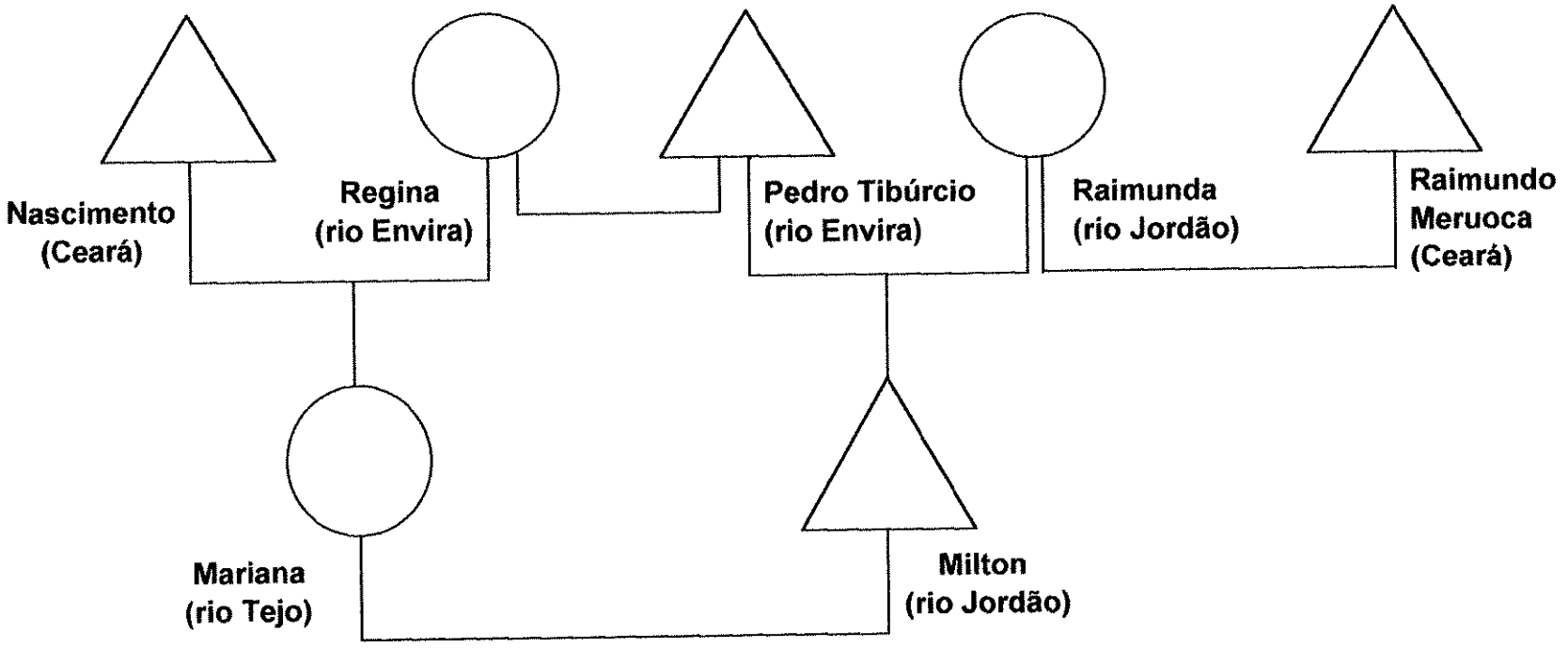


1 = Álbia (1929-1966)
2 = menina falecida aos 12 dias
3 = menino falecido c/ menos de 1 ano
4= Seu Milton
5 = Sebastião (1937-anos 70)
6 = menina falecida c/ 1 ano
7 = Manuel (1939-1946)
8 = Francisco (já falecido)
9 = Maria (já falecida)
10 = Raimunda (vive no rio Amônea)
11 = Marli (já falecida)
12 = Teresa (vive em Tarauacá)
13 = Antonio (vive na Foz do Tejo)

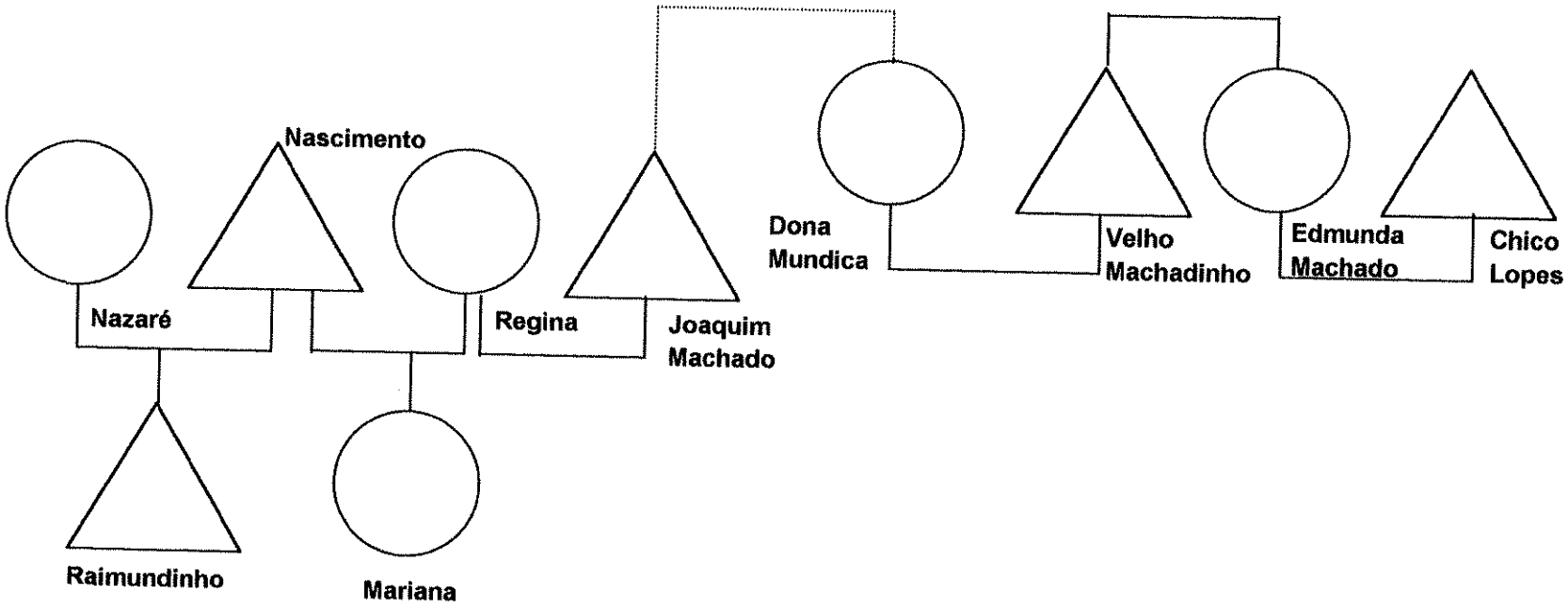
Mapa de Parentesco 5: Uniões, filhos e filhas de dona Regina



Mapa de Parentesco 6: Rede de parentesco: casamento e filiação (I)

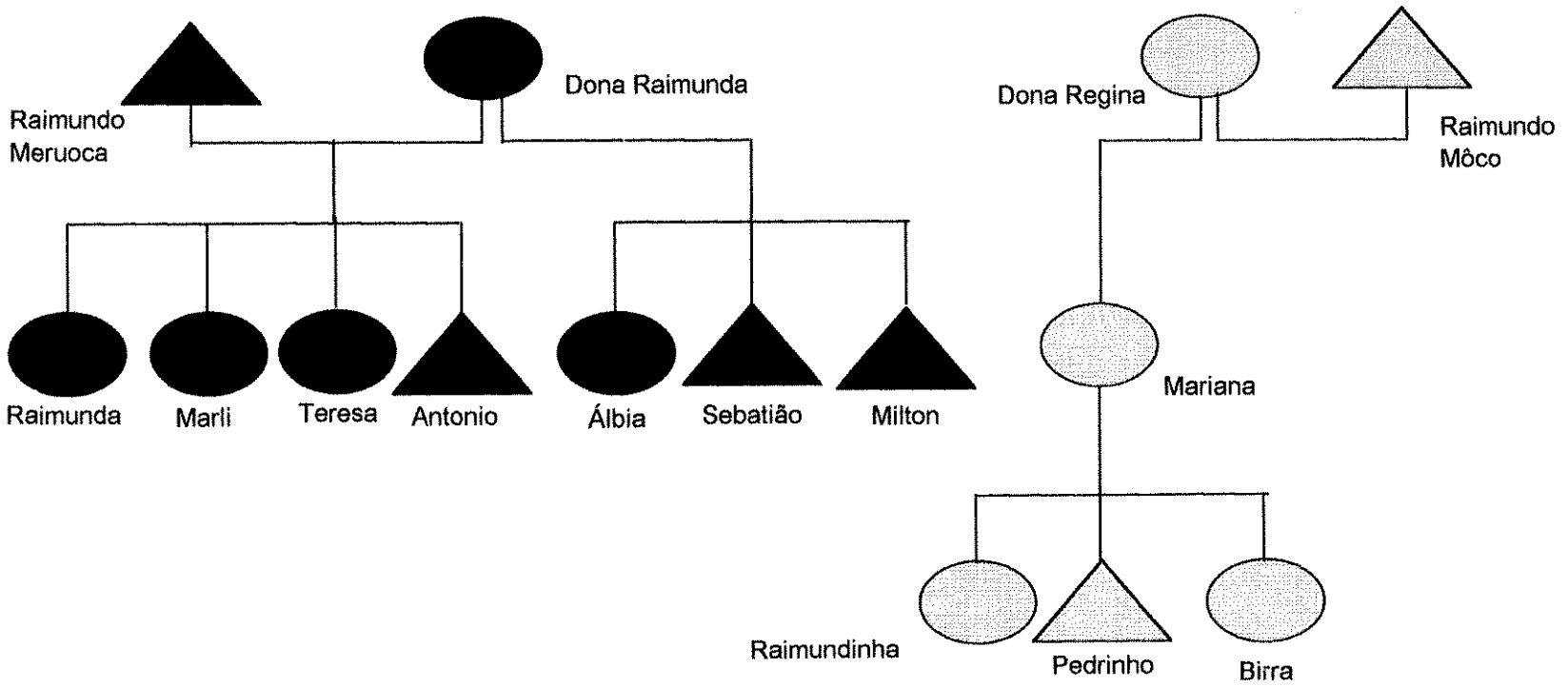


Mapa de Parentesco 7: Rede de parentesco: casamentos e filiação (II)



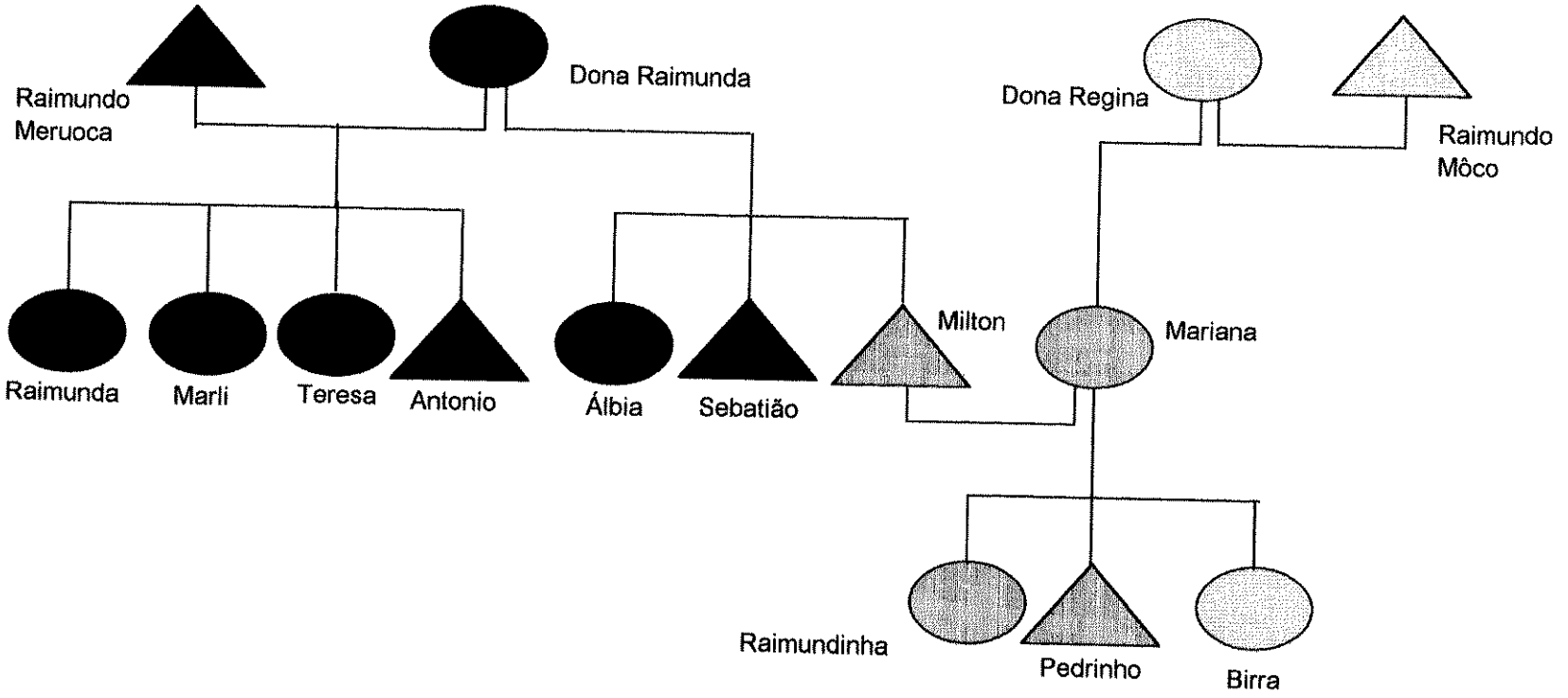
Observação:1. A linha pontilhada descreve a relação de afinidade, consanguinizada, entre Joaquim Machado e o velho Machadinho - eram "irmãos de criação"; 2. o desnível de geração entre ambos aponta para a grande diferença de idade entre eles; e 3. este Mapa de Parentesco está referido ao casamento de dona Mariana com Raimundo Leitão, que não aparece no Mapa. Nesta ocasião, em 1946, Nazaré e o velho Machadinho já eram falecidos.

Mapa de Parentesco 8: Água Fria, 1951-1953



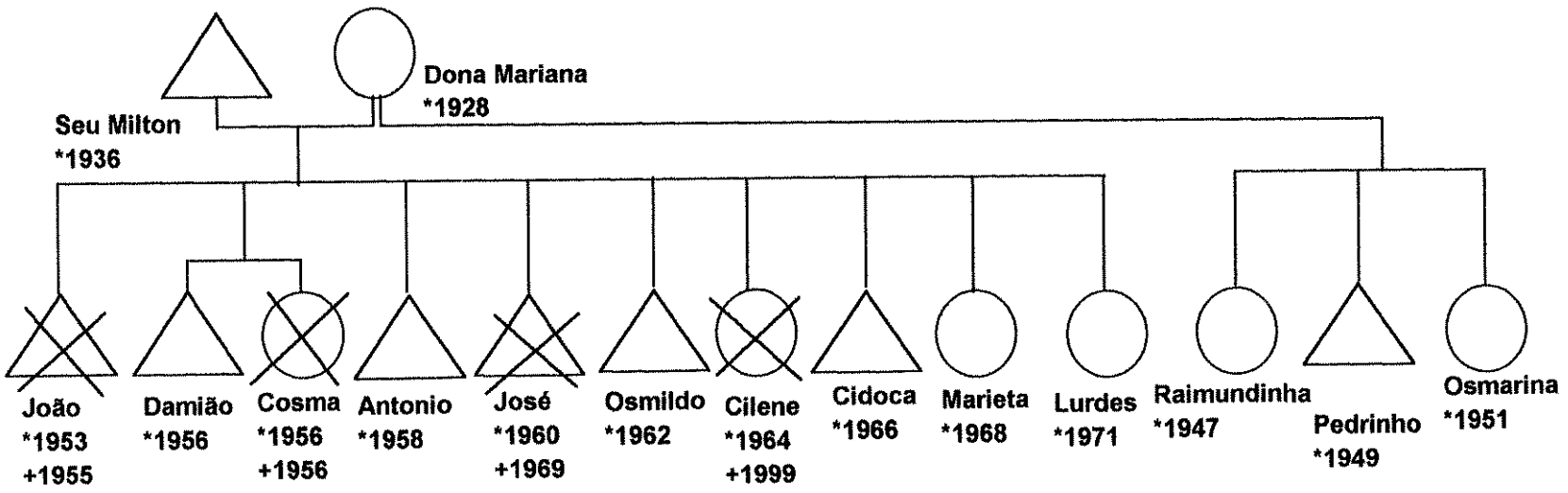
Observação: entre 1951 e 1953 havia duas casas na colocação Água Fria, a chefiada por Raimundo Meruoca (indicada pela cor preta), e a chefiada por Raimundo Môco (indicada pela cor cinza claro).

Mapa de Parentesco 9: Água Fria, 1954

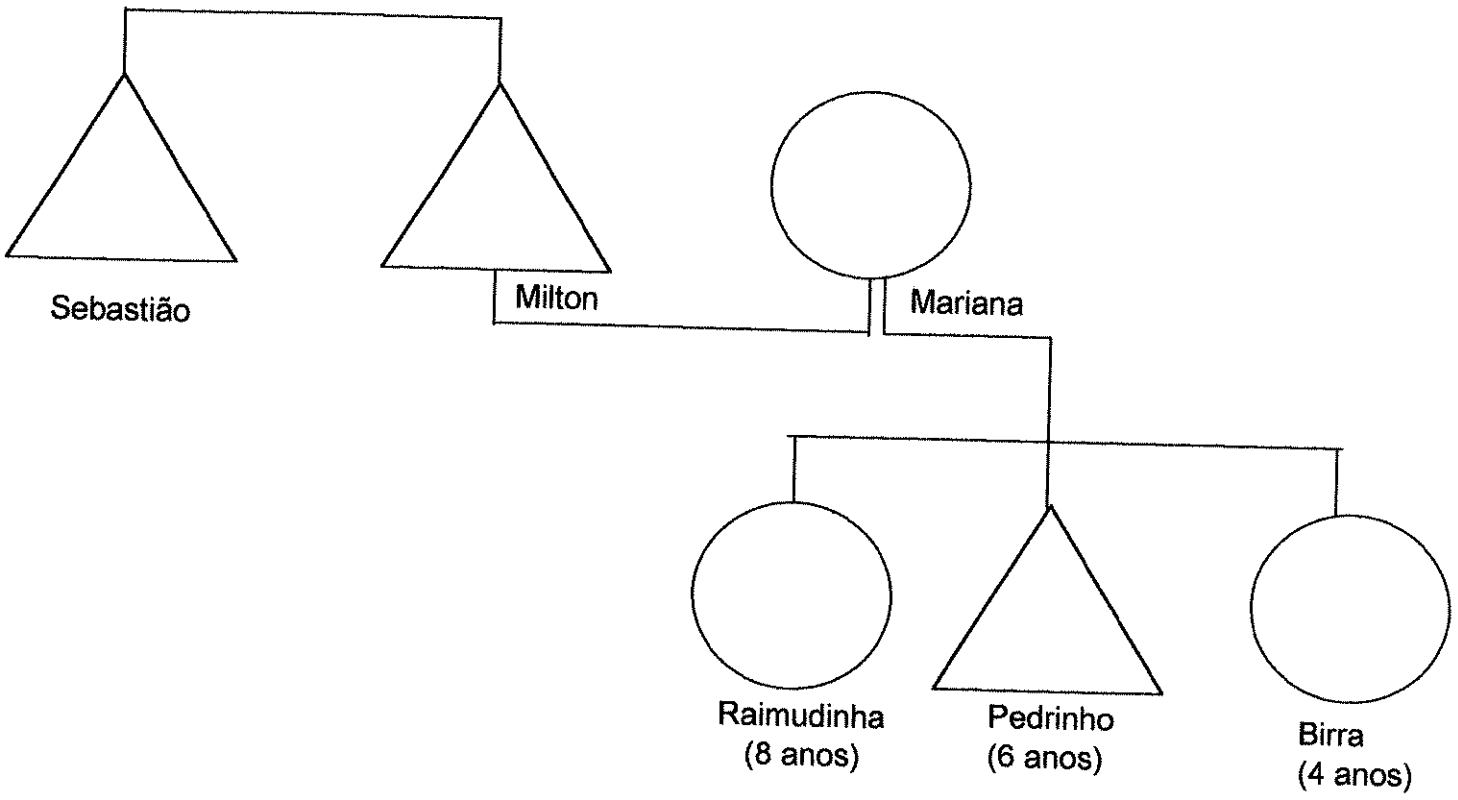


Observação: em 1954, eram três as casas na colocação Água Fria: a chefiada por Raimundo Meruoca (indicada pela cor preta), a chefiada por Raimundo Môco (indicada pela cor cinza claro) e a chefiada por Milton (indicada pela cor cinza escuro). Quando Mariana saiu da casa da mãe e do padrasto para ir morar com Milton, sua filha caçula, Birra, ficou com a avó.

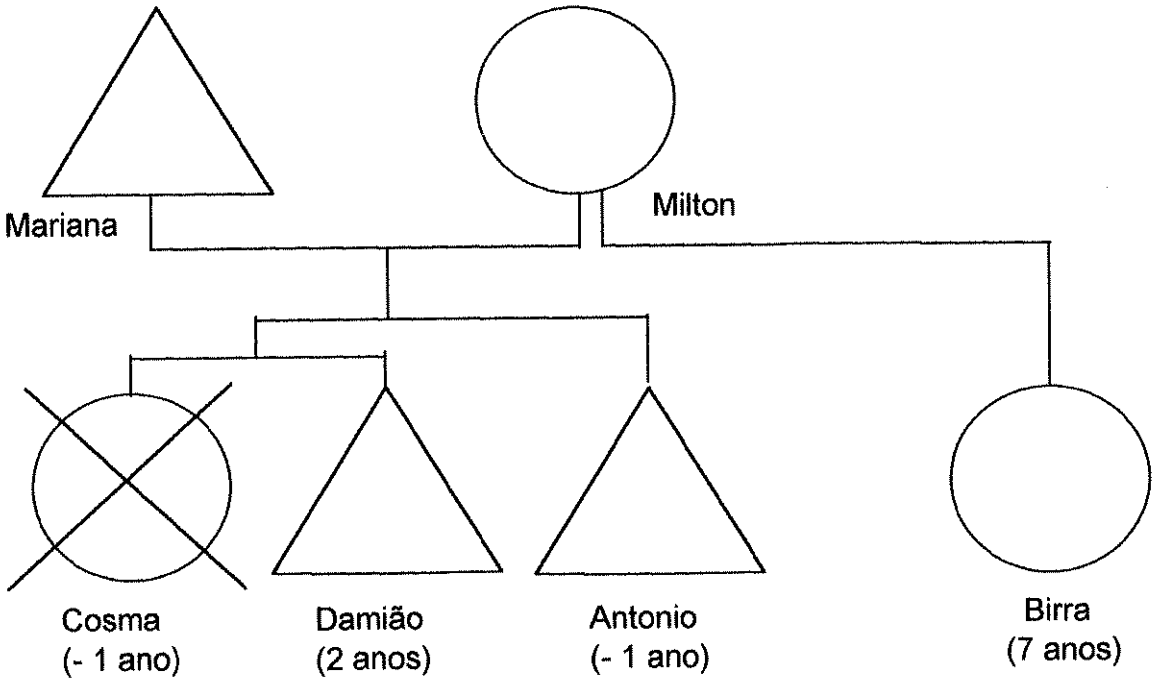
Mapa de Parentesco 10: Seu Milton, dona Mariana, filhos e filhas



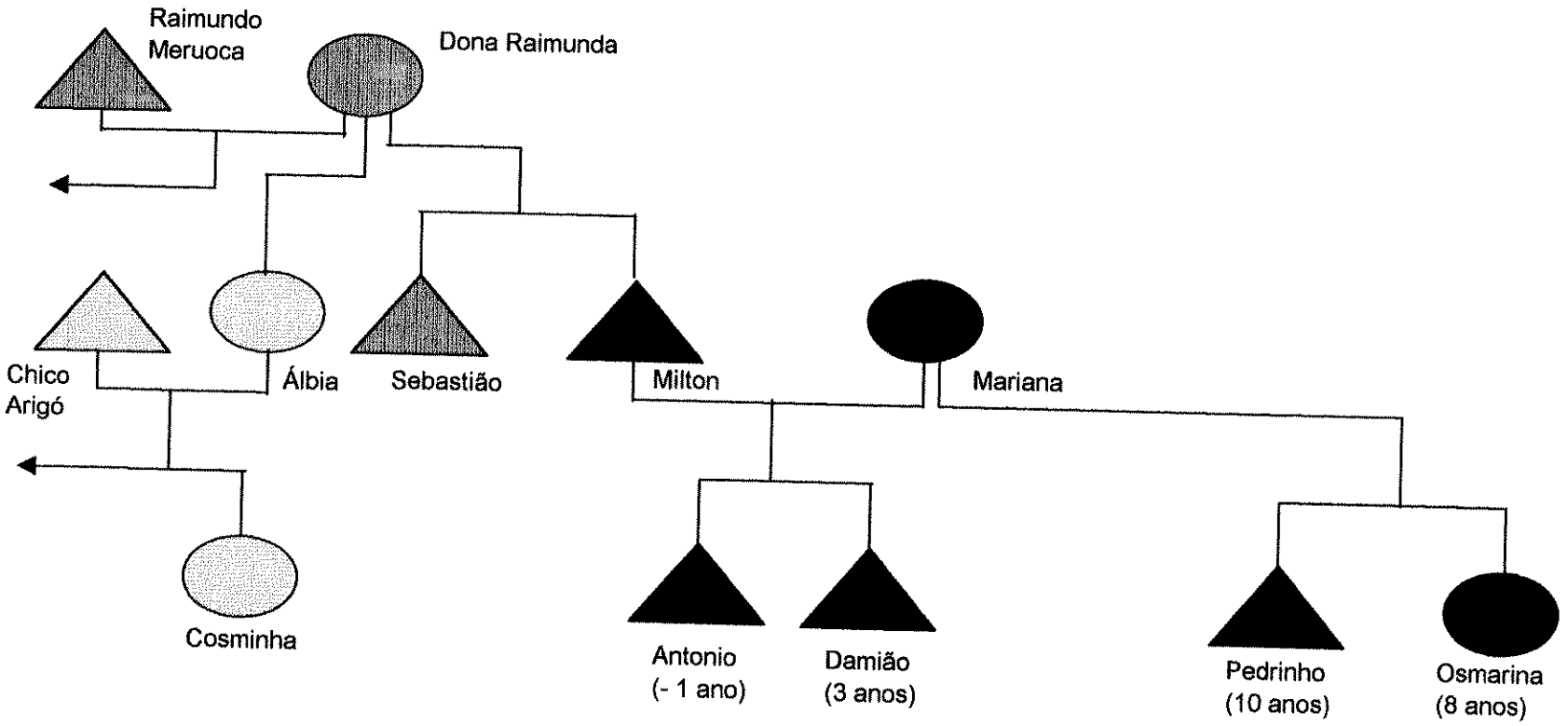
Mapa de Parentesco 11: Boa Hora, 1955



Mapa de Parentesco 12: Boa Vista, 1958

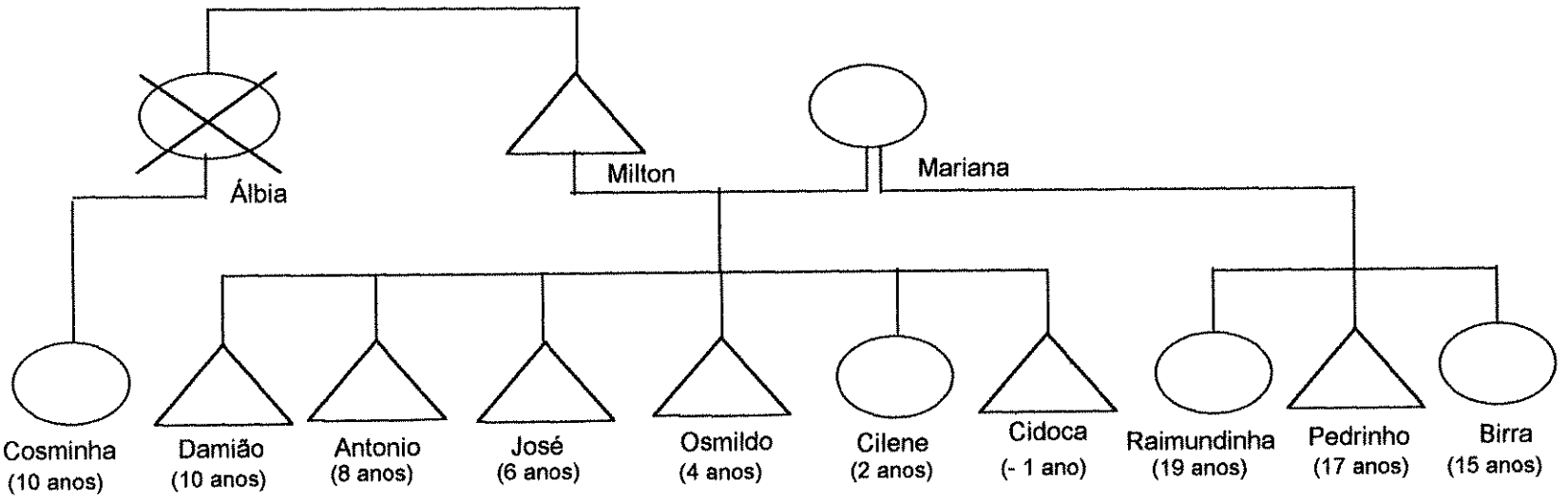


Mapa de Parentesco 13: Vista Alegre, 1959

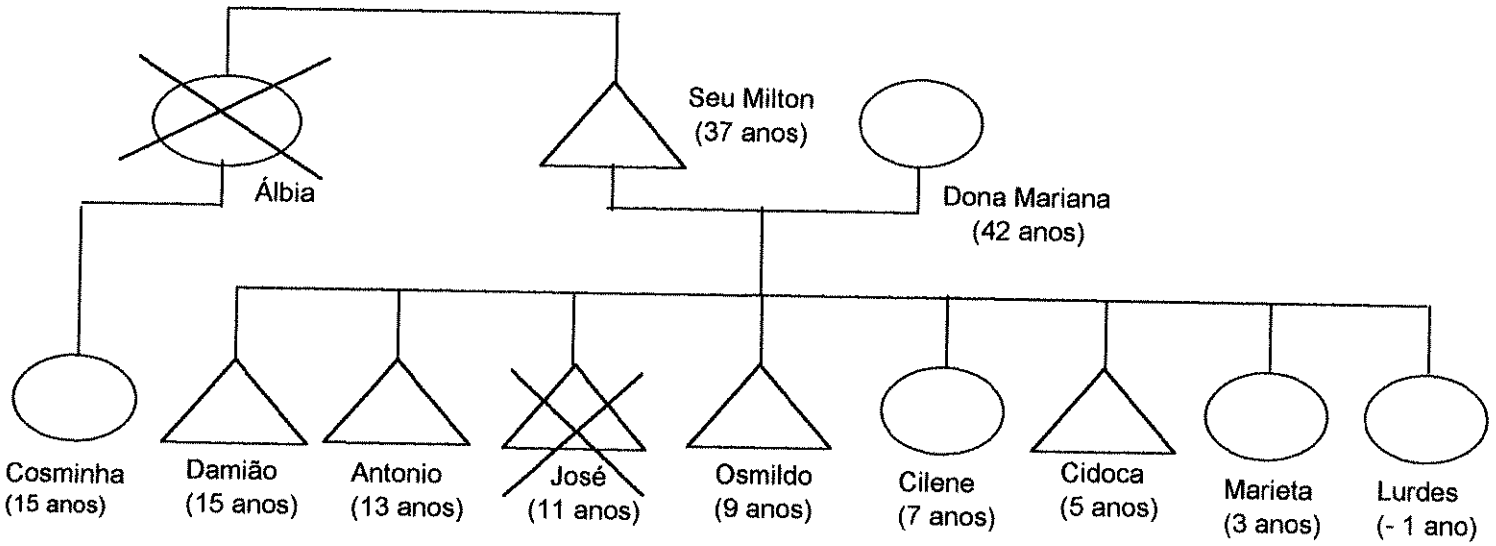


Observação: eram três os grupos domésticos na colocação Vista Alegre em 1960, indicados neste Mapa de Parentesco com diferentes tons (preto, cinza escuro e cinza claro). Cada uma das casas tinha os seguintes chefes de casa: Milton, Raimundo Meruoca e Chico Arigó.

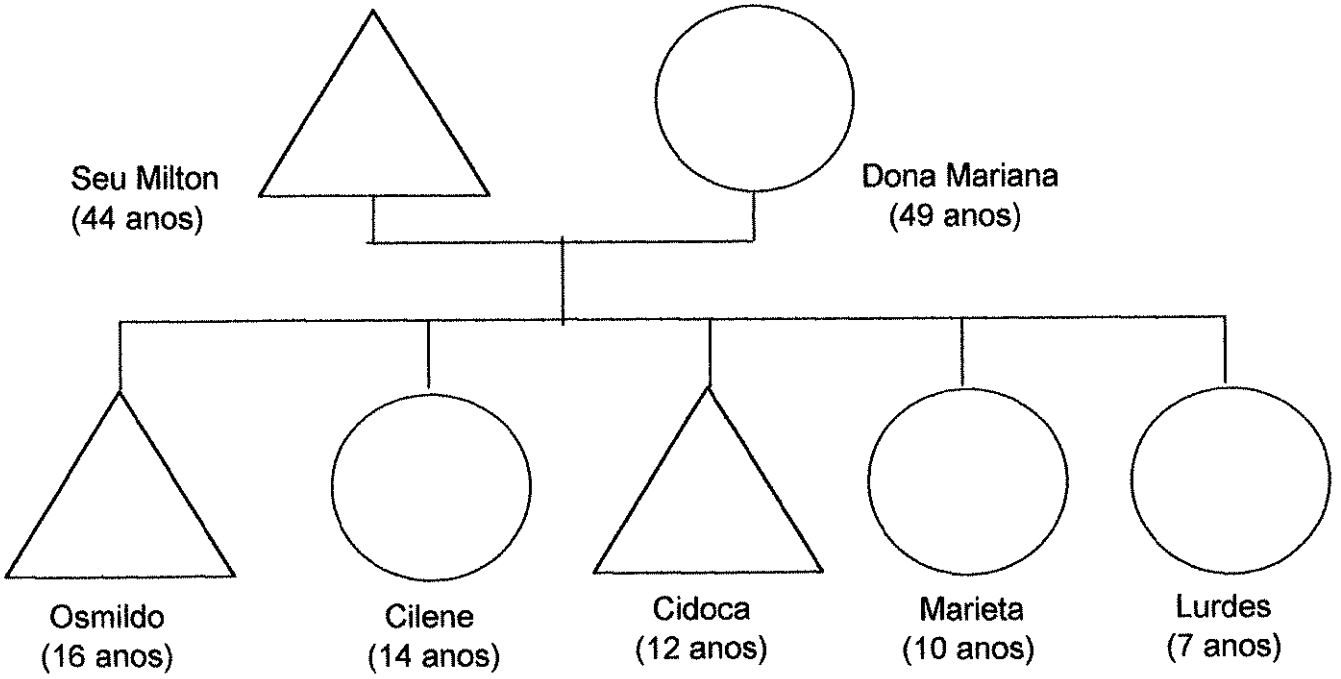
Mapa de Parentesco 14: Restauração, 1966



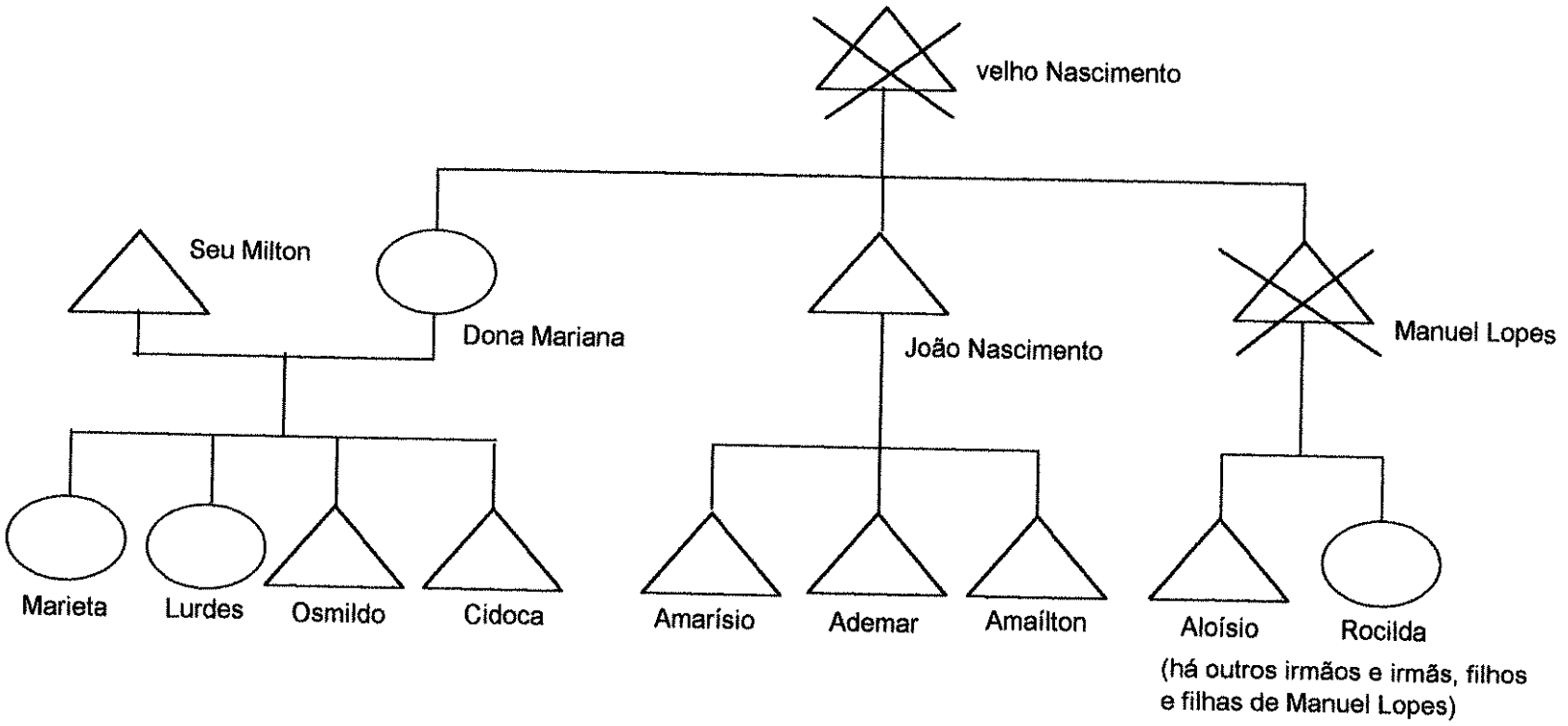
Mapa de Parentesco 15: Restauração, 1971



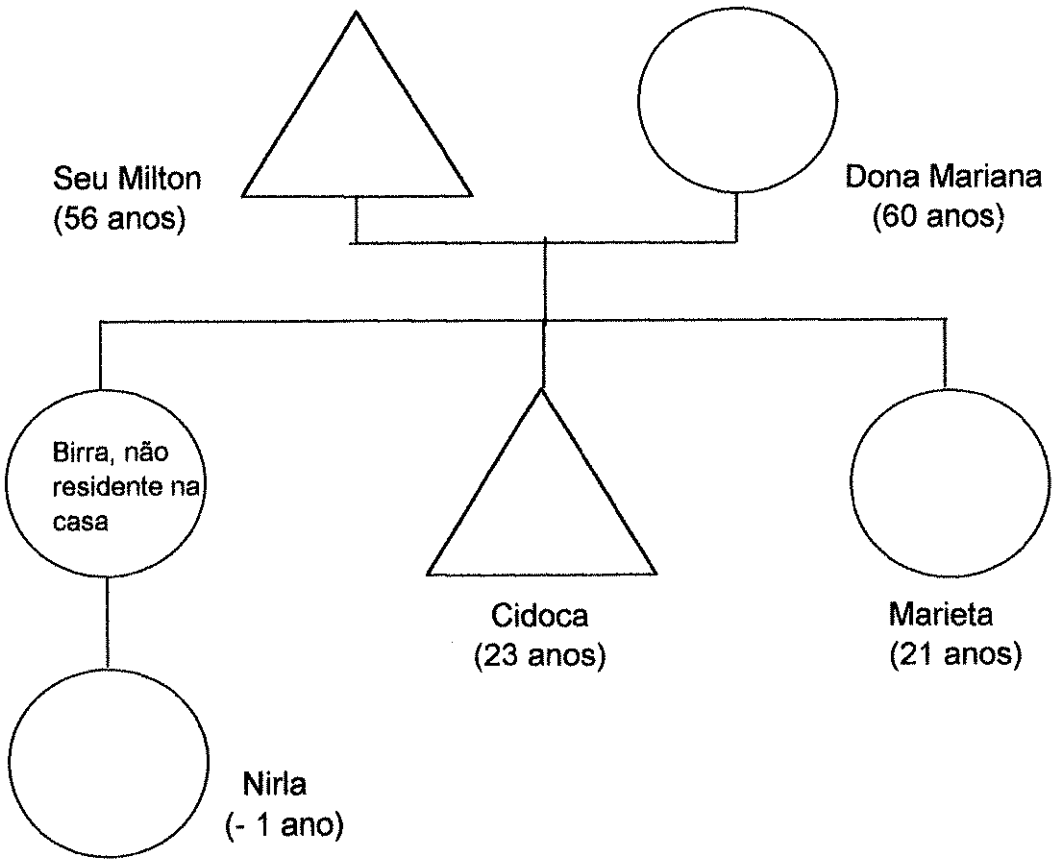
Mapa de Parentesco 16: Restauração, 1978



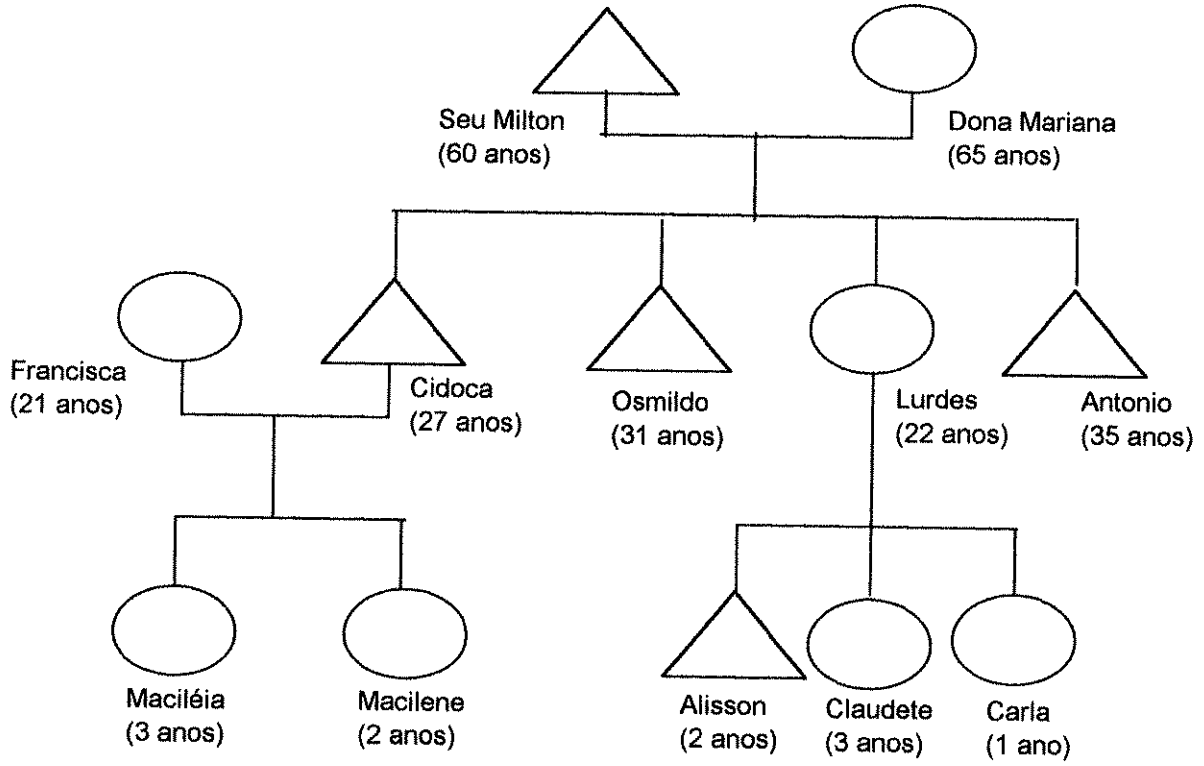
Mapa de Parentesco 17: *Nascimento e Milton*, anos de 1980



Mapa de Parentesco 18: Restauração, 1989

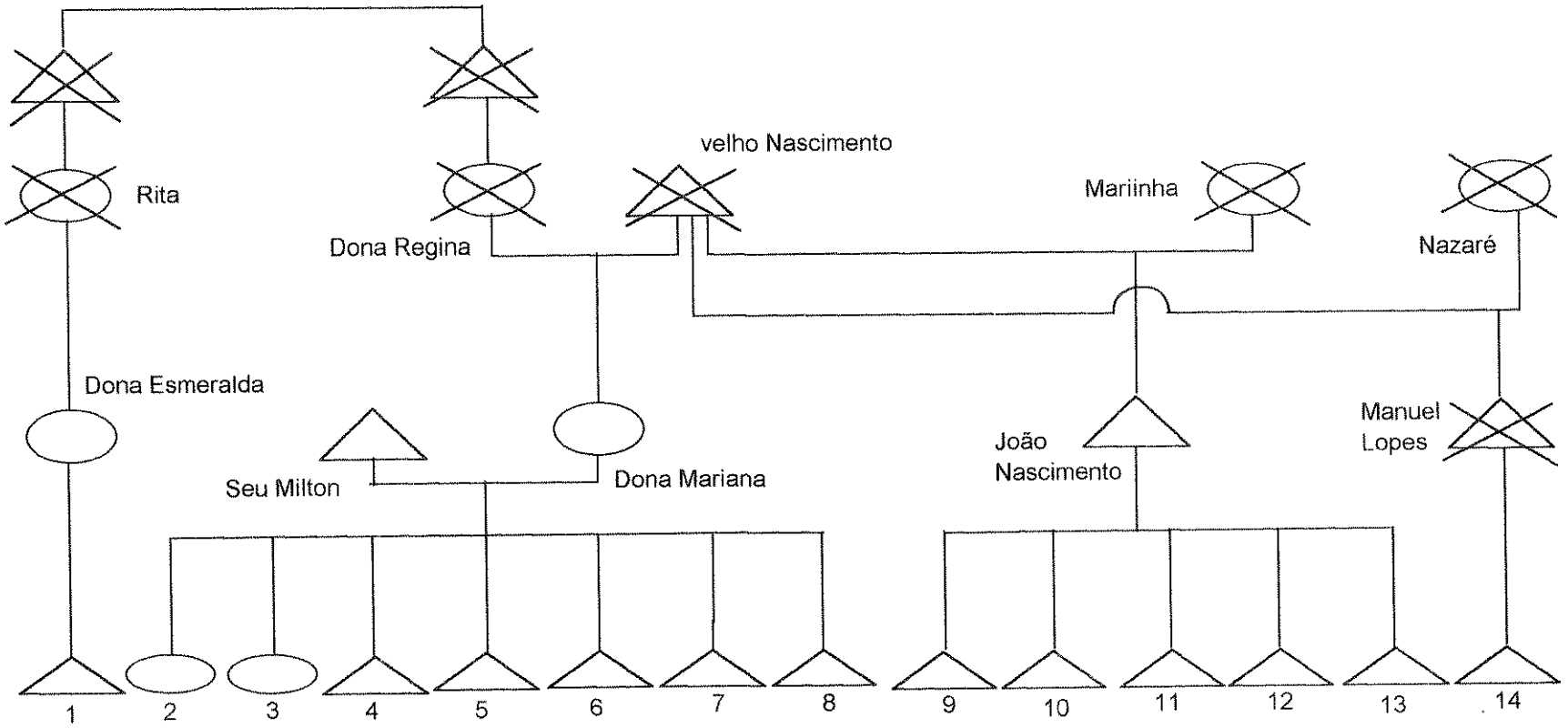


Mapa de Parentesco 19: Restauração, 1993



Observação: Osmildo e Antonio, neste ano, estavam separados de suas esposas. Comiam na casa dos pais; Osmildo dormia na escola da Associação, vizinha a casa, e Antonio no núcleo da Cooperativa, do qual ainda era gerente. Lurdes estava separada de Antonio Fontenele, e Cidoca e Francisca ainda não tinham casa própria.

Mapa de Parentesco 20: Coalização de grupos de parentes (março, 1989)

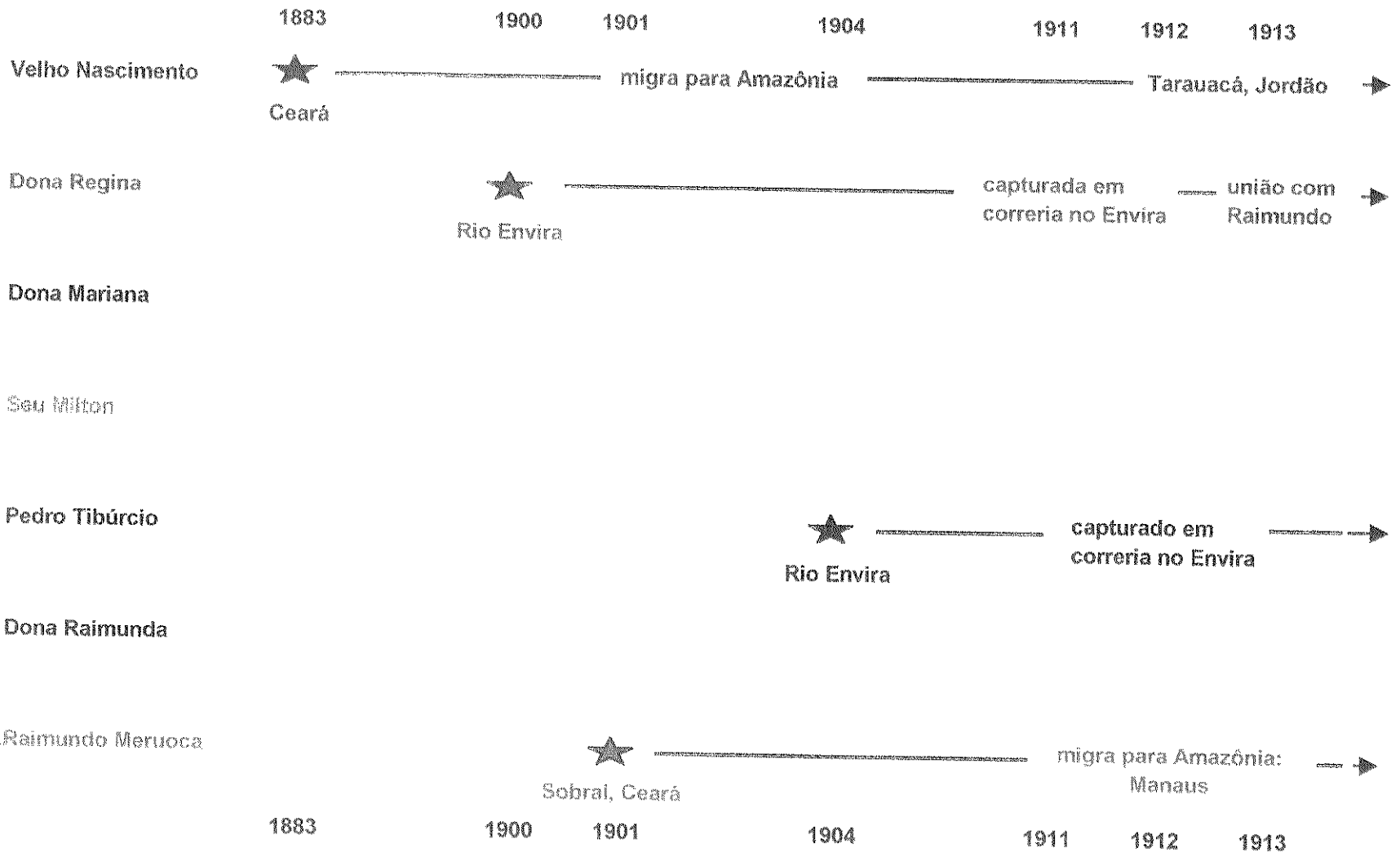


1 = Chico Ginu
2 = Cilene
3 = Marieta
4 = Pedrinho
5 = Damião
6 = Antonio
7 = Osmildo
8 = Cidoca
9 = Nonatinho
10 = Adegila
11 = Ademar
12 = Amarísio
13 = Amaílton
14 = Zé do Lopes (que devia estar acompanhado de outros irmãos)

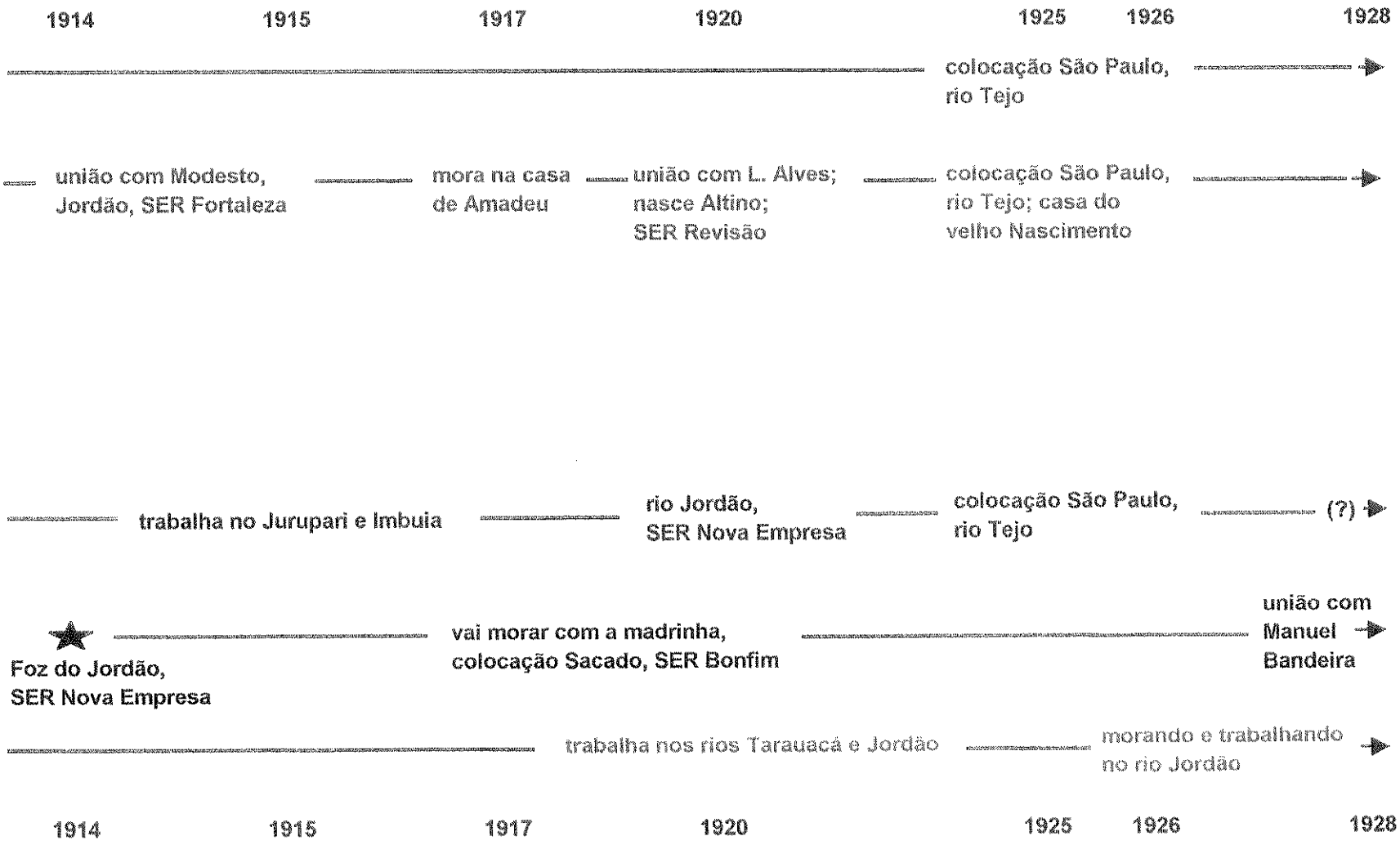
Observação: de acordo com dona Mariana, sua mãe (dona Regina) e Rita eram "primas", embora Rita, ainda segundo dona Mariana, tenha sido capturada em correria realizada por Felizardo Cerqueirano rio Jordão. Dona Regina foi capturada em correria no rio Envira.

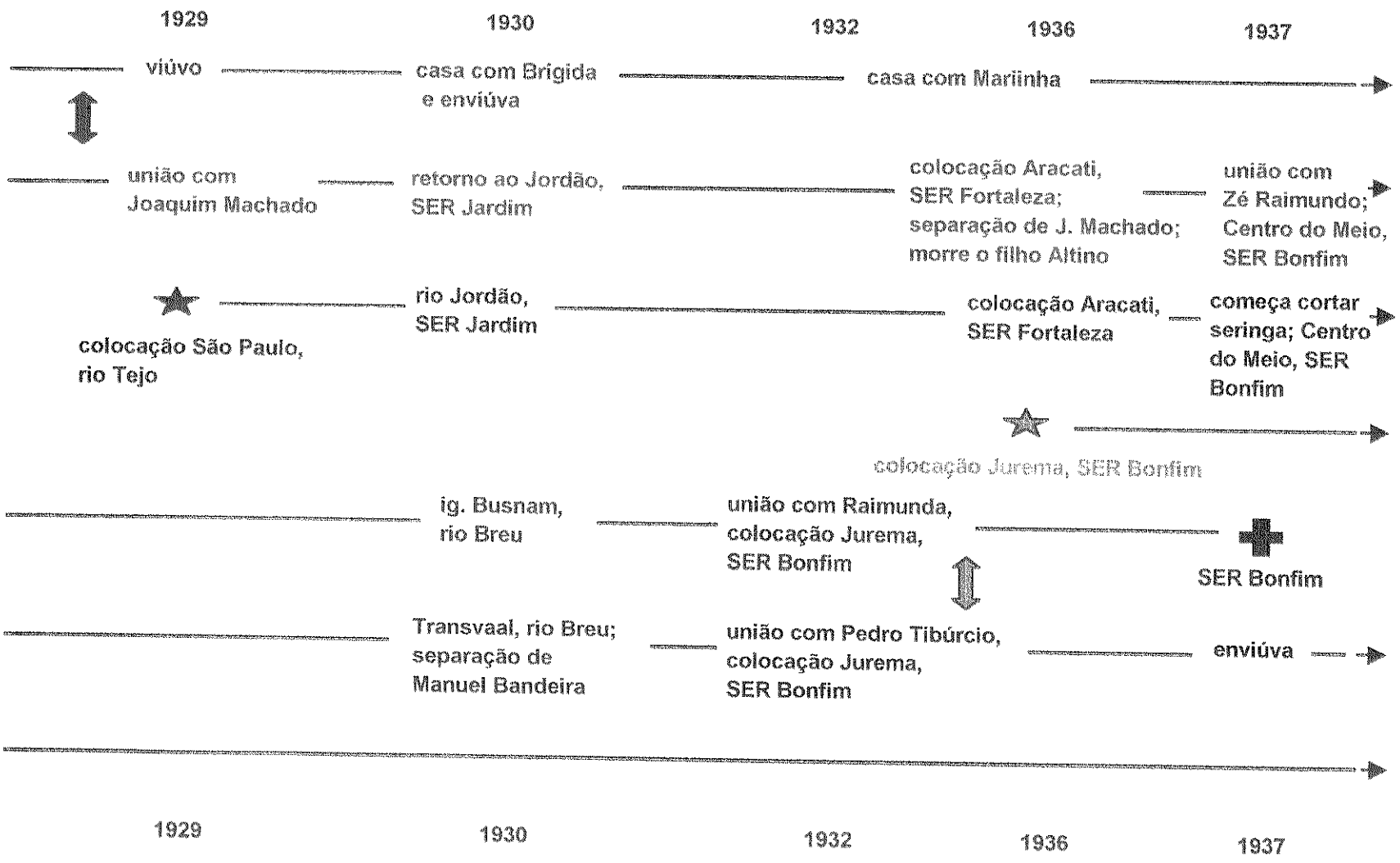
Linha do Tempo (1883 a 1955)

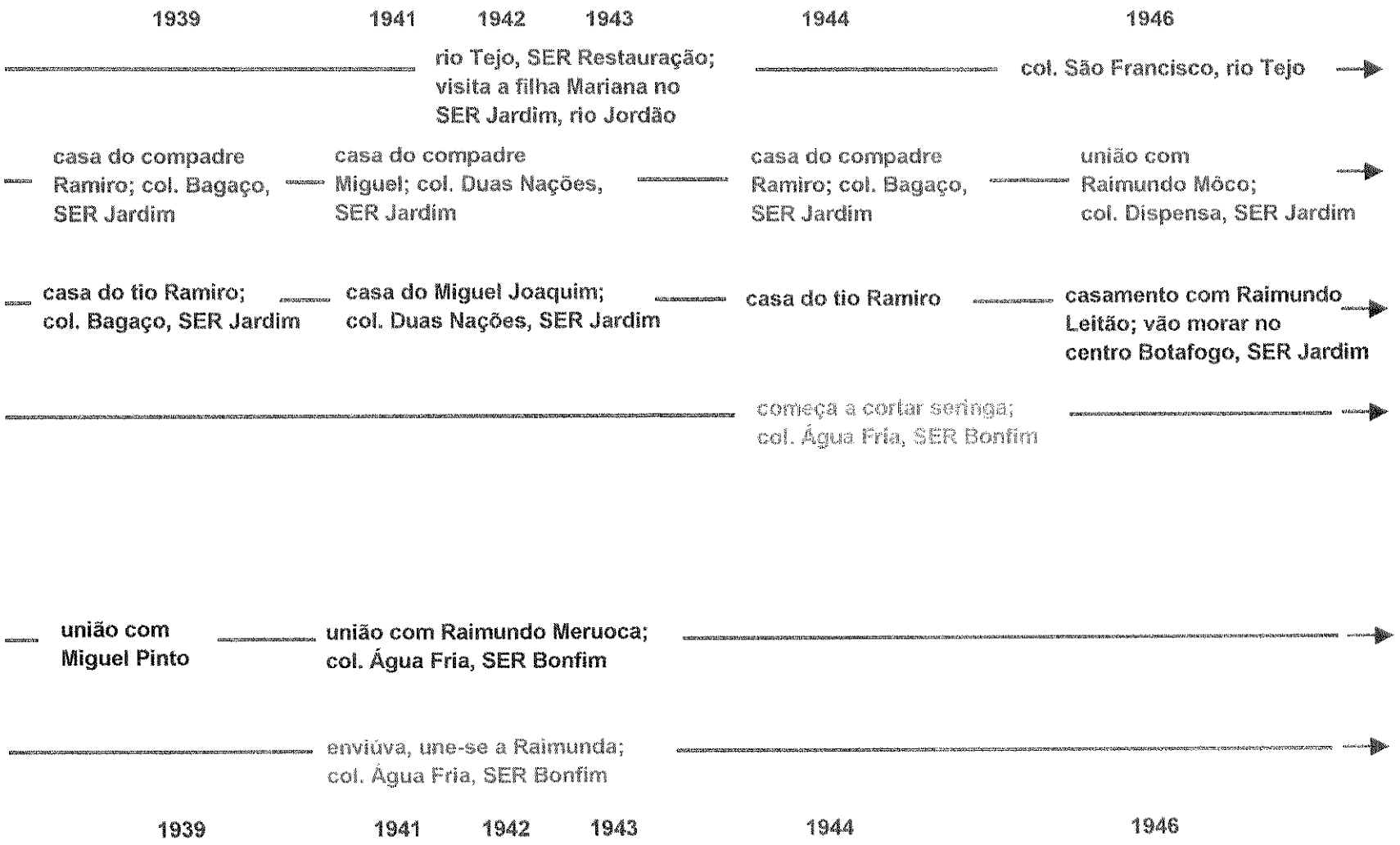
Folha 1: 1883-1913

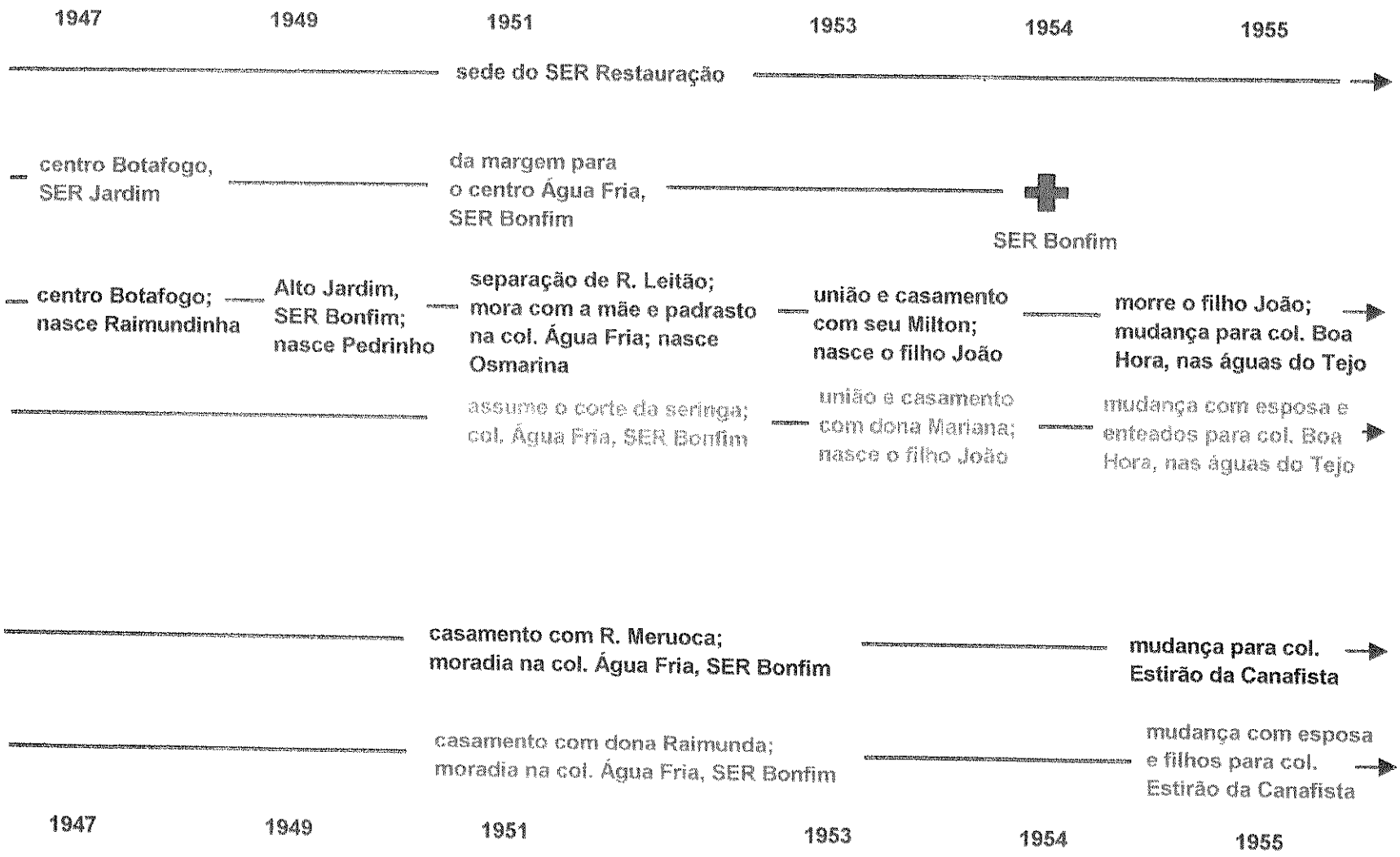


Folha 2: 1914-1928




1929
1930
1932
1936
1937
viúvo
casa com Brígida
e enviúva
casa com Mariinha
união com
Joaquim Machado
retorno ao Jordão,
SER Jardim
colocação Aracati,
SER Fortaleza;
separação de J. Machado;
morre o filho Altino
união com
Zé Raimundo;
Centro do Meio,
SER Bonfim
rio Jordão,
SER Jardim
colocação Aracati,
SER Fortaleza
começa cortar
seringa; Centro
do Meio, SER
Bonfim
colocação São Paulo,
rio Tejo
colocação Jurema, SER Bonfim
ig. Busnam,
rio Breu
união com Raimunda,
colocação Jurema,
SER Bonfim
SER Bonfim
Transvaal, rio Breu;
separação de
Manuel Bandeira
união com Pedro Tibúrcio,
colocação Jurema,
SER Bonfim
enviúva
1929
1930
1932
1936
1937


1939
1941
1942
1943
1944
1946
rio Tejo, SER Restauração; visita a filha Mariana no SER Jardim, rio Jordão
col. São Francisco, rio Tejo
casa do compadre Ramiro; col. Bagaço, SER Jardim
casa do compadre Miguel; col. Duas Nações, SER Jardim
casa do compadre Ramiro; col. Bagaço, SER Jardim
união com Raimundo Môco; col. Dispensa, SER Jardim
casa do tio Ramiro; col. Bagaço, SER Jardim
casa do Miguel Joaquim; col. Duas Nações, SER Jardim
casa do tio Ramiro
casamento com Raimundo Leitão; vão morar no centro Botafogo, SER Jardim
começa a cortar seringa; col. Água Fria, SER Bonfim
união com Miguel Pinto
união com Raimundo Meruoca; col. Água Fria, SER Bonfim
enviúva, une-se a Raimunda; col. Água Fria, SER Bonfim
1939
1941
1942
1943
1944
1946


1947
1949
1951
1953
1954
1955
sede do SER Restauração
centro Botafogo, SER Jardim
da margem para o centro Água Fria, SER Bonfim
SER Bonfim
centro Botafogo; nasce Raimundinha
Alto Jardim, SER Bonfim; nasce Pedrinho
separação de R. Leitão; mora com a mãe e padrasto na col. Água Fria; nasce Osmarina
união e casamento com seu Milton; nasce o filho João
morre o filho João; mudança para col. Boa Hora, nas águas do Tejo
assume o corte da seringa; col. Água Fria, SER Bonfim
união e casamento com dona Mariana; nasce o filho João
mudança com esposa e enteados para col. Boa Hora, nas águas do Tejo
casamento com R. Meruoca; moradia na col. Água Fria, SER Bonfim
mudança para col. Estirão da Canafista
casamento com dona Raimunda; moradia na col. Água Fria, SER Bonfim
mudança com esposa e filhos para col. Estirão da Canafista
1947
1949
1951
1953
1954
1955

GLOSSÁRIO

Neste glossário, os verbetes seguem as seguintes regras:

1. as palavras objeto de definição estão em ordem alfabética e grifadas em negrito;
2. no mesmo verbete aparecerão em **negrito** as variações da palavra que está sendo definida; e
3. ainda no mesmo verbete, estarão grifadas em *itálico* as palavras que poderão ser encontradas no glossário, seguindo a ordem alfabética.

A

Arigó, nome dado aos nordestinos que migraram para os seringais amazônicos na década de 1940, durante a Batalha da Borracha.

Associação é a Associação de Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, também conhecida localmente por Asareaj.

Assistência, na visão dos seringueiros, apoio material e financeiro devido pelos *patrões* a sua *freguesia*.

Aviação são as mercadorias compradas a prazo pelo seringueiro, em troca de borracha, no *barracão* visando a sua manutenção durante o período de produção. Quando o volume de mercadorias é expressivo e suficiente para quase um ano, o seringueiro diz que se trata de uma **aviação em grosso.**

B

Baixar significa viajar rio abaixo, isto é, das cabeceiras em direção à foz.

Balde, feito de metal, é o recipiente onde o seringueiro reúne o látex fruto do seu dia de trabalho.

Barracão é o entreposto comercial dos *patrões* no interior dos seringais e a onde são vendidas *mercadorias*. Um barracão pode ter lojas filiais, os *depósitos*, mas pode também estar ligado, por sua vez, ao "barracão central" do real proprietário do seringal.

C

Caboclo(a) é um termo regionalmente utilizado como para designar índios e também seus descendentes. Pode ser um termo de auto-identificação ou de atribuição, e neste último caso pode ter conotação pejorativa.

Campo, ou pasto para rebanhos de gado.

Capa é o envoltório externo que protege a pólvora e chumbo colocadas em seu interior para confeccionar as balas utilizadas nas espingardas.

Cariú é um termo regional utilizado para, em oposição aos índios ou caboclos, designar os brancos.

Cartuchos são as balas da espingarda; **malhar cartuchos** é quando a espingarda falha ao disparar os tiros.

Cearenso é um termo de uso corrente nos seringais, e designa, de uma maneira geral, os nordestinos que migraram para os seringais amazônicos.

Centro, nos seringais do Alto Juruá, está em oposição à *margem*, caracterizando, respectivamente, *colocações* localizadas no seio da mata e próximas da (ou na) margem dos rios. Em geral, nos **centros** estão as *colocações* com as *estradas de seringa* mais produtivas, ou "boas de *leite*".

Cipó, nome em geral utilizado pelos seringueiros para referir-se a "ayahuasca".

Colha, a coleta do látex, é a segunda etapa da extração do látex das seringueiras: após percorrer a *estrada* cortando as seringueiras e nelas "embutindo" *tigelas*, o seringueiro deve percorrê-la novamente para a **colha**. O seringueiro coletará o látex, reunindo-o num único recipiente (o *balde* e/ou o *saco encauchado*).

Colocação, é a unidade de residência e trabalho nos seringais; um seringal é formado por um conjunto de **colocações**. A colocação pode comportar mais de uma casa em função do número de *estradas de seringa* que possua e do número de seringueiros adultos aptos a explorá-las (em média, duas *estradas* por seringueiro). A colocação é ainda o espaço onde se caça (em suas matas), pesca (nos lagos e igarapés por ventura nela existentes), "coloca-se" roçados, abre-se o *campo* para pequenos rebanhos de gado, e fonte também de outros recursos extrativos (frutos, cipós, madeiras). A colocação é também, portanto, uma unidade ambiental, com diferentes nichos de recursos e atividades econômicas. É, finalmente, uma unidade social: suas casas são, via de regra, aparentadas entre si, e mantém intensas relações de *vizinhança*.

Colocar-se é se instalar em uma *colocação*. O seringueiro também pode ser **colocado** pelo patrão ou por outro seringueiro; mas se for **descolocado**, trata-se de uma ordem do patrão. Usa-se também **colocar** para o ato de limpar um pedaço da mata ou capoeira para plantar um roçado.

Comboio, animais de carga (bois) que percorriam as *estradas de rodagem* e transportavam mercadorias e borrachas entre os *barracões* e as *colocações*.

Conselho é o Conselho Nacional dos Seringueiros.

Cooperativa foi uma iniciativa da Regional do Vale do Juruá do Conselho Nacional dos Seringueiros, que implantou uma rede de núcleos cooperativos (ou cantinas) ao longo da bacia do rio Tejo no final dos anos de 1980. Esta iniciativa foi viabilizada através de um projeto financiado pelo BNDES, e foi um dos principais intrumentos na luta contra o monopólio comercial dos *patrões* e pela criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Correrias, expedições armadas promovidas por patrões e seringueiros contra os índios com objetivos de expulsá-los dos territórios com incidência de seringueiras ou de retaliar ataques sofridos.

Cortar (seringa) é trabalhar como seringueiro, ou, mais precisamente, realizar incisões na casca da seringueira para recolher então o látex. O calendário de **corte da seringa** no Alto Juruá obedece às chuvas, às atividades agrícola e ao ciclo biológico da *Hévea brasiliensis*: assim, em abril inicia-se o "preparo" das *estradas*; maio e junho são meses de **corte**; julho é

o mês ideal para "brocar" e "derrubar" – isto é, desmatar – as áreas de *roçado*; agosto e setembro são os meses de seca, quando a *seringa* perde as folhas e desprende suas sementes – época de descanso do corte; em outubro as primeiras chuvas estarão caindo, os *roçados* sendo plantados e as *estradas* novamente preparadas; entre novembro e dezembro o corte vigora e é quando a *safra* da borracha encerra-se; de janeiro a março chove muito e a água da chuva frequentemente "rouba" o *leite*, isto é, enche d'água as *tigelas* "embutidas" na *seringa* e ainda não colhidas, fazendo com que o seringueiro perca seu *dia de corte*.

Criação refere-se aos animais domésticos que são também fonte de alimento e recurso financeiro, como galinhas, patos, perus e porcos. Em geral, refere-se às **criações** que vivem no âmbito do *terreiro*, mas pode incluir também o gado.

D

Depósito é um ponto de comércio no interior do seringal que está ligado a um *barracão*. Os depósitos são gerenciados por *gerentes* subordinados ao *patrão*, e podem ser remunerados por porcentagem (da borracha recolhida ou das *mercadorias* vendidas) ou por salário.

Dia de corte é o dia de trabalho do seringueiro na *estrada de seringa*.

E

Empregado é a pessoa que trabalha para um *patrão*, ou um chefe de um grupo doméstico, mediante alguma forma de remuneração (parte da produção, salário).

Estiva são aquelas *mercadorias* consideradas básicos para o consumo doméstico (sal, sabão, açucar, óleo de cozinha, leite em pó para crianças, querosene), para a caça (munição) e fábrico de farinha (gasolina para o motor que ceva a mandioca).

Estrada de rodagem, ou **rodagem**, era um largo caminho aberto na mata visando a passagem de *comboios* para o transporte de mercadorias e borracha.

Estrada de seringa é a unidade de trabalho de extração de látex. O seringueiro geralmente corta duas **estradas**. As **estradas de seringa** são caminhos abertos na mata de acordo com a disposição aleatória das seringueiras, e por tem um desenho irregular e cheio de *voltas*; são trilhas bem demarcadas, com pelo menos um metro de largura, que o seringueiro deverá percorrer duas vezes: uma para *cortar*, outra na *colha*.

F

Feliz é o dom do caçador que sempre obtém bons resultados do seu esforço, isto é, que sempre traz carne de caça quando vai para a mata caçar ("fulano é feliz: sempre que vai pra mata, traz").

Ferreiro, no seringal, é o profissional que trabalha numa oficina forjando peças de metal para motores (hélices, parafusos), para espingardas (agulha), para *facas de seringa* (lâminas) e realizando consertos em geral. Num seringal, é um profissional imprescindível.

G

Gerente é a pessoa que gerencia o comércio de mercadorias num *depósito*, ou num núcleo da *Cooperativa*.

Gramixó, é o termo regional para açucar mascavo.

J

Jamaxi (ou **jamachí**) é uma espécie de mochila para carregar peso (produtos agrícolas, em geral) feita com cipós, fibras e, eventualmente, pele de animal (como o veado, por exemplo).

Juntar-se é o ato de viver conjugalmente sem ter se casado perante a um padre ou juiz de paz. Diz-se que "fulano(a) é *junto*".

Junto(a) é aquela pessoa que vive conjugalmente com outra sem ter se casado perante a um padre ou juiz de paz.

L

Leite, é o látex.

Luxos são aquelas *mercadorias* que não são consideradas indispensáveis, como é a *estiva*. Os luxos em geral incluem azeite de oliva, biscoitos, doces, sucos, e também perfumes e maquiagem.

M

Margem, nos seringais do Alto Juruá, está em oposição ao *centro*, caracterizando, respectivamente, *colocações* localizadas próximas da (ou na) margem dos rios e aquelas localizadas no seio da mata.

Mateiro é um seringueiro experiente contratado pelo *patrão* para guiar a abertura de *estradas de seringa*, e anualmente percorrer as *colocações* do seringal fiscalizando as técnicas de *corte da seringa* para evitar a extração predatória.

Meeiro é aquela pessoa que trabalha para um chefe de grupo doméstico mediante remuneração correspondente à metade da produção (em geral, de borracha).

Mercadorias são artigos de consumo necessários à vida no interior dos seringais, em geral industrializados, e que são adquiridos nos *barracões*, ou com *marreteiros* e *regatões*, ou ainda no comércio da cidade. As mercadorias podem ser, por exemplo, de *estiva*, *luxo* e *vícios*. As mercadorias, por outro lado, são também símbolos de posse e poder.

Marreteiro é um pequeno comerciante local que vende *mercadorias*, e é também um termo mais geral que pode incluir o *regatão*. Sobre a década de 1980, os seringueiros costumam dizer que os homens que gerenciavam os *barracões* eram, na verdade, **marreteiros**, e não *patrões*, isto é, meros comerciantes sem interesse em dar *assistência* aos seringueiros.

N

Novenário, festa religiosa-profana que ocorre anualmente na qual, além da novena, um intenso comércio e diversão tem lugar. Todo novenário tem um santo padroeiro.

P

Patota é um grupo de jovens, em geral rapazes solteiros aparentados (irmãos e primos) ou vizinhos, que, juntos, circulam em festas, passeios e jogos de futebol.

Patrão é o nome pelo qual são conhecidos os homens que gerenciam os seringais, administrando os *barracões*, e idealmente detendo o monopólio comercial sobre a borracha produzida pelos seringueiros. O *patrão* pode ser o proprietário do seringal, ou um arrendatário; *gerentes* de *depósitos* também podem ser chamados de *patrão*.

Peia é uma surra.

Pélas são bolas de borracha defumadas que podem alcançar 60 quilos. Há **pélas** pequenas, que podem ser chamadas de *princípios*.

Perna de estrada corresponderia à metade do trecho da *estrada*, composta idealmente por duas **pernas** principais que partem do *fecho* (onde se inicia e se fecha o corte), formando cada uma meio círculo.

Poronga é uma lamparina à querosene. Óleo diesel também pode ser usado como combustível da lamparina.

Princípio é uma pequena bola de borracha que pesa entre dez e vinte quilos, em geral a primeira etapa de produção das *pélas*.

Procurador é aquele(a) que é responsável por abastecer a casa com carne de caça e peixe, isto é, aquele que **procura** o *rancho*.

R

Rancho, refere-se, principalmente, à carne de caça, mas também ao peixe, que serve como alimento. Pode também ser utilizado para artigos alimentares de uma maneira geral ("dessa vez estou viajando sem rancho").

Regatão é um comerciante itinerante, possuidor de uma embarcação e que vende *mercadorias*. O *regatão*, em geral, não mora na área em que realiza seu comércio. Assim, há comerciantes que moram no seringal e circulam em canoas, sendo chamados de *marreteiros*.

Renda era o pagamento anual obrigatório ao *patrão* e a que todo seringueiro estava sujeito pelo uso das *estradas de seringa*. Por cada *estrada* explorada, o seringueiro devia pagar 33 quilos de borracha por ano; em média, um seringueiro cortava duas *estradas*, reservando, portanto, 66 quilos de sua produção anual de borracha para pagar a renda.

Reserva é a Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Roça é a mandioca, ou macaxeira.

Roçados são as áreas plantadas com produtos agrícolas (*roça*, arroz, feijão, milho tabaco etc). Pode indicar também o trabalho na atividade agrícola ("fulano prefere trabalhar em roçado").

S

Saco encauchado é um saco de algodão impermeabilizado com látex ou caucho, e que tem função similar a do *balde*, mas comporta maior volume de látex.

Safra, em geral relativa à borracha, é o período em que ela é produzida ao longo do ano. A safra de borracha é produzida em dois períodos principais durante o ano: maio e junho, e outubro a dezembro. (ver *cortar seringa*)

Seringa é a seringueira.

Subir significa viajar rio acima, isto é, da foz em direção às cabeceiras.

T

Terreiro é a área imediatamente ao redor da casa, onde circulam as *criações*, brincam as crianças e as mulheres plantam seus canteiros suspensos e hortas.

Tigelas, pequenos recipientes de flandres ou plástico que são fixados no tronco da seringueira e recolher o látex que escorre das incisões feitas com a *faca de seringa*.

V

Verão é uma das duas estações que marcam o calendário amazônico, a outra sendo o **inverno**. O "verão" corresponde à estação seca, sem chuvas, entre os meses de abril a setembro; o "inverno" é a estação chuvosa e corresponde as meses de outubro a março. Diferentes calendários de atividades – *seringa*, *roçados*, caça, pesca – estão relacionados aos meses de "verão" e de "inverno".

Vícios são mercadorias de consumo intermitente e não indispensável, notadamente o tabaco e o alcool.

Vizinhança é manter relações de troca com as casas vizinhas.

Vizinhar refere-se, em geral, à reciprocidade de carne de caça entre casas vizinhas, em geral aparentadas. Mas dependendo do grau de parentesco e amizade, *vizinha-se* coisas como "vinhos da mata" (açaí, patoá, abacaba etc), galinhas e rapadura.

Voltas de estrada são pequenos trechos de uma *estrada de seringa*, que podem ser cortadas por mulher ou por meninos iniciando-se no corte da seringa. Este é também o caso de uma *perna da estrada*.

BIBLIOGRAFIA

Abreu, Capistrano de. *Rã-txa-hu-ni-ku-i*. Rio de Janeiro, 1913.

Adam, Leonhard. "Virilocal and uxorilocal" in: *American Anthropologist* (49), 1947, p. 678.

Allegretti, Mary. *Os Seringueiros (estudo de caso em um seringal nativo do Acre)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Brasília, UnB, 1979.

Allegretti, Mary. "Reserva Extrativista" in: *Reservas Extrativistas: uma proposta de desenvolvimento da floresta amazônica*. Mimeo, Curitiba, IEA, 1987.

Almeida, Mauro W. B. de. "Linguagem regional e fala popular" in: *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. VIII, n. 1-2, 1977, p. 171-181.

Almeida, Mauro. W. B. de. "Redescobrindo a família rural" in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 1, 1986, p. 66-83.

Almeida, Mauro W. B. de. "Fuxico de seringueiros no Alto Juruá" in: coluna Papo de Índio. *A Gazeta*, Rio Branco, novembro, 1988.

Almeida, Mauro W. B. de. *Sete teses sobre o Conselho Nacional dos Seringueiros*. Mimeo, Rio Branco, 1989.

Almeida, Mauro W. B. de. "Matéria paga ameaça de morte o Macedo do Conselho Nacional dos Seringueiros" in: coluna Papo de Índio, *A Gazeta*, fevereiro, 1989a.

Almeida, Mauro W. B. de. "As colocações como formação social, sistema tecnológico e unidade de recursos naturais" in: *Terra Indígena*, Araraquara, n. 54, 1990, p.29-39.

Almeida, Mauro W. B. de. *Rubber tappers of the upper Juruá river, Brazil. The making of a forest peasant economy*. PhD Thesis, University of Cambridge, 1993.

Almeida, Mauro W. B. de. "O Estatuto da Terra e as Reservas Extrativistas" in: *Reforma Agrária*, Campinas, v. 25, n. 1, 1995, p. 153-167.

Almeida, Mauro W. B. de. *Euclides e a sociedade do Alto Purus*. Mimeo, 1999.

Almeida, Mauro W. B. de. "Simetria e entropia: sobre a noção de estrutura de Lévi-Strauss" in: *Revista de Antropologia*, v. 42, n. 1 e 2, São Paulo, 1999, p. 163-197.

Almeida, Mauro W. B. de. *O papel dos sistemas produtivos agroextrativistas no desenvolvimento sustentável da Amazônia*. Texto para reunião técnica do Ministério do Meio Ambiente. Mimeo, novembro, 2000.

Almeida, Mauro W.B. & Franco, Mariana C. Pantoja. *A justiça local: caça e estradas de seringa na Reserva Extrativista do Alto Juruá*. Trabalho apresentado na 22ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília, julho, 2000.

Aquino, Terri. V. de. *Kaxinawá: de seringueiro "caboclo" a peão "acreano"*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Brasília, UnB, 1977.

Aquino, Terri V. de. *A Imemorialidade da area e da situação do povo Poianáwa*. Mimeo, Rio Branco, 1985.

Aquino, Txai Terri V. de & Iglesias, Marcelo P. *Kaxinawá do rio Jordão. História, território, economia e desenvolvimento sustentado*. Rio Branco, CPI, 1994.

Arantes, Antonio A. A Sagrada Família – uma análise estrutural do compadrio. *Cadernos do IFCH*, n. 5, Campinas, Unicamp/Brasiliense, 1975.

Araújo, Maria Gabriela J. de. *Entre almas, encantes e cipó*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, Unicamp, 1998.

Araújo e Amazonas, L. da S. *Dicionário topográfico, histórico, descritivo da Comarca do Alto Amazonas*. Manaus, Grafima, 1984[1852].

Azevedo, Thales. *As regras do namoro à antiga.* São Paulo, Ática, 1986.

Barbin Jr., Hélio. "Curadores, rezadores e parteiras no Alto Juruá" in: coluna Papo de Índio, *Página 20.* Rio Branco, 1996.

Barbin Jr., Hélio. *Do feitiço a malária. Uma etnografia do sistema de saúde na Reserva Extrativista do Alto Juruá, Acre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Florianópolis, UFSC, 1999.

Barth, Fredrik. "Grupos étnicos e suas fronteiras" [1969] in: Poutignat, P. & Streiff-Fenart, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo, Edunesp, 1998, p. 185-227.

Bates, Henry W. *Um naturalista no rio Amazonas*. São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1979[1863].

Becker, Howard. "Biographie et mosaïque scientifique" in: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 62/63, 1986.

Benchimol, Samuel. *Amazônia. Um pouco-antes e além-depois*. Manaus, Editora Umberto Calderaro, 1977.

Benedict, Ruth. O *Crisântemo e a espada. Padrões da cultura japonesa.* São Paulo, Perspectiva, 1972.

Benjamin, Walter. "Sobre o conceito da história" [1940] in: *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*, v. 1, São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 222-232.

Berkner, Lutz K. "The stem family and the developmental cycle of the peasant household: an Eighteenth-Century austrian example" in: *The American Historical Review*, v. 77, n. 2, 1972, p. 398-418.

Berteaux, Daniel. "L'approche biographique: as validité méthodologique, ses potentialités" in: *Cahiers Internacionaux de Sociologie*, v. LXIX, Paris, 1980, p.197-225.

Bósi, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos.* 3 ed. São Paulo, Cia. das Letras, 1994.

Bourdieu, Pierre. "L'illusion biographique" in: *Actes de la recherche en Ciences Sociales*, n. 62/63, 1986, p. 68-72.

Cabral, Alfredo L. *Dez anos no Amazonas (1897-1907).* Brasília, D.F., 1984[1949].

Caldeira, Teresa P. do R. "A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia" in: *Novos Estudos Cebrap*, n. 21. São Paulo, 1988, p. 133-157.

Camargo, Aspásia. "Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas" in: *Dados. Revista de Ciências Sociais*, n. 1. Rio de Janeiro, Iuperj, 1984, p. 5-28.

Candido, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito.* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1971[1964].

Carneiro da Cunha, Manuela. *Antropologia do Brasil. Mito, história, etnicidade.* São Paulo, Brasiliense, 1987.

Carneiro da Cunha, Manuela & Almeida, Mauro W.B. (orgs.) *Enciclopédia da floresta: o Alto Juruá.* São Paulo, Cia. das Letras, 2001. [no prelo]

Castello Branco, J. M. B. "O Juruá Federal" in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. IX, tomo especial (Congresso Internacional de História da América), 1922.

Castello Branco, J. M. B. "Caminhos do Acre" in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 196, jul/set, 1947.

Castello Branco, J. M. B. "O gentio acreano" in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 207, abr/jun, 1950.

Castello Branco, J. M. B. "Povoamento da acreânia" in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, n. 250. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1961.

Castro, Plácido de. "Relatório apresentado ao Exmo. Dr. Augusto Tavares de Lyra, DD. Ministro da Justiça, por Plácido de Castro, Prefeito Interino 1906-1907" in: Castro, G. de. *O Estado Independente do Acre e J. Plácido de Castro: Excertos Históricos.* Rio de Janeiro, Typographia São Benedito, 1930.

Castro, Rosemeire & Ferreira, Luis. *Relatório de viagem a Reserva Extrativista do Alto Juruá – REAJ.* Mimeo, Cruzeiro do Sul, 1992.

Chambon, Adrienne S. "Life history as dialogical activity: 'if you ask me the right questions, I could tell you" in: *Current Sociology*, London, v. 43, n. 2/3, 1995, p. 125-135.

Chandless, W. "Notes of a journey up the river Juruá" in: *The Journal of the Royal Geographical Society*, n. 39, 1869, p. 296-311.

Chaves, A. de M. *Exploração da Hevea no Território Federal do Acre*. Monografia Apresentada à Exposição Nacional de Borracha, Rio de Janeiro, 1913.

Clifford, James. "Introduction: partial thruths" in: Clifford, J. & Marcus, G. (eds.) *Writting culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1986, p. 1-26.

CNS, STR de Xapuri & CUT. *Chico Mendes*. São Paulo, Cedi/CNS/CUT, 1989.

Costa, J. Craveiro. *A Conquista do deserto ocidental (subsídios para a história do Território do Acre)*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1940.

Costa, Eliza M. L. da. *Da patronagem à Associação: poderes em disputa na Reserva Extrativista do Alto Juruá*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Campinas, Unicamp, 1998.

Costa, E. M. L. da. *Seringueiros e patrões no rio Juruá: relações de poder, conflitos e democratização*. Projeto de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1999.

Costa, Eliza M. L. da, Postigo, Augusto. & Gesteira, Marisa. *Cenários futuros para a Reserva Extrativista do Alto Juruá – gado (Relatório UNICAMP/CIFOR)*. Mimeo, 1998.

Crapanzano, V. "Life-histories" in: *American Anthropologist*, n. 4, 1984, p. 953-965.

Cunha, Euclides. "Fronteira sul do Amazonas. Questão de limites" in: Tocantins, L. (org.) *Um paraíso perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994[1898], p. 20-24.

Cunha, Euclides. "Entre o Madeira e o Javari" in: Tocantins, L. (org.) *Um paraíso perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994[1904], p. 15-19.

Cunha, Euclides. "Entre os seringais" in: Tocantins, L. (org.) *Um paraíso perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1994 [1906], p. 213-215.

Cunha, Euclides. "Os caucheiros" in: Tocantins, L. (org.) *Um paraíso perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994[1909], p. 64-75.

Cunha, Euclides. "Um clima caluniado" in: Tocantins, L. (org.) *Um paraíso perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994[1909a], p. 52-63.

Cunha, Euclides. "Judas Asvero" in: Tocantins, L. (org.) *Um paraíso perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1994 [1909b], p. 76-81.

Cunha, Euclides. "Terra sem história" in: Tocantins, L. (org.) *Um paraíso perdido. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia.* 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1994 [1909c], p. 25-38.

Davis, Natalie Z. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Dean, W. *Brazil and the struggle for rubber: a study in environmental history*. New York, Cambridge University Press, 1987.

Diegues, Antonio C. *O mito da natureza intocada*. São Paulo, Hucitec, 1996.

Duby, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. 2 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1987.

Elias, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

Elias, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

Erikson, Philippe. "Uma Singular Pluralidade: a etno-história Pano" in: Carneiro da Cunha, M. (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp/Cia. das Letras/SMC, 1992.

Esterci, Neide. "Sindicalismo e luta por terra" in: Sindicalismo no campo: reflexões. *Cadernos do Cedi*, n. 21. Rio de Janeiro, 1991.

Faraday, Annabel & Plummer, Kenneth. "Doing life histories" in: *Sociological Review*, v. 27, n. 4, 1979, p. 773-798.

Ferreira de Castro. *A Selva*. São Paulo, Editora Verbo, 1972[1930].

Ferreira, Marieta de M. & Amado, Janaína. *Usos & abusos da história oral.* Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Firth, Raymond. "Estrutura e organização numa pequena comunidade" in: *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1974 [1951], p. 58-94.

Fortes, Meyer. O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico. [1958] *Cadernos de Antropologia*, n. 6. Brasília, Editora da UnB, 1974.

Franco, Mariana C. Pantoja. *Relatório de viagem a Reserva Extrativista do Alto Juruá, por ocasião do cadastramento e levantamento sócio-econômico de sua população.* Mimeo, Rio de Janeiro, 1991.

Franco, Mariana C. Pantoja. *Xagu: de sem-terra a assentado (um estudo sobre a construção de identidades sociais no campo)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.

Franco, Mariana C. Pantoja. *Atividades realizadas na bacia do rio Tejo, alto Juruá e rio Bagé*. Mimeo, Cruzeiro do Sul, 1993.

Franco, Mariana C. Pantoja. *VI Assembléia Geral Ordinária da ASAREAJ (25 a 27 de abrill de 1994, foz do rio Tejo)*. Mimeo, Cruzeiro do Sul, 1994.

Franco, Mariana C. Pantoja. "Seringueiros e cooperativismo: o fetichismo das 'mercadorias' nos seringais do Alto Juruá" in: Medeiros, L. S. et al. *Assentamentos rurais. Uma visão multidisciplinar*. São Paulo, Edunesp, 1994a, p. 187-203.

Franco, Mariana C. Pantoja. *Os Miltons: história regional, trajetória familiar e identidade social na Amazônia*. Projeto de Doutorado, Unicamp, 1995.

Franco, Mariana C. Pantoja. *Parecer antropológico sobre a viabilidade social de um projeto de saúde reprodutiva na Reserva Extrativista do Alto Juruá*. Mimeo, Rio de Janeiro, 1995a.

Franco, Mariana C. Pantoja. "Mulheres do Alto Juruá: algumas reflexões sobre a diferença" in: coluna Papo de Índio, *Página 20*, Rio Branco, outubro, 1995b.

Franco, Mariana C. Pantoja. "Histórias de Ivanilde no alto rio Juruá" in: *Cadernos Pagu*, n. 8/9, Campinas, 1997.

Franco, Mariana C. Pantoja. *Relatório de avaliação do Projeto "Maria Esperança"*. Mimeo, Campinas, 1997a.

Franco, Mariana C. Pantoja. *II Relatório de avaliação do Projeto "Maria Esperança"*. Mimeo, Campinas, 1999.

Franco, Mariana C. Pantoja & Conceição, Osmildo S. "Breves revelações sobre a ayahuasca (o uso do chá entre os seringueiros do Alto Juruá)" in: Labate, B. & Senna Araújo, W. *O uso ritual da Ayahuasca*. Campinas, Mercado das Letras, [no prelo].

Franco, Mariana C. Pantoja & Silberling, Louise. *Couro Vegetal: adaptando um produto artesanal para o mercado internacional*. Mimeo, Rio de Janeiro, 1996.

Freeman, J. D. "On the concept of the kindred" in: Bohannan, P. & Middleton, J. *Kinship and Social Organization*. New York, The Natural History Press, 1968.

Freud, Sigmund. Esboço de psicanálise [1940]. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

Fukui, Lia F. G. *Sertão e bairro rural: parentesco e família entre sitiantes tradicionais*. São Paulo, Ática, 1979.

Furtado, Celso. "O Problema da mão-de-obra" in: *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Editora Nacional, 1980[1961], p. 129-135.

Gagnebin, Jeanne Marie. *História e narração em W. Benjamin*. São Paulo, Perspectiva/Fapesp; Campinas, Editora da Unicamp, 1994.

Ginzburg, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

Gluckman, Max. "Foreword" in: Turner, V. *Schism and continuity in an african society: a study in Ndembu village life*. Manchester, Manchester University Press, 1957.

Goodenough, Ward. H. "Residence rules" in: Bohannan, P. & Middleton, J. (eds.) *Marriage, family, and residence*. New York, The Natural History Press, 1968, p. 297-316.

Halbwachs, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990[1950].

Iglesias, Marcelo P. *Territorialidade Kaxinawá no Jordão dos anos 90*. Mimeo, Rio de Janeiro, 1998.

Iglesias, Marcelo P. Duas décadas de regularização da Terra Indígena Poyanáwa. *Página 20*, Rio Branco, n. 992/3, 1999.

Kofes, Suely. "Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites" in: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, 1994.

Labate, Beatriz C. "Introdução" in: *A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos*. Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2000.

La Condamine, C. M. *Viagem pelo Amazonas (1735-1745)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; São Paulo, Edusp, 1992[1745].

Leite Lopes, S. & Maresca, S. "A morte da 'alegria do povo'" in: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 20. São Paulo, 1992, p. 113-134.

Lévi-Strauss, C. "Seringal" in: *Triste Trópicos*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998[1955].

Lewis, Oscar. *The children of Sanchez: authobiography of a mexican family*. New York, Vintage Books, 1963.

Lima, Edilene C. *Katukina: história e organização social de um grupo Pano do alto Juruá*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo, USP, 1994.

Lima-Ayres, Deborah de M. *The social category caboclo. History, social organization, identity and outsider's social classification of the rural population of an amazonian region (the Middle Solimões)*. PhD Thesis, Cambridge, 1992.

Luna, Mariza B. de A. *Afinal, quem tem mais direito? Conflitos e noções de justiça na Reserva Extrativista do Alto Juruá (projeto de pesquisa orientador para a viagem de campo)*. Projeto de Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, Unicamp, 2000.

Macedo, Antonio L. B. de. *Levantamento da situação atual dos seringueiros do rio Tejo.* Mimeo, 1988.

Macedo, Antonio L. B. de. "Um grito da floresta" in: coluna Papo de Índio, *A Gazeta*, novembro, 1988a.

Macedo, Antonio L. B. de & Almeida, Mauro W. B. de. "Conversações no seringal" in: coluna Papo de Índio, *A Gazeta*, fevereiro, 1989.

Malinowski, B. "O crime primitivo e sua punição" in: *Crime and custom in savage society.* Londres, Routledge & Kegan Paul, 1926, pp. 71-129. [tradução: Mauro W. B. Almeida]

Martinello, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco, UFAC, 1988.

Martini, Andréa. *Tecendo limites na foz do Breu, Alto Juruá, Acre, Brasil.* Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, Unicamp, 1998.

Martini, Andréa. *Informação, educação e prevenção em DST e AIDS na Reserva Extrativista do Alto Juruá - Relatório de atividades de campo*. Mimeo, 1998a.

Martins, José de S. *Fronteira. A Degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo, USP/Hucitec, 1997.

Mead, Margaret. *Coming of age in Samoa.* Middlesex, Peguin Books, 1971 [1928].

Medeiros, Leonilde S. de. *História dos movimentos sociais no campo.* Rio de Janeiro, Fase, 1989.

Margarete K. *Etnografia preliminar dos Ashaninka da Amazônia brasileira.* Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, Unicamp, 1991.

Medonça, Gal. Belarmino. *Reconhecimento do rio Juruá (1905).* Belo Horizonte, Itatiaia/Fundação Cultural do Estado do Acre, 1989[1907].

Mengent, P. "Notas sobre as cabeças Mundurucu" in: Viveiros de Castro, E. & Carneiro da Cunha, M. *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo, NHII/USP e Fapesp, 1993.

Mindlin, B. *Nós Paiter. Os Suruí de Rondônia*. Petrópolis, Vozes, 1985.

Mintz, Sidney. *Worker in the cane: a puerto rican life history*. New York, The Norton Library, 1974.

Mintz, Sidney. "Encontrando Taso, me descobrindo" in: *Dados. Revista de Ciências Sociais*, n. 1. Rio de Janeiro, Iuperj, 1984, p. 45-58.

Moura, Margarida M. *Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural.* São Paulo, Hucitec, 1978.

Nugent, Stephen. *Amazonian caboclo society. An essay on invisibility and peasant economy.* Providence/Oxford, BERG, 1993.

Oliveira Filho, João P. "O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na expansão da fronteira amazônica no século XIX" in: *Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 11. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, maio, 1979, p.101-140.

Oliveira Filho, João P. "Os obstáculos ao estudo do contato" in: *"O nosso governo". Os Ticuna e o regime tutelar*. São Paulo, Marco Zero/MCT-CNPq, 1988.

O'Dwyer, Eliane C. *Seringueiros da Amazônia: dramas sociais e o olhar antropológico.* Niterói/RJ, EdUFF, 1998.

Parissier, J. B. Six mois au pays du caoutchouc. *Archives de la Congregation du Saint Esprit*, Box 139-IV, 1898.

Patarra, Neide L. & Ferreira, Carlos E.C. Repensando a transição demográfica: formulações, críticas e perspectivas de análise. *Textos NEPO*, Campinas, n. 10, 1986.

Pereira Neto, A. & Aquino, T. V. de. *Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Alto Tarauacá.* Mimeo, 2000.

Pinto, N. P. A. *Política da borracha no Brasil. A falência da borracha vegetal.* São Paulo, Hucitec/Conselho Regional de Economia, 1984.

Pitt-Rivers, J. "Pseudo-Kinship" in: Sills, David L. (ed.). *International Encyclopedia of the Social Sciences.* The Macmillan Company & Free Press, 1968, p. 408-413.

Pollak, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio" in: *Estudos Históricos*, n. 3. Rio de Janeiro, FGV,1989, p. 3-15.

Pollak, Michel. "Memória e identidade social" in: *Estudos Históricos*, n. 10. Rio de Janeiro, FGV, 1992, p. 200-212.

Postigo, Augusto. *Penduraram as letras na parede da sala: escrita e oralidade na Reserva Extrativista do Alto Juruá.* Projeto de Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, Unicamp, 1999.

Prado Jr., C. *A questão agrária no Brasil.* São Paulo, Brasiliense, 1979[1960].

Price, R. *First-Time. The historical vision of an afro-american people*. Baltimore, The John Hopkins University Press, 1983.

Queiroz, Maria Isaura P. de. "O coronelismo numa interpretação sociológica" in: *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano*, vol. 1. São Paulo, Difel, 1975, p. 155-190.

Rabinow, Paul. *Reflections on fieldwork in Morocco.* Berkley, Los Angeles, University of California Press, 1977.

Radcliffe-Brown, A. R. "Estudo dos sistemas de parentesco" in: *Estrutura e função na sociedade primitiva.* Petrópolis, Vozes, 1973[1941], p. 67-114.

Radcliffe-Brown, A. R. "A interpretação dos costumes e crenças dos Andamaneses: rituais" in: *The Andaman Islanders.* New York, The Free Press, 1964[1922], p. 229-329. [tradução de Mauro Almeida]

Ramos, A. & Capobianco, J. P. (orgs). Unidades de Conservação no Brasil: aspectos gerais, experiências inovadoras e a nova legislação (SNUC). *Documentos do ISA*, São Paulo, n. 1, 1996.

Rego Barros, G. *Nos confins do extremo oeste. A presença do capitão Rego Barros no Alto Juruá (1912-1915)*, vol. I. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1993[1981].

Reis, Arthur C. F. *O seringal e o seringueiro. Documentário da Vida Rural*, n. 5, Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1953.

Ribeiro, Darcy. *Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno.* Rio de Janeiro, Vozes, 1979[1968].

Sahlins, Marshall. *Ilhas de história.* Rio de Janeiro, Zahar, 1994[1987].

_____. "Cosmologias do capitalismo: o setor transpacífico do 'sistema mundial'". Anais da 16ª Reunião Brasileira de Antropologia, 1998, p. 47-105.

Sartre, J. P. *Questão de método.* São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1979[1966].

Schiel, Juliana. *A aldeia e o mundo. Tempo e memória em uma narrativa Apurinã.* Mimeo, 1996.

Schiel, Juliana. *Entre patrões e civilizadores: os Apurinã e a política indigenista do médio rio Purus na primeira metade do século XX.* Dissertação (Mestrado em Antropologia). Campinas, Unicamp, 1999.

Segalen, Martine. *Historical anthropology of the family.* New York, Cambridge University Press, [1981]1986.

Sommers, Margaret R. "The narrative constitution of identity: a relational and network approach" in: *Theory and society*, n. 23. The Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1994, p. 605-649.

Steward, J. & Murphy, R. "Tappers and trappers: parallel processes in acculturation" in: STEWARD, Julian. *Evolution and ecology* (ed. Jane C. Steward e Robert F. Murphy), Chicago, University of Illinois Press, 1977 [1956].

Tastevin, C. "En Amazonie. Sur le Môa, aux limites extrémes du Brésil et du Pérou". *Missions Catoliques*, n. 56, 1914.

Tastevin, C. "Chez les indiens du Haut-Jurua". *Missions Catoliques*, v. LVI, 1924.

Tastevin, C. "Le fleuve Muru" in: *La Géographie*, n. 43, 1925.

Tastevin, C. "Le Haut-Tarauaca" in: *La Géographie*, n. 45, 1926.

Tastevin, C. "Le Riozinho da Liberdade" in: *La Géographie*, n. 49, 1928.

Taussig, M. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993[1987].

Tavares Bastos, A. C. O *Vale do Amazonas. A livre navegação do Amazonas, estatística, produções, comércio, questões fiscais do vale do Amazonas*. São Paulo, Cia. Editora Nacional/INL, 1975[1866].

Thaumaturgo de Azevedo, G. *Prefeitura do Alto Juruá. Primeiro relatório semestral*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1905.

Thaumaturgo de Azevedo, G. *Prefeitura do Alto Juruá. Relatório do primeiro semestre de 1906*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1906.

Theophilo, R. *História da secca do Ceará (1877 a 1880)*. Rio de Janeiro, Imprensa Ingleza, 1922 [1883].

Tocantins, L. *Formação histórica do Acre*, vols. I e II. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/INL/Conselho Federal de Cultura/Governo do Estado do Acre, [1961]1979.

Todorov, T. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris, Éditions du Sueil, 1981.

Turner, Victor. *Schism and continuity in na african society: a study of Ndembu village life*. Manchester, Manchester University Press, 1957.

Vansina, Jan. *Oral tradition*. Middlesex, Peguin Books, 1973[1961].

Van Velsen, J. "The extended-case method and situation analysis" in: Epstein, A. L. *The craft of Social Anthropology*. London, Tavistock Publications, 1969.

Vivieros de Castro, Eduardo. "Pensando o parentesco ameríndio" in: Viveiros de Castro, E. (org.). *Antropologia do parentesco: estudos ameríndios*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1995, p. 7-24.

Wagley, Charles. *Uma comunidade amazônica*. São Paulo, Editora Itatiaia/Edusp, 1988[1953].

Weinstein, B. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920).* São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993[1983].

Wolff, Cristina S. "Relações de gênero e violência nos seringais do Alto Juruá – Acre (1870-1945) in: *Revista de Ciências Humanas*, n. 21. Florianópolis, UFSC, 1997.

Wolff, Cristina S. *Mulheres da floresta: uma história. Alto Juruá, Acre (1890-1945).* São Paulo, Hucitec, 1999.

Wolff, Cristina S. *Com mulher de bigode, nem o diabo pode....* Mimeo, s/d.

Wolff, Cristina S. & Franco, Mariana C. Pantoja. *As mulheres e a economia nas florestas do Alto Rio Juruá.* Trabalho apresentado no Fazendo Gênero 4: cultura, política e sexualidade no século XXI. Florianópolis, UFSC, 2000.

Wolf, E. *Europe and the people without history.* Berkley and Los Angeles, University of California Press, 1982.

Woortmann, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste.* São Paulo, Hucitec, 1995.

Woortmann, Ellen. "Família, mulher e meio ambiente no seringal" in: Niemeyer, Ana M. & Godoi, Emília P. de (orgs.). *Além dos Territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudo urbanos.* Campinas, Mercado de Letras, 1998.

Woortmann, Klaas A.A. "Grupo doméstico e parentesco num vale da Amazônia" in: *Revista do Museu Paulista*, vol. XVII. São Paulo, USP, 1967